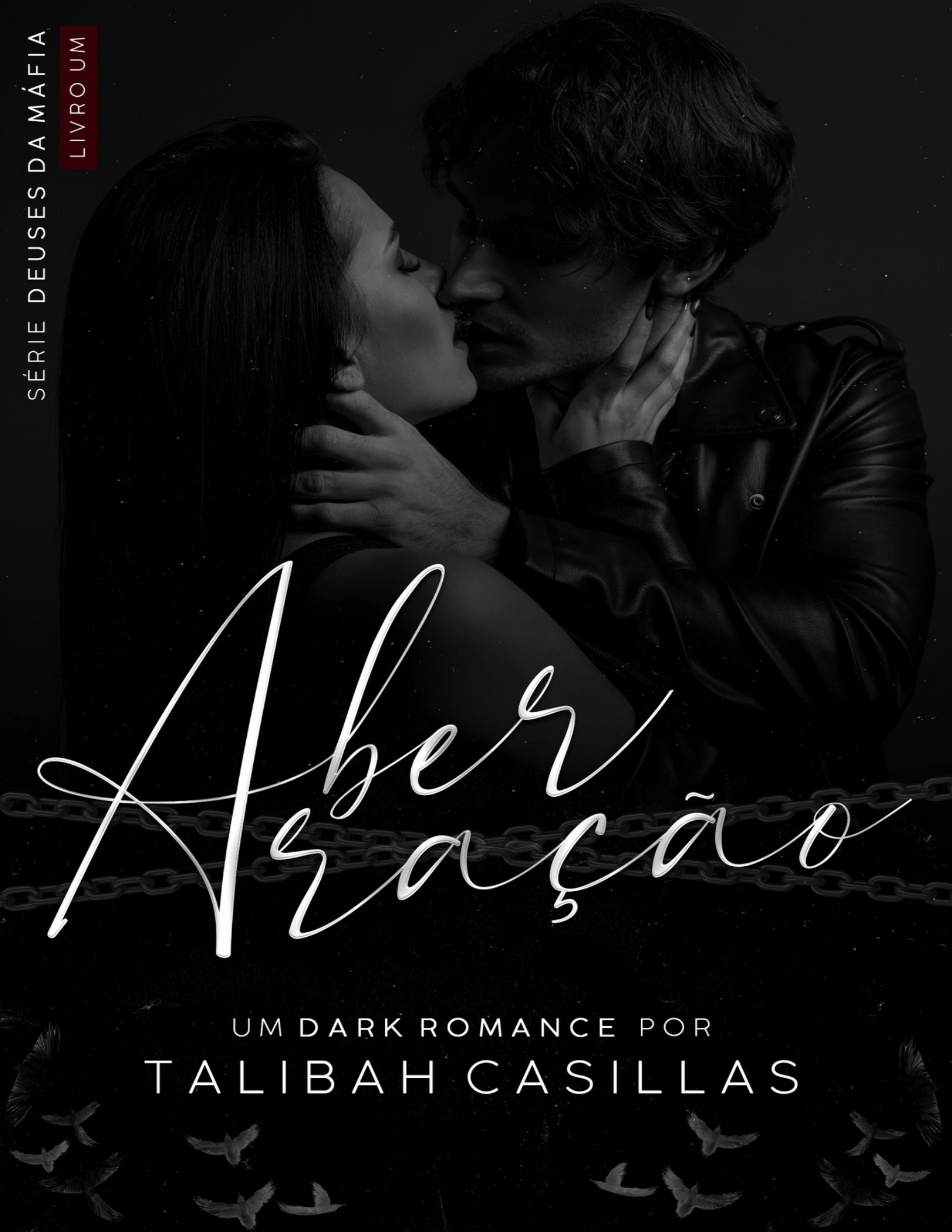
SÉRIE DEUSES DA MÁFIA

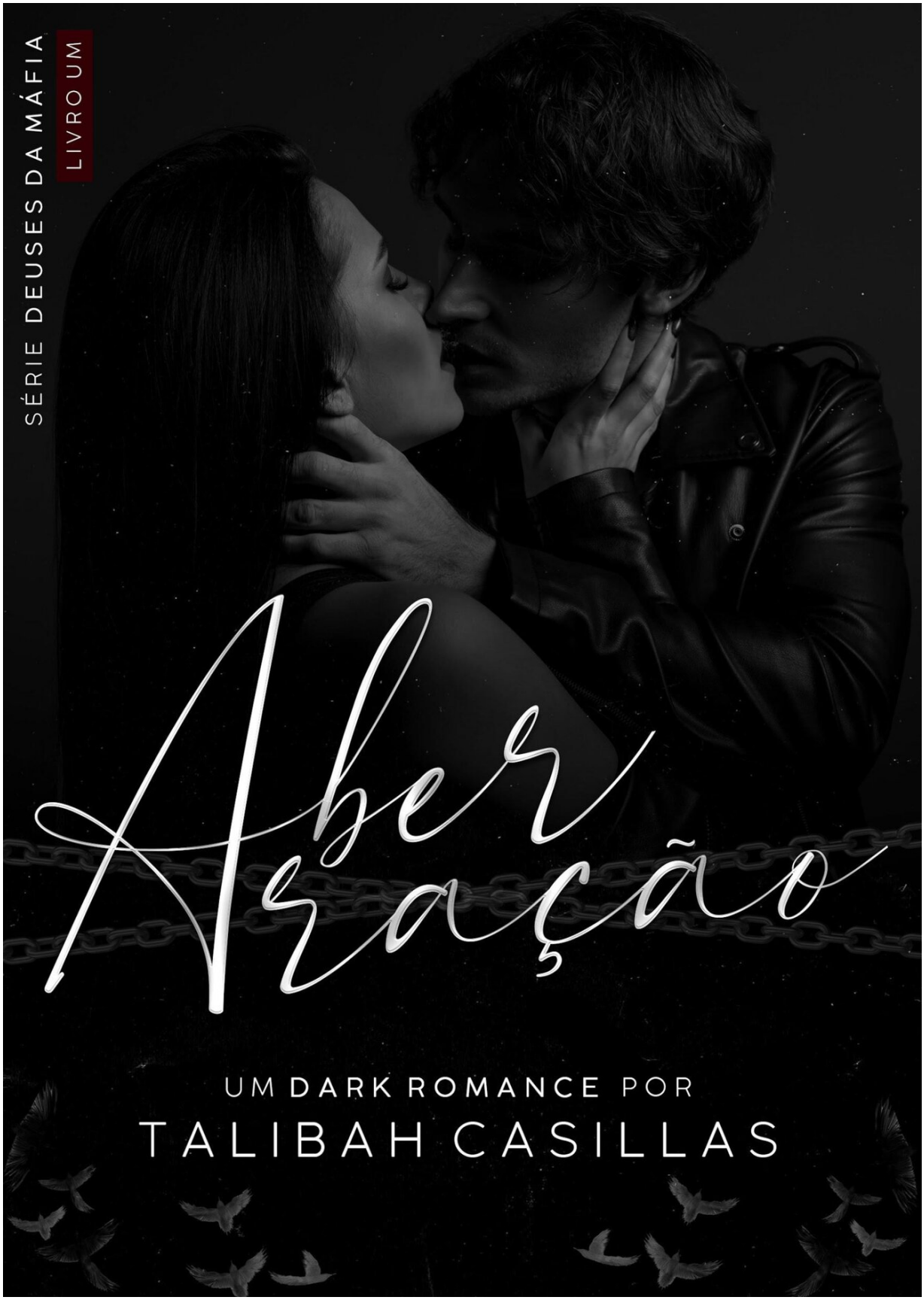
LIVRO UM



Aberração

UM DARK ROMANCE POR

TALIBAH CASILLAS


SÉRIE DEUSES DA MÁFIA
LIVRO UM
Aberração
UM DARK ROMANCE POR
TALIBAH CASILLAS

SÉRIE DEUSES DA MÁFIA

LIVRO UM

Aberração

TALIBAH CASILLAS

ABERRAÇÃO — 2ª Edição
COPYRIGHT © 2024 por TALIBAH CASILLAS
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da autora.

O PLÁGIO É CRIME.

Se você está lendo esse livro em PDF ou está lendo em outra plataforma que não seja a Amazon, saiba que não está me ajudando de forma alguma, pelo contrário, está prejudicando o meu trabalho e a mim como escritora.

Eu vivo inteiramente da renda dos meus livros, o que já é um trabalho mau-remunerado e desvalorizado, então se você quer me prestigiar, compre o meu livro por meios legais.

Se quer apoiar ainda mais o meu trabalho, me siga no Instagram ***(@talibahcasillas)***

Se você disponibiliza gratuitamente a minha obra, ou a comercializa sem minha autorização, primeiramente, VÁ SE FODER, pois isso é um crime. Você está cometendo pirataria e eu não vou medir esforços para processá-lo e fazê-lo responder por cada pessoa que teve meu livro em mãos através de você.

Os personagens e eventos retratados neste livro são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Design da capa: *Luana Berle.*
Leitura sensível: *Ana Martins*.
Leitura crítica: *Nicolli Brum*.
Betagem: *Ana Flor e Sarah Cristina.*
Diagramação por: *Amorim Editorial.*
Revisão por: *Talibah Casillas*.
Ilustrações por: ***(@marih_ilustra & @miin.artss)***

Criado no Brasil.

SUMÁRIO

SUMÁRIO
AVISO DE CONTEÚDO
ABERRAÇÃO
SOBRE A OBRA
PLAYLIST
DEDICATÓRIA
INTRODUÇÃO DEUSES DA MÁFIA

ATO 1
PRELÚDIO
01. IRMANDADE
02. FAMÍLIA SOMÁLI
03. ERA UMA VEZ, UM PRÍNCIPE
04. MANÍACO LOUCO
05. UM MONSTRO NO JARDIM
06. HOMEM AMALDIÇOADO
07. CASAMENTO
08. AGAPI MOU
09. PAPAI É UM MONSTRO

ATO 2
10. UM ENCONTRO
11. PRIMEIRO ASSASSINATO
12. O MELHOR DE VOCÊ
13. MINHA PROPRIEDADE
14. PRIMEIRO DISCÍPULO
15. ACHO QUE SUA CASA É ASSOMBRADA
16. PARTY MONSTER
17. UM PRESENTE AOS NOIVOS
18. NÃO CHORE, MEU AMOR
19. TÃO SOZINHO EU VEJO VOCÊ
20. ME BEIJE

21. ODEIO E QUERO TANTO VOCÊ
22. BEIJO DE JUDAS, LÁGRIMAS DE ANJO
23. TRAIÇÃO
24. PESADELO
25. PELE E OSSOS
26. BODAS DE SANGUE
ATO 3
27. SINTO A VOZ TÃO MEIGA
28. CURSING MY NAME
29. EVER FALLEN?
30. TUDO SOBRE ELE
31. O LEÃO NA GAIOLA
32. REFÉM
33. MINHA CURA
34. AMOR DESESPERADO
35. ESTE É SEU MUNDO DE JUSTIÇA?
36. ADEUS
37. UM MILAGRE OU UMA MALDIÇÃO?
38. QUEBRANDO O SILÊNCIO
39. O STALKER
40. NASCIDOS PARA MORRER
EPÍLOGO
BÔNUS
AGRADECIMENTOS

AVISO DE CONTEÚDO

Este é um Romance Sombrio, seu conteúdo adulto e gráfico não é adequado para todos os públicos. Se você tem menos de 18 anos, leia por sua conta e risco. A autora NÃO compactua com as ações dos personagens durante o livro, e apesar deles serem seres humanos, o livro não passa de uma ficção onde muitas das coisas aqui descritas são **crimes**. Os avisos de gatilho incluem: cenas explícitas sexuais, canibalismo, voyeurismo, fetiche, agressão física, tentativa de agressão sexual, assassinatos, cadáveres, sangue, dissociação, desrealização, despersonalização, abandono emocional, tortura explícita, menção de estupro, incesto, luto, morte. Então se você é sensível a esse tipo de leitura, por favor, esteja ciente do aviso.

ABERRAÇÃO

Kalon Somáli

Não há amor puro e perfeito entre nós. Todo esse sentimento é um jogo de mentiras, vingança e remorso. Estamos queimando nesse fogo cruzado que só trará paz quando um de nós estiver morto. Ela sempre vai me odiar, e cada vez que insisto em manter minha obsessão por ela, mais a perco para sempre. A morte é a única forma de acabar com esse monstro em meu peito que chama pelo nome dela.

Arcane Planard

Estou presa em um lugar onde não posso escapar, nem ficar. Estou entre desistir e resistir. Este é o limite de uma nova vida. Se eu ficar, ele irá queimar minha alma. Se eu o deixar, minha vida terá acabado. Essa é a minha história, e eu tenho certeza que nunca, nem em mil anos, irei me esquecer dela. Eu também vou garantir que os outros não se esqueçam de como fui aprisionada, torturada e quebrada. Eles me silenciaram, me transformaram em uma Aberração, mas eu serei livre novamente.

SOBRE A OBRA

Inspirado nos verdadeiros sentimentos da sua história familiar, esse é o primeiro romance sombrio de estreia de Talibah Casillas, um livro sobre encontrar uma família, saudades, amor, crescimento, segredos, amizades e até onde uma pessoa é capaz de ir por amor e liberdade. Esse livro também pode ser visto como um manuscrito de como a autora virou um fantasma preso no tempo, como nada e nem ninguém ainda existe da forma que ela conheceu e se apaixonou de primeira. É isso, aqui ela colocou um ponto final na sua adolescência assustadora. Seja bem-vindo, caro leitor, ao *latíbulo* da autora.

PLAYLIST

Aponte o seu leitor de QR e acesse a playlist

DEDICATÓRIA

Já sentiu seu peito apertar ao ponto de não conseguir falar?
E quando isso acontece, não tem ninguém do seu lado, certo?
Para você que já se sentiu no escuro como eu.
Que não tinha amigos para onde correr, mesmo com todos eles ao seu redor.
Pois bem, agora temos esse livro.

INTRODUÇÃO DEUSES DA MÁFIA

Somos milhões de pequenos deuses causando tempestades,
transformando tudo que tocamos em pó, inclusive nós mesmos.
Somos imersos em mistérios.
Somos criminosos endurecidos e pregamos nossa religião e nossa fé
sacando uma arma e atirando.
Esse é o nosso templo. Essa é a nossa alma.
O crime é o nosso deus. Consegue ver?
Águas subindo acima para afogar a inocência com doces mentiras.
O lento veneno do pecado apodrecendo cadáveres vivos como oxigênio
inalado, sem pensar duas vezes.
A raiva e o desgosto adornados por portões brancos e perolados,
atraindo fiéis para um céu pagão decorado com sangue enegrecido pelo
caos.
Vísceras de glória espancada.
Mentiras vingativas. Desejos sublimes.
Ajoelhe-se diante da beleza da Alkyóna, como uma jovem nua
banhada pelo desejo, gerada com as fantasias da Medusa estrangulando
sua garganta com serpentes e palavras sedutoras.
Sinta-se livre para viver,
Mas nunca viva para ser livre.
Somos juízes absolutos e também nossos próprios deuses.
Fazemos da dor e do caos a nossa arte. Dançamos nas chamas
como se estivéssemos no paraíso.
Corrompemos nossas almas pela Alkyóna.

Fomos contra os deuses e contra o destino.
Sangue. Pecado. Mentira. Vingança.
Beijamos a morte todos os dias e ela nos ama como se fôssemos seu próprio ego. Somos a fúria e a repulsa divina dos deuses.
Então corra! Se quiser vencer, se quiser sobreviver.
Pois nada há que nos impeça.
Olhe nos meus olhos e veja o inferno gritar enquanto queimamos sua alma. Uma vida recompensada com ira.
Somos chamados de Deuses. Nossos corações são beijados e tragados por Medusa. Transformados em pedra.
Somos os Deuses Da Máfia.

ATO 1

EU ESTOU ESPERANDO POR ELE.

@MIINARTSS

PRELÚDIO

“Por que você permanece na prisão quando a porta está completamente aberta?”
— RUMI.

Arcane Planard

Na minha cultura nos ensinaram desde crianças a acreditarmos nos deuses. Dizem que essas criaturas são obrigadas a obedecer e curvar-se às forças do Destino, e que apenas esse está acima deles. Uma força sobrenatural que une e, também, separa.

O destino corrompe, destrói, faz sangrar, e arranca um coração por pura diversão. Cruel, assim como os deuses são.

Os deuses sempre foram maus, egoístas, mesquinhos e invejosos. Homens hipócritas e ambiciosos. Na infância, eu convivia todos os dias entre eles.

Alkyóna, assim somos chamados. Temos muitos aliados, sangue em nossas mãos, e acima de tudo, inimigos.

Acordo com minha visão embaçada. Tento me acostumar com o ambiente claro à medida que pisco em busca de conforto. É como se gotas

ácidas fossem derramadas sobre minhas pupilas, fazendo meus olhos arderem.

Resmungo desconfortavelmente e arqueio as costas ao sentir uma pontada de dor no meio delas. Minha língua está dormente. Percorro vagamente os traços das minhas tatuagens nos braços, e isso me faz respirar fundo.

Estou suja e fedida. Deus, como me deixaram chegar a esse ponto?

— Arcane, *agapi mou*[1]. — Uma voz velha e grave me chama.

Meus lábios se repuxam em um sorriso hostil. Consigo reconhecer a voz desse homem mesmo debaixo da terra, com minha carne sendo devorada por necrófagos e vermes.

— Pai? — Sussurro.

Dentro do meu peito um vazio doloroso se expande. Quero rosnar para ele, mas não faço, já não sinto nada.

— Sim, é o papai. — Isso causa um embrulho doloroso no meu estômago, como se eu estivesse sendo esmurrada.

— Estou sonhando? — Umedeço os lábios.

— Não. — Sorri. — Há quanto tempo não come uma refeição decente? — Aperta meu queixo. — E não se satisfaz com a pureza de uma água fresca?

— Muito tempo. — A necessidade disso me fez engasgar fracamente. — Estou faminta e sedenta. — Minha garganta dói como se cacos de vidro rasgassem minha boca.

— Mas veja bem, você ainda está viva. — Diz gravemente. — Isso é bom, porque preciso de você bem viva.

E eu precisava que cuidasse da sua garotinha. Você prometeu ser o meu primeiro amor, mas apenas me quebrou.

Gemo em protesto, meus olhos se reviram em agonia quando a dor faz minha cabeça latejar, ouço uma risada ríspida, cheia de desprezo. Ele está se divertindo ao apreciar minhas condições. Quero silenciar sua voz. Eu poderia esmurrar ele.

Olho para frente com mais atenção. Meus lábios se repuxam com a raiva fervente quando minha visão é tomada pelo semblante do meu pai.

Sua barba cheia lhe causa uma expressão de superioridade corrompida. Tenho tanto nojo disso. Ele é bonito para caralho, mas não vale o que sua beleza causa. Os seus ombros são largos e fortes, a prepotência pesa em cada lado de seus braços. Existe tanta culpa em suas costas que a única opção é manter a postura ereta.

Papai é parecido comigo, infelizmente. Ninguém recebe o que merece e eu não mereço essa coincidência da biologia. Todo o seu corpo possui tatuagens que contam suas próprias histórias de matança e crueldade, e sua expressão é sempre tão séria que não preciso encará-lo para saber exatamente como está me olhando.

Tudo de belo e amável que há nesse homem são seus olhos verdes, enganadores como os sussurros de Medusa. Eles possuem um brilho único de maldade que faz com que nada lhe passe imperceptível. O homem vê tudo.

Yuri Planard, para alguns ele é como um anjo, mas para outros, não difere do diabo. *Ou alguém realmente o ama, ou alguém realmente o odeia.* Não existe meio-termo.

Ainda sem falar nada, com um sorriso repuxando meus lábios, nós nos encaramos em uma batalha que poderia durar horas. Se eu não estivesse tão fraca, teria rosnado com agressividade, mas apenas o encaro.

Depois de cinco anos, estou pondo meus olhos nessa criatura que tanto detesto. Eu o amaldiçoo com o meu silêncio, queimo-o com minha raiva, o devoro com meu desprezo. Yuri não passa de um rato debaixo da minha bota, um que não posso ter o prazer de esmagar porque é poderoso demais dentro da Alkyóna.

— O que quer de mim? — Questiono. Minha voz soa tão fraca que me assusto. Meu corpo estremece em cansaço. Não aguento a dor das mãos algemadas.

— Vim tirar você desse lugar asqueroso. — Seu olhar é sério e firme. Seu tom de voz nunca demonstra nada.

Inspeciono a pequena sala vazia que agora está tomada pela claridade do dia. Essa é a minha prisão, o meu templo, o meu inferno.

As janelas estão abertas me dando um pequeno vislumbre de como é a cidade lá fora. Faz tanto tempo que não ando livremente que até posso me considerar incapaz disso. Tudo que eles fazem é me acorrentar em algum

lugar, prender atrás de grades, e me jogar para lutar com homens mais fortes e violentos que eu.

Meus pés estão algemados na cadeira, e as mãos presas atrás das costas. Porém, ainda assim, eu acho que poderia matar um homem. Em específico, esse diante dos meus olhos. Mas não posso, isso causaria uma guerra.

Estou suja com o sangue da última pessoa que matei sem permissão. Eles decidiram que preciso pagar por esse homicídio de alguma forma. Ainda não sei como.

Todo o meu corpo está coberto por hematomas, os outros presidiários não pegam leve na hora de bater em alguém. Fui maltratada durante cinco anos, assistida e usada como cobaia. Tudo por um crime cometido no passado. Um mísero erro que eu repetiria sem pensar duas vezes.

Que eu faria até pior, pensando bem.

Quero sentir a esperança de finalmente sair desse lugar, mas foram tantos anos desacreditada que agora, diante da minha liberdade, não sinto nada.

Talvez isso nem seja liberdade, talvez algo pior me aguarde lá fora, então por qual motivo eu sentiria esperança?

Nenhuma fagulha transpassa meu olhar. Estou dura como uma rocha. E ele, esse homem na minha frente, me fez quebrar desse jeito. Qualquer sentimento bom é facilmente dissolvido pela raiva que sinto dele.

— Tive um longo debate com os chefes para saber o que seria feito com você. — Yuri fala. — Porra, ninguém queria decidir. Alguns queriam sua morte, mas Arcane, meu amor, se alguém destruir uma máquina de guerra tão boa… Isso é desperdício.

Yuri sorri e aperta minhas bochechas com força. Seu polegar desliza por meus lábios quando abre minha boca e analisa meus dentes perfeitamente alinhados. Sinto o gosto salgado do sangue em seus dedos e quero vomitar.

— Todos os dentes no lugar. — Parece orgulhoso da minha arcada dentária. — Não perdeu nenhum enquanto apanhava.

Luto contra o impulso agressivo de arrancar sua mão com uma mordida. Mesmo com uma certa confusão em minha cabeça, não falo nada, e nem pergunto sobre o que decidiram fazer comigo.

Pouco me importa suas decisões de merda. A morte vai ser uma benção.

— Diga alguma coisa, porra! — Ordena quase cuspindo em meus olhos.

Em um rosnado descontente, umedeço meus lábios e limpo a garganta procurando a minha voz.

— No entanto, manter essa *máquina de guerra* respirando, é burrice. — Respondo por fim. Não sou tão boa em matar, nem gosto de fazer isso, mas acho engraçado a forma como me definem.

— Não, minha filha. — Sorri largo. — Você provou que nasceu para viver em pecado.

Eu resmungo por achar graça, mas quando sua expressão fica sombria, balanço os ombros em um gesto indiferente.

— Que seja, então. — Respondo. — Sou mesmo uma pecadora.

— Você não sente falta das suas irmãs? — Sibila astutamente.

Um rosnado baixo escapa da minha boca, ele está me testando.

— Minhas irmãs… — Penso nelas todo dia, toda hora. Sempre que o silêncio perturba a minha mente, é delas que eu procuro lembrar.

Melissa é a mais velha, uma pessoa tão carinhosa e genuína. Me lembro bem da sua beleza que sempre chamou a atenção por onde passava. Ela poderia facilmente manipular um homem com esse poder, mas é boa demais pra isso. Sinto tanta falta dela penteando meus cabelos antes de dormir.

Será que ela mudou? Que conseguiu ser uma pessoa melhor que ele? Espero que sim, não é vantagem nenhuma se parecer com esse homem diante de mim. Mas, acho que todas temos essa parte víbora herdada dele.

Nimue é a do meio, mas ela é tão sensível que parece ser a caçula. Suas palavras sempre são ditas com um sorriso amável e cativante. Uma garota extremamente pensativa antes de qualquer ação. A dona do sorriso mais lindo desse mundo, quem os recebe, tem tudo.

Sinto tanta saudade delas que dói.

— Não lembro de muita coisa sobre elas. — Digo o que Yuri está esperando ouvir.

— Isso é ótimo. — Sorri. — É bom ser desapegada.

Dou de ombros e espero que finalize isso de uma vez. Não tenho nada para falar com essa criatura tão baixa e nojenta.

— Você voltará para a Alkyóna. Parece que alguns ainda acreditam que você tem jeito. — Brada. — Seja eternamente grata por essa segunda chance, e não esqueça que ainda é uma assassina.

Essas palavras pulsam na minha cabeça e fazem meu coração doer. Uma onda de sentimentos percorre meu interior e procuro desesperadamente silenciá-los.

Não sei como vou reagir quando estiver de volta. Como viver, o que fazer. Tudo isso me soa estranho demais.

Yuri está citando algumas instruções que não dou ouvidos. Ele me solta da cadeira e me puxa com força total para que eu comece a andar.

— Está doendo. — Aponto para meu joelho.

— Vai doer mais quando chegar em casa. — O homem rosna ao me segurar nos braços.

Não duvido das suas palavras. Desde que aprendi a andar, já estava queimando no inferno.

01. IRMANDADE

“Estou preso em um lugar de onde não posso fugir e nem ficar.”
— RUMI.

Arcane Planard

Depois de duas semanas, estou no meio deles. O evento é muito agitado e com muitas pessoas rindo alto. Isso me deixa nervosa. Não estou acostumada com tanto barulho e aglomeração. Sempre fui tão sozinha.

Horas atrás minhas irmãs deixaram um vestido elegante na minha cama. Quando vesti, fiquei parecendo uma dama cheia de modos e elegância. Isso me rendeu algumas risadas em frente ao espelho. Até mesmo maquiagem e salto alto estou usando. Mesmo que me incomodem, são lindos.

Não sou completamente a atração da noite, mas definitivamente as pessoas estão cochichando quando passo por elas, atraindo olhares sorrateiros.

Tudo está diferente nesse lugar. Tem pessoas jovens, homens com sotaque estrangeiro, famílias novas. Mas ainda consigo distinguir alguns

rostos antigos, e eles me reconhecem assim que batem os olhos em mim.

O que ajuda a me sentir bem são minhas irmãs. Elas me olham como se eu sempre estivesse aqui. Contam piadas, dão boas risadas e devoram a garrafa de vinho rosé. E em algum momento, me distraio tanto com a explosão de cores, músicas e danças que me sinto como uma criança no parque.

— Eita. Aquela mulher não para de olhar pra cá. — Melissa aponta incomodada. — Nojenta.

Seus lábios vermelhos batem com sutileza quando amaldiçoa. Gosto do estilo de Melissa. Uma mistura de rock alternativo com punk, mas agora, pouco disso está em destaque por causa da roupa elegante. Mas sua boca, o cabelo de franja bagunçada e o sotaque grego tão firme e sensual, mostram que ela guarda uma profunda rebeldia no peito.

Uma mistura linda de anjo e demônio. Exatamente igual ao nosso pai.

— Deixe ela. — Digo quase adormecendo com a leveza que me domina. — Está maravilhada com as tatuagens em meus braços, certeza. — Aponto com o queixo.

Claro que os olhares não são apenas por isso, é pelo fato de pela primeira vez em anos, a família Planard finalmente estar reunida. Estamos em ascensão novamente.

Eles devem se perguntar o que esperar disso: Outro escândalo, outra tragédia, mais um assassinato. As opções são inúmeras.

Foi chocante descobrir que alguns acreditavam que eu estava na Oceania estudando. Já outros tem a audácia de pensar que eu estava enclausurada em casa porque não superei o fato da minha mãe ter fugido.

E no meio de tantas especulações, ninguém dos mais antigos ousava dizer o verdadeiro motivo, ou o lugar exato em que eu estava.

Olho em volta do salão, encarando as pessoas.

— Não vejo a hora de ir embora. — Nimue reclama, deslizando os dedos ágeis pelos fios do seu cabelo. — Estou começando a sentir uma enxaqueca forte com tanto barulho de música e risadas.

— E cheiro de maconha. — Acrescento sutilmente. — Doce demais, já percebeu?

— Como sabe? — Nimue arqueja.

—É só sentir o cheiro. — Balanço os ombros.

— Idiota. —Suas bochechas ficam vermelhas.

Logo explodimos em gargalhadas altas. Talvez seja o efeito do álcool. Ele age muito rápido em meu corpo por causa da inexperiência.

— Está gostando daqui? — Nimue quer saber.

Será muito difícil me acostumar a viver na Alkyóna novamente, mas não deixo transparecer o meu descontentamento gritante.

— Gosto mais de vocês duas. — Respondo.

Faz tempo que não aprecio uma refeição tão deliciosa. Há tantos pratos que sequer consigo nomear. Apenas devoro tudo ouvindo a conversa delas.

— Você está linda. — Melissa diz.

Devolvo o sorriso, tímida, com tanto afeto genuíno me sendo direcionado.

— Já usou roupas assim antes?— Nimue pergunta. — Yuri disse que você saia às vezes.

— Hmm. — Olho para elas, procurando as palavras certas. — Obrigada, eu também achei. — Lambo o polegar recheado de carne. — Eles costumavam escolher o tipo de roupa que eu usaria na hora de sair.

Nunca fui para lugares abertos, só boates movimentadas. Eles me mandavam matar pessoas específicas como treinamento e depois voltava para a prisão.

— Na verdade, prefiro jaquetas de couro e alguma bota que não deixa pegadas. — Completo.

Melissa me observa com um sorriso largo.

— Interessante. — Sorri. — Gosto de roupas assim.

Por agora elas estão me poupando dos detalhes agressivos sobre tudo que aconteceu na minha ausência. Sou bombardeada apenas com informações superficiais.

— E dançar, você sabe? — Nimue quer saber.

— Sei rebolar. — Balanço os ombros. — Algo sexy e sedutor, eu acho. Fazia parte do que recebi como treinamento. — Acrescento

rapidamente, voltando a comer distraída.

— Odeio dançar. — Reclama. — Prefiro ficar na minha. Distante e observando.

— Bom, eu adoro dançar. — Melissa fala. — Constantemente arrasto Nimue comigo, então não acredite no que diz. Ela dança sim.

— Por livre e espontânea pressão. — Gosto disso. Ela ainda continua rabugenta.

Quero que elas continuem com essa dinâmica até que todos os sentimentos pesados saiam de dentro de mim.

Principalmente a culpa e o medo avassalador.

Mas, quando vejo, o silêncio paira entre nós e minha mente me prega peças apenas para me relembrar das coisas que fiz.

Consigo ouvir claramente os gritos, o crepitar das chamas ardentes. Mas minhas lembranças mudam drasticamente no último segundo.

Agora as vozes alteradas da prisão entram em minha cabeça com toda força. Posso ouvi-la como se ainda estivesse lá.

Um tremor percorre meu braço e o acaricio com a mão livre. Os barulhos de socos ecoam por minha mente novamente, cada vez mais próximo, real. Até que minha visão é tomada pelas memórias daquele lugar, e eu me rendo.

Golpes são desferidos em minha direção e os recebo com destreza, ouvindo os grunhidos cansados e raivosos da minha companheira. Ela é boa para caralho e sabe muito bem disso. Ao ponto de abusar das suas investidas de ataque.

Minha risada aumenta quando avanço sem deixar que facilite. Mesmo apanhando de vez em quando, sou mais determinada e posso aguentar o dia inteiro.

— Vai precisar bem mais que isso para me derrubar, Nikoleta. — Debocho fortemente na intenção de amenizar sua tensão.

Ela está focada em algum lugar da sua mente que a deixa cega. Às vezes isso me assusta, parece até que não consegue me reconhecer.

Em quem ela pensa para sentir tanta raiva assim? Para queimar como um pavio fácil de sucumbir.

— Pega leve, não estamos em guerra. — Inclino minha cabeça para o lado. — E não sou tão boa quanto você.

Nikoleta sorri um pouco ofegante, não a culpo, também me perco dentro da minha própria cabeça quando a raiva acende.

— Estou pegando leve. — Responde entre dentes. — Você tem potencial para ser muito boa, mas se segura. — Abre os braços me desafiando. — Venha com tudo, Arcane.

Esquivo para baixo quando um soco rápido é desferido. Seu braço acerta minha barriga, engasgo em meio a uma gargalhada alegre.

— Assim? — Uso minha perna como impulso para lhe dar uma rasteira, mas Niko consegue desviar facilmente.

— Falhou. — Estala a língua. — Ai, merda. — Dou risada ao lhe dar um gancho alto de direita no queixo.

— Não falhei.

— Tudo bem, acertou. — Ela arqueja.

— Joguei água no seu fogo. — Debocho. — Fuja de mim como o diabo foge da cruz, Nikoleta. — Balanço o corpo cheia de diversão, agora sem entusiasmo para continuar a luta.

— Venha novamente, Arcane. — Chama.

Ela não tem sobrenome, nem sabe o meu. Aqui dentro ninguém sabe o nome de ninguém.

— Estou cansada. — Faço uma careta. — Lutar dói muito.

— Venha, só vai sobreviver nesse inferno se for a melhor. — Argumenta.

— Você fica cada dia melhor. — Elogio.

— Você também pode. — Pisca.

No entanto, não avanço para lutar novamente. Fico grata quando ela recua para beber água. Afundo no chão, arrumando alguns fios úmidos para trás. Meu peito sobe e desce com selvageria.

— Posso te matar de olhos fechados, Arcane. — Resmunga por cima do ombro. — Você devia ser assim também.

— Tente. Eu te desafio. — Sibilo, inclinando o queixo. — Posso me defender até mesmo que meus olhos sejam arrancados e eu seja jogada nas profundezas do tártaro.

Foi uma provocação ingênua e cheia de diversão. Logo explodimos em gargalhadas altas.

Sou arrancada dos meus pensamentos pela voz calma de Melissa. Nimue está ao seu lado esperando, igualmente, alguma reação minha.

Pisco algumas vezes olhando para as duas. Ainda estamos nesse evento angustiante.

— Por um momento a sua mente foi para outro lugar, Ane. — Melissa sussurra. Sua mão está acariciando a minha com tanto amor que fico assustada. — Volte para nós.

— Perdão, o que diziam? — Resmungo.

A conversa é interrompida quando um garçom nos serve champanhe e vinho. Sorrio de lado agarrando a garrafa de vinho para experimentar.

Nimue finge uma tosse seca e eu a encaro sem entender. Ela parece tensa por breves segundos.

— O que tem na sua garganta? — Inclino o rosto. Ela conserta sua postura em um gesto elegante.

— Apenas um maldito Somáli que passou por nós. — Responde com desinteresse.

Ergo as sobrancelhas em questionamento, mas antes de falar alguma coisa, Melissa se inclina.

— Dizíamos que, lembra quando Yuri nos colocou em aulas particulares no colégio Akdeniz[2]? — Balanço a cabeça em concordância. Isso foi três anos antes de nos separarem. — Lembra do amigo que fizemos?

— Pavlos. — Falo sorridente. — Você tinha uma queda por ele, não era?

— Todas nós. — Nimue corrige. — Ele era tão fofo e gato.

— Pois bem, reencontrei o Pavlos quando estava viajando com Yuri, agora está me mandando mensagem desde que nos beijamos. — Morde o lábio.

— Não acredito! — Minha boca se abre em choque. — Como ele está hoje em dia?

— Muito rico, lindo pra caralho… — Ergue o celular para que eu veja sua foto. — Acho que vou me casar com meu amor de infância.

Ainda é ele, mas muito diferente do que me lembro. Virou um homem tão lindo que meu coração erra as batidas.

— Acho que ainda tenho uma queda por ele, Melissa. — Provoco. — Vamos ter que dividir.

A notícia de Pavlos me alegra. É tão bom saber que alguém fora desse mundo corrompido está vivendo a todo vapor.

— Lindo demais, não é? — Solta um sorriso fofo.

— Ele tem cara de quem fode bem. — Dou um gole na minha bebida para esconder a provocação. — Será que ele ainda lembra de mim?

— Claro que sim. — Melissa sorri. — Ele foi atencioso e perguntou por todas.

Meu peito aquece, estou feliz que ele lembra de mim. Mas, é tão triste que Pavlos não faça parte do nosso mundo. Os dois poderiam se casar e virar da família.

— Devia sair com ele, quero saber como vão as coisas depois de tanto tempo.

— Podemos marcar algo quando Yuri não estiver em casa. — Cochicha a última parte. — Já que ele voltou a morar em Atenas.

O medo que Yuri descubra é compreensível. Fomos criadas para a obediência e submissão. O homem nos mantém dentro de uma gaiola de ouro onde não podemos nos envolver emocionalmente com nenhum cara que não pertence a Alkyóna.

Somos sua jogada final. Marionetes. Não podemos fazer nada que manche essa posição de mercadoria.

— E você? Suponho que sua vida na Alkyóna ficou diferente da nossa desde que… — As palavras de Melissa morrem em sua boca ao perceber o comentário que ia fazer. Balanço a cabeça para que prossiga, ignorando o outro assunto. — Você já transou?

Nimue se engasga com sua bebida e rio baixinho, encarando as duas. Aperto os lábios quando minha gargalhada apenas aumenta. Faz tempo que não dou tanta risada, meu estômago dói.

— Que horror, Mel. Minha vida sexual não é da sua conta. — Brinco em um tom mordaz.

— Você não é tímida. — Observa. — Pensei que fosse, só que falou tão bem sobre o Pavlos. Mas pode soltar pistas se for íntimo demais. — Porra. Ela me faz rir muito.

— Você é doida.

— Tipo… Nem se tocando? — Pergunta, ignorando minha fala.

Inclino o rosto para o lado e suspiro, sentindo as bochechas vermelhas.

— Ficou corada! — Cobre a boca. — Me fale agora se você é rebelde, Ane! Álcool? Drogas?

Balanço a cabeça em negação.

— Você precisa de um filtro, Mel. — Falo, dando mais um gole na bebida. A taça já está pela metade. — Às vezes bebia álcool. Mas como eu só saía em missões para testar meu aprimoramento, não era muita coisa. — Respondo em um suspiro.

— Ah, merda. — Sua risada é fofa. — Eu não queria encher seu saco com isso. — Se desculpa.

— Eu gosto disso. — É a primeira vez que me sinto em casa em tempos.

— Também quero saber. — Nimue se inclina. — Ainda é virgem?

— Não vou responder isso. — Ela já esperava essa resposta, sua expressão não muda.

— Bom, isso é uma resposta. Você não é. — Mordo o canto dos lábios suplantando um xingamento. Elas riem e eu acompanho baixinho.

— Ora. — Estalo a língua. — E quanto ao Pavlos? Ele é gentil?

— Quanto ao sexo, ainda não sei. — Minha irmã sorri largo. — Mas é um homem muito rico, com boas amizades. — Me desmancho em um sorriso. — Um pouco reservado também, não gosta de falar com detalhes sobre a família. Apenas que trabalham com pesca e vinícola.

Aparentemente, Pavlos é, e sempre foi, o modelo perfeito para ser seu noivo. Estou feliz que Melissa o tenha reencontrado depois de tudo que aconteceu.

— Isso parece saudável. — Olho dela para Nimue que concorda em um aceno. — Se continuar com ele, vai ser pedida em casamento muito em breve. E eu quero que isso aconteça, apesar de Yuri não permitir.

— Pois eu gostaria de sair com ele novamente, não quero viver como uma marionete. — Sussurra. — Ao menos uma vez na vida quero fazer algo por conta própria. Sorrir e me divertir. Conhecer um mundo longe das correntes da Alkyóna.

— Você pode ficar com ele, quem disse que não? — Inclino o rosto. — Apenas tome cuidado. Não queremos que ele tenha problemas com Yuri. — Falo com a voz calma em advertência.

— Sim. Tem razão. — Afaga minha mão.

Nimue e Melissa conversam entre si sobre algum assunto do momento, elas mudam de assunto tão rápido que é difícil acompanhar. Já eu observo as pessoas interessantes desse lugar.

— Olhe para eles… —Balbucio. Minha voz arrastada e carregada de insatisfação.

Trago a bebida de volta aos lábios. Suspiro apreciando o gosto do vinho.

— Tão interessados em falar. — Completo. Nimue e Melissa olham na direção que estou olhando.

Adiante, no centro do grande salão onde esse patético baile acontece, está Yuri e seus amigos. Dá para ver pela maneira como movimentam os lábios que todos são homens brutais e corrompidos.

— Para a felicidade das mulheres do nosso meio, alguns homens são solteiros e em breve vão escolher uma das famílias mais bem vistas do nosso meio para se unir às suas. — Melissa comenta distraída, sem dar importância a isso, parece mais uma fala ensaiada.

Eles riem alto, rodeados por algumas mulheres que enchem seus sacos com elogios superficiais. E as risadas não têm fim. O som logo reverbera sob a música clássica.

— Olhando assim, por um momento esquecemos de quem são. — Melissa parece sair do encanto que a envolvia e volta sua atenção para nós.

Monstros. É isso que eles são. Eu não me confundo por nenhum milissegundo. Está impregnado no ar que respiram.

02. FAMÍLIA SOMÁLI

“Quando o mundo empurra-o de joelhos, você está na posição perfeita para orar.”

— RUMI.

Arcane Planard

A prisão psiquiátrica onde estive é uma propriedade particular da Alkyóna. Naquele lugar é possível conhecer o pior lado do ser humano. Ninguém nunca sai do mesmo jeito que entra.

Eles ensinam a manter seu código moral enquanto jovens sobrevivem a um currículo implacável. Além das torturas, dos remédios e da lobotomia quando o caso não tem solução, também éramos treinados com o principal objetivo de sermos assassinos.

Sua localização ou informações de como funciona é altamente restrita, e caso alguém abra a boca para falar demais sobre as coisas que acontecem lá dentro, é condenado à morte.

Não consigo me livrar das lembranças. Há um demônio implantado em minha cabeça que sussurra sobre cada acontecimento dentro daquele

lugar.

— Conheci pessoas de todo tipo lá dentro. — Sussurro adormecida. — Tem filhos de máfias rivais, de gangues americanas e herdeiros de cartéis de droga.

— Tem algum tipo de hierarquia lá dentro? — Yuri questiona. Fico em silêncio por algum tempo.

— Quando anoitece, sim. — Sopro as palavras. — Os assassinos russos. Homens violentos e assustadores. Mas nunca mexiam com as mulheres. Bom, não com todas. O foco eram outros homens.

— Pensei que tivesse uma ala feminina. — Cruza os braços.

— Não. — Balanço a cabeça. — Apenas quartos e grades.

Estou no seu escritório. O lugar é rústico e fechado. Não há nenhuma fresta de luz. A madeira é em uma cor marrom e no canto da parede escura tem uma prateleira com bebidas de todos os tipos.

Lembro de sempre evitar esse cômodo da casa. Na minha cabeça, era aqui que todos os monstros se escondiam.

— Arcane?! — Pisco algumas vezes, agora ouvindo o que diz.

— Sim?

— É impressão minha ou suas tatuagens estão aumentando? — Seu olhar percorre minha pele. Há dureza na sua expressão.

Dou de ombros. Minhas tatuagens são referentes a cada livro que ganhei como uma recompensa por ir bem no que exigiam. Os livros, de alguma forma, me deixaram mais próxima do meu lado humano e sonhador.

Aperto meus lábios, buscando o que falar.

— Estou falando com você, *agapi mou*. — Rosna. — Por que sempre perde o interesse em falar antes que o diálogo se encerre?

Cada desenho é um lembrete que devo continuar lutando e nunca, de maneira alguma, me tornar igual a minha mãe. Uma covarde.

— Eu gosto dos desenhos, papai. — É tudo que respondo.

Ele resmunga em concordância, analisando os desenhos mais um pouco. Quero arrancar seus olhos de mim.

— Aposto que seu esposo vai querer arrancar sua pele. — Diz.

— Não se antes eu arrancar a dele. — Respondo friamente.

Esposo... A palavra parece estranha. Me causa um embrulho no estômago que me deixa agressiva.

Não me vejo casada e com filhos. Nunca sonhei com isso. A ideia é estúpida e me deixa enjoada. Acho que não nasci para ser uma esposa.

— Fez amigos por lá? — Pergunta novamente, mesmo que não se importe com a resposta. — Se entregou para alguém? — Seu olhar é duro. — Ou seja, trepou com alguém?

— Não trepei com ninguém. — Minto em um resmungo.

Já saí com alguns caras. Beijei a boca deles. Mas perdi minha virgindade com um homem que me mandaram matar. Enquanto ele estava dentro de mim, eu cortava sua garganta.

Depois disso, nunca mais consegui fazer sexo. Não tentei, e nem tive a chance.

Não tive a escolha de tornar a minha primeira vez especial como as garotas sonham. Matar e sobreviver era mais importante que me sentir humana e livre.

— E amigos, você fez? — Yuri inclina a cabeça para o lado.

Não tenho uma resposta para sua pergunta. A raiva poderosa faz minha veia do pescoço latejar. Logo meus pensamentos voltam para uma das minhas lembranças daquele lugar.

Essa foi a tarde mais cansativa do mês, disso tenho certeza. Estou exausta quando sento diante da mesa do meu quarto.

Finalmente tenho tempo para respirar e descansar depois de tanto treino. Minhas pernas doem pelo esforço físico. Estou completamente suja de sangue depois de lutar tanto contra aqueles homens.

A gaveta está aberta e retiro um quite de primeiros socorros que uso para cuidar dos meus ferimentos. Grunho de dor quando começo a costurar minha carne.

A porta do quarto é aberta, me surpreendendo.

— Ya[3], Arcane.

Balanço a cabeça em negação, arqueio as costas e olho em sua direção.

— O que você quer agora, Nikoleta? — Reclamo firmemente.

Estou sem paciência para falar com alguém depois de todas as coisas que fui obrigada a fazer.

— Você é tão suave, criança. — Sorri, entrando no quarto. — Vai ter uma festa hoje, soube que cancelaram aquela missão de transportar drogas pelo mar, então você devia se divertir e esquecer o que passou hoje.

Grunho de frustração. Só Deus sabe o quanto eu estava desejando essa missão, era a chance de conseguir provar que já fui lapidada o suficiente.

— Não gosto de aglomerações. — Respondo, lhe dando as costas. Aperto os lábios forçando minha mente a pensar o que farei agora.

— Nem eu, mas devia sair e não ficar socando coisas. — Caminha até onde estou e segura meus pulsos de leve. — Desde que melhorou nas lutas você está estranha, mais quieta que o normal e parece tensa pra caralho.

Olho em seus olhos. Ela se preocupa comigo. Nesse momento vejo que tenho uma amiga com quem contar.

— Para mim você é incrível, não importa o quanto os chefes te acham insuficiente. — Balança a cabeça. — Venha beber conosco. Vai ter tequila.

— Porra, Arcane! Eu estou falando! Onde está a sua cabeça? — Saio dos meus pensamentos quando Yuri me chama. Ele ainda está esperando uma resposta.

— Não fiz amigos, pai. — Balanço a cabeça em negação.

Engulo essa raiva que parece rasgar minha garganta e me devorar de dentro para fora. Espero que ele diga que já posso sair dessa sala sombria, mas apenas me encara buscando algum resquício de mentira ou falsidade.

Meu olhar é um abismo sombrio nesse momento. Não vai ver nada.

— Certo. — Vai até a estante de bebidas e serve-se preguiçosamente de bourbon.

Observo seu corpo inclinando na minha direção.

— Aceita uma bebida, *agapi mou?* — Questiona com um sorriso cruel.

Toda noite antes de dormir eu crio uma imagem perfeita do diabo em minha cabeça, e ele se parece com Yuri fumando seu charuto e bebendo bourbon.

— Não. — Ergo o queixo.

Me pergunto quando ele se tornou tão amargo, ou se já nasceu assim.

Encaro suas tatuagens bem desenhadas, estendidas em seu braço por completo, por seu pescoço e por outras partes que não são visíveis. Mas a que sempre me chama atenção é essa da deusa Atena bem em cima do seu peito. Um desenho rodeado por rosas espinhentas. Parece triste e poético.

— Foda-se. — Dá de ombros e desliza um documento pela mesa. — Consegui uma coisa pra você. Chamam de segunda chance. — Abre os papéis com uma mão e bebe com a outra. — Essa é a sua primeira missão para a Alkyóna.

— Minha primeira missão? — Uno as sobrancelhas em confusão.

— Abra e leia. — Ordena friamente.

Encaro os documentos lacrados. Minhas mãos vão até o meio da mesa e então o pego.

É um contrato. Os papéis dizem que eu devo trabalhar para a família Somáli como guarda-costas da mulher mais intocável da Alkyóna; Atena Somáli, esposa e mãe de grandes homens. Homens corrompidos.

— Você quer que eu seja uma babá? — Argumento, encarando Yuri. — Por favor, deve ter outra coisa para mim.

Yuri gargalha alto e larga sua bebida para falar sem distração.

— Você foi expulsa porque matou uma companheira de equipe. — Me encara. Eu tremo e meu peito dói. — Era para estar morta, mas recebeu essa chance de provar que não é doida. Agora seja grata por trabalhar

diretamente com a família Somáli, *agapi mou*, e não como uma prostituta barata. Isso é uma honra. — Argumenta, doentio. — Atena está sendo ameaçada por inimigos ainda desconhecidos. Por enquanto são investidas brandas, então dá para você protegê-la.

— Mas o que temos a ver com Atena e sua família? — Inclino a cabeça para o lado.

— Não lembra que Ivan é meu melhor amigo?— Fala do marido dela. — Trabalhamos juntos desde adolescentes, mostre sua lealdade àquela família assim como eu mostrei.

Levanto o queixo para encarar o homem na minha frente. Meus lábios se apertam para suplantar um palavrão.

Nikoleta tentou me fazer a melhor prisioneira daquele inferno, mas não rendeu muita coisa. Às vezes eu me destacava nas lutas, no treino e até na resistência. Mas dependia muito de quem estava contra mim.

Mas aqui fora, no meio dos membros da Alkyóna, eu pareço ser a única mulher com grandes habilidades de defesa.

— Certo, papai. — Resmungo com impaciência.

Encaro os papéis, me atualizando das coisas. O chefe da Alkyóna se chama Ivan Somáli, pai de quatro filhos homens e esposo de Atena Somáli. Eles são a família mais invejada, desejada e respeitada do nosso meio.

— As origens de Ivan não estão aqui. — Torço os lábios. — Apenas que Atena é turca.

— Informações sobre a adolescência do Ivan são confidenciais. — Yuri mantém o olhar no meu enquanto leio.

— Entendi. — Sei que não posso recusar esse contrato.

Não passo de uma pessoa insignificante para eles. Nunca mais vou ter a chance de ser apenas uma mulher normal. Sou quebrada demais para isso.

— E então, Arcane? — Fala pausadamente. — Está pronta para o que seu papai pede? — É notável o desprezo em seu tom de voz.

— Sim, senhor. Estou pronta para isso. — Respondo em um balançar de cabeça. — Quando quiser, pode me enviar até Atena.

Volto meu olhar para os documentos. Na primeira ficha está o filho do chefe e, futuramente, o dono disso tudo. Pela aparência, deve ser o mais

velho. Rajá Somáli. Está claro na sua expressão que o melhor é manter distância desse tipo.

Um dos irmãos chama minha atenção. O vi bebendo no evento passado onde roubou toda atenção para si. Aperto os olhos procurando lembrar o nome dele enquanto deslizo o indicador por seu rosto na fotografia.

— Kalon Somáli. — Yuri diz o nome, percebendo o meu interesse silencioso. — Já ouviu falar desse psicopata desequilibrado?

É isso, Kalon Somáli. Alguns homens falavam coisas ruins sobre ele na prisão. Que ele dificulta a vida de todo mundo. Nunca pensei que o Psicopata fosse um Somáli. É o segundo filho mais novo da família. Isso justifica seu descontrole e passe livre para a desordem.

Esse povo tem suma importância não só em Atenas, mas por toda a Grécia e vários outros países do mundo. Cada membro é visto como um deus.

— Interessante. — Resmungo.

— Gostou dele? — Questiona, seus olhos brilham por algo que não consigo decifrar.

— Nem um pouco. — Faço questão de acabar com essa fagulha em seus olhos.

— Para a felicidade das mulheres, são todos solteiros. Há boatos que estão escolhendo uma das famílias mais bem vistas do nosso meio para se unir em casamento. — Cruza os braços.

Interessante, são exatamente as mesmas palavras que Melissa usou na noite passada.

— Consegue imaginar a grandeza disso? — Continua. — A grandeza do pai dessas mulheres?

Balanço a cabeça em negação. Só consigo pensar no sofrimento dessas pobres coitadas.

— Já posso ir? — Faço menção de levantar, mas antes o encaro esperando permissão.

— Não falhe miseravelmente, Arcane. O mundo aqui fora é bem diferente de onde estava. Você ainda é muito ingênua, vejo isso. Então não deixe ninguém te quebrar. — Fala como uma ordem. Engraçado ouvir isso

da pessoa que me destruiu.— Não envergonhe o nome da nossa família e, principalmente, proteja a mulher do nosso chefe. — Inclina seu corpo para frente.

Não sei qual a situação de ameaça. Estou mergulhando de cabeça em um lugar que preciso me acostumar a conviver. Preciso cumprir isso.

— Falhar não é uma opção. — Respondo para Yuri.

Vou embora do seu escritório e procuro por meu quarto. Ele continua o mesmo depois de tantos anos, completamente arrumado. Se eu fechar os olhos, posso até mesmo sentir o cheiro de antigamente.

— Olá, inferno. — Meus lábios se repuxam em um sorriso amargo quando deito na cama macia.

A dúvida que atormenta a minha mente ainda é a mesma; como vou crescer em um mundo que já me identifico? Até quando vou continuar aceitando tudo que eles fazem comigo?

03. ERA UMA VEZ, UM PRÍNCIPE

“Em tua luz aprendo a amar. Em tua beleza, a escrever poemas. Porém, às vezes te vejo e essa visão se transforma em minha arte.”

— RUMI.

Arcane Planard

Estou treinando no subsolo da mansão e meus pensamentos correm desenfreados. Penso em como tudo seria mais fácil se eu pudesse ir embora. Sem precisar matar, desferir socos e lutar. Apenas viver no mundo que Melissa descreveu naquele evento. Livre da coleira que a Alkyóna tem no nosso pescoço.

Quero fugir, mas há algo dentro de mim que pensa em minhas irmãs e isso me segura aqui. Não posso simplesmente deixá-las como nossa mãe fez. Isso não é certo. Só temos uma a outra.

Saio dos meus pensamentos ao ver Nimue na minha frente e levo um susto grande. Porra. Em que momento ela entrou aqui? Como não percebi?

Enxugo o rosto rapidamente e recobro o fôlego que perdi na luta contra o saco de pancadas. Observo-a com cautela. Suas roupas são simples, parece algo habitual para ficar em casa, mas estou mesmo impressionada com sua beleza. Selvagem, natural. Uma deusa que aparece quando mais precisa.

— Ane, não me viu chegando? — Acena.

Uma risada em forma de rosnado escapa do meu interior.

— Acredite, eu vi sim! — Sorrio receptiva.

— Não. Você tomou um susto. — Insiste, dando uma risadinha. — Por um momento pensei que fosse gritar.

— Você grita quando se assusta? — Questiono impressionada. — Eu geralmente pego a primeira coisa que vejo para bater.

— Ei. ei. — Morde o lábio. — Está tudo bem se assustar um pouco.

Pisco algumas vezes. Por que estou pensando em avançar pra cima dela? É só a minha irmã.

— Desculpe. — Recuo dois passos. — Da próxima vez eu grito.

Seus olhos brilham cheios de humor. Tem carinho na sua expressão.

— O que faz aqui? — Aponto para a bagunça. — Gostaria de treinar comigo?

— Não. — Sorri. — Desde que voltou eu te ouço bater nesse saco durante a madrugada. — Fala baixo. — Por que?

— Costumo ter uns pesadelos esquisitos. — Limpo a garganta. — Ainda não sou muito boa nesse negócio de luta, preciso praticar mais.

— Você só tem vinte anos. — Cruza os braços. — Para mim, suas habilidades são incríveis.

— Besteira. — Balanço a cabeça. — Eu me reprimia muito por me sentir intimidada pelos mais fortes, mas agora é diferente, preciso mudar isso.

— Você disse que tem pesadelos esquisitos, que tipo? — Avança.

— Já teve a sensação que alguém está… — Engulo em seco e fico em silêncio. Não posso falar disso em voz alta, vai se tornar mais real.

— Acho que compreendo você. — Nimue balança a cabeça como se não precisasse de mais palavras. — Ouvir música ajuda a sumir essa

sensação, sabia?

— Música? — Torço os lábios. — Sério?

— Sim, posso pegar um headphone pra você. — Balança a mão.

Anuo, sorrindo esperançosa.

— Essa sensação. Isso tem a ver com… — Gagueja. Seus olhos brilham mais fortes. — Com o que aconteceu antes de você…— Limpa os lábios. — Com o que aconteceu naquela Páscoa?

Minha expressão muda. Fico desnorteada por um tempo, não esperava essa pergunta.

— Não é sobre o que aconteceu na Páscoa. — Nego. — Aquele lugar me deixou perturbada. Sinto que tem alguém comigo. — Cochicho. — Tipo um…

Um fantasma. Sacudo os ombros quando fico trêmula.

— Tipo? — Nimue espera uma resposta, mas não consigo abrir a boca para dizer.

O som some da minha boca e a angústia me consome.

— Não precisa dizer. — Segura meu ombro. — Eu entendo e sinto muito. Me dói muito saber que tomou uma culpa que não era sua. — Seus olhos são tão tristes que desvio a atenção. — Passou cinco anos naquela prisão por um erro meu.

Ela aponta para seu peito, sua voz está trêmula. Essa é a primeira vez que converso abertamente sobre o que aconteceu. Dou tudo de mim para não chorar.

—Não diga isso. — Nego com a cabeça. — Por favor.

Pode não ter sido minha culpa, mas também não é de Nimue. Nenhuma de nós tem culpa.

— Agora está tudo bem. Eu estou de volta. — Digo com calma, e isso soa insensível considerando a maneira como ela está me olhando, como está respirando.

Estendo a mão esperando que ela segure. Encaro seus dedos que se entrelaçam aos meus e balanço de um lado para o outro.

— Vamos colocar uma pedra no que aconteceu há cinco anos. — Peço. — Vamos deixar tudo que aconteceu no passado. — Balanço a

cabeça, trazendo seu corpo para perto.

— Não é tão simples. — Me olha receosa.

— Eu era pequena, mas lembro claramente do que fizemos naquela noite. — Sussurro. — Não condene a sua alma por isso, Nimue. Eu amo tanto você. Não perca seu brilho por causa de uma culpa que não é sua. — Respondo. Meu tom de voz sai grave e arrastado por causa do nó que tento engolir.

Beijo seu ombro com carinho e puxo-a para um abraço apertado. Esse aperto é tão bom que meu corpo balança contra o seu. Sua cabeça balança rapidamente em concordância.

— Você disse que me ama. É tão bom ouvir isso. — Ronrona.

— Eu disse? Que coisa mais horrorosa! — Empurro-a pela cintura de um jeito brincalhão.

— Eu também amo você! — Aperta minha cintura com mais força.

Estremeço. Suas palavras engrandecem meus olhos. Gostei de ouvir.

— O que acha de sairmos mais tarde para nos divertirmos um pouco? — Sugiro. — Melissa estava falando com Pavlos sobre uma balada naquela coisa… — Aponto para minha palma.

— Facetime. — Responde.

— Isso. — Concordo. — Se a gente for, vou te ensinar a rebolar tão bem, Nimue, que todos os homens da Grécia vão fazer fila no portão de casa para pedirem sua mão.

— Que horror! Yuri não vai gostar nada disso, mas, por outro lado, Melissa vai adorar! — Rimos alto.

Caminho até onde minhas coisas estão e começo a me organizar. Volto a minha atenção para ela que permanece me observando.

— Eu gosto de falar com você. — Pisco. — Vamos nos encontrar às nove, ok? Tenho que trabalhar agora.

— Trabalho? — Questiona surpresa. — Como assim?

— Consegui um emprego de babá. — Debocho.

— Por que não acredito nisso?

— Porque é uma ironia. — Dou risada. — Yuri disse que vocês precisam saber por ele, então segura a curiosidade e não diz que comentei.

— Está bem, misteriosa. — Esfrega as bochechas.

Caminho para a saída quando vejo que estou atrasada.

— Não coma a pizza que está no forno. — Grito das escadas. — Eu quem fiz. Está horrível.

Guardo tudo que preciso em uma bolsa e depois de um banho, visto o que seria meu uniforme. Calça jeans e um sobretudo peludo que aquece meu corpo.

É inverno em Atenas, igual a pior estação para trabalhar como guarda-costas de uma mulher que adora sair para encontrar suas amigas.

Não sei como Yuri conseguiu me colocar nessa situação. Nós nunca nos envolvemos na sua convivência com os Somali, nem ouvimos sobre os filhos de Atena porque foram criados restritamente e separados uns dos outros.

Pouco se falava sobre eles na época que eu vivia nessa casa. Os herdeiros nunca foram exibidos para a Alkyóna até o dia que Ivan anunciou que cada filho ia governar um território diferente.

Fui presa antes desse acontecimento, sei disso porque li no arquivo que Yuri me entregou.

Aquela família é o principal motivo para Yuri ser tão corrompido e diabólico. Está claro que toda pessoa que tem uma relação profunda com Ivan Somali se torna tão abominável e sujo quanto ele. Basta analisar seu círculo íntimo.

Para completar, aquela mulher está cheia de horários em sua agenda. Tenho que administrar a segurança da casa, garantir que tudo esteja sob vigilância e acompanhá-la quando sai em público.

O carro para no estacionamento da mansão e o motorista sai para abrir minha porta.

— Essa é a primeira vez que alguém abre a porta para mim. — Bato em seu ombro quando desço.

— Seu pai disse que você deve ser tratada como uma princesa. — Fala respeitosamente.

Até parece que sou a princesinha do papai quando estamos dentro daquelas paredes. Mas ele é obcecado em passar uma imagem perfeita da nossa família.

— Quanta gentileza. — Olho por cima do ombro e lhe lanço uma piscadela. — As ordens dele podem ir se foder junto com ele. Diga isso quando vê-lo.

O homem se recolhe como se tivesse levado um tapa. Quando Yuri souber, vai estremecer com minha língua solta. Isso me diverte.

Respiro o ar puro quando caminho pelo jardim espaçoso. Observo tudo em volta. A mansão parece uma fortaleza inabalável. Como se estivesse protegendo um líder mundial.

Cada canto desses muros parece ter cinco a seis soldados de prontidão. Assisto cada homem e começo a contá-los. Tenho esse costume depois de tanto treinamento.

A mansão é moderna e luxuosa. Janelas de vidro, piscina, luzes, grama. Sem dúvidas é a casa dos sonhos.

Um dos seguranças me acompanha depois de me revistar. Faço uma careta quando ele passa a mão de um jeito que eu não gosto, mas me seguro para não esmurrar sua cara e causar problemas.

Quando estou no interior da mansão, fico sem fôlego. Tudo é tão lindo que meus olhos ficam marejados de brilhantes. Cada canto dessa casa se derrama em luxo. Decorado por artefatos que não conseguiria pagar nem se vendesse meus órgãos.

Sou tirada da minha análise embasbacada quando ouço um limpar de garganta. Meus olhos se arregalam quando dou de cara com Kol, um dos filhos de Atena.

Observo quando ele se aproxima. Sua postura prepotente e os ombros largos e fortes. Ele está usando uma jaqueta de couro e tem uma expressão fria. Muito rude. Não há nenhum traço de empatia ou gentileza nele.

Todos falam a mesma coisa. Ele é um destruidor.

A mais dura expressão está estampada em seu rosto e eu me perco em seus olhos azuis. É como encarar o mar revolto. Uma tempestade sem fim. Como se Poseidon tivesse depositado todo seu poder na existência desse homem.

— O que você quer, garota? — Estala os dedos. — Vai ficar me encarando o dia todo? — Sua cabeça até se inclina para o lado, encarando descaradamente o meu corpo.

— Ouvi muitas histórias sobre você. — Deixo meu espanto falar mais alto. — Imaginei tudo, menos que fosse um Somáli.

Balanço a cabeça. Sem dúvidas esse homem deve ser o filho que dá mais trabalho.

— Ouviu, é? — Cruza os braços com animação. — O que te fez pensar que não sou um Somáli?

— Simples, seu pai deve te detestar. — Respondo.

— Escuta aqui, quem você pensa que é, menina? — Grunhe furiosamente. — Acho que a bonequinha passou muito tempo em uma caverna. Não pode me tratar assim.

— Você não é um príncipe pra ter tratamento real. — Cruzo os braços. — É meio doidinho da cabeça, até nos jornais já saiu.

— Como devo chamá-la, baby? — Ergue o queixo após gargalhar. Eu não disse? — Como sabe sobre mim?

— Meu pai disse. — Afundo as mãos em meu bolso. — Ele fala muito sobre você.

Há boatos que Kol é um homem muito ocupado, que anda por aí destruindo pessoas, um caçador desenfreado.

— Estou sem tempo. — Resmunga. — Então pare de enrolação, garota bonitinha.

Tudo bem. Minha primeira impressão sobre ele veio, tão rápido foi.

— Sou Arcane.

— Claro que é você. — Sua mão quase toca meu cabelo, mas no último instante, agarro seu pulso.

Ninguém, muito menos um homem, vai me intimidar. Mesmo se ele for o próprio diabo na terra.

— Ora. Ora. — Kol me observa sombriamente.

— Fui chamada. — Respondo de forma breve. — Se está sem tempo, deixe que outra pessoa venha e me receba.

Penso ter visto um sorrisinho em seus lábios.

— Então é a filha caçula do Yuri. — Inclina a cabeça. — Idêntica aquele porrinha.— Acaricia minha mão até que solto seu pulso. — Pensei que estivesse desaparecida.

— Desaparecida? — Dou risada. Os olhos de Kol se apertam. — Esperava tudo, menos isso.

— Adorável e contraditória. — Ele estala a língua, mais uma vez. — Esperava qualquer “coisa” sair daquela prisão, menos essa bonequinha.

Seu corpo é coberto por tatuagens. Se ele é um deus, como muitos consideram, suas tatuagens são o seu templo.

Ele sabe de onde vim, mas pelo visto gosta de fingir. Balanço os ombros com um pouco de impaciência. Kol pisca algumas vezes, mantendo sua expressão severa. Parece estar sempre com raiva de tudo.

— Davut, amor. Eu assumo daqui. — A voz melodiosa e feminina vem da mulher no topo da escada.

Meus lábios se repuxam ao contemplar Atena Somáli. Seu filho solta alguns palavrões, mas baixo demais para conseguir ouvir.

Logo dá as costas sem dar importância em responder a sua mãe. Apenas some da nossa presença como uma alma silenciosa e astuta. Seus passos são imperceptíveis. Silencioso demais.

— Deixa eu adivinhar. — Aponto por cima do ombro. — Esse não puxou à você. — Brinco.

Atena sorri carinhosamente, concordando com a cabeça.

— Acertou em cheio. — Confirma. — Mas foi fácil de descobrir.

— Concordo. Aliás, você está atrasada para o meu primeiro dia de trabalho. — Caminho em sua direção.

Atena desce o restante das escadas com uma elegância e empoderamento tão cativante que me sinto uma criança bobona.

— Uma dama nunca está atrasada, Arcane mou. — Ela arruma os cabelos loiros para trás.

Seus lábios vermelhos se curvam em um sorriso bonito ao estender a mão na minha direção. Junto às sobrancelhas.

O *que eu devo fazer? Beijar? Me curvar?*

Por via das dúvidas, não faço nada. Mantenho as mãos no bolso.

— Deve ser a nova guarda-costas. — Fala gentil. — Arcane, filha de Yuri.

— Sim, sou eu. — Respondo automaticamente. — E não vou beijar sua mão.

Ela ri, então acena por cima do ombro, me chamando.

— Seja bem-vinda ao meu lar. — Volta a estender a mão. — Vamos nos divertir bastante.

Meus lábios se abrem em um sorriso cínico e aperto seus dedos. Balanço como uma criancinha, então solto quando ela tenta os fechar nos meus.

— Já me sinto em casa.

04. MANÍACO LOUCO

“Quando você não quer que aconteça, acontece.
Quando você não quer cair, você cai.
Você quer morrer, mas você ainda vive.”

— HZ. MEVLANA.

Arcane Planard

Durante o dia, passei horas andando pelos corredores e cômodos dessa mansão. São muitos, e a maioria desocupados. Ouvi por alto as instruções de Atena enquanto fazia um tour apressado, mas meus pensamentos estavam em outro lugar.

Quanto mais conheço essa casa, mais minha curiosidade é fomentada. Que segredos essa família esconde? Parecem ter muitos.

Essa mansão é passada por gerações e linhagens, os fantasmas que habitam aqui podem facilmente formar um exército de almas atormentadas. E pelas fotografias na parede, parecem condenados.

Descobri que Atena é uma mulher simples. Cheia de humildade e carinho. Ainda não tenho uma opinião formada sobre ela, mas algo nessa família de fato desperta minha curiosidade.

Esfrego o rosto, suspirando ao ponto dos meus pulmões vibrarem. Estou exausta. A noite já caiu faz tempo e só preciso de descanso para os meus pés.

Tive que ligar para minhas irmãs informando que chegaria atrasada para a nossa noite. Já passa das nove horas quando termino de instalar travas em algumas janelas.

Depois, vou até um dos escritórios onde tem outros funcionários. Começo a ler todos os documentos que encontro. São informações sobre o trabalho de Atena. Ela é uma mulher de muitos projetos.

Quando minhas costas começam a doer, resolvo andar pelo jardim e conhecer a área externa. Esse é o lugar mais silencioso da mansão.

Avisto um banco de pedra e me aproximo para sentar, logo abro o notebook para continuar meu trabalho. Me sinto confortável ao ar livre. Faz tanto tempo que não vejo um jardim tão lindo. Meu corpo treme ao receber a brisa noturna.

— Bem melhor. — Fecho os olhos. Minha mente está tão silenciosa que posso ouvir as batidas do meu coração.

Poderia dormir debaixo dessas estrelas. Essa sensação é tão boa que meu coração dói de prazer. Meus olhos estão marejados. Sinto tudo vindo de todos os lugares e solto uma risada sufocada com essa leveza.

Costumo pensar que com a escuridão da noite os segredos mais sombrios são revelados. No escuro é quando uma pessoa se permite ser ela mesma. Tudo é exposto e vulnerável dentro dele. Tudo é cego. Às vezes, tudo também sangra e dói.

Nunca temi-o, gosto de como tudo é calmo quando meu quarto não tem nenhuma fagulha de luz. Mas há algo nessa mansão que me deixa incomodada, e isso me faz querer ir embora o quanto antes.

Volto a trabalhar para não perder mais tempo. Preciso terminar as anotações e ir para algum bar com minhas irmãs.

Ouço passos pelo cascalho e ergo os ombros, ajeitando a minha postura. Todo o meu corpo entra em alerta quando um assobio precede a presença de um dos Somáli.

— Olá, você é um anjo? — Uma voz masculina e calma me chama entre as árvores. Aperto os olhos com força desejando que ele não me

perceba e vá embora.

Mas sinto seu olhar em minhas costas e seus passos mais perto.

— Quem está aí? — Questiono autoritária.

Olho por cima do ombro. Minha expressão muda ao notar os olhos do homem que se mistura na escuridão como se fossem um só. Seus cabelos estão caídos pela testa. Seu olhar é penetrante e seu corpo, intimidador. Muito alto e forte.

Devemos ter a mesma idade, dá pra ver que ele é muito jovem.

— Poderia fazer a mesma pergunta. — Sua voz é grave e misteriosamente calma.

As sombras da árvore estão sobre seu rosto, me impedindo de lhe visualizar com clareza, mas ele veste roupas pretas muito simples.

— Sou Arcane. — Falo por fim e volto minha atenção para o notebook, desejando que ele vá embora depois dessas palavras.

— Me disseram que uma bonequinha bateu de frente com Kol Somáli e ele adorou. — O homem sorri. — Suponho que era você. Não vai perguntar quem sou?

Sem nenhum convite, ele senta ao meu lado. Agora está tão perto que posso saber com clareza quem é.

— Ajax. — Sussurro seu nome com um sotaque estalado em cada sílaba. — Li sobre você no arquivo que Yuri me deu. Ele também falou muito bem das suas habilidades.

Sua quietude é notável. Calmo como uma tarde de verão. Não me admira ele estar segurando um livro nas mãos. Yuri disse que ele é prodígio desde os dez.

— Claro. — Sorri friamente. — Ainda sonho com o dia que alguém não vai me reconhecer, e então poderei dizer com propriedade quem sou.

Suspira, apertando os lábios como se estivesse lamentando profundamente.

— Você tem apenas dezoito anos e sua inteligência para estratégias é impressionante. — Balanço a cabeça. — Seu bom desenvolvimento nos negócios é admirado por todos da Alkyóna. — Levanto uma sobrancelha. — Pensei que fosse mais velho.

— Se serve de alguma coisa, já tenho dezenove. — Me corrige.

— Ainda assim, novo demais. Todos te temem como se fosse um rei. Os russos, israelenses, turcos e... — Aperto os olhos para saber se estou certa. — Os franceses?

Ajax balança a cabeça em concordância. Seus lábios formam um sorriso de tirar o fôlego. Seus dentes estão perfeitamente alinhados.

— Você é como um conselheiro. — Aperto meus olhos. — Até mesmo o chefe da Alkyóna recorre desesperadamente à você.

— Quem? O Rajá? — Leva a mão ao peito, segurando uma gargalhada sufocada e profundamente atraente. — Não mesmo. Meu irmão não recorre a ninguém.

— Rajá ainda não é o chefe. — Corrijo. — Seu outro irmão quem é.

— Para mim, Rajá sempre foi o chefe. — Ergue o queixo. — É só questão de tempo até que assuma.

— Você é amigo do Yuri? — Pergunto curiosa. — Ele falou tão bem de você, quase como se tivesse orgulho.

— Todo mundo é amigo do Yuri, moça bonita. — Entorta os lábios. — Seu pai é o meu padrinho de batismo. Por isso a intimidade.

Uno as sobrancelhas. Nunca imaginei que Yuri fosse ortodoxo ou que essa família também fosse. Fico em silêncio encarando Ajax. Sua presença ao meu lado, por mais que silenciosa e calma, tem o poder de intimidar.

— Meu irmão disse que você é a nova faz tudo da família. E pelo visto fez a lição de casa direitinho. — Me encara de cima a baixo. Suas palavras são humoradas e fazem meus lábios se repuxarem.

— Prefiro que me chame de Arcane. — Respondo, empilhando alguns papéis que trouxe comigo. — Ou...

— Assassina? — Corta as minhas palavras. Não me impressiona que ele saiba da minha história, mas não é assim que gosto de ser chamada. — A sua reputação também a precede. — Responde um tanto carinhoso. — Mas eu ainda prefiro ouvir da sua boca sobre quem realmente é.

Pisco algumas vezes. Merda. Ele é muito bom. Sua personalidade é cativante.

— Me chame de Ane. — Acrescento.

— Certo, Ane, não deveria estar em um escritório? — Não olho para seu rosto, mas pelo tom de voz, sei que sua sobrancelha está arqueada.

— Não quero um. — Falo mais baixo. — Passei tempo demais dentro de quatro paredes.

— Entendo. — Conclui. Percebo que sua mão está estendida na minha direção.

É a minha vez de arquear uma sobrancelha. Então esse é o filho que puxou a Atena. Quase tão elegante e superior quanto ela.

— Saiba que não vou beijar sua mão. — Provoco.

Um sorriso rápido e humorado escapa dos seus lábios.

— Não é a mão que quero que beije. — Balança os dedos. — Vamos. Aperte.

— E por que eu apertaria sua mão, Ajax?

— Mamãe não falou quando apertou a sua? — Pisca. — É o que as pessoas fazem quando viram amigas.

Amigos. Isso me faz sorrir pensativa. Tenho sérios problemas com amizades.

— Tudo bem. — Me rendo, apertando sua mão. — É um prazer, príncipe. Mas tenho certeza que você pode encontrar amigos melhores que eu.

Lhe lanço uma piscadela sugestiva e começo a guardar minhas coisas. Finalmente posso ir embora.

— Tão apressada. — Resmunga, ficando mais perto.

Seu cheiro agradável e masculino invade meus pulmões toda vez que respiro fundo.

— Também não sou uma pessoa muito amigável, Ane. — Diz preguiçosamente. — Mas gosto de apertar a mão dos meus iguais.

Ele me encara, sugerindo que somos iguais. Meus olhos brilham em desafio.

— Já ouvi sua história. — Sibila. — A criança incendiária. Você acabou com a Páscoa de Corfu. — Sua garganta produz um som suave que eu identifico como uma risada ríspida. A ironia dança em seus lábios fartos. — De acordo com os boatos, esperava que fosse mais alta.

Então, pelo visto, parece que todos desta casa sabem muito bem sobre as coisas que fiz. Sabem que fui abandonada pela minha mãe e fiz loucuras na Páscoa.

Permaneço séria e agarro o notebook com as duas mãos. Imediatamente me sinto exposta e nervosa.

— Não me subestime. — Sorrio. — Posso derrubar você apenas com uma cabeçada. — Talvez eu não consiga. Ele é enorme, morreria com tanto esforço. — Um conselho, não procure amizade em mim. Se me conhece realmente, deve saber que adoro arrancar a cabeça dos meus amigos.

— Você me olha como se estivesse fazendo isso agora. — Aperta os olhos.

Sorrio silenciosamente.

— Ou eu posso fazer da forma mais simples, Ajax. — Relaxo meus ombros. — Tipo pegar essa arma antes que você perceba e usá-la para atirar em você.

— Muito perspicaz. — Suspira, cruzando os braços. — Parece ingênua, tem um brilho bonito, mas também é muito prestativa e encrenqueira.

É engraçado vê-lo falando tão informal e superior com uma pessoa mais velha que ele.

— O que mais você tem para mim? — Cochicha.

— Posso retirar a lâmina na minha bota e cortar sua garganta em um movimento rápido e certeiro.— Zombo.

Isso sim seria difícil pra caralho. Ajax não abaixa a guarda em nenhum momento, mesmo parecendo relaxado, dá pra ver que seus reflexos são quase sobrenaturais de tão ativos.

— Tente. — Desafia. — Apenas tente. — Ele tem a plena certeza na confiança de que é mais letal que eu.

Não sei que tipo de humor e dinâmica há entre nós ao ponto de trocar farpas, mas a diversão não deixa seus olhos, nem os meus.

Sem dúvidas foi bem melhor conhecer Ajax do que Kol. Disso eu tenho certeza.

— Por mais interessante que seja, não sou seu inimigo. — Isso fez meu coração bater mais rápido. — Mas aviso que não é uma boa ideia ser a minha.

—Não quero isso. — Balanço a cabeça. — Estou aqui para proteger sua linda bunda dos inimigos da sua mãe.

Ajax gargalha serenamente como se tivesse lhe contado uma piada.

— Me alegra saber que acredita nisso. — Cruza as pernas. Seu peito sobe e desce como se estivesse lutando contra um bocejo sonolento.

— Não entendi, o que quer dizer com isso? — Questiono de sobrancelha erguida.

— Nada. — Dá de ombros. — Mas é bom saber que você está preparada para qualquer situação que envolva luta.

— Sim, me preparei muito para isso. — Não sou uma lutadora perfeita, mas consigo improvisar bastante.

— O que significam suas tatuagens? — Ele encara minhas mãos.

Seu olhar desce pelo meu corpo como se estivesse imaginando o que há tatuado por baixo das roupas. Eles brilham na expectativa de encontrar algo que lhe satisfaça. Mas estou bem vestida com roupas de inverno.

— Eu gosto, não preciso de um motivo específico e convincente para tê-las. — Falo calma, erguendo o queixo.

Agora meus olhos vão para o livro em suas mãos. Observo seus braços fortes. Algumas veias se destacam em seus dedos.

— Interessante que você é leitor, mas não reconhece o significado das tatuagens. — Sorrio de lado ao ler o título sutilmente, e guardar mentalmente para ler mais tarde.

— Algumas eu reconheço. — Repuxa os lábios para baixo. — Mas para sua informação, leio mais os livros da faculdade.

— Bom... Eu já terminei o que tinha para fazer aqui. — Me ergo e ele vem junto por puro reflexo. — Preciso ir embora.

— Mas já? — Me inspeciona.

— Sim. — Resmungo, com um meio sorriso.

— Ah, ok. — Torce os lábios. — Foi bom falar contigo, moça bonita. E para sua informação, deixo claro que essa conversa não foi um

flerte. — Balança a cabeça. — Não se apaixone por mim, sou altamente proibido.

Suas mãos estão atrás das costas como se fosse um soldado. Rio muito alto. Imediatamente cubro minha boca, percebendo o som espontâneo que deixei escapar. Ele realmente é do tipo que faz a pessoa rir, e quando percebe, já está nua na sua cama.

— Nos vemos — Eu sussurro. — E vai precisar bem mais do que isso para me conquistar.

Começo a andar, dando as costas para ele. Não ouso olhar para trás. Agora, mais do que nunca, tudo que eu preciso é sair para beber com minhas irmãs.

05. UM MONSTRO NO JARDIM

“Alguém virá por você, alguém virá e te levará.”
— ŞEMSI TEBRIZI.

Arcane Planard

Desde pequena, nunca me senti segura dentro da minha própria casa. Katerina e Yuri discutiam constantemente porque Theo nasceu. Nosso irmão caçula que foi concebido através de uma traição.

Quando Yuri descobriu a traição, é claro que tudo mudou. Foi como se os deuses tivessem nos abandonado. Toda noite eles discutiam constantemente, mas de alguma forma, papai não queria puni-la de acordo com as leis da Alkyóna.

Não, ele fez pior que isso. Talvez por isso mamãe tenha nos abandonado.

Theo era a alegria da casa. Sempre que penso, sinto que ele nasceu no mundo errado. Um garotinho forte que exibia risadas escandalosas para qualquer um. Tenho certeza que os deuses estavam sorrindo quando ele veio ao mundo.

Aquele menino é o fantasma mais antigo dessa casa. Por um momento, é como se estivesse aqui, correndo aos tropeços com Nimue tentando lhe alcançar. Sinto sua presença entre os cômodos como um trovão forte que ilumina tudo, chamando a atenção de qualquer um.

— Você não me pega, Arcane! — Sua voz ecoa. Largo o que estou fazendo na intenção de persegui-lo.

—Theo? Venha aqui! — Abro os braços tentando agarrá-lo. — Quero abraçar você, Theo.

—Você quer? — Me olha, dando uma risadinha traquina.

— Sim, venha aqui. — Insisto. Meu coração erra as batidas. — Rápido. Estou com tanta saudade.

Começo a andar pelos corredores da mansão escura e fria. Em algumas horas teremos visitas, então devemos manter toda a casa em ordem para recebê-los.

— Então venha aqui me pegar, bonitinha. — Estende a mão. — Vamos brincar no jardim, vamos. Duvido você ser mais rápida que eu.

— Não, o jardim não, Theo. — Meus pulmões apertam e corro em sua direção. — Tem um monstro lá. — Sussurro assustada.

— Não é verdade, papai louquinho está lá bebendo aquela coisa fedida. — Aponta, me puxando pela mão. — Vamos dar um abraço nele também. Vamos.

— Papai? — Olho as cortinas balançando, revelando a figura de Yuri.

Nesse momento, um disparo silencia toda a casa. Eu sufoco como se alguém tivesse arrancado meu coração.

Esse é o momento mais curto e mais longo da minha vida. A risada de Theo deu lugar a um choramingo angustiado e engasgado.

— Theo… — Sussurro baixinho. — Theo? — Ajoelho ao lado do seu corpinho.

Ele está tremendo. Um bebê tão confuso. Seus olhos azuis me procuram com tanta inocência que me debato desesperadamente.

— Eu estou morrendo, Arcane? — Sua voz é trêmula. — É isso? — Quando se dispara em uma criança, mata-se sua inocência.

— Ane? *Agapi mou?*— Yuri caminha lentamente em minha direção. Tem uma arma em seus dedos.

— FOI VOCÊ. VOCÊ É O MONSTRO QUE TEM NO JARDIM. — Eu grito alto, me contorcendo. Ele tenta me tocar, mas chuto suas mãos. — POR QUE FEZ ISSO?

— Arcane, você está em choque, porra. — Segura os dois lados do meu rosto. Nesse momento compreendo que Deus não é justo com pessoas como nós.

— Me perdoe, vamos conversar… — Segura meu braço. Suas mãos estão sujas de sangue. Grito mais alto e empurro sua barriga.

Esmurro seu corpo e cravo minhas unhas em sua pele quando Yuri tenta me afastar pra longe de Theo.

— Arcane! — Ele segura meu queixo quando não paro de gritar. — Consegue ouvir? Você está em colapso!

— Você matou ele, papai! — Choramingo. — Eu odeio você! Não toque em mim! — Grito mais alto. — Mamãe fugiu por sua causa.

De repente, sua expressão muda. Ele começa a gargalhar alto, balançando os ombros até que sua cabeça atira para trás. O som forte e feliz ecoa por toda a casa.

Me assusto e pisco algumas vezes, nesse momento lágrimas escorrem pela minha bochecha. Tenho um sobressalto quando Atena acena em minha direção.

Não é a risada de Yuri que eu ouço agora, é a dela.

— O que? — Encaro a mesa espaçosa de mármore repleta de comida.

Me pergunto como acabei de chegar aqui. Eu estava dissociando? Pelo visto, sim. Atena Somáli está jantando conosco, tudo que acabei de vivenciar foi uma ilusão da minha cabeça.

Sinto cheiro de cigarro e maconha chegando até nós, pisco algumas vezes e olho para a área externa onde Yuri está conversando com Ivan.

As cortinas balançam com o vento frio, até que cuidadosamente consigo visualizar seu rosto, ele está olhando para dentro da sala.

Nossos olhos se encontram. Yuri me analisa profundamente por longos segundos. *Agapi mou.* Me assusto quando seus lábios se repuxam

em um sorriso, mas então, ele desvia quando Ivan chama sua atenção.

— E você, Arcane, querida? — Atena toca minha mão percebendo que estou trêmula. Pisco algumas vezes olhando para seus olhos verdes. — Não deu nenhuma palavra desde que nos reunimos, não está gostando do jantar?

Limpo a garganta. Ainda sinto os olhos sombrios de Yuri sob mim. Balanço os ombros para tirar essa impressão da minha cabeça e me forço a responder Atena.

— Acho que não tenho muito o que falar. — Sussurro. — Não tenho muitas experiências como vocês.

— Ora, então me diga qual a desculpa que você diz para as pessoas que perguntam por onde esteve nesses últimos anos? — Não consigo perceber malícia ou cinismo em seu tom de voz, parece uma pergunta genuína. Encaro minhas mãos por alguns segundos.

— Não digo nada, senhora. — Sorrio de lado. — Eles ficam ocupados demais falando pelos cotovelos e esquecem de me ouvir. — Comento risonha. — Mas, com certeza, diria a verdade para ver o medo nos olhos deles.

— Arcane! — Melissa reclama, me encarando de olhos arregalados. Nimue ri, engasgando com sua bebida.

— Desculpa. — Fico envergonhada. Atena gargalha. — Não era para falar assim? — Encaro o rosto de cada uma esperando alguma resposta.

— Está tudo bem. — Atena sorri, afagando meu ombro. Então Melissa não resiste e começa a gargalhar. — Eu me lembro de você quando mais nova, era tão linda e tímida.

— Não sou agora? — Provoco, na tentativa de manter o bom humor entre nós. Melissa ri, se inclinando para sussurrar com Nimue.

— Você é sim, mas de um jeito que assusta muito. — Comenta, beliscando sua comida.

Aperto os olhos para elas. As duas estão gargalhando porque sabem que de tímida não tinha nada.

— Eu acho fofo. — Nimue comenta. — Você vivia em meu colo querendo que eu colocasse comida na sua boca, com uma cara muito

rabugenta.

— *Panoúkla*[4]. — Resmungo baixinho.

Sorrio nostálgica, relembrando de bons momentos travessos ao lado das minhas irmãs.

— Mas as coisas mudaram muito. — Comento mais baixo, engolindo em seco. — Agora sou a melhor entre vocês. — Balanço a cabeça em negação, lhes lançando um sorriso brando.

Apoio as mãos no queixo voltando a minha atenção para Atena.

— Atena, no primeiro evento que estive desde que retornei, eu disse para uma senhora que estava morando com minha tia distante, mas fui expulsa depois de flagra-la fazendo sexo com dois caras. — Comento.

Atena engasga. Minhas irmãs começam a dar risada de como fiz a mulher ficar vermelha.

— Você reagiu igual ela. — Suspiro. — Fascinante. Vou contar essa mentira mais vezes.

O vinho me deixa mais solta e divertida. Observo elas rindo com bochechas vermelhas. Isso faz meu coração bater mais forte.

— Você é louca. — Atena continua gargalhando.

Sinto que ainda estou sendo observada por Yuri, e quando percebo, ele está caminhando na nossa direção seguindo Ivan. Suas mãos estão em seu bolso quando encara cada uma de nós. Tem um brilho indecifrável em seu rosto.

Há maldade, mas também há vazio e uma fagulha mais pura, porém, ainda insuficiente ao ponto de não conseguir compreender esse homem e muito menos amá-lo.

— Isso me faz pensar. — Volto a falar, ignorando-o. — As mentiras e segredos são tão fáceis de serem mascarados, posso dizer qualquer coisa para esse povo que vão aceitar como a verdade. — Dou mais um gole no meu vinho.

— Concordo com Arcane. — Atena comenta educadamente. — Uma mulher precisa ser bastante esperta para conseguir sobreviver intacta.

O assunto morre quando Ivan beija a lateral do rosto de Atena, a surpreendendo. Yuri está parado bem atrás deles assistindo tudo com indiferença.

— Chamei Yuri para jogar sinuca. — O velho fala.

— Depois vamos para casa. — Atena balança a cabeça em concordância. — Já está tarde e preciso ver o Ajax.

Yuri lança um último olhar para nós, então vira as costas como se fôssemos um fardo que não pode dar fim.

Voltamos a conversar e rir alto. Tão confortável que me sinto nas nuvens.

— Faz tanto tempo que não me divirto assim. — Nimue comenta ao limpar a garganta.

Meu peito aquece em contentamento. Se a liberdade tem esse gostinho bom. Quero-a para sempre.

Alguns dias se passaram desde que Atena e Ivan Somáli jantaram conosco, não sei quais assuntos os dois homens trataram no escritório, mas no momento em que saíram, o casal foi embora rapidamente.

A noite serviu para fortalecer nossa amizade com Atena, e depois disso, ela convidou minhas irmãs para chás e compras enquanto a acompanhava fazendo a maldita segurança. Tenho minhas dúvidas de que fizeram isso apenas para me mostrar um pouco do mundo onde vivemos. Mas odeio fazer compras, foi muito tedioso ter que aguentar elas conversando por horas sobre o mesmo assunto.

— Sobre o que Ivan e Yuri estavam conversando naquela noite? — Pergunto para Atena quando finalmente retornamos à mansão. O céu já está escuro, deixamos Melissa e Nimue em casa faz poucos minutos.

Me encolho dentro do sobretudo. Afundo minhas botas na poça de lama sem nenhuma delicadeza e balanço o pé para tirar o excesso.

— Que coisa monstruosa. — Reclamo.

Não esperava que Atena fosse me responder, mas ela para de andar e fica lado a lado comigo. Conserto minha postura quando enlaça seu braço

no meu.

— Estavam falando sobre as ameaças de uma gangue. — Comenta baixinho. — São rivais. Há anos querem tomar o poder da nossa família. — Seus olhos piscam, como se isso a deixasse uma pilha de nervos. — Apesar das ruas de Atenas serem muito turísticas e atrativas, quando a noite cai, tudo se torna uma guerra.

Estou completamente alheia a esse fato, é incrível o que cinco anos dentro da prisão podem fazer.

— Como vocês fazem para controlar a situação? — Pergunto mais baixo.

— Os meus filhos são encarregados dessa parte. Rajá e Ajax são os que vão a fundo nas brigas, eliminando vários inimigos e armando emboscadas. Mas estão revidando.

Suspiro, sentindo o fôlego sufocar meus pulmões. Um trovão brame nos céus e vários pingos de chuva começam a nos molhar.

— Então, nesse caso, é melhor entrarmos. — Comento, apontando para a grande mansão iluminada. — Já é noite, Atena.

Balbucio com firmeza para dispersar meus pensamentos e curiosidade sobre essas brigas. Não é da minha conta, certo? Minha única função é manter Atena segura.

Depois de me despedir dela e ajudar com suas sacolas, saio para fora da casa em meio a chuva que começa a aumentar. Encolho meus ombros quando um trovão explode nos céus, forte ao ponto de toda a escuridão ser iluminada com tremores de luz.

— Formem fila, rapazes. — Engulo meu medo e começo a organizar a guarda, contando cada homem e dividindo a munição entre eles.

— Obrigada, Arcane. — Um deles fala. Meus lábios tremem de frio e minhas roupas estão empapadas de água.

Começo a dar ordens de qual posição devem tomar para fazer uma boa vigília, então escolho quem vai trocar de turno quando a madrugada cair.

— Arcane! Senhorita! — Minha postura fica rígida quando um dos homens vem correndo até mim.

Encaro ele de cima a baixo. O pobre parece tão perturbado que meus olhos engrandecem. Seu corpo estremece entre respirações eufóricas.

— Estou aqui. — Já estava reunindo minhas coisas para ir embora, mas largo a bolsa no carro.

Seu comportamento fica cada vez mais instável. Parece prestes a gritar ou ajoelhar implorando por ajuda.

— Há um cadáver jogado no portão dos fundos... — Seu rosto está pálido, quase amarelado.

— Muito ruim, é? — Faço uma careta de surpresa e agonia. Não sou muito boa em lidar com mortes brutais.

— Meu Deus. Sim. — Leva as mãos aos lábios como se fosse vomitar a qualquer momento e me afasto por reflexo.

Agarrando o homem pelo colarinho e fazendo-o andar ao meu lado.

— Onde está sua arma? — Questiono. Ele é só um garoto, deve ser estar iniciando agora.

— Meu pai ainda não me deu uma, estou apenas cobrindo ele, pois teve que acompanhar o descarregamento de hoje. — Se explica em meio aos passos apressados.

— Tudo bem. Fique atrás de mim.

Caminhamos em direção aos fundos, onde ele apontou que tem o tal cadáver. Quando nos aproximamos, vejo alguns homens dando ordens. Suas bocas batem com firmeza em meio aos trovões horripilantes.

— Com licença! — Empurro alguns homens, deixando o garoto para trás e avançando até enxergar o mesmo que eles.

Fico em choque imediatamente. Meu coração parece ter sido apunhalado por um pedaço de gelo.

— Cacete! — Há um cadáver destroçado sob as barras de ferro.

Sua carne foi penetrada pelas grades do portão alto. O corpo sangra como se estivesse chovendo. A mancha vermelha desliza junto com a chuva, e mesmo assim ainda consigo ver a tonalidade mais viva. Ele está completamente perfurado pelas grades.

— Vamos precisar cortar em pedacinhos para retirá-lo dali. — Um dos homens fala ao meu lado.

Encaro-o com uma expressão sombria. Dou passos para trás, sentindo meu estômago embrulhado quando um dos homens pega um pedaço de madeira e empurra contra o corpo.

— Jesus Cristo! — A barriga do homem está completamente aberta, com seus membros esfarelando para fora do corpo. — Deixe isso!

— Não é apenas isso. — O rapaz me puxa, apontando para o outro lado.

Ali a chuva não consegue molhar. A parede branca está marcada pelo sangue do cadáver.

"Estou de volta. Não haverá paz."

É o que está escrito.

Olho para a casa, procuro saber se toda essa confusão já atingiu os ouvidos de quem está lá dentro, mas não há ninguém da família aqui fora.

— O homem era um dos nossos. — Confirmam.

— Como isso aconteceu? — Aponto para o garoto. — Era para ter homens aqui!

— Foi durante a divisão, senhora. — Um homem rechonchudo fala, defendendo o garoto que não tem culpa de nada.

Avanço na direção desse homem e ele arqueja quando agarro seu pescoço, rosnando agressivamente.

— Você é o responsável pela segurança?

— Recebi uma ligação de última hora e tive que sair. Achei que estava tudo bem. — Gagueja, tentando se livrar do meu aperto. — Não esperava por isso.

— Como pode ser tão burro? Isso é uma brincadeira? — Vocifero. O homem engasga sem som. — Ivan vai arrancar sua cabeça quando souber o que aconteceu aqui. — Aponto. — Bem debaixo do teto dele.

Os outros estão completamente tensos enquanto assistem. Meus olhos estão cegos quando percebo o homem ficando vermelho à medida que aperto mais firme.

Quando seus olhos começam a pesar, percebo que estou matando-o. Porra, isso deve estar doendo tanto.

Largo seu corpo quando minha vista escurece. Eu não queria causar isso. Ele cai aos meus pés, engasgando alto e procurando se recompor no chão.

— Você está bem? — Dou passos para trás, encarando toda a confusão.

— Me desculpe. — Balança a mão vermelha.

Eu quem deveria pedir. A culpa aperta meu peito e minha respiração acelera. Resmungo algumas palavras, mas elas saem trêmulas demais.

— Apenas dobrem a segurança imediatamente. — Arquejo.

— Sim, senhora. — Respondem.

Começo a andar pelo jardim. Minhas mãos ainda estão trêmulas. Cada passo faz cair respingos de água acumulada em minhas roupas. Se pudesse, sairia correndo agora e me trancaria em algum banheiro até esse tremor passar.

Meus punhos estão apertados, encaro o relógio na parede percebendo que já passa da meia noite. Abro algumas portas, procurando me esconder e ficar calma. Mas tudo que encontro é uma sala vazia e escura.

Paro abruptamente quando ouço gemidos muito altos vindo do lado oposto.

— O que é isso? — Suspiro, apertando os olhos.

Retiro a arma do coldre e caminho em passos calculados. A cada momento, os gemidos se tornam mais altos e ferozes, percebo que são mais de um.

O que está acontecendo?

Devo dar meia volta e deixar que as pessoas daqui lidem com isso, mas sou empurrada com firmeza pela minha curiosidade, e quando estou perto o suficiente, percebo que o som é de prazer.

Antes que possa dar as costas, tenho o vislumbre de dois homens fortes com duas mulheres em cima deles.

Puta merda. Estão tão envolvidos nesse sentimento de prazer que esqueceram de fechar a porta. Os sons parecem balançar as paredes em meio a tanta intensidade.

— Ah, porra. — Gemem. — Assim, querida. Isso.

Minhas bochechas ficam vermelhas ao deduzir quem são eles. Caminho para trás completamente constrangida.

São Kalon e Rajá, dois irmãos entre um emaranhado de corpos nus, gemidos e arquejos prazerosos.

Preciso sair daqui o mais rápido possível. No momento em que avanço para ir, esbarro em um jarro. A escultura cara enfeita o corredor e não percebi.

Seguro a peça antes que se parta no chão. Arquejo de alívio e aperto os olhos, balançando a cabeça em negação.

Se eles me pegam aqui, estou acabada.

Um suspiro pela metade vem do quarto. Levanto a cabeça temendo que tenham me descoberto. Um par de olhos verdes me observam tão furioso que fico zonza.

— Meu Deus… — Meu coração está prestes a sair para fora.

Não movimento nenhum músculo quando os olhos selvagens de Kalon vasculham o meu rosto com atenção. Sua respiração fica irregular, sua expressão de prazer aumenta quando retira seu pau de dentro da mulher e tem um orgasmo na minha frente, fazendo meu corpo queimar ao ponto de arder.

Sua pele tatuada brilha em meio a pouca luz. Muito atraente, e profano demais para que eu diga em voz alta.

— Porra, garota. — Sua voz selvagem agride meu corpo. Esperava tudo, menos isso.

Desvio os olhos quando sinto meu corpo esquentar em lugares que não devia. Começo a andar, mas ouço ele falar algo.

— Espera! — Diz novamente.

Tenho certeza que está falando comigo. Olho por cima do ombro no momento em que pega sua arma e atira na cabeça da mulher.

— Meu Deus!! — A outra, que está com Rajá, grita alto vendo sua amiga caída no chão.

— Porra, Kalon. — Rajá reclama, empurrando a mulher viva e escandalosa para longe. — Por que fez isso?

— Ela não me fez gozar. — O homem resmunga, encarando o chão onde a prostituta está sangrando. — Outra pessoa fez.

Nesse momento, quando seus olhos me procuram, entendo que o melhor que faço é correr para longe e me trancar em algum lugar.

Viro o outro corredor e aperto os olhos para me livrar do que está em minha cabeça. Aqueles olhos me analisando, a forma como gozou olhando para meu rosto.

Vejo minha salvação ao encontrar o escritório de Ivan e não penso muito quando abro a porta com tudo.

— Ivan Somáli! — Chamo depressa.

— Porra do caralho! — O homem dá um pulo. — O que está acontecendo?

Minha garganta fica seca. O que devo dizer, que vi seus filhos em uma orgia? Balanço a cabeça para me recompor, ainda evitando seu olhar.

— Você está pálida, por que não senta? — Aponta para a cadeira na sua frente.

Levanto a cabeça. O homem está fumando cigarro e lendo um livro. Pelo menos não está nu. O alívio me invade.

— Tudo bem, menina? — Seus dedos deslizam por sua barba quando engole um bocejo demorado. — Quer um gole? — O velho se inclina para pegar o copo de whisky pela metade.

— Não. — Respondo firmemente. — Não quero. — Meus olhos não se desviam dos seus.

— Não? — O homem me lança um olhar raivoso.

— Preciso que veja uma coisa.

— Que seja algo realmente importante. — Fala em um tom grotesco.

— Há uma espécie de recado para você e sua família nos portões. — Digo sem muita cerimônia.

— Porra. — O homem se ergue com agressividade.

Parece estar prestes a dizer algo, mas apenas passa por mim como um raio. Suspiro, encarando o escritório vazio.

— Víbora. — Me remexo, girando em meus pés para acompanhar o velho irritante.

Quando finalmente o acompanho, entramos na área em que os homens estão agitados procurando uma maneira de arrancar o cadáver das grades.

— Deus do céu! — O aviso de sangue está sendo limpado, Ivan encara tudo com superficialidade.

— Algum inimigo em específico? — Me posiciono ao seu lado.

— Talvez. — Agarra seu telefone, começa a gritar ordens e ameaças brutais.

As horas passam. Ele termina por volta das uma e meia. Caminho em sua direção quando ele vem ao meu encontro.

— Liguei para seu pai, deve ir para casa. — Seu tom de voz é firme e indiferente. — Suas irmãs te esperam.

Anuo com a cabeça, então começo a andar antes que mude de ideia. Não questiono absolutamente nada quando atravesso o jardim procurando pelo motorista que está me esperando.

— Que inferno. — Tiro o sobretudo do meu corpo e atiro-o ao meu lado.

A curiosidade aperta minha garganta quando olho pela janela. O que acabou de acontecer aqui? Esse crime parece pessoal demais.

06. HOMEM AMALDIÇOADO

“Na verdade, somos uma só alma, você e eu. Nos mostramos, e nos escondemos. Você em mim, eu em você. Eis aqui o sentido profundo da minha relação contigo, Porque não existe, entre você e eu, nem eu, nem você.”

— RUMI.

Kalon Somáli

— Desde que o mundo é mundo, os seres humanos traem tudo que amam. E ficamos só assistindo a isso. — O som da minha voz reverbera pela sala espaçosa e vazia.

Encaro as janelas, ainda está chovendo lá fora. O dia parece que vai começar cansativo demais. Volto a minha atenção para o livro e continuo lendo em voz alta.

— Esperávamos que vocês entendessem. — Sussurro com um sorriso astuto. *— Porque a terra não é de vocês humanos. A terra não é só de vocês.* — Minha voz grave chicoteia pelas paredes.

Afundo na poltrona e cruzo as pernas. Meu peito sobe e desce em uma respiração pesada.

— *Foi o que a rainha das serpentes falou há milhares de anos.* — A porta é aberta bruscamente e vejo Kol entrar.

Ele está molhado pela chuva, seus ombros balançam com agressividade quando joga um saco no chão. A mancha de sangue se espalha pelo tapete branco e peludo.

— Esse aí é o favorito da mamãe. — Comento casualmente, voltando a encarar o livro.

— É sério? O mundo está desabando em chuva e... — Chuta com firmeza o saco preto.

O som é oco e trinco os dentes sentindo meu estômago se revirar. *Porra, logo cedo?*

— E em sangue! — Completa em um rosnado. — E está aí sentado, lendo a porra de um livro?

Levo o dedo indicador aos lábios fazendo o sinal universal do *shh*. Então, volto a encarar as últimas palavras do poema.

— *Será que a terra é um lugar melhor sem os humanos? Será que a humanidade é sempre o destruidor, sempre o traidor? Ou ainda nos resta esperança?* — Finalizo a leitura quando vejo que ele não vai parar de me encarar.

— Por que trouxe uma cabeça para a nossa sala? — Encaro o saco no chão. — E por que ela ainda está sangrando no maldito tapete?

— Bom dia, Kalon. — Meu irmão fala em um resmungo completamente selvagem. — Não sabia que era tão doméstico ao ponto de se preocupar com um tapete. — Sibila, esfregando as botas sujas de propósito.

— Fala sério, seu seboso. — Encaro toda a sujeira.

— O que eu deveria fazer? — Abre os braços. — Pegar um balde?

— Não seja tão chato! — Encaro meu livro. — Hoje é um dia maravilhoso, está chovendo.

— O que há de tão bom na chuva? — Arranca seu sobretudo molhado e atira no chão. — Por acaso virou dono de alguma plantação?.

Perco a paciência quando ele faz barulho ao revirar uma bandeja até encontrar a bebida que quer.

— Qual seu problema, Kol Davut? — Abro os braços em rendição.

Primeiro ele vira a bebida em goles ardentes, depois atira o copo na bandeja, produzindo um barulho estilhaçado.

— Não me chame de Davut, seu merdinha. — Aponta autoritário. — Vou arrancar sua língua, seus olhos e seu p…

— Kol Somali. — Interrompo as ameaças. — Perdão.

— Meu problema é que tive que perseguir o miserável até debaixo da ponte completamente suja e podre. — Esfrega o cavanhaque, e aponta para a cabeça sangrando no tapete.

— Que chocante. — Estalo a língua.

— Quer ouvir a parte que tive que arrancar a cabeça dele? — Sibila. — Garanto que vai dispensar seu café da manhã.

— Não quero. — Deslizo os dedos sob a têmpora. — Posso até imaginar o quanto foi sangrento.

— Que bom. — Cruza os braços. — Porque foi difícil pra caralho.

Apoia sua perna na mesa que está do outro lado e inclina a cabeça para trás, suspirando de exaustão.

— Quem mandou matar o homem? — Torço os lábios.

— Foi seu paizinho de merda. — Balança os ombros. — E não foi o único que andei matando desde às cinco da manhã. Mas o velho pediu a cabeça, e a mão direita, desse aí.

— Que pecado sujar uma roupa cara com esse tipo de coisa. — Lamento.

— Foi muito difícil conseguir desmembrar cada um deles, queimar, me livrar do sangue e arrastar esse saco sangrento até em casa. — Continua desabafando.

Soube do que aconteceu ontem a noite por ligação, nosso pai resolveu informar depois de uma longa noite investigando. Mas ao que vejo, também está dando ordens para Kol agir por ele.

— Você é descontrolado. — Reprovo. Apenas uma noite e Kol fez o terror dançar pelas ruas de Atenas como se fosse o diabo encarnado.

— Sabe o que acho engraçado? — Intervém. — Que nossos inimigos resolveram ficar agitados e agressivos logo quando Rajá retornou da Turquia.

Ele aponta o dedo na minha direção como se eu, seu irmãozinho caçula, soubesse de alguma coisa.

— O que Rajá ou os turcos têm a ver com isso? — Questiono, sem compreender a acusação.

— Não sei, me diga você. Normalmente, eu sou o filho desgarrado, aquele que não compartilham nada. — Seus lábios se repuxam em desprezo.

— Tô te achando muito depressivo, isso é porque não foi convidado para a orgia? — Provoco.

— Pare com suas gracinhas e me respeite, garoto. — Rosna impaciente.

—Posso garantir que o que está acontecendo não é por causa do Rajá. — Balanço a cabeça.

— Então sabe o que está acontecendo? — Avança.

— Sim, mas não é do seu interesse. — Fico em pé. — Se não acredita em mim, devia ligar para Salih e perguntar o que nosso irmão andava fazendo na cidade dele.

— Sugiro que mude a forma como se dirige a mim, Kalon. — Avança. — Só porque está ocupando temporariamente o lugar de chefe, não significa que deve me tratar como seu inferior.

— Se bem me lembro, você disse ao papai que eu podia assumir a Alkyóna no lugar do Rajá. — Balanço a cabeça.

— Tô começando a me arrepender. — Resmunga. — Lembre-se que sou seu irmão mais velho e ainda me deve respeito.

Nosso pai mal nos deu o poder para governar a Alkyóna e esse miserável já está mostrando as garras.

— Você concordou que eu assumisse. — Rebato. — Vai ter que me engolir até a próxima reunião com a cúpula.

— Atenas é tão minha quanto do Rajá. — Aponta o dedo com autoridade. — Seus domínios são as ilhas turcas, Kalon, não aqui. — Logo

avança como um animal raivoso. — É só questão de tempo até que eu pegue de volta o que me pertence.

— Não entendo porque é tão obcecado por isso em específico. Não quer a Alkyóna, mas saliva pelo território. — Aperto os olhos em sua direção. — O que se passa na sua cabecinha?

— Não é da sua conta. — Infla o peito e encerra nossa treta com um gole de whisky puro.

— Vou descobrir. — Sussurro. — Cedo ou tarde.

— Você gosta de poesia, não é? — Desliza o dedo pela borda do copo. — Tenho duas, uma sobre você e outra sobre mim.

— Você tem cinco minutos para dizê-las. — Balanço a cabeça. — Não é qualquer poeta que me agrada ou preenche meu coração.

— *Essa cidade tem medo de mim. Eu vi a sua face.* — Kol sussurra com sua voz grave e insensível.

Me observa com atenção enquanto seus lábios enganadores proferem essas palavras como se fosse um deus.

— *As ruas são sarjetas dilatadas e estão cheias de sangue. E quando os bueiros finalmente transbordarem...* — Faz uma pausa, caminhando até o saco onde a cabeça está sangrando.

Faço uma careta quando ele exibe o rosto do homem morto. Empalideço ao reconhecer nosso tio. Tem um T de traidor em sua testa.

— Que porra é essa, Kol? — Aperto os lábios.

— *Todos os vermes vão se afogar.* — O infeliz dá risada. — *Lá embaixo, esta cidade horrível, grita como um matadouro cheio de crianças retardadas.*

Joga a cabeça no chão que começa a girar. Meu pai nunca se deu bem com sua família. E de alguma forma, nós, os seus filhos, somos iguais. Mas nunca imaginei que mandaria Kol matar um dos seus irmãos.

O choque dura apenas alguns segundos, logo interrompo o percurso da cabeça desmembrada, apertando-a com a sola do sapato. Encaro os olhos esbugalhados do homem, a boca aberta exibindo os dentes de ouro.

— *E a noite fede à fornicação e consciências imundas.* —Seus olhos azuis não se desviam dos meus.

— Detestei sua poesia. — Sorrio complacente e chuto a cabeça de volta como se estivéssemos brincando.

Kol a recebe com o pé e pisa ao ponto de esmagar, quase dividindo a cabeça em dois, causando uma enorme sujeira sangrenta.

—Não acredito que matou nosso tio. — Sibilo.

— Ninguém vai saber. — Balança a cabeça. — Dei um jeito de colocar aquela família na palma da nossa mão.

— Por que? — Faço uma careta. — O que está tramando com nosso pai? Por que isso agora?

— Eles sempre acreditaram que são melhores que nós porque papai se casou com uma cigana. — Cruza os braços. — Estou provando que essa família tem mais escrúpulos que eles.

— Não acredito que matou nosso tio para satisfazer o ego do nosso pai, e não porque tem envolvimento com o atentado de ontem. — Me ergo raivosamente. — Um homem foi estripado nos portões da nossa casa e estão mais preocupados com uma briga de família?

— Seu defeito é que não consegue ser visionário, Kalon. — Sorri largo, virando lentamente para me encarar. — Ele estava no topo da minha lista de suspeitos.

— Para você, até uma mosca é suspeita. — Debocho, não dando bola para sua opinião.

— Uraz sempre deixou claro que odeia nossa mãe, se o atentado de ontem foi uma espécie de ameaça tramada por ele, agora estão tremendo de medo porque o homem vai sumir do mapa. — Abre os braços contemplativo. — Sobra espaço para em uma semana eu investigar tudo que está por trás disso, me aguarde.

— Você é louco. — Solto uma risadinha atrevida. — Mas lamento informar que estou na sua frente em relação a isso.

Começo a me afastar, porém, lembro de uma coisa e retorno.

— Inclusive, já vi esse filme que citou. — Me refiro à poesia. — Da próxima vez tente uma coisa menos óbvia para me intimidar.

— Pelo menos você tem bom gosto. — Dá risada.

Dou as costas para ele, saindo dessa sala calmamente. Visto a jaqueta preta e meus passos se cruzam com os de outra pessoa.

— Cuidado por onde anda! — Resmungo quando meu ombro lateja com o impacto.

Minhas palavras morrem e meu sorriso se alarga. Bem na minha frente está a mulher que tirei daquele hospício. Kol tem razão, tenho muito bom gosto. Faz tempo que venho querendo vê-la desde que começou a trabalhar nessa mansão, mas Arcane é muito sorrateira.

— Um colírio para meus olhos. — Trago a mão ao peito dramaticamente. — Só não consigo lembrar de onde conheço você…

Aperto os olhos em uma expressão fingida, relembrando de ontem a noite quando percebi que ela estava me observando em um momento muito inapropriado.

Nada sai da sua boca. Ela mantém seu queixo erguido e vejo raiva consumindo suas orbes. Tem gotas de suor na sua têmpora, suponho que tenha acabado de sair de um treino. E pela respiração ofegante, deve estar em um dia ruim.

— Não vai falar comigo? — Pergunto, afundando as mãos no meu bolso e relaxando.

Estamos tão perto que consigo sentir seu cheiro delicioso. Arcane é uma mulher forte apesar da baixa estatura e do corpo esguio. Adoraria empurrar seu corpo contra a parede e sentir cada pedaço da sua pele.

— A senhorita está no meu caminho. — Me meto na sua frente quando ela tenta ir embora.

— Não, o senhor está no meu. — Rebate.

— Sou mais velho que você, três anos. — Aperto os lábios. — Não sou um senhor.

— Pouco me importa. — Balança os ombros.

Nossa, essa mulher é, definitivamente, o meu tipo. Quase explodo em uma gargalhada cheia de adoração ao seu comportamento.

Ela me encara de cima a baixo como se estivesse planejando minha morte. Suas narinas dilatam e os lábios se apertam. *Caralho*. Até mesmo isso é atraente.

— Vai ficar me encarando até quando? — Inclino meu rosto em sua direção, minhas mãos ainda estão nos bolsos.

— Está tentando me intimidar com esse olhar de macho alfa? — Ergue o queixo. Seus olhos brilham com uma fúria que quero reivindicar com um beijo.

— Talvez. — Inclino a cabeça para o lado. — Ou talvez seja apenas um flerte.

Essa é a vez dela prender o riso. Acho fascinante como seus lábios se curvam.

— Lamento, meu bem, mas isso não funciona comigo. — Balança a cabeça.

Isso é divertido. Adoro esse joguinho de quem é mais durão. Estou muito confortável porque a conheço muito bem. É muito satisfatório saber que Arcane não é tão ingênua quanto aparenta.

— Você sabe quem eu sou, e que te vi na noite passada, não se sente ameaçada? — Analiso-a com mais calma. — Talvez eu esteja aqui para te silenciar.

— Você não tem o poder de me intimidar. — Dá de ombros — Nem de fazer nada comigo.

Produzo um resmungo satisfeito. Essa mulher não tem ideia do que fiz por ela, ou o motivo. E estará vivendo mais feliz e forte enquanto permanecer alheia a tudo isso.

— Tem razão. — Arcane parece um problema prazeroso de lidar.

É um inferno que eu esteja atrasado, mas vou amar esbarrar nela qualquer dia. Agora que essa mulher está dentro da minha casa, tudo pode acontecer.

— Tenha um bom dia. — Aceno educadamente.

Quando estou prestes a virar o corredor, olho por cima do ombro. Ela está me observando primeiro. Tem um sorriso atrevido nos seus lábios, mas sua atenção se desvia quando me inspeciona por tempo demais.

Esculpida pelos deuses, lapidada para ser uma assassina cruel. Foi jogada naquele lugar aos quinze anos e conseguiu sobreviver como uma besta selvagem. Está claro que essa mulher é um furacão. Mas não consigo me desfazer da impressão agradável do brilho inocente e curioso em seus olhos. Linda demais.

Depois de um tempo dirigindo, chego ao lugar que havia marcado com meu amigo advogado. Altan é um ótimo investigador particular quando se trata de crimes.

Seu nome sempre é citado em reuniões de negócios importantes. Os serviços do homem são extraordinários.

— *Merhaba*[5], como vão as coisas, *abicim*[6]? — Questiono com um largo sorriso ao sentar ao seu lado.

Ele sorri com entusiasmo e me entrega uma xícara de café.

— *Günaydın*[7], tenho algumas novidades que vai gostar, *patron*. — Abre sua maleta e desliza algumas fotos pela mesa. — Estive investigando o atentado de ontem e descobri mais coisas do que esperava em tão pouco tempo.

— Sério?— Encaro surpreso.

— *Aynen! Aynen!*[8] — Gesticula completamente orgulhoso do seu feito. — Primeiro, agora está claro que eles são os principais suspeitos de estarem por trás de todas as ameaças.

Altan coça sua barba e coloca mais fotos sobre a mesa. Encaro um garoto tatuado e de aparência desleixada. As imagens são da câmera de segurança junto com fotos do dia do atentado.

— *Buna bak*[9], ele é filho do ex-amigo do seu pai, conseguimos reconhecê-lo mas não sabemos por onde anda atualmente. — Aponta. — Essa foto é de dois anos atrás.

— Parece que pai e filho são farinhas do mesmo saco. — Respiro pesadamente, depois solto um palavrão.

Meu dia acaba de ficar péssimo. Raiva se revira dentro de mim ao reconhecer o rapaz, anos atrás já o vi circulando em bares e boates que gerenciamos.

— Se ele é o culpado, devemos saber do seu paradeiro e fazer justiça. — Dou um gole no café amargo. — Mas quero que faça outra coisa para mim.

— O que? — Altan se inclina para susssurrar.

— Hoje meu irmão trouxe a cabeça do nosso tio. — Comento. — Inventou uma desculpa sobre ele ser suspeito do atentado, mas agora está na cara que não. — Aponto para as provas na mesa. — Descubra o que Kol está tramando, mas apague todos os vestígios sobre o que descobriu para mim, inclusive as filmagens da mansão.

— Você tem certeza? — Altan parece confuso.

— Sim, eu tenho. — Balanço a cabeça. — E tente encontrar nosso alvo o mais rápido possível. Vou cuidar do resto.

07. CASAMENTO

“Para além das ideias de certo e errado, existe um campo. Eu me encontrarei com você lá.”

— RUMI.

Arcane Planard

— Como você está, Ane? — Sussurra ao pé da porta como um fantasma que vem me vigiando há anos.

Sua voz é baixa e exausta, mas ainda me surpreendo. Quando ergo meu olhar, ela silenciosamente caminha em minha direção.

— Se você não estivesse trepando com qualquer cretino que aparece, não precisaria fazer essa pergunta. —Rosno.

Fui deixada sozinha nos últimos dias, me forçaram a matar pessoas que Nikoleta devia matar, não eu. Tudo porque ela se apaixonou por um idiota e parou de treinar ao lado da única amiga que fez. Ela virou as costas sem sequer me dar uma explicação.

Me ergo para tomar banho, já não suporto o cheiro de sangue seco que está impregnado em minhas roupas. Hoje foi o dia em que mais fui torturada dentro do ringue de luta.

— Eles me machucaram. — Encaro ela. — Não consegui lutar por muito tempo. — Aponto em sua direção. — Não imagina o quanto foi injusto apanhar sozinha de dois caras enormes enquanto minha melhor amiga fazia coisas mais importantes.

Minha voz se torna mais quebrada à medida que a raiva queima dentro de mim.

— Eu não podia ir... — Começa a falar, mas ergo a mão a silenciando.

— Você me abandonou! — Grito. — Me deixou sozinha na porra de uma jaula na qual deveríamos lutar juntas. Foi como decidiram que seria, mas só porque começou a trepar com um agente de merda, você ficou egoísta. — Aponto para meu peito. — Como pôde ter esquecido de mim, Nikoleta?

Ainda posso ouvir meus ossos rangendo de dor com cada chibatada que ganhei. Minha pele arde e está completamente esfolada. Tem sangue por toda parte.

— O mundo não gira em torno de você.— Fala alto, me encarando.

Gargalho sem humor algum.

— Somos obrigadas a fazer isso. — Caminho em sua direção. — Nós não temos escolha. Você me deixou sozinha porque perdeu a cabeça trepando com um cara? Tudo bem, pode fazer isso, mas e quanto a porra desse jogo de sobrevivência?

— Você se saiu bem, apanhou mas também bateu.— Ela caminha em minha direção. — O agente disse que não preciso continuar participando dessas lutas obrigatórias. — Seu olhar brilha com frieza. — Nesse caso, você vai ficar bem lutando sozinha. Não precisamos uma da outra.

Me afasto dela porque aparentemente estou sendo usada esse tempo inteiro. Dou as costas, abrindo a porta do banheiro.

— Pelo visto, nossa amizade acaba aqui. — Respondo. A frieza acertando meu peito com poder. — Vou continuar sozinha, mesmo

apanhando. Em algum momento garantirei a minha saída desse inferno.

— Você é muito neurótica. Acha mesmo que vai sair daqui?— Ela anda atrás de mim. — Acorda, Arcane! A única saída é a morte! Para seu próprio bem, dê um jeito de se tornar mais forte para sobreviver por, pelo menos, mais uns anos!

— Saia daqui. — Ela é tão cruel que trinco os dentes, contendo a raiva.

— Não vou sair! — Rebate. — Esse quarto de merda também é meu.

Balanço a cabeça em negação, rindo incrédula. Não acredito que agora vamos iniciar uma discussão a esse nível. Aperto os olhos com cansaço.

— Que seja, Niko. — Minhas costas estão rígidas pela tensão. — Não me importo que fique aqui, contanto que não fale comigo novamente. Aproveitadora do caralho.

Ela rosna, caminhando atrás de mim. Fecho meus punhos temendo acertar seu rosto. A raiva me corrói.

— Você se acha muito importante, não é, Arcane? — Cospe as palavras. — Olha, talvez essas surras sirvam para você aprender seu lugar.

— Você ainda debocha? — Eu me viro em sua direção. — Pelo visto anda tendo muitos privilégios para se sentir no direito de encher a boca para desferir piadinhas. Eu sou espancada e torturada todos os dias e estou adoecendo com esse treinamento sádico! Sou obrigada a matar pessoas, a beber remédios amargos e ficar nua na frente de médicos nojentos que não se importam de estarem me machucando na hora de aplicar tantos remédios em minhas veias ao ponto de me deixar fraca.

— Se fosse tão boazinha e inocente, não estaria aqui dentro. — Ela sacode a cabeça. — Talvez você mereça tudo isso.

— Não tenho culpa de ter queimado aquela mulher! — Esbravejo. — Eu era uma criança, não foi minha culpa! Estou aqui por causa de um erro! Só quero ir para casa e ver minhas irmãs! Essa vida está me deixando doente!

Meu corpo está tremendo. Lágrimas quentes escorrem por minhas bochechas enquanto grito. Pela primeira vez, estou desabafando sobre o que aconteceu na minha casa.

— Queimou uma mulher, Arcane? — Nikoleta está rindo como uma sádica. — Não sabe o quanto esperei você confessar isso. — Fica de cócoras, me encarando sentada contra a parede do banheiro.

Empurro seu corpo para longe quando ela agarra meus cabelos. Nikoleta é mais forte, ela bate minha cabeça contra a parede e minha vista escurece.

— Essa amizade foi um erro. — Engasgo. — Dedicar meu tempo a você, achando que viria algo bom daqui, foi um erro!

— Ainda bem que sabe. — Cospe as palavras. — Pessoas como você não tem amigos. É incapaz.

Cubro meu rosto quando ela sai do banheiro e finalmente posso chorar. Meu coração está doendo, tudo está me sufocando.

Estava crente que foi embora, mas meu fôlego some quando ela retorna arrastando uma barra de ferro pelo chão.

— Achou que tinha acabado? — Estala a língua. enquanto arquejo, recuando para trás.

— Vai se foder, porra! —Vocifero. — Me deixe em paz!

— Estou esperando por isso há muito tempo. — Nikoleta suspira, seus olhos queimam de raiva. — Você é tão fraca e vulnerável que vai ser fácil matá-la.

— O que? — Não entendo o motivo dela estar agindo assim. — O que está dizendo?

— Você é uma Aberração que merece ser punida, criança. — Suas palavras me assustam.

Ergo as mãos na defensiva quando ela ergue a barra de ferro para me acertar. Tudo estremece quando sinto o impacto do ferro em meus dedos.

Ainda estou tentando me adaptar à vida fora daquele inferno. A noite é pior. Quando deito para dormir, é como se ainda estivesse dentro

daquele quarto apertado e as paredes gritassem. Preciso me acostumar com esse mundo ao meu redor.

— O que você entende sobre família, Arcane? — Atena pergunta, encarando meus olhos através do espelho.

Uma onda de calor desesperadora sobe pela minha coluna e respiro fundo, tentando me livrar das lembranças que rasgam meu cérebro com tanta facilidade que quero chorar.

— Perdão. — Finalmente encaro seus olhos. — O que dizia?

— Família. — Repete. — Que definição você daria para família?

— Por que está me perguntando isso? — Questiono, encolhendo os ombros.

— Penso que você sabe sobre isso melhor do que ninguém. A família é tudo, certo?

Resmungo descontente ao pensar que ela entrou nesse assunto quando começou a elogiar os filhos.

— A família é tudo, sim. Penso que se você não tem uma família ao seu redor, não é nada. — Dou de ombros. — Você não existe.

Era assim que eu me sentia longe das minhas irmãs. *Ninguém*. Vejo Atena sorrindo através do espelho.

— Gosto como nossos pensamentos são parecidos. — Esfrega o indicador no seu lábio superior.

— Você não é nada se não tem uma família atrás de você. Eles são como suas mãos, braços e pernas. — Caminho com calma, me apoiando contra a mesa perto de sua cabeceira. Encaro o teto e toda a decoração do quarto espaçoso. — Eles lutam por você, brigam e disparam. A família protege. E você também protege sua família.

Mas a minha concepção está quebrada, a minha família foi dividida de um jeito tão injusto que na minha cabeça há mais dúvidas do que certezas.

— Viu só? Dividimos os mesmos pensamentos. — Diz ao concordar com a cabeça. — Eu faria tudo pela minha família, e agora você faz parte dela.

Não. Sou apenas sua empregada. Mas não falo isso em voz alta, essa conversa está me deixando melancólica.

— Por que essa expressão tão dura, Arcane? — Atena me chama a atenção. —Não consegue relaxar?

Resmungo, limpando a garganta.

— Estava pensando no que disse. — Respondo. — Sobre ser parte da sua família.

Essa mulher não é igual às outras que conheço na Alkyóna. Atena sempre pensa no próximo, em deixar todos confortáveis. Também é uma boa ouvinte. Sua posição importante é muito mais que merecida.

— Mas você é. — Responde. — Yuri é como um irmão para Ivan, e vocês são como minhas filhas.

— Fofa. — Encaro-a com atenção, ela está arrumando seus cabelos diante do espelho. Seus lábios estão pintados em vermelho.

Posso ser ingênua por passar a vida atrás das grades e não ter experiências com outras pessoas, mas consigo enxergar que tem algo de errado aqui.

Desde que cheguei para trabalhar hoje cedo, não ouvi nada sobre o cadáver estripado nos portões da mansão, ou sobre a prostituta que aquele homem matou.

Durante o dia continuo acompanhando Atena em seus compromissos. Ela se comporta como se sua vida não estivesse sob ameaça, nem um mínimo comportamento que entregue seu medo ou receio. Tranquila demais.

— Arcane! — Chama meu nome de maneira insistente.

Seus olhos varrem minha expressão por breves segundos, então amolece.

— Em que mundo está? — Solta uma risada bonitinha.

— Estou me perguntando para o que a senhora está se arrumando. — Cruzo os braços.

— Vai ser um jantar importante. — Ergue o cabide com um belo vestido preto. Tem um decote chamativo e com certeza aperta em suas curvas como uma luva.

— Você ficaria linda com um conjunto de rock alternativo. — Comento divertida. — Sério, tem o corpo de uma modelo. É tão nova que nem parece ser mãe.

Atena é alta, tem um corpo de dar inveja e os cabelos loiros batendo na bunda. A melhor parte é o seu rosto. Gosto dessa aparência de mulher malvada que não leva desaforo pra casa, e ao mesmo tempo tem a classe de uma rainha.

— Rock alternativo? — Solta uma risada lisonjeada.

— Sim. — Balanço a cabeça. — Igual as que Melissa usa. Muitas celebridades turcas vestem. Vi ontem em uma revista de moda e estou obcecada.

— Incrível como cada filha tem o lado doidinho do Yuri. — Atena sorri largo. — Mas você tem razão, gosto de me vestir assim quando não tenho nenhum evento.

Vira o rosto para o espelho. Tenho certeza que ela está aí faz duas horas. Minha expressão muda para angústia.

— Está subindo pelas paredes com tanto tédio, Arcane mou.— Ela me olha através do espelho.

— Tenho certeza que a senhora está atrasada.

— Estou mesmo, mas isso vai causar uma boa impressão. — Pisca.

Inclino a cabeça para o lado, dando uma breve risada. Ela me acompanha.

— Já podemos ir. — Ela diz enquanto pega sua bolsa da Gucci.

Afundo as mãos na minha jaqueta de couro e a persigo, depois de algum tempo, chegamos em um restaurante de luxo.

Me posiciono para fazer a guarda na porta, mas ela me puxa para entrar junto.

— Você tem certeza? — Resmungo, arrumando meus cabelos para trás.

— Claro que sim. — Responde. —Não te trouxe comigo para ficar na porta.

— Tá cheio de mulher bonita. Vou entrar com essas roupas? — Encaro meu corpo e balanço os bolsos, dando ênfase.

— Você tem estilo único. — Argumenta sorridente.

— Engraçadinha. — Quase reviro os olhos, mas algumas mulheres acenam em nossa direção.

Elas se vestem completamente elegantes e adequadas para esse evento. Faço de conta que não estou vendo quando algumas expressões mudam ao me verem.

— Já conhecem Arcane? — Atena me apresenta com um sorriso feliz.

— *Kalispera*[10]*!* — Aceno com o queixo e caminho até a mesa espaçosa.

Algumas são gentis, outras me encaram de cima a baixo como se estivessem prontas para defender seu habitat.

— Fala sério, que noite agradável. — Aperto os dentes.

Ergo meu queixo firmemente sem permitir que esses olhares me afetem. No último segundo eu mudo de lugar propositalmente, agora ao lado de Atena.

Me inclino para trás como um homem sem escrúpulos faria. Muito diferente delas que se comportam graciosas e elegantes.

— Essa é a filha de Katerina, a traidora? — Ouço uma cochichar, encaro-a com frieza.

Sim, porra, sou eu. E minha audição é muito boa.

— Pensei que ela estivesse na prisão porque é doida. — Eu não sou doida. Mas matei alguém com quatorze anos, isso é diferente.

— É uma assassina. — A outra define com nojo. — Todas as mulheres dessa família são loucas. O que Atena faz com ela?

Aperto a minha taça, desejando arremessar no rosto dessa vagabunda. Não sou louca, mas posso fingir apenas para gastar a raiva que fumega em meu peito.

Sinto a mão de Atena repousar sob a minha em um gesto reconfortante, mas me esquivo com rapidez e volto a beber o vinho tinto. Concentro minha atenção apenas nessa bebida ruim.

— Consigo ver claramente a semelhança entre mãe e filha. — A outra cochicha. — O olhar desequilibrado.

— Que nojo. Isso é um desrespeito para nós e nossos maridos. — Faz uma pausa. — Estou envergonhada.

Encaro a toalha branca que cobre a mesa, minha pulsação quente agride meus ouvidos. Enfio a mão no bolso da minha jaqueta em um gesto brusco, procurando meu cantil com vodka. Vou precisar de algo mais forte para lidar com isso.

— *Arcane mou*[11]*?* — Atena agarra meu braço. Encaro seu rosto, absorvendo a forma carinhosa com que falou meu nome.

— Hum? — Torço os lábios em resposta, largando o cantil de volta no bolso interno da jaqueta.

— Vai comer o que? — Sussurra carinhosa.

— Apenas um pão *pita*[12]. — Limpo a garganta.

— Só um pão? — Cochicha.

— Desculpe. — Sussurro de volta. — Estou acostumada apenas com uma refeição por dia.

— Pensei que adorasse cozinhar. — Ela insiste. — Melissa falou que flagra você fazendo receitas de madrugada.

Mas isso é para lidar com os pesadelos horríveis. Meu estômago fica embrulhado apenas por lembrar.

— Adoro cozinhar, mas não comer. — Dou de ombros. — Quando tento consumir mais do que estou acostumada, acabo passando mal. Melhor não insistir.

— Certo, apenas uma refeição por dia. — Balança a cabeça.

O burburinho reinicia. Agora com risadas.

— Ela parece um peixinho fora do mar. — Encaro o pão no meu prato, sem a menor vontade de comer. — Ela não sabe nada sobre regras de etiqueta, ou como ser feminina.

Puxo o cantil, rendendo-me ao álcool. Assisto as ruas da cidade através das vidraças. Um sorriso melancólico dança na minha boca ao ver crianças correndo na rua, sendo perseguidas por seus pais.

— Não acredito que essa sem vergonha está fazendo isso. — Pensei que elas fossem ficar em silêncio, mas apenas piora.

— Ela está bebendo como um homem descontrolado e sem nenhum respeito. — Uma delas dá risada.

— Deve ser tão vadia quanto a mãe, uma existência tão covarde e desnecessária… — A forma como estala a língua causa um tremor pelo meu corpo. — Mãe louca, pai louco. *Ela não passa de um rato*.

Um rato. Ergo meus olhos para a mulher loira. O brilho some do seu rosto quando inspeciono sua pele, desejando cortar sua garganta.

Não me considero uma assassina descontrolada, ou uma máquina feita para matar, mas às vezes me pergunto o que aconteceria se eu fosse assim.

— Você é uma maníaca por atenção? — Questiono. — O que perdeu em mim? — A mulher solta um resmungo sufocado, e percebo que está com medo da faca na minha mão. — O pau do seu marido, talvez?

Olhe só, está mesmo com medo. Minha cabeça libera uma adrenalina tão deliciosa que solto uma gargalhada trêmula.

— Não vou deixar que me trate assim. — A loira ergue o queixo em desafio, estando confiante que sua vida é mais importante que a minha.

— Então não me dê motivos para que te trate assim, mulherzinha nojenta. — Vejo quando a outra, a morena, desvia os olhos como se não tivesse dito absolutamente nada.

— Não dê ouvidos, *Arcane mou*. — Ouço Atena falar próximo ao meu ouvido. —Largue a faca. Trouxe você aqui pra silenciar todas elas, mas de outra forma.

Solto a faca cuidadosamente no prato e encaro Atena sem compreender suas palavras.

— Como você consegue ser amiga de víboras?

— Não sou amiga delas, estou aqui para que jamais tratem você assim outra vez. — Sustenta seu ponto, me arrancando uma careta confusa.

— Agora, como vocês já acabaram com as receptividades. — Olha para o rosto de cada uma. —Arcane está prometida para um dos meus filhos.

Meu sangue congela e engasgo com suas palavras. Simplesmente não sinto o chão debaixo dos meus pés.

— Quem? — Minha voz está trêmula. — Qual filho?

— Kalon Somáli, meu segundo filho mais novo. — Se ergue encarando todas elas.

Tenho que me inclinar minimamente em sua direção para ouvir e enxergar melhor. *Isso saiu mesmo da sua boca?*

— Saibam que ao falarem dela, estão falando da minha pessoa e da minha família. — Minha vista escurece quando eu me afasto com lentidão. — Estou removendo do meu círculo íntimo cada uma que abriu a boca para ser uma vadia com Arcane. Estão fora dos meus projetos, e vou garantir que não se envolvam com nada grandioso porque não passam de ignorantes. — Cospe as palavras. — Não sabem respeitar uma mulher, logo não merecem uma posição tão importante ao nosso lado.

Não ouço mais nada, percebo apenas as mulheres chocadas e abrindo a boca para dizer algo.

— Está brincando, Atena? — Minha língua atropela as palavras.

Quero gritar, mas aperto meus lábios engolindo toda a minha insatisfação. Minha postura fica tensa e de repente me sinto mais alta. Levanto depressa, atropelando a cadeira e algumas pessoas que passam pelo corredor.

— Para onde vai? — Atena pergunta. — Fique conosco.

— Preciso encontrar Yuri. — Sibilo por cima do ombro.

Meus passos são firmes quando caminho na direção do maldito diabo encarnado. Não acredito que fizeram isso comigo.

08. AGAPI MOU

“Bata, e ele vai abrir a porta. Desapareça, e ele vai fazer você brilhar como o sol. Caia, e ele vai levantá-la para os céus. Torne-se nada, e ele vai transformá-la em tudo.”

— RUMI.

Arcane Planard

Cada passo que ecoa pela casa escura demonstra o tamanho da minha insatisfação. Meu ódio parece ranger como uma porta empenada, ecoando ruidosamente de dentro do meu peito.

Paro diante da porta do escritório de Yuri e aperto os punhos. Não acredito que ele fez isso comigo. Sinto uma vontade incontrolável de chutar a porta. Quando avanço, ele está de pé e de costas para mim. O cheiro do seu charuto invade o lugar.

— Yuri! — Sibilo seu nome.

O velho se comporta como se tivesse todo tempo do mundo.

— *Agapi mou*[13]. — Libera as palavras no mesmo tom que usei. — Pensei que não ia vir. — Aperta os lábios. — Demorou tanto.

— Quero saber o motivo de Atena estar falando que vou me casar com Kalon. — As palavras parecem uma piada. Yuri ri como se compartilhasse do mesmo pensamento.

— Porra. Foi muito bom ouvir isso. — Continua rindo.

Apoio a palma sob a madeira fria da mesa, tomando impulso até ficar com meu rosto próximo ao dele.

— Faça alguma coisa. — Peço. — Diga que é mentira.

— As coisas mudaram, Arcane. — Bate a ponta do charuto no cinzeiro e volta a sugar como a porra de um viciado. — Ivan me sugeriu e eu concordei.

Esse é o problema do Yuri. Nunca recusa nada que venha de Ivan. Tenho nojo da submissão com que fala do homem. Como se tivesse lhe feito uma lavagem cerebral.

— Você mostrou muito cedo que é inútil. — Me encara. — Prejudicou minha vida quando foi parar naquele hospício. Não imagina o duro que dei para limpar nossa reputação, mas nada era suficiente. Nada.

Não consigo formular uma palavra sequer diante do que diz. Um nó doloroso rasga minha garganta, mas não me permito chorar na sua frente.

— Ivan me deu a oportunidade perfeita para reverter o passado. — Abre os braços. — Casando com Kalon, tudo muda para sempre.

— Isso não é justo. — Balanço a cabeça em negação. — Você devia me proteger, não me jogar dentro do fogo.

— Você se atirou sozinha na merda do fogo. — Ergue a mão com autoridade. — Devia me agradecer, esse é um favor imenso para sua vida miserável.

Minha garganta fica seca e preciso fazer um esforço doloroso para engolir em seco. Sinto um nojo tão profundo por Yuri que não consigo me livrar sem que vomite.

— Você disse que sou uma assassina, não é? Pois bem, não me encaixo na posição de esposa. — Sussurro. — As duas coisas não se misturam.

Dói pra caralho falar com tanta calma.

— Boa tentativa, Arcane. — Balança a cabeça. — Mas não vou mudar minha decisão.

Meus ombros tremem pela angústia.

— Fui punida de todas as formas dentro daquela prisão. — Aponto para meu peito. — Eu era uma criança, Yuri. Eles fizeram tudo que queriam comigo. Pelo amor de Deus, não acha que já foi suficiente? — Seus olhos escurecem. — Me poupe de mais outro tormento. Você é o meu pai, faça alguma coisa.

Uma risada ríspida sai da sua boca. Meu soluço morre quando o som grave chicoteia as paredes.

— Ah, *agapi mou*. — Lamenta. — Não se humilhe tanto assim, senão vou começar a acreditar que todos esses anos não serviram de nada. — Pede em um suspiro, seu dedo aponta na minha direção.

Meu corpo treme com tanta raiva e dor. A incredulidade brilha em meus olhos, e Yuri sorri, apreciando o seu efeito sobre mim.

— Vai choramingar, Arcane mou? — Rosna, se inclinando prestes a me atacar. — Foi criada para choramingar?

— Não pode me obrigar a casar com Kalon. — Limpo qualquer resquício de emoção na minha voz.

A expressão de Yuri muda ao absorver o meu tom de voz.

— Ouça uma coisa, devia ser grata por estar tendo essa oportunidade considerando a sua vida de merda. — Vocifera. — Todo mundo acredita que você merece passar o resto da sua vida jogada em alguma cela sendo torturada como um animal no matadouro!

Silêncio consome o ambiente. Meus olhos se apertam com o peso das suas palavras.

— Devia ajoelhar no chão e agradecer por estar prometida à Kalon, seja o que quer que ele tenha visto em você, agora o pertence. — Abre os braços, encerrando o assunto.

— Isso não vai ficar assim. — Sussurro.

— Saia daqui antes que eu perca a paciência. — Aponta para a saída.

Tomo um fôlego profundo, reunindo forças para caminhar. Cada passo faz minha mente estremecer. Fecho a porta em um gesto automático e

caminho pelo corredor da casa escura.

Não presto atenção em nada. Um grande vazio se revira dentro do meu peito e quero vomitá-lo antes que me mate. Sinto como se minha vida tivesse acabado. Me sinto sem saída e soterrada pela crueldade do meu próprio pai. Não há como fugir disso.

Fecho os punhos e a revolta me atinge como uma adaga, quando estou prestes a chutar a parede, uma voz me chama do outro lado.

— Arcane mou?

É Melissa. Levanto a cabeça em sua direção, engolindo um soluço que estremece meu tórax.

— Mel… — Gaguejo.

Uma única palavra e quebro em mil pedaços. Só quero voltar a ser sua irmãzinha caçula e me esconder em seu colo.

— O que foi? — Melissa praticamente corre em minha direção e me segura.

Tento falar, mas sufoco.

— Vamos fazer aquele exercício de respirar fundo? — Aponta para os espasmos em meu peito. Meus lábios estão apertados.

— Não. Consigo. — Engasgo.

— Consegue! — Puxa meu braço para contornar seu ombro e começa a me guiar para fora da casa. — Meu Deus. Está tremendo.

Não consigo controlar meus pulmões, mas quando ela me ajuda a sentar com minha cabeça entre as pernas, o ar rasga minha boca com um grito assustado.

Estamos sentadas em um banco de mármore. O vento lambe meu rosto ardente e esfrego minhas bochechas, ainda tremendo.

— Continue e não pare. — Diz ao puxar minha jaqueta de couro. Agora estou apenas com a regata.

— Não me toque. — Me encolho para longe dos seus dedos. — Eu só quero morrer.

— Meu amor, você está me deixando preocupada. — Fala aflita ao apoiar seu queixo em meu ombro, abraçando minha cintura como uma mãe faria.

— Estou com medo, Melissa. — Confesso. — Conhece alguém que vive com tanto medo quanto eu?

— Não. — Balança os ombros. — Mas também não conheço ninguém mais corajoso que você.

Com isso, deito no banco até esconder meu rosto na sua barriga. Ela me aperta com mais força, afastando meus cabelos molhados pelas lágrimas.

— Me diga o que Yuri falou pra você ficar tão abalada. — Afasto meu rosto para vê-la.

— Ele disse que tenho que me casar, mas não quero isso. — Aperto minhas bochechas desejando que tudo isso seja apenas um pesadelo.

Melissa me puxa para um abraço e todo meu corpo é aquecido pelo seu. Fecho meus olhos, vibrando em um gemido sufocado por ainda segurar o choro.

— Com Kalon Somáli. — Acrescento. — O que fiz para aquele homem me querer? Já não fui quebrada o suficiente?

— Você não pode se casar com aquele psicopata. — Melissa esbraveja.

— Estou com medo... — Seguro sua mão em minha bochecha. — Aquele homem vai destruir minha vida. Precisamos fazer alguma coisa.

Ela me olha em choque, a ponta do seu nariz está vermelha, assim como seus olhos. Melissa está ofegante e tão surpresa quanto eu.

— Ai, meu amor. — Geme chorosa. — Sinto muito, Ane. Sinto tanto. — Acaricia meus cabelos, adentrando seus dedos por minha nuca e me aperta contra seu busto. — Você é a mulher mais forte e audaz que conheço. Mais forte do que eu e Nimue, entende?

Me encara, eu balanço a cabeça em concordância, embora não acredite muito no que me diz.

— Minha irmãzinha caçula que sempre vivia me desafiando e rasgando minhas coisas. — Aponta para meu peito. — Você não está sozinha, não precisa ter medo desse casamento. Um casamento não chega nem perto de enjaular você.

Queria ter toda a convicção que Melissa tem.

— Também não precisa fingir ser forte o tempo inteiro, está tudo bem sentir medo e chorar por isso. — Acrescenta. — Chore o quanto quiser, meu amor.

— Preciso dar um jeito nisso, Mel. — Sussurro.

— Faremos isso juntas. — Sua voz calma preenche meus sentidos assim como o farfalhar pesado das árvores no jardim. — Qualquer coisa, mas vai ficar livre desse casamento.

Não sei o que dizer ou como agradecer por suas palavras, mas isso me conforta tanto.

Não tem como alguém vencer uma luta contra as montanhas, nem enterrar o mar Egeu com suas próprias mãos. São coisas impossíveis, assim como minha vontade de fugir desse casamento.

Eu e minhas irmãs passamos a semana procurando uma maneira, mas não existe nada. No entanto, a sorte sorri para mim quando Yuri me chama no seu escritório hoje de manhã.

— Estive pensando na nossa conversa de dias atrás. — Arruma seus cabelos molhados em um coque enquanto me observa. — Posso voltar com minha decisão se fizer uma coisa para o seu papai.

Faço uma careta quando ele esboça um sorriso maquiavélico. Se a intenção era parecer amável, estou traumatizada.

— O que devo fazer? — Trago as mãos atrás das costas esperando que fale de uma vez.

— Mate o seu avô. — Levanta a cabeça na minha direção.

Quase solto uma risada, mas é um pedido sincero. Matar o homem que destruiu sua vida, matou sua mãe e nunca recebeu vingança.

— Isso é sério? — Avanço para trás quando ele se ergue na minha direção.

— Pareço estar blefando? — Debocha. — Você tem uma semana, Arcane.

09. PAPAI É UM MONSTRO

“Abra a sua mão se quiser que o outro a segure.”
— RUMI.

Arcane Lanard

Matar meu avô. Faz uma semana que estou perseguindo seus passos e tentando descobrir onde se esconde.

Minhas irmãs não sabem desse acordo com Yuri, não tive tempo para falar com elas. Estou obcecada demais em encontrá-lo. Anton é um velho ucraniano que fugiu da prisão e criou um império sujo desse lado do oceano.

Todo esse tempo ele vivia em Kas, uma pequena vila piscatória[14] na Província de Antália, na Turquia. Levaria meia hora de barco até chegar na ilha grega de Castillo Rojo, mas ele está em Atenas hoje. Esse homem é esperto, passou todo esse tempo vivendo debaixo do nariz de Yuri.

Anton costuma roubar alguns lotes de armas da Alkyóna e revender para os russos, nossos inimigos. Mas hoje vou impedir que isso aconteça.

Tive apenas duas horas para elaborar o que vou fazer aqui, mas a chuva está dificultando meu empenho. Está chovendo sem parar desde às seis da manhã.

— Porra. — Faço uma careta ao sentir a quantidade de água que está dentro das minhas botas. — Tão pegajoso.

O ponto de encontro fica em um dos templos de Atenas, e isso é muita ousadia da parte deles. A estrutura é tão alta que quando ergo meus olhos para o alto, vejo apenas as colunas em continuidade dentro da escuridão chuvosa.

O lugar é a céu aberto, e tudo que me esconde são as inúmeras colunas espalhadas pela montanha.

Tenho duas armas em mãos e me sinto parcialmente pronta para a minha primeira luta fora daquelas jaulas. Para minha sorte, estamos há quilômetros da cidade.

Tenho que admitir, é o ponto perfeito para uma grande transação de mercadorias ilegais.

Olho ao redor, sentindo meu coração bater forte quando vejo as luzes da cidade tão distante e em expansão.

— Essa vista me consome. — As luzes brilham mostrando que há milhares de pessoas e histórias lá embaixo.

Somos milhares de pequenos deuses causando tempestades, transformando tudo que tocamos em pó, inclusive nós mesmos.

Estamos no Partenon, o templo que domina toda a colina da Acrópole. É considerado o mais antigo do mundo, e o mais perfeito. Sua estrutura está quase toda intacta como na época em que foi construído.

Dedicado à deusa Atena, esse é o centro da vida religiosa. Era o maior e mais luxuoso templo que o continente grego já viu. Até mesmo o chão em que piso é revestido de mármore. Partenon resistiu a terremotos, incêndios, guerras, explosões e saques, mas ainda permanece, embora danificado, um poderoso símbolo da Grécia antiga e da cultura ateniense.

Isso é genial. Nenhuma autoridade desconfia que uma transação criminosa esteja acontecendo aqui, em um lugar histórico e até sagrado para alguns.

As luzes instaladas no chão me permitem observar tudo ao redor, e encontro um bom lugar para me esconder quando ouço homens conversando, acompanhado do som ruidoso de caixotes sendo abertos.

— Veja, chefe. — Sua voz parece distante quando a chuva aumenta. — Parece que Yuri não controla essa cidade tão bem, foi fácil roubar.

— Maravilha! — O outro cara fala alegremente.

— Podemos empilhar. — O homem cujo o nome é Kemal também é um dos alvos. — Vai render muita grana quando misturarmos com as da semana passada.

Ele é o braço direito do meu avô, e segundo Yuri, guardava a gaiola que sua mãe vivia. Me pergunto se meu pai não nos ama por causa das coisas que passou na infância, ou pelo que fiz há cinco anos.

Agora que conheço esse fragmento do seu passado, fico me perguntando onde Yuri se tornou tão monstruoso e indigno de amor, ou se sempre foi assim.

Está na minha hora de agir. Me escondo atrás de uma coluna e fecho os olhos, desejando que não tenham me percebido, sei que não vai ser fácil matá-los. Mas minha vida depende disso.

Coloco na minha cabeça que estou fazendo um favor não apenas para Yuri, mas para toda pessoa que foi quebrada pelas mãos desse homem.

Não costumo sentir nada por meus alvos, nem pena, medo ou remorso, apenas por mim e minha alma. Porém, tenho comigo que com esse homem será diferente. Meu avô merece ser destruído como vingança por tudo que fez a pessoas inocentes.

Conto até três, então avanço, dando o primeiro tiro. O corpo de Kemal tomba para trás, manchando o chão de sangue. Ele foi pego distraído, tão fácil que sinto tédio.

Antes que os outros consigam me ver, já estou atrás da coluna e escondida na escuridão. Os homens, em pleno desespero, começam a atirar para todos os lados.

— Maldita bota encharcada. — Resmungo incomodada com o peso delas. — Ai. Porra. — Acabo escorrendo quando tento alcançar a próxima coluna.

Um homem cai por cima de mim, me conduzindo em uma luta corporal que me deixa em alerta. Um rosnado agressivo escapa da minha boca quando mordo sua orelha ao ponto de arrancar um pedaço.

Foi difícil e ele está tremendo de agonia. Sangue respinga na minha face. O gosto salgado e quente me causa ânsia. Seu grito é silenciado quando atiro na sua face.

Mais sangue mancha meu rosto. Empurro seu corpo pesado para o lado, choramingando de alívio quando me vejo livre do seu aperto no meu pescoço.

Alguns homens começam a atirar e rastejo no chão, desviando das balas.

— Tão barulhentos! — Reviro os olhos.

Pego minha faca que guardo na bota e luto com um pouco de dificuldade contra os homens. Mas todo esse esforço parece o tipo de treinamento que estava precisando desde que saí da prisão.

Consigo calcular cada movimento, me soltar na hora de investir com a faca e abrir suas barrigas. Minha mente se dissolve, meus demônios vão embora. É como se eu estivesse dançando.

Nunca estive tão descontrolada, liberta e ao mesmo tempo faminta. Cada golpe brutal afasta o fantasma na minha cabeça, o chão fica escorregadio com tanto sangue escorrendo.

Quando um tiro de raspão acerta meu braço, solto a faca e encaro a bagunça que fiz. Os corpos desfigurados estão inertes no chão. Todos mutilados pela minha faca.

Gotas de sangue caem do meu rosto quando fico em pé e giro lentamente na direção do homem atrás de mim. Deixei-o por último porque é o meu avô, mas não contava que fosse tentar me dar um tiro.

— Você errou. — Aponto para a arma tremendo entre seus dedos. — Está doente?

— Quem é você? — Sua voz é quase idêntica à de Yuri. Mas nunca escutei esse tom de medo vindo do meu pai.

— Sou Arcane. — Sangue quente desce por meus lábios quando levanto a cabeça.

— É parecida com ele… — O velho parece que viu uma fera.

— Com Yuri? — Sugiro sorridente.

— Santo Deus. — Faz sinal de cruz com os dedos. — O maldito diabo colocou uma filha no mundo.

— É cristão igual a ele. — Debocho. — Interessante para um endemoniado.

— Sua existência é uma grande profanação, criança.

Ele puxa o gatilho e, como se o destino estivesse ao meu favor, a porra da bala não sai.

— O seu Deus te detesta muito. — Indico a arma com a ponta da faca. — Ele acabou de agir a meu favor.

— Você devia atirar na própria cabeça para se livrar dessa maldição. — Avança na minha direção com as mãos erguidas para me sufocar. — O mundo seria um lugar melhor sem seu pai e essa raça de demônios.

— Que estranho. — Recuo para o lado oposto, fazendo um círculo ao redor dos corpos. — Faz parte da raça que tanto abomina, vovô.

— Nunca. — Engrandece os olhos. — Meu maior erro foi não conseguir matar o merdinha do seu pai quando tive a chance. — Não consigo compreender porque ele se sente genuinamente culpado e enojado. — Se eu tivesse… Sua maldita raça de demônios não teria proliferado.

Certo. Anton é um cristão louco. Essa conversa acaba aqui. Quando ele pega uma das facas no chão para me acertar, faço uma dança com os pés e reivindico seu pescoço, cortando de um lado para o outro.

O silêncio da morte consome o templo. Quando seu corpo bate no chão, meu sangue esfria. Está feito.

Pego a faca para arrancar sua cabeça. Sinto arrepios com o som dos nervos e ossos se rompendo, mas logo a cabeça bate no chão em um barulho molhado e oco.

Faço o mesmo com Kemal, o carcereiro que contribuiu com a desgraça de Yuri.

A pior parte é que preciso me livrar da minha jaqueta para empacotar os membros. Coloco o caixote de armas roubadas sob o ombro machucado e começo a marchar.

Antes que eu alcance as primeiras ruas, um carro preto estaciona. A porta se abre e os pés de Yuri surgem.

O homem avança dois passos e nos encaramos com profundidade.

— Você cheira a morte e pecado, *agapi mou*. — Seu olhar corre por meus ombros descobertos.

— Então estou com seu perfume. — Devolvo o insulto.

Observando a forma como fala comigo, chego a conclusão que Yuri não é nada como seu pai louco. Sequer consigo imaginar as coisas que sofreu nas mãos daquele lunático.

— Não fique aí me olhando como um cachorrinho que caiu da mudança. — Em um gesto despreocupado, retira seu sobretudo e coloca sobre os meus ombros.

Tenho um sobressalto arrepiante com seu gesto rápido e afetuoso.

— Não quero você sujando o meu carro. — Mata essa fagulha de afeto que surgiu. — Agora entre.

Com cuidado, me acomodo no banco de trás. Yuri senta ao meu lado e me encara com uma expressão fria.

— O que é isso no seu ombro, *agapi mou*? — Ergue uma sobrancelha. — Dói?

— Foi de raspão. — Limpo a garganta. — Estava distraída e…

— Ah, que cabecinha de vento. — Me silencia.

Fico horrorizada quando penso ter visto a sombra de um sorriso na sua boca, mas seu olhar é tão feio que só posso estar delirando.

— Cabeça de vento? — Acho graça.

— Podia ser fatal, já pensou? — Estala a língua. — Eu escrevendo na sua lápide *“morta por uma grande besteira”*.

Fico em silêncio e encaro minhas mãos sujas de sangue. Realmente estou cheirando a morte e pecado, isso deixa minha perna tremendo.

— Parece mais com algo que eu colocaria na sua. — Provoco.

Tento manter um sentimento leve, mas não consigo esquecer o sabor do descontrole que experimentei mais cedo. Toda a adrenalina corre em minhas veias como fogo vivo. Estou obcecada. Quero me alimentar disso novamente.

O carro se movimenta debaixo da chuva intensa e parece uma eternidade até que estacionamos na mansão Somáli.

— O que estamos fazendo aqui? — Olho para Yuri.

O homem me encara atenciosamente, meus ombros e meus cabelos pingando sangue. Pensei que fosse dizer algo, mas sou puxada pela mão.

— Mantenha sua postura e esconda essa vergonha em seu ombro. — Aponta para o ferimento. — Também limpe o excesso de sangue em suas bochechas.

— Por que? — Pisco algumas vezes.

— Não é da sua conta. — Quando seu segurança me espreita por trás, não tenho outra escolha senão caminhar apertando a mão de Yuri.

Minha confusão apenas aumenta quando ele entra comigo pela porta do fundo, usando um tipo de passagem que nunca imaginei que existia. E não demora muito para abandonarmos a grande escadaria e entrarmos em um escritório escuro.

— Entre, Yuri. — Uma voz ordena.

Reconheço Ivan Somáli do outro lado. Ele está fumando. Quando minha presença é revelada, o homem se inclina com entusiasmo.

— Trouxe Arcane? — Ronrona. — Que surpresa excitante.

A única visão que tenho de Yuri são suas costas largas na minha frente. Ele acena com os dedos atrás das costas para que eu me aproxime.

— Como prova da nossa lealdade a sua família… — Odeio a devoção em sua voz. — Arcane matou o homem que roubou e prejudicou nosso trabalho com o tráfico de armas durante todo o mês.

Fico inquieta. Meu pai realmente está barganhando pela minha liberdade?

O segurança coloca o caixote no chão, e tomo espaço para pegar minha jaqueta. Sangue pinga no chão quando exibe os membros ensanguentados.

— Anton e Kemal! — Yuri encara a cabeça de Anton com uma expressão neutra, então pisca, olhando para Ivan.

O homem está encarando os dois membros em completo silêncio. Gostaria de saber o que está pensando.

— Seu pai, meu velho? — Aponta para a cabeça.

— Correto. — Yuri balança os ombros com desinteresse.

Afasto algumas mechas úmidas do meu campo de visão e observo tudo ao redor, inclusive Yuri.

Esse homem é tão sombrio que me causa arrepios.

— Você fez tudo isso sozinha, Arcane mou? — Ivan questiona.

Junto às sobrancelhas sem compreender.

— Sim, fizemos um acordo e cumpri minha parte. — Balanço a cabeça.

Seus olhos varrem meu corpo completamente molhado e sangrento, a jaqueta empapada, o chão vermelho, o cheiro forte.

— Está feito. — Repito. — Agora quero a minha parte.

Yuri ergue um olhar severo como uma besta que vê sua caça. Então, o inesperado acontece, Ivan ri muito alto.

— Você é engraçadinha igual seu pai... — Toma fôlego. — Cumprir o quê, exatamente? — Sua risada continua.

Aperto meus dentes com ódio. Parece que estou sendo enganada por eles. Devia ter adivinhado que Yuri não arriscaria tanto por mim.

— A sua parte já foi cumprida, *Arcane mou*. — Ivan sibila, unindo as mãos uma na outra. — Entenda, meu bem. Você vai se casar com meu filho, vai ter uma vida tranquila, me dar netinhos… — Aponta para toda a bagunça que fiz. — E se aposentar de toda a matança. Isso aqui… Hoje foi a última vez. Provou que não precisa continuar matando.

— Também provou que nossos laços de lealdade são inquebráveis. — Yuri acrescenta.

Meu pai sorri tão amável que meu estômago se revira. Minha garganta está queimando e preciso gritar toda a minha raiva.

— Agora você é da família. — Acena orgulhoso. — Foi até fácil, não foi? — Abre os braços.

— Não quero me casar. – Minha voz está trêmula e ofegante. — Ninguém vai me obrigar a isso.

Ivan gira a cabeça. Um silêncio perturbador dançando no escritório. Ele me observa como se tivesse nascido uma segunda cabeça em mim.

— O que disse? – Rosna.

— Eu disse…

Yuri limpa a garganta em algum lugar.

Ivan rosna mais alto e desfere um tapa em meu rosto.

Minha cabeça gira e estremece. Tudo chia.

Minha visão fica turva por alguns segundos, mas me recupero no momento em que Yuri respira pesadamente tendo a realização do que seu amigo fez.

– EI! — Grita tão agressivo que me encolho.

O homem avança para cima de Ivan como se uma força sobrenatural o dominasse. Seu corpo está inclinado na intenção de estrangular Ivan Somáli.

— Ninguém machuca a minha menina, está entendendo? — Seu dedo em riste está apontado para o rosto do velho. — Não se atreva a tocar em Arcane, não se atreva!

Foi necessário seu segurança particular e outros dois para segurar Yuri, impedindo-o de pisotear Ivan com sua fúria implacável.

— Está bem. — A expressão de Ivan fica sombriamente quieta.

Ele me encara como se estivesse enxergando tudo com clareza, então gira seu rosto para Yuri e balança a cabeça em concordância.

— Sugiro que controle a língua da sua filha, ou eu mesmo arranco-a fora. — Aponta o dedo para Yuri.

— Sugiro que mantenha sua mão longe da minha criança, ou eu mesmo arranco-a fora. — Yuri usa suas palavras contra ele.

Os dois travam uma batalha silenciosa e cheia de fúria. Minha bochecha queima e uma lágrima escorre lentamente, fazendo-me engolir um soluço.

— Ela vai casar com Kalon. — Decide pausadamente. — Agora que Anton está morto, nós dois temos um acordo, Ivan. Você devolve meu território, Arcane se casa com seu filho rebelde e os dois lados saem ganhando. Mas ouça bem, nessa vida Deus me deu apenas três meninas… – Rosna como um leão. — Três. Eu criei cada uma sozinho e ensinei muitas coisas.

— Onde quer chegar com isso? — Questiona autoritário.

— Estou dando uma delas para seu filho. — Aponta. — Dá trabalho fazer uma Planard, e ela não foi feita para sofrer nas mãos de ninguém. – Debocha.

Yuri caminha em minha direção com suas mãos atrás das costas. Meu olhar se ergue conforme seu rosto fica próximo do meu.

— Kalon Somáli é o único homem capaz de tolerar a sua existência. — Aponta o dedo para meu rosto.

Sinto sua mão fria raspar em minha bochecha e arrancar uma lágrima que escorre.

— Coitadinha. — Estala a língua. — Aceite esse casamento de uma vez e pare de me dar dor de cabeça.

— Ótimo. — Ivan paira atrás de nós, sorrindo tão satisfeito que aperto os lábios desejando segurar o vômito. — Fez um bom trabalho criando suas filhas, meu amigo. — Ele respira fundo. — Isso me alegra muito.

— Obrigado. — Yuri não se dá ao trabalho de encará-lo.

— Como o assunto está resolvido, podem ir. — Acena. — Nos encontramos em breve.

Os dois são loucos. Um completa o outro. Estão no mesmo nível de imoralidade e crueldade.

— Até mais, amigo. — Yuri acena.

Sou empurrada. Ele aperta meu ombro ferido e sufoco um gemido angustiado. Sua raiva agride minha pele.

Depois de três minutos dirigindo para longe da mansão Somáli, Yuri gira seu rosto em minha direção com uma expressão ameaçadora.

— O que eu disse para você, porra? — Vocifera. — Isso é jeito de tratar seu futuro sogro? — Cospe as palavras em um ruído ameaçador e agarra meus cabelos.

Balanço a cabeça de um lado para o outro quando seus dedos se fecham no meu pescoço. A expressão assassina em seu rosto me assusta.

— Me decepcionou demais, chorona. — Rancor brilha em seus olhos.

— Matei o seu pai e você me enganou. — Resmungo sem medo de enfrentá-lo. — Ainda diz que eu decepcionei você? Impressionante como me entristece, Yuri.

— Entristeço? — Inclina a cabeça para o lado e repuxa sua boca em uma expressão fria e fingida de choro. Debochando de mim como um adolescente faria. — Eu não me importo.

Viro meu rosto para a janela, ignorando sua presença. Não consigo entender esse homem. Ainda lembro da maneira furiosa como correu dentro do fogo para nos salvar naquela Páscoa. Mas depois fui jogada na prisão como se não tivesse uma família.

Yuri é o primeiro a sair do carro quando estacionamos. Faço o mesmo, caminhando até meu quarto.

— Arcane mou? — Tenho um sobressalto quando Nimue me chama.

Melissa está ao seu lado. As duas estão paradas no corredor enquanto assistem ao meu corpo ensanguentado.

— De que inferno você veio? — Melissa pergunta tão assustada quanto Nimue. — Está machucada?

Meus lábios formam um sorriso ríspido.

— Ah, você nem imagina...

ATO 2

ELE ESTÁ ME PROCURANDO EM ALGUM LUGAR.

10. UM ENCONTRO

“A antiga história de amor entre a alma e o coração regressa sempre em vestes renovadas.”

— RUMI.

Arcane Planard

Raiva pesa meu estômago ao saber que Kalon está me esperando para um encontro. Não tive a chance de recusar, mas estou disposta a tornar isso uma experiência infernal.

— Você caiu do céu? — É o que ouço quando esbarro em alguém na esquina.

Um sorriso toma minha boca ao reconhecer sua voz. O namorado de Melissa. Nosso amigo de escola.

– Ai meu Deus! Pavlos! — Pulo em seus braços para um abraço, já que ele é enorme. — Que surpresa incrível! — Estamos gargalhando no meio da rua enquanto as pessoas passam por nós.

— Onde está indo com tanta pressa? – Olha ao redor. — E onde está minha loirinha?

Meu sorriso se alarga e faço graça. É claro que iria perguntar por ela. Os dois estão tão apaixonados e conectados desde que se reencontraram.

— Não sei, talvez com outro? — Coloco uma mecha atrás da orelha.

— Impossível. — Aperta os lábios. — Fizemos sexo ainda ontem.

— Eca. — Torço o nariz. — Enfim, estou indo comer alguma coisa com um cara chato.

— Uau, tipo um encontro? — Seu rosto muda para animação. — Nossa linda Ane está namorando?

— Não, seu chato. — Reviro os olhos quando aperta meu nariz. — É apenas um cliente do meu pai. — Minto.

— Ah, que pena. Pensei que íamos virar tipo uma família enorme. — Pavlos arruma seus cabelos para trás. — E quanto a minha outra pergunta?

— Melissa começou a trabalhar hoje como veterinária em um abrigo de animais. — Explico. — Ela não teve tempo de te ligar porque papai decidiu de última hora.

— Me fale o nome, quero fazer uma surpresa para ela. — Pega seu celular para abrir o endereço. — Vou comprar flores e aquele doce grego que ela adora.

— Consultório Veterinário Andriolatou. — Escondo a parte que o homem é da Alkyóna. — Ela vai subir pelas paredes quando ver o namoradinho de infância

Estamos na porta do restaurante, então caminho para longe da porta para não atrapalhar as pessoas. Nos últimos dias eu passei a conversar com Pavlos apenas por facetime, mas teve uma noite que saímos para beber e dançar. Foi muito incrível, apesar de rápido.

— Por favor, fique do lado seguro da calçada. — Afaga minhas costas, me conduzindo para perto das vidraças. — É nova demais para morrer atropelada.

— Obrigada, seu palhaço. — Falo enquanto seguro em seu antebraço para não me desequilibrar.

— Vamos passear de iate depois? Estou muito animado para falar sobre tudo com vocês. — Aponta para as mensagens na tela do seu celular.

— Quero apresentar minha vinícola e família. Falei muito de vocês para eles no tempo em que passamos separados.

— Vou adorar passar mais tempo com você, Pavlos mou. Mas que história é essa de iate? — Pergunto chocada.

— Não me olhe assim. Todo grego tem um. — Pisca. — E trabalho em uma empresa de pesca, lembra?

— Tinha esquecido dessa parte. — Escondo meu rosto, envergonhada.

Seu telefone toca, nos afastamos para ele atender.

— Oi, meu amor. — Reviro os olhos sabendo que é Melissa do outro lado. — Antes de tudo, não vai acreditar em quem encontrei.

Não ouço o que ela está dizendo, mas meu sorriso aumenta imaginando sua expressão. Pavlos me puxa, abrindo a câmera e fazendo uma selfie de nós dois. Coloco a língua pra fora e mostro o dedo do meio. Adoro selfies.

— Achei você, sua pestinha! — Melissa grita do outro lado.

Não tivemos tempo de conversar durante a manhã, saí de casa primeiro que todo mundo. Rio mais alto, escondendo meu rosto no ombro de Pavlos.

— Acho que ela tem um encontro e não quer assumir. — Pavlos provoca.

— Mentiroso. — Balanço a cabeça depressa. — É mentira dele, Melissa!

Meu sorriso morre ao me sentir observada. Todo meu corpo fica frio como a porra de um iceberg quando viro a cabeça e vejo Kalon nos assistindo dentro do restaurante.

Sentado em uma mesa com vista para fora, seus olhos estão focados na mão que tenho ao redor da cintura de Pavlos e uma expressão assassina no rosto.

Puta merda. Kalon não pode saber sobre esse relacionamento de forma alguma. Se Yuri descobrir, seremos mortos.

Desvio o rosto com rapidez, fingindo que seu olhar não me afeta. Meu coração bate desenfreado e minhas mãos trêmulas soltam Pavlos ao sentir uma descarga elétrica.

— Pavlos, preciso ir ou vou me atrasar. — Sussurro para que Melissa não ouça enquanto fala com ele.

Puxo sua mão, caminhando para longe da calçada. Ele junta as sobrancelhas em confusão.

— Tudo bem. — Olha ao redor com desconfiança. — Te ligo mais tarde, Mel. Vou pegar meu carro.

Quando desliga, sua palma acaricia meu ombro.

— Algum problema, Arcane mou?

— Sim, um grande problema. — Digo apavorada. — Acabei de lembrar que preciso encontrar minha chefe depois daqui.

O olhar de Pavlos suaviza, isso indica que acredita nas minhas palavras.

Estamos mentindo para ele sobre quem realmente somos. É a única forma de ninguém se machucar dentro desse relacionamento. Pavlos é um bom amigo e namorando para Melissa, nunca vi minha irmã tão feliz.

Ele se tornou importante, seu estilo de vida me faz sentir uma garota normal. Com ele somos apenas bons amigos. Sem um lado assassinato devorando minha alma e me amaldiçoando.

— Tudo bem. — Beija minha bochecha. — Depois te ligo para falarmos do iate.

— Tchau, Pavlos. — Aceno.

Fico parada assistindo-o atravessar a rua e entrar no seu carro. Quando o carro some, minhas pernas travam quando vejo Kalon parado do outro lado da rua.

Seus lábios estão apertados como se estivesse formigando para me agarrar e me arrancar alguma informação. Mudo minha expressão para indiferença e vou ao seu encontro.

— Suas bochechas estão vermelhas. — É a primeira coisa que diz.

Perco a respiração ao sentir seus olhos furiosos me comendo viva.

— Bom dia para você também, Sr. Somáli. — Reviro os olhos.

Kalon abre a porta para eu entrar. Educado e raivoso. Passo na sua frente sentindo seu olhar queimando minhas costas. Como se eu estivesse nua ou quisesse me bater até desmaiar.

— Você demorou. — Fala gravemente e aponta para que me sente ao seu lado.

— Eu sei. — é o que digo. — Mas tenho uma ótima notícia para você.

— Qual? — Ele sorri torto.

— O mundo não gira ao seu redor. — Cruzo os braços.

— Infelizmente não. — Respira dramaticamente e estala a língua. Seu dedo gira até a entrada. — Quem era o homem que minha namorada estava praticamente subindo em cima?

É óbvio que ele perguntaria, mas não esboço medo ou insegurança. Posso facilmente controlar essa situação e não falar sobre Pavlos.

— Um homem muito bonito que responde ao meu bom dia como um verdadeiro cavalheiro. — Sussurro.

A expressão de Kalon se fecha como se eu fosse matá-lo bem aqui, mas uma ideia melhor surge na minha cabeça, posso fingir que já tenho alguém e dessa forma ele pode esquecer esse casamento e me deixar em paz. *Não sou sua namorada e jamais serei.*

É loucura, mas preciso usar qualquer coisa a meu favor.

— Pelo visto você gosta de brincar com o perigo. — Me analisa profundamente.

Ainda há raiva em seus olhos, mas também existe outra coisa que não consigo decifrar.

— Você também. — Repito em um tom baixo.

Memórias invadem minha cabeça da noite que o vi naquele quarto. Os traços do seu corpo, sua expressão raivosa quando alcançou seu ápice e a maneira como o abdômen contraiu quando apertou seu pau e ficou manchado com as evidências do que estava pensando ao me encarar.

Aperto minhas pernas. Minha garganta está seca.

— O que está encarando? — Rosna.

Kalon balança uma perna, percebo que em meio aos pensamentos meu olhar caiu para seu colo. Desvio com rapidez.

— O tamanho do seu ego. — Sorrio agressivamente.

— Meu ego?

Seu dedo indicador bate contra sua coxa duas vezes.

— Seu ego é grande demais para caber em um lugar tão pequeno. — Aponto para seu colo. — Então suponho que esteja acumulado na sua cabeça, e isso está te enlouquecendo. Fazendo-o delirar e blefar na minha frente.

Me surpreendo com o que acontece em seguida. Kalon simplesmente inclina a cabeça para trás e gargalha. Um som que pulsa por minhas veias e machuca meu peito.

— Ai, amor! — Seus ombros balançam graciosamente. Os olhos estão apertados enquanto sufoca cheio de animação.

As pessoas até mesmo param para ver o que está acontecendo aqui. Algumas mulheres se animam, salivando por sua atenção.

— Porra, você é boa. — Me observa como se eu fosse uma obra de arte. — Espero que não me dê motivos para a loucura, então. – Aponta para a porta. — Não é uma boa ideia fazer isso comigo.

Não digo nada. Aceno para alguém trazer minha comida, e como estou acostumada a comer aqui, não é necessário um cardápio.

— Quero o de sempre. — Falo.

Kalon já pediu o seu.

Sinto-o me observando com uma sobrancelha arqueada, a profundidade na sua expressão me deixa incomodada. O homem parece faminto por alguma coisa que a comida não é capaz de satisfazer.

Encaro seu corpo. Os músculos perfeitamente apertados por uma jaqueta de couro parecida com a minha. As mãos sob a mesa cheias de tatuagens. Muitas delas no pescoço e perdidas debaixo da roupa.

O infeliz não para de me encarar, e meu coração erra as batidas. Acho que é a raiva que sinto dele.

— Você é minha, então termine com ele.

Porra, Kalon consegue me irritar na mesma proporção em que rouba meu fôlego. Percebo que está bebendo whisky em grandes goles, como se estivesse transtornado.

— Eu não sou sua. — Reclamo, incomodada.

— Vou colocar uma aliança no seu dedo. —Insiste. — Então é minha, sim.

Controlo minha língua quando minha comida chega. Uma enorme porção de batatas fritas com carne e salada grega. Essa é a minha primeira refeição do dia.

— Esse é o pedido de sempre? — Seus olhos brilham de curiosidade. Uno as sobrancelhas quando seu corpo se inclina em minha direção. — E o homem? Também é o de sempre? Me diga o nome dele.

— Fique longe dele. — Minha ameaça sai mais raivosa do que esperava.

Meu sangue está fervendo e Kalon mantém um sorriso satisfeito.

— Você nutre afeto por ele. — Não foi uma pergunta, e sua voz sai zangada. — Está decidido, vou matá-lo ainda hoje.

— Vai continuar com isso? — Ergo meus olhos. — Porque se for, vou embora.

— Estou esperando me oferecer um pouco, amor da minha vida. — Sua voz muda para um tom carinhoso. Odeio como isso causa reações ao meu estômago.

Empurro o prato para o centro da mesa, Kalon experimenta com curiosidade e rapidamente sua atenção se perde na comida.

Ótimo, ele cala a boca com comida e parece em outro planeta. Se eu soubesse que seria tão simples, teria pedido uma porção maior.

— Isso é bom. — Me olha. — É aquele estilo de comida americana. — Logo volta a comer.

— Tomara que morra engasgado. — Respondo a contra gosto.

— O que disse? — Ergue a cabeça sombriamente.

— Que é muito bom. — Me inclino para comer, ignorando sua presença.

— Fofa, já está flertando comigo. — Se espreguiça.

Qualquer gota de entusiasmo seca por lembrar quem ele é. Não quero pensar que daqui alguns meses estarei casada com esse homem. Parece uma maldição. Sequer sinto alguma coisa por ele além de raiva.

Não o conheço de verdade, sei apenas dos boatos sombrios que me fazem rejeitá-lo mais ainda.

— O que acha do nosso casamento? — Pergunto, tomada pela curiosidade.

— Uma loira muito sexy. — Encara meus seios.

— Me poupe. — Reviro os olhos.

— E feroz. — Seu olhar sobe lentamente para meu rosto.

Perco meu apetite no mesmo instante. Parece impossível ter algum diálogo sério com esse homem.

— Quando você está pensando… — Aponta para meu rosto. — Suas sobrancelhas ficam levemente franzidas.

Engulo em seco. Seu sorriso se alarga.

— Tão cheia de raiva, Arcane mou. — Bate os cílios amavelmente. — A coisa mais linda que vou ter na vida.

— Não é o primeiro a dizer isso. — Balanço a cabeça em negação, rindo fraco.

— Já pensou no que Yuri pode fazer se descobrir que você tem um amante? — Imediatamente sua expressão fica sombria.

Merda do caralho.

— Vai contar? — Aproximo meu rosto.

— Não, porque se ele souber, o acordo é quebrado e você está morta. — Balança a cabeça. — Não tenho interesse em me casar com um cadáver, então termine com aquele homem ou o mato na sua frente.

Desvio o rosto quando Kalon se inclina até sua face ficar muito próxima da minha. Seu cheiro selvagem me consome. Um pecado ambulante.

— É mais cafajeste e abominável do que eu pensava. — Sibilo.

— Então estou em seus pensamentos, meu amor? — Infla o peito com um sorriso desavergonhado.

— Está me fazendo sua escrava, não tenho o luxo de pensar por conta própria. — Aperto as bordas da mesa ao sentir o gosto assassino que experimentei noites atrás quando matei meu avô.

— Aparentemente a ideia de uma conversa amigável foi por água abaixo. — Aproxima o rosto como eu fiz. — Pavio curto.

— O que você esperava? — Sibilo. — Me viu duas vezes na vida e já decidiu que me possui. Detesto homens destruidores como você, Kalon Somáli. — Cuspo cada sílaba. — Se queria uma mulher rendida a ideia desse casamento, dá tempo de cancelar.

— Não vai se livrar de mim tão fácil, meu amor. — Me esquivo com força quando esse diabo tenta tocar meu rosto. — Agora vamos para um encontro de verdade? — Meu corpo dói de um jeito estranho quando suas palavras manhosas me atingem.

— Não, quero ir para casa. — Balanço a cabeça em negação. — Não tenho interesse nisso aqui.

Penso que vai protestar, mas seu telefone toca e Kalon se ergue junto comigo.

— Meu irmão está chamando. — Diz enquanto guarda o aparelho no bolso. — Vou deixá-la em casa.

Sorrio agradecida por finalmente me livrar dessa tortura. Avanço na sua frente, mas quando estou prestes a virar a esquina sozinha, ele agarra meu pulso.

— Eu disse que deixo você em casa. — Desliza os dedos na minha pele. Minhas pernas fraquejam.

— Posso ir sozinha. — Balanço a cabeça, mas não tenho escapatória quando seu braço contorna meu ombro. — Tem um carro chique, ao menos? — Provoco.

— E mesmo se não tivesse, roubaria um agora mesmo para impressioná-la. — Responde de um jeito convencido ao tirar as chaves.

Consigo escapar do seu aperto quando empurro o cotovelo na sua costela. Kalon solta um resmungo. Assobio para a belíssima Range Rover estacionada.

— Gostou? — Abre a porta para mim.

— Detestei. — Avanço para o interior do carro.

É chique pra caralho, e muito seu estilo, mas não digo em voz alta. Kalon dirige pelas ruas da cidade cantarolando uma música turca. Quando

nossos olhos se encontram, viro minha cabeça para as ruas da cidade. Me distraindo com as pessoas na rua.

— Os tempos mudam mas Atenas continua a mesma. — Comento.

— Gosta do que vê? — Me olha interessado.

— Muito. — Balanço a cabeça.

— Quando você encara as ruas da cidade e de repente, por segundos, seus olhos não esboçam raiva e sua postura não está tensa….

Sei que Kalon está me assistindo sem precisar virar meu rosto.

— Quando seus muros baixam por momentos que nem percebe. Quando não há nenhuma defesa revestindo você... Apenas seu coração batendo, Arcane mou.

Minha respiração está embargada.

— O que você enxerga?

Liberdade. Penso em dizer, as palavras estão na ponta da minha língua, mas antes de abrir a boca, Kalon freia bruscamente. Viro a cabeça em sua direção no mesmo instante.

— Porra. — Ele fala enquanto vasculha o porta luvas até encontrar uma arma. Na nossa frente tem um carro com vários homens saindo de dentro.

— Kalon! — Minha garganta está seca. — Quem são eles?

— Inimigos. — Rasga a embalagem de munição. — Fique aqui dentro. Eu cuido disso. — O carro treme quando somos alvejados, mas os disparos não perfuram a blindagem.

— Me dê uma faca. — Peço ofegante.

— Como é? — Sua cabeça vira na minha direção como se eu tivesse contado que estou grávida.

— Uma faca, Kalon. — Abro o porta luvas. — Sou melhor na luta física do que atirando.

— Você não vai sair do meu lado. — Rosna, se preparando para sair quando os homens avançam.

Não perco tempo discutindo. Quando encontro uma faca fácil de empunhar, abro minha jaqueta, revelando o colete por cima da regata. Por

mais que aperte meus seios como um inferno, essa merda faz parte do meu uniforme para fazer a guarda de Atena.

Sou a primeira a sair fora do carro. Me abaixo quando os disparos ficam mais altos. Kalon segue atrás de mim, atirando com tanta rapidez que perco o fôlego. Três homens vão ao chão sem nenhum esforço.

Estamos em uma feira livre e as pessoas estão correndo desesperadamente, atrapalhando os atiradores que se contém para não causar danos.

— Estão recuando, é a nossa chance. — Kalon me puxa. — Vamos atravessar a rua.

Começamos a correr para um beco sujo. Kalon me empurra com força para ficar contra a parede. Mas consigo ouvir os homens se aproximando. Minha cabeça bate no concreto e minha vista escurece.

— Merda. — Aperto o punho da faca.

— Porra, amor. — Ofega. — Silêncio.

Seu corpo está me protegendo ao ponto de não ter espaço para fugir. Minha respiração está pesada.

— Eles estão chegando. — Espalmo seu peito e sinto seu coração desenfreado.

— Eles foram por ali! — A voz está tão perto que fecho o punho na camisa de Kalon.

As botas batem no chão. O homem contra meu corpo prende a respiração e vejo que está tramando algo quando pega a faca em meus dedos.

Tudo acontece em um piscar de olhos. Em um momento, Kalon está me segurando contra a parede, no outro, seu corpo está em cima de dois homens enquanto os mata ao mesmo tempo.

Não tenho tempo de assistir muita coisa, o terceiro homem vem até onde estou e tenta atirar, mas seguro seu punho e espalmo seu rosto, batendo sua cabeça contra a parede.

O homem vai ao chão, desmaiado.

Kalon se ergue ensaguentado e dá dois passos para longe de mim, segurando a arma e atirando contra outros dois que se aproximam.

— Deus do céu... — Murmuro, agoniada com a enrascada que nos envolvemos.

Recupero a faca e corto a garganta do homem que se aproxima. Meus golpes fazem o sangue espirrar no meu rosto. Consigo ouvir o maldito fantasma gritando na minha cabeça, minha vista escurece e eu engasgo.

— Me deixe em paz. — Esfrego o sangue na minha bochecha. Me assusto quando sou pega pelos cabelos, por um momento penso que é o maldito fantasma, mas é real.

Não tenho tempo para raciocinar. Estou possuída pelo desespero. Minha reação é igual a quando acordo de todo pesadelo: chuto as pernas do homem e ele cai no chão, atirando em mim.

Meus olhos engrandecem. Abaixo a cabeça para ver o sangue manchando minha roupa. Kalon está apoiado contra a parede e seu rosto brilha de choque quando me vê.

— Porra! — Avança, prendendo minha cintura.

Está queimando como o inferno. Meu quadril está sangrando com um tiro.

— Segure em mim e abra os olhos! — Ele me dá apoio com a lateral do seu corpo.

— Tem um… — Bato os lábios, sentindo frio. O fantasma voltou. A dor me faz gemer ao ponto de querer desmaiar.

—Não fale nada, precisa se esforçar. — Rosna. — Eles pediram reforço, temos que fugir.

— Vou sobreviver. — Sussurro. Minhas pernas não obedecem meus comandos.

Os dedos de Kalon estão sujos de sangue contra meu quadril. Ele está me estancando. Procuro uma forma de ficar em pé sozinha, mas vacilo por cima do seu corpo.

Fecho meus olhos quando sinto os dedos do meu fantasma esfregando minhas bochechas. Sou erguida em seus braços antes de qualquer outro movimento. Me assusto com o quão alto e forte ele é.

— Teimosa. — Sibila.

Sou levada até um carro aberto. Kalon toma seu assento com rapidez e começa a dirigir. Não consigo ver o que ele está fazendo, meu ferimento espirra sangue.

— Dói muito? — Pergunta ofegante.

— Já senti dor pior. — Prendo a circulação com um aperto firme e improvisado da jaqueta. — Mas sim, está doendo muito.

Estamos seguindo por um caminho completamente diferente. Viro a cabeça para encarar o lado oposto.

— Minha casa fica pra lá, Kalon. — Aponto ofegante. — Onde está me levando?

O infeliz não responde, apenas sorri de um jeito presunçoso.

11. PRIMEIRO ASSASSINATO

“De verdade, o que é amar? Ser o fogo de uma vela
ou tocar o fogo ardente?”
— ŞEMSI TEBRIZI.

Kalon Somáli

— Para onde está me levando? — Arcane pergunta pela terceira vez.

Encaro seus olhos cheios de raiva e sinto uma fisgada no peito que ignoro com afinco. Minha cabeça lateja tentando compreender quem é o homem que ela estava abraçando na entrada do restaurante.

Quase morremos, mas só consigo pensar nisso.

Meu dedos ainda apertam o volante com força, suplantando a minha ira descontrolada. Não gosto da forma que Arcane estava rindo para ele. Mesmo que estejamos longe, quero ir atrás desse homem e matá-lo. Simples assim.

— Está machucada, não dá tempo de chegar na sua casa, e também não quero ir até lá. — Olho em sua direção apenas para ter algum controle de como está a situação.

Sinto o olhar de Arcane sob mim, e a angustia em seus olhos me faz esquecer qualquer ideia de assassinato pelas próximas horas.

—Não me olhe assim, babaca. — Pragueja.

— Saiu tão de repente, vou considerar como um flerte. — Meus lábios se repuxam para o lado. — Diaba. — Resmungo ao lembrar que ela tem um maldito amante.

Meia hora depois, estamos na minha mansão. Esse é o melhor lugar para cuidar do seu ferimento e não sermos incomodados por ninguém.

Arcane aperta os lábios, revelando que está controlando a dor. Reviro os olhos quando sua teimosia a faz caminhar sozinha para fora do carro, mas não vai muito longe.

— Por que tão teimosa? — Pergunto estalando a língua.

Envolvo sua cintura e a seguro no estilo noiva.

— Isso é algum falso cavalheirismo? — Torce os lábios em uma tentativa de parecer durona.

— Não é falso se de alguma forma está acontecendo. — Debocho. Seu rosto se volta em minha direção para me refutar, mas continuo falando. — Tem um nariz muito arrebitado, pavio curto.

— Você fala demais, cara. — Sibila. *Porra, cara?* Acabo de ser empurrado para a posição de brother. — Como se tivesse um rei na barriga. — Continua me insultando.

Quero rir da sua provocação, mas estou furioso quando lembro do seu amante. Tenho que admitir, Arcane foi muito ousada em exibi-lo na minha frente como se esse casamento não significasse nada.

— Adoro a forma como flerta comigo, querida. Já está se apaixonando?— Começo a subir as escadas, procurando por algum quarto que não seja o meu.

— Cale a boca, só porque está me carregando no colo, não significa que não possa chutar sua cara. — Ameaça.

Perco a paciência e empurro a porta do meu quarto.

— Se falar outro insulto, vou sufocá-la. — Provoco.

Deito-a na cama e o inesperado acontece; Arcane solta uma risada trêmula como se tivesse gostado das minhas palavras.

— Você é muito insolente. — Estala a língua.

Suas mãos frias ainda estão em meus ombros e puxo uma almofada para ajudá-la a ficar confortável.

— De nada, amor. — Ronrono. — Só um beijinho será suficiente. — Inclino meu rosto na sua direção.

Arcane grunhe e desvia como se eu estivesse prestes a reivindicar sua boca. E leva tudo de mim para não fazê-lo.

Essa quantidade de farpas serve para distrair meus pensamentos do que realmente importa. Não acredito que conseguiram nos encontrar tão depressa. Mais um minuto e estaríamos mortos.

Mas isso não vai ficar assim, é só uma questão de tempo até que eu descubra quem está por trás dessa merda e que ele seja punido.

— Fique parada. — Começo a limpar o sangue na sua barriga.

— Agghh! — Arcane morde o lábio para segurar um gemido. Pego tudo que é preciso para remover a bala e costurar sua carne.

— Porra, que situação. — Respiro ofegante, preparando a anestesia.

— Você conhece aqueles homens? — Morde o canto dos lábios e vira o rosto para não ver o que estou fazendo.

— Não, mas vou descobrir. — Levanto o olhar. — Tenho a impressão que está relacionado ao atentado na casa dos meus pais.

Solto as palavras. Arcane me analisa por um tempo. Parece pronta para fazer perguntas, mas se controla quando abaixo a cabeça para ver sua ferida.

— Não foi tão fundo. — Lanço uma piscadela.

A dor some com a anestesia, e começo a costurar o ferimento agora que controlei o sangramento.

— Deixe isso. — Pede baixo. — Eu mesma faço.

— Ainda não estou seguro de que está perfeito. — Pego bandagens para limpar seu quadril e entrego analgésicos para dor.

— Todos os seus encontros costumam acabar assim? — Pergunta depois que faço um curativo.

— Essa é a primeira vez, acredita? — Ergo meu rosto para observá-la, percebo que está perdida em pensamentos.

Arcane está inclinada para trás, seus cabelos estão espalhados pela almofada e os olhos sonolentos encaram o teto.

Meu peito se aperta pelo desejo de tocá-la. Sua mão está descansando em seu seio, aprecio os traços de uma rosa vermelha. Arcane tem elas por toda parte, principalmente nos ombros e costas.

— Arcane? — Chamo baixo. Limpo as mãos sem desviar minha atenção. Ela respira pesadamente, os olhos fechados. — Droga. Você está mesmo dormindo.

Acaricio seus dedos sujos de sangue, seu rosto vira na minha direção no mesmo instante. Há tranquilidade em sua expressão, mas se dispersa rapidamente.

— Está anoitecendo. — Fica sentada e geme, tocando sua barriga. — Preciso ir embora, tenho um compromisso.

Aperto os lábios. *Um compromisso com aquele homem?* Quero perguntar.

— Espere um pouco, Arcane. — Seguro seu braço quando ela tropeça de volta à cama. — Está claro que não está em condições para esse compromisso. Acabou de levar um tiro.

Sua expressão enraivecida não me assusta, apenas fomenta meu fogo. Concentro minha atenção em seu corpo buscando algum ferimento despercebido, e fico confuso quando vejo um hematoma em sua bochecha e braço esquerdo.

— Isso dói? — Deslizo o dedo por sua bochecha, Arcane estremece e vira o rosto, tentando se esquivar.

— Não encoste em mim, por favor. — Seu nervosismo me surpreende.

Inúmeros pensamentos passam pela minha cabeça e preciso socar alguma coisa para conseguir controlar esse monstro que cresce dentro de mim.

— O que aconteceu com você, Arcane mou? — Tento tocar seu ombro, mas ela recua como um gato selvagem.

— Falei para não encostar, Kalon Somáli.

Porra. Alguém bateu nela.

— Certo. — Meu peito libera o ar com facilidade quando a frieza volta a me dominar. — Vou chamar um Uber para você ir embora, vai ficar mais segura sem mim.

— Está bem. — Arcane levanta da cama, dessa vez conseguindo equilíbrio. — Tenha uma ótima noite. — Me lança um olhar profundo por cima do ombro e some de vista.

Afundo na cama que parece muito mais fria agora que Arcane se foi. Deus do céu, preciso apenas dormir e procurar formas dessa mulher não se tornar a minha ruína.

Corro pelo jardim da nossa casa e grito por minha mãe. Minhas mãos estão manchadas de sangue, e cada passada deixa marcas vermelhas para trás.

— Kalon! O que aconteceu, arní mou[15]? — Atena pergunta quando esbarro em seu corpo.

— Mãe! — Ajoelho no chão e agarro sua cintura como se minha vida dependesse disso. Escondo meu rosto em sua barriga. — Eu… fiz algo muito errado… Fiz uma coisa horrível.

— Kalon, não estou entendendo… — Atena puxa minha mochila das costas. — O que aconteceu no colégio?

Quando tento abrir a boca para falar novamente, arquejo em busca de ar. Se meu pai souber o que fiz, vai acabar comigo.

— Vou pro inferno, mamãe. — Soluço.

— Não vai, arní mou! — Segura meu rosto. — Você tem apenas dezessete anos, mamãe não vai permitir.

— Perdi o controle. — Sufoco. — Eu não queria, mamãe. Juro. Mas fiquei com tanta raiva. — Fecho a boca quando esse monstro sombrio se revira no meu peito.

As lembranças consomem minha mente, mas estão distorcidas pela raiva.

— Faça uma oração! — Imploro. — Por favor, fale com sua santinha!

— Panagía mou, fróntise to agoráki mou gia ména…[16] *— Não preciso terminar de falar, mamãe já está rezando para a virgem Maria.*

Atena é tão boa que isso me parte o coração. Sua vida vai ser arruinada quando souber o que fiz na escola. Estraguei nossas vidas.

— Fale com a mamãe, ok? — Beija minha bochecha suja. — ti boreí na kánei i mamá gia séna? [17]*— Encaro seus olhos cheios de lágrimas e balanço a cabeça.*

— Eu… Eu…

— Acorde, Kalon! — Tenho um sobressalto do caralho. — Você está atrasado. Vamos, vamos. — Um travesseiro bate em meu rosto.

— Porra. — Sento na cama e afasto as cobertas. — Como entrou na minha casa?

Kol está do outro lado. Levo a mão ao peito, meu coração quer sair pela boca com a angústia do meu pesadelo.

— Quanto tempo eu dormi? — Massageio o rosto.

— Está chapado? — Ele aperta os olhos e inclina o rosto na minha direção — Ora, ora. — Cruza os braços.

— Isso é mais a sua praia. — Afundo de volta na cama, gemendo. — O que quer de mim, *zoí mou*[18]?

Seus lábios formam um sorriso fofo ao entender meu apelido.

— Eu disse que você está atrasado, idiota. — Ele puxa meu braço. Kol é tão rabugento que me dá nos nervos.

— Atrasado para o que? — Encaro seu rosto. — Que seja um motivo plausível para invadir minha casa.

Suas mãos mudam para os bolsos e respira fundo.

— Hoje é sábado, Kalon. — Fala como se fosse óbvio. Suas sobrancelhas se unem.

— E daí? — Arqueio uma sobrancelha. — Semana passada também foi sábado.

— Aos sábados, Atena quer todos os filhos reunidos, lembra? — Aponta o dedo na minha direção.

— Não acredito que invadiu minha casa por causa dessa tradição idiota. — Resmungo.

— Escuta, tenho que rebobinar nossa rotina? — Me encara de cima a baixo como se eu fosse uma vagabunda ocupando seu espaço. — O que aconteceu com você? Esqueceu seu cérebro dentro do útero de alguma puta que você fodeu ontem?

— Ontem eu estava com Arcane. — Jogo um travesseiro em seu rosto e ele se esquiva com um reflexo do caralho.

— Tenta a sorte, *Tony Montana!* — Vocifera muito humorado e devolve o travesseiro para a cama. — Vá se preparar antes que Rajá mande um exército nos buscar.

— Não sei onde Atena estava com a cabeça para engravidar tantas vezes. — Levanto da cama. — Um era suficiente, mas agora tenho que ser oprimido por dois babacas que se acham alguma coisa por serem mais velhos.

— Por isso eu me considero o único e original Somáli. — Entro no banheiro e ignoro suas piadas.

Ainda estou afetado com aquele pesadelo. Mergulho na banheira e tento silenciar meus demônios. Meu coração bate tão forte contra meu peito que temo que exploda.

Depois de longos minutos no banho, reúno coragem para encontrar minha mãe.

Kol tinha razão, todos estão esperando por nós dois. Menos papai, é claro. Ivan nunca está presente.

— *Kaló apógevma, mamá!* [19]— Coloco as mãos no bolso quando Atena caminha para me receber.

— Kalon! *aní mou!* — Foi inevitável esconder as mãos, ainda assim ela me abraça e deixa inúmeros beijos nas minhas bochechas.

— Tudo bem, *mamá*... — Reclamo, abraçando sua cintura quando ela não para.

Ouço Kol resmungar algo infeliz quando passa por nós dois.

— Bom dia pra você também, Senhorita Atena. — Acena. — Nem tente usar esse charme comigo, estou de mal humor.

— Ah, *kardiá mou*[20]. — Mamãe suspira pesadamente, olhando na direção que ele foi.

— Como você está, hum? — Chamo sua atenção. — Não te vejo há uma semana.

— Estaria melhor se não fosse o que aconteceu ontem — Leva a mão ao peito. — Graças a Virgem Maria você não está com nenhum ferimento.

— Estou ótimo. — Abro os braços. — Vaso ruim não quebra. — Acrescento humorado. — Mas quem foi o infeliz que preocupou a senhora por besteira?

— Yuri ligou informando que Arcane estava ferida e não podia vir hoje. — Cochicha, me puxando para andar ao seu lado.

— E como ela está agora? — Não contenho minha curiosidade.

— Se recuperando. — Balança a mão. — Graças a Deus o pior já passou. Se aqueles homens tivessem…

— Por favor, nossa tradição é não falar disso aos sábados. — Peço baixo demais.

Impossível controlar meus pensamentos que giram em torno do que aconteceu ontem, mas faço um esforço quando Atena me puxa para a mesa ao ar livre.

Mamãe se converteu ao cristianismo depois de se casar com papai. Sua vida mudou muito desde então, mas às vezes a flagro vendo fotografias antigas da sua outra vida.

A última vez que estive aqui foi para provocar o meu pai fazendo uma orgia com Rajá, mesmo que aquela bagunça não tenha terminado como eu esperava, foi divertido.

E por pensar no primogênito, ele aparece ao lado de Ajax, nosso caçula espertinho.

— Bem-vindo. — O garoto fala tão sério e educado que fica difícil acreditar que parte da sua criação foi feita por Rajá.

Também fui criado pelo mais velho, assim como Kol, mas nada se compara a classe que Ajax tem impregnado na alma. O homem cuidou de todos nós como se estivesse limpando seus pecados. Sendo apenas um adolescente na época.

— Veja se não é o caçula imprestável. — A melhor parte é que posso encher seu saco à vontade. — Hoje você está limpinho.

— Vê se não fode, Kalon. — Arregalo os olhos de maneira fingida e levo as mãos aos lábios em uma expressão de choque.

— Deus tenha misericórdia! — Balanço a cabeça. — Essa geração está mesmo perdida, viu o que saiu da boca do seu filho satânico, Atena?

Nossa mãe estala a língua em desaprovação.

— Por que os dois satânicos não param de flertar e vão comer? — Ordena enquanto faz um coque no cabelo.

— Beleza. — Balanço os ombros em rendição.

— Adoro nossos sábados de trégua que sempre terminam com alguma discussão. — Ajax revira os olhos.

Kol está assistindo tiktok e Rajá está assobiando para os pássaros na árvore. Depois de anos, é fácil me acostumar com tanta presença masculina espalhada pela casa e tantas personalidades diferentes. Mas está faltando um de nós. Ele preferiu ir embora e se desfazer dessa família.

Ao menos o clima está mais agradável que nos outros dias. Na última vez, mamãe falou algo que fez Rajá quebrar o prato e se retirar fumaçando.

— Vamos rezar o terço? — Ajax pergunta. — Faz bem a alma. — Sei que está brincando, ele adora ser travesso.

— Não, sabe que sou mulçumano. — Rajá balança a mão.

— Sério? — Kol dá risada. — Você não parece tão fiel à religião, nem te vejo frequentando Mesquitas. — Sua risada morre quando Rajá aperta os olhos em sua direção.

Nosso irmão mais velho é o melhor exemplo de fiel que podemos ter nessa família. Ele é dedicado, se entrega de coração, e faz tudo ao seu alcance para compensar sua vida de assassino.

— Que grande insulto, Kol Insuportável Somáli. — Responde. — É claro que faço tudo direitinho, e você não precisa presenciar.

— Você podia dormir sem essa, metido. — Aponto de Kol para Rajá.

Atena chama nossa atenção, e no minuto seguinte, entro em choque com o barulho metálico. É a minha primeira refeição e uma faca acaba de acertar minha bochecha ao ponto de tirar sangue.

— Porra, Kol! — Aperto minha pele. — Vou precisar de uns dez pontos!

— Aproveita e dá pregas na língua. — Ajax sufoca uma gargalhada. Babaca. Sempre em cima do muro colocando lenha na fogueira.

— Venha aqui, *mikró*[21]. — Rajá acena. — Me deixe ver.

Levanto para sentar ao seu lado, ele limpa minha bochecha com um lenço e depois deixa um beijo rápido.

— Idiota. Não vai precisar de pontos. — Abre a carteira e tira um band-aid.

Reviro os olhos quando os outros começam a rir do seu comportamento superprotetor.

— Ouvi dizer que vai se casar com uma Planard. Espero que não seja a loirinha gótica. — Introduz o assunto que estava doido para falar.

— Por que citou Melissa? — Ergo uma sobrancelha. — E ela não é gótica. Está mais pra rock alternativo. — Sua expressão continua a mesma.

— Rock alternativo. — Ajax solta uma gargalhada.

— Uhum. — Lhe encaro. — Conhece a Victoria do Maneskin? Mesmo estilo.

— Ah, é mesmo. Kalon gosta de fingir ser modelo e matar algumas pessoas nas horas vagas. — Rajá estala a língua. — Acho Melissa inteligente demais para passar a vida com um pé no saco como você.

— Que tipo de inteligência? — Kol entra no assunto. — Anda prestando atenção demais nas meninas do Yuri.

— Ué, vocês não sabem? — O mais velho une as sobrancelhas. — Não conseguem reconhecer que ela é tipo Einstein?

— Melissa fez um programa de tecnologia para Yuri e Ivan na noite em que fomos jantar na casa deles. — Atena balança a mão. — Vocês saberiam se tivessem ido conosco. Melissa é mesmo muito inteligente e Rajá percebeu porque é igual.

— Apenas isso. — Ergue o queixo cheio de ego.

— Deixe Melissa fora do assunto. — Kol chia, apontando sua faca para Rajá. Seu olhar é sombrio. — Nimue também. — Acrescenta. — Vamos focar no ponto interessante: Kalon vai casar com Arcane, isso significa que Jesus Cristo está voltando.

— Logo o mais dodói da cabeça. — Ajax resmunga.

Todos riem. Aperto os lábios.

— O que seu profeta tem a dizer sobre isso? — Kol aponta para Rajá. — Certamente tem alguma coisa escrita sobre esse acontecimento sobrenatural.

— *Dor melhora com dor, amor melhora com um amor maior.* [22]— O mais velho cita uma frase do Mevlana. — No caso de Kalon? Mulher raivosa mata um Somáli.

Reviro os olhos quando as risadas recomeçam.

— Vocês são todos farinha do mesmo saco. — Mastigo um pedaço de pão. — Deviam se olhar no espelho.

Terminamos de comer trocando insultos e piadas, e julgando a expressão de Atena, vejo que está feliz com todos juntos.

Ajax e Kol são os primeiros a se retirar para jogar basquete na área de treinamento. Mas Rajá permanece sentado, assobiando para os passarinhos. Um pousa em seu ombro e ele se distrai conversando com o bicho.

— Bando de loucos. — Vou até a rede armada perto do gramado. Ela balança de acordo com o vento.

O som do mar invade meus ouvidos e quase me rendo à sonolência, mas Atena se aproxima, me observando.

— Fala de uma vez. — Peço com a voz embargada. — É estranho ficar encarando as pessoas e não dizer nada, *mamá*.

Quando ela ri, eu encaro seu rosto. Seus cabelos voam com a brisa, suas mãos balançam de um jeito nervoso.

— Ai meu Deus. — Falo desconfiado. — Está me deixando nervoso.

As mães nem sempre tem as palavras na ponta da língua e não sabem como resolver situações complicadas. Nossa relação é a prova disso.

— Estou pensando sobre aquele dia. — Sua voz é suave. — Você não é o mesmo desde os dezessete.

Uma risada arrastada e sem humor ecoa da minha garganta. Não esperava esse assunto. Até parece que ela leu meus pensamentos e viu que depois de anos tive um pesadelo sobre aquele dia.

— Não espere que eu permaneça sendo o mesmo depois daquilo. — Balanço a cabeça. — Nenhum ser humano é assim.

Ninguém tem o poder de continuar o mesmo depois de tanto tormento, depois de experimentar o que fiz naquele dia.

— Estávamos limpando o parque da escola porque o senhor era muito velho pra fazer tudo sozinho. Estávamos brincando, conversando. — Dou os ombros. — Até que eles disseram que a senhora era uma cigana que merece morrer. — Encaro-a. — Que não faz parte do nosso povo e jamais fará.

Essa é a primeira vez que Atena sabe os motivos que me levaram a massacrá-los como animais. Naquele dia, só citei o nome de cada pessoa que tirei a vida.

— Imagine um bando de idiotas dizendo que você não faz parte da Alkyóna e jamais fará. — Estalo a língua. — Eu sabia que era reflexo do que os pais diziam a eles, e fiquei cego. Depois, as coisas pioraram quando tentaram bater no Kol. — Levanto as mãos como se pudesse ver o sangue. — Deus me perdoe, mas quando fiquei sozinho com eles e vi aquele… — Engulo em seco. — Quando vi aquele rastelo, tudo ficou escuro e acordei banhado de sangue.

— Meu Deus, Kalon. — Atena sufoca e cobre a boca. — Você era só um menino.

— Sim, eu era. — Aperto os lábios. — Mas gostei tanto daquilo, mamãe. Não consigo descrever a satisfação eletrizante ao vê-los estraçalhados.

Seu olhar me deixa desprovido de qualquer defesa. Tem lágrimas consumindo suas orbes. A culpa que sinto não é pelas mortes, nem por deixá-la triste. Mas pela vida inocente que ceifei naquele dia.

— Tudo bem as mães estarem erradas em relação aos filhos. — Argumento. — Sou um caso perdido.

— Não errei com você, não diga isso. — Avança.

— Você acha que esse casamento com Arcane vai me fazer diferente, não é? — Aproximo meu rosto. Sinto vontade de rir, mas não faço. — Outra ilusão sua.

— Vai ter a chance de uma história ao lado dela. — Ela tenta tocar meu rosto mas me esquivo. — Arcane é tão boa, esse monstro em você vai embora quando estiver com ela.

— Ou talvez ele volte. — Balanço os ombros.

— Está assim porque é o aniversário de morte da Azra? — Menciona o nome que estou evitando desde que achei o corpo.

Fico em pé como se tivesse levado um tapa. Atena me olha com surpresa.

— Olha, filho. — Sussurra. — Você nem se lembra do que fez, talvez não seja sua…

— Não fale disso. — Rosno agressivamente. — O corpo dela estava jogado no chão junto com os outros.

Atena me olha com mágoa pelo meu tom de voz. Arrependimento me corrói, mas não volto atrás. Ela sabe o quanto não gosto de falar sobre esse assunto.

— Ei, isso é jeito de falar com Atena? — Rajá caminha furiosamente na minha direção.

— Fique fora disso. — Aponto o dedo no seu rosto.

— Tudo bem. — Atena segura meu peito. — Já chega. Você não precisa se culpar por ter esquecido, amor.

Sua mão desliza por meus cabelos, trazendo algum tipo de alívio a minha mente. Infelicidade brilha em meu rosto.

— Foi por isso que me chamou aqui, então? — Empurro suas mãos. — Para me deixar louco com esse assunto? — Balanço a cabeça

impaciente. — Eu não suporto ouvir! Eu não quero ouvir!

Rajá se mete na minha frente como a porra de um leão raivoso. Protegendo Atena como se eu fosse perder o controle e matá-la também.

— Vá embora, seu idiota. — Me empurra, pegando minhas chaves e jogando nos meus dedos. — O dia em família acabou para você. Procure outro lugar para liberar sua raiva.

Olho para mamãe que balança a cabeça, lamentando. Balanço a cabeça e bato no ombro de Rajá, indo embora dessa casa enquanto meus demônios dão risada na minha mente. Me culpando por esquecer do que fiz naquele dia.

12. O MELHOR DE VOCÊ

“O coração diz a alma: “eu amo, me apaixonei, mas sempre sofro por algum motivo.”

A alma responde: “contanto que você ame...”

— ŞEMSI TEBRIZI.

Arcane Planard

Faz uma semana que estive com Kalon. Odeio a forma como esse homem tem o meu destino em mãos e parece adorar a ideia.

No entanto, não consigo esquecer a forma como ficou sombrio e protetor quando viu o machucado na minha bochecha, mal sabendo que foi seu próprio pai quem me bateu.

— Encontrei uma coisa. — Melissa vem até nós.

Estamos revirando o escritório de Yuri faz uma hora em busca de alguma informação sobre o tiroteio que aconteceu no meu encontro insalubre com Kalon. Faz dias que temos a impressão que papai e Ivan estão escondendo alguma coisa.

— Uma fotografia?— Aponto para o que Melissa tem em mãos. — Como isso vai nos ajudar?

— Está faltando uma pessoa. — Observo a foto com nosso pai, Ivan e um homem loiro.Todos estão abraçados como um encontro entre amigos, mas o quarto membro foi rasgado. Tudo que temos é seu braço tatuado.

— Quem será que eles esconderam? — Pergunto curiosa.

— Não faço ideia, mas estava no cofre que Yuri tem debaixo da mesa. — Balança a cabeça. — Quem será o homem loiro? Nunca o vi antes.

— Meninas! — Nimue entra na sala. — Papai chegou, escondam isso.

Nos encaramos em choque. Ele não devia chegar tão cedo.

Melissa guarda a fotografia em seu bolso e fecha a porta do escritório. Tudo está em ordem porque enquanto ela bagunçava, eu arrumava. Sentamos no sofá para assistir TV no momento em que ele adentra o cômodo.

Sequer nos olha, mas abre a boca para falar.

— Posso saber onde as três estavam? — Fica na nossa frente.

— Como assim? — Cruzo as pernas.

Meu quadril já não dói tanto quanto nos primeiros dias da recuperação.

—Ainda ontem, durante a noite… — Ergue o dedo. — Procurei vocês e não encontrei.

Foi quando saímos para encontrar Pavlos e conhecer seu iate. Depois fomos para a fazenda onde ele mora com seus avós. Não tem chance de Yuri descobrir, conseguimos esconder nossos passos muito bem.

— Estávamos na clínica de Melissa, depois saímos para jantar. — Nimue responde. — O que queria com nós? — Sua voz é tão suave que acredito nas suas palavras.

— As três no seu trabalho, Mel? — Entorta os lábios.

— Sim. — Melissa balança a cabeça. — Queria companhia pra voltar para casa no final do expediente, mas antes decidimos jantar, você estava com Ivan e a regra é sempre comer juntos.

— E o motorista que espera você todos os dias? — Avança dois passos.

— Dispensei ele. — Responde. — Pode ligar e perguntar. Ele nos deixou no restaurante e foi embora.

— Está bem. — Yuri me observa de um jeito sombrio. — Arcane mou, me responda uma coisa. — Meu coração aperta, sei que consegue farejar a mentira impregnada em nós.

— Sim, papai? — Limpo a garganta.

— Recebi uma mensagem do meu sistema de segurança faz dez minutos. — Afunda as mãos em seu bolso e tira seu celular. — Avisando sobre alguém no meu escritório, era você?

Impossível. Melissa passou uma hora hackeando todos os sistemas de segurança que tem pela casa. Ela sabe desligar com tanta facilidade que Yuri nem perceberia.

— Ótimo. — Estala a língua. — Você demorou trinta segundos em silêncio. Me fale sobre isso.

— Deve haver algum engano, papai. Nós não…

— Não minta para mim, *ouranós mou*. — Ergue o dedo indicador na direção de Melissa. — Acha que não tenho meus métodos para controlar as coisas que fazem? Que suas habilidades são suficientes para me passar a perna? Você é assim porque eu te ensinei, garota!

— Era eu. — Digo quando sua raiva deixa o clima pesado. Não tem como esconder, se tem outro sistema que passou despercebido, o melhor é confessar.

— O que estava procurando? — Adota uma postura tranquila, muito diferente do seu tom afiado.

— Informações sobre o atentado da semana passada. — Levanto do sofá. — Ouvi você falando com Ivan outro dia sobre um homem chamado Uraz estar morto, mas isso não cessou os atentados, então a razão só pode ser outra coisa.

— E você estava tentando descobrir quem é o outro… — Completa ao avançar na minha direção com precisão. — Não basta ouvir a conversa dos outros, ainda tenta revirar minhas coisas? — Seus olhos brilham intensamente.

— Pensei que tivesse me chamado para proteger Atena. — Levanto uma sobrancelha. — Estou fazendo isso.

— Pedi para fazer a guarda dela, não investigar coisas que não são da sua conta. — Aponta o dedo na minha direção, rosnando. — O que ia fazer quando descobrisse, matar eles? Mal conseguia dar conta dos criminosos que vivem naquele hospício!

— Você e Ivan não estão conseguindo nada porque provavelmente estão procurando a pessoa errada. — Ficamos cara a cara. — Mas se eu descobrir primeiro, posso fazer um acordo com Kalon. Entrego informações sobre quem está tentando matar Atena, e em troca, ele cancela o casamento.

— Ah, é? — Solta uma gargalhada amarga que me enoja. — Você me diverte muito, Arcane, está tão segura que pode conseguir alguma coisa. — Sacode a cabeça ainda rindo. — Vai ser um prazer estragar isso.

— Papai, não faça isso. – Nimue protesta.

Sinto um tapa no meu rosto antes de ter consciência que ele chegou perto demais. O maldito fantasma desperta dentro de mim.

— *Você é tão burra, Arcane.* — Ouço Nikoleta me chamando do outro lado da sala. — *Devia ter ficado calada.*

Se eu ficasse calada, ele arrancaria as informações da minha boca sob tortura. Aperto os olhos para não vê-la. É sempre assim, como um gatilho. Basta levar um soco para que apareça me lembrando de como fui abandonada em uma gaiola para lutar sozinha.

— Onde está a fotografia que pegaram no cofre? — Exige saber. — Não ouse mentir, tenho uma câmera recém instalada no escritório. Eu vi tudo.

Um gemido de dor sai dos meus lábios quando Yuri agarra meu pescoço.

— Ouça bem, Arcane. — Inclina a cabeça para o lado. — Não existe nenhuma chance de escapar do seu destino. Esse casamento é melhor que a prisão, mas ainda existem formas de me irritar e voltar para lá.

— Quero ir embora porque você é um monstro. — Cuspo as palavras. — Você está nos destruindo igual fez com Theo. Quero salvar minhas irmãs das suas mãos antes que seja tarde.

Yuri pisca e solta meu pescoço. Penso que estou forte para ficar em pé, mas caio de joelhos quando a pressão invade minhas pernas. Engasgo em busca de oxigênio.

— O que disse? — Treme.

— Lembro que você tinha uma arma e matou Theo. — Respondo. — Está nos destruindo da mesma forma. Primeiro o casamento, depois vem o que? — Aperto os dentes com força.

— Vamos descobrir isso agora. — Agarra meus cabelos. Nimue tenta afastá-lo, mas é empurrada. Sou espremida contra a parede e ele aperta meu queixo.

Engasgo com a dor lancinante. Tento gritar e revidar, mas tudo que exprimo são gemidos de dor.

— Adora brincar com a morte, não é? — Vejo um demônio faminto devorando todo o seu controle. — Ouça uma coisa, Arcane. Se tentar atrapalhar meus negócios, vou matá-la de uma forma tão dolorosa que vai passar a eternidade agonizando no inferno.

Ele bate minha cabeça contra a parede e toda minha audição explode. A dor faz minha vista escurecer. Minhas irmãs tentam impedi-lo, mas ele as empurra com facilidade.

— Se existe a chance de barganhar com a família Somáli sobre alguma coisa, eu farei isso para meu benefício pessoal. —Rosna. — Não vou deixar que tire outra coisa de mim. Não pense que o que aconteceu naquela Páscoa vai se repetir.

Um sorriso dança em meus lábios e tento falar, mas ele me sufoca com mais força.

— Pare com isso! — Melissa grita. O homem paralisa e vira lentamente ao sentir a ponta de uma arma na sua testa.

— Vai me matar, meu amor? — Sua mágoa é quase verdadeira. — Vai matar o papai, Mel?

— Você está matando Arcane, então vou. — Respira furiosa. Os olhos de Yuri escurecem, suas unhas arranham em meu pescoço até que me empurra aos pés de Melissa.

— Veja o que está se tornando, *meu céu.* — Cospe as palavras. — Uma assassina igual a sua irmã. É melhor que devolva minha arma, ou mato

você, Melissa. Juro que mato.

Minha irmã me puxa, me agarrando com uma mão e a outra apontada para Yuri. Estou tossindo ao ponto de vomitar. Quero fazer alguma coisa, eu até tento. Mas o maldito fantasma está rindo na minha cabeça e me impedindo.

— Filha da puta! — Yuri segura a arma nas mãos de Melissa e atira para o alto. Nimue grita, cobrindo os ouvidos. — Me dê a porra da fotografia!

Estamos encolhidas no chão, ele fica de cócoras e segura o ombro de Melissa.

— Por que essa foto é tão importante para você, hum? — Questiono quando puxa meu queixo. — O que está escondendo?

— Não é da sua conta. — Rosna. — Precisa aprender que nessa vida deve lucrar com algumas situações, ser astuta e não permitir que arranquem um pedaço do que é seu.

Esmurro seu antebraço para escapar do aperto doloroso. Quero gritar, e me reviro no chão para respirar, mas Yuri permanece apertando enquanto mantém a arma na cabeça de Melissa.

— Sabe por que?— Cospe. — Mesmo que este seja seu ente querido, o homem é como um lobo para outro homem.

Uma sombra se movimenta na minha visão periférica. Penso que estou delirando, mas um vaso se parte na cabeça de Yuri e gotas vermelhas escorrem por sua testa como tinta.

— Meu Deus. — Melissa sufoca, os pés de Yuri vacilam e Nimue surge atrás dele. — Porra.

Respiro fundo quando a mão dele amolece no meu queixo dolorido. No entanto, o impacto não foi suficiente para Yuri desmaiar.

A confusão brilha em seu rosto por apenas alguns segundos, e quando sente o sangue quente manchando suas bochechas, o homem se ergue como a encarnação do diabo.

— Deixe Nimue em paz. — Chuto suas pernas e ele tropeça por cima do sofá. — Não encoste nela. — Percebo que está tonto, e mesmo que eu também esteja, avanço para apagá-lo de alguma forma.

— Pare. — Melissa protesta quando Yuri não perde tempo em puxar o cinto na sua calça. — Eu entrego a porra da fotografia. Nos deixe em paz.

Sua cabeça se ergue. Os lábios manchados de sangue formam um sorriso psicopata.

— Me dê. — Estende a mão. — Agora mesmo. — Melissa tira a foto da roupa e joga aos seus pés. Yuri parece transtornado ao encarar os rostos na foto.

Os olhos brilham de raiva quando inclina a cabeça para ver melhor. As gotas de sangue mancham o papel.

— Tirem a roupa. — Aperta o cinco nos punhos. Perco o fôlego quando entendo que vai nos bater igual antigamente. — Vou ensinar a nunca mais tocar naquilo. — Pisa na fotografia e caminha até nós.

— Não. — Bato o cotovelo na sua barriga quando agarra meu antebraço. — Pare com isso.

— De joelhos. — Aponta a arma. — Tirem a roupa ou atiro em Nimue por ter me machucado.

Yuri não parece em plena consciência. Sua respiração está ofegante como um animal selvagem, e quando ele limpa o sangue com a manga da camisa, percebo os dedos trêmulos.

— Vou contar até três. — Tremo quando puxa o gatilho, perfurando o sofá. Nimue tem um sobressalto. O disparo foi tão perto da sua perna que se encolhe desesperadamente.

— Tudo bem. — Melissa entra na nossa frente, nos protegendo. — Deixe minhas irmãs. A culpa foi minha. Eu fiz tudo. — Aponta para a fotografia.

— Ótimo. — Aponta com a arma. — Tire suas roupas.

Ela faz sem pensar duas vezes, ficando apenas de peças íntimas. Yuri não encara seu corpo. Nunca faz. Assiste apenas ao medo que alimenta seu narcisismo.

— Arcane e Nimue. — Nos encara. — Façam como sua irmã.

Aperto os dentes, sentindo raiva e humilhação. Me desfaço de cada peça e me ajoelho ao lado de Melissa. Consigo ouvir o maldito fantasma gargalhando do outro lado do cômodo. Minha respiração falha como se fosse real, mas é apenas um delírio.

— *Devia matar ele.* — Nikoleta sussurra. — *Seria tão bom te ver voltando para aquela prisão. Você não nasceu para estar aqui, Arcane. Sejamos honestas, seu lugar é lá.*

Sua voz some quando sinto o vento frio que vem de fora. A porta do jardim está aberta, aumentando minha vulnerabilidade.

— Pensei que eu já tinha disciplinado vocês o suficiente. — Estala o cinto, fazendo Nimue encolher ao meu lado. — Mas vejo que preciso começar tudo de novo.

Aperto os olhos quando a primeira chibatada contorna minhas costas. Eu grito, cambaleando pra frente e buscando apoio no chão gelado. Isso não vai ficar assim. Mordo o lábio quando a ardência aumenta, Yuri bate sem pausas.

Fecho meus olhos, me deliciando com a ideia dele morto. Gostaria de cortar sua garganta. Minhas costas doem tanto que salivo por uma faca, qualquer coisa. Juro que faria tudo para acabar essa tortura, não importa que custe meu retorno para aquele hospício.

Não consigo ouvir o choro das minhas irmãs. Estou eletrizada com a dor lambendo minha coluna como fogo. Meus dentes rangem quando penso estar ouvindo a risada de Nikoleta, mas não é ela quem entra pela sala.

— Bravo! — Ivan bate palmas como se isso fosse um espetáculo. — É isso que chamo de um bom pai.

Yuri avança dois passos, cobrindo a fotografia com a sola do pé. Suas mãos ficam atrás das costas como a porra de um soldado. Não consigo decidir quem é mais narcisista entre os dois, ou quem quero matar primeiro.

— O que significa esse sangue em seu rosto, meu velho? — Ivan não se dá ao trabalho de nos analisar, mas o que me enoja é o arrependimento doentio na face de Yuri.

— Uma delas me acertou com um vaso. — Me encara. — Desobedecendo uma ordem minha. — Sua voz é tão fria que envia choques de dor ao meu ferimento. — Resolvi puni-las e você chegou bem na hora.

Interessante. Ele não fala da fotografia debaixo do seu pé, nem o verdadeiro motivo dessa discussão. Seus lábios se apertam autoritário quando levanto a cabeça para encará-lo.

— O que acha de beber, Ivan? — Chama a atenção do amigo para si. — Me espere no escritório.

Sem precisar de mais palavras, o homem já está caminhando pelo corredor como se a casa fosse sua. Yuri nos encara em silêncio e chuta a fotografia na minha direção, pega seu sobretudo no sofá e cobre as costas de Nimue.

Foi tão rápido que preciso arregalar os olhos. Logo ele se tranca no escritório com Ivan.

— Essa é a demonstração de *TEI*[23] mais nojenta que já vi. — Cuspo as palavras com a voz rouca. Tremo de dor quando me levanto do chão, ofegante.

Minhas costas queimam quando visto minhas roupas e apanho a maldita fotografia suja de sangue. Ele desistiu de levar essa porra ao seu escritório por algum motivo, e vou descobrir qual é.

Nimue se ergue, gemendo e apertando as pernas, então corre pela sala até encontrar seu quarto. A porta se fecha em um estrondo.

— Sinto muito. — Melissa geme, puxando seu vestido.

Pego a arma no chão, segurando como se fosse um escudo. Quero matá-lo agora mesmo. Mesmo que eu odeie ser uma assassina, não me importo em fazer isso nesse momento.

— Arcane. — Não vou muito longe com minha vontade assassina quando vejo as costas de Melissa sangrando. — Você está pálida. Muito pálida.

— O que? — Tento caminhar na sua direção. — E você está… — Meu corpo treme como se eu fosse atingida por um raio.

Não sou tão forte quando minha mente tenta me convencer. Tenho que me agarrar em alguma coisa quando minhas pálpebras tremem, mas não solto a arma.

— Isso dói muito. — Engulo um gemido.

Agora que o fogo da raiva diminui, consigo sentir tudo com intensidade. Me sinto quebrada e suja, como uma filha que acabou de fazer uma coisa horrível e não merece respirar.

— Estou sufocando. — Agarro meu pescoço, tropeçando por cima dos móveis até encontrar a porta aberta do jardim.

Fraca demais. A voz fala na minha cabeça e aperto meus cabelos, gemendo alto.

— Me deixe em paz. — Mesmo machucada, Melissa me ajuda a caminhar até o meio do jardim.

Minha regata gruda na ferida aberta em minhas costas. Chego a conclusão que estou delirando de dor quando imagino ter visto nosso irmão pequeno correndo pela casa.

— Vá para o quarto, Melissa. — Imploro chorosa. — Tranque a porta e não saia. Preciso ir embora daqui.

— Desculpa. — Melissa implora. — Não pude impedir. — Ela balança a cabeça repetidas vezes em negação.

Não é culpa dela. Nada disso é nossa culpa.

— Vai, Melissa. — Empurro-a gentilmente para dentro de casa.

Acho que estou enlouquecendo como todos dizem, pois agora sinto vontade de matar todo mundo. Mas não posso fazer isso. Sou uma pessoa boa. Quero ser livre, conhecer o mundo e estudar. Não sou uma assassina.

Acho que Melissa entrou, o silêncio envolve o jardim e percebo que estou sozinha. Caminho encarando meus passos. Tudo queima e arde. Sinto sangue escorrendo nas minhas costas, mas o pior é esse fantasma ao meu lado tentando me convencer de uma coisa que não sou.

Lágrimas de alívio molham minhas bochechas quando chego na praia e sinto a areia molhando meus pés descalços.

Preciso lavar meu corpo e me recuperar até que esse sentimento repulsivo vá embora. Esfrego meus braços quando me atiro dentro da água gelada.

Essa é a primeira vez que me permito chorar. Minha alma grita em desespero quando tenho consciência que tudo na minha vida é um inferno. Não tenho uma mãe para me consolar, meu pai é um doente mental e perdi toda minha vida dentro de um hospício.

— Acha que essa água vai lavar seus pecados, *agapi mou?* — Paraliso quando vejo Yuri ao meu lado.

Não tenho outra reação além de gritar. O homem sorri sombriamente e puxa meus cabelos. Engasgo quando a água do mar entra no meu nariz.

Estou afogando e delirando, mas a mão que me puxa para fora do mar é tão real que seguro a arma com as duas mãos.

— Me deixe em paz! — Imploro para quem quer que seja.

— Arcane mou? — O tremor nos meus dedos me faz puxar o gatilho sem querer. — Porra, amor. — Meu sangue ferve ao reconhecer sua voz.

As ondas agitadas batem em minhas costas e tropeço na areia. Seu corpo quente me segura em braços como um casulo. Espalmo seu ferimento, soluço alto enquanto tento estancar o sangue.

— Me desculpe, Kalon. — Imploro aos soluços. — Acho que estou enlouquecendo. Eu não queria atirar em você.

— Eu chamei, tentei te tirar da água, você esperneou e gritou para sair. — Segura minhas bochechas. — Você está delirando de febre, Arcane. Está quente como o inferno.

— Você está morrendo?— Tremo, abrindo sua camisa para ver o ferimento.

—Não. — Kalon esfrega minhas lágrimas com o polegar. — Estou de colete, viu? Não foi fundo.

Mas há tanto sangue que não consigo parar de chorar. Estamos deitados na areia e o som do mar é como uma melodia para o meu desespero.

— Você me deu um susto. — Escondo o rosto na sua pele, me agarrando ao seu corpo como se estivesse afundando. — Nunca mais faça isso. — Fecho meus punhos quando a água bate em minhas costas, quase me arrancando de cima dele.

Odeio tanto esse homem, mas mesmo assim estou chorando porque pensei que tinha lhe matado.

— Arcane… Está me deixando preocupado. — Levanta meu rosto quando sente os dedos sujos de sangue ao tocar minha coluna. — O que aconteceu?

Não respondo nada. Permaneço soluçando, agarrada ao seu tronco como se Kalon fosse uma bóia em meio as ondas batendo em nossas pernas.

— Não me sinto bem…— Minha vista está turva. — Tudo dói.

— Onde? — Estremeço quando Kalon tenta acariciar minha pele. — Me mostre todos os lugares?

— Isso arde. — Me esquivo para longe. — Não toque em mim assim.

— Não. — Ele me puxa pela cintura, sem tocar as costas, quando tento escapar. — Fica aqui. — Minha regata está quente. Pulsando. Queimando. — Você está perdendo muito sangue.

Os dedos de Kalon esbarram na lateral da minha barriga, tentando puxar o tecido para ver melhor. Abro meus olhos e vejo sangue escorrendo do seu peito, não é tanto quanto o da minha coluna, mas ainda assim esse homem só está preocupado comigo.

— Puta merda. — Esbraveja. — Você foi chicoteada.

Ele esfrega o rosto na lateral da minha bochecha e se movimenta, ficando em pé. Gemidos exaustos saem da sua boca.

— O que está fazendo? — Agarro seu ombro, não querendo sair. Eu pensei que estava enlouquecendo, mas ele disse que só estou delirando por causa da febre.

— Te levando embora. — Há carinho em suas palavras. Isso me deixa amedrontada. Não fiz nada para merecer esse carinho.

Fecho meus olhos quando ele cobre meu corpo com seu sobretudo. A água fria não me molha mais.

— Estou tonta. — Espalmo seu peito, me agarrando em seu tronco.

— O que mais sente? — Sussurra. — Mantenha os olhos abertos, estamos chegando.

Um protesto escapa dos meus lábios.

— Fale comigo, vamos! — Insiste.

— Estou em pedaços, Kalon. — Resmungo. — Não peça para falar, vou quebrar mais ainda.

— Tudo bem. — Responde firmemente. — Eu adoro juntar pedacinhos. — Sua voz derrota tudo que perturba minha mente.

— Isso vai passar, Arcane mou. Está me ouvindo? — Continua falando. Kalon é tão forte que afugenta os meus demônios mais profundos. — Agora você é minha!

Sua voz é insistente contra meu ouvido, como se estivesse jogando uma âncora e implorando para que me agarre nela. Me dando goles de consciência e até mesmo paz.

13. MINHA PROPRIEDADE

“Você não está sozinha.
Você sou eu, você é minha.”
— MEVLANA.

Kalon Somáli

Estou apavorado. Carrego Arcane nos meus braços como se nunca tivesse matado uma pessoa na vida.

Tem um corte grande em sua coluna que a faz perder muito sangue, e isso me enlouquece. Subo as escadas da mansão e só paro quando encontro meu quarto.

— O que fizeram com você? — Deslizo os dedos por suas bochechas sujas. Arcane está tão quente que minha mão vacila em surpresa.

Viro seu corpo de lado para puxar a regata. Tem muitos machucados em suas costas, mas essa ferida em específico é a mais aberta. Seu corpo treme quando pressiono o sangue. As outras estão apenas vermelhas, mas essa parece que foi rasgada por um prego. Ao analisar com mais calma, compreendo que foi a fivela de um cinto.

Sinto dor no ferimento em meu peito, e antes que eu cuide dele, me concentro nos machucados de Arcane. Foi necessário três pontos para fechar a ferida, e meus dedos tremem quando finalizo. Faço o mesmo no meu peito e envolvo meu abdômen com uma bandagem.

Arcane ainda está dormindo e sua febre está diminuindo. Visto uma das minhas roupas em seu corpo, e quando estou prestes a colocar as suas para lavar, uma fotografia cai no chão.

Franzo o cenho ao ver meu pai, juntamente com Yuri e o pai de Azra. Meu coração bate desenfreado. Sinto angústia ao lembrar do que fiz com sua filha naquele dia, e apenas aumenta quando vejo a fotografia cortada. Tem apenas um braço. Nada mais.

Sinto curiosidade para saber quem é ele e porque Arcane tem isso, mas meu telefone toca antes que possa acordá-la.

— Sim?— A fotografia está manchada de sangue recente.

— Onde você está, *patron*? — É Altan. — Aconteceu alguma coisa?

— Por que a pergunta? — Comprimo os lábios, analisando cada traço desse braço. Quero muito saber onde está o pedaço desta foto.

— Lembra do nosso encontro na praia? — Afasto o olhar. — O senhor está atrasado.

Merda. Esqueci completamente. Altan me ligou hoje de manhã informando que descobriu tudo. Eu devia encontrá-lo imediatamente, mas Arcane é mais importante.

— Não posso ir agora. — Lamento fortemente. — Vamos marcar para amanhã?

— Merda. Como assim? — Questiona em choque. — Estou correndo risco de vida, Kalon. Ele sabe que eu descobri tudo, você precisa me encontrar.

— Vá para um lugar seguro e me espere. — Falo mais baixo quando Arcane se remexe. — Prometo que entro em contato assim que puder. Fique em segurança até eu achá-lo.

— Está bem. — A ligação se encerra.

Me aproximo da cama, mantendo a calma até deitar ao lado de Arcane. Ela está usando uma das minhas bermudas, e uma camiseta folgada pra não machucar as costas.

— Será que a dor passou? — Pergunto em voz alta tentando decifrar sua expressão enquanto dorme.

— Cale a boca. — Fala embargada.

Pelo visto está dormindo profundamente. Sua perna gira e se entrelaça na minha cintura, a palma descansa em meu peito como fez mais cedo. Me amaldiçoo por meu pau inchar em um momento tão inapropriado.

— *agapi*, se afaste. — Imploro quando Arcane deita a cabeça no meu ombro. Meu abdômen se contrai em arrepios.

Acaricio sua perna vermelha pelas marcas de cinto. Raiva obscurece minha mente e fecho os olhos, tentando controlar meus batimentos.

Levanto da cama depois de alguns minutos, a dor em meu peito já não é tão insuportável, então volto a caminhar pelo quarto enquanto encaro a maldita fotografia que não soltei em nenhum momento.

— Preciso descobrir alguma coisa sobre isso. — Me sento em uma poltrona e observo Arcane dormir. A sua respiração tranquila é tudo que me segura aqui. Não vou exigir uma explicação agora, quero apenas que fique bem.

Depois de um tempo em silêncio, e que vou até a cozinha preparar algo para comer, retorno ao mesmo lugar.

Arcane se movimenta manhosa na cama e um sorriso entorta meus lábios. Porra, sua bunda em minha bermuda é a melhor visão do mundo.

Quando seus olhos se abrem, meu sorriso se alarga.

— Kalon? — Me chama como se esperasse que eu estivesse ao seu lado na cama.

— Olá, bela adormecida. — Balanço os dedos, sua cabeça vira na minha direção. — Parece ótima, quantos dedos tenho aqui?

Exibo meu polegar em sinal positivo.

— Cinco. — Debocha.

— Acertou. — Solto uma risada nasalada e caminho até a cama, sentando aos seus pés e encarando-a de perto. — Está bem?

— Como trocou minhas roupas? — Me encara raivosa ao ver minha camiseta em seu corpo.

— Coloquei o edredom por cima e puxei. — Respondo. A rebeldia em seu olhar me excita.

O chute vem certeiro, arquejo de dor quando seu calcanhar pressiona meu queixo, mas seguro e deixo uma mordida atrevida.

— Esse é um convite para devorar você? — Sussurro.

— Seu tarado! — Me empurra e caio entre as almofadas.

Meu peito dói pelo movimento repentino. Ela encolhe as pernas e se ajoelha na cama, me observando com atenção.

— Você está morrendo? — Sussurra receosa.

— Sim. — Fecho os olhos e respiro fundo. — Poderia deitar ao meu lado até meu corpo ficar duro?

— Desgraçado. — Arcane rosna ao perceber que estou blefando, mas o som é substituído por um gemido incomodado.

— O que foi? — Levanto a cabeça para vê-la observando suas costas. — Está doendo?

— Não, mas me incomoda. — Abaixa a camisa e encara meu peito. — Me desculpe por atirar em você.

— Eu te desculpo, coisinha selvagem e atenciosa. — Encaro-a. — Está com fome? Parece deliciosa. — Aponto para a comida.

— Não. — Faz uma careta enjoada. — Não consigo comer agora.

Percebo que não vou conseguir segurar minha língua, preciso saber quem fez isso com ela e porque tem essa fotografia.

— Quem fez isso? — Quero punir o filho da puta que ousou colocar as mãos no que é meu.

— Esqueça isso, já passou. — Desvia o rosto, respirando trêmula. Nada justifica uma agressão. Absolutamente nada.

— Fale, Arcane. — Peço em um sussurro trêmulo. — Converse comigo. Me dê alguma abertura. — Meu coração fraqueja, quase toco sua mão quando me inclino na sua direção.

Me lança um olhar vulnerável. Esse brilho me faz sentir culpado por todos os erros que já cometi na vida.

Essa mulher é apenas uma menina que foi obrigada a crescer cedo demais, que foi vítima de muita violência e brutalidade. Quero abraçá-la, mas me seguro.

— Vai me ouvir a noite toda? —Seu olhar me queima.

Sou incapaz de formar palavras quando estou tão concentrado em lhe apreciar, mas balanço a cabeça em concordância, esperando que fale.

Mesmo que dure noites, madrugadas e anos, estarei aqui ouvindo-a. Gostaria de saber todos os seus pensamentos.

— Preciso ir embora. — É o que me diz. — Onde estão minhas roupas? Tem algo importante no meu bolso.

Quando ela se ergue da cama, estendo minhas mãos por precaução para amparar sua queda. Abraço sua cintura, mantendo seu corpo contra o meu.

— Não, amor. — Seu cheiro me desestabiliza. Suas mãos deslizam por minha pele buscando apoio, puxo sua cintura ao ponto de deixá-la na ponta dos pés. — Você precisa descansar, apenas isso.

Estou economizando palavras porque sinto que se abrir minha boca mais uma vez, serei capaz de devorar seus lábios e não parar até que ela o faça.

— Mas eu preciso encontrar uma coisa, Kalon. — Pede ofegante. Empurro cuidadosamente seu corpo até a cama, ela deita e seus cabelos deslizam pelos travesseiros.

Seus olhos assustados estão me encarando e vejo demônios e deuses brilhando na cor deles. Tão linda e minha.

— Sei o que você está procurando. — Sussurro. — Quero saber porque tem isso. — Balanço a fotografia suja de sangue.

— Você não tem o direito de mexer nas minhas coisas! — Estende a mão, raivosa.

— Caiu do seu bolso. — Afasto o papel para longe do seu toque. — Me diga uma coisa, você apanhou por isso aqui?

Levanto uma sobrancelha, cheio de raiva e curiosidade. Quero saber onde ela encontrou uma foto do pai da garota que eu matei. Essa porra está

me enlouquecendo.

— Foi Yuri. — Confessa, ficando sentada na cama assim como eu. — Eu ouvi ele conversando no telefone com seu pai dias atrás sobre…

— Sobre o que? — Arcane junta as sobrancelhas com meu tom exigente.

— Sobre um homem, Uraz, estar morto, mas os atentados continuaram, então a razão do ataque deveria ser outra. — Fala pausadamente. — O que sabe sobre isso?

— Uraz. — Repito o nome do meu tio que Kol matou. Isso significa que o merdinha não está trabalhando somente com meu pai, mas com Yuri também. — Interessante.

— Me diga o que sabe, Kalon. — Insiste, puxando a foto das minhas mãos. — Quem é esse homem? Quem está faltando na fotografia?

— Não sei. — Minto, respirando fundo. — Mas posso dizer que Uraz é o irmão do meu pai, mataram ele recentemente.

— Por que? — Junta as sobrancelhas. Tão curiosa que me dá nos nervos.

— Porque ele e o outro irmão expulsaram meu pai de casa, tiraram toda sua fortuna e obrigaram-o a viver como um miserável sem família. — Falo furiosamente. — Apenas porque se casou com uma cigana.

Arcane fica em silêncio por um tempo, processando minhas palavras e tentando juntar os pontos. Mas antes que ela mergulhe demais com essas informações em sua mente, eu avanço na cama, fazendo-a recuar para trás.

— Você devia descansar agora. — Sussurro. — Ainda está com febre e machucada. Não force seu corpo com informações desnecessárias no momento.

— O que é isso? — Calor sobe por minha coluna e se espalha por meus nervos quando Arcane desliza a ponta dos dedos na minha costela.

Olho para baixo, nossos corpos estão bagunçados na cama, e seus olhos estão vidrados na maldita tatuagem.

— Deus disse que todo homem tem a parte da sua costela esperando em algum lugar no mundo, porque não é bom que alguém viva sozinho. — Respondo. — Penso que são como almas gêmeas, e acreditava que algo viria e mudaria toda a minha vida.

Arcane sorri como se pensasse como eu. Seus olhos se apertam para me decifrar com mais atenção.

— Mas acima de tudo, acreditava que seria pego de surpresa quando chegasse. — Continuo. — Esse sentimento permanece no limiar até hoje. Continuo esperando. Fantasiando. Então, tatuei minha costela com essas palavras. *"Venha e me encontre"*. Porque acredito que a minha alma também está me procurando em algum lugar, e ela precisa me reconhecer quando chegar.

— Muito bonito. — Arcane encara meus olhos com um fogo ardente em suas orbes. — Mas não entendo como alguém consegue manter a esperança durante anos em um… — Junta as sobrancelhas. — Versículo bíblico.

— Estou jogando para o universo. — Torço os lábios com humor. — Uma hora ele me devolve.

Ficamos deitados lado a lado. Arcane solta uma risada animada e respira pesadamente. Meu peito aperta quando ela fecha os olhos, abraço sua cintura com cuidado, trazendo-a para mais perto.

— Não durma agora. — Suas pálpebras tremem. — Você precisa comer.

— Tem algo doce? — Abre os olhos e me observa.

— Torta de filó recheada com queijo. — Aponto para comida com a cabeça mais uma vez. — Muito melhor que doce.

Levanto da cama, ela permanece deitada enquanto me assiste. Pego a travessa e sento ao seu lado, Arcane se ergue, me observando com um brilho curioso.

— O cheiro é muito bom. — Resmunga.

— Ainda está quentinho. — Uso a ponta dos dedos para separar os pedaços e levo até sua boca. — Abra e coma.

— Posso fazer isso sozinha. — Prende os lábios.

— Assim como posso fazer isso por você. — Insisto.

Arcane separa os lábios e recebe o pedaço de torta, seus olhos se fecham como se o gosto fosse a melhor coisa que já provou. Então suspira, estou obcecado por sua reação e pego outro pedaço, suas bochechas ficam vermelhas conforme vou alimentando-a em silêncio.

— Isso é melhor do que imaginei. — Treme, obcecada como eu.

— Eu sei. — Encaro seus lábios. — Mesmo que eu nunca tenha provado.

Suas bochechas ficam vermelhas ao entender minhas palavras, o que me arranca um sorriso. Não é possível que ela fique tímida quando recebe a atenção de um homem.

— Você é muito inconveniente. — Ao mesmo tempo em que adora me provocar com insultos tão gostosos. Nenhum que ela disse parece sincero até agora, apenas um meio de se sobressair nesse flerte psicopata.

— Parece que a bonequinha anda prestando muita atenção em mim para ter tantas definições excitantes. — Sussurro.

— Vai ser um prazer acabar com todos os seus devaneios, Kalon Somáli. — Estala a língua. — Eu tenho uma pessoa mais importante para pensar.

Meus dedos vacilam na sua boca. Ela mordisca o pedaço de queijo. Aperto os lábios ao imaginar a quem se refere. Esse filho da puta está no topo da minha lista de pessoas para matar.

— Último pedaço. — Aponto. — Se você está flertando comigo, significa que está melhor.

— Você parece transtornado. — Arcane morde o último pedaço. Sua língua, de um jeito tímido, desliza por meus dedos para sugar o sal. Nossas respirações estão embargadas.

— Quer mais, amor? — Ergo uma sobrancelha. — Ou quer fazer o mesmo comigo?

Observo a forma como ela aperta as pernas e se remexe na cama. Seus olhos brilham raivosamente; e sua respiração está muito pesada.

— Acho incrível como não gosto de você. — Nesse momento, seus olhos e seu corpo contam uma história diferente. Consigo ver que ela me quer, que me deseja, que está incomodada com algo entre suas pernas que eu adoraria ajudar a aliviar.

— Acho incrível como você é linda e gostosa. — Empurro suas pernas para se ajustarem na cama.

— Cafajeste. — Seus lábios tremem com o toque. — Se insiste que eu durma aqui, você vai dormir no sofá. — Seu mecanismo de defesa é

soltar palavras malcriadas para me afastar, mas isso me alimenta mais ainda.

— Não mesmo, Arcane. — Deito ao seu lado. — Esqueceu que me deu um tiro? Estou quase morrendo aqui. — Provoco.

— Mas eu já pedi desculpas. — Levanta a cabeça para me encarar.

— Não é suficiente, vamos precisar dividir a mesma cama. — Seu quadril se movimenta para o lado oposto, mas contorno sua cintura.

— Ou eu posso simplesmente ir embora. — Sussurra, segurando a barra da minha camisa para eu não avançar mais.

— Já é tarde. — Sussurro. — E algo me diz que você não quer ir embora, caso contrário, teria saído correndo há muito tempo.

Seu silêncio é uma prova que concorda comigo. Meus pensamentos viajam para o que ela confessou minutos atrás, mas estava tão transtornado com a sobrecarga de informações que não foquei em um ponto importante: Yuri quem machucou Arcane dessa forma.

Vou fazê-lo pagar. É o que digo em silêncio. De alguma forma esse homem vai pagar por isso.

— Você é minha. — Olho para Arcane. — Ninguém pode tocar em você. Não vou deixar que façam.

— Não quero ser sua. — Balança a cabeça em negação. — Não diga isso. Eu não sou.

Meus pensamentos são amaldiçoados com o rosto daquele homem. Seu maldito amante. Tentei encontrá-lo de todas as formas, mas é como se o fodido fosse um fantasma.

— Você é minha, Arcane. — Meu tom está cheio de posse e cuidado. — Você será.

14. PRIMEIRO DISCÍPULO

“Tudo espera pelo seu tempo. A rosa não se abre antes do sol nascer. Espere, o que é seu virá até você.”

— MEVLANA.

Arcane Planard

Acordo sozinha na cama de Kalon e consigo ouvir música na cozinha, o cheiro de comida indica que ele está preparando alguma coisa. Não quero olhar no seu rosto agora que estou melhor, nem debater sobre tudo que aconteceu, então saio sem avisar.

Kalon não me falou sobre o homem nesta fotografia, mas vi em seus olhos que sabe de alguma coisa. Porém, estou satisfeita com o que me disse sobre o homem mencionado na ligação de Yuri. Se o irmão de Ivan morreu, mas os atentados continuaram, significa que Atena não é o alvo. Outra pessoa da família deve estar sendo ameaçada. Mas quem?

Não tenho forças de voltar para casa depois do que aconteceu, então chego cedo à mansão Somáli, determinada a descobrir alguma coisa.

Quero saber o que estão escondendo, ou o que não sabem ainda. Passo metade da manhã em um dos escritórios, e tenho um sobressalto

quando alguém bate na porta.

— Arcane mou? — Atena está me observando na soleira.

— Sim? — Arrumo meus cabelos.

— O que faz aqui? — Caminha em minha direção com curiosidade. — Parece pálida.

Aquela surra acabou comigo. Nunca pensei que um cinto de marca pudesse fazer um estrago grande na pele de alguém.

— Não tive tempo de comer ainda. — Minto. Arrepios sobem pela minha coluna quando Atena segura meu ombro. — É só fome.

— Então vamos almoçar juntas. — Odeio o olhar de preocupação em seu rosto. — Agora que é oficialmente minha nora, não precisa continuar com isso.

Aponta para a bagunça de papéis sob a mesa.

— Mas você ainda precisa de proteção. — Balanço a cabeça. — As coisas estão um caos, posso fazer sua guarda até encontrarem alguém de confiança.

Ainda não tenho certeza se o alvo é outro membro da sua família, mas a forma como Yuri estava falando ao telefone indica que sim.

— Vem. — Resmungo insatisfeita quando me puxa para levantar. — Vamos comer alguma coisa.

Não tenho outra alternativa, fecho o computador e a sigo. Sou guiada pelo corredor da mansão em silêncio, e quando descemos as escadas, uma comoção toma conta da cozinha. São as vozes raivosas de Kalon e Kol.

— Juro que atiro em você, porra! — Kol amassa a camisa de Kalon. — Não me chame de Davut, seu merdinha! — Seu olhar é sombrio e ameaçador.

Por um momento, penso que é uma discussão idiota entre irmãos, mas a forma psicopata como Kalon lhe encara diz o contrário. É algo sério.

— O que está acontecendo? — Atena interrompe a névoa assassina que paira sobre eles.

Kalon é o primeiro a virar a cabeça. Seus olhos me inspecionam dos pés à cabeça e sinto arrepios. Essa é a primeira vez que nos vemos desde ontem. Ele está raivoso, provavelmente por eu ter saído sem avisar.

— Diga para Atena, querido. — Cospe as palavras encarando o irmão mais velho.

— Certo, eu digo. — O mais velho infla o peito sem nenhum temor. — Recebemos a notícia de que Altan está morto, senhora.

Observo Atena. Sua expressão muda de confusão para realização e tristeza.

— Não... — Arqueja.

— Sim. — Kol responde sem nenhuma emoção. — Mataram ele.

— Ah, meu Deus! — Atena está tremendo, acho que está prestes a chorar, então seguro sua mão em conforto. — Por que ele? — Soluça. Eu a ajudo a sentar.

— Presumo que seja outro ataque. — Kol explica sombriamente. — Mas isso não vai ficar assim, vamos nos vingar.

Altan é um amigo íntimo da família. O homem esteve aqui várias vezes para auxiliar a família, ou simplesmente jantar com eles. Sempre foi gentil com Atena e comigo.

— Como isso aconteceu? — Entro na conversa, ainda em choque. — Quem pode ter feito isso?

— É o que estou tentando descobrir. — Kol balança os ombros. Seu olhar é rápido para o irmão, como se soubessem de mais alguma coisa. — A última vez que Kalon teve notícia do rapaz, estava tentando dizer alguma coisa, mas o filho da mãe não foi ao seu encontro.

Kalon não muda sua expressão passiva.

— Estava ocupado, já falei disso. — Vira o rosto. — Pedi pra ele ficar em um lugar seguro, não adivinhei que isso aconteceria.

— Os outros sabem disso? — Atena está visivelmente nervosa. Entrego um copo d'água e acaricio suas costas.

— Estamos tentando ligar para Rajá, mas ele não atende. — Kalon dá atenção para sua mãe. Eu me apoio na bancada, dando espaço para eles. — Precisamos de um funeral dentro da tradição islâmica.

— Vou ligar para Ajax, eles devem estar juntos. — Atena retira seu celular da bolsa, fungando.

— Por favor, me deixe cuidar disso. — Tento fazer com que se sente na cadeira, mas ela esquiva. — Você está tremendo, Atena.

— Vou ficar melhor quando falar com meus outros filhos. — Insiste com nervosismo.

— Eu acompanho você. — Seguro sua bolsa. — Me deixe cuidar disso ao seu lado.

— Não, fique aqui. — Umedece os lábios e me encara. — Não precisa se envolver em um problema tão grande, vá para casa por hoje.

— Atena, é a morte do seu amigo. — Protesto, sem compreender. Ela balança a cabeça e apenas ergue a mão, desaparecendo pelo lugar que entramos. — Minha nossa. — Faço uma careta, olhando para os dois irmãos.

— Deixou ela nervosa. — Kalon repreende Kol. — Podia ser um pouco mais sensível, não acha?

— Ela ia ficar assim de qualquer jeito. — Ele fala, dando de ombros. — Estamos falando da morte de alguém.

O homem retira um cigarro da carteira e acende, começando a andar pelo cômodo. Esse é o primeiro sinal de nervosismo e luto que demonstra.

— Você é tão insensível. — Kalon balança a cabeça enojado.

— Não tenho nada a ver com isso. — Ergue as mãos. — Não era amigo dele.

Junto às sobrancelhas em reprovação. Está claro que os dois sabem de mais alguma coisa, e eu vou descobrir. Começando pelo que Altan queria dizer a Kalon.

— Quer um trago, bonequinha? — Kol percebe meu olhar curioso e aponta o cigarro.

Se eu aceitar, vou ganhar sua intimidade para descobrir sobre a morte de Altan, já que parece tão indiferente ao ponto de confessar facilmente qualquer coisa. Porém, minha resposta é abafada por um resmungo impaciente do meu maldito noivo.

— Arcane e eu vamos conversar lá fora. — Tem um fogo possessivo em seus olhos. — Vem, amor. — Seu queixo indica a saída.

— Não, não vamos. — De forma alguma vamos ficar sozinhos novamente. Não depois de ontem.

Ainda sinto arrepios ao lembrar da forma como me salvou sem pensar duas vezes. Estremeço quando lembro o som do disparo. Por pouco Kalon não morreu. Tudo por causa do meu descontrole e loucura iminente.

— Aceito um trago. — Meu sorriso é traiçoeiro quando caminho até a janela aberta que Kol está apoiado. — Mas nunca fumei antes.

— Fico feliz em ser seu primeiro. — Esboça um sorriso maldoso.

Já que ele está mais interessado em fumar do que no sentimento de luto, vou entrar na sua. Aprendi com Yuri que só se ganha a confiança de um homem, ao ponto de passar a perna nele, se amaciar seu ego e idolatrar seus costumes.

— Como faço isso? — Finjo incapacidade.

Kalon solta um resmungo do outro lado da cozinha, prestes a avançar.

— Não tem erro, basta colocar na boca e relaxar. — Aponta ao redor. — Diante dessa situação… Estamos precisando.

Sugo o cigarro, concordando. Minha garganta arde e lágrimas brotam nos meus olhos. Seguro a tosse, soltando a fumaça devagar e sem desespero. Uma gargalhada cheia de diversão escapa de Kol.

— Você é determinada. — Rouba o cigarro. Seu olhar corre para Kalon como se essa fosse uma piada que não pode rir sozinho.

No entanto, o homem está sombriamente quieto enquanto nos encara. Suas mãos apertam a bancada como se estivesse buscando algum controle.

— Você é louca. — Sibila. — Me abandonou sozinho hoje de manhã e agora está fumando na minha frente com esse vagabundo.

— Não vou ouvir isso. — Kol solta um resmungo. — Mude de assunto antes que eu me mate na sua frente.

— Olha, amorzinho. — Me aproximo do meu futuro ex-noivo. — Não é legal um cavalheiro falar assim com uma mulher.

— Fico até tímido em saber que me considera um cavalheiro. — Empurra um copo de água nas minhas mãos quando começo a tossir. — Beba água e venha comigo.

— O que é isso, afinal? — Faço uma careta. — Minha língua está dormente.

— Maconha. — Kalon encara seu irmão, provavelmente planejando sua morte. — Em alguns minutos vai estar chapada como ele.

— Não faz mal. — Bato os cílios na direção de Kol, seus lábios se repuxam em minha direção como se gostasse de mim. — Kol parece ótimo.

— Melhor impossível, boneca. — Fecha os olhos.

Kalon limpa a garganta ao meu lado, enciumado.

— Como vocês receberam a notícia que Altan morreu? — Pergunto, olhando de um para outro.

— Encontrei o corpo dele em uma fábrica abandonada aqui perto. — Kol abre os olhos e me encara preguiçosamente, começando a soltar as informações agora que simpatizou comigo.

Ótimo, tenho uma pista de onde começar a investigar. Caminho para ficar ao lado de Kalon, meu quadril esbarra no seu, e seu corpo apoia na bancada para sustentar nosso contato.

— Como está o seu peito? — Me sinto culpada por ter perdido o controle e atirado nele, não importa quantas vezes tenha pedido desculpas, não consigo apagar da minha memória o seu corpo sangrando na praia.

— Finalmente me dando atenção. — Sua mão envolve minha cintura com fome e possessividade. Permito que isso aconteça porque também quero informações dele. — Acho que agora, com você aqui, meu peito está bem.

— Ótimo, garotão. — Sussurro para que apenas ele me ouça. Um rosnado baixo sai da sua boca quando procura ver minhas costas por baixo da regata, totalmente submerso na minha existência.

— Seria respeitoso mandar flores ao endereço de Altan em nome da sua família, você não acha?— Tento algo.

— Seria, sim. — Ele cheira meu cabelo. Distraído, trêmulo, seduzido. — Mas, de acordo com os costumes da Alkyóna, nós só podemos fazer alguma coisa quando os quatro filhos estiverem reunidos para o funeral. — Segura meu queixo para ver meus olhos. — Não podemos sair de casa até o amanhecer, para nós é desrespeitoso e imoral.

Tenho o restante do dia e a noite para seguir com esse plano. Parece um costume angustiante a família esperar tanto tempo para enterrar, mas

precisamos esperar o corpo ser completamente purificado enquanto são realizadas cinco orações para que a alma encontre descanso.

— Compreendo.— Espalmo sua barriga para impor uma distância entre nós. Agora sei que posso investigar sem que eles me descubram. — Nesse caso, posso ir para casa? Prometo retornar amanhã para acompanhar Atena no enterro.

Kol me assiste com imenso interesse quando levanto a cabeça na sua direção.

— Não sabia que era tão religiosa. — Torce os lábios.

— Sou. — Balanço a cabeça. — Quando nos deparamos com a morte, precisamos acreditar que existe alguma coisa para sentir conforto.

— É uma boa filosofia para não enlouquecer. — Suga seu cigarro com mais força.

— Não é obrigada a vir e acompanhar mamãe, mas se quiser, ela não vai reclamar. — Kalon chama minha atenção ao falar tão carinhoso. — Posso levá-la para casa.

Nesse momento, meu telefone toca. Me afasto de Kalon antes dele ver a chamada de Melissa.

— Já tenho minha carona. — Falo por cima do ombro e vou até a varanda para atender minha irmã. — Você está bem?— Sussurro, preocupada. — Como foi depois que saí?

— Está tudo bem. — Responde com a voz embargada. — Mas fiquei tão preocupada com você, Ane. Que alívio ouvir sua voz. Não voltou para casa desde ontem.

— Eu sei, me desculpe. — Lamento. — Juro que estou bem. Só não queria retornar para aquele ambiente doentio.

— Eu entendo. — Responde atenciosa. — Yuri viajou nesta tarde depois de uma ligação. Está tranquilo agora. — *Provavelmente após ouvir sobre a morte de Altan*. — Mas, como tudo está insalubre, Pavlos nos convidou para passar a tarde com ele. Seria bom para nos distrair, quer vir?

— Quero muito, mas estou ocupada agora, Sherlock Holmes. — Melissa detesta esse apelido, seu gemido é suficiente para me arrancar uma risadinha satisfeita.

— Está bem. — Responde. — Ele tem uma casa perto da praia, vou te mandar o endereço e assim que terminar, deve vir nos encontrar, entendido?

— Sim, entendi. — Reviro os olhos. — Agora tenho que ir, eu te amo.

Imediatamente, sinto minhas costas queimando, e por reflexo, meu rosto vira para encontrar o olhar sombrio dos dois irmãos. Guardo o celular no bolso e me aproximo da soleira.

— Sherlock Holmes, certo? — É Kol quem resmunga — Por acaso esse apelido está se tornando popular?

— Só combina se a pessoa for muito inteligente. — Sacudo os ombros, despreocupada. — Enfim, agora tenho que ir. Vejo vocês depois.

— Leve um guarda-chuva, está muito nublado. — Kalon fala raivoso enquanto encara meu celular entre os dedos como se fosse um monstro. Meu sangue ferve com o olhar intenso desse homem.

Ele avança na minha direção segurando o maldito guarda-chuva, e sem desviar os olhos, coloca acima da minha cabeça Aperto com força e ele faz o mesmo, acariciando minha mão.

— Kalon, realmente não preci…

— Aposto que seu maldito amante está pouco se fodendo caso pegue um resfriado e morra. — Frieza domina seu tom de voz quando me interrompe. — Melhor tomar mais cuidado, querida. — A última palavra sai em um tom amargo.

Com isso, me dá as costas, desaparecendo para dentro da mansão. *Puta merda*. Essa mentira sobre Pavlos ainda vai acabar com a minha vida. Faço uma nota mental para acabar com essa história antes que seja tarde demais.

15. ACHO QUE SUA CASA É ASSOMBRADA

“Palavras não são verdades, são sons que saem da boca. Para descobrir a verdade, você precisa viver, não falar.”

— MEVLANA.

Arcane Planard

— Preciso de informações sobre o endereço de alguém. — Falo para Melissa quando ligo novamente. — É o Altan, aquele amigo da família Somáli que já apareceu com Yuri algumas vezes.

— Me conte os detalhes. — Pede concentrada. — Estou na clínica, posso abrir meu notebook e investigar.

— Como vai fazer isso? — Olho ao redor para ter certeza que ninguém está me seguindo.

— Tenho um programa instalado no not. — Diz tão orgulhosa que é impossível não sorrir. — Eu mesma desenvolvi.

Seu potencial para hackear coisas e desenvolver programas já nos salvou de muita enrascada na infância. Ainda lembro das horas tediosas que

ela passava com Yuri enquanto ele a transformava no gênio que é hoje.

— Tudo bem, vou contar do começo…

Em vinte minutos, Melissa fica sabendo de tudo que aconteceu com Altan. E também sobre o que descobri em relação a fotografia.

— Isso é assustador. — Fala nervosa. — Tome cuidado, Ane. Se Yuri ou os outros descobrirem, estamos fodidas.

— Não se preocupe, tenho tudo sob controle. — Asseguro. — Agora tenho outra coisa para te contar.

— O que é? — Sua animação me faz rir.

— Peço desculpas de antemão, mas Kalon acha que seu namorado é meu amante. — Melissa explode em uma gargalhada no mesmo instante, a acompanho porque agora soa mais divertido do que assustador.

— Estou curiosa para saber como ele chegou a essa conclusão. — Toma fôlego.

— Lembra quando encontrei ele na rua? — Começo a falar. — Kalon estava me esperando no restaurante e viu toda nossa proximidade, agora pensa que Pavlos é meu namorado, e meio que estou gostando de tortura-lo com isso.

— Merda, como eu gostaria de ter visto a cara daquele psicopata! — Ela ainda está sufocando em gargalhadas.

— Então não está furiosa por eu estar usando seu namorado para contar uma mentira? — Me sinto péssima quando as palavras são ditas em voz alta. Parece patético e desesperado.

— Claro que não, é uma boa forma para se vingar do Kalon por causa desse casamento. — Sua voz é firme. — Pode contar comigo, Ane.

— Pelo visto você é mais doida que eu. — Alívio me consome por ela não estar surtando de ciúmes.

— Mandei o endereço no nosso chat, vê aí. — Melissa pede.

— Está bem. —Caminho pela rua, procurando por alguma coisa que me ajude a quebrar uma janela. — Vou chamar um táxi e vou desligar, ok?

Apertando o telefone contra o ombro para acenar quando vejo um táxi vazio.

— Me ligue assim que descobrir alguma coisa. — Pede preocupada.

Preciso me despistar. Sinto que eles podem me rastrear. Então falo um endereço aleatório ao homem. Enquanto ele dirige pela avenida principal, eu formulo um plano para chegar até a casa de Altan, e depois de meia hora andando a pé, afundo as mãos no bolso da minha jaqueta quando observo a casa de escultura antiga, com paredes brancas e um jardim florido na entrada.

— *Salaam Aleikum*.[24] — Paro na soleira da porta aberta.

O ambiente chuvoso deixa tudo mais melancólico quando reparo nas flores murchas no jardim. Uma mulher jovem e turca, com aparência cansada, vem me receber.

— *Aleikum Essalam*[25]. — Ela usa o mesmo véu preto que coloquei na minha cabeça.

— Sinto muito pelo que aconteceu. — Me aproximo, envolvendo-a em um abraço apertado e reconfortante. — Meu marido era muito amigo do seu. Que Allah conforte seu coração.

— Venha sentar comigo. — Enxuga o rosto e me puxa para entrar. — Minha mãe ainda não chegou com as outras, estou sozinha.

É tradição que as mulheres passem o dia fazendo companhia a mulher viúva. Confortando-a e relembrando os momentos bons.

— Cheguei cedo? — Olho ao redor antes de sentar.

— Meio que sim. — Me olha tristemente. — Estão com o corpo de Altan fazendo as últimas orações. — Abaixa a cabeça. — Que Allah me perdoe, mas não tive coragem de ir.

A mulher aperta os lábios como se estivesse segurando um gemido de angústia. Sequer sei seu nome e compartilho do mesmo sentimento ao ver o quanto está abalada. Ela parece ser tão jovem, não consigo me imaginar sobrevivendo a uma perda desse tamanho.

— Meu nome é Pelin. — Minto. — Meu marido serviu ao exército com o seu. — Me baseio nas informações que sei sobre Altan. — É tão

chocante saber que algo assim aconteceu tão de repente.

— É bom conhecer você, Pelin. — Seus olhos brilham. — Meu nome é Leyla.

Balanço a cabeça e começo a observar as fotografias em sua mesa. Agora, tudo que resta desse relacionamento são lembranças, fotos de viagens e um buraco imenso que o luto fez. Os dois são um casal jovem e sorridente. Altan é o tipo protetor, que abraça Leyla como se o mundo inteiro estivesse em suas mãos.

— Leyla, me desculpe a pergunta, mas porque não está fazendo as orações com a sua família? — Estendo a mão para confortá-la. Ela encara seu colo como se estivesse atormentada por espíritos.

— Não quero ir porque vi o que aconteceu. — Seus ombros balançam. — Eu estou com medo. — Treme. — Acho que meu marido estava envolvido com alguma coisa muito ruim, Pelin.

Meu peito se enche de compaixão e tristeza. Lamento silenciosamente por ela não saber do envolvimento dele com a Alkyóna.

Deve doer tanto enxergar que o amor da sua vida não é quem você pensa. E pior ainda, saber disso logo depois de morto. Sem reversão, sem chance de explicações. Apenas a dor oca e vazia.

— Sinto muito, Leyla. — Acaricio seus dedos. — Quer desabafar sobre o que viu? Talvez ajude a ruminar esse sentimento de traição em seu peito.

— Altan me obrigou a ficar escondida. — Me olha chorosa. — Estávamos indo para nossa casa no campo, mas nem tivemos chance de sair da cidade. — Esfrega o peito como se estivesse sufocando. — Levaram meu marido para uma fábrica perto de onde paramos para comer, eu vi tudo diante dos meus olhos. Nem tive a chance de chamar ajuda.

Me aproximo, murmurando sons tranquilizadores. Abraço seu corpo encolhido, ela agarra meu tronco como se estivesse buscando exatamente por conforto.

— O homem estava encapuzado. — Fala depois de um soluço. — Alto e forte. — Funga e ergue o rosto para me encarar. — Ele disse um nome…

— Que nome, Leyla? — Seguro os dois lados do seu rosto, começando a secar suas lágrimas com a manga da minha blusa. Seus olhos castanhos estão cheios de medo. — Coloque tudo para fora, querida. Quem sabe podemos fazer justiça.

Um ato de justiça é o mínimo que essa mulher merece depois de ver o marido ser morto brutalmente.

— Cortesia da família Somáli. — Solta as palavras. — Foi isso que ele disse.

Porra. Não esperava por isso. Frieza sobe por minha coluna, repuxando minhas bochechas e me deixando pálida. Torço para ter escutado errado, mas Leyla mantém a mesma expressão enquanto me encara com esses olhos grandes.

Não podem ter feito isso com Altan. Isso é cruel e desumano. Significa que um deles é o traidor.

— Acho que mataram meu marido por ele saber demais, mas não quero acreditar nisso. — Geme alto. Um tipo de choro espremido de arrepiar até os ossos.

Fico sem reação enquanto Leyla é devorada viva pelo luto. Não tenho ideia de como acalmar uma pessoa que teve seu espírito estraçalhado, acho que a forma mais respeitosa é ouvindo todo seu sofrimento.

— Não quero acreditar que o meu homem se envolveu com coisas erradas. — Lamenta. — Isso custou tudo que tínhamos. Agora eu estou sozinha.

— Sinto muito. — Sussurro trêmula.

— Se ele tivesse conversado comigo... — Aperta minhas costas, a dor que se espalha por minha coluna não é nada comparado ao que Leyla está sentindo.

— Sei que está quebrada e se sentindo traída, mas se agarre ao fato que Altan amou você até o último momento. — Afago seus cabelos. — Se ele escondeu todo o resto, foi por amar você e não suportar a ideia de ser enxergando da forma como o enxerga agora. — Não tenho ideia do que fazer além de tentar confortá-la com minhas palavras. — Se quiser, posso te ajudar a ir embora para recomeçar sua vida longe de tudo isso.

— Pode? — Seus olhos brilham de espanto.

— Sim, é só você aceitar. — Asseguro. — Se está com medo, é melhor ir embora.

— Eu… Eu não sei… — Tenta arrumar os cabelos bagunçados. — Não quero deixá-lo aqui, mas também não quero continuar minha vida no lugar em que perdi um pedaço de mim. — Treme. — Só quero que tudo isso pare.

— Me dói dizer isso, mas no momento que você enterrar Altan mais tarde… Ele não vai mais estar aqui. — Sussurro. — Seu marido já está morto, Leyla. Procure uma forma de salvar sua vida e viver bem, acho que ele ia querer isso.

Um último soluço fraco escapa dos seus lábios antes dela deitar a cabeça em meu ombro, então nós nos mantemos abraçadas por um bom tempo, com seu corpo paralisado, perdida em pensamentos como se essa fosse a maior batalha da sua vida.

— Tudo bem. — Fala frágil e quebrada. — Por favor, me coloque em um lugar onde eu possa viver. — Leva minha mão até sua barriga onde existe uma pequena protuberância.

Fico em choque ao perceber que ela está grávida. Nesse momento o meu coração se despedaça.

— Me ajude a criar meu bebê em segurança. — Implora.

Horas depois, vou embora da casa de Leyla com a promessa de tirá-la do país depois do enterro de Altan.

— Estou entrando. — Grito quando chego na casa de praia. Já está tarde, um frio delicioso lambe minhas costas machucadas quando encontro eles na varanda. — Então essa é a sua casa dos sonhos?

Pavlos ergue a cabeça após baixar a música.

— Arcane mou! — Abre os braços. — Bem-vinda a minha futura casa com Melissa! — Isso arranca uma gargalhada da minha irmã que está agarrada ao seu pescoço.

Ele usa uma camisa branca com alguns botões abertos, e uma bermuda da mesma cor.

— Vai precisar lutar muito para conseguir a mão dela. — Abraço os dois ao mesmo tempo, dando risada ao sentir suas roupas molhadas.

— Festa na piscina? — Caminho até onde Nimue está nadando. — Pensei que o combinado fosse uma fogueira com marshmallow e cerveja.

— Não tem fogueira, mas tem isso. — Pavlos segue atrás de mim e me entrega um espetinho de carne com tomate e queijo.

— Essa era nossa ideia. — Melissa me entrega uma bebida. — Mas, Nimue me jogou com tudo na piscina depois que Pavlos apertou minha bunda.

Pavlos tem uma expressão safada. Certo, ele não é tão cavalheiro quanto pensava.

— A propósito, contei sobre seu noivo estar com ciúmes dele. — Melissa ergue as mãos em rendição.

— Não acredito! — Faço uma careta raivosa. — Melissa, você vai me matar de vergonha!

— Não seja boba. — Pavlos dá risada. — Posso ajudar você a se livrar do namorado empresário que certamente é mais rico que eu. — Dá um gole na sua bebida. — Estou louco para conhecê-lo, nenhuma me disse o nome.

— Urgh! — Faço uma careta enojada. — Que Deus te defenda de conhecer aquele louco.

— Não pode ser tão ruim quanto parece. — Pavlos afaga meu ombro. — Sua irmã disse que é um casamento por conveniência, e ao que parece, ele só é cinco anos mais velho.

— Mas não amo ele. — Balanço a cabeça. — Detesto como muitas mulheres da nossa sociedade são obrigadas a se casarem sem amor por causa da religião ou negócios.

— Eu concordo. — Separa as sobrancelhas tranquilamente. — Por isso estou disposto a acabar essa ideia grotesca de um pai bilionário super-conservador. — Torce os lábios. — Se a notícia de um amante pode fazê-los desistir, estou dentro.

— Obrigada por não estar chateado por eu ter inventado isso. Meu plano é apenas torturá-lo um pouco, não vou muito longe com essa mentira. — Asseguro. — De qualquer forma, esse noivado vai acabar em breve.

— Vão ficar falando disso a noite inteira? — Nimue sai da piscina. — Vamos curtir, gente!

— Verdade! — Pavlos joga Melissa por cima do ombro e pula na piscina.

Pulo por cima da espreguiçadeira para me proteger da bomba de água. Nimue salva seu livro amarelo no último instante.

— Acho que eles vão acabar tendo um filho até o final do ano. — Faço piada.

— Que horror. Ela seria apedrejada pelo papai. — Faz uma careta. — Por isso, prefiro me saciar com o meu Rhys Larsen. — Mostra o livro que estava lendo. — Quer saber a história?

— Sim, por favor. — Eu me deito ao seu lado. — Preciso distrair a cabeça.

— Fala sobre uma princesa que se apaixona por seu guarda-costas. — Vira as páginas. — Eles vivem um romance proibido e muito, muito quente.

— Gosto de livros com putaria. — Fecho os olhos.

— Esse é ótimo, não tem nada dramático que te faça entrar em um coma emocional, mas ainda assim, é tão viciante e atraente. — Gargalho alto, decidindo acompanhar as páginas junto com ela.

— O que estão lendo? — Pavlos para na nossa frente, ajudando Melissa a secar os cabelos.

— Putaria. — Olho na sua direção. — Mas pela sua cara, gosta mais de clássicos.

— Na verdade, adoro coisas macabras. — Responde animado. — O tipo de coisa que te deixaria sem dormir por dias. — Ergue as mãos de um jeito horripilante.

— Pare de ser doido. — Melissa bate em seu braço.

— Ela sabe que eu estou brincando. — Me olhando sorridente, agora suas bochechas estão vermelhas de constrangimento. Tão estranhamente fofo e carinhoso.

— Desculpa estragar nossa noite, gente, mas estou morrendo de sono. — Um bocejo sai da minha boca e me reviro na espreguiçadeira.

— Tudo bem, já deu nossa hora de ir embora. — Melissa veste seu short jeans.

— Ah, também estou morrendo de sono. — Pavlos flexiona os braços. — Tenho negócios em Mykonos ainda amanhã, preciso dormir cedo.

De repente, uma ideia cruza minha mente.

— Pavlos, tenho uma amiga que precisa ir para Mykonos com urgência, mas ela acabou perdendo a passagem. — Melissa me encara, compreendendo de quem estou falando.

— Eu saio cedo, e normalmente levo outras pessoas. — Me olha atencioso. — Se não for um incômodo para ela.

— Que tipo de pessoa? — Ergo uma sobrancelha.

— Do tipo que viaja de maneira clandestina porque são pobres demais para fazê-lo de acordo com as leis do país. — Empurra minhas pernas para sentar ao meu lado. — Convenhamos, o capitalismo é uma merda na Grécia, e o nível de desemprego é preocupante.

— Ainda não compreendo. — Balanço a cabeça.

— Eu trabalho ao lado de um membro da família real. — Explica. — Ajudamos pessoas que precisam sair do país, mas não têm condições. Imigrantes, cidadãos gregos… — Me olha atencioso. — Isso é mais comum do que parece, tem muitas guerras e miséria no nosso mundo. Faço o que está ao meu alcance.

Fico chocada, a realidade fora daquele hospício é um escândalo. Tudo é muito diferente do que idealizei.

— Isso é vasto e interessante. — Sussurro, impressionada. Não vejo de que forma Leyla estaria mais segura para ir embora da Grécia senão essa.

16. PARTY MONSTER

"Se o coração encontra a pessoa amada,
até o galho seco floresce".
— MEVLANA.

Arcane Planard

Hoje é minha festa de noivado. Estou tão bonita que mal me reconheço no espelho. Um vestido branco, com uma fenda na lateral que mostra parte da minha coxa tatuada com pássaros. Essa é uma referência ao livro *Reminds Of Him* da *Colleen Hoover*. Meu favorito da autora.

O vestido é aberto nas costas, e dessa forma é possível ver entre os hematomas a enorme tatuagem de um dragão cuspindo fogo e envolto por flocos de neve. Uma referência a *Lonely Souls*, o livro favorito de Melissa.

— Cuidado. — Nimue surge atrás de mim. — Narciso morreu desse jeito.

— Como? — Junto às sobrancelhas, sem compreender.

— Há relatos que ele morreu de desgosto por admirar tanto sua própria imagem e não conseguir possuí-la. — Acaricia minha cintura,

apoiando o queixo no meu ombro. — Vai deixar os homens loucos.

— Veja quem fala. — Observo Nimue, embasbacada com sua beleza. — Penso que um dos principais motivos para Yuri esconder você dos eventos da Alkyóna é porque sabe como funciona a cabeça dos homens e teme te perder cedo demais para um casamento arranjado.

— Até parece. — Balança a cabeça.

Ela está usando um conjunto azul claro de saia longa com abertura na perna direita, a parte superior cobre apenas seus seios e deixa as costas nuas, presa apenas por um laço de tirinhas finas.

Ao contrário do meu corpo, ela é mais magra e tem seios muito fartos. E sua pele bronzeada é limpa de qualquer tatuagem. Os cabelos também são mais escuros que os meus. Já que sou loira castanho, como Melissa e mamãe, e Nimue é idêntica ao Yuri em aparência.

— Odeio salto alto. — Reclamo, olhando para o par dourado em meus pés.

— Todo mundo odeia. — Melissa finalmente sai do banheiro. — Mas, veja pelo lado positivo, acho que você consegue matar alguém com essa ponta fina.

Dou uma gargalhada atrevida. Isso não seria nada fácil, mas, com certeza seria sangrento.

— Pelo menos sabe andar muito bem neles. — Nimue observa. — Não corre risco de morte.

— Idiotas. — Viro o rosto. — Claro que sei andar, ainda sou uma mulher.

Melissa vai para frente do espelho retocar o batom escuro. As pálpebras estão cobertas por uma sombra escura e um delineado de gato que combina muito bem com os olhos claros.

Tão linda que parece uma invenção diabólica para atrair a alma das pessoas ao inferno. Profana. Um Escândalo. E segundo nosso pai, a maior influência para nossa rebeldia.

— Vocês estão atrasadas. — Tenho um sobressalto quando o mesmo surge na porta. Um calafrio desliza por minha coluna quando me inspeciona dos pés à cabeça.

— Está linda, *agapi mou*. — Avança dois passos. — Perfeita para seu noivado.

— Agradeço. — Resmungo a contragosto.

— Já você, Melissa. — Seu queixo gira. — Devia tirar esse excesso de delineado ao menos hoje.

— Está claro que não entende de moda, *kárdia mou.* — Rebate com diversão, usando o apelido que ele lhe deu.

— Entendo de causar uma boa impressão. — Tem um brilho humorado em seus olhos. — Mas, faça o que quiser, vou ter tempo para acabar com esse costume diabólico.

— Obrigada pelo elogio. — Melissa sorri agressivamente e pega sua bolsa. — Vamos indo?

— Pronta para o seu noivado, amor? — O homem me encara radiante.

Pelo menos Melissa consegue fingir estar na mesma vibe que ele, já eu, estou com o estômago embrulhado.

— Estou. — Agarro seus dedos e levanto o queixo, engolindo meus sentimentos.

Yuri foi o único homem a lutar como louco para criar nós três, mas, também não impediu que me levassem presa.

— Por favor, não quero casar. — Sussurro quando as meninas vão na frente. — Desista disso.

— Não comece com essa merda novamente. — Me encara furiosamente. — Temos visita lá embaixo, se comporte.

Quando chegamos na sala, vejo Rajá e Ajax. O mais velho caminha em nossa direção com um sorriso presunçoso.

— E então? — Eloquente e brutal.

Rajá lembra muito seu pai. Até as roupas. Ele é selvagem pra caralho, e isso está claro na forma como me analisa com desaprovação apenas por estar impressionada com sua beleza.

— Estamos atrasados, seu velho feioso. — Encara Yuri diretamente nos olhos.

— Veja como fala comigo na frente das minhas meninas, garoto promíscuo. — O mais surpreendente é que seu tom de voz não está ofendido.

Yuri trata Rajá como se o amasse.

— Arcane? Imaginei que fosse um pouquinho mais alta. — Me controlo para não revirar os olhos. — Venho em nome de Kalon para levá-la até sua festa de noivado, e a propósito, seja bem-vinda a família de loucos.

Um resmungo grave escapa de Yuri, pisco algumas vezes me perguntando se isso devia ser a sombra de uma risada.

— Gentileza a sua. — Respondo quando o homem me estende a mão. — Pode ser direto e falar onde Kalon está. — Seus dedos se fecham ao redor da minha palma com mais força que o necessário. — Com alguma puta, é isso?

Buscar a noiva faz parte da tradição, mas parece que não mereço ser honrada dessa forma.

— Eita, porra. — Ajax solta uma gargalhada seca ao ouvir a minha pergunta.

Yuri lhe lança um olhar cortante e isso é o suficiente para azedar meu humor. Eles sabem de alguma coisa.

— Devia dobrar sua língua antes de falar comigo nesse tom, menina. — Rajá solta minha mão.

— Cachorro que ladra não morde, garotinho promíscuo. — Uso o apelido que Yuri lhe deu.

Minhas irmãs dão risada em algum lugar atrás de nós.

— Concordo. — Avança um passo. — Os tigres apenas estraçalham em um piscar de olhos.

— Qual é, Rajá. — Ajax interrompe de um jeito preguiçoso. — Baixa essa bola e vamos embora, ainda tenho que passar na farmácia.

— Gostei de você, Arcane mou. — O mais velho sorri torto. — Kalon está ocupado, podemos ir agora? Minhas pernas doem.

— Senhorita, me conceda o prazer. — Ajax toma nossa frente e puxa o braço de Nimue como se fosse jogá-la nas costas. — Tem uma

carruagem esperando lá fora, a caladinha vai sentar do meu lado. Não gosto de gente rabugenta discutindo perto de mim.

— Quanta petulância, Ajax filho de Ivan! — Minha irmã tenta escapar da sua investida, indicando que seu pai é o símbolo da rabugice. E quando caminha para trás agressivamente, suas costas batem no corpo de Rajá.

— Cuidado, monstrinho. — Fala calmamente, inspecionando Nimue dos pés à cabeça. — Se quiser, pode ficar ao meu lado a noite toda, mas jamais se jogue na minha frente desse jeito.

Nimue ergue a cabeça e respira fundo, tem a mesma raiva de quando ela quebrou o vaso na cabeça de Yuri, e pior, de quando aconteceu *aquilo* na Páscoa. Yuri e Melissa avançam lado a lado como se vissem o mesmo.

— Nimue vai ficar apenas comigo. — Papai fala, segurando a mão dela. — Estamos perdendo tempo, Rajá.

— As damas primeiro. — O homem aponta para o caminho.

— Vem, Ajax. — Melissa é a primeira a avançar na sua frente. — Vou sentar com você.

Seguimos em silêncio, até que Rajá caminha ao meu lado com uma expressão despreocupada.

Depois de meia hora, a limusine estaciona em frente a mansão onde acontecem os eventos da Alkyóna. Errei muito ao imaginar que seria uma festa simples, metade da população ateniense deve estar aqui.

Esse lugar é como a morada dos deuses, um céu pagão para pecadores errantes e desprezíveis, cheio de pessoas ricas e poderosas.

São tantos que perco o fôlego. Quero voltar, mas Yuri controla meus passos enquanto segura minha mão.

— Estamos quase lá, *agapi mou*. — Me encara. — Que tipo de comportamento é esse?

As pessoas me encaram como se esperassem algo grandioso vindo de mim. Meus passos vacilam outra vez, mas agora Ajax para ao meu lado.

— Acene para as criancinhas, veja como são gordinhos. — Sussurra perto de mim. Não sei em que momento ele chegou, mas seu braço se entrelaça ao meu e acalma meus pensamentos desenfreados.

— *Kalinichta!* — Um sorriso toma conta da minha boca quando dois meninos barrigudinhos vem até nós. Suas bochechas estão vermelhas.

— Eles gostam de você. — Ajax sussurra. — Agora é só elogia-los na frente das mães e sua reputação está feita.

Sou guiada para um lugar com menos gente, e o caçula me entrega um copo de bebida, sorrindo animado.

— Preciso apertar as mãos de algumas pessoas. —Yuri se esquiva. — Nimue vai ficar ao meu lado.

— Por que? — Ajax intervém encarando minha irmã com imenso interesse. — Sou uma companhia bem melhor que você, padrinho.

— Não quero minha menina perto de gente como você e seu irmão. — Repreende agressivamente. — Mas, aposto que Melissa vai adorar te fazer companhia, seu engraçadinho.

— Fala sério. — Nimue resmunga como se estivesse cansada, mas segue Yuri enquanto ele lhe entrega uma taça de vinho.

— Uma pena que você tenha esse olhar de quem quer me matar. — Ajax lamenta, sorrindo para Melissa. — Aceita uma dança?

— Aceito. — Minha irmã tem um sorriso malicioso quando puxa sua mão.

Fico sozinha, e me vejo inspecionando o salão a procura de Kalon. Me distraio com minha bebida ruim enquanto algumas mulheres vem falar comigo, e faço elogios como Ajax me indicou.

— Arcane, é um prazer conhecê-la. — Uma loira fala.

— Olá, seja bem-vinda. — Aceno.

— Você é tão linda. — Me observa com olhos de águia. Junto as sobrancelhas quando seu olhar vem até minha cintura. — Mas agora que é uma Somáli… Vai precisar fazer regime para aparecer nas fotografias.

— Emagrecer? — Olho para meu corpo sem compreender seu comentário.

— Sim, as pessoas criticam muito um quadril tão largo. — A morena que está ao lado dela comenta. — Não entenda mal, o seu noivo é uma grande referência no mundo da moda. Casado com você, as pessoas vão comentar.

Minhas bochechas ficam vermelhas, não de vergonha, mas de raiva.

— Pessoas como você? — Encaro a mulher com nojo.

— Estamos tentando ser suas amigas, não entenda mal. — Tenta falar amavelmente, mas fica pálida ao encarar alguém atrás de mim.

— Não há nada de errado com o corpo dela, mas sim com sua existência imunda. — Me assusto quando Rajá para bem ao meu lado. — Sugiro que saia daqui correndo e lave muito bem a porra da sua língua, vadia desgraçada, ou arranco fora.

Porra. Sinto arrepios quando o homem se aproxima da mulher como um cachorro raivoso.

— Vou contar até três, querida. — As duas saem correndo antes que ele abra a boca novamente.

O silêncio se espalha entre nós dois, até que o enfrento.

— Não acha que foi rude demais? — Sua expressão é indiferente.

— Estou pouco me fodendo, e ela mereceu. — Balança os ombros. — Essa é a primeira vez que vejo uma mulher ser insultada por ter uma bunda grande, chama-se inveja, devia começar a usar um olho grego no pescoço ou na calcinha.

— Na calcinha? — Nunca ouvi tanto absurdo em tão pouco tempo.

— Isso. Na calcinha. — Sacode a cabeça como se eu fosse surda. — Veja que grande coisa, o olhar dela é conhecido como inveja por sua boceta pertencer a Kalon Somáli.

Aperta os dentes e dá as costas como se estivesse explodindo de tédio.

— Que grande desgraçado. — Não perco tempo em segui-lo. — Minha boceta não pertence a ninguém.

— Dê glória a Deus por isso. — Me olha por cima do ombro. — Pode até ser uma boceta milagrosa, mas sério que estamos falando sobre isso? Por favor, me deixe seguir meu caminho.

— Quero agradecer por me defender, mesmo que tenha sido rude. — Limpo a garganta. — Obrigada, Rajá.

— De nada, Arcane mou. — Sua resposta é tão humorada e manhosa que estremeço.

Ele gira o rosto até a entrada onde algumas pessoas estão dando espaço para Kalon entrar acompanhado por duas mulheres.

— Que grande filho da puta. — Resmungo ao ver alguns botões da sua camisa abertos. As mulheres riem de alguma coisa que sussurrou. Queimo de ódio no mesmo instante.

Rajá toma espaço para desaparecer entre as pessoas, nos deixando a sós.

— Eu sei, estou atrasado. — Olha seu relógio.

Meus lábios se apertam em desprezo. Não acredito que demorou porque estava com essas duas ruivas.

— Meus parabéns. — Solto uma risada amarga e indiferente. — Chegou bem na hora. Mas, eu ficaria mais feliz se não tivesse se dado ao trabalho de aparecer.

Kalon se afasta das garotas e avança dois passos na minha direção.

— Ah, não. — Ergo a mão. — Não pense em encostar em mim, vai saber onde colocou esses dedos.

— Acha que eu estava traindo você, meu amor? — Vejo a sombra de um sorriso em seus lábios.

Normalmente os seus apelidos me deixam com o corpo dormente de uma forma prazerosa, mas agora, meu sangue queima e um gosto amargo domina minha boca. Não gosto desse sentimento possessivo que se expande a cada segundo. Quero matá-lo. *E elas também.*

— Pouco me importa. — Dou de ombros. — Me incomoda o fato de você estar atrasado para essa celebração dos infernos.

— Então sim, você acha que estava te traindo. — Tenta me tocar novamente, meu sangue ferve e seguro seu punho com força.

— Não toque em mim. — Rosno. — Ou juro que faço você passar vergonha.

— Arcane, não me trate assim. — Pede de um jeito transtornado. — Não fiz o que está pensando.

— Claro que fez. — Ergo seu pulso para mostrar a hora. — Está claramente atrasado. — Me afasto quando insiste em me tocar. — Me desrespeitou na frente dessas pessoas.

Nossa conversa é encerrada por Atena que surge, sorrindo para as duas garotas que estão um pouco afastadas, alheias a essa discussão.

— Meu filho, por que demorou tanto? Precisamos começar, seu pai está esperando.

Não tenho tempo para protestar, Atena rapidamente me puxa pela mão e faz o mesmo com Kalon, até que estamos diante dos convidados espalhados pelo grande salão.

Alguns estão sentados em poltronas, em mesas redondas, outros estão em pé fotografando tudo que conseguem.

Meu corpo estremece quando sinto os olhos de Kalon sob mim. A intensidade na sua expressão causa um sentimento agressivo contra minha barriga.

Com toda a calma do mundo, ele senta ao meu lado e retira um cigarro da carteira. Acende e começa a fumar, sem deixar de me devorar com os olhos.

— Fica muito linda de branco, Arcane. — Sussurra como se eu não estivesse puta com seu atraso.

— E você fica quando está de boca fechada. — Resmungo.

— Me acha bonito, meu amor? — Seus olhos brilham.

Minhas bochechas ficam vermelhas de raiva.

— Detesto suas gracinhas depois de me fazer passar raiva. — Ignoro sua atenção sobre mim.

Normalmente, as festas de noivado são feitas apenas com os familiares dos noivos, mas segundo minhas irmãs, como a família Somáli é a líder da Alkyóna, é obrigatório que cada família esteja presente quando um deles vai se casar. Assim como eles são convidados para cada festa de casamento que acontece no nosso meio.

Meus pensamentos morrem quando a palma de Kalon desliza por minha coxa, suspiro antes de afastá-la por reflexo.

— Não toque em mim. — Minha pele queima. — Onde estão suas duas ruivas?

— Só tenho você. — Me encara. — Graças a Deus.

A insistência em seu olhar não some quando recua a mão e dá uma profunda tragada no cigarro.

Desvio o rosto quando Ivan começa a falar com seu povo. Mantenho minha expressão neutra esperando que isso acabe.

Kalon é o primeiro a se casar, esse evento parece uma coroação. Só quero ficar em algum lugar onde todos não estão me olhando.

— Com isso, aplaudam a união de Kalon e Arcane. — Aponta para a mesa onde nós dois estamos sentados, bem no centro de todo esse inferno.

As pessoas se erguem e Kalon faz o mesmo, mantendo o cigarro apertado entre seus dentes e acenando para eles como se estivesse em um show. Tão exibido.

Procuro minhas irmãs, mas não consigo vê-las quando ele estende a mão para mim, me puxando para ficar em pé.

— Hoje faço desse povo testemunhas que meu caminho será o seu caminho, e a sua alma é minha para atormentar, Arcane. — Kalon diz atenciosamente, colocando um anel de diamante no meu dedo.

Sinto como se correntes tivessem apertado meu pescoço. Quero sair correndo, mas estou cercada por pessoas aplaudindo e comemorando esse noivado.

Encaro o teto, tentando evitar as lágrimas que mancham meus olhos. *Meu Deus, se ainda me ama, então por misericórdia, me mate antes que o dia desse casamento chegue e eu esteja condenada para sempre.*

17. UM PRESENTE AOS NOIVOS

"O riso está escondido no choro. Ó pessoa pura e limpa,
procure o tesouro nos lugares destruídos".
— MEVLANA.

Kalon Somali

Arcane está me olhando como se quisesse correr para longe ou me matar. Essa expressão raivosa é a única coisa que ela estampa toda vez que estamos juntos.

Lágrimas brilham na margem dos seus olhos, provando que sua alma está em agonia toda vez que é submetida a ideia desse casamento arranjado. Admiro como é determinada em não derramar nenhuma lágrima enquanto está comigo.

Não vou abrir mão desse casamento de forma alguma. Arcane foi entregue a mim para possuir, cuidar e proteger. Farei isso do meu jeito corrompido até que um de nós esteja morto.

Procuro Yuri no meio da multidão e rapidamente o vejo sentado ao lado das meninas. Um sorriso mortal cruza seus lábios. Em cumplicidade, eu retribuo.

Espero que esteja satisfeito, velho.

Ver Arcane nesse vestido branco não ajuda a manter meu plano em linha reta, agora vou precisar fazer um desvio no que organizei para nossas vidas e alimentar todo meu desejo enquanto a toco e possuo inteiramente para mim.

— Arcane mou, venha dançar comigo. — Sussurro, largando o cigarro em um cinzeiro em cima da mesa.

— Não quero dançar, obrigada. — Responde sem ao menos ter o trabalho de me olhar.

Merda. Quero bater em sua bunda para descontar toda minha frustração com suas palavras indiferentes, e como se ainda não bastasse, não deixa que eu a toque.

— Trouxemos uma rodada de bebidas como cortesia da família Areleous. — Um dos garçons caminha em nossa direção, ele sorri para Arcane que o agradece pelo presente.

Na tradição grega, os presentes de casamento são entregues na festa de noivado que sempre dura a noite inteira, e alguns convidados adoram entregar bebida ou comida como cortesia por seus familiares terem sido convidados.

— Por favor, sirva um pouco de dolmades para eles em agradecimento. — Acena como uma verdadeira dama, olhando para onde a família Areleous está reunida.

Eles são um grupo de herdeiros com sangue real. Meus primos. Diferente do meu tio Uraz, seus pais foram os únicos que ficaram ao nosso lado quando Ivan foi deturpado e fundou a Alkyóna. Um sorriso malicioso consome minha boca. Eles sequer sonham que Kol arrancou a cabeça do nosso tio e brincou comigo como se fosse uma bola.

— Obrigada pela gentileza. — Arcane ergue uma taça na direção deles. Fecho minha expressão, não gostando da forma como o mais velho encara minha mulher.

— Hoje alguém vai morrer nessa família de principezinhos. — Aperto os dentes.

Arcane ainda é jovem, tem apenas vinte anos e é ingênua afetivamente por conta do tempo que passou na prisão. Não consegue perceber a ambição nos olhos daquele infeliz.

— Olhe para mim, Arcane mou. — Roubo sua atenção. Estou disposto a arrancar os olhos de qualquer pessoa que ousar se aproximar. — Dance comigo, por favor.

— Não. Talvez depois. — Responde com suavidade quando descanso a mão em sua coxa. — Não gosto de tanta atenção, e esse vestido está me incomodando.

Analiso cada traço das suas curvas, é impossível não me perder em pensamentos quando vejo seus seios fartos. Meu pau aperta dentro da calça e não penso racionalmente quando deslizo minha mão para dentro do seu vestido.

— Kalon, por favor, não faça isso. — Ela estremece no momento em que puxo sua calcinha. — Por favor, não me torture com esse tipo de aproximação.

— Abra suas pernas e fique calada. — Sussurro. — Não tocar em você está me tirando a sanidade. Agora vai saber onde meus dedos estão, amor.

Me encara amedrontada e consumida pelo desejo quando faço movimentos lentos na região que está pulsando. Meu pau dói com mais intensidade quando sinto sua umidade.

— Me diga se gosta disso. — Esfrego meu nariz na lateral do seu rosto, rapidamente suas mãos agarram meu abdômen, buscando apoio.

— É diferente, nunca senti isso antes e sinto que vou... — Suas palavras demoram para sair. — Ah… Faça novamente. — Morde o canto dos lábios e me encara.

Maldita boca. Quero devorá-la agora mesmo. Meus dedos roçam a região com tanta suavidade que Arcane aperta as coxas uma na outra. Aprecio suas bochechas vermelhas, os olhos não se desviam dos meus enquanto tenta manter o vestido no lugar.

Por sorte, não é possível que nos vejam. Não tem ninguém atrás de nós e a mesa está coberta por um tecido que esconde a visão das pessoas que estão do outro lado.

Para quem está vendo a distância, estamos apenas conversando.

— Kalon… — Tomba a cabeça no meu ombro. — Pare com isso.

— Parar com isso? — Limpo a garganta, risonho. — Você me impediu de te tocar durante essa festa inteira.

Afundo os dedos na sua boceta apertada, Arcane fica tensa, se alimentando das novas sensações que sobem por sua coluna.

— Gostou disso? — Procuro seu rosto, mas ela esconde sua expressão no meu ombro.

— É claro que eu impedi você de me tocar, vai saber o que estava fazendo com aquelas garotas. — Seu olhar é cheio de raiva.

Caralho, essa mulher é tão difícil e raivosa até mesmo rebolando em meus dedos. Suas costas tremem quando eu aumento os movimentos, agora introduzindo dois dedos.

— Porra. Tão molhada. — Perco meus sentidos quando rebola lentamente, buscando por mais contato, pulsando por mais movimento. — Está amando meus dedos sujos de outra mulher dentro da sua boceta apertada, não é? — Rosno contra seu ouvido. — Agora me diga, Arcane. Diga que nunca fez isso com seu amante.

— Você é louco. — Suspira, quase deixando escapar um gemido alto. Meu corpo estremece de prazer com essa visão divina. O que me incomoda é que ela não responde minhas palavras, apenas me olha cheia de desafio enquanto se delicia com a porra dos meus dedos a fodendo.

— Sente em meu colo. Agora. — Vou descontar toda minha frustração dentro dela até que as palavras sejam ditas.

Arcane não tem forças para protestar, está tomada pela névoa de prazer quando empurra suas pernas em meu colo de um jeito atrapalhado.

No grande salão, inúmeras luzes neon explodem conforme uma música agitada coloca todos para dançar.

Continuamos sentados, ela treme nos meus dedos e vou mais rápido por todas as vezes que a imaginei fazendo isso com aquele filho da puta.

Quero levá-la ao orgasmo com a ideia dele sangrando aos seus pés. Completamente morto. E ela sendo só minha.

— Estava falando com ele naquele dia, certo? — Seguro sua barriga para ter mais acesso às estocadas em sua boceta. — Na minha casa. Na minha frente. — Pulsa cada vez que aumento o ritmo.

Arcane é tão boa, geme tão gostoso que quero marcar sua pele com mordidas. Quando a alça do seu vestido cai, cravo minha boca no seu ombro, mordiscando sua pele e ouvindo outro gemido sufocado.

Seus seios estão quase caindo para fora do tecido apertado. Em um movimento rápido, chupo sua pele até senti-la estremecer. Isso vai ficar marcado, e a ideia me enche de prazer.

— Essa chupada é por não me responder. — Rosno possessivo. — Agora responda minha pergunta antes que eu acabe com nossa diversão.

— Kalon, alguém pode ver. — Sussurra trêmula.

— Eles estão dançando, ninguém está vendo. — Faço seu quadril rebolar para receber todo o tamanho dos meus dedos. — Agora a minha pergunta.

A visão da sua bunda batendo contra meu pau, por cima da roupa, faz choques prazerosos subirem por minha coluna. Suor escorre por sua tatuagem de dragão e puxo seu corpo até bater contra meu peito, dessa forma terei mais espaço para levá-la ao ápice.

— Meu Deus, eu não estava falando com ele. — Certeza que está mentindo para protegê-lo. Sua calcinha escorrega por entre as pernas, suspensa em seus tornozelos.

Garota esperta, nem mesmo sob essa tortura deliciosa consigo arrancar o nome dele da sua boca. Isso me enfurece ao ponto de parar meus movimentos, deixando meus dedos inertes dentro dela.

— Por que parou? —Sua voz está trêmula. — É só isso? — Seus olhos se abrem, brilhantes pelo desejo.

Meu pau dói com a visão do prazer que coloquei estampado em seu rosto. Tão inocente, como se realmente não soubesse que existem mais coisas que pode sentir com meus dedos.

— Só isso? — Ergo uma sobrancelha, tomado pela vontade de levar isso para outro nível, mas o problema é que estamos em uma festa cheia de pessoas, preciso ser discreto com minhas provocações. — Ainda não viu nada, meu amor.

— Sério? — Engole em seco, curiosidade brilha em sua face. Seus olhos caem para meu colo, encarando meu pau de um jeito tão descarado que quero fazê-la engoli-lo.

— Abra a câmera do seu celular. — Aponto para o objeto em cima da mesa, perto de algumas taças. Arcane me olha de um jeito questionador. — Depressa, Arcane. Essa é a sua punição por me insultar.

— Insultar você? — Seu olhar raivoso mantém meu rosto como foco. — Só pode estar brincando. Não fiz nada.

— Faça o que mando. — Esfrego sua boceta em resposta. — Ou vai ficar sem isso. — Ela geme, mordendo o lábio ao ter choques de prazer.

— Estou indo. — Agarra o celular com as mãos trêmulas e abre a câmera. Ansiedade brilha em seu rosto, assim como nervosismo enquanto olha para todos os lados, tendo certeza que ninguém está vendo.

Por sorte, a área onde estão dançando é mais afastada de onde estamos. Meus seguranças estão do outro lado, impedindo qualquer pessoa de se aproximar demais.

Mas, isso não impede Arcane de ficar tensa enquanto olha para as pessoas com um olhar de águia.

— Se eu soubesse que é arriscado, nunca estaria expondo você dessa forma. — Meu polegar acaricia sua perna desnuda.

Adoro tanto esse vestido que quero parti-lo ao meio.

— Por que pediu para abrir a câmera? — Me olha com desejo. — Não vai continuar com isso?

— Vou. — Ronrono no seu ouvido. — Sua função vai ser filmar esse momento para revê-lo toda vez que pensar em dar a minha boceta para ele.

— Não diga isso. — Arcane me olha surpresa.

— Digo sim. — Posiciono o celular em um ângulo onde é possível ver seus seios fartos, logo levanto seu vestido para ter acesso ao que sinto fome.

Ela está molhada com a ideia de ter nosso momento íntimo sendo filmado pela câmera do celular. As bochechas estão vermelhas, e por breves segundos, quase me esqueço que estamos em um salão de festa.

— Ah, porra! — Gememos de alívio quando volto a penetrá-la. Arcane suspira, os olhos fechados e a palma apertando meu antebraço.

— Isso é tão bom! — Parece perdida em pensamentos.

Porra, ela é tão inexperiente que sinto vontade de ensinar tudo de uma vez. Ou talvez esteja fingindo, já que tem aquele homem em sua vida.

— Kalon, por que isso é tão bom? — Sua voz frágil agride meus ouvidos quando me procura por cima do ombro.

Merda. Estou começando a pensar que talvez eles ainda não tenham chegado nessa parte.

— Porque é para você. — Sussurro. — Aproveite.

Quero dar tapas em sua pele, marca-la em todos os lugares sensíveis, morder sua boceta e experimentar seu gosto.

Fica cada vez mais difícil manter minha sanidade quando Arcane joga os cabelos para o lado e começa a dançar de acordo com o ritmo da música. Seus seios são captados pela câmera, tornando esse momento mais profano e obsceno quanto parece.

Ela rebola de acordo com a música, aumentando a pressão entre minhas pernas. Como essa mulher consegue fazer isso tão bem e ainda aguentar meus dedos fodendo-a sem pausas?

— Fique parado, está bem? — Sussurra ao levantar o quadril, tirando meus dedos da sua boceta.

— O que vai fazer? — Protesto em um gemido, sem conseguir controlar minha insatisfação no tom de voz.

Arcane espalha seu vestido por meu colo quando abre meu cinto. Seus dedos envolvem meu membro duro e minhas pálpebras tremem com a forma que o domina.

Nem fodendo que vou reivindicar sua boceta em uma festa cheia de pessoas onde não posso ouvi-la gemer alto.

— Arcane… — Agarro sua bunda quando volta a sentar em mim. — Não faça isso, não aqui. — Separo os lábios, tremendo com força quando ela rebola de um jeito viciante.

A música ecoa ao nosso redor, suas costas grudam em meu peito quando fecho o braço ao redor do seu quadril.

— Estou marcando meu território. — Me olha com posse.

— Ah, é? — Ofego. — Nem pense que pode ser mais possessiva que eu. — Sussurro, pressionando meus dedos contra sua carne sensível.

Estamos tão perto que mais um movimento e ficarei dentro dela por completo.

— Porra, está muito ferrado. — Ela sibila no mesmo tom. — Acabo de ouvir isso como um desafio.

O salão está brilhando entre vermelho e preto. Está escuro demais e o calor consome minhas veias. Quando Arcane começa a dançar em meu colo, tudo entra em combustão. Seguro sua cintura, dando impulso para dançar mais livremente, guiando seus movimentos contra meu pau que sente pouco do atrito da sua boceta, mas é o suficiente pra fritar minha sanidade.

— Me diga o nome dele, Arcane. — Tento novamente quando ela geme ao sentir meu tamanho esfregando sua boceta. Foi rápido e sem penetração, mas o suficiente para deixar suas pernas fracas.

Em um movimento demorado e cheio de formigamento, ela respira fundo, atingindo seu orgasmo que balança nossos corpos.

— Vamos, meu amor. — Beijo seu ombro. — Me diga o nome dele.

Um suspiro delicioso escapa dos seus lábios, meu sangue bombeia mais forte com a visão dessa mulher sentindo prazer contra meu pau encharcado por sua boceta.

— Espero que tenha aproveitado o que nunca vai ter novamente. — Gira em meu colo para beijar meu queixo de um jeito tentador, mordiscando minha pele e rindo grave, completamente no poder. — Da próxima vez que trouxer uma mulher para o mesmo ambiente que sua futura esposa, eu mato os dois. — Ela pega seu celular e exclui a filmagem em minha frente .

— Pensei que me detestasse. — Mordo o canto dos lábios, guardando meu pau dentro da roupa mesmo que sua provocação tenha me deixado mais duro que nunca.

— Detesto muito. — Sibila. — E se me desrespeitar outra vez, vou matá-lo como prova do meu ódio.

Suspiro, observando sua expressão em meio às explosões de cores neon.

— Tente, Arcane mou. — Sussurro. — Te desafio a vencer seu homem.

Ela recolhe seu salto e se ergue, mantendo uma postura imperturbável como se não tivesse passado os últimos minutos dançando no meu pau.

Porra do caralho. Vou precisar manter uma relação muito viciante com meu punho para descontar essa raiva reprimida.

18. NÃO CHORE, MEU AMOR

"Na verdade, o mais doloroso não são os sonhos desfeitos.
É alguém não poder viver a felicidade, embora ela seja possível."
— DOSTOIEVSKI.

Arcane Planard

Ligo a água da pia para lavar meu rosto e me recuperar dos últimos minutos com Kalon, mas é em vão, meu corpo continua queimando de uma forma que nunca experimentei antes.

Arrumo os fios do meu cabelo atrás da orelha e observo se minha maquiagem está borrada, e depois disso, entro em uma das cabines para me limpar.

Quando retorno, paro de súbito ao ver um homem aqui dentro, apoiado na porta fechada. Ele tem um saco em mãos e procuro não me assustar com o fato de estar trancada aqui dentro. Seu rosto está coberto por um capuz preto.

— O que quer? — Mantenho minha postura ereta e calma.

O banheiro é longe demais para conseguir chamar alguém, também será difícil alguém me ouvir em meio a tanto barulho lá fora.

— Entrou no banheiro errado, irmão. — Arrumo meu vestido.

— Não entrei. Estive te esperando ficar sozinha faz horas, criança. — Ele avança um passo e isso é suficiente para me fazer recuar, olho para os lados procurando alguma forma de me defender mas não há nada. *Sem uma arma fica difícil.*

Tem uma tramela de ferro na maçaneta. Rapidamente o pânico sobe pela minha garganta ao lembrar da gaiola onde eu era jogada para lutar.

Minhas costas batem na parede, encurralada.

— Quem é você? — Falo firme.

— Ora, para uma assassina descontrolada, é muito medrosa. — Uma gargalhada sombria escapa do capuz, arrepios sobem por minha coluna. — Não consegue me reconhecer? — Balança o saco em mãos que está pingando algo escuro. — O aviso em sangue na porta da mansão Somáli, aquele homem morto sob os portões… — Ele estala a língua, é um som calmo e assustador.

Reconhecimento brilha em meu rosto.

— É você quem está perseguindo a família Somáli. — Choque consome meu rosto. —Como entrou aqui?

— Sou apenas um mensageiro. — Ergue o queixo, puxando lentamente o capuz de sua cabeça para revelar seu rosto. — Uma festa da Alkyóna? Eu não perderia por nada.

Não o reconheço. Ele tem uma aparência desleixada, a barba precisa de cuidados. Seu nariz é um pouco grande e tudo que chama atenção em seu rosto é a cicatriz que consome sua bochecha.

Analiso sua postura a procura de uma forma de derrubá-lo sem precisar gritar por ajuda, mas o problema é que o homem tem o dobro do meu tamanho, me sinto vulnerável como na porra daquele presídio.

Quando ele joga o saco preto no chão, sou tomada pelo instinto agressivo de me defender e avanço para cima do seu corpo. Chuto sua perna com a ponta do salto, o homem geme, recuando.

— Me deixe em paz! — Fecho os punhos e acerto seu queixo, ele grita, o impacto duro fez meus dedos doerem.

— Devia lutar com alguém do seu tamanho, criança. — Ele cospe sangue e me chuta sem nenhum esforço.

— Eu disse para me deixar em paz! — Tiro meus saltos, lembrando da minha conversa com minhas irmãs sobre eles serem úteis para matar alguém.

Por mais que eu deteste ser uma assassina, e que isso me lembre dos meus dias sombrios naquele hospício, não penso duas vezes em acertá-lo com a merda do salto.

— Porra! — O homem cobre a bochecha quando sangue desce pelo nariz, mas seu choque dura apenas segundos, rapidamente avança na minha direção com uma destreza de luta impressionante.

Manchas vermelhas se espalham por meus pés descalços. Isso é sangue. Ainda está quente, e minha vista escurece ao ver um coração ainda batendo.

— Esse é o meu presente de noivado. — O homem diz.

— O que você fez? — Me afasto, cobrindo minha boca para sufocar um grito de horror. Só consigo pensar em minhas irmãs.

— Arranquei o coração dela enquanto a ouvia gritar por misericórdia. — Responde animado. — Faz dez minutos. Torturamos muito essa vadia antes de finalmente ceifar sua vida.

Dez minutos. Balanço a cabeça, não acredito nisso.

— Você não devia ter revirado a vida do Altan, ter ido atrás de Leyla. — Estala a língua. — Achou que seria fácil esconder ela de nós? Pois bem, aí está ela.

Aponta para o coração inerte no chão. Leyla. É o coração dela. Um grito desesperado escapa dos meus lábios, e me debato sem forças quando o homem tapa minha boca, sufocando meus gemidos.

— Quieta, querida. — Cospe contra meu rosto. — Nós estamos apenas começando. — Seu hálito de bebida me faz revirar o rosto para não sentir o cheiro podre.

Rasgo seu antebraço, tomada por um fogo angustiante que me impulsiona a lutar com todas as minhas forças. Bato com a ponta do salto no seu rosto, esmurrando descontroladamente, me satisfazendo com o barulho da ponta afiada rasgando a pele do seu ombro. Quero perfurar seu pescoço, mas o homem me chuta com os dois pés.

— Vadia desgraçada! — Se ergue com dificuldade, estancando o ferimento feio em seu ombro.

— Você vai pagar por isso! — Levanto o queixo, respirando pesadamente.

— Não, você vai! — Desfere um tapa no meu rosto, e quando tento acerta-lo com o salto novamente, o homem esmurra minha barriga com tanta força que minhas pernas ficam trêmulas.

Dor atravessa meus pulmões, roubando meu fôlego. Ele puxa meus cabelos. Me esperneio, mas seu joelho bate na minha barriga novamente.

— Os presentes ainda não acabaram, querida, o meu chefe mandou uma lembrancinha para cada membro da família Somáli e você deve receber todos. — Seu olhar vermelho faz lágrimas brotarem em meus olhos.

Esse homem deve estar sob efeito de drogas, é a única explicação para sua força absurda. Quando aperto o ferimento em seu ombro, ele grita amargamente e bate minha cabeça contra o espelho para se livrar da dor.

Grito alto, mas não solto as unhas da sua carne. Minha visão escurece quando ele bate minha cabeça uma segunda vez. Chuto seu estômago, mas ele agarra minha perna e esfrega minha têmpora contra os cacos.

A dor é como se eu estivesse sendo retalhada por tesouras. Solto seu ombro quando o sangue escorre pela minha bochecha. Essa pressão na minha cabeça me causa a sensação de inchaço, como se eu fosse explodir caso me movimente muito rápido.

— Se você gritar ou tentar lutar novamente, eu atiro. — Aponta uma arma na minha direção.

O homem abre a porta, me olhando furiosamente. Penso que estou livre, até me esforço pra levantar e correr, mas outro homem mais alto que ele entra no banheiro.

Ele está com uma mulher jogada por cima do ombro, com seu vestido azul todo manchado de sangue. O líder volta a fechar a porta, meu estômago embrulha quando o corpo é jogado ao chão sem muito cuidado.

— Leyla? — Soluço ao ver seu corpo sem vida.

O peito estraçalhado mostrando o lugar onde antes estava seu coração, sua pele está pálida e fria, os lábios sem cor e vários arranhões por

suas bochechas.

— Leyla! — Grito alto, chacoalhando seu corpo pesado.

— Surpresa, putinha! — O homem ri alto, me assistindo rastejar no chão.

— Leyla… — Soluço, impotente. — O bebê! O bebê! — Deito minha cabeça na sua barriga, sinto-o chutando, lutando para viver. — Faça alguma coisa! — Levanto a cabeça, engasgando.

— Veja que fofa. — O líder fala. — Agora ela se sente culpada.

— Vocês vão pagar por isso! — Sufoco em meio aos soluços. Minha garganta está doendo pela rouquidão. Puxo a cabeça de Leyla para meu colo e seguro sua mão. — Eu sinto muito. — Fecho meus olhos como se pudesse senti-la quente e apertando de volta. — Fale comigo, vamos. Por favor, não me torture assim… — Gemo.

— Diga para todos que você matou ela, Arcane. — O homem fala, parado na minha frente com uma expressão superior e egocêntrica. — Conte pra todos que foi culpa sua.

— Ai meu Deus. — A negação aperta meus olhos e me faz gemer como se minha alma estivesse sendo cortada em inúmeros pedacinhos. — Eu não queria isso… — Ânsia de vômito aperta meu estômago.

— Leyla morreu por sua culpa. — Agarra meus cabelos, me puxando de forma agressiva para longe do corpo sem vida. — Você tentou brincar com o chefe na hora errada, Arcane. Agora vai aceitar as consequências.

— Engula o choro, sua putinha. — O outro homem aparece por trás, apertando minha garganta. — Ela está fazendo barulho demais, chefe.

Estou tremendo, uma pressão devastadora consome meu peito toda vez que a imagem de Leyla preenche minha mente. Não consigo movimentar meu corpo, tudo está doendo. Minha alma está aflita.

O homem rasga meu vestido e começa a despejar um líquido gelado nos meus seios. É whisky, o cheiro forte me faz querer vomitar.

— Acho que vamos queimar algumas partes preciosas do seu corpo. — O líder sussurra no meu ouvido.

Tento lutar, mas ele aperta meu pescoço em uma posição que só consigo escapar se quebrar.

— Quieta, Arcane. — Rosna. — Ou vamos nos divertir com o cadáver bem na sua frente.

A ideia de ver o corpo de Leyla sendo violado bem na minha frente me causa uma dor aguda no peito. Procuro por qualquer refúgio em meio a essa tortura, mas nada me prende, nada me consola.

O banheiro é longe para alguém me ouvir gemendo, a música está alta demais. Fui deixada sozinha.

— Abra os olhos! — O homem de olhos azuis grita alto. — Abra agora!

Puxa meus cabelos para trás, deixando meu rosto limpo de qualquer fio molhado, então empurra a garrafa de whisky na minha boca.

— Mais um presente para você, meu bem. — Minha garganta queima ao sentir o gosto do álcool sendo despejado sem controle.

— Seja uma boa garota e beba tudo! — Engasgo quando sinto o líquido se espalhando pelo meu nariz. Não consigo parar de tossir como se algo estivesse partindo minha cabeça ao meio.

Procuro algum lugar na minha mente onde não estou sofrendo, onde posso anestesiar minha dor e aguentar os próximos minutos, gemo e me reviro no chão em busca de qualquer coisa.

Os olhos verdes de Kalon invadem minha mente como uma âncora. Choro mais alto, tentando segurar a garrafa quando ele empurra na minha boca novamente, não me dando tempo de respirar.

— Segure ela. — O homem rosna para seu amigo, apertando meu queixo. A posição em que meu rosto está inclinado dói tanto que sinto que meu pescoço está rangendo.

— Por favor. — Imploro quando ele afasta a garrafa para eu respirar. — Por favor. — Essa é a primeira vez que estou implorando por algum tipo de salvação e sequer sou digna.

— Devia pensar em algo feliz, Arcane. — Debocha. — Daqui você só sai morta.

Qual o meu problema? Por que estou me agarrando no sorriso daquele homem para aguentar essa tortura?

Os soluços rasgam minha garganta quando o whisky quente escorre por meus seios. Procuro por Kalon como se ele estivesse do outro lado da

porta. Penso nesse homem com tanta força que poderia manifestá-lo com o poder do meu desespero.

— Vamos foder ela, chefe.

Não. Não. Tudo fica sombrio quando abro os olhos e não vejo ninguém. Estou tremendo. Eles jogam a garrafa no chão e consigo ouvir o zíper abrindo.

Estou sozinha. Não tem Kalon, nenhuma melhor amiga para enxugar minhas lágrimas e me fazer sentir melhor, nem deuses gregos, nem papai ou Jesus Cristo.

Ninguém está vindo me salvar.

Eles vão me estuprar.

Penso em quantas pessoas morreram porque experimentaram esse mesmo gosto amargo que eu, o medo entalado na garganta junto com a tristeza.

Um buraco se abre no meu peito ao ver o corpo sem vida de Leyla. *Eu só queria ajudar.*

— Vamos entregar esse presente ao seu noivo de merda! — Dormência sobe pela minha barriga quando eles me empurram de quatro, minhas mãos tombam por cima dos cacos.

Não sei há quanto tempo estou aqui, ou o quanto estou bêbada, mas foi necessário tudo de mim para apertar o pedaço grande e pontudo.

— Chame os outros para nos ajudar a foder essa bundinha linda. — O líder gargalha, indicando que deve ter outros homens em algum lugar.

Quando a porta se abre porque seu amigo fez o ele que pediu, uma força quase sobrenatural amortece meus ossos e eu empurro o vidro no rosto do homem que ainda está me segurando de joelhos, me puxando para um beijo. Foi um golpe fundo e certeiro, sangue espirra na minha cara quando puxo o vidro e vejo que arranquei seu olho.

— Você vai morrer, filho da puta. — Satisfação consome minha barriga quando me ergo aos tropeços.

Pulo em cima do seu corpo, dominada por esse monstro na minha cabeça. Me alimento dessa fúria e necessidade inconsolável de matá-lo.

Uma massa grossa e molhada escorre pelos meus dedos quando perfuro seu rosto, seu peito e entre suas pernas. Meus membros doem pela

dificuldade de me movimentar com tanto álcool em meu corpo, mas faço quando lembro que o bebê de Leyla ainda está vivo.

Pareceu uma eternidade destroçar esse corpo, mas foi questão de segundos. Quando a morte paira ao meu redor e percebo que estou sozinha, corro até a porta que o segundo homem deixou encostada.

O vento gélido bate nas minhas bochechas quando avanço a primeira linha, corro sem olhar para trás. O banheiro fica no último andar da mansão, avanço pelo corredor com a sensação que estou sendo perseguida por outro homem, mas já estou nas escadas e a música entorpece meus sentidos.

Meus pés alcançam o salão espaçoso e as luzes neon agridem meus olhos, começo a andar com cautela, empurrando algumas pessoas. Como vou confessar que aquela mulher está morta por minha causa?

Um casal bêbado esbarra no meu quadril, me fazendo tropeçar no último segundo e cair aos pés de alguém.

Tento segurar a alça do meu vestido rasgado para cobrir meus seios doloridos, mas um soluço fraco escapa da minha boca quando um segurança agarra meu braço de forma brusca, me puxando para andar na ponta dos pés até onde Kalon está sentado com algumas mulheres dançando perto dele.

— Meu amor? — Ele olha para mim como se estivesse me procurando e me esperando esse tempo inteiro.

— Kalon… — Tremo.

— O que aconteceu? — Se ergue ao ver o sangue manchando minhas bochechas, pescoço e vestido.

— Eu matei um homem. — Minhas mãos estão trêmulas. Um nó aperta minha garganta quando lembro do que fizeram comigo. Estou sufocando.

— Venha aqui. — Bate as mãos pra eu sentar em seu colo. — Me diga o que aconteceu e onde ele está, eu assumo a culpa.

Meus pés insistem em correr até ele em busca abrigo, estou prestes a fazer isso, mas o segurança me aperta com mais força.

— Me solta. — Tento escapar. — Isso dói.

Só quero correr até Kalon e me esconder.

— É a minha mulher que está aí, porra. — Um rosnado furioso faz o homem me largar como se eu estivesse em chamas.

Estou livre e posso correr até ele.

— Não me solte! — Meu corpo bate contra o seu e ele me segura força — Por favor! — Envolvo seu quadril com minhas pernas e ele quase cai da cadeira.

— Arcane, o que aconteceu? — Exige saber. Escondo meu rosto na curva do seu pescoço e sou apertada com mais força.

— Me tire daqui! — Quero sentir o alívio do seu conforto, mas a angústia aperta meu peito, me fazendo chorar. — Quero sair daqui, por favor!

— Meu amor, o que você tem? — Esfrega as manchas de sangue no meu rosto. — Eu já disse que assumo a culpa, minha vida. Não precisa ficar assim.

— Você não está entendendo, Kalon. — Levanto a cabeça, soluçando. — Só quero ir para casa.

— Arcane, que cheiro é esse? — Ele fica tenso e frio como a porra de um iceberg. Suas mãos apertam minhas bochechas, analisando meus lábios.

— Isso dói. — Tento empurrar sua mão para longe.

— Está doendo mais em mim enquanto não diz o que está acontecendo. — Abre minha boca para sentir meu cheiro. — Você está impregnada com whisky.

— Ele… — Olho ao redor, revirando o lugar em busca do segundo homem. — Um homem me machucou… Ele colocou whisky na minha boca…

— O que mais?! — Kalon encara minhas mãos sujas de sangue.

— Eu ia ser estuprada, mas matei um deles. — Encaro seu rosto. — Por que não sentiu minha falta? Por que não procurou por mim?

— Não diga isso, sinto sua falta mais do que devia. — Enxuga minhas lágrimas. — Porra, me desculpe. Prometo não te soltar nunca mais. Eu prometo.

Kalon agarra minha cintura com tanta força que o aperto de volta. Estou tremendo, mas ele parece tão forte e poderoso que afugenta todos os

meus demônios.

— Não me solte, está bem? — Pede baixo. — Não vou permitir que machuquem você.

Balanço a cabeça em concordância.

— Também não me solte. — Respiro seu cheiro, me acalmando.

— Me deixe ver isso. — Kalon retira um lenço do seu paletó e enxuga minha têmpora machucada, depois o excesso de whisky em meu busto. — Meu amor. — Fala carinhosamente e esconde meus seios com seu paletó.

Leyla está jogada naquele banheiro, e seu bebê ainda está vivo. Quero apenas me esconder, mas precisamos salvá-lo.

— Você precisa vir comigo. — Chamo em um soluço. — Por favor, depressa!

O fôlego escapa dos meus pulmões quando me separo dele, ficando em pé. Espalmo seu peito, sentindo os batimentos descontrolados. Estou zonza e com a visão turva.

— Me diga o que está sentindo, não feche os olhos. — Suas mãos acariciam minhas bochechas. — Agapi! Me olha!

— Venha comigo! — Puxo sua mão, tentando guiá-lo até onde Leyla está. — Tem outro homem atrás de mim! — Aponto ao redor, para a bagunça de pessoas dançando enquanto três deles tentam avançar.

— Está bem, me leve até ele. — Pega sua arma com tanta tranquilidade que o movimento me hipnotiza.

— Vai matá-los por mim? — Encaro seu rosto, sem acreditar.

— Não, isso é pouco demais. — Balança os ombros, ficando em pé e agarrando minha mão para caminhar ao seu lado. — Estou tão furioso, Arcane, que sou capaz de matar todos nessa festa. Inclusive eu mesmo por não ter ido atrás de você. — Seus olhos são iluminados pelo caos dessa emoção. — Quero vê-los em chamas e exibir para o mundo,ninguém toca no que é meu.

— Por favor, não. — Agarro seu braço. — Não.

— Como? — Kalon ergue uma sobrancelha como se tivesse o insultado. — Não, Arcane?

— As pessoas aqui são inocentes, eu não viveria com essa culpa. — Minha expressão angustiada parece lhe comover. — Também não se mate. — Seguro seu rosto, encostando minha boca no seu queixo.

Kalon resmunga algo inaudível e me protege da multidão agitada, me puxando de forma rude para caminhar ao seu lado.

— Devagar. — Agarro seu braço.

Ainda estou tonta pelo impacto da minha cabeça contra o espelho. Meu estômago está embrulhado com tanto álcool, mas o que me assusta é a fúria em seu rosto. Puxo seu braço na intenção de me abrigar. Não sei se consigo lutar novamente com tudo isso incapacitando meu corpo.

— Quantos são? — Sua expressão é indecifrável. — Não tenha medo, está bem? Me diga o que aconteceu.

Como vou dizer que Leyla está morta por minha culpa? Não quero falar. Um gemido escapa dos meus lábios, fazendo-me recuar alguns passos para me proteger nos seus braços estendidos. Fecho os olhos, suspirando seu cheiro, e quando os abro novamente, vejo o homem que ajudou a colocar whisky na minha boca, ele está acompanhado por outros.

— Nas escadas, no ponto mais escuro do salão. — Falo baixo. Kalon gira sua cabeça antes que eu termine de falar.

— Certo, preciso que atraia eles pra um lugar privado. — Segura meus ombros. — Tem crianças aqui, precisamos de um lugar vazio.

Olho ao redor, meu estômago está pesado pelo medo e angústia de voltar para aquele banheiro onde Leyla está morta, mas ela também precisa ser tirada dali e receber um funeral decente.

— Prometo que depois disso nós vamos para casa. — Seu polegar acaricia minha bochecha. Balanço a cabeça e solto sua mão, fazendo o que me pede.

Caminho por entre as pessoas, algumas me olham cheias de preocupação ao perceber como estou machucada, mas abaixo a cabeça e continuo andando até o começo das escadas. Meu estômago aperta pela fria sensação que estou sendo seguida, mas não ouso olhar por cima do ombro.

Tremo de nervosismo quando dobro o corredor e vejo a sombra de um homem alto e furioso.

— Matou meu amigo e pensou que ia fugir com vida? — Cospe as palavras, avançando na minha direção com um machado.

Recuo para trás, mas meu corpo esbarra contra os outros dois. Sua mão dolorosa se fecha ao redor do meu braço e sou empurrada contra a parede.

— Me solte. — Rosno. — Vocês vão pagar por isso.

— Cale a boca, porra. — Aperta meu queixo com extrema força, me obrigando a me inclinar na sua direção.

— Oliver veio até nós oferecendo esse trabalho, ele era meu melhor amigo, como um irmão… — Meus olhos engrandecem quando aperta meu pescoço. — Estou pouco me fodendo sobre quem você é, mas saiba de uma coisa, vou me vingar.

— Tirem a roupa dela! — O do banheiro fala. — Vou terminar o que Oli começou.

— Tirem as mãos do que é meu! — Kalon surge atrás deles como um trovão que invade sem aviso prévio.

— Quem é você? — Um dos homens avança na direção do meu noivo.

— Não seja precipitado, vai conhecer agora.

Por reflexo, fecho meus olhos quando Kalon avança e rouba o machado das mãos do homem. Insistente e agressivo. Tudo que ouço é o som horroroso do pescoço se partindo. Me mantenho contra a parede, ouvindo rosnados e gritos, alguns ossos quebram e sangue espirra no meu braço.

Os rosnados não param, apenas se intensificam. Nesse momento afasto as mãos do rosto para ver o que está acontecendo.

— Vou ensiná-lo a nunca tratar uma mulher dessa forma! — Kalon está ajoelhado aos meus pés, completamente coberto de sangue e ofegante.

— Ai, meu Deus! — O cabo do machado está quebrado em seu punho, mas nem mesmo isso é o suficiente para impedi-lo de estraçalhar os dois homens.

Sua camisa está rasgada nos ombros e coberta de sangue. Os membros estão espalhados a cinco palmos de distância, como se Kalon

tivesse feito um círculo para me manter dentro, não permitindo nenhum deles avançar.

O último homem ainda está de pé com uma faca em mãos para se aproximar do meu noivo, o qual está distraído com sua matança.

— Fique longe dele! — Um fogo destruidor sobe pela minha coluna e me movimento na sua direção.

Seguro seu punho que segura a faca e esmurro seu rosto. O homem já está machucado, então é fácil derrubar seu corpo no chão e montar minhas pernas ao seu redor.

— Não encoste no que é meu! — Pego a arma e alimento esse monstro possessivo ao desferir golpes na sua garganta.

Estou cega, meus ouvidos chiam agressivamente e tudo que enxergo é seu sangue espirrando na minha cara. Seus olhos estão esbugalhados, o corpo sem vida não consegue mais sentir as investidas do punhal.

Adrenalina chicoteia minhas costas quando afasto as mãos trêmulas e sento no chão, ofegante e com a vista nublada. Saciada. Possessa. Obcecada em manter Kalon vivo, mesmo detestando-o por causa desse casamento.

— Arcane mou? — Kalon tenta abraçar meu tronco, mas caminho para longe.

— Se afaste. — Rosno como uma besta selvagem, mas mudo ideia ao sentir fome do seu toque. — Espere. Venha aqui. — Estendo a mão na sua direção no mesmo instante. — Não solte minha mão, está bem?

— Sim, amor. — Sua expressão está fria, assim como sua postura. Me pergunto se suas gracinhas são uma forma de mascarar seu lado selvagem e psicopata que estou presenciando agora.

Seus olhos vazios me inspecionam dos pés à cabeça. Não vejo nada puro, nada reconfortante. Apenas caos manchando sua existência por inteiro. Gosto de assisti-lo.

Kalon solta o machado em um baque ensurdecedor, e como se um véu deixasse seus olhos, olha ao redor e dá uma gargalhada sombria e divertida.

Paraliso no mesmo instante. O som reverbera por meu peito e penetra meus ossos, me causando arrepios. É sombrio, cheio de rouquidão.

— Salvou minha vida. — Seus ombros balançam e me olha coberto por essa paixão pecaminosa pelo que acabei de fazer.

— Acho que salvei, mas qual é a graça, Kalon? — Porra, acho que ele realmente é louco.

— Foi fácil matá-los, por isso estou rindo. — Me estende a mão que pinga sangue. — Me sinto renovado, e protegido por você.

Kalon agarra minha cintura com força. De repente, toda sua gentileza e perversão volta a brilhar nos seus olhos como se esse momento sombrio não tivesse acontecido. Ele definitivamente é um maníaco psicopata, mas a pior parte é que nunca me senti tão segura e atraída quanto agora.

— Venha aqui. — Me puxa para um abraço apertado que retribuo com todas as minhas forças.

— Deve saber que ninguém pode te matar além de mim. — Zombo, lhe arrancando uma risada nasalada.

Estamos fedendo a morte e pecado.

— Ninguém machuca a minha mulher e sobrevive. — Beija o topo da minha cabeça. — Minha. Fodidamente minha.

Estou completamente bêbada depois de todo aquele whisky, essa é a única explicação para gostar das suas palavras e me alimentar com mais possessividade.

— Kalon… — Sussurro trêmula. — Matei alguém.

Meu peito aperta pela angústia de saber que não há como reverter o meu pecado. Leyla morreu por minha causa.

— Eu assumo a culpa. — Repete.

Sua determinação me assusta.

— Não, você não está entendendo. — Puxo sua mão, estamos há poucos passos do banheiro.

Frieza me domina ao imaginar sua reação quando vê-la. Começo a tremer, minhas pernas estão fracas e minha cabeça já não está tão sóbria. Me sinto suja e quebrada, como se minha alma não tivesse nenhum valor.

Quando adentramos o cômodo, Kalon muda sua postura e me solta, entrando sozinho e visualizando a cena do corpo de Leyla no chão.

Porém, o que me sufoca é ver que o corpo do homem que matei não está aqui. Não há nada além de sangue e marcas de luta. Impossível ele ter sobrevivido. Eu rasguei sua cara até o último resquício de vida.

— Arcane, o que isso significa? — Kalon ajoelha diante do corpo de Leyla, a balançando com suavidade.

Não consigo falar, meu corpo está pesado enquanto observo o lugar vazio onde o homem devia estar caído. Aperto meu vestido, sufocando com seu tecido beliscando meu corpo.

— Arcane, estou falando com você! — Kalon vocifera.

Meu sangue corre como fogo, latejando em minha cabeça. Meus órgãos estão pesados e minha visão escurece.

— Ele estava aqui. — Aponto para o chão. — Deixei ele aqui… Eu… — Aperto meu pescoço, perdendo o controle da minha respiração. Meu pulso está tão acelerado que me assusto ao senti-lo contra meus dedos.

Kalon pega seu telefone e grita ordens conforme me encolho até sentar no chão. Não consigo desviar meus olhos do corpo de Leyla. Por um momento, duvido da minha sanidade e começo a acreditar que matei ela de verdade, que todos aqueles homens foram devaneios, que nada realmente aconteceu.

Fecho os olhos. Mãos geladas apertam minhas bochechas.

— Abra os olhos, *agapi mou.* — A voz de Yuri me faz ter um sobressalto. — Você está perdendo os sentidos por causa da embriaguez.

Explica, tentando afastar meus cabelos do meu rosto. Olho ao redor, Kalon está conversando com Rajá, o qual está segurando um bebê ensanguentado nos braços.

— Está tudo bem, garoto! — Um menino. Lágrimas consomem meus olhos. Ele ainda está vivo e chorando. — Veja como é perfeito. — Acaricia sua mãozinha. — Só é pequeno, mas está perfeito.

— Ele vai sobreviver? — Kalon pergunta, os ombros caídos e os olhos esbugalhados encarando a criança.

Como resposta a sua pergunta, o bebê amolece nos braços de Rajá e soluça seu último gritinho de vida.

— Sinto muito. — Algo dentro de mim se parte quando Rajá abraça seu corpo com mais cuidado e começa a fazer uma oração, balançando-o de

um lado para o outro como se estivesse o colocando para dormir.

Yuri se ergue. Abaixo a cabeça, choramingando. Kalon tenta vir até mim, mas meu pai segura seu ombro e os dois começam a discutir de maneira descontrolada, apontando o dedo em riste.

Não sei quanto tempo estou sentada no chão, tremendo e desconectada do burburinho na minha frente, mas suspiro quando alguém me levanta do chão.

— Rajá, cuide de Leyla. — Cheiro de sangue invade meu nariz e reconheço que é Kalon. — Arcane foi torturada e está exausta, vamos resolver esse assunto amanhã.

— Para onde estamos indo? — Pergunto quando minutos depois sou colocada em um assento duro.

— Para sua casa, precisamos resolver essa situação. — Kalon fecha o cinto de segurança ao meu redor.

Sua mão se mantém em meu colo durante a viagem, segurando minha mão como eu pedi mais cedo. Meus olhos doem com a claridade das ruas de Atenas, tudo em mim está desconfortável e difícil de processar. Após um tempo, sou tirada do carro e carregada pelas escadas da minha casa.

Kalon está resmungando alguma coisa quando acende a luz do meu quarto, me colocando em pé.

— O que disse? — Abro meus olhos, ainda incomodada com a claridade.

— Disse que precisa vomitar e tomar um banho. — Arruma meus cabelos para trás.

— Onde minhas irmãs estão? — Olho ao redor. — Eu só durmo com elas.

— Elas estão com Yuri, amor. — Kalon não tem paciência em abrir meu vestido com calma e o rasga.

Reclamo do frio e cubro meus seios.

— Não durmo sozinha. — Sussurro.

— Por qual motivo? — Me estimula a caminhar até o banheiro. Fico de joelhos em frente ao vaso, ele segura meus cabelos e acaricia minhas costas desnudas.

— Me sinto sozinha e tenho medo de morrer durante o sono. — Respondo, relembrando da forma como Nikoleta quase me matou dentro daquela prisão.

Merda, apenas seu nome dentro da minha cabeça é o suficiente para me fazer vomitar. Uma angústia forte embrulha meu estômago, me fazendo protestar em um resmungo choroso.

Me sinto péssima dentro do meu próprio corpo, será que algum dia vou conseguir me sentir normal?

— Por que ainda estou viva? — Aperto os olhos. — Tudo de ruim acontece por minha causa.

— Porque Deus fez você pra mim. — Responde, acariciando meus cabelos. — Porque não é bom que alguém se sinta sozinho desse jeito.

— Que grande besteira. — Minha voz está embargada. Aperto as bordas do vaso quando sinto ânsia de vômito outra vez. — Por que não escolhe outra pessoa? Uma que seja boa para você. Não sirvo para esse casamento, por favor, mude de ideia enquanto ainda há tempo.

— Sem chances. — Ele ri. — Eu quero você.

— Me quer? — Não sei porque isso me faz rir e causa arrepios na minha barriga.

— Sim, agora vou escovar seus dentes. — Dou um sorriso quando ele pega minha escova amadeirada e começa a limpar meus dentes.

— Se um dia você aparecer com outra mulher na minha frente, eu juro que mato os dois. — Sibilo, cuspindo o creme dental na pia.

— Por que? — Kalon solta uma risada eletrizante.

— Porque estou doente. — Aperto as bordas da pia e encaro seu rosto agressivamente, lembrando daquelas duas ruivas.

— Isso não é doença. — Lava meu rosto, suas mãos são delicadas ao afastar meus cabelos. — Se chama ciúmes.

— Ciúmes. — Encaro seus olhos, ele me encara de volta. — Parece sucinto para definir esse veneno amargo e cruel.

— Precisa aprender a lidar com suas emoções. — Torce os lábios de um jeito divertido, então empurra meu traseiro, me guiando para debaixo do chuveiro. — Quando o ciúmes vier, diga que está sentindo, ao invés de sair matando.

— Você não faz isso. — Viro a cabeça na sua direção.

— Não deve seguir meu exemplo. — Ele abre o chuveiro, água morna escorre pelo meu corpo. — Ou vamos acabar nos separando.

Fico em silêncio por um tempo. Detesto a ideia de ficar com ele, ou de sentir esse monstro no meu peito, mas pior ainda é ouvir da sua boca que podemos nos separar.

— Quero mudar de assunto. — Levanto o queixo. — Esse me deixa insatisfeita e frustrada pra caralho.

— O sangue já saiu, venha dormir um pouco. — Acena com a cabeça, me encarando com seriedade.

— Sabe no que estou pensando? — Abraço seus ombros quando ele enxuga meu rosto com uma toalha.

— No seu amante? — Ergue uma sobrancelha furiosamente.

— Não. — Solto uma risada boba. — Penso que você lembra aquele monstro da terra do nunca.

— Está certo, pode fazer piada. — Revira os olhos.

— O nome dele é ranzinza, conhece? — Esfrego meu lábio no seu queixo.

— Não. — Uma resposta curta e sem sequer desviar os olhos dos meus cabelos.

— Está vendo? — Aponto o dedo. — Como vamos nos casar quando você não sabe nada sobre mim, ou eu sobre você?

— Como todo mundo que casou antes de nós. — Gira minha cabeça para secar meus cabelos. — Meus pais, os seus. Não é uma novidade.

Quero batê-lo. Se não estivesse tão bêbada, já teria sufocado seu rosto com um travesseiro.

— Você não sabe nada sobre mim, nem mesmo minha música favorita. — Insisto em manter o meu ponto. — Isso não é um casamento, é uma prisão.

— Chame do que quiser. — Sua voz é ríspida. — Qual sua música favorita?

— Íris, do The Goo Goo Dolls. — Fico na ponta dos pés para entrelaçar meus braços ao redor do seu pescoço novamente. Resmungo um pedacinho da música, balançando meu quadril de um lado para o outro.

— Por que? — Kalon ergue uma sobrancelha cheio de interesse.

— Porque me lembra do Daniel Ricciardo, meu piloto favorito de Fórmula 1. — Fecho os olhos ao lembrar do seu lindo sorriso e cabelos cacheados. — É com ele que eu realmente quero me casar. — Suspiro. — Muito alto… E meu Deus… O sorriso dele…

— Vai se foder! — Engasgo quando Kalon empurra a toalha no meu rosto, esfregando de um jeito ríspido. — Não dou a mínima se ele é alto e tem um sorriso de dar inveja. Ou se é o último gostoso do planeta.

Afasto o rosto, chocada.

— Acabou de me imitar? — Encaro seus lábios de onde saíram palavras dramáticas.

— Sim, e precisa deitar. — Espalma minha coluna. — Provavelmente, amanhã você não vai lembrar de nada.

— Eu quero lembrar. — Agarro sua mão.

— Também vai precisar de um analgésico para ressaca. — Me ignora. — Vou deixar na cabeceira, lembre-se de beber.

— Não durmo sozinha. — Tropeço em algumas almofadas espalhadas pelo chão.

— Vou dar um jeito nisso. — Agarra minha cintura.

— Escuta, você quer beijar minha boca? — Giro meu corpo, batendo meus seios contra seu abdômen.

— Não. — Responde cruelmente.

— Não quer? — Meu olhar cai em frustração.

— Sabe onde fica minha boca, se quiser, faça. — Fecha o rosto em uma carranca.

— Estou faminta. — Suspiro.

— Posso pegar algo leve para você comer. — Encara minha boca.

— Quero um beijo. — Fico na ponta dos pés.

— Você está bêbada, não podemos. — Sopra as palavras quando esfrego minha boca na sua.

— Podemos, sim. — Deslizo a ponta da língua no seu queixo, sugando a pele e mordendo seu lábio.

Reivindico sua boca sem aviso prévio, arrepios varrem minha coluna quando tenho consciência que essa é a melhor coisa que já experimentei.

Seu gosto limpa qualquer impressão da tortura que sofri mais cedo. É como um fôlego de vida, como se estivesse faltando algo dentro de mim esse tempo inteiro. Algo que só podia ser preenchido por seus lábios. Agora estou pairando no prazer e satisfação desse toque profano e arrebatador.

— Arcane mou. — Geme ao segurar meu seio nu. — Ter uma namorada como você é um inferno. — Chuta uma almofada do caminho e me segura quando tropeço por cima do seu corpo. — Teimosa e gostosa pra caralho.

Empurro minha calcinha molhada para baixo, necessitada. Kalon espalma meu ventre enquanto me esfrego nele, puxando o tecido dobrado em meus tornozelos.

— Me ajude a tirar. — Imploro ofegante.

— Calma, vida. — Sopra as palavras, pegando o tecido do chão e jogando longe de nós. — Estou me contorcendo para não encher sua bunda de tapas nesse momento.

— Venha. — Deito na cama.

Meus lábios se abrem quando ele me observa atenciosamente. Quero sentir seu corpo no meu, experimentar as coisas obscenas que me apresentou hoje cedo, mas Kalon coloca um travesseiro entre nós e se deita.

— Você está bêbada. — Murmura. — Não podemos.

— Posso ao menos deitar em cima de você? — Meu corpo está latejando.

— Pode. — Abre os braços.

Não consigo compreender porque estou tão faminta e obcecada por ele, mas atravesso o travesseiro e deito contra seu corpo quente. Estamos respirando fundo. Sua mão descansa na minha bunda, me esfrego contra sua coxa.

— Se quiser, pode ir na minha casa para assistir Tinker Bell comigo. — Abro os olhos para vê-lo sorrindo. — O Monstro da terra do nunca, não é? Como era a música?

— *Tão sozinho eu vejo você…* — Canto baixinho, escondendo meu rosto na curva do seu pescoço. — Mas não quero assistir com você, vai estragar a lembrança boa que guardei do filme.

— Claro, carrego a maldição de estragar coisas bonitas. — Acaricia minha bochecha. Suas roupas ainda estão sujas de sangue, mas não me importo. Quero apenas senti-lo em cada gama do meu corpo. — *Sei que em meu coração, o nosso amor não foi só ilusão… e jamais vai morrer.*

Minhas pálpebras pesam, quase saio da minha névoa sonolenta para apreciar sua voz distante. Isso é lindo demais, ele canta no timbre perfeito e tão reconfortante que parece magia.

— *É estranho te ver… adormecer.* — Beija minha boca, tão avassalador e cuidadoso que caio em um sono profundo.

19. TÃO SOZINHO EU VEJO VOCÊ

"Seu coração o levará ao seu amante um dia.
Sua alma o levará ao seu amante um dia.
Não se perca na sua dor.
Só para você saber, um dia você terá uma cura para o seu sofrimento."

— MEVLANA.

Arcane Planard

Acordo sem nenhum sinal de Kalon no meu quarto, e por um segundo, tenho medo que tudo tenha sido um grande delírio, mas então, o remédio na cabeceira me convence que foi real, assim como toda a bagunça do meu quarto que foi limpada.

Ele não apenas deixou o remédio para mim, mas também colocou minhas roupas para lavar e organizou as almofadas no chão. Está tudo em perfeita ordem.

Me sento na cama, uma estranha sensação sobe por meu estômago quando lembro da noite passada, a culpa me apunhala o peito ao relembrar que Leyla está morta por causa do meu plano para fazê-la fugir. Nunca vou me perdoar por não tê-la acompanhado até Mykonos.

— O que é isso? — Sinto um papel sob o tecido da cama.

Afasto meus cabelos do rosto para visualizar um desenho meu feito em carvão. Meu rosto está inclinado minimamente para o lado, um meio sorriso completa a beleza dos traços tão realistas. Acaricio o papel, apaixonada por cada detalhe e vida que Kalon colocou nesses traços.

Meu peito incha, preenchido por um sentimento sombrio e devastador. Olho o verso do papel, percebendo que tem outro desenho. Uma gargalhada explode na minha boca ao ver o monstro da terra do nunca.

Ranzinza. Desenhado exatamente como no filme.

"É um bom filme, mas muito triste. Já você me lembra Hadassa bat Avihail, e se me pedir metade do meu reino, te darei mais do que Assuero prometeu para ela."

Merda, ele adora fazer joguinhos. Havia me dito que não conhecia o filme da minha infância e agora me comparou com a própria rainha Ester.

Meu rosto está quente e pulo da cama, decidindo que a melhor opção é não tentar compreender o que está acontecendo comigo nesse momento. Ainda odeio Kalon por estar tirando a minha liberdade e me obrigando a esse casamento, mas se desistisse dessa ideia, as coisas poderiam ser diferentes.

Me assusto quando a porta do quarto é aberta sem me dar tempo de vestir minhas roupas direito. Yuri adentra, parecendo um animal fora do habitat enquanto se mistura com as cores do cômodo.

As cortinas da sacada estão balançando suavemente, trazendo um vento calmo para me tranquilizar da expressão que ele mantém.

— Oi. — Sua voz é rude e intimidadora.

— Oi, papai. — Cruzo os braços e ergo uma sobrancelha, questionando silenciosamente o que quer tão cedo, ou talvez já seja muito tarde.

Yuri caminha pelo quarto inspecionando cada detalhe, então puxa uma cadeira e senta, cruzando as pernas de forma elegante e quase

inofensiva.

— Preciso que me diga com detalhes o que aconteceu no seu noivado e quem era aquele homem. — Aponta para que eu volte a sentar na cama. Respiro fundo, unindo as mãos em meu colo e pensando em todos aqueles acontecimentos. Meu estômago embrulha e aperto os lábios.

— Ele entrou de repente no banheiro. — Yuri não muda sua expressão conforme narro os detalhes, desde a forma como trancou a porta até como ele me bateu quando tentei lutar.

Minha voz falha ao contar como Leyla foi jogada no chão, como teve seu coração arrancado e foi machucada, e esse homem mantém sua expressão inexpressiva em cada palavra.

— Espere um pouco. — Yuri ergue a mão para me fazer ficar em silêncio. — Como ajudou Leyla a fugir sem que ninguém percebesse?

Merda. É claro que ele iria ligar todos os pontos. Não há como escapar do seu controle. Fico em silêncio, procurando uma forma de não envolver o relacionamento de Melissa e Pavlos no assunto.

— Vamos, Arcane mou. Diga de uma vez. — Fecho os olhos por breves segundos.

— Estive na sua casa para investigar o assassinato no dia que Altan foi encontrado morto. Fiquei intrigada com a discussão que Kol e Kalon tiveram na cozinha daquela casa, então quis saber porque Altan foi assassinado. — Confesso, esperando sua explosão.

Nada acontece, Yuri permanece irreverente.

— O que Leyla disse a você? — Junta as duas mãos e se inclina na minha direção, seu olhar é sombrio de uma forma que eu nunca vi antes.

Tenho medo das próximas palavras que vou dizer, mas me sinto encurralada e não há outra opção senão contar tudo, ou pelo menos, esconder algumas partes.

— Disse que a morte de Altan foi cortesia de um dos Somáli, ele escondeu Leyla antes de morrer e ela viu tudo, me disse que um homem encapuzado fez isso. — Sibilo, inclinando meu rosto para reclamar de forma agressiva. — É claro que depois disso eu iria dar um jeito de ajudá-la a fugir, porque estava certa, ele voltou para finalizar o trabalho.

As narinas de Yuri dilatam em resposta, mas me encara como se acreditasse nas minhas palavras, como se também tivesse suas dúvidas em relação a família que tanto retém fidelidade.

— E quanto ao homem que te atacou? Que inclusive, não tem nenhum vestígio de sua existência. — Questiona baixo.

— Ele se chama Oliver, foi isso que o outro disse quando tentou me matar. — Interrompo suas palavras. – Oliver disse que estava fazendo isso a mando do seu chefe, matei-o para conseguir fugir, mas quando retornei ao lado de Kalon, o homem não estava mais lá. Alguém pegou seu corpo para impedir as investigações da Alkyóna sobre sua identidade.

Um silêncio perturbador consome meu quarto. Yuri aperta os lábios e me encara cheio de dúvidas e insatisfação. Sua mão corre por seus cabelos, acariciando profundamente, enquanto me olha perdido.

— O que mais esse Oliver disse pra você, *agapi mou?* — Não consigo identificar seu tom de voz, mas ele age como se já soubesse de algo.

Pisco algumas vezes, mudando meus pensamentos.

— Disse que eu estava tentando descobrir sua identidade no momento errado. — Aperto os olhos.

Medo sobe por minha espinha ao saber que esse homem me conhece, quanto mais tento desenvolver meus pensamentos e compreender porque virei seu alvo, mais fico confusa e sinto que estou quebrando a cabeça em algo que não me leva a lugar algum.

Realização brilha nos olhos de Yuri e ele se ergue, colocando as mãos no bolso da sua calça escura, exibindo as pequenas correntes que dão personalidade ao seu estilo.

— Você está muito encrencada. — Sibila. — Não devia ter revirado essa merda. Mais um pouco e estaria morta, Arcane!

— Acha que ele pode voltar e tentar me matar novamente? — Sussurro, observando sua linguagem corporal.

Yuri está nervoso, sua raiva o faz caminhar de um lado para o outro como se algo na sua cabeça fizesse total sentido.

— Suas respostas não respondem a minha pergunta. — Gira, sombras consumindo a margem dos seus olhos.

Já estou acostumada com seu comportamento intimidador e assassino, como se estivesse sempre à beira do descontrole, em partes me pareço com ele. Mas não estou acostumada com o que vejo agora, uma raiva crua e devastadora, fazendo-o avançar na minha direção como se estivesse cego.

Desvio o rosto e fecho meus olhos por reflexo, mas não sinto nada, nenhum tapa e nenhum grito. Papai apenas respira pesadamente.

— Como ajudou Leyla a fugir sem que ninguém percebesse? — Repete a pergunta que estou tentando fugir.

— Eu já disse, fui em sua casa e…

— Isso não é uma resposta, Arcane. Olhe para mim, porra! Você quer fazer de mim um assassino? — Yuri perde o controle tão facilmente que sinto tristeza.

Ele é desenfreado, não há redenção para alguém como meu pai, o homem já está condenado e corrompido até o espírito.

— Comece a falar!

Eu aperto meus lábios, compreendendo que Yuri funciona apenas pelo ódio, não há outra coisa capaz de controlar sua alma. Se você foi criado com um homem zangado na sua casa, sempre haverá um homem zangado na sua casa.

— Está bem. — Ergo as mãos em rendição quando ele ameaça apertar meu pescoço. — Conheço um pescador que trabalha com transporte clandestino. — Confesso, abaixando a cabeça. — Quando estava na prisão ouvi algumas pessoas comentando sobre esse tipo de organização, eles não fazem parte da Alkyóna ou qualquer gangue idiota. — Explico, para proteger Pavlos. — Não faz parte do nosso meio, mas da família real.

— Qual das duas famílias, Arcane? — Yuri insiste. — Os Areleous ou os Dmitri? Porque é um fato consumado que existe uma rivalidade entre nós.

— Que tipo de rivalidade? — Levanto a cabeça.

— A família Areleous, aqueles que estavam na festa ontem. — Aponta calmamente. — Eles têm o mesmo sangue que os Somáli, mas foram separados quando Ivan teve seu cargo de príncipe deturpado.

— Não é um fato consumado. — Tento contornar o assunto. — E os Dimitri? — Questiono.

— São inimigos. — Isso é tudo que diz.

Seu sorriso me assombra.

— Não foi nenhum dos dois. — Respondo calmamente..— Leyla foi para Mykonos na embarcação do Príncipe Constantino da Grécia e Dinamarca.

— Interessante. — Aperta os olhos de um jeito profundo. — Se existem viagens clandestinas apoiadas pela família real, alguém anda quebrando as leis do país. — Empurra o queixo em minha direção. — Alguém que está…

Fica em silêncio. Levanto a cabeça para tentar descobrir suas próximas palavras, mas ele avança os passos.

— Me diga o nome do homem que está ajudando o príncipe Constantino. — Ergue os ombros, voltando a sua postura imperturbável.

— Como você sabe que o homem recebe ajuda? — Levanto uma sobrancelha, isso faz Yuri sorri largo.

— Apenas responda. — Grunhe.

— Echo. — Minto.

— Certo. — Yuri não desconfia das minhas palavras. — Você disse que ela estava indo para Mykonos?

— Sim. — Balanço os ombros.

— Território governado por Kol. — Levanta a cabeça.

— Acredita em mim agora? — Me ergo, sentindo arrepios subirem por minha coluna com sua conclusão. — Que um dos Somáli pode ser o traidor?

— Não, isso é uma infeliz coincidência. — Da de ombros. — Agora preciso viajar, você e suas irmãs vão ficar sob a proteção de Atena até que eu volte.

— Na mansão deles? — Choque cruza meu rosto. Nesse momento percebo que não há nada capaz de fazer Yuri mudar de ideia com esse casamento. — Realmente não acredita que pode ser um deles?

— Isso não muda e não significa nada. — Responde com indiferença. — Esteja pronta em meia hora, vou avisar suas irmãs.

Estamos há quatro dias na mansão Somáli, e não recebemos nenhuma notícia de Yuri, assim como não vimos nenhum dos irmãos.

Não consigo compreender porque existe algo torturando meu estômago toda vez que ando pelos corredores e não vejo Kalon em algum lugar, ou não ouço sua voz.

— Talvez seja a forma que ele me protegeu naquela festa. — Quando digo para Melissa, ela dá risada.

— Nunca ouvi uma desculpa tão esfarrapada para tesão reprimido. — Diz e dá um tapa na minha bunda.

— Eu nunca devia ter contado o que a gente fez. — Minhas bochechas ficam vermelhas.

— Somos suas irmãs, é sua obrigação falar essas coisas, Ane. — Nimue gira a página de uma revista de moda masculina, ela é viciada nessa porcaria apenas para ver os modelos turcos que são uma delícia. — Eu faria tudo pra sentar nesse homem.

Vira a revista para vermos Can Yaman.

— Uma pena que toda a população mundial se apossou do direito de sentar nele. — Reviro os olhos.

Elas dão risada. Jogo uma almofada na sua direção, me arrependendo em ter escolhido dividir meu quarto com as duas.

— Voltando ao assunto. — Melissa estala os dedos. — Não viva em negação, você está experimentando o melhor lado da vida, e daí que ele é um desgraçado? Pelo menos é muito gostoso, obcecado por você e manda bem com os dedos.

— Puta merda! Vou matar você! — Pego a almofada para sufocar sua cara.

— Por ter chamado ele de gostoso? — Nimue dá uma gargalhada mordaz. — Você é mais obcecada que ele!

— Calada! — Aponto o dedo na sua direção. — Eu disse que nos beijamos e vocês rapidamente esquecem que ainda odeio a ideia desse casamento forçado. — Me sento em um puff.

— Não esquecemos, Ane. — Nimue fecha a revista e cruza a perna. — Mas, parece bastante consensual daqui do meu lugar.

Caio para trás, me arrependendo dessa conversa. Um incômodo doloroso sobe pelo meu estômago, sinto que estou traindo a mim mesma quando deixo Kalon se aproximar e me tratar dessa forma, mas ao mesmo tempo, me sinto viciada nos prazeres que me oferece.

— Sou estranha pra caralho. — Cubro meu rosto com as mãos. — Podem me matar, estou doente!

— Está apenas descobrindo como é ser uma mulher que tem um homem aos seus pés. — Melissa dá uma gargalhada. — Relaxa, não é tão horrível.

Acho que vou vomitar se ela falar outra coisa motivacional e horrorosa desse jeito. Gemo, completamente afetada por essa perspectiva que me deu.

— Acho que essa é uma notícia muito forte para Arcane digerir. — Nimue ri, voltando para sua revista. — Aliás, sabia que está nos jornais? Todos os sites de fofoca estão falando sobre você dançando no colo de Kalon.

— Não brinca com isso! — Pulo do puff, derrubando tudo para alcançar meu notebook. Quando vejo a primeira página, um grito de angústia fecha minha garganta com as fotos de nós dois dançando. — Melissa, faça alguma coisa!

Ela vem até onde estou sentada no chão, e solta uma gargalhada sincera ao ver a forma que estou sentada no colo dele, sua mão na minha cintura.

— Não dá para fazer nada quando meio mundo já viu. — Estala a língua, arrancando o notebook de minhas mãos. — Kalon é um homem bastante conhecido depois que se envolveu com apostas de cavalo e moda, mas ouvi falar que o mais velho odeia que ele trabalhe com isso.

— Nesse caso. — Roubo o notebook quando ela tenta dar zoom na imagem. — Eu devia me casar com Rajá que tem uma vida mais discreta, e não com aquele demônio. — Sibilo, desligando o aparelho e fingindo que as redes sociais não existem.

— Preciso encontrar Pavlos. — Melissa se ergue, pegando seu celular que está tocando. — Vamos todas sair e aproveitar o dia? Os avós dele marcaram um novo almoço para nós, hoje é aniversário da Samia, podemos fugir.

— Acho difícil conseguir escapar dessa mansão, mas o dia está tão lindo que faria tudo por um sorvete. — Nimue se ergue, olhando para os muros da mansão protegidos por vários seguranças.

— Podemos mentir que vamos encontrar Atena naquele evento que ela organizou perto do mar. — Fico em pé.

Preciso encontrar Pavlos e conversar com ele sobre o que aconteceu com Leyla, não nos vemos desde sua viagem.

Havia o convidado para minha festa de noivado, já que o lugar não tinha câmeras de segurança e ele poderia facilmente se passar por algum membro da Alkyóna, mas Pavlos estava com seus amigos da faculdade.

A pior parte durante esses quatro dias foi abrir a boca para contar às minhas irmãs tudo que aconteceu naquele banheiro, ter que olhar no rosto delas e dizer que Leyla está morta por minha culpa, que não há uma forma de voltar no passado e mudar tudo.

Yuri pode não acreditar que a morte de Altan foi causada por um dos Somáli como Leyla disse, mas minhas irmãs acreditam.

Melissa até mesmo investigou qualquer câmera de segurança próximo a mansão Alkyóna, mas não encontramos nada porque os eventos daquele lugar são altamente secretos. Como aquela mansão é o lugar mais protegido de Atenas, não é necessário câmeras de segurança.

Porém, a mansão estava aberta para a imprensa e algumas famílias que não têm contato direto com o mundo do crime e que fazem parte dos negócios que Kalon têm fora da Alkyóna, Melissa está desde cedo investigando alguma pista através deles.

— Arcane, vamos. — Melissa bate no meu ombro, ergo o rosto para elas. — Pavlos vai nos pegar na praia. — Balança seu telefone, indicando que está falando com ele.

— Tudo bem. — Me ergo, pegando minha bolsa com algumas coisas para passar o dia e a noite com eles.

— Vamos dizer que tem um motorista esperando para nos levar ao evento da Atena. — Me puxa.

Pavlos está nos esperando perto da praia, com um engradado de cerveja em mãos e um sorriso radiante que facilmente me convence que a vida pode ser normal para todo mundo.

— Tenho cerveja, espetinho e uma grande noite na casa dos meus avós. — Acena, encurtando seu caminho até Melissa e beijando seus lábios. — Que saudades, amor da minha vida! — Os dois são tão apaixonados que um dia vão se casar, tenho certeza disso.

Temos o resto do dia para respirar e viver como uma pessoa normal por tanto tempo que corro até eles, flutuando de animação. Quero apenas esquecer tudo de ruim que aconteceu na minha vida, tudo que envolve Kalon e a Alkyóna.

— Trouxe seu querido namorado. — Pavlos aponta para sua camionete onde um enorme Golden Retriever está latindo com todas as forças.

— Páris! — Corro até ele, quase entrando no carro através da janela para sentir suas lambidas. — Oi, meu amor! Sentiu saudades? — Retiro o cinto que está o protegendo e tento segurar seu corpo agitado nos braços.

O animal me lambe desenfreado e não contenho minhas gargalhadas. Desde que o vi pela primeira vez em sua fazenda, nunca mais esquecemos um do outro.

— Vocês são tipo almas gêmeas, igual eu e Melissa. — Pavlos para ao nosso lado.

Olho para seu rosto, sorrindo largo. Esse homem incrível é o melhor amigo que eu poderia encontrar no meio disso tudo. Abraço a lateral do seu corpo quando ele vem me beijar como se fosse meu irmão mais velho.

— Senti saudades suas. — Beijo sua bochecha.

Meu melhor amigo, mesmo que não saiba de tudo sobre minha vida. O único que proporciona o melhor faz de conta na vida de uma garota quebrada e banhada pelo pecado.

— Também senti. — Dá risada, olhando para Melissa como se me amasse pra caralho. — E então? Sua amiga conseguiu viajar de primeira classe? — Pergunta, enquanto tenta se esquivar das lambidas de Páris.

— Como assim? Ela não foi com você? — Viro meu rosto na sua direção.

Até mesmo Melisa demonstra choque diante das suas palavras.

— Não. — Balança a cabeça em confusão, olhando entre Melissa e eu. — Ela não apareceu, querida. Pensei que tivesse conseguido um voo de última hora.

Meu coração erra as batidas. Respiro fundo, afastando meus cabelos do rosto. Nimue se aproxima de nós, com uma garrafa de cerveja em mãos.

— Talvez ela tenha mudado de ideia, não conversamos depois disso. — Limpo a garganta, tentando esconder meu choque e não revelar que ela está morta.

Mas o fato de Leyla não ter saído de Atenas já nos dá uma nova pista concreta.

— Tudo bem, espero que tenha dado certo para ela. Agora nós estamos atrasados. — Pavlos não percebe nossa tensão, ele abre a porta do carro para eu e Nimue entrarmos, então ajuda Melissa a subir também.

— Não pense nisso agora. — Nimue afaga minha perna, sussurrando baixinho. — Vamos aproveitar os poucos momentos de liberdade. — Balanço a cabeça em concordância e me distraio, afagando a pelagem dourada de Páris.

A fazenda onde Pavlos mora fica há poucas horas de Atenas, com um enorme campo e árvores verdes. Seus avós são pessoas tão humildes e gentis que me sinto suja em estar na casa deles sendo dona de uma vida tão corrompida.

— Seja bem-vinda, querida. — Samia beija o rosto de Melissa, acariciando seus cabelos loiros. — Estava fazendo um bolo delicioso, podemos confeitar juntas.

— Ah, Samia! Estava pensando em você o dia inteiro! — Melissa separa dela, indo até Ítalo e apertando sua mão. — O senhor está muito cheiroso, já sei a quem Pavlos puxou todo esse charme. — Provoca, arrancando um sorriso travesso do seu namorado.

— Vamos entrar, meninas. — Samia puxa eu e Nimue. — Guardei uma travessa de doces para vocês.

— Ah, estou morrendo de fome. — Nimue ataca, largando sua cerveja em cima da mesa.

Páris me segue fielmente, abanando seu rabo e lambendo minhas pernas.

— Ai, garoto atrevido. — Me encolho, tropeçando em uma cadeira e recolhendo minhas pernas. Ele afunda suas patas em meu colo, procurando uma forma de subir em mim.

Pavlos surge, colocando as mãos no meu ombro. Há um brilho empolgado em seu rosto, e ele beija o topo da minha cabeça.

— Meninas, já soltaram pipa? — Meus olhos brilham com essa proposta.

— Eu nunca. — Falo apressada.

— Melissa me contou. — Pisca para minha irmã. — Ela disse que você era obcecada quando criança, então fiz uma de presente, e para Nimue, tenho vários livros esperando lá na biblioteca.

— Sério? — Minha irmã se ergue, seus olhos brilham de fascínio.

— Claro que sim, eu e vovó organizamos o espaço para você ler com suas irmãs. — Cruza os braços.

— Pavlos mou. — Nimue segura sua bochecha, deixando repetidos beijos. — Você é o melhor cunhado que minha irmã poderia me dar.

— Melhor que o namorado bilionário da Arcane? — Ergue uma sobrancelha. — Ouvi dizer que ele financia corridas de cavalos e é modelo.

— Melhor do que ele, pode ter certeza. — Faz uma careta feia, me encarando.

— Ah, isso é verdade. — Ergo as mãos em rendição.

— Samia e eu vamos confeitar o bolo, parem de bagunça na cozinha. — Melissa faz um coque no cabelo, dando risada das nossas

palhaçadas.

— Essa é a minha deixa para ver a biblioteca. — Nimue sai correndo pelas escadas, arrancando alguns latidos de Páris.

—Venha, vamos ver onde tem mais vento para soltar a pipa. — Pavlos acena com a cabeça.

— Vamos, menino. — Assobio para Páris me seguir.

Minha pipa é linda, com várias cores em tons de azul e uma rabiola em formato de borboletas. Ela também é enorme, então seria necessário um lugar alto para pegar mais impulso com o vento.

Estamos os três correndo pelo gramado quando Pavlos me olha cheio de diversão.

— O que acha de ficar com Páris por uns dias? Vocês dois parecem se dar tão bem. — Aponta para o cachorro lambendo meus pés toda vez que encontra uma abertura.

— Sério mesmo? — Pergunto admirada. — Nunca tive um cachorro antes. — Me abaixo para sentir suas lambidas em minha bochecha.

— Bom, agora tem o Páris. — Pavlos pisca, balançando a linha de um lado para o outro.

O sol bate no meu rosto e respiro fundo, me sentindo cheia de vida e livre. Meu peito infla com esse sentimento.

— Adoro sua fazenda, meu amigo. — Resmungo.

— Não fique aí parada, venha aproveitar o vento. — Me chama, sua camisa branca balança com a força do vento que bate em nossos corpos.

Sacudo meu vestido branco e começo a puxar a linha. Merda, é mais pesado do que imaginava. O vento puxa minha mão, preciso fazer força para manter a pipa em equilíbrio.

— Sou péssima. — Reclamo quando quase deixo a pipa cair.

— Não é, não. — Pavlos dá risada, girando minha mão. — Só precisa tomar mais cuidado, criança.

Encaro seu rosto, odeio esse apelido, me faz lembrar da forma que Nikoleta me chamava. Meu estômago aperta em culpa. Tirei sua vida e agora estou aproveitando a minha como nunca fiz antes.

Isso parece um insulto, como se eu não merecesse.

— Você não gostou? — Pavlos acaricia minha bochecha — Por que fez essa carinha?

— Nada. — Limpo a garganta, batendo os cílios e observando a expressão amável no seu rosto. — Só lembrei da minha melhor amiga. — Confesso, falando nela pela primeira vez. — Ela também me chamava de criança.

— Ah, desculpe. Tenho esse costume por causa do Páris. É assim que chamo ele. — Olha para o cachorro tirando uma soneca. — O que aconteceu com sua melhor amiga? Ela foi morar fora?

— A gente brigou, desde então, nunca mais a vi de novo. — Abaixo a cabeça.

Sua mentirosa. Você me matou. Consigo ouvi-la gritando na minha cabeça.

— Parece que as amizades de hoje em dia estão fadadas a acabar. — Lamenta, me olhando. — Meu único amigo é Aleksander, mas agora ele está morando fora. Sei lá, parece que não faço parte da sua vida como antes. — Balança os ombros. — Quando vi, ele já não me contava as coisas, não me procurava. Fui deixado de lado.

— Sinto muito. — Pisco algumas vezes, desde que perdi Nikoleta, as amizades são um assunto sensível em minha vida.

Meu coração sangra porque não consigo esquecê-la, nem da forma que fui apunhalada. Ainda hoje não entendo porque ela tentou me matar.

— Por que não tenta conversar com Aleksander sobre isso? — Olho para Pavlos. — Como você se sente.

— Eu tentei, não adiantou. Já não consigo me encaixar na vida dele, e não sei quem culpar por isso. — Balança a cabeça em negação. — No meu livro favorito tem um trecho que diz assim: *você nunca está, não vai nem volta, não fala o que quer nem conta o que sabe. Acostumaram-se a viver com a sua ausência, que chega a parecer uma presença encantada. O que você faz é sempre sumir, a cada segundo desaparecer. Ou então é um bicho arisco: prefere que a porta permaneça entreaberta para vigiar o quarto enquanto alguém dorme na cama. Você não sussurra, não se manifesta, não assombra e nem assusta; você é tudo o que demora.* — Pavlos me olha. — É exatamente assim que defino meu melhor amigo, um fantasma.

Nunca pensei que precisaria ouvir essas palavras para saber exatamente como me sinto. Abandonada. Deixada no escuro. Sem nenhuma resposta, sem coordenadas, absolutamente nada, nenhuma explicação. Apenas o fim.

— Sinto muito, Pavlos. — Limpo a garganta, tentando me livrar do nó que se forma. — Sinto muito que tenha passado por isso.

— Eu também, mas, sou muito grato por ter conhecido você através de Melissa. — Abre os braços pra me envolver, o agarro sem pensar duas vezes, apertando a linha da pipa com força. — Agora tenho uma melhor amiga com quem me identifico e sei que posso contar.

— Se não se casar com minha irmã, pelo amor de Deus, não deixe de ser meu melhor amigo. — Espremo meu rosto em seu peito e ele dá uma gargalhada.

— Vou atormentar sua vida para sempre, Arcane mou. — Beija o topo da minha cabeça. Eu gargalho, não há promessa mais deliciosa e cheia de carinho do que essa. — Vai ter que me aguentar por um bom tempo, ainda temos muitas aventuras pela frente.

— Estou ansiosa para todas. — Me afasto quando meu celular começa a tocar. Ansiedade consome meu estômago, esqueci de desligá-lo quando cheguei aqui, provavelmente é Yuri para dar alguma notícia sobre a morte de Leyla. — Preciso atender, é o papai.

— Está bem. — Me lança uma piscadela. — Vou pegar a pipa de volta. — Recebe a linha e me afasto para atender.

— Alô? — Minha voz está doce pelos últimos momentos ao lado de Pavlos.

— Onde você está? — Arrepios sobem por minha coluna ao ouvir a voz raivosa de Kalon. — Não consigo encontrar você.

Todo meu corpo fica tenso, e como se eu estivesse debaixo d'água, meu coração bate tão desenfreado que preciso levar a mão ao peito.

— Primeiramente, como conseguiu meu número? — Falo firme. Uma risada sádica preenche meu ouvido. Fecho os olhos quando arrepios sobem por minha barriga.

— Meu amor, você é minha mulher, como não teria seu número? — Raiva ferve nas minhas veias.

Não sou de ninguém.

— O que quer, Kalon? — Resmungo, impaciente.

— Quero ver você. — Responde. — Acabei de chegar de viagem, era para você estar na mansão dos meus pais. — Sua voz é sombria e assustadora. — Onde você está, Arcane?

— Não é da sua conta. — Interrompo. — Se estava em alguma viagem com suas amantes, devia perturbar elas e não eu.

— Pare de ser louca. — Fala humorado. — Não tenho amante e tudo que diz respeito a você é da minha conta.

— Então lide com isso, estou com alguém que não fica me importunando com essa possessividade doentia. — Talvez eu tenha errado ao falar isso, pois ouço um rosnado insatisfeito seguido por algo quebrando.

— Você está com ele, não é? — Respira fundo. — Com outro homem.

Algo tortura meu estômago ao ouvir a instabilidade em seu tom de voz, como se essa ideia fosse o seu ponto fraco, a ruína da sua existência.

— O que conversamos sobre ciúmes? — Zombo. — Devia começar a praticar a meditação profunda para controlar suas...

— Se você der a minha boceta para ele, prepare-se para sofrer. — Me interrompe raivosamente.

— Não diga essas coisas, seu perturbado. — Falo mais baixo, a pior coisa que pode acontecer é Pavlos presenciar o quanto Kalon é instável e possessivo. — Não há nada seu e não é nada respeitoso falar comigo dessa forma. Estou ocupada, depois nos falamos.

— Estou indo te buscar, me mande a localização. — Interrompe minhas palavras. — Preciso muito de você comigo.

— Não, você não vai fazer isso. — Uma gargalhada amarga e incrédula sai da minha boca. — Qual o seu problema?

— Ane, termine logo. — Pavlos surge atrás de mim. — Tire a roupa e vamos nadar. — Aponta para minhas irmãs na piscina, conversando com Samia e Italo.

— Tirar a roupa? — Antes que eu possa responder, Kalon fala ao telefone. — Não estou gostando nada do que acabei de ouvir, se você ainda tem amor a sua bunda, venha para casa agora.

— Arcane, venha. — Pavlos me chama outra vez, Melissa acena para eu me apressar.

— Estou indo, abra o vinho logo. — Sussurro, vendo a garrafa que ela balança em mãos.

— Arcane, amor. — Kalon fala mais baixo, me atormentando com sua voz fraca e manhosa. — Venha para casa, não vá com ele. Quero tanto te ver.

Aperto meus olhos, implorando para todas as divindades me darem forças para lidar a tortura que se espalha na minha barriga ao ouvi-lo implorando dessa forma. Páris late aos meus pés, fazendo graça para eu segui-lo até onde as meninas estão.

— Onde você estava há dias? — Engulo em seco. — Não te vejo desde aquela noite. — Sinto um incômodo diferente no peito.

Não gosto dessa sensação instável, parece saudades.

— Estava em um trabalho importante com meu irmão. — Agora sua respiração está calma, como se estivesse recebendo a devida atenção que merece. — Que horas volta para mim?

— Estou comemorando o aniversário de uma pessoa importante, não tenho horário. — Preciso encerrar essa ligação sem que ele vire o próprio demônio.

— Mais importante que eu? — Fala mais baixo, resmungando cheio de sonolência.

— O que está fazendo?— Sussurro.

— Tentando dormir. — Fala trêmulo. — Acho que estou doente, mas não dê importância, apenas me diga, por que não sou importante na sua vida?

— Porque está me obrigando a um casamento que não quero. — Minha voz fica amarga. — Agora quero desligar, detesto jogar verdades tão duras na cara das pessoas, e você está me obrigando a isso enquanto insiste em ser meu dono.

— Porra. — Responde depois de um tempo. — A senhorita quase conseguiu me causar culpa. — Sua gargalhada fraca me afeta os nervos.

É isso, nunca haverá um diálogo sincero entre nós. Esse homem só enxerga o que quer, nenhum palmo a frente do seu rosto, nenhuma realidade

que não seja sua perversão.

— Estou desligando. — Falo irritada.

Não dou tempo e espaço para ele falar nada, desligo o celular e guardo em meu bolso. Arrumo meus cabelos, tentando mudar minha expressão.

Algo doloroso e insatisfeito queima minha alma conforme tento me divertir com minhas irmãs e a família de Pavlos. Existe um monstro queimando no meu peito desde que o vi pela primeira vez.

Desde que soube desse casamento.

20. ME BEIJE

“Se você tem esperança de um lado e esperança do outro. Então você tem duas asas.”
— MEVLANA.

Ontem a noite perdi o controle e bebi demais. Não recordo de nada desde que Pavlos me ajudou a entrar em seu carro e nos trouxe para casa. Provavelmente, minhas irmãs tiveram que se virar para me trazer cochilando pelas portas do fundo.

Acordo com minha cabeça latejando ao ouvir algo batendo no chão repetidas vezes, acompanhado por risadas distantes e agressivas. Levanto meu rosto dos travesseiros, incomodada com o barulho.

— Ah, você acordou. — Melissa se ergue, caminhando em minha direção. — Lamento que essa atrocidade tenha incomodado você.

— Onde está Nimue? — Pergunto, não vendo ela no quarto.

— Foi fazer compras com Atena. — Me entrega uma xícara de café. — Está de ressaca? Samia se divertiu muito com seu comportamento.

Quando vou responder, os barulhos recomeçam. Faço uma careta, olhando para a sacada onde o som vem mais alto.

— Eles estão assim desde cedo. — Aponta. Me ergo, ignorando que estou apenas de peças íntimas, e me aproximo da vista.

Abaixo há uma quadra de basquete, todos os irmãos estão jogando contra um único homem. Espanto consome meu rosto quando vejo sangue espalhado pelo chão.

— O que está acontecendo? — Sussurro.

— Logo vai entender. — Responde.

Kalon segura a bola em mãos e começa a correr pela quadra, ele está sem camisa, seus músculos perfeitos roubam minha atenção e quase não percebo os hematomas na sua pele branca.

São vários deles, espalhados principalmente por suas costas. Ajax está gargalhando, cercando o homem mais alto que parece furioso, desferindo uma série de palavrões. Rajá assobia, chegando por trás e erguendo as mãos para receber a bola de Kalon.

— Qual seu problema? Está lento demais. — Kol reclama, roubando a bola de Rajá e batendo no chão. Seus olhos estão em Kalon, a quem fez a pergunta.

— Não sei… Minha têmpora dói. — Meu noivo responde um pouco ofegante.

—Está velho e broxa. — Ajax está gargalhando. — Venha, Lalos. — Puxa o homem que está jogando com eles.

Loiro e forte, seu queixo está sangrando e tem um olhar raivoso na direção de Kalon.

— Essa é a chance perfeita para vencer meu irmão. — Ajax tenta o convencer, colocando o braço sob seu ombro.

Kalon sorri de lado, lançando uma piscadela para o homem. Nesse momento fica difícil respirar regularmente.

Quando o homem chamado Lalos vai correndo para fazer uma cesta, Kalon e Ajax pulam ao mesmo tempo, batendo seus cotovelos contra o rosto do homem. O impacto foi tão forte e agressivo que quero gritar.

Tapo minha boca quando um som fraco escapa. O homem está desorientado e sangue escorre por entre seus dedos. Rajá e Kol se aproximam como duas raposas astutas.

— Está disposto a falar agora, querido? — Rajá sibila.

— Podemos continuar jogando o dia inteiro, se preferir. — Kol fica de cócoras, entregando um lenço para o homem limpar a boca.

— Que tipo de monstro são vocês? — O homem grita.

— Do tipo que mata estuprador na porrada. — Kalon afunda as mãos no bolso da sua bermuda preta esportiva. — Não se assuste, nós estamos apenas começando.

— Quem mandou você machucar a filha do governador? — Rajá pisa na sua mão, o homem grita e gemo ao ouvir o som dos dedos quebrando.

Puta merda. Eles usam o basquete como um jogo de tortura, levando a pessoa à exaustão até confessar seus crimes.

— Certo, vamos tentar novamente. — Kalon pega a bola, arremessando em seu rosto com tanta força que um som de surpresa e humor escapa dos seus irmãos. — Adoro basquete, minha ideia é estraçalhar essa bola e usar sua cabeça no lugar.

— Por favor! Foi o irmão dele! — O homem ergue a mão, suplicando por misericórdia. — Foi o irmão do governador, ele não quer que ganhe as eleições e a melhor forma de afastá-lo é machucando sua filha.

Silêncio reina entre os irmãos, que se encaram, então voltam a olhar para o homem sangrando no chão.

— Achei fácil demais, posso usar uma arma? — Ajax interrompe, os olhos brilhando de necessidade.

— Não, meu amor. — Rajá e Kalon falam ao mesmo tempo, os dois irmãos se olham e dão uma risadinha sarcástica. — Melhor com as mãos. — Giram o rosto para Ajax, falando ao mesmo tempo novamente. Uma conexão tão sinistra que meu estômago embrulha.

— Arranque o pau dele. — Kol sugere, dando uma risadinha. — Quer ajuda, bebê?

— Não. — Ajax fala de um jeito possessivo, como se fosse um predador marcando território. Logo puxa o homem pelo pescoço. — Eu mato e você enterra.

Certo. Não suporto continuar assistindo esse tipo de jogo doentio entre eles. Os irmãos matam por prazer, como se fosse um hobby divertido

que praticam todas as tardes.

Quando estou prestes a me afastar da sacada, os olhos de Kalon se encontram com os meus. Sombrio e faminto.

— Bom dia, minha deusa. — Leio seus lábios, foram palavras mudas. Ele inspeciona meu corpo seminu, adorando cada detalhe das minhas curvas, então volta a encarar meus olhos. — Linda demais, amor. — Acena a cabeça para o lado, dando vigor as suas palavras sensuais.

Seu lábio manchado de sangue se curva em um sorriso.

Meu Deus. Esse homem tem a porra do demônio em seu olhar e todo meu corpo fica pesado com essa visão.

Cambaleio para dentro do quarto, caindo de bunda na cama. Meu estômago está embrulhado, mas meu coração bate forte. Meu corpo está sob efeito do seu olhar.

Melissa engatinha na cama, abraçando minhas costas e apoiando seu queixo em meu ombro.

— Está acontecendo uma festa na piscina. — Brinca com o dedo em minha coxa. — Você quer ir?

— Estou cansada de festas. — Argumento. — Vai você. — Não quero descer e ver Kalon depois do que presenciei.

Meu estômago ainda está embrulhado com a visão do seu rosto cheio de sangue e seu sorriso diabólico.

— Não se importa em ficar sozinha? Queria rever uma amiga minha. — Beija minha bochecha.

— Não se preocupe, acho que vou cozinhar alguma coisa, estou morrendo de fome. — Meu sorriso se alarga, giro meu rosto em sua direção e dou um selinho estalado em seus lábios. — Divirta-se!

— Adoro você, minha caçulinha. — Deixa um beijo na minha bochecha. — Qualquer coisa pode gritar.

Dou risada, vendo Melissa sair pela porta. Horas depois, pulo da cama, pegando um vestido curto para vestir.

Arrumo a alça fina em meu ombro e saio para fora, olhando os dois lados antes de descer a escada, corto caminho pela sala barulhenta e entro na cozinha.

— Boa tarde. — Sou pega de surpresa quando alguém fala atrás de mim.

Giro em meus pés, observando Ajax de cima a baixo. Sua elegância me impressiona, muito diferente de horas atrás na quadra de basquete.

Arrepios me consomem ao lembrar da forma que estava determinado a matar aquele homem, mas agora está totalmente diferente. Sem nenhum resquício de sangue ou monstruosidade.

— Boa tarde, Ajax. — Seus lábios se curvam em um sorriso saudoso. — Como pode usar terno em uma festa na piscina? — Questiono, erguendo uma sobrancelha.

— Tenho uma mulher para impressionar daqui a pouco. — Suas sobrancelhas se separam quando me analisa de cima a baixo, então encara minhas meias azuis. — Suponho que nós dois estamos deslocados, já que essas meias não combinam nada com seu vestido.

— Esqueci de tirar, me dê um minuto. — Ergo minha perna, retirando um dos pés. Ajax se aproxima no mesmo instante, deslizando seu dedo por meu tornozelo e puxando o outro.

— Eu ajudo você. — Acaricia meu joelho. — Está gostando da minha casa?

— Nem um pouco. — Meus lábios se curvam em um sorriso que imita o seu. Largo e gentil. — Sabe quando meu pai volta?

— Papai está muito atarefado na ilha de Antalya, ele está tentando conquistar o território para um amigo da Alkyóna. — Ajax cruza os braços diante do peito, analisando meu rosto.

— Então, o meu pai está ajudando o seu? — Concluo, inclinando a cabeça para o lado.

Pensei que Yuri estava esse tempo inteiro em Mykonos. Ajax une as sobrancelhas, relembrando suas últimas palavras com atenção, então balança a cabeça

— Isso mesmo. — Limpa a garganta. — Azul é sua cor favorita?

— Não, era a cor da minha melhor amiga. — Respondo rápido, roubando a meia das suas mãos. — Gosto de usar para lembrar dela.

Lembrar de como meu coração nunca será reparado depois do que aconteceu entre a gente.

— Achei fofo. — Ajax morde o lábio. Suas veias saltam em saliência quando se curva na minha direção. — Senhorita Arcane. — Sussurra meu nome tão gentil que não consigo desviar meus olhos. — Pessoas como nós tem melhores amigos?

— Eu tenho um. — Sacudo os ombros. — Mas o que você quer dizer com pessoas como nós?

— Condenados. — Aproxima um passo, eu recuo, batendo minha bunda na bancada. — Nascidos para morrer.

O humor brilha em seus olhos. Seu sotaque grego é enfático e repuxado com sutileza. Definitivamente adoro sua voz.

— Não é possível? — Ergo meu queixo.

— É impossível. — Estende sua mão na minha direção. — Quer dançar comigo?

— Onde Kalon está? — Pergunto, na intenção de escapar da sua presença insistente.

— Quer mesmo saber, moça bonita? — Ajax sorri, cheio de humor. Balanço a cabeça em negação.

— Com outra mulher, eu suponho. — Viro o rosto.

— Por que acha isso? — Ajax ri. — Kalon só tem olhos para você.

— Não sou como as outras mulheres. — Explico com atenção. — Passei os últimos anos da minha vida em um hospício, não sei ser amável, nem tenho muitas experiências. — Trago as mãos atrás das costas e levanto a cabeça. — Estou segura que não passo de um capricho nas mãos dele, uma fome que precisa ser saciada e depois serei descartada para ter outra.

— Concordo em partes com você. — Ajax ergue o queixo. — Mas, conhecendo meu irmão, isso só acaba em um túmulo.

— Não entendo porque ele quer tanto casar comigo. — Levanto a cabeça. — Não sou uma mercadoria, nem um objeto.

— Você não é isso para ele, mas é apenas assim que são um do outro. — Ele me observa como um caçador. — Casamento… Um pacto eterno e possessivo que vai acompanhá-los até mesmo em outra vida.

— Você tem uma visão muito distorcida do matrimônio. — Anuo a cabeça.

— Não, estou definindo-o apenas com minhas palavras pecaminosas. — Torce os lábios. — Devia bater o pé e lutar contra ele para ver o que acontece. Se ele muda, se rende a você… — Toca meus cabelos. — Ou a melhor parte; se você o domina.

O barulho lá fora se intensifica, me inclino um pouco para assistir o que está acontecendo.

No meio de tantas pessoas vejo Rajá sem camisa, ainda sujo de sangue e dançando ao som de *Gangsta's Paradise*.

Solto uma gargalhada, observando toda a cena. Esse homem sabe se divertir pra caralho. Não está nem aí para as garotas, só quer saber de beber.

— Ele é louco. — Balanço a cabeça em negação.

— Sou mais ainda. — Ajax segura meu queixo, me encarando feio. Seu rosto desvia para olhar Rajá, seus olhos brilham cheios de amor e admiração.

Tudo isso por seu irmão. Ajax realmente não se envergonha ao demonstrar afeto.

— Mas e você, moça bonita? — Me analisa rapidamente. — Você dança? — Pergunta, estendendo a mão.

— Tudo bem, vamos dançar aqui mesmo. — Seguro seus dedos, me redendo, e ele me puxa para mais perto.

Suas mãos apertam minha cintura, me forçando a ficar na ponta dos pés. Ajax é assustadoramente alto e sólido. Puro músculo.

Não sei o que dizer ou como me comportar, ele apenas guia minha cintura com calma, fazendo com que me adapte ao seu corpo. Está tocando Cheap Thrills, da Sia.

— Você dança bem. — Elogio.

Ajax gira meu corpo e balanço minha cintura de acordo com as batidas da música, esse homem não fica para trás. Guia seus passos e até faz alguns movimentos que me deixam boquiaberta. Suas mãos se erguem para arrumar seus cabelos bagunçados, então suspira pesadamente, voltando a segurar minha cintura e me fazendo rebolar.

Movimento meu quadril contra seu corpo quando ele me gira, guiando minha bunda com a ponta dos dedos.

— Você também. — Beija a curva do meu pescoço, encaro seus olhos. Ajax está me observando atencioso.

Sou obcecada em dançar, essa foi a única coisa que conseguiu me trazer liberdade e leveza ao longo dos anos. Nossos movimentos se encaixam perfeitamente. Seus dedos acariciam minha barriga quando encaixo minha bunda no seu quadril.

— Agora, abra os olhos. — Meus cabelos estão caídos por meu rosto e sua mão aperta meu pescoço o suficiente para sufocar meu fôlego de uma maneira prazerosa. — Aí está o seu homem. — Visualizo o corpo de Kalon há poucos centímetros do meu.

— Ela é minha, Ajax. — Seu olhar é raivoso, mas há um brilho prazeroso o consumindo.

— Nunca disse que a quero para mim. — Ajax me gira, não dando tempo para processar o que acabou de acontecer.

— Tire suas mãos da minha mulher. — Meu corpo é recebido pelas mãos fortes de Kalon, ele aperta minha bunda como se conhecesse cada pedaço muito bem. — Fique longe dela. — Sua respiração é agressiva contra meu pescoço, um gemido sensível me escapa quando aproxima seu rosto do meu.

— Kalon… — Começo a falar, mas ele aperta os dedos na minha carne.

— Você não vai sair daqui, moça bonita. — Seu tom de voz é cheio de posse.

— Estava me espionando?— Meu tom é raivoso.

— Não estava. Mas você é a minha moça bonita, ele que procure a dele. — Kalon aperta o lado direito da minha bunda, me fazendo sentir seu membro duro.

— Você está quente. — Sussurro ao envolver seus ombros em busca de apoio. Fico na ponta dos pés, estremecendo quando seu toque rouba todo meu fôlego.

Meu coração vai a loucura quando estou com ele, e isso não acontece com Ajax. Com seu irmão, há algo vazio que atormenta meu peito. Mas com Kalon, tudo está completo e cheio de vida.

Estou comparando os dois porque sinto o quadril de Ajax encaixar na minha bunda, seu pau está duro. Sua mão direita aperta minha cintura e afasto meu rosto do ombro de Kalon para olhar os dois.

— O que estão fazendo? — Tento protestar. Kalon beija meu queixo, grunhindo em resposta.

— Meu irmão roubou a minha diversão, isso me dá o direito de roubar a dele. — Ajax beija meu pescoço e Kalon aperta minha bunda com mais força.

— Não roubei nada, Ajax. — Os olhos de Kalon estão fixos nos meus enquanto responde seu irmão. — Você apenas demorou a matar Lalos e eu fiz. — Seus dedos apertam minha nuca. — Não toque na minha mulher.

— Sabe como as regras funcionam, Kalon. — Ajax mordisca minha orelha, encarando seu irmão.

Talvez Kalon esteja tão calmo por ser o seu irmão que está me tocando, não outra pessoa.

— Kalon… — Tento protestar quando Ajax sobe meu vestido, mas ele deixa um selinho em minha boca, me silenciando.

— Quieta, meu amor. — Sua voz é sombria.

— Não tenho interesse na Arcane, ela é como minha irmã. — Ajax desliza seus dedos por minha bunda, fazendo minhas pernas tremerem. — Mas, você me deve. Estou mexendo com a única coisa que arranca um pedaço seu assim como arrancou de mim.

— Não arranquei nada seu. — Kalon agarra seu pulso. — Você é descontrolado, Ajax. Precisa parar. — Um som mordaz escapa da sua boca. — Fala que Arcane é como sua irmã, mas está querendo fodê-la. Até parece que vou permitir.

— Então eu sou o descontrolado? — Um som grave e assustador escapa de Ajax, me deixando com tanto medo que agarro o tronco de Kalon. — Você nunca levou para a terapia as coisas que fez no passado?

Não estou gostando nem um pouco do rumo dessa conversa, tento escapar, mas Kalon aperta minha bunda com força.

— Me soltem agora! — Tento chutar, mas Ajax segura minha cintura com as duas mãos.

— Quieta. — Os dois rosnam ao mesmo tempo.

— Um beijo. — Ajax massageia minha barriga, me puxando para perto do seu corpo de uma forma protetora. — Aceite que você me deve, Kalon.

— Não devo nada a você. — Uma risada sádica escapa da sua boca. — Juro que vou matar quem você mais ama depois desse insulto. — As mãos de Kalon massageiam minha bunda, brincando com a ponta dos dedos na minha calcinha.

— Me deixem livre dessa batalha de ego. — Esmurro o peito de Kalon, já que estou de frente para ele.

Jogo minha cabeça para trás, acertando o nariz de Ajax. Um ronco grave escapa do seu peito e ele aperta meus cabelos.

— Kalon, pare com isso. — Cravo minhas unhas em seu ombro, me afastando para longe de Ajax.

— Certo, então vamos lá, querido. — Kalon solta meu corpo, um vazio aperta meu estômago quando ele se afasta e retira sua arma do coldre.

Respiro fundo quando Ajax ergue meu corpo, me deixando sentada na bancada.

— Se fizer isso, Kalon vai te matar. — Aperto seu ombro quando se aproxima, analisando minha expressão.

— Ele não vive sem mim, Arcane. Kalon me ama até o fim da porra de sua alma corrompida, é dependente da minha existência. — Ajax esfrega a ponta do seu nariz na minha bochecha, deixando um beijo carinhoso.

Meus olhos se desviam para meu noivo, ele nos observa com raiva e mágoa no seu rosto, deixando claro que as palavras de Ajax são verdadeiras.

— Espero que um dia você me desculpe por isso, não sou assim de verdade. — Ajax diz. Não consigo entender suas palavras, mas seus olhos brilham cheios de culpa.

Fecho meus olhos quando sua boca reivindica a minha. Seu beijo é amargo e exigente. Sua língua dança com a minha e ele mordisca meu lábio, me arrancando um som de angústia. Me esperneio, Ajax aperta minhas pernas, me puxando contra seu corpo.

Um gemido de dor escapa da boca dele quando Kalon empurra uma faca na sua mão, prendendo contra a madeira. O sangue se espalha e eu grito, pulando no chão quando finalmente me liberta.

— Porra, Kalon! — Ajax está gargalhando, ignorando a dor na sua palma. Morde o canto dos lábios quando joga uma piscadela em minha direção. — Para sua informação, eu também odiei. — Esclarece. — Mas regras são regras.

Limpo minha boca, sentindo repulsa.

— Agora você vai aprender uma lição, seu pestinha. — Kalon rosna, pegando outra faca e empurrando na sua outra mão.

— Kalon, não faça isso! — Seguro seu ombro quando desfere um murro na boca de Ajax, o mesmo está gargalhando como se fosse exatamente isso que estava buscando: uma bela surra.

— Você bate fraco. — Cospe sangue. Kalon paralisa, afastando seu rosto e olhando para seu irmão com sua face tomada pela descrença.

— Você queria motivos para apanhar, não é? — Os dois se encaram. — O que está acontecendo? — Meu estômago embrulha.

Eles são doentes. Não há outra explicação.

— Problemas no paraíso. — Ajax balança os ombros e olha na minha direção. — Me desculpe Arcane mou, eu amo você de verdade. — Me assusto com suas palavras, não entendendo porra nenhuma.

Quero apenas sair daqui, mas Kalon segura meu pulso.

— Você me ama? — Pergunto, dando uma risada agressiva. — Você é muito doente.

— Puta merda. — Ele aperta os olhos. — Não amo você desse jeito, garota. — Faz uma expressão cheia de nojo. — Certo, agora quero vomitar. — Encara suas mãos sangrando na mesa. — Estou morrendo pelas mãos, pode arrancar as facas?

Me aproximo depressa, ignorando os protestos de Kalon e arrancando as duas facas do dorso da sua mão. Ajax geme, se curvando minimamente para frente, buscando fôlego.

— Está doendo muito? — Empurro sua barriga, fazendo-o sentar em uma cadeira. Tento estancar o sangramento, mas ele afasta as mãos e estala a língua, me encarando.

— Não toque nisso. — Me repreende como uma criança traquina. — Kalon, você deve ligar para Rajá e dizer para entrar aqui. — Ajax ergue o rosto.

Kalon respira pesadamente, jogando sua arma na bancada e se aproximando de nós dois.

— Por que eu faria isso? — Nos inspeciona dos pés à cabeça. Rasgo um pedaço da camisa de Ajax para enxugar sua boca suja de sangue, ele chia, me olhando feio.

— Depois dessa festa Rajá está decidido a ir para Antalya, mas, não pode ir. — Apenas ouço, tentando compreender o que levou esse homem a cometer essa loucura. — Papai está lá tentando tomar o território, não sei, talvez negociar com eles ou uma abordagem mais agressiva.

— Sim, sei disso. — Kalon balança os ombros. — Qual o problema de Rajá ir ajudar?

— Rajá não sabe que papai está lá, porra. — Sibila. — Apenas nós dois sabemos, você sabe porque foi punido por causa daquela loucura no casamento, e eu sei porque Yuri me contou antes de ir.

— Punido? — Olho para Kalon, tentando compreender que tipo de punição.

Ele aperta os lábios, mas não me encara.

— Por favor, me deixe continuar. — Interrompe, totalmente impaciente. — O fato é que o dono do território é Rajá, ele conquistou quando tinha quinze anos e apenas mamãe sabe disso, foi nas férias de verão.

— Ah, sim. Meu irmão conseguiu tomar o maldito território que faz fronteira com Grécia e Turquia, a região mais poderosa e importante para os negócios. — Kalon debocha, rindo sombriamente. — Claro que Rajá é o dono do lugar onde os russos tentam tomar todo ano, mas, misteriosamente, aparecem estraçalhados na praia.

— Exatamente, sabia que você ia entender. — Ajax sorri amável, batendo os cílios de uma forma carinhosa.

— Isso é sério? — Kalon muda sua expressão.

— Tive a mesma reação quando soube. — Aperta os lábios.

— Pelo amor de Deus, sabe o que papai vai fazer quando descobrir que Rajá é o dono? — Avança dois passos na nossa direção.

— Papai não vai descobrir porque eu machuquei minhas mãos e Rajá não vai poder fazer essa viagem, vai ficar cuidando do seu irmão caçula. — Seu irmão responde prontamente. — Antalya vai continuar nas mãos de um líder misterioso que ninguém consegue vencer, e que nosso pai quer destruir. — Suspira. — Obrigado pelo favor, a propósito. Acabou de salvar nossa família da ruína.

— Você é muito louco. — Kalon rosna, apontando o dedo na sua direção. Logo retira o celular do bolso, então Ajax muda sua expressão para algo abatido e cheio de dor. — Rajá, pode parar de dançar e vir até a cozinha? Ajax está machucado.

Observo os dois. Ajax sacrificou suas mãos para salvar a vida do seu irmão. Um homem louco, que ama os outros mil vezes pior.

— Não ligo se Angelina Jolie está sentada no seu colo, ou se você tem um encontro marcado com Al Pacino, venha agora, Ajax está chamando. — Sibila.

Quando a ligação é encerrada, Ajax finge um soluço e deita a cabeça no meu ombro, tremendo de um jeito que começo a acreditar que ele está péssimo.

— O que aconteceu? — Rajá entra na cozinha, visualizando todo o sangue manchando as roupas de Ajax e a expressão furiosa de Kalon, que inclusive está fingindo um grande drama quando vê o irmão.

— Ele está bêbado. — Kalon sibila, sendo o suficiente para deixar Rajá sombrio quando olha para Ajax.

— O que você fez, filho? — Ajoelha aos pés de Ajax, segurando os dois lados do seu rosto.

— Já está indo? — Ajax fala fraco, olhando para seu irmão como uma criancinha precisando de cuidados.

— Ainda não, meu amor. Eu ia tomar banho primeiro, com duas loiras gostosas. — Dá risada, erguendo as mãos de Ajax para ver o ferimento. — Puta merda, Ajax. Você precisa de um médico.

— Você é o médico. — Responde. — Não fique com raiva, está bem? Acabei beijando Arcane, Kalon ficou furioso.

— Rajá, precisa impedi-lo de beber, eu tive que usar as facas para afastar esse idiota. Ele está perdendo os sentidos, quase fez Arcane desmaiar. — Kalon muda seu tom de voz para uma raiva assustadora.

Faço uma careta, olhando para ele. Ajax faz a mesma careta.

— Ele é o seu irmão caçula, Kalon. Você o protege ao invés de machucar. — Rajá aumenta seu tom de voz como um leão protegendo sua família. — E você é louco? Qualquer pessoa, menos Arcane, menos a mulher do seu irmão.

— Realmente estou perdendo os sentidos. — Ajax inclina sua cabeça para frente, buscando apoio em Rajá, o qual beija seu rosto e tenta puxá-lo para ficar em pé.

— Sabe que não pode beber, Ajax. O que deu em você? — Rajá reclama, dando as costas pra nós e saindo da cozinha. — Você precisa de pontos e um banho, e essa conversa ainda não acabou, Kalon.

Quando os dois desaparecem, eu suspiro pesadamente, tentando processar tudo que acabou de acontecer. Fico em pé, caminhando até onde meu noivo está me encarando.

— Você foi punido, Kalon? — Sussurro, tentando compreender o que Ajax contou. — Por minha causa?

— Ele estava mentindo. — Kalon desvia o rosto quando tento trocá-lo.

— As marcas em suas costas que vi mais cedo. — Seguro seu ombro, girando seu corpo até ver os hematomas vermelhos, alguns roxos. — Foi por minha causa? — Toco a marca que está mais perto dos meus dedos.

Kalon estremece, afastando-se.

— Não existe isso de sua culpa. — Me encara, o olhar furioso. — Já sou adulto, Arcane mou. Sei muito bem assumir minhas responsabilidades.

— Você disse ontem que estava doente. — Deslizo meus dedos por sua testa, sentindo sua temperatura. — Está com muita febre, sabia disso? — Acaricio seu rosto com cuidado. — O que posso fazer para que fique melhor?

Me sinto culpada por Kalon ter sido punido por assumir a culpa pelo que fiz naquela festa.

— Tire sua calcinha. — Aperta meu pulso.

— Como é? — Pisco.

— Você disse que quer fazer alguma coisa, tire sua calcinha. — Aponta para meu corpo. Arrumo a alça do meu vestido quando ele solta meu pulso.

— Não foi esse tipo de ajuda. — Balanço a cabeça em negação. — Você está com febre e precisa de cuidados em suas costas.

— Venha comigo. — Entrelaça seus dedos nos meus, me arrastando para fora da cozinha e me ajudando a subir as escadas. — Você estava dançando com Ajax, não é? Estava gostando daquilo?

— Na verdade, sim. — Não minto. — Ajax dança bem e adoro dançar.

— Então você queria beijar ele, Arcane? — Quando entramos no corredor, Kalon me empurra para dentro do meu quarto.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra, só porque gostei de dançar com ele, não significa que queria beijar sua boca. — Seguro seu rosto, fazendo-o me encarar enquanto falo. — Não gostei nem um pouco daquele beijo.

Kalon fecha a mão no meu pescoço, puxando meus lábios para esfregarem nos seus, me causando arrepios.

— Não me toque assim. — Sussurro contra sua boca.

— E como você gostaria de ser tocada, meu bem? — Lambe meu queixo, me enfraquecendo.

— Com carinho. — Engulo em seco quando sua boca toca a minha. — Vamos nos beijar de novo?

— Gostou do desenho que deixei no seu quarto? — Esfrega a ponta do nariz no meu.

— Não gostei. — Minhas bochechas ficam vermelhas.

— Mentirosa. — Mordisca meu lábio, deixando um beijo tão faminto que minhas pernas ficam bambas.

Fico na ponta dos pés quando ele aperta minha bunda e levanta meu vestido, deslizando os dedos pela borda da calcinha.

— Quero tanto você! — Geme, esfregando seu corpo contra o meu. Mordisco seu lábio, gosto como ele alcança minha alma quando está me beijando, como tudo em mim entra em combustão. — Tire a calcinha, amor. — Ordena. Meus lábios ficam trêmulos quando seus dedos raspam em minha intimidade.

— Não, Kalon. — Falo firme, afastando meu rosto. — Não tenho ideia do que você quer fazer comigo. — Morde minha orelha, minhas pernas são erguidas e ele me segura nos braços.

— O mesmo que naquela noite. — Sussurra, afundando na cama. Afasto meus cabelos para trás quando volto a beijar sua boca, perdendo o controle dos meus pensamentos.

Kalon puxa meu vestido, me deixando seminua. Meus seios saltam quando remove o sutiã. Eles não são tão grandes, mas o fascínio em seus olhos me deixa tonta.

— O que está fazendo? — Gemo, quando ele puxa um mamilo para sua boca.

Kalon chupa e mordisca, como se estivesse beijando minha boca. Aperto sua nuca, inclinando a cabeça para trás e rebolando no seu colo, procurando por mais contato.

— Me alimentando de você. — Seus dentes se fecham ao redor do bico e puxa, erguendo o rosto para me olhar. Não consigo controlar os sons que saem da minha boca.

Kalon está usando apenas uma bermuda esportiva e consigo sentir seu pau pulsando contra minha entrada. Tão grande que me faz formigar.

Me remexo, descansando minha mão no seu colo para sentir seu tamanho pulsando contra minha calcinha. Aperto seu pau em meus dedos, Kalon geme e deixa um tapa estalado na minha bunda, me fazendo reclamar.

— Isso dói. — Aperto o lábio para engolir um gemido.

— Você disse que queria carinho. — Me olha com uma expressão raivosa. — Tapa na bunda é carinho, amor.

Encaro seu rosto. Minha boca se junta com a sua quando deixa outro tapa delicioso.

— Também quer carinho? — Sussurro, deslizando minha mão para dentro do seu short e apertando seu pau. — Aqui. — Completo mais baixo.

— Sim, por favor, amor. — Encara meu rosto. — Quero muito. — Um sorriso safado dança nos seus lábios, faço o mesmo.

— Espere um pouco, vou tirar isso. — Me ergo, saindo do seu colo para tirar minha calcinha. Kalon observa atentamente o tecido deslizando por minhas coxas.

— Vai mesmo me dar carinho? — Entorta os lábios como se estivesse no paraíso. Solto uma risada boba.

— Terá carinho apenas quando eu quiser. — Sento no seu colo, com as duas pernas ao redor da sua cintura. — Agora vai esperar que eu veja suas costas. — Trago sua palma para segurar minha bunda quando me inclino para ver os hematomas na sua pele. — Está queimando de febre, Kalon. Precisa de analgésicos.

— Eu odeio você, sua grande traidora. — Ele rosna contra meu queixo, obedecendo minha ordem.

21. ODEIO E QUERO TANTO VOCÊ

"O amor às vezes quer nos fazer um grande favor:
nos segurar de cabeça para baixo e sacudir todas as bobagens."
— RUMI.

Kalon Somáli

— Não sabe o quanto é doloroso ter uma mulher nua no meu colo e não poder fodê-la. — Reclamo, encarando seus seios empinados.

Não ajuda nada que eles estejam marcados por minha boca. Vermelhos e com mordidas.

— Quer dizer que isso acontece com frequência? — Arcane para de abrir os algodões e me encara furiosa.

— Essa é a primeira vez, acredita? — Debocho, adorando o ciúmes corroendo sua expressão. — Normalmente as mulheres sentam no meu colo para brincar com meu pau, não pra lamber meu dodói.

— Vou sufocar você com esse travesseiro. — Aperta meu queixo, puxando meu rosto para rosnar contra minha boca. — Juro que vou embora se continuar me enchendo com isso.

— Vai ter que se acostumar, essa é a sua nova vida agora. — Descanso minha mão em sua cintura.

Arcane suspira, meu olhar cai novamente para seus seios deliciosos. São fartos, e eu adoro o fato de que encaixam perfeitamente na minha boca.

— Deu a minha boceta para o seu amante? — Questiono, lembrando que ontem ela passou o dia em algum lugar que não sei onde fica.

Não saber da sua vida está me matando. Estou começando a cogitar a ideia de colocar um rastreador nela, mas quero evitar esse ponto gritante no nosso relacionamento.

— Não, Kalon, não dei a sua boceta para ninguém. — Fala em um tom exausto, revirando os olhos.

— Isso foi rendição ou está sendo sarcástica? — Esfrego meu nariz na sua bochecha, respirando seu cheiro delicioso.

— Isso sou eu tentando fazê-lo ficar parado. — Segura minha bochecha, afastando minha boca para longe do seu queixo. — Não consegue falar como uma pessoal normal?

— Você é gostosa de um jeito anormal. — Dou um tapa na sua bunda, recebendo um olhar zangado e cheio de espanto.

— Anormal? — Solta uma risada que exibe os dentes de presas afiadas e perfeitamente alinhados. Tão linda e fofa. — Já recebi cantadas melhores. — Desliza o algodão por meus hematomas, minhas mãos abraçam sua cintura e deito a cabeça no seu ombro, deixando um beijo estalado.

— Não fale de outro homem comigo. — Reclamo, esfregando o nariz na sua pele. — Termine logo de lamber meu dodói, quero lamber você.

— Meu Deus! — Arcane estremece com minha provocação, apertando minha pele com um pouco de insistência para controlar seu estremecimento. — Você está com tanta febre que é mais fácil desmaiar do que fazer alguma coisa com essa boca.

— Não me subestime. — Realmente me sinto muito febril, mas só preciso dela.

— O que fizeram com você, Kalon? — Pergunta baixinho, segurando minha nuca para me encarar.

— Estou há dias fora de casa. — Aperto os olhos, minha cabeça está latejando. — Desde que saí da sua casa, Ivan achou uma boa ideia me punir dentro de uma jaula suja de sangue.

— Meu Deus! — Arcane para o que está fazendo e me encara perplexa. Não consigo decifrar seu olhar, mas vejo um monstro furioso e vingativo. — O corte no seu abdômen está muito infeccionado, precisa de pontos. Se eu ver aquele homem na minha frente, juro que arranco... — Mordo seu ombro, fazendo-a tremer no meu colo.

Essa é a primeira vez que tenho alguém cuidando das minhas feridas. *É estranho.*

— Puta merda. Pare de mexer nessa porra ou vou arrancar seu ombro. — Fecho os olhos, sentindo ardência. Ela geme, segura minha nuca e afasta meu rosto do seu ombro.

— Você não morde uma pessoa só porque está sentindo dor. — Segura meu queixo entre os dedos e deixa um selinho na minha boca. — Só fala o que sente.

— Está doendo, pare de limpar. — Encaro seu rosto.

— Já estou terminando, ranzinza. — Afaga minha bochecha e volta a fazer um curativo.

Tem um olhar selvagem e furioso em seu rosto, como se ela estivesse soltando diversos palavrões mentalmente.

— Sou obcecado por você. — Afasto seu cabelo para atrás da orelha, observando melhor os traços do seu rosto. — Devia me alimentar com sua boceta ao invés de cuidar dessa porra.

— Você é muito imoral. — Ela solta uma risada trêmula. Arcane é tão linda que quero passar a eternidade nesse quarto apreciando seus detalhes e imaginando um mundo onde não existe uma grande diferença entre nós.

— Seus seios são tão lindos. — Esfrego o bico de um deles com o polegar, desejando morder e devorar como se fosse uma comida.

— Soltei pipa ontem, sabia? — Afasta minha mão e checa minha temperatura.

— Ouvi um cachorro na ligação. — Aperto os olhos na sua direção, indignado por não me deixar beijá-la. — Suponho que seja um Golden Retriever.

Arcane me encara, sua expressão entrega que acertei.

— Como sabe? — Seus olhos brilham, tomados por algo inocente que quero esconder do resto do mundo.

Isso ela demonstra apenas comigo.

— Sou bom com animais. — Pisco. — Tenho uma lontra, inclusive.

— Como nunca vi? — Ela está chocada.

— Não sei, talvez ela não goste de você. — Debocho. — Minha criança é muito introvertida e você é uma namorada muito possessiva. Deve ter ficado com medo. — Retiro meu celular do bolso, mostrando as fotos que tenho com Pinar nos braços.

— Não acredito que é verdade. — Os olhos de Arcane brilham, ela larga o algodão e retira o celular de minhas mãos. — Que linda, Kalon! — Desliza os dedos, vendo as outras fotos. Respiro fundo, observando sua expressão maravilhada encarando a porra de uma lontra.— Você só tem ela? — Devolve o celular.

— Também tenho você. — Pisco, ela ri.

— Nesse caso, precisa conhecer o Páris. — Pega seu celular, abrindo na galeria de fotos. — Adoro fotografias, não pude resistir em tirar fotos dele. — Ansiedade dança no meu estômago quando vejo que ela está compartilhando coisas da sua vida.

— Então esse é o nome do Golden Retriever. —Afirmo, vendo as fotos. Arcane tem um sorriso feliz enquanto Páris lambe sua bochecha.

— Isso. Nós fizemos um acordo e acho que vou ficar cuidando dele por um tempo. — Exibe as fotos da sua pipa-azul, seus olhos brilham de carinho vendo as borboletas na rabiola.

Paro de passar as fotos quando vejo uma com aquele homem. Minha expressão muda para raiva. Na foto, Arcane está sorrindo largo e ele está beijando sua bochecha.

— Você ama ele? — Jogo o celular na cama, perdendo o ânimo para continuar vendo.

Arcane sorri. Algo desconfortável machuca meu estômago, meu sangue e minha respiração. Não sei o que é, mas é difícil de engolir.

— O Páris? Claro que sim, acredita que os animais comem frutas? Principalmente os cachorros. — Afasta uma mecha do seu cabelo, ainda concentrada nos meus hematomas. — Nunca tive muito contato com os animais, foi uma surpresa quando soube disso, e não aguentei quando vi o Páris tendo frescura sobre qual fruta é a melhor.

— Não estava falando do Páris. — Encaro seu rosto.

— Também amo Pavlos, é o melhor amigo que eu poderia ter. — Confessa distraída.

Fico em silêncio e encaro seu rosto. *Pavlos*. Arcane finalmente disse a porra do nome dele, mas isso não faz diferença alguma, não sei o sobrenome ou onde vive.

A pior parte é que ela disse que o ama, e mais que isso, que o filho da puta é seu melhor amigo. Isso é o suficiente para fazer algo monstruoso subir pela minha garganta. Como Pavlos consegue ter tantos privilégios? Que tipo de Deus é esse cara?

Seguro seu queixo, fazendo-a me encarar. Arcare treme e me encara com um brilho prazeroso no rosto. Minha língua desliza pelo seu lábio com possessividade, ela retribui no mesmo instante como se estivesse mais intoxicada que eu.

— Por que não posso ser seu melhor amigo também? — Fecho os dentes no seu lábio, Arcane geme e espalma minha barriga. — Que milagre aquele homem fez na sua vida que não posso fazer também?

— Se afaste! — Arcane tenta me empurrar, percebendo que confessou o nome. — Seu canalha desgraçado! — Esfrego minha testa na sua, precisando dos seus beijos para acalmar o meu monstro. — Não acredito que me manipulou para saber o nome dele! — Tenta levantar do meu colo, mas agarro seus cabelos, juntando nossos lábios em uma conexão eletrizante e raivosa.

Ela rebola no meu colo ao mesmo tempo que empurra meus ombros. Seus gemidos entregam o quanto me deseja quando aperto sua bunda grande.

— Não imagina o quanto estou exausto por não conseguir dormir por causa desse Pavlos. — Tremo contra sua boca. Arcane aperta os olhos,

lágrimas consumindo a borda dos seus olhos quando acaricio sua coluna desnuda. — Odeio você por isso. — Sibilo, desejando matar esse homem. Desejando torná-lo cego, surdo e mudo.

— Estou exausta do que você causa em mim. — Rosna contra meu rosto. — Veja ao que estou me sujeitando, nua no seu colo, tentando convencê-lo que também sou humana e minhas vontades são importantes. Que não quero esse casamento.

Levanto a cabeça. Tensão chicoteia minha coluna agressivamente. Tudo isso é demais para uma pessoa que passou cinco anos se alimentando da raiva amarga. Somos sombrios, profanos e errados. Não sabemos lidar com nossas emoções, a sentimos de forma faminta e desesperada porque isso nos foi negado a vida inteira.

— Termine com Pavlos. — Seguro sua cintura, acariciando suas costas amorosamente. — Pode escondê-lo o quanto quiser, mas isso não muda o fato de que é comigo que vai ficar. Um dia vou matá-lo bem na sua frente e estragar toda essa fantasia que criou para se esconder.

Arcane respira fundo, raiva e lágrimas manchando seus olhos lindos. Ela balança a cabeça em negação e me empurra com força, minhas costas batem na parede.

— Deixe Pavlos em paz, ele não fez nada contra você. — Bate no meu peito, empurrando meu corpo para longe do seu. — Não diga que vai matá-lo, isso parte meu coração!

— Então vou arranjar a porra de uma amante para foder vinte e quatro horas por dia enquanto você estiver com ele! — Minha respiração está irregular, algo dói dentro do meu peito e não faço ideia do que seja.

— Faça isso! — Desafia com os dentes cerrados. — Arranje outra mulher e me deixe livre desse casamento! — Avança dois passos, giro sua cintura como se estivéssemos envolvidos em uma dança.

Seguro seu punho quando tenta me acertar um soco. Tem uma raiva selvagem e possessiva devorando seus olhos. Estamos ofegantes, fumegando de raiva e desejo profano.

Aproximo meu rosto do seu para sussurrar:

— Por mais que me odeie e não queira esse casamento, como insiste em mentir, você me quer e isso te perturba. — Sopro as palavras contra sua boca. — Me desejar é seu maior ato de loucura, Arcane mou. Você me quer

de todas as formas monstruosas e profanas que possam existir, e está com medo de assumir.

— Não. — Treme, os olhos brilhando como se eu tivesse desvendado esse monstro na sua cabeça.

— Diga que estou certo. — Esfrego meu nariz na sua bochecha de um jeito raivoso.

— Você pode ter o meu corpo, mas nunca a minha alma. — Encara meu rosto. — Nunca o meu coração.

Devoro sua língua com fome, silenciando suas palavras. O problema é que eu quero absolutamente tudo.

Arcane geme e retribui na mesma intensidade, me deixando louco com tanta coisa que nos atormenta e tenta nos destruir. Não somos bons um para o outro, somos monstruosos, aberrações desenfreadas. Eu a quero com tanta profundidade que meus ossos doem.

Sei que ela também me quer, não há outra explicação para a maneira que afunda os dedos nos meus cabelos e mordisca meus lábios, me possuindo.

— Porra, amor. — Meu rosto se perde na curva do seu pescoço. — Acabe logo com isso, está me deixando louco.

Ela separa nossos lábios para me olhar, seus dedos seguram meu queixo com possessividade.

— Se um dia usar outra mulher para me ameaçar, vou esfaquear você. — Arrepios sobem pela minha coluna quando suas unhas marcam minha pele. — Saiba que você me pertence.

— Pertenço, é? Agora sim parece com aquela mulher bêbada e ousada que dividiu a cama comigo. — Acaricio sua boceta devagar, fazendo Arcane tremer nos meus braços. — Está tão molhada. — Grunho. — Acho que ela gosta de ser minha, meu amor.

— Por favor, não diga isso. — Tudo que nos sustenta é a parede em que ela está apoiada. — Está me deixando louca. — Arcane morde meu queixo, deslizando sua língua até sentir meu lábio. Estoco meus dedos com mais força, fazendo ela tremer e suspirar de um jeito que atormenta minha existência.

Esfrego meu pau entre suas pernas. Arcane estremece, inclinando a cabeça para trás e fazendo esforço para não gemer alto. Suas unhas marcam minha pele, eu a beijo e nossas línguas batalham por controle, até que a falta de fôlego nos interrompe, apenas para começar tudo de novo.

— Quer isso? — Sussurro, sentindo náuseas quando meu pau lateja para entrar completamente dentro dela.

Juro que nunca estive tão duro, tão necessitado e doente até os ossos por uma única mulher.

— Vai doer? — Arcane me encara com lágrimas nos olhos. Afasto meu rosto, tentando compreender sua pergunta.

— Como assim? — Afasto meu rosto, tentando compreender sua pergunta. — Nunca fez sexo?

— A única vez que fiz foi porque precisava matar um homem. — Explica, ficando em pé por conta própria e buscando apoio na parede. — Lembro que doeu muito e não gostei. — Responde com calma. — Em nenhum momento senti isso que você está me dando agora.

Ela fecha os olhos, juntando as pernas como se apenas a imaginação causasse prazer ao seu corpo. Então faz um movimento demorado até o meio das suas pernas e me encara.

— Me desculpe, amor. — Gemo, apertando minha testa contra a sua. — Se é a sua primeira vez, não posso fazer desse jeito.

Estou febril. Arcane ofega e inclina a cabeça para o lado, segurando meus ombros para que meu corpo não se afaste do seu.

— Que jeito? — Arruma seus cabelos para trás, me observando com atenção.

— Sem conversar antes, como se fosse apenas uma foda. — Beijo sua boca, tentando pensar em uma forma de não machucá-la mais ainda.

Empurro Arcane para sentar na cama. Ela cruza as pernas com uma expressão tortuosa marcando sua testa. Me ajoelho aos seus pés, roubando seu olhar intenso.

— Quantos anos você tinha? — Seguro sua mão.

— Dezessete. — Coloca uma almofada no seu colo. — Era para eu ter matado ele antes, mas fiquei nervosa, só consegui cortar a garganta dele depois que entrou em mim. — Fecha os olhos, mantendo a calma. — Por

que está me perguntando essas coisas? Por acaso isso me faz ter algum defeito, Kalon? — Me encara com uma expressão raivosa.

— Não é nada disso, Arcane mou. — Acaricio sua perna. — Não existe defeito nenhum. — Puxo suas pernas para mais perto do meu corpo.

— Você se afastou de mim tão rápido que não estou entendendo. — Segura meu ombro.

Sinto raiva do homem que a machucou, Se ele não estivesse morto, estaria matando-o agora mesmo. Odeio a ideia de alguém tocando Arcane pra machucá-la.

— Agora você tem vinte anos, se não se sente confortável em fazer isso comigo, podemos parar. — Continuo olhando para seu rosto. — Então diga que eu preciso engolir meu egoísmo e aceitar que não sou o homem certo para possuí-la.

— Me sinto pronta para fazer sexo novamente e saber como realmente deve ser. — Aproxima o rosto do meu. — Quero que seja com você, que me deixe louca com isso, que suas palavras fiquem marcadas na minha pele e não desapareçam até que eu tenha você novamente.

— Se escolher fazer isso comigo, não há mais volta. — Beijo sua boca marcada pela minha. — Daqui eu só saio morto, Arcane mou.

— Faça isso. — Suas coxas se apertam quando tiro a almofada do seu colo e puxo seus joelhos, fazendo-a abrir as pernas e se inclinar para trás.

— Então me dê licença, porra. — Seus lábios ficam trêmulos quando aproximo minha boca da sua boceta e deixo um beijo, ela geme, movimentando o quadril para sentir mais contato.

Esfrego meus lábios por sua entrada. Mordisco seu clitóris e isso arranca um gemido alto da sua boca. Arcane se encolhe e seus dedos se perdem na minha nuca. Seus olhos estão fechados. Um tremor balança seu corpo quando deslizo os dedos vagarosamente.

— Abra os olhos, amor. — Sussurro, ela me observa com os olhos marejados de prazer. — Fique me olhando.

Arcane se contorce quando afasto minha boca do meio de suas pernas e avanço por sua barriga, deixando beijos e mordendo.

— Gosta disso? — Abocanho seu seio. Meus dedos continuam dentro da sua boceta, mantendo estocadas regulares.

— Sim. — Geme quando dou atenção aos dois seios. Mordo devagar, ouvindo um grito de prazer.

— Muito? — Visualizo seus mamilos molhados e marcados por meus dentes.

— Demais. — Concorda.

Ela rebola contra meus dedos como uma deusa. Reivindico sua boca para marcar seu gosto nas minhas entranhas.

— Ainda vai dizer que me odeia depois disso? — Ergo uma sobrancelha quando ela me ajuda a abaixar meu short.

Suas mãos abraçam meu ombro quando levanto sua perna para envolver meu quadril.

— Depende do seu comportamento. — Aproxima sua boca para outro beijo. Suas pálpebras estão pesadas de desejo e meu coração bate desenfreado.

Uma brisa suave invade o quarto, vindo da sacada aberta. Os cabelos de Arcane balançam com o vento em seu rosto, e beijo sua bochecha, gostando dessa visão. Ela é tão linda que algo quebra dentro de mim. Não a mereço de forma alguma, estou condenando minha alma toda vez que a toco, mas não consigo parar.

Empurro meu membro para dentro dela, um gemido de satisfação escapa de nós dois e arrepios sobem pela minha coluna quando começo a me movimentar devagar. Ela morde o lábio inferior, segurando seus gemidos, e quando suas unhas marcam minha pele, fico parado.

— Está doendo muito, amor? — Culpa machuca meu peito, mas não consigo me afastar dela. Nunca mais vou conseguir.

— Um pouco, mas não quero que pare. — Descansa a mão no meu peito. Meu braço fecha ao redor da sua cintura, tomando impulso para controlar meus movimentos exagerados.

— Fique quieta, minha alma. — Sussurro contra sua boca. — Assim não vai doer, está bem? — Ela concorda, esboçando um sorriso bonito.

Beijo seu seio, subindo meus lábios até encontrar seu queixo. Arcane suspira, mordendo meu lábio inferior. Me embriago com os sons

que saem da sua boca, suas unhas marcam minhas costas quando vou mais rápido, e coloco uma almofada em suas costas para não machucá-la com minha força.

— Porra, meu amor. — Nossos gemidos em conjunto fazem meu corpo estremecer. — Tão gostosa. — Suas costas arqueiam de prazer quando a preencho com todo o meu tamanho, ficando estático dentro dela enquanto a sinto pulsar.

— Ah, Kalon. Isso é tão bom. — Geme quando aperto sua bunda, trazendo seu quadril para mais perto do meu. Mergulho a cabeça nos seus seios quando nossos corpos produzem um barulho obsceno. Tão delicioso que minha visão escurece. — Não pare. — Arcane geme, esfregando sua bochecha contra minha barba rala.

Grunho, mordiscando sua pele. Chupo seu mamilo, adorando como eles estão rijos de prazer e marcados por minha boca.

— Você é tão minha, Arcane. — Provavelmente vai ficar marcado por alguns dias, e como se não fosse o suficiente, faço a mesma coisa em seu pescoço. — Está me ouvindo?

— Sim. — Morde meu queixo. Estapeio sua bunda, ela aperta os dentes na minha pele com mais força, adorando o barulho das minhas estocadas.

— Um dia vou foder sua bunda, amor. — Aperto sua carne ao ponto de ficar a marca dos meus dedos. — Guarde minhas palavras. — Deixo um selinho em seus lábios, tirando meu pau de dentro dela.

— Volte aqui! — Arcane protesta, apertando meu traseiro para os movimentos continuarem.

— Espere um pouco, meu amor. — Satisfação brilha em meu rosto quando vejo meu pau marcado com seu sangue, uma mancha pequena como prova que ela é minha. Fecho meus olhos odiando como esse monstro possessivo ameaça tomar o controle da situação. — Gosta de fotografia, não é? — Eu sussurro, acariciando sua coxa e trazendo-a para sentar no meu colo.

— Sim, disse que gosto de registrar os momentos. — Arcane engatinha, mantendo suas pernas ao meu redor e rebolando lentamente enquanto sente meu pau.

— Certo, esse momento precisa ser registrado. — Solto uma risada divertida, me inclinando para pegar seu celular jogado na cama.

— Você não faria isso. — Os olhos de Arcane brilham de espanto, mas, há algo prazeroso quando abro a câmera e a posiciono acima das nossas cabeças, pegando todo o seu corpo.

— Fique perto de mim. Vamos registrar a sua primeira vez. — Aperto sua bunda deliciosa, seus seios estão escondidos contra meu abdômen e suas mãos estão abraçando meu ombro. — Mais perto, Arcane, até parece que não gosta de dar para mim. — Reclamo, ela me olha feio e meus lábios se repuxam para o lado.

— Assim está melhor, senhor exigente? — Encosta seu rosto no meu e encara a câmera.

— Assim está melhor. — Sussurro, puxando seu quadril contra meu pau. — Eu e minha Arcane. — Faço a foto.

— Agora quer carinho, Kalon mou? — Beija minha boca, segurando meu rosto com as duas mãos.

— Sim, por favor. — Aperto sua bunda, puxando-a para não se afastar de mim. — Devemos filmar isso para que assista toda vez que pensar em mim. — Abro a câmera do celular, deitando contra as almofadas e filmando seus seios deliciosos.

— Tá mais para uma coisa que você faria. — Seus cabelos estão caídos pelos seus ombros. — Vai me assistir montando em você toda vez que sentir saudades? — Me olha de um jeito safado e aperta meu pau entre seus dedos, rebolando lentamente, me torturando ao ponto da minha mão tremer.

— Vamos estar sempre juntos, não vou sentir saudades. — As palavras saem em um gemido.

Ela aumenta os movimentos, observo o celular capturando a forma deliciosa que seu corpo bate contra o meu, fazendo um barulho tão delicioso que meu pau incha implorando por um orgasmo. Arcane geme, rebolando de uma forma tão profunda que eu me pergunto como é possível ser a sua primeira vez.

— Está gostando, Kalon mou? — Sua boceta aperta meu pau, giro o celular para não perder o momento em que seus seios saltam em uma deliciosa sentada.

— Diga isso novamente, minha vida. — Aperto sua bunda marcada por meus tapas, suas mãos estão apoiadas em minha barriga.

— Kalon mou. — Repete. Um rosnado possessivo sai da minha boca. Conduzo seu quadril para ela ficar preenchida por todo o meu tamanho.

— Isso mesmo, *seu Kalon*. Apenas seu. — Sussurro as palavras no momento em que o orgasmo me faz perder os sentidos.

Arcane aperta as pernas ao meu redor, indo mais rápido e cheia de necessidade. Estamos queimando, estamos condenados. Ela inclina a cabeça para trás e ergo o celular no momento em que meu sêmen escorre pela sua boceta.

— Arcane mou. — Sussurro, empurrando meus dedos dentro dela para que não escape nenhuma gota da minha porra. — Como se sente, *agapi*? — Pergunto, soltando o celular.

— Me sinto uma grande gostosa. — Deita ao meu lado, encolhendo suas pernas. Solto uma risada, girando meu corpo de uma forma preguiçosa até estar deitado com a cabeça em seus seios. — Ainda está com febre? Se sente doente? — Acaricia minha testa. — Quer que eu saia?

— Sinto frio. — Entrelaco meus pés aos seus, não dando espaço para que fuja do meu abraço. — Quando uma pessoa faz sexo, ela normalmente gosta de ficar abraçada, sabia disso?

— Não gosto disso, seu pau fica apertando minha barriga, aquiete-se. — Tenta escapar, balançando seu quadril e mudando a posição do meu pau com sua mão.

— Então, por favor, pare de tocar nele. — Mordisco sua orelha, fazendo-a encolher contra meu corpo.

— Gosto de ver você gozando. — Ela não solta a porra do meu pau. Um gemido raivoso sai da minha boca e afundo o rosto no seu pescoço quando ela inicia movimentos deliciosos. — Acabei de descobrir o seu ponto fraco. — Beija minha pele.

— Porra, amor! — Não demora muito para um segundo orgasmo me atingir, molhando sua mão e barriga.

Afasto meu rosto do seu pescoço e deixo um beijo calmo nos seus lábios, acariciando sua barriga e me encaixando contra seu corpo.

— Vai mesmo dormir comigo, Kalon mou? — Arcane me envolve com os braços.

— Sim, Arcane mou. — Olho para seu rosto, ela sorri satisfeita e puxa o edredom para cobrir nossos corpos.

Devo ter adormecido por muito tempo, porque quando acordo, a cama está vazia e não há nenhum sinal de Arcane. A sacada ainda está aberta e um vento frio envolve meu corpo. Já está de noite. Afasto as cobertas, caminhando pelo quarto banhado pelo breu noturno.

— Meu amor? — Olho ao redor, não vendo nenhum traço da sua presença. Nossa roupas estão espalhadas pelo chão, junto com uma enorme bagunça causada pela nossa briga.

Alívio libera meu peito quando ouço a água caindo no banheiro. Arcane está tomando banho. Entro sorrateiramente ao ver a porta aberta, mas, antes de dar o primeiro passo, algo duro acerta meu queixo seguido por um grito assustado.

Puta merda. Ela acabou de me dar um murro pior do que os outros. Minhas costas batem na parede, me deixando desorientado.

— Você me assustou! — Ela bate no meu ombro ao mesmo tempo que me puxa para perto. — Seu grande sem vergonha!

— Já sentiu o peso da sua mão? Isso foi um soco do caralho. — Massageio meu queixo, minha voz está aflita.

— Ai meu Deus, você está morrendo? — Abraça meu corpo, me levando para debaixo da água quente.

— Vai ser preciso fazer respiração boca a boca, sua doida. — Dou risada, apertando sua bunda e procurando por sua boca. — Por que toma banho de luz apagada? Isso faz parte de algum ritual diabólico? — Sussurro contra seus lábios.

— Só não queria acordar você. — Faz carinho na minha bochecha. — Mas, agora sua febre passou. Quando eu não estiver aqui, deve tomar cuidado com os pontos que fiz no seu abdômen.

— E para onde está indo? — Incômodo agride meu peito.

— Papai já chegou, significa que já posso ir para casa. — Abaixa minha cabeça, começando a massagear meus cabelos de um jeito rápido.

Espuma cai nos meus pés e barriga. Dou risada ao perceber que ela realmente está me dando um banho como se fosse obcecada por limpeza.

— Quando vou ver você novamente? — Abraço sua cintura, trazendo seu corpo molhado para se unir ao meu.

— Espero que nunca. — Lava atrás da minha orelha. — Não tenho a menor vontade que isso se repita, seu pau não é tão interessante quanto eu imaginava. — Calo sua boca com um beijo estalado, Arcane dá risada e empurra meu braço.

— Está me humilhando depois do sexo? — Aperto seus cabelos. — É isso mesmo?

— Exatamente. — Respira fundo, puxando meu peito para encurtar o espaço entre nós.

Em nenhum momento imaginei que simplesmente ficaria satisfeito depois de tê-la, pois bem, na verdade eu estou assustado com a forma que quero fodê-la novamente.

Quero Arcane para sempre, quero a porra dos seus sorrisos e até mesmo os tapas na minha cara. Quero cada pedaço desse imenso furacão em forma de mulher, mesmo que isso me mate. Eu não ligo, meu único objetivo é mantê-la perto de mim, torturando esse monstro em meu peito, alimentando minha obsessão. Daqui só saio morto.

— Por que está me afastando? — Sussurro, não gostando da forma que ela me impede de beijar sua boca.

— Tem que me dar sua palavra que não vai sair daqui e procurar por Pavlos. — Segura meu queixo, me fazendo olhar na sua direção através da pouca iluminação. — Se me possuir essa noite significou alguma coisa para você, então deixe Pavlos em paz, esqueça que ele existe.

— Por que ainda protege ele, Arcane? — Aperto minha testa contra a sua, questionando que tipo de fidelidade é capaz de tornar essa mulher tão irredutível.

— Porque ele é importante. — Sinto ódio por Arcane ser tão perfeita, por ela ser tão boa que me sinto sujo, como se estivesse me

alimentando de algo proibido. — Que mal Pavlos te fez? — Sussurra.

Porra. *Nenhum.*

Desvio o rosto, não gostando da sua insistência em proteger aquele homem. A pior parte é que todo o meu corpo se aperta, doendo em milhões de pedaços e me obrigando a atender seus pedidos.

Quando fiz aquele maldito acordo com Yuri, eu não estava considerando que ficaria tão atraído por essa mulher, mas tudo mudou naquela maldita noite em que matei a prostituta.

— Vamos para o quarto. — Ignoro sua pergunta, focando apenas no que quero.

Tateio o escuro até encontrar um roupão para ela usar, puxo uma toalha para cobrir minha nudez e empurro sua bunda até o quarto.

— Você é religioso? — Pergunta quando finalmente senta na cama, me abaixo para enxugar seus pés.

— Você me faz querer ser. — Respondo distraído e beijo seu calcanhar, fazendo seu pé encolher quando minha boca desliza para seu tornozelo. — Sou muito religioso.

— Certo. — Sua expressão se desmancha em um sorriso bobo, ela inclina a cabeça para o lado. — Qual sua música favorita? Você já sabe a minha.

O vento que vem da sacada aberta bate em seu rosto.

— *Soy esclavo de tus besos, aceleran mis latidos.* — Sussurro no seu ouvido quando me aproximo para beijar sua boca.

— Gosto de você falando espanhol. — Estremece, dando outra risadinha.

— Sei falar sacanagem também. — Mordisco seu queixo e Arcane treme, colocando a mão no meu peito para manter uma distância segura.

— Não está preocupado que a gente tenha quebrado as regras religiosas? — Se inclinando para trás quando a forço a deitar. — Veja bem, só nos casamos uma vez na vida…

— Conheço uma mulher que já se casou sete vezes. — Interrompo suas palavras. — O que te incomoda?

— Tenho paciência para um único casamento, então me deixe terminar. — Pede ofegante com minha massagem em seus pés. — Não está preocupado em ser castigado por termos pecado?

— Estou mais preocupado em repetir tudo de novo. — Dou uma risada amável, erguendo seus joelhos e colocando meu rosto entre suas pernas. — Não se preocupe, mesmo sendo cristão, algumas doutrinas não se aplicam à forma que devo foder você. Eu simplesmente as ignoro. Não sou santo. Não quando se trata disso aqui. — Beijo sua boceta, causando estremecimento ao seu corpo.

— Mas eu sou a noiva e tenho o direito de escolher um casamento dentro das tradições, então se afaste. — Tenta empurrar meu ombro com o pé.

— Depois de foder comigo como uma deusa? — Mordisco sua boceta em resposta, fazendo-a rebolar contra minha boca por pura necessidade. — Não há como voltar atrás, Arcane. — Seus dedos apertam minha nuca, buscando equilíbrio. — Eu disse para você.

— Nós vamos para o inferno, Kalon. — Geme, quase perdendo o fôlego.

Sua voz é tão doce ao falar meu nome enquanto a fodo que não resisto em deslizar minha língua por sua entrada, chupando como se fosse sua boca.

— Não por causa disso, amor. — Aperto sua bunda, sentindo sua carne entre meus dedos me levando a foder sua boceta com mais necessidade.

— Kalon mou! — Ela segura meus cabelos com mais força. Me convenço que não há tortura mais deliciosa do que essa. Alguém bate na porta, me impedindo de reivindicar sua boceta com meu pau novamente.

— Arcane mou? Nós precisamos ir para casa. — Porra, como odeio Nimue nesse momento. — Melissa já está esperando no carro.

— Diga que está ocupada fodendo comigo. — Seguro a perna de Arcane quando ela empurra meu rosto para longe da *minha boceta.*

— Saia daqui, Kalon. — Sussurra, reunindo forças para me empurrar até a sacada.

— Mas estou na minha casa, por que está me tratando como um fugitivo? — Inclino a cabeça para o lado. Ela não me responde, apenas joga a toalha para eu me cobrir.

— Saia rápido, por favor. — Tenta se afastar, mas puxo sua bunda, roubando outro beijo da sua boca.

Arcane geme quando Nimue bate na porta novamente. Reviro os olhos, me afastando com relutância.

— Estou indo, Nimue. — Ela me ajuda a atravessar a grade de proteção. — Estava no banho.

— Sua safada mentirosa. — Deixo um tapa na sua bunda, fazendo Arcane suspirar.

— Vai depressa, Kalon. — Empurra meu peito. — Preciso abrir a porta.

— Outro beijo. — Inclino meu rosto na sua direção, Arcane grunhe em negação.

— Não. — Implora sensível, apertando as pernas quando mordisco sua bochecha. É uma tortura ir embora quando ela está louca para gozar novamente.

— Arcane. — Sou empurrado novamente, quase perdendo o equilíbrio.

— Vá embora. Rápido. — Reviro os olhos, me afastando para descer a sacada.

Tenho a visão da sua deliciosa bunda marcada por meus tapas quando ela volta para o quarto, cobrindo seu corpo com o roupão.

Pulo no chão, consertando minha postura e pouco me fodendo se estou apenas com uma toalha cobrindo meu pau. Caminho pela porta da frente, ignorando o olhar furioso dos meus irmãos que estão todos em fileira para receber Yuri e suas notícias.

— Cara, isso é jeito de aparecer na frente do seu padrinho? — Kol torce o nariz, reprovando toda a minha existência.

— Que marcas são essas em suas costas? — Rajá ergue uma sobrancelha, se inclinando para ver melhor quando me aproximo. — Você vai precisar de band-aid.

— Quer parar de olhar para meu corpo? — Rosno agressivo com a ideia dele tocar as marcas que minha mulher fez. — Que homenzinho inconveniente.

— Tomara que tenha sido uma surra. — Kol resmunga, defendendo Rajá. — Devia ter perdido a língua no caminho até aqui.

— Silêncio. — Yuri resmunga, girando os pés até me encarar de frente. — O que isso significa, Kalon?

— Significa que precisamos conversar no meu escritório. — Aponto para o caminho. — Agora mesmo.

22. BEIJO DE JUDAS, LÁGRIMAS DE ANJO

“Tudo o que você fez se transformará no que você merece."
— RUMI.

Kalon Somáli

— O que é tão importante para falar comigo coberto por uma toalha? — Yuri aponta para o tecido que seguro contra meu quadril, prendendo os lábios em desaprovação. — Não pode esperar até amanhã? Acabei de chegar da viagem mais estressante da minha vida.

— Sinto muito, padrinho, mas precisa ser agora. — Falo em desdém, porque de forma alguma o considero como meu padrinho de batismo, o único que ainda o faz é Ajax.

Kol mantém o apelido apenas por respeito e Rajá não liga para isso desde que se converteu ao islamismo aos quatorze anos.

— Fale de uma vez, Kalon. Estou exausto. — Yuri senta, cruzando suas pernas e acendendo um cigarro.

Faço uma careta, avançando para sentar à sua frente.

— Sabia que Arcane tem um amante? — Ergo uma sobrancelha quando a frieza domina minha expressão.

Ela provavelmente vai me odiar quando descobrir que a entreguei, mas não ligo. Sua segurança é mais importante.

— Eu acabei de descobrir o nome dele. — Giro preguiçosamente na cadeira. — Pavlos. Um nome comum, para um homem comum.

Yuri para de fumar e me encara como se tivesse visto o diabo encarnado. Fúria repuxa sua expressão, seus ombros ficam maiores quando conserta sua postura, então avança lentamente por cima da mesa.

— O que acabou de falar? — Sibila como um demônio.

— Isso mesmo que ouviu. — Sussurro no mesmo tom, mostrando que não vou me curvar a sua arrogância. — Você foi um pai incompetente, Yuri. Pelo visto não cumpriu nada do nosso acordo.

Aperto meus punhos quando Yuri se ergue como uma besta prestes a atacar o vácuo.

— Minha filha não tem ninguém, que grande besteira está dizendo? — Caminha na minha direção.

— Pelo visto você não sabe de nada. — Um sorriso zombeteiro dança nos meus lábios, desafiando-o a encostar um dedo em mim. — No nosso primeiro encontro, vi Arcane abraçada com esse Pavlos. Tentei descobrir quem ele é, mas, sem um nome, eu não consegui achar seu rosto em nenhum banco de dados.

— Agora sei que ele se chama Pavlos, vive em uma fazenda, e que Arcane o encontra regularmente. — Dou risada, reprovando a sua falta de controle e segurança sob suas filhas. — Sem você saber, Yuri. O que me leva a pensar que se Arcane sumisse, seria muito fácil matá-la.

— Veja como fala comigo, Kalon. — Yuri sibila. — Estou dando duro para ficar ao lado seu pai, sabe disso. — Dou risada da forma como esse homem medíocre é tão leal ao meu pai ao ponto de deixar suas filhas sem supervisão. — Arcane não tem ninguém, isso eu posso afirmar. — Ele inclina a cabeça para o lado. — E mesmo que ela tenha, isso não muda o nosso acordo. Cumpra sua palavra e eu cumpro a minha.

Se não fosse o nosso pequeno pacto, já teria acabado com a sua vida sem levantar suspeitas.

— Como vou me casar com uma garota que está apaixonada por outra pessoa, Yuri? — Me ergo, ficando mais alto que ele.

Sou envenenado pelo pensamento amargo de Arcane apaixonada por aquele homem, isso me tortura profundamente. Meu corpo dói porque estou diante da realização de que não posso fazer nada em relação a isso, não posso mudar os sentimentos dela. Não posso forçá-la a nada.

— Vamos rebobinar a fita, Yuri. — Estalo os dedos, deixando-o furioso com minha indiferença à sua autoridade doentia. — A Cúpula Demoníaca ia matar Arcane por ela ter matado Nikoleta, mas você veio até mim pedindo para fazer um acordo com Minerva, o braço direito do chefe deles.

Yuri se afasta, ficando sentado no seu lugar, mas eu permaneço de pé enquanto continuo falando.

— Consegui tirar Arcane da cadeia quando planejamos esse casamento, que é uma forma de provar à Cúpula que ela não é louca. — Respiro fundo. — E em troca, você me dá informações sobre a morte de Azra.

— É tão doente que não consegue se lembrar, Kalon. — Dá risada, servindo-se de whisky. — Você matou a pobre coitada, não há outra pessoa por trás disso. — Suas palavras invadem minha cabeça, mas mantenho a indiferença.

— Isso não é verdade. — Aponto o dedo em sua direção.

— Eu disse que ia ajudá-lo a lembrar do que aconteceu naquele dia, não que existe outra pessoa por trás deste crime. — Pontua. — Você é um assassino desenfreado, e mesmo assim, confiei a vida da minha filha a você para que a Cúpula não tirasse a vida dela.

O ponto é que existe alguém querendo matar Arcane. A ameaça de sangue nos portões de casa nunca foi para minha família ou minha mãe, mas para ela.

O fato de Yuri envolvê-la na segurança da minha mãe foi apenas um pretexto para mantê-la por perto e se acostumar com o mundo fora da prisão, para em seguida, revelarmos a notícia do casamento.

Nós decidimos esse casamento da forma mais confortável para Arcane assimilar os acontecimentos, mas, ainda assim, ela se recusa e existe outro homem na sua vida.

— Você matou Azra quando estava na escola. — Fico em silêncio, encarando minhas mãos como se pudesse ver o sangue nelas. — É um destruidor, Kalon.

Minha parte racional tenta me convencer que a melhor forma de manter Arcane segura é deixando-a viver com esse Pavlos, porque sou tão insano e perturbado que não consigo lembrar do dia que matei Azra.

Esse evento foi apagado da minha cabeça, existe apenas um vazio perturbador onde o seu rosto ensanguentado me visita, provando que sou o único culpado por sua morte.

— Tudo que lembro é de estar chorando nos braços de mamãe, todo sujo de sangue depois de ver o corpo de Azar em meio aos outros. — Falo baixo, perdido no vermelho que acredito estar pingando dos meus dedos.

— Você era um garoto, Kalon. — Yuri sibila, me fazendo piscar até a cor desaparecer dos meus dedos. — Matou ela, todos eles, e estava em choque. — Continua, abrindo outro charuto para fumar.

Balanço a cabeça, me negando a acreditar nas suas palavras. Um grande vazio consome meu peito pois não consigo me lembrar de nada, e por mais que eu tente, esse branco na minha mente não desaparece.

Tudo que preciso é lembrar do que aconteceu, para que assim, essa culpa afrouxe meu peito e me permita respirar em paz.

Minhas mãos começam a tremer e um resmungo insatisfeito escapa dos meus lábios quando começo a cogitar os motivos para Arcane estar sendo ameaçada de morte.

— Padrinho… — Minha voz está instável.

— Só agora sou seu padrinho? — Ele engasga em uma gargalhada sufocada pela fumaça.

O cheiro doce se espalha pelo escritório e eu desvio o rosto. Sinto meu sangue gelado e minhas mãos tremendo com mais intensidade. Sua gargalhada morre ao ver como estou sombrio.

— Fale, Kalon. — Se inclina. — O que você tem?

— Sabe se há alguma chance de Nikoleta ter sobrevivido ao ataque de Arcane e estar por trás dessas tentativa de assassinato? — Minha voz sai rápida e trêmula, conforme meus pensamentos se alimentam do único resquício de estabilidade que estou mantendo.

— Até onde sei, Nikoleta está realmente morta. — Declara, fazendo meu corpo amolecer, tomado pela negação e culpa. Se alguma coisa acontecer com Arcane por minha causa, nunca vou sobreviver a isso. — Por que? No que está pensando?

— Isso me leva a pensar que Arcane está sendo ameaçada de morte, porque, de alguma forma, nosso acordo de casamento foi revelado antes do tempo, e se alguém estiver perseguindo minha mulher para me fazer pagar pela morte de Azra? — Coloco para fora o que está na minha cabeça, fazendo-a doer com tanta tensão.

— Mas, a Cúpula deu esse assunto como encerrado anos atrás, Kalon. Eles nunca voltam atrás com uma decisão, a menos que você repita seu erro. — Yuri larga seu charuto no cinzeiro, ficando tão tenso e ereto quanto eu.

— Então descarte a Cúpula. — Balanço os ombros. — Mas e quanto ao pai dela? Aquele na fotografia que Arcane me mostrou. — Yuri mantém uma expressão sombria ao mencionar a fotografia. Seu corpo se enrijece na cadeira. — Eles podem saber o que aconteceu e colocaram alguém para se vingar.

— Se for o caso… — Levanto o olhar quando esse velho asqueroso caminha até onde estou. — Se a pessoa que está ameaçando Arcane for alguém do seu passado… Então nós vamos encerrar este acordo de casamento, porque meu objetivo é salvar a minha menina da punição da Cúpula, e não encaminhá-la para outro tipo de morte.

Aponta em minha direção, cheio de desdém. A ideia é que fosse um relacionamento tranquilo, mas as ameaças de morte dificultaram tudo.

—Não vai tirar Arcane de mim. — Sibilo, um monstro possessivo se apossa do meu peito ao imaginar ela longe. — Ela é minha.

— Prefiro mil vezes que Arcane se case com esse tal de Pavlos, ou qualquer outro, a vê-la casada com você e pagando com a vida pelo seu pecado sombrio. — Fala pausadamente.

— Você é um hipócrita, Yuri. — Me ergo, falando no mesmo tom venenoso que ele. — Não tem o direito de me julgar, foi você quem matou aquela mulher queimada e colocou a culpa na Arcane! — Grito as palavras, me satisfazendo com o choque em seu rosto. — Sua filha foi presa e destruída por um crime que você cometeu, não ela.

Vai ser um prazer tirar minha garota do poder desse homem, não apenas porque a desejo profundamente, mas, porque alguém nesse mundo precisa fazer justiça por ela. De forma alguma esse homem sujo vai sair impune por ter permitido e contribuído para que sua filha caçula fosse quebrada dentro daquele hospício.

— Como diabos você sabe isso, porra? — Yuri segura meu pescoço, apertando com tanta força que por reflexo seguro seu pulso. — QUEM DISSE A VOCÊ?

— Pensou que eu não ia investigar junto com meus irmãos antes de aceitar esse acordo? — Vejo o diabo queimando nos seus olhos. — Que assim como meu pai, ia colocar toda a sujeira debaixo do tapete para ninguém ver?

Se fosse um dos meus irmãos no meu lugar, o assunto seria encerrado, e por amor à vida, iriam embora. Mas, eu sempre fui ousado. O fogo queima nas minhas veias para enfrentar esse homem maldito.

— Acha que não sei que você anda descontando sua raiva nas meninas? — Continuo falando. — Lembra do que eu disse? — Aproximo meu rosto, ignorando o aperto na minha garganta. — Arcane se tornou minha no momento que apertamos as mãos. Isso significa que ninguém machuca ela, ninguém encosta um dedo nos seus fios de cabelo. — Avanço meu rosto em sua direção. — Não ouse falar dos meus pecados quando os seus são maiores que os meus. Nós dois vamos pro inferno juntos, Yuri, e terei o prazer de arrastar sua cabeça na descida até lá.

— Ousa me desafiar, seu filho da puta?! — Caio por cima da cadeira quando o primeiro soco me acerta.

Um rosnado escapa da minha boca quando empurro minhas pernas contra as suas, derrubando-o no chão e causando um estrondo.

— Kalon! O que está acontecendo aí?! — Rajá está batendo contra a porta, tentando abrir sem cessar.

— Alguém precisa ensinar esse filho da puta onde é seu lugar. — Cuspo sangue, me arrastando no chão de forma pesada apenas para devolver o murro na mesma intensidade. — Bateu na minha mulher e suas irmãs, agora tenho a chance de revidar como estava desejando. — Yuri rosna, tentando revidar.

Desconto com satisfação, colocando para fora toda a raiva que estou guardando desde que encontrei Arcane naquela praia. Hoje posso me vingar. O impacto do meu soco é tão forte que me faz desabar no chão, com os dedos queimando.

— Kalon, pare com isso! — Rajá consegue invadir o escritório, me afastando para longe de Yuri enquanto empurro meu corpo para cima do homem caído.

Minha mão está tremendo, ainda se recuperando do impacto. Yuri está gritando todos os palavrões que consegue lembrar e aperto a toalha ao redor da minha cintura, percebendo que o nó se desmanchou com a queda.

— Perdeu o juízo? — Respiro fundo quando Kol segura meu braço e me puxa para fora do escritório, praticamente me arrastando. — Foi um bom soco, mas, agora está fodido. — Cochicha, cruzando seu braço no meu ombro e usando um pouco mais de força para me afastar.

Meus lábios se repuxam com sua falsidade, aposto que também estava louco para esmurrar Yuri.

— Se não estivesse me segurando, veria muito mais. — Debocho, minha voz está grave.

— Você é louco, por isso que te amo. — Dá uma gargalhada, desviando de Ajax que caminha na nossa direção como um trem bala.

— Que porra aconteceu aqui? — Inspeciona meu rosto ferido. — Estava brigando com o padrinho?

— Não pergunte, apenas continue andando e vai ver. — Kol aponta por cima do ombro onde Rajá está conversando com Yuri, segurando seu ombro enquanto o homem tenta me perseguir. Lhe encaro, sangue escorre por seu queixo e ele está tão descontrolado quanto eu.

— Eu ouvi a discussão, quero que saiba que se tocar em Arcane, Nimue e Melissa novamente… — Rajá sussurra para Yuri, com o rosto próximo do seu ouvido. — Vou mostrar formas de acabar com a sua vida sem precisar derramar sangue.

Essa é uma ameaça tão calma e baixa que o rosto de Yuri fica frio, sendo atingido pela veracidade da sua fúria. Não consigo ouvir o que continua sussurrando porque Kol me arrasta de volta a sala, tentando me fazer sentar em uma cadeira para ver o sangue que escorre por minha bochecha.

— O que aconteceu? — Paro de andar quando Atena aparece ao lado de Nimue e Arcane, a preocupação brilha em seu rosto e desvio minha face para o outro lado.

— Kalon, o que está havendo? — Arcane fala mais baixo, parada nas escadas.

Mantenho meu olhar distante, apertando meus lábios. Não quero que ela me veja assim, nem quero abrir a boca para falar o motivo.

— O seu filho é um grande incompetente, Atena. — Yuri surge, totalmente livre das mãos de Rajá. — Foi exatamente isso que aconteceu, você e seu marido criaram esse merdinha muito mal.

— Veja como você fala com minha mãe, seu grande filho da puta. — Praguejo, virando meu corpo para observá-lo de perto. — A menos que esteja pronto para o segundo round, essa conversa ainda não acabou.

— Não acho que será uma conversa, já que vocês só batem como dois galos de briga. — Ajax intervém, ao lado de Rajá.

— Ouça minhas palavras, Kalon. Eu não vou mover um dedo para ajudar você com isso. — Bate as mãos uma na outra, como se estivesse tirando a poeira. — Foda-se seus problemas, foda-se suas paranóias, eu não me importo. Minha ajuda você não terá.

Permaneço em silêncio. Minha mãe se aproxima junto com Nimue, ainda sem compreender toda a comoção.

Arcane permanece nos últimos degraus como se estivesse em choque, sem conseguir assimilar o que acontece na sua frente.

— Tentei ajudar mesmo, Kalon. — Balança os ombros, fazendo uma careta amarga. — Agora você não tem mais um amigo, não sou mais responsável pelo que acontece a seguir. — Desvia o rosto, arrumando seu cabelo que caiu pela testa, saindo do coque apertado. — Vou deixar que seu pai tome conta da sua situação, ele sabe lidar melhor com o animal que você é. — O homem me olha como se eu estivesse doente.

— Vai dizer ao meu pai sobre a nossa conversa no escritório? — Eu ergo uma sobrancelha, deixando escapar uma gargalhada grave e cheia de mágoa. — Logo ao meu pai? — Abro os braços. — E onde ele está agora, hein? Me diga onde o meu pai está, Yuri!

Avanço em sua direção, empurrando as mãos de Kol e Rajá que tentam me impedir.

— Já que é tão amigo dele, então me diga por que ele não cuida de mim? — Cuspo as palavras. — O homem não tem filhos? Por que minha família está tão dividida e ele nunca fez nada para salvá-la? Onde está Ivan neste exato momento? — Empurro minhas mãos na direção do velho que tem seus olhos esbugalhados. — Vivendo algo mais feliz, é isso?

Minha voz está cada vez mais trêmula. Tremendo de raiva e mágoa. Sinto indignação e remorso por esse homem ser a única pessoa nessa vida que meu pai enxerga.

Não seus filhos, não sua esposa, apenas seu melhor amigo que é tão corrompido quanto ele.

— Não diga besteira, Kalon. — Yuri suspira. — Está descontrolado e nos fazendo passar vergonha.

— Vergonha? — Meus dentes são exibidos em um sorriso debochado. — Você é uma pessoa absurda. Está aqui assumindo o lugar do meu papai brilhante, é isso? — Digo olhando ao redor. — O que te faz pensar que Ivan dá a mínima aos filhos? Onde está ele para finalmente conversar comigo sobre todas as coisas que sempre tive fome em ouvir?

— Cale a boca, Kalon! — Atena me olha feio, envergonhada.

Viro a cabeça na sua direção no mesmo instante. Kol e Rajá avançam lado a lado como se eu fosse louco, Ajax apenas assiste calado.

— É do seu marido que deve sentir vergonha, não de mim. — Aponto o dedo na sua direção. — O homem vive batendo em você, ou torturando a porra dos seus filhos porque é obcecado, doentio e fodido. — Yuri avança.

— Qual a porra do seu problema? — O velho tem a ousadia de me repreender. — Os dias que Ivan te trancou naquela jaula não serviram pra te tornar obediente?

— O meu problema é que você está mencionando meu pai como se ele se importasse comigo. — Cuspo as palavras. — Todos vocês tratam ele como um homem puro e intocável, mas é um monstro. — Balanço as mãos. — Ele não é nada pra mim, nada para minha vida, devia calar a boca e não mencionar que vai dizer alguma coisa a ele.

— Sabe o que vai acontecer? — Ergue o queixo. — Contarei tudo que aconteceu aqui e seu pai vai jogá-lo em uma jaula para apodrecer até a morte. Vai finalmente ganhar a atenção que merece.

— Faça esse milagre acontecer, já que ele só tem olhos para você, só ama você e só tem tempo para você. — Cuspo as palavras amargamente. — Estou ansioso para finalmente ver ele e discutir a porra do assunto que fez vista grossa a vida inteira, para discutir o fato do seu filho ser um monstro. — Estalo a língua, sentindo meus olhos queimar.

Yuri rosna, erguendo o queixo com uma expressão tão egoísta e furiosa que faz meus irmãos avançarem em protesto.

— Pelo visto vou precisar calar a sua boca de outra forma. — Arranca sua arma da cintura, apontando para meu rosto, sua mão treme quando seu dedo pressiona o gatilho.

O homem está furioso por eu saber seu segredinho sujo, e mais que isso, por eu estar insultando meu pai na sua frente, na frente de todos.

— Te desafio. — Mantenho meus olhos abertos. — Atire na minha cabeça e acabe logo com isso.

Meus irmãos gritam ordens e tentam se aproximar, mas, o que realmente rouba minha atenção é o corpo de Arcane contra o meu, me apertando com força. Seu corpo está gelado e tremendo.

Ela balança a cabeça repetidas vezes em negação. Não consigo entender. Essa mulher que adora me enfrentar está tremendo e chorando fraco, como se estivesse diante do maior medo da sua vida.

— Por que está me abraçando? — A encaro, sem conseguir sentir meus membros, nem sentir forças para fazer qualquer coisa a não ser colocar esse monstro para fora do meu peito.

Não preciso de um abraço, por quê Arcane está fazendo isso comigo? Preciso apenas do meu pai, da raiva e do desprezo nos seus olhos. Preciso que ele me enxergue, mesmo que seja do seu jeito distorcido.

— Por favor, pare com isso, estou com medo. — Soluça. Suas mãos me apertam ao ponto da minha coluna estremecer. Sua voz está fraca e trêmula. — Não atire nele, papai!

— Agapi mou, o que está fazendo? — Yuri sibila. — Afaste-se. — Grita tão autoritário que ela treme, apertando meu corpo com mais força.

Encaro Yuri, odiando a forma como ele está deixando Arcane nervosa, um buraco traumatizante que vem sendo revirado há anos.

— Me solte, ouça seu pai. — Sussurro baixo.

Ela ergue o rosto pálido quando Yuri avança, apertando a arma contra minha testa.

— Se você tocar nele, eu faço uma loucura. — Arcane encara Yuri sombriamente. O homem inclina a cabeça para o lado como se reconhecesse a expressão no rosto dela.

— Arcane mou... — Abaixa a arma lentamente. — Kalon está deixando você tão monstruosa quanto ele. — Me encara com nojo. — Antes que sua vida seja destruída por ele, é melhor que fiquem separados.

Estende a mão na direção de Arcane, seguro seu corpo contra o meu com mais força.

— Se afaste! — Rosno, mas, antes que o homem agarre o braço dela, Rajá avança.

— Perdeu a cabeça, Yuri? — Grita muito alto. — Seja qual for a porra do problema, vamos resolver conversando.

— Não há nada para conversar. — Yuri empurra Rajá. — Estou indo embora com minhas filhas, por que não discute essa merda com seu irmão?

Desvio meu rosto deles quando os dedos de Arcane acariciam minhas bochechas. Seu toque é bom. Ela está pálida enquanto me observa com lágrimas nos olhos.

— Você está bem? — Sussurra, esfregando o polegar pelo traço de sangue na minha bochecha.

— Vou ficar. — Aproximo meu rosto do seu, unindo nossas testas para acalmar o tremor no seu corpo.

— Peça desculpas ao meu pai. — Ela esfrega minha pele febril. — Ele é louco, vai acabar te matando. — Implora ofegante.

— Não tenha medo. — Trago seu corpo para mais perto do meu. — Ele não vai.

— Vai me dizer por que discutiram? — Pede.

— Arcane! — Yuri grita atrás de nós. — Venha comigo agora!

— Deve ir com seu pai, ele está furioso. — Seguro seu queixo. — Prometo que vamos nos ver em breve. Apenas vá.

— Arcane mou. — Rajá coloca as mãos no bolso, tocando as costas da minha mulher. — Eu vou com vocês.

Yuri segura sua mão de forma brusca, puxando seu corpo para longe do meu. Arcane resmunga, me dando as costas e permitindo ser arrastada por seu pai.

Acompanho com o olhar até que cheguem na porta, e quando tento avançar, Rajá segura meu ombro.

— Você está muito fodido. — Sibila, me analisando de forma ríspida.

— Não precisa agir como um pai. — Inclino o rosto na sua direção, falando de forma pesada. — Pessoas como nós não são consoladas. — Giro de lado, dando espaço para ele ver Ajax e Kol nos observando com os braços cruzados. — Seja bonzinho com eles, não comigo.

Dou as costas, subindo as escadas e procurando por meu quarto para vestir algumas roupas. Quando entro, toda a raiva volta a queimar minhas veias.

Levo as mãos até minha cabeça, respirando pesadamente e me controlando para não quebrar os móveis.

Me sento na cama, pegando meu telefone e discando o número que decorei como uma oração. Minerva é a única que pode me ajudar, mesmo que eu tenha que pagar um preço por isso.

— Ora, ora... Alguém está desesperado. — Debocha ao atender. Sua risada causa arrepios nas minhas costas. — Lembro de ter deixado claro que você não pode me procurar novamente.

— Preciso da sua ajuda. — Limpo a garganta.

— Assim como todo mundo. — Dá risada.

— Minha noiva pode morrer por minha causa. — Confesso, jogando as palavras de uma vez. — E o pai dela quer tirá-la de mim. — Odeio a forma como a humilhação dança em meu tom de voz.

— Esse é um preço muito alto, Kalon Somáli. — Ronrona como a porra de uma feiticeira.

— Faço qualquer coisa. — Balanço a cabeça. — Estou disposto a qualquer coisa para proteger ela.

— Eu me pergunto porquê. — Provoca, dando uma risadinha mais atrevida.

— Minerva... — Aperto os dentes, falando seu nome em um rosnado.

— Está pronto para vender sua alma à Cúpula?

Odeio a forma como suas palavras parecem um pacto com o diabo, mas, se for para manter Arcane segura, estou disposto a ir para o inferno em busca disso.

23. TRAIÇÃO

“Eu escolho te amar em silêncio,
porque em silêncio eu não encontro rejeição.”
— MEVLANA.

Arcane Planard

Ainda não sei o motivo para Kalon e Yuri terem discutido de forma tão assustadora. Apenas duas vezes na vida vi meu pai com aquela expressão descontrolada e sombria; quando Theo morreu e quando fui presa.

Vi a hora e instante que ele ia matar Kalon naquela discussão, e não pensei duas vezes quando agarrei seu corpo. Tive medo de reviver o dia que Theo morreu, medo de ver o monstro nos olhos do meu pai. *O monstro que tem no jardim.*

Quando voltamos para casa, Yuri se distanciou de nós e passou a maior parte das horas fazendo de conta que não existimos no mesmo ambiente que ele.

Isso serviu para que eu pudesse processar em silêncio o que fiz com Kalon naquele quarto. Nunca me senti dessa forma, com meu corpo

queimando de prazer apenas por ele estar me tocando, me beijando e me fodendo. Foi uma experiência maravilhosa, e isso me deixa assustada.

Não era para isso ter acontecido, todos os comandos do meu cérebro me atormentam provando que vamos nos destruir, que não devia ceder. Mas fui tentada pelo desejo de me sentir como uma mulher normal, uma mulher que causa interesse em um homem e leva ele para a cama.

Foi a primeira vez que passei tanto tempo desconectada dos problemas ao meu redor. Não existia pecado e nem o fantasma de Nikoleta, apenas nós dois.

Meus pensamentos constantemente giram em torno daquela tarde em seus braços e meu corpo dói implorando para sentir tudo novamente. Cada grama daqueles sentimentos foram tão reais e crus que sinto vontade de me esconder quando conto tudo para minhas irmãs.

— De qualquer forma, estou feliz por você ter experimentado esse lado da vida. — Nimue dá uma gargalhada fofa, comendo morangos. — Agora, quero realmente saber o que deixou Yuri tão furioso. Parece que Kalon acertou seu calcanhar de aquiles.

Estamos sentadas perto da piscina, apreciando as palmeiras e a vista majestosa do céu azul. Faz muito tempo que não recebemos notícias sobre o que aconteceu naquela noite.

— Acho que os dois são farinha do mesmo saco. — Melissa larga o suco e remove seu óculos de sol para me encarar. — Agora que tem Kalon nas mãos, devia arrancar essas informações dele.

— E também, a discussão é uma prova que pode ser fácil desfazer esse acordo de casamento. — Nimue resmunga, voltando a ler seu livro. — Uma pena que Arcane vai perder o privilégio de continuar sentando nele depois disso.

— Vou sufocar você. — Dou um tapa na sua mão. — Por que não coça minhas costas e para de falar nele?

Melissa está nos observando com atenção, como se tivesse algo muito importante consumindo seus pensamentos. Mas, respira fundo e vira uma página da sua revista sobre biologia. Não entendo como ela tem todos os traços de uma patricinha gótica, mas está devorando um livro com figuras de animais e plantas como se fosse a coisa mais fascinante da terra.

— Um dia, todas as suas revistas vão aparecer queimadas. — Dou um tapa na capa, fazendo a revista cair na sua barriga.

Pego seu suco de maracujá para sugar o canudinho enquanto puxo outra revista sobre relacionamento de famosos. Juro, é uma droga muito viciante stalkear sobre a vida das celebridades.

— Me diga uma coisa, o pau do Kalon é grande? — Minha mão treme quando engasgo, o suco se espalha por minha barriga, manchando meu biquíni rosa.

Nimue solta uma gargalhada maléfica sem tirar os olhos da sua revista.

— Ande, não quero apenas os detalhes sobre como sua florzinha estava passando bem. — Melissa insiste.

— Florzinha? — Faço uma expressão de angústia. — Chama sua *pussy* de florzinha, por acaso?

Abre a boca cheia de choque, se inclinando para frente.

— Você chamou minha florzinha de *pussy*? Estou me sentindo uma vadia descarada. — Larga sua revista para me olhar com as bochechas vermelhas.

Já Nimue está se contorcendo de tanto dar risada, ao ponto de encolher os pés.

— Mas o pau dele é grande? — Ergue o rosto para perguntar, engolindo uma gargalhada.

Minhas bochechas ficam vermelhas, se elas soubessem da parte em que tudo foi filmado, provavelmente iriam fazer um escândalo e me mandar para uma igreja.

Me sinto uma grande vadia por ter visto aquele vídeo algumas vezes, mas nunca vou admitir em voz alta.

— Horrivelmente grande. — Finjo indiferença, as duas se olham por alguns segundos e começam a gritar como loucas.

— Querem calar a boca?! — Levanto a cabeça. — O condomínio inteiro vai ouvir!

Me atormento com tanta vergonha que sobe por meu corpo, estou prestes a jogar as duas na piscina, mas, paro quando a visão do inferno está bem diante dos meus olhos.

O carro de Yuri estaciona no jardim depois dele passar o dia fora, e o choque cruza meu rosto quando ele desce ao lado de ninguém menos do que Kalon e Pavlos.

Os dois estão caminhando lado a lado. Rapidamente sinto vontade de vomitar quaisquer palavras que já disse sobre Kalon, e até a ele mesmo. O frio machuca minhas bochechas quando os dois ficam cada vez mais perto de onde estamos.

Yuri está gesticulando e gargalhando ao lado de Pavlos, o mundo está prestes a acabar, essa é a única explicação para Kalon estar com uma expressão tão tranquila.

Quero morrer agora mesmo, não importa se vai doer, minha única vontade é pular nessa piscina e engasgar com a morte.

— Boa tarde, meninas. — Yuri sorri vitorioso, quero arrancar essa expressão com um soco. — Querida, por que não me contou que Pavlos voltou para Atenas e continuam amigos?

Um dos principais motivos para Melissa e Pavlos terem se separado na infância foi porque Yuri suspeitava que os dois estavam apaixonados na época das aulas. O que está acontecendo agora? Só pode ser um pesadelo.

Minha garganta está seca e meu corpo mole. O sol bate tão forte contra meu rosto que minhas pernas enfraquecem, só não caio porque Melissa e Nimue ficam ao meu lado de forma protetora.

O gosto da decepção e mágoa é tão amargo que quero cuspir. Meus olhos se voltam para Kalon, tomada pela traição. Não acredito que esse homem contou para o meu pai sobre Pavlos, sequer deixou a porra do momento esfriar, mal saiu da minha cama e me apunhalou.

Agora entendo o que aconteceu naquela noite, e seu olhar entrega exatamente isso.

— Arcane mou? — Pavlos vem na minha direção, ele tem uma expressão tão amável e inocente que meu peito dói pela culpa.

Destruí sua vida quando falei seu nome para Kalon. Não foi por querer, eu estava apenas empolgada com os últimos momentos que vivi naquela fazenda, e me tornei burra.

Trouxe meu melhor amigo para esse abismo.

Minha lista de pecados só aumenta.

— Pavlos mou, o que está fazendo aqui? — Tomo uma respiração trêmula, me forçando a me aproximar dele e beijar seu rosto como estamos acostumados tradicionalmente.

Estou nervosa e ele percebe isso, Pavlos me abraça forte, tomado pela crença que somos apenas uma família normal.

— Eu e seu pai acabamos nos encontrando recentemente. — Afaga meus cabelos e sorri de lado, agora desviando o rosto para Melissa e Nimue. — Venham aqui, meninas. — Desvia o olhar intenso que tem sob Melissa. — Yuri soube que nos reencontramos quando levei Páris para uma consulta na clínica onde Melissa trabalha, e depois disso, levei vocês para encontrarem meus avós.

Abraça Melissa apertado, seus olhos brilhando com o pequeno segredo que se espalha sobre nossas cabeças. Pavlos não reencontrou Melissa na clínica. Na verdade, foi em uma viagem que ela fez com Yuri.

Alívio libera meu peito ao reconhecer que nosso pai não sabe de toda a verdade, senão, a abordagem seria totalmente diferente. O fato deles serem namorados ainda é um segredo, então podemos fingir que está tudo bem.

Encaro Kalon que parece farejar a mentira espalhada entre nós. Isso me incomoda e me deixa furiosa.

Quero um momento a sós com ele apenas para estraçalhar seu rosto e ouvir o que tem a dizer sobre isso, para depois estraçalha-lo novamente. Desvio o rosto, vendo a última pessoa a sair do carro como uma majestade.

— Kalon mou, por que não me esperou? — Ela fala, arrumando seus cabelos escuros.

Uno minhas sobrancelhas raivosamente, voltando minha atenção para Kalon que está inspecionando meu corpo dos pés a cabeça.

— Estava esperando você terminar a ligação, não queria incomodar. — Responde de um jeito doce.

A mulher alta e morena caminha na nossa direção, passando sua mão ao redor do braço de Kalon, segurando seu bíceps. Um sorriso assassino consome meus lábios quando encaro os dois de frente.

Não acredito que ele realmente arranjou uma puta depois de foder comigo. A mulher me encara como se eu fosse uma assombração.

— Qual seu nome? — Pergunta, abaixando seu óculos de sol e revelando os traços perfeitos. Linda pra caralho, parece ter a idade dele.

— Ah, que falta de educação a minha. — Solto uma risadinha debochada, me divertindo muito com seu comportamento de madame. — Meu nome é Arcane, é um prazer estar na minha própria casa, obrigada.

Arrumo minha franja para trás, arqueando as sobrancelhas de um jeito engraçado quando a mulher ri suavemente, ainda ao lado de Kalon.

— Meu nome é Minerva. — Acrescenta. — Pensei que os rapazes tivessem comentado sobre mim.

— Não que eu lembre. — Meus lábios se repuxam para baixo, totalmente indiferente à impressão de excelência que ela quer causar.

— Kalon me falou muito bem de você, Arcane. — Minerva sorri, olhando para ele como se fossem amiguinhos do jardim de infância. — Pensei que você fosse mais velha, mas ela é uma criança, Kalon.

— É mesmo? — Dou uma gargalhada mais alta, ainda me divertindo com como a boca dele é um túmulo. — Uma criança. — Kalon apenas me observa como um santo.

— O que aconteceu com seu biquíni? — Aponta para meus seios.

Merda, essa mulher tinha que reparar?

— Foi um acidente. — Essa mulher inspeciona meus seios, então minha cintura, até voltar para meu rosto.

— Você é muito linda. — Para quem me acha uma criança, ela está invejando muito o que vê.

— Obrigada, Minerva mou. — Sorrio.

Kalon mantém sua expressão indiferente enquanto analisa toda minha existência, quero bater no seu rosto e expulsá-lo da minha vida como uma louca. Primeiro, ele confessa a existência de Pavlos para meu pai, e agora, como se não fosse suficiente, traz sua amante para minha casa.

Desgosto rasga minha garganta e quero matar os dois. Tudo que eu disse ao Ajax aconteceu, estou sendo desrespeitada e isso traz um monstro possessivo à tona.

— Pavlos veio ajudar com os preparativos do nosso casamento. — Kalon fala como se soubesse as loucuras sangrentas que estou pensando. —

Yuri se encontrou com ele no porto, contratou sua empresa para cuidar das bebidas, da carne, e como são muitos convidados...

Dou as costas para os dois, me afastando para longe enquanto esse monstro queima no meu peito. Se eu permanecer mais um segundo ouvindo-o falar normalmente enquanto aquela mulher aperta seu bíceps, vou fazer um massacre.

— Ela é selvagem. — Ouço uma gargalhada vinda de Minerva quando puxo uma almofada para sentar na poltrona da varanda.

Nimue e Melissa, que estão assistindo papai mostrar a casa para Pavlos sentam ao meu lado, cruzando as pernas.

— Que porra está acontecendo? — Nimue cochicha, nervosa. — Nós estamos mortas.

— Kalon contou para Yuri, não tem outra explicação. — Falo mais baixo, tentando compreender o olhar tenso de Melissa.

Elas sabem que deixei escapar o nome dele, mas Melissa me tranquilizou dizendo que nada iria acontecer.

Minha irmã sorri e acaricia meu ombro quando percebe meu olhar.

— Não se preocupe, vamos apenas fingir até descobrirmos cada detalhe. — Sussurra. — Não vai acontecer nada, Pavlos e eu combinamos de inventar uma desculpa caso meu pai descobrisse, aquela desculpa que ele contou.

— Sério? — Junto às sobrancelhas.

— Sim. Eu contei como nosso pai é muito conservador e bruto, e por isso não me sentia segura para falar do relacionamento ainda. — Fala mais baixo, percebendo que Kalon e Minerva estão se aproximando de nós.

— Vocês devem ser as irmãs de Arcane. — Abaixo a cabeça, encarando meus pés.

Se Pavlos souber sobre a Alkyóna, e como nossa vida gira em torno disso, ele vai nos odiar para sempre. Não estou preparada para ter o meu melhor amigo me olhando como o resto das pessoas olham: com nojo e como se soubessem que meu lugar é no inferno.

— Bem-vinda. — Melissa coloca o seu melhor sorriso e acena para Minerva. — É um prazer tê-la na nossa casa, meu nome é Melissa e essa é Nimue.

Mel se apresenta como uma verdadeira dama, com uma postura e graça que nunca vou possuir. Fui criada em uma prisão, nem falar sem rosnar eu sei. Kalon devia ter escolhido uma das minhas irmãs para esse casamento.

Ou melhor, essa mulher que trouxe.

Os observo de canto, analisando a postura feminina e elegante que Minerva tem, e a forma como ainda abraça o bíceps de Kalon. Sinto vontade de esmurrar alguma coisa.

Desvio meu rosto quando sinto os olhos dele em mim, apenas dou as costas novamente, entrando na casa para trocar de roupa e saber o que toda essa gente quer aqui.

Quando estou quase chegando no meu quarto, Yuri surge com Pavlos, saindo do escritório.

— Foi um prazer, Pavlos. — Yuri fala gentilmente. — Conto com você para uma festa perfeita.

Quase me convenço da sua bondade, que ele é apenas um bilionário influente e de coração puro fazendo uma festa para sua filha caçula.

Os olhos dos dois se voltam para mim.

— E aí está a noiva. — Pavlos entorta os lábios, sorrindo de um jeito adorável. — Tenho que admitir, você tem muita sorte de entrar na família Somáli. — Se aproxima ao lado de Yuri, o qual tem um sorriso exibido. — Vai ser tipo realeza, minha amiga. Muitas mulheres matariam para estar no seu lugar.

Controlo uma resposta sarcástica e possessiva. Yuri estende a mão para me abraçar pela lateral enquanto olhamos para Pavlos.

— Já conversei com seu pai sobre todos os detalhes, mas, vamos marcar um dia para a degustação dos vinhos. — Explica sorridente. — Vou separar os melhores para vocês.

— Vai ser um prazer, Pavlos. — Aceno com a cabeça.

— Agora, preciso conversar com seu noivo sobre a parte financeira. — Faz uma continência tranquila com os dois dedos, se afastando de nós e me deixando sozinha com Yuri.

Meu pai rapidamente afasta seu braço do meu ombro e me olha de forma arrogante.

— Kalon me contou sobre você e esse rapaz. — Diz pausadamente.

— O que exatamente? — Ergo o rosto, mantendo a indiferença.

— Que vocês são amantes. — Aperta os olhos em busca de qualquer fio que me entregue.

— Muito engraçado. — Solto uma gargalhada. Meus ombros balançam enquanto Yuri me analisa, sorrindo torto. — Sabe muito bem que Pavlos não passa de nosso amigo de escola, o qual não víamos a muito tempo. — Cruzo os braços.

– Sim, sei disso. — Avança um passo em minha direção. — Não acredito que ele seja seu amante. É impossível uma garota que saiu do hospício tenha encontrado um cara tão bom sem que ele saia correndo.

Me analisa de uma forma assustadora. Seu comentário me entristece, mas ao mesmo tempo, me arranca uma gargalhada sincera. Apenas um monstro como eu é capaz de ficar.

— Seria horrível matar seu amigo porque ele se envolveu amorosamente com uma mulher da Alkyóna. — Diz mais baixo. — Como ele é um simples homem, ninguém vai sentir falta.

Recuo, odiando sua proximidade ameaçadora.

— Pavlos não é meu amante, não há razões para matá-lo. — Repito. — Deixe o rapaz em paz, Kalon está apenas obcecado com qualquer homem depois de ter tirado minha virgindade.

Me sujeito a esse tipo de humilhação para proteger a vida do meu amigo e irmã. Choque brilha nos olhos de Yuri, logo balança a cabeça como se tivesse compreendido como a cabeça masculina funciona, então qualquer resquício de dúvidas some dos seus olhos.

— Então me explique uma coisa. — Cruza os braços. — Por que mentiu o nome do homem que ia ajudar Leyla a fugir? — Inclina a cabeça para o lado.

— Como? — Minha expressão confiante se quebra.

– Era Pavlos quem ia ajudar Leyla a fugir, não alguém chamado Echo. — Sibila. — Pensou que não ia descobrir que o nome que me deu era falso? — Solta uma gargalhada ríspida, exibindo seu sorriso perfeito e tão parecido com o meu. — Ah, meu amor... — Estala a língua.

Yuri nunca sorri e agora entendo o porquê, as pessoas o amariam mesmo sendo um monstro. Seu sorriso é a coisa mais linda que já me deu.

Desvio meu rosto imediatamente, não gostando de como ele consegue mexer com meu emocional. Quero amá-lo como pai, mas não tenho motivos para isso. Às vezes, tento me lembrar de como era comigo na infância, como me tratava carinhosamente, mas, esses momentos parecem um fantasma. Uma invenção da minha cabeça.

Um gemido sensível escapa dos meus lábios e Yuri recua dois passos. Seu bom humor morre, qualquer traço de animação e leveza desaparece do seu rosto, como se nunca tivesse vindo à tona.

— Agora me diga se estou certo. — Arruma seu sobretudo com tanta vaidade que sinto asco. — Pavlos trabalha secretamente para a família real, ajudando pessoas a fugirem do país.

Não há como negar, minha surpresa por ele ter descoberto tudo isso está estampada no meu rosto.

— Sim, ele faz essas coisas. — Sussurro, preocupada que mais alguém ouça.

— Certo. — Balança a cabeça em concordância. — Estive investigando, a ficha dele é totalmente limpa. Pais mortos, criado pelos avós em uma fazenda, com uma moral política muito correta e vigorosa, levando-o sempre ao caminho certo. — Inclina a cabeça para o lado. — Um ótimo patriota grego, eu respeito isso. — Seu dedo gira em minha direção. — Mas você será castigada por esconder a verdade de mim, Arcane. Que vem o encontrando mais vezes do que me confessou.

— O que vai fazer? — Balanço a cabeça em negação, tentando respirar conforme tento alcançá-lo quando começa a subir as escadas depressa. — Não entre no meu quarto!— Seguro seu braço quando empurra a porta.

— Me diga. — Gira na minha direção, me fazendo parar de andar. — Por que você mentiu sobre o nome dele se não são amantes?

— Porque eu estava com medo de você matar um homem inocente. — Balanço a cabeça repetidas vezes em negação. — Porque quando reencontrei Pavlos, nós viramos amigos novamente, porque ele nunca se esqueceu de mim desde a infância. — Sussurro, erguendo minhas mãos para segurar seu braço.

— Sim, ele é legal. — Yuri rosna, empurrando minhas mãos e pegando todos os livros da pequena estante. Congelo, não compreendendo o que ele está fazendo. — Mas você escondeu essas informações de mim e merece ser punida até reconhecer que não vai a lugar algum enquanto age por minhas costas.

— Se fosse um bom pai, isso não seria necessário. — Tento tirar os livros das suas mãos, mas ele se esquiva com seu corpo grande. — Solte meus livros! — Agarro seu ombro.

— Você me deve obediência, é minha filha. — Fala por cima do ombro.

— Não devo nada a você. — Esmurro suas costas, tentando fazê-lo parar. — Você nunca foi um bom pai para mim, Yuri, você quem me deve muitas coisas. — Falo ofegante, tentando recuperar a única coisa que posso chamar inteiramente de meu.

O homem para abruptamente nas escadas, girando para me encarar dos pés à cabeça.

— Nunca, Arcane mou? — Seu olhar é sombrio, cheio de raiva.

— Nunca. — Aponto ao redor, mostrando a casa que vivemos. — Não há nenhum resquício do seu amor espalhado por essa casa. Tudo está no passado, perdido e morto.

— Ótimo. — Caminha para trás, balançando a cabeça com firmeza. — Então aprenda essa lição de uma vez por todas... — Chuta a porta do seu escritório, jogando todos os meus livros dentro de uma lata de lixo. — Onde o amor falhou, a disciplina vai servir.

Isso é tudo que ele diz no momento em que derrama uma garrafa de whisky dentro da lata. Observo enfraquecida quando meu pai acende um isqueiro e as páginas são devoradas pelas chamas.

— Não... — Um sussurro trêmulo escapa dos meus lábios.

— Satisfeita agora? — Abre os braços. Tem coisas que não nasci para compreender, e aparentemente, tem coisas que ninguém se importa em me contar, como a razão para esse homem ser tão horrível.

— A minha vida inteira... Queimou tudo... — Encaro a lata sendo consumida, estalando e virando fumaça dentro do seu escritório.

Passei toda a minha vida perdida no escuro, e os livros foram a única fagulha de luz capaz de alimentar essa criança escondida no meu peito. Foram eles que me acalentaram. Tudo que eu tinha para me consolar, os únicos amigos e namorados verdadeiros que entraram na minha vida sem a pretensão de ir embora.

Esses livros eram a minha eternidade, o meu verdadeiro felizes para sempre. Uma chance de ser eterna e estar em todos os lugares sem precisar sair daquele hospício.

Agora tudo está queimando bem diante dos meus olhos, não apenas páginas, mas cada gargalhada sincera que já dei, cada lágrima que derramei, cada suspiro e momento em que me senti como uma garota de verdade.

Tudo está virando cinzas diante dos meus olhos. Não devia estar doendo tanto, mas está. Essa é uma dor inconsolável, como se eu tivesse perdido parte da minha identidade, como se eu estivesse perdida no escuro novamente, mas, dessa vez, meus olhos foram arrancados para garantir que nunca mais vou enxergar a luz.

— Pare com isso! — Avanço para a lata de lixo, apertando as bordas. — Pare agora! — Um gemido choroso sai da minha boca quando o metal quente queima minha mão.

Yuri apenas assiste com as mãos no bolso, como se sua mente estivesse em outro lugar. Isso é desolador e está me sufocando.

— Ninguém no mundo me compreendeu tanto quanto essas páginas. — Fungo. — Ninguém me amou tanto quanto esses livros, quanto os personagens nessas histórias. — Balanço a cabeça em negação, sem conseguir enxergar através das lágrimas.

Me senti sozinha a vida inteira e só tive eles, sem nenhuma melhor amiga, ninguém que se importasse em saber o que sinto. Apenas os livros. Agora está tudo acabado, tudo morto por causa de uma pessoa insignificante.

— Vai pagar por isso! — Enxugo minhas bochechas, olhando para Yuri tomada por uma raiva aterradora.

— Ah, eu vou? — Debocha.

Quero gritar como uma criança que perdeu seu brinquedo favorito, quero desaparecer do mundo e encontrar um lugar só meu, mas continuo paralisada vendo minha vida se tornando cinzas novamente.

Dou as costas para tudo isso, correndo para fora do escritório, desejando vomitar toda a minha angústia e gritar a plenos pulmões. Soluço quando meu corpo esbarra contra algo sólido e quente.

— O que aconteceu? — É Kalon, suas mãos seguram meu rosto, me fazendo encará-lo. — Está chorando? — Seu polegar desliza por minhas lágrimas com tanto carinho que quero bater nele. — Estava procurando você, o que aconteceu?

— Fique longe de mim! — Empurro seu abdômen, falhando em ser forte.

Tudo isso aconteceu por sua culpa, porque ele quebrou sua promessa e contou sobre Pavlos ao meu pai. Quero parti-lo em pedaços e depois fazer o mesmo comigo.

— Arcane mou. — Segura meu pulso com força, não me deixando escapar. — O que está acontecendo?

— Você está me arruinando. — Aponto o dedo na sua direção, empurrando seu rosto para longe do meu, assim como todo seu corpo. — Isso é exatamente o que está acontecendo, você destruiu mais uma coisa importante para mim.

Seu olhar vacila por breves segundos e seus dedos afrouxam meu pulso. Kalon está me deixando ir porque sabe que é verdade. Me afasto de forma brusca, olhando para a sombra de Yuri atrás de mim.

— Deixe-a. — Fala suavemente. — É apenas estresse, venha beber whisky comigo e falar sobre Minerva.

— Sim, a Minerva. — Kalon responde sem muito interesse. Seus olhos estão em mim, cheios de preocupação e algo que machuca meu peito.

Saudades e culpa. Desvio o rosto, voltando a subir as escadas e me trancando no meu quarto. Sento no chão, encarando a estante vazia.

Não há nenhum livro e isso me faz soluçar. Tudo que sobrou foi o maldito papel com o desenho que Kalon me fez.

Quero rasgá-lo. Aperto com força, mas meu coração dói e desisto, deixando o papel no meu colo. Observo os traços do meu rosto e desabo.

— Eu fui tão estúpida. — Cubro meu rosto com as mãos, tentando controlar meus soluços. — Tão estúpida...

Meu coração estremece, me fazendo imaginar inúmeros cenários onde faço Kalon pagar pelo que fez. Saio para fora do quarto depois de meia hora.

Arrumo meu short jeans e regata branca, descendo as escadas para ser recebida pelo sorriso amável de Atena.

— Aqui está você. — Engulo todo o meu descontentamento e aceno para ela.

Beijo suas bochechas como se minha vida fosse incrível, como se eu estivesse radiante com todas as escolhas que tomaram por mim.

— Seja bem-vinda, Atena mou. — Olho para Minerva que se aproxima como a porra de uma rainha.

Ela está sorrindo para mim, e devolvo da mesma forma, dando espaço para ela ficar ao lado de Atena.

— Agora que você é uma Somáli, deve se acostumar com as visitas e os presentes. — Aponta para o sofá onde há vários embrulhos. — Não tive a chance de vir para a festa de noivado, então espero que aceite agora.

— Obrigada, Minerva. — Me aproximo para beijar sua bochecha. — Não precisava se preocupar, mas adoro presentes. — Finjo tão bem que até convenço a mim mesma.

Olho ao redor com rapidez, vendo Kol conversando com Rajá em um lugar afastado de todos. Os dois estão bebendo enquanto cuidam de várias carnes para assar, a interação dos dois é engraçada, e fica melhor quando percebo o que estão discutindo.

— Existem países onde as máfias são muito mal estabelecidas. — Kol segura seu ombro. — Isso porque eles não tem como base o principal elemento da máfia que é a família.

— Arcane, junte-se a nós. — Rajá acena.

— Arcane? — Kol vira a cabeça atenciosamente na minha direção, sorrindo torto. — Venha cá. — Acena.

Procuro por Pavlos e o encontro conversando com Kalon e Nimue, os dois estão perdidos em algum assunto profundo, e desisto de compreender o que essa família se tornou. Está tudo pior cada vez que olho ao redor.

— O que estão bebendo? — Aponto para a mistura de bebidas que Rajá está balançando.

— Não faço ideia, mas me deixou com a língua solta. — Kol sorri, derramando um pouco em um copo vazio que arranja para mim.

Dou um gole demorado quando os dois iniciam a conversa. Faço uma careta, isso é puro álcool. Rajá ergue uma sobrancelha e me entrega um papel toalha, me ajudando a limpar os dedos quando cuspo o líquido.

— Beba devagar, menina. — Estala a língua.

— É horrível. — Sacudo a cabeça.

Os dois me incluem no assunto sobre negócios, pedindo minha opinião como se eu estivesse no nível de poder que ambos têm. Depois de um tempo, olho ao redor quando o assunto termina, e me surpreendo ao sentir os olhos de Kalon em mim.

Agora ele está sentado sozinho, sem ninguém por perto, e toda a sua atenção está voltada para mim. Tremor sobe pela minha coluna e desvio os olhos, focando minha atenção em qualquer outra coisa.

— Vamos comer, meninos? — Pergunto, vendo que algumas carnes já estão no ponto e tem muita comida na mesa, do outro lado da varanda.

— Estou mesmo morrendo de fome. — Kol resmunga, voltando para sua quietude sombria, pegando um prato de salada grega.

Sigo atrás dele, terminando de beber o que resta em meu copo e sentando em uma cadeira.

— Quer cerveja? — Ofereço, buscando razões para me embriagar e não precisar lidar com a realidade ao meu redor.

— Apenas um pouco, bonequinha. — Kol sorri, fazendo seu prato. —Não posso beber muito.

Está tocando a música *El Efecto* do *Rauw Alejandro*, e me divirto com Nimue tentando ensinar Ajax a dançar. Ele gira seu corpo e os dois rapidamente ficam lado a lado, imitando um ao outro.

Ainda sinto os olhos de Kalon sobre mim, mas ignoro essa queimação que sobe por minhas veias quando abro minha cerveja, bebendo longos goles e me inclinando para trás, me espreguiçando na minha cadeira.

Quando estou prestes a abrir a segunda, uma presença alta e assustadora para bem ao meu lado, ofuscando os raios de sol.

Kalon tem os braços cruzados, encaro seus pés, vendo que está usando all-star, meias altas e uma bermuda preta, uma camisa branca frouxa em seus músculos. Droga, adoro seu estilo streetwear muito atraente.

— O que quer? — Pergunto, desviando meu rosto para bebericar a borda da latinha.

— Você precisa comer alguma coisa e parar de beber. — Inclina a cabeça para o lado, tentando me observar melhor. — O que acha de comer um pouco de arroz e salada grega?

— Pode apenas me deixar em paz? — Encaro seu rosto com indiferença. Tudo que consigo visualizar é o braço daquela mulher no seu bíceps. — Faça de conta que não estou aqui.

Kalon aperta os lábios, me observando com profundidade. Coloca as mãos na cintura, olhando ao redor com atenção.

— Levante-se. — Ordena.

— Como é? — Encaro seu rosto.

— Levante-se, quero sentar aí. — Só o que faltava era ele roubar o lugar em que estou sentada.

— Fala sério. — Reviro os olhos, levantando para ir até a cozinha onde Melissa está com as outras, mas Kalon puxa minha cintura, me fazendo cair de bunda no seu colo. — Kalon, o que está fazendo? — Tento retirar sua mão abraçada ao redor da minha barriga.

Ele me ignora, me contorço o quanto posso, quase escapando, mas o infeliz aperta minha coxa com mais força.

— Fique quietinha, Arcane. — Afundo, fumegando de raiva. — Só vai sair daqui quando comer, meu amor. — Beija meu ombro, me esquivo como se ele estivesse me machucando.

Não quero falar com ele, não quero seus beijos e seu tratamento falso. Não quero nada disso depois do que fez.

— Me deixe ir, Kalon. — Viro o rosto para encará-lo. — Você fodeu comigo, depois mentiu que não ia contar sobre o Pavlos, e ainda traz a porra de uma amante para minha casa.

— Não usei você, Arcane mou. Eu a adorei como se fosse a porra da minha religião. — Balança a cabeça, me olhando como se estivesse ofendido com minhas palavras.

— Pois me sinto muito diferente disso. — Rosno contra seu rosto. — Me sinto usada e trocada.

— Não fiz nada disso com você. — Kalon esmorece quando cruzo meus braços, impedindo-o de me abraçar.

— Te pedi tanto para deixar Pavlos em paz, para me prometer que não iria atrás dele. — Balanço a cabeça, magoada. — Veja a situação que causou.

— Pavlos está seguro. — Sussurra. — Eu não pedi para Yuri fazer nada disso, ele fez porque quis. — Pena que não acredito em nenhuma palavra que esse homem diz.

— Yuri fez porque você contou. — Encaro seu rosto. — Toda aquela discussão na sua casa, tudo aquilo foi por causa dele, não foi?

— Não. — Desvia o rosto, olhando para seus irmãos jogando sinuca. — Aquela discussão não foi por causa do Pavlos, e de qualquer forma, seu pai iria descobrir quem foi a pessoa que você pediu para tirar Leyla do país. — Me observa sombriamente. — Você deu um nome falso para ele, esse foi o seu erro.

Fico em silêncio, me culpando por toda essa situação em que me envolvi. Engulo em seco, balançando a cabeça em concordância.

— E aquela mulher? — Olho na direção da cozinha. — Sua amante.

— Acha que consigo foder com alguém quando só penso em você? — Seus dedos brincam com minha coxa, fazendo desenhos demorados enquanto me olha.

— Acho. — Viro o rosto na sua direção.

— Sentiu minha falta? — Desconversa. — Como está se sentindo? — Aperto minhas pernas, tentando afastar sua mão.

— Vá embora com sua amante antes que eu mate vocês dois. — Ordeno com rispidez.

— Estou falando sério. — Balança a cabeça. — Não trouxe Pavlos aqui. Eu jamais machucaria alguém que você se importa, não te quero triste.

— Então, por que disse ao meu pai sobre ele? — Sibilo, tentando me controlar para não gritar.

— Porque precisava que seu pai fizesse uma coisa por mim, mas não fez. — Acaricia minha barriga lentamente.

— Então estava me usando. — Empurro sua mão. — Isso está ficando cada vez pior, então é melhor calar a boca antes que eu faça um escândalo.

Ameaço, deixando claro que sou capaz de tudo para sair do seu colo nesse momento e ir para bem longe da sua presença.

— Tudo bem, temos tempo para conversar sobre isso depois. Prometo. — Beija minha bochecha de forma demorada, suspirando contra minha pele. — Agora você precisa comer.

O ignoro, tentando voltar a beber mas Kalon retira a lata de cerveja da minha mão e muda sua expressão para uma carranca autoritária.

— Quero Lavashak[26]. — Aponto para a travessa na mesa. O cheiro doce da romã distrai minha atenção imediatamente.

Kalon pega um rolinho, as gotas vermelhas da calda pingam no meu prato. Ele lambe o dedo indicador e me entrega o garfo. Passo os próximos minutos ignorando o olhar que Kalon tem sobre mim enquanto como.

— Quer uma mordida? — Ofereço o terceiro rolinho.

— Se tiver muita romã. — Escolhe o lado mais recheado para morder, calda escorre pelo seu queixo quando Kalon faz uma careta ao sentir o gosto azedo. — Como você consegue comer tanto disso sem fazer careta?

— Não está tão azedo. — Aproximo minha boca, lambendo a calda açucarada antes que pingue na sua roupa.

— Ai, amor. — Kalon treme contra meus lábios e me encara faminto. Antes que sua mão agarre meu pescoço para aprofundar nossa proximidade com um beijo, eu viro o rosto para ver Nimue dançando com Ajax.

Ainda estão dançando *reggaeton*. Sinto o olhar intenso de Kalon sobre meu corpo, mas disfarço o estremecimento com uma risada animada.

Kol está contra a parede, assistindo com imenso interesse.

— Kalon, quer whisky? — Olho para onde Minerva surge com uma garrafa.

Faço uma careta para o copo que ela coloca bem na minha frente, meu estômago embrulha ao lembrar da noite em que me forçaram a beber isso.

— Não, querida. — Balança a mão de forma gentil. — Por favor, coloque em outro lugar. Aproveite e leve toda essa cerveja e tequila.

— Está bem, depois venha jogar sinuca comigo. — Pisca para ele. Minerva me observa enquanto se afasta.

— Claro que vou, estou esperando Arcane terminar sua comida. — Aperto o garfo com força, ignorando a ardência na minha mão machucada.

Abandono minha comida com um empurrão ríspido, todo meu corpo ferve para levantar e acertar esse garfo nos olhos dela. Parece doentio, mas não consigo controlar esse monstro possessivo.

— Pode ir, sua amante quer atenção. — Giro meu corpo para ficar de frente para Kalon. — Aproveite e encontre um quarto afastado, para que eu possa rasgar a garganta dela sem ninguém ouvir.

— Minha amante é você, então quer minha atenção? — Esfrega a ponta do nariz no meu, quase beijando minha boca. — Podemos fugir para o seu quarto e brincar um pouco.

Seus dedos deslizam pela minha barriga, acariciando minha pele por baixo da camiseta. Empurro sua mão para longe quando sinto arrepios.

— Meu pai queimou todos os meus livros por sua causa, você trouxe Pavlos para o meio disso tudo e nunca vou perdoá-lo por isso. — Sussurro, tentando desviar meu rosto quando segura meu queixo.

— Pavlos. — Sibila, raiva brilhando nos seus olhos. — Esse homem ainda consegue ser o assunto entre nós, não é?

— Não seja por isso. — Coloco um sorriso travesso nos lábios. — Vamos falar de Minerva. — Aproximo meu rosto para mais perto do seu. — Se você der o meu pau para ela, considere-se um homem morto.

Imito seu tom de voz autoritário ao falar com propriedade sobre a minha boceta. Kalon dá uma gargalhada amável e rouca, ao ponto dos seus olhos se apertarem.

— Você quis dizer nosso pau. — Fala mais baixo, ainda rindo de um jeito amável. — Não se preocupe, não vou usar nosso pau com ela, meu amor. — Diz deixando um beijo estalado no meu queixo.

— Se chamá-la de querida outra vez, vou arrancar sua língua. — Resmungo, tentando me esquivar do aperto dos seus dedos em minha bochecha.

— Está bem, amor. — Grunhe. — Mais alguma coisa?— Beija minha pele como se eu fosse a melhor coisa da sua vida. — Sua boca está vermelha de Lavashak. — Deslizando sua língua lentamente, apenas a ponta, para lamber as marcas da calda em meus lábios.

Gosto tanto da sua boca perto da minha que por um momento me esqueço que estou com raiva.

— Você é tão viciante, Kalon. — Esfrego meu nariz contra o seu, apertando seu lábio inferior entre os dentes. — Pena que é um cafajeste desgraçado, e vou matar a porra da sua amante.

— Amor, não fale isso. — Kalon afasta seu rosto. Ele está ofegante e atordoado. — Não diga isso perto de ninguém, ouviu?

O observo com atenção, piscando algumas vezes. Não compreendo seu pedido,as engulo minha próxima ameaça.

— Está bem. — Aperto os olhos. — Saiu o vermelho da minha boca? — Pergunto baixo.

— Sim, docinho. — Entorta os lábios.

Encaro sua boca, sentindo vontade de devorá-la. Quero ele com todas as minhas forças. De uma forma tão obsessiva que fico sem fôlego.

— Arcane, venha aqui. — Kol acena enquanto acende um cigarro. Kalon libera minha cintura do seu toque.

— Vá jogar sinuca com Minerva. — Encaro o volume na bermuda do meu noivo. — Vou me divertir com seu irmão.

Me ergo, Kalon tem um olhar sombrio enquanto me assiste ser recebida por Kol.

— Quer mais cerveja? — Me oferece.

— Não, mas que tal dançar? — Puxo sua mão para onde Nimue está dançando com Ajax, sem parar nem um segundo. Se ela realmente detestava dançar, esse garoto está transformando sua vida.

— Adianto que não vou dançar como esse imbecil. — Aponta. Dou risada, balançando meu quadril e rebolando ao som de *El Efecto*, já que a música se repete.

Puxo suas mãos para segurar minha cintura, invadindo um pouco do seu espaço para ajudar com seus movimentos.

— Desse jeito, está vendo? — Falo por cima do ombro, recebendo seu olhar cheio de surpresa.

— Que bela malemolência. — Resmunga impressionado, me fazendo rir.

Viro de frente e estendo meus braços sobre seus ombros, o que me deixa na ponta dos pés imediatamente. Kol segura minha cintura para eu não ceder.

— Tenho a impressão que está com raiva do meu irmão. — Kol ergue uma sobrancelha.

— Eu sempre estou com raiva. — Zombo, revirando os olhos. — Não gosto como aquela mulher está agarrada com ele. Quero matá-la.

Aperto os dentes. Kol faz uma careta e vira o rosto na direção onde Minerva está agarrada com a lateral do corpo de Kalon. Suas mãos apertam minha cintura com mais força, como se sentisse que estou prestes a sair daqui para matá-la.

— Minerva é casada. – Me olha cheio de graça.

— E daí? — Levanto uma sobrancelha.

— Ela é uma amiga da família, ajudou Kalon em um momento difícil, apenas isso. — Balança a cabeça com diversão.

— Preciso de mais bebida. — Faço uma careta, caminhando até a mesa para controlar meus pensamentos desenfreados.

Pelo visto, o vínculo com Kalon é mais forte e sensível do que imaginava. Pego uma nova lata de cerveja, engolindo tudo sem dar muita atenção às pessoas ao meu redor.

Kol está bebendo ao meu lado, e bate no meu ombro quando Atena surge cantando parabéns com um bolo em mãos. Eles estão cantando parabéns para Kalon. Assisto em silêncio quando todos os seus irmãos se aproximam e beijam sua bochecha, segurando o bolo para que ele sopre as velas.

— Faça um pedido grande. — Rajá diz com animação. — Algo que venha não apenas para você, mas para todos os seus irmãos.

— Deixe de ser egoísta, o pedido é só dele. — Kol balança a cabeça, dando uma risadinha amável.

— Já tenho tudo o que preciso. — Kalon arruma seu óculos de sol para trás, olhando para sua mãe e em seguida me procurando na mesa de bebidas. Ele me lança uma piscadela antes de puxar Ajax para um abraço. — Acho que o meu querido caçulinha pode fazer meu pedido esse ano também, o que acha? — Ajax revira os olhos.

— Todo ano eu faço o pedido por você, tente outra pessoa. — Dá risada. — Estou começando a acreditar que nada se realiza.

— Claro que realiza, você ganhou um iate. — Kol cruza os braços.

— Não conta, contei para vocês e Rajá comprou. — Entorta os lábios.

— Mentira. — Rajá limpa a garganta, fazendo de conta que não sabe nada.

— Meu amor. — Kalon estende a mão na minha direção. — Venha aqui, acho que pode fazer por mim.

Merda. Vou estragar tudo. Fico tensa e caminho para trás, mas Melissa me empurra para ir até onde ele está.

— Tem certeza? — Pergunto quando ele me abraça pela cintura.

— Totalmente. — Responde, me ajudando a ficar de frente para o bolo. — Pense em um bom pedido para realizarmos mais tarde.

Sussurra mais baixo, eu me inclino para frente, pensando em inúmeras coisas, e ao mesmo tempo, em nada.

Só não quero me sentir sozinha como me sinto agora, mesmo rodeada por tantas pessoas. O aniversário não é meu, mas, para Kalon, o dia parece ser da mesma forma que para mim: um pouco estranho, como se o evento não fizesse tanto sentido, como se estivesse faltando alguma coisa que jamais pode ser preenchida, e caso aconteça, será um insulto contra esse vazio que passou tanto tempo aqui que já faz parte da minha identidade.

Eu gostaria que a vida fosse mais fácil e leve, mas está sendo sombria e pavorosa.

Todos estão me olhando cheios de expectativa para soprar logo as velas. Fecho meus olhos, desejando que fique tudo bem, e derramo todo meu fôlego para apagar as velas.

Observo cada uma se apagando, até que todos batem palmas e recebo um grande beijo na minha bochecha.

Um sorriso tímido dança nos meus lábios e viro meu corpo de frente para Kalon quando Atena decide distribuir os pedaços de bolo.

— Então, trinta de junho é seu aniversário? — Agarro seu pescoço, compreendendo porque todos estão reunidos. — Se tivesse me dito com antecedência, eu deixaria a raiva e a mágoa de lado para te dar um presente.

— Já estou velho, presentes são para os mais novos. — Esfrega seu nariz no meu. — Isso é para os entusiastas, os que enxergam os aniversários como um ano a mais, e não a menos.

— O que posso fazer para ser um feliz aniversário? — Seguro seu rosto. — Vinte e seis, não é? Tome cuidado, já consigo ver os fios brancos. — Provoco, arrancando um grunhido dele.

— Dance comigo, peço isso desde a noite do nosso noivado. — Fala mais baixo. — Ainda te espero. — Aproxima seu rosto do meu.

Algo amolece meu peito ao ouvir seu pedido, e logo balanço a cabeça em concordância, puxando seu corpo para um lugar mais espaçoso.

Entrelaço minhas mãos ao redor do seu ombro e começo a balançar meu quadril, estremecendo com seu toque nas minhas costas, me puxando para tão perto que meu peito explode, sendo consumida por tantas emoções que não consigo encontrar as palavras certas para descrever.

Sinto sua bochecha contra a minha quando ele guia meus passos pelo gramado confortável.

— Você está feliz? — Sussurro. — Costuma ter aniversários felizes?

— Não, nenhum aniversário foi totalmente feliz. — Balança a cabeça em negação. — Acho que os filmes romantizam muito essas coisas. Compreendo que existem pessoas que realmente tem um aniversário feliz, planejam, chamam todos os amigos, e cada um aparece para comemorar de todo o coração. — Olha ao redor, observando as pessoas comendo bolo. — Mas, isso é para pessoas perfeitas, que se amam, que estão felizes consigo mesmas.

— E como são os aniversários para você? — Esfrego meu nariz no seu, quase encostando em seu lábio para sentir seu gosto.

— Solitários, mesmo estando rodeado de pessoas. — Balança os ombros. — Solitários porque não tenho o luxo de olhar para dentro do meu peito e sentir que estou no caminho certo, porque já tenho vinte e quatro, e ainda não me conheço totalmente. Para o que fui feito, o que mereço. Os aniversários me trazem uma profunda reflexão sobre isso.

— Você não recebe presentes? — Inclino a cabeça para o lado.

— Não muito. — Balança os ombros. — Não faço muita questão disso, já tenho tudo que preciso. — Seus olhos estão brilhando de forma melancólica. Kalon engole em seco e olha ao redor mais uma vez. — Meus irmãos são os únicos que aparecem, meu pai nunca esteve presente na minha vida, e todos os anos continuo me sentindo da mesma forma. — Seu olhar é pesado quando volta a me encarar. — Você é a única novidade por aqui.

Dou risada, mas paro quando o som da sua risada se mistura à minha. É uma junção boa, me causa arrepios e surpresa. Nossas risadas se encaixam tão bem que fico nervosa.

— Sinto muito por seus livros. — Encosta sua testa na minha e seus olhos se fecham. — Sinto muito mesmo, amor.

Meus olhos ficam marejados, ninguém nunca disse que sente muito por algo que me fez, e isso me deixa sensível.

— Também sinto muito. — Falo baixo. Sinto por tanta coisa que seria um desastre universal abrir a boca para citar cada uma delas. — Mas, me diga seu livro favorito para eu ler.

Kalon me gira, meu estômago estremece e meu corpo volta para se encaixar no seu.

— Não é um livro. — Me encara. — É uma poesia que li quando estava explorando a biblioteca da escola, desde então, guardei na mente. — Limpa a garganta. — Que ouvir?

— Sim, como começa? — Acaricio sua nuca, trazendo seu rosto para mais perto na intenção de ouvir seus sussurros poéticos.

— Se fosses louca por mim? — Começa, me olhando como se estivesse contando um segredo. — Ah, eu corria na praia, subia na pedra

mais alta. Altivo e parado vendo o mundo pousado aos meus pés. — Esfrega seu nariz no meu, me causando arrepios. — Porquê não me dizes, morena, que é louca varrida por mim? — Fala com um sotaque maravilhoso que me arranca uma gargalhada sincera. Kalon grunhe, deixando um beijo no meu queixo. — Eu te conto um segredo, te levo a boate, dou vodka pra você beber… Teu amor é tão grande, parece um luar, mas lhe falta a loucura do meu.

Fico parada quando ele segura os dois lados do meu rosto, acariciando minhas bochechas com o polegar, sem desviar sua atenção para nada além dos meus olhos e meus lábios.

— Olhos doces os teus. — Sussurra mais baixo, controlando toda minha respiração. — Mas, por que tão distantes de mim? — Sua mão desliza por meus braços, por cada traço do meu ombro e por minhas costas. — Lindos braços e um colo macio, mas por que tão ausentes dos meus?

— Ah, se fosses louca por mim, Arcane mou... — Aponta o dedo na minha direção, me fazendo rir alto. Tento controlar minhas bochechas vermelhas por ele ter colocado meu nome na poesia. — Eu comprava pipoca, saía correndo e de repente me colocava a cantar, dançaria convosco um bailado nervoso e sutil. — Ergue minha mão, me girando quando me puxa para dançar novamente. — Se você fosse louca por mim, a gente ia ao mercado ao nascer do dia, ia ver o avião levantar… Tanta coisa eu fazia se você fosse louca por mim.

— Com quem aprendeu a declamar poesias de um jeito tão lindo? — Questiono, estou totalmente hipnotizada com seus olhos brilhantes e as palavras que saíram da sua boca.

— Com Rajá. — Revira os olhos. — Desde garoto eu apenas lia, passava os olhos, mas foi vendo ele declamando que tive um pouco de coragem para fazê-lo também.

— Rajá não parece esse tipo de pessoa. — Fico mais impressionada que antes.

— Fique perto dele e verá. — Deixa um beijo estalado na minha bochecha. — Meu irmão sempre tem uma poesia guardada para declamar em ocasiões como essa.

Sorrio largo, olhando na direção que Rajá está conversando com seus outros irmãos e Pavlos.

— Não sabe o quanto estou louco para levá-la ao seu quarto e pegar meu presente. — Kalon morde o lóbulo da minha orelha enquanto sussurra.

Sua palma desce por minha coluna, até apertar meu traseiro apertado no short jeans. Sua respiração está trêmula, a minha também.

— Não vai beijar minha boca antes? — Encaro seu rosto.

— Se eu fizer isso aqui. — Afasta seu rosto da minha bochecha e encara meus lábios. — Não vou me conter em fode-la na frente de todos.

Eu grito alto, não por causa das suas palavras profanas, mas porque meu corpo é levantado do chão pelas mãos de Ajax.

— Pensou que ia roubar meu pedido de aniversário e ficar por isso mesmo? — O caçula zomba, me segurando com tanta facilidade que me surpreendo.

— Kalon mou! — Estendo a mão para segurar seus dedos quando fico de cabeça para baixo.

— Devia matá-lo, Arcane mou. — Ele não me salva, pelo contrário, solta uma gargalhada atrevida enquanto persegue seu irmão lentamente.

Observo seus braços cruzados enquanto me observa esmurrar as costas do Ajax.

— Seu malandrinho! Você me paga, Ajax! — Percebo que ele está indo para a piscina. Me desespero para escapar, mas, quando estou quase conseguindo, meu corpo é engolido pela massa d'água.

Adrenalina chicoteia minha coluna quando um outro corpo pula na água. Reconheço mesmo que a água esteja agitada. Sua palma firma na minha bunda de forma possessiva enquanto puxa minhas pernas contra seu quadril.

No momento que agarro seus ombros, ele submerge e a gravidade me impulsiona a apoiar meu rosto contra o seu. Estou ofegante e estremecida. Seus lábios estão tão perto dos meus que sinto dor.

— Tire a roupa! — Sopra contra minha boca quando Ajax se apoia na borda e caminha até seus irmãos, dando risada e pulando em cima de Nimue.

— O que? — Volto minha atenção para Kalon, meus lábios tremendo.

— Tire a roupa… — Sussurra mordaz, abrindo os botões do meu short. — Vamos foder, amor. Bem aqui.

— Não, todos vão ver. — Balanço a cabeça ofegante, mas tão excitada com sua proposta insana que levanto os braços para que me ajude a tirar a regata molhada.

Meus seios balançam, cobertos pelo biquíni rosa. Kalon atira minha blusa contra as costas de Ajax como se fosse uma bola de neve.

— Quem foi? — O mesmo estremece e gira na nossa direção, impressionado com a mira certeira do meu noivo.

Minhas bochechas ficam vermelhas quando Kalon lambe meu queixo e mostra o dedo do meio para ele.

— Na próxima vez que você tocar na minha mulher, arranco suas mãos de uma vez por todas! — Arrepios apertam meu corpo quando seus dentes marcam meu pescoço.

— Arrrghhh! Ainda bem que não sou cão sem dono! — Ajax vira o rosto.

Suas bochechas foram possuídas por uma tonalidade vermelha que rapidamente também se espalha nas minhas. Mesmo que ele seja louco, não é certo que seu irmão (também louco) o envergonhe dessa forma.

— Kalon, pare com isso! — Não tenho outra escolha além de agarrar seus ombros, tremendo de prazer quando seus dedos se perdem dentro do meu short.

— Quieta, Arcane mou. — Separa seus lábios do meu pescoço, a mão também se afasta, agora puxando o short enquanto me olha. — Ou eles vão ouvir o que estou fazendo com você.

Rosna contra minha boca, tirando sua camisa e ficando apenas com a bermuda. Observo quando abre a carteira molhada, onde tem várias embalagens de preservativo.

Kalon veste sem pudor e deixa a carteira atrás de mim, na borda. Meu rosto fica contra o seu, estou ofegante, seus dedos correm livremente pela minha bunda tatuada, até que a calcinha é puxada sem muita paciência.

— Kalon mou… — Reivindico sua boca, cheia de fome. Marco minhas unhas em seus ombros quando sinto seu pau esfregando contra minha entrada. — Pelo amor de Deus, eles vão…

Minha última tentativa de sanidade é interrompida por um suspiro sensível, seus dentes se apertam no meu lábio para engolir meu gemido prazeroso.

— Eles não se importam, amor. — Geme contra minha boca. — Somos pecadores natos. Fazer sexo é a última coisa que vai chocar nossa família.

Porra, não consigo pensar racionalmente quando ele faz movimentos profundos e exigentes para dentro da minha boceta. Me agarro aos seus ombros o quanto posso quando a alça do meu biquíni cai com seus movimentos bruscos.

Reviro os olhos, observando por cima do ombro a varanda onde todos estão sentados. Eles estão rindo e conversando alto, meu coração bate desenfreado com essa adrenalina de estar fazendo algo proibido. A música está mais alta que antes, ou talvez seja minha sensibilidade.

— Está gostando? — Resmungo em concordância.

Kalon grunhe e chupa minha boca enquanto aperta minha bunda, empurrando minhas costas contra a parede da piscina. Minhas pálpebras pesam de prazer.

Meu corpo pulsa em alerta, consumido pelo medo e adrenalina de alguém nos ver, e essa sensação é tão deliciosa que me move contra seu pau em busca de mais contato. Meu coração está latejando, Kalon interrompe uma estocada quando a água se agita demais, estamos atrás de um vaso de plantas e todo meu corpo entra em combustão quando ouço passos.

— Kalon… — Sussurro em um gemido. — Estão vindo.

— Então goze para mim. — Sou consumida por seus olhos verdes cheios de prazer.

Minhas pernas estão trêmulas de prazer, cada movimento do seu quadril contra meu corpo me causa tontura, aumenta esse monstro possessivo no meu peito.

— Kalon mou? — Minerva chama do outro lado da piscina. Meu corpo treme de raiva.

Aperto o corpo do meu homem com mais força, e nenhum de nós paramos o que estamos fazendo. Meus olhos se erguem para vê-la nos assistindo do outro lado da piscina.

Os braços cruzados e uma expressão surpresa, mas controlada, enquanto acompanha o movimento do quadril dele para dentro de mim.

— Estou quase lá, Kalon mou. — Fecho meus olhos, minha respiração está ofegante demais contra seu ouvido.

— Goze, meu amor! — Rosna. Mordo seu lábio até sentir gosto de sangue. — Porra, tão gostosa! — Me fode com determinação enquanto rasgo suas costas para me desfazer da raiva em ser assistida por essa mulher.

— Preciso de você só por vinte minutos. — Minerva leva as mãos na cintura no momento em que Kalon se recolhe para fora de mim.

— Estou indo. — Meu noivo ergue a cabeça, olhando para ela com os olhos apertados e um sorriso tão possessivo quanto o meu. — Vire as costas, Minerva, não olhe para o que é meu.

Aperta minha bunda ao proferir essas palavras, ajeitando minha calcinha no lugar e se livrando do preservativo usado. Ainda estou tremendo com os espasmos do orgasmo, e com a raiva iminente.

Meu corpo está levitando e só quero Kalon dentro de mim pelos próximos minutos, mas o contrário acontece.

— Me espere no seu quarto. — Beija minha boca. — Logo vou atrás de você para terminarmos com isso.

— Se você me procurar ainda hoje, eu te mato. — Resmungo contra sua boca, mais agressiva que nunca.

— Pedi para não dizer isso. — Ele sussurra baixo, saindo da água e pegando a mão de Minerva para sair da piscina.

— Filho da puta. — Cuspo as palavras quando Minerva me lança uma piscadela e sai segurando sua mão.

Observo sua pele nua e marcada sumir pelo jardim. Saio da piscina pronta para matá-los enquanto visto meu short, mas os dois se trancam no escritório de Yuri, aumentando meus pensamentos assassinos.

24. PESADELO

“Eu escolho te amar em solidão,
porque em solidão, mais ninguém te tem senão eu. ”
— MEVLANA.

Arcane Planard

Eu nunca durmo sozinha porque ela costuma me visitar. Mas, hoje aconteceu. Encolho minhas pernas quando calafrios sobem pela minha coluna. Sinto que ela está parada bem ao meu lado.

Fecho meus olhos, tapando meus ouvidos com força quando o som da sua voz começa a me atormentar. Em algumas noites, me rendo a esse pesadelo porque sinto saudades dela, porque isso é tudo que nos conecta e eu gostaria que tudo estivesse bem entre nós.

Mas agora, estou com medo. Muito medo.

Niko apenas me condena e me tortura, não há conversa entre nós, nunca mais existiu isso depois daquele domingo de agosto em que tudo começou. Ela arruinou tudo dentro de mim, e agora, não passo de uma pessoa confusa e quebrada.

Quero tanto compreender porque ela estava tão determinada a me matar. Éramos tão felizes juntas, como se nada pudesse nos separar.

Também quero implorar pelo seu perdão ao ter ceifado sua vida, pois não há nada mais doloroso do que ser uma pessoa que precisa de perdão para continuar vivendo, mas nunca recebe.

— Está mesmo aqui? — Sussurro baixinho, meu peito está apertado e me sinto desconectada da realidade.

Tudo está tão distante, frio e solitário. Como se eu estivesse presa em um filme de terror.

— *Estou, criança*. — Sua voz é assustadora, até consigo sentir a ponta dos seus dedos raspando por cima do edredom, tentando me desenrolar.

— Você veio para ficar ou apenas para partir meu coração novamente? — Abro os olhos, mesmo com medo de olhar por cima do ombro e ver seu fantasma.

— *Vou fazer você pagar por tudo que me fez, Arcane.* — Responde. — *Vou te atormentar até o fim dos tempos.*

— Sinto sua falta. — Minha voz está trêmula. — Queria entender porque parece que desistiu de mim naquela noite. – Tento engolir o choro preso na garganta.

— *Eu nunca estive ao seu lado de verdade.* — Ela dá uma risadinha assustadora, como se fosse divertido sentir pena de mim. — *Ninguém consegue amar uma pessoa como você, criança.* — Tapo minha boca quando sinto seus lábios contra meu ouvido, cuspindo as palavras para dentro da minha cabeça. — *Pessoas como você não tem melhores amigas.*

— Por que não tenho? — Balanço a cabeça em negação, tentando me livrar do sentimento de que ela está tocando meus cabelos.

— *Porque você é quebrada demais, confusa demais…* — Seus sussurros ecoam pelo quarto. — *Cansativa demais. Sua vida não tem continuidade, você é o mesmo disco arranhando de sempre, uma estátua, você não consegue evoluir.* — Choro fraco, implorando para que Deus silencie seu fantasma. — *As garotas da sua idade não gostam de fazer amizade com uma menininha danificada como você, Arcane, que não se encaixa em porra nenhuma, que faz tudo errado, que está presa e amarrada. Até o jeito que você fala, criança, é vazio e quebrado.* — Outra risada sai dela, outro soluço sai da minha boca. — *É por isso que as pessoas apenas fingem, assim como eu passei anos fingindo.*

Fecho os olhos e rezo fervorosamente para que Deus tire esse fantasma daqui. Balanço a cabeça em negação, perdendo o fôlego quando esse medo profundo faz minha vista escurecer. Odeio que a única forma em que tenho Nikoleta comigo seja através do seu fantasma. A única maneira de matar a saudades que sinto.

Me sento na cama, erguendo o rosto e tomando coragem para vê-la entre a escuridão. Parada e altiva me assistindo. As mãos cheias de sangue enquanto segura a mesma barra de ferro que usou anos atrás para me atacar. Seus olhos estão mais vazios que nunca. Sua pele está tão pálida que sinto medo de continuar olhando. Sangue escorre da sua cabeça, pingando no seu vestido branco.

Essa é a visão do meu inferno, os traços da minha maldição, o momento em que morri de verdade e ninguém me enterrou. Estou presa para sempre no dia que matei a minha melhor amiga, no dia que ela não me deu nenhuma palavra que me fizesse compreender o que nos tornamos. Ela apenas virou um fantasma.

— Não queria matar você. — Lágrimas escorrem por minha bochecha. — Só queria ser sua amiga para sempre…

— *Mentirosa! Acha que não vejo o quanto gosta de matar?* — Ela avança lentamente. — *O quanto sente adrenalina, o quanto deseja por isso.*

— Não diga isso. — Imploro, temendo que seja verdade.

— *Você é suja pra caralho, Arcane!* — Ataca, erguendo a barra de ferro.

Meu corpo balança de susto e cubro meu rosto com as mãos, não querendo vivenciar isso novamente. Talvez eu tenha desmaiado, de exaustão ou medo, pois acordo com alguém acariciando meus cabelos. Um vento frio vem da sacada aberta, onde as cortinas balançam suavemente.

— Arcane mou? — Ouço um sussurro distante, tão distante que fico com medo. — Arcane, fale comigo. — Pisco, como se um véu tivesse saído dos meus olhos.

— Melissa? — Minha voz está cheia de medo, aperto os dedos, implorando mentalmente para que seja ela. — Você está aqui?

– Sim, estou bem aqui. — Seu corpo quente entra debaixo do edredom, respiro aliviada, pulando com tudo em seus braços e agarrando seu corpo.

— Tive um pesadelo horrível. — Fecho meus olhos, chorando.

— *Talvez você ainda esteja tendo um pesadelo.* — A voz sussurra atrás de mim, agora mais alta, sua sombra tapando todo o espaço da sacada aberta.

— Não… — Tremo quando o corpo da minha irmã some.

— *Vamos brincar, Arcane…* — Nikoleta arrasta a barra de ferro no chão. — *Vamos brincar de matar, criança.*

Olho por cima do ombro no exato momento em que vejo a figura ensanguentada correndo na minha direção. Grito alto, cheia de angústia e culpa, me esperneio na cama e esfrego meu rosto repetidas vezes.

— Por favor, não! Não! — Grito. — Acorde! Acorde!

— Arcane? — A porta do meu quarto se abre. Levanto a cabeça com lágrimas nos olhos, meu coração retumba como uma bomba relógio. Respiro pesadamente e tomo coragem para levantar e sair daqui.

Meu corpo esbarra no de Kalon quando ele adentra depressa, percebendo que não respondi seu chamado.

— Porra. Você está tremendo. — Ele desliza sua palma pela minha coluna.

— Estou sonhando? — Falo ofegante, completamente suada.

— Não está. — Ele segura meu rosto com as duas mãos, respirando contra minha pele e me ajudando a ficar estável.

Espalmo seu peito. Suas roupas estão molhadas, mas não ouço mais ninguém lá fora. Quando Kalon saiu com Minerva, eu me tranquei no meu quarto e só acordei agora.

Olho por cima do ombro, a sacada está aberta e chovendo, a névoa fria adentra meu quarto, deixando tudo terrivelmente sombrio e insalubre. Já está de noite, muitas horas se passaram.

— Você estava esse tempo inteiro com Minerva, não é? — Empurro seus ombros quando Kalon tenta aquecer meu corpo no seu. — Devia voltar para ela!

— Garanto que Minerva não é minha amante, e muito menos minha prioridade nesse momento. — Agarra meus dedos, me puxando contra seu corpo como se fosse difícil ficar longe. — O que aconteceu? Está tremendo muito.

— Não me pergunte, não finja que se importa. — Bato no seu ombro, ofegante e raivosa por lembrar da forma que esse homem me deixou sozinha para ficar trancado com ela no escritório.

Kalon abre a boca, um trovão explode nos céus, clareando tudo ao redor. Grito alto quando penso ver a sombra ensanguentada de Nikoleta parada na porta.

— Por favor! Me esconda! — Me atiro nos braços desse homem para ter certeza que não é outro pesadelo, preciso de qualquer coisa que me salve dos meus pensamentos.

— Arcane mou. — Acaricia meus cabelos, respirando ofegante. — Você está bem? Acaba de me dar um susto grande! — Me observa cheio de procuração, esfregando sua testa na minha.

— Acho que estou ficando louca. — Lamento em um resmungo, esfregando meu rosto para afastar a expressão de medo.

— Não está. — Aperta minha bunda, puxando meu corpo contra seu tronco molhado. — Garanto que não.

— Quero beber alguma coisa quente. — Levanto a cabeça, engolindo meus sentimentos conflitantes. — Por favor, venha comigo. — Deslizo os dedos pelo seu sobretudo molhado da chuva, até que encontro sua mão.

— Vamos. — Kalon caminha até a cama, pegando minha coberta e envolvendo meu corpo vestido apenas por uma lingerie nude. — Vou fazer uma caneca de chocolate quente para nós dois.

Entro debaixo do seu braço, me agarrando no seu corpo como se fosse o único gole de sanidade no meio desse caos. Ainda estou com raiva de Kalon, principalmente porque vejo que ele está me escondendo alguma coisa em relação a Minerva, mas não sinto forças para discutir sobre isso agora.

— Onde estão minhas irmãs? — Pergunto quando atravessamos o corredor escuro e frio.

— Melissa foi cedo deitar, e Yuri carregou uma Nimue dorminhoca para o quarto faz meia hora. Depois saiu. — Olho para a janela marcada pelo orvalho. — Meus irmãos foram embora cedo, mas eu fiquei vigiando vocês.

Concordo, entrando na cozinha e ajudando-o a remover seu sobretudo molhado. Kalon treme de alívio quando finalmente fica livre dele, me aproximo, abrindo os botões da sua camisa que está grudada nos seus músculos.

— Sabe para onde meu pai foi? — Pergunto.

— Não. Papai ligou para ele às pressas. — Suas mãos apertam meu edredom quentinho. — Posso me esconder com você?

— Pode. — Abro os braços, com uma facilidade absurda, ele me coloca em seus braços e ficamos sentados em uma cadeira.

Deito a cabeça no seu ombro ouvindo os sons da chuva, sua palma desliza pela minha coluna, cantarolando baixinho.

— Como vocês se reconciliaram? — Pergunto baixo, a mão de Kalon vacila por alguns segundos.

— Entramos em um acordo. — Pressiona os lábios na minha bochecha. — Cheirosa. — Ronrona, me apertando.

Solto risada com seu elogio inesperado, e me distraio com o som da chuva batendo na janela. O cheiro úmido traz relaxamento ao meu corpo por inteiro.

— Já pensou em morar no interior? — Pergunto baixo. — Um lugar muito distante disso tudo.

— Me imagino sempre deitado em um campo verde. — Me olha, sorrindo torto. Acaricio seu cavanhaque, descobri que tenho uma enorme queda pelo seu estilo. — Mas alguém daria um jeito de me colocar nesse fogo cruzado novamente.

Ficamos em silêncio por bastante tempo, e quando nossos corpos são aquecidos o suficiente, Kalon faz menção de levantar para preparar o chocolate quente.

Permaneço sentada, assistindo-o se movimentar na cozinha com praticidade. Vez ou outra ele me encara por cima do ombro, fazendo um elogio descarado.

— Você está sempre usando esse colar. — Aponto para o pescoço, indicando sua corrente de prata. — Realmente é tão religioso assim? No começo pensei que fosse mentira.

— Eu preciso ser, tenho fome disso. — Limpa a garganta, seu olhar é pesado agora.

— Por que precisa ser? — Juntou as sobrancelhas. Kalon parece se esforçar muito por isso.

— No meu momento mais difícil… Não era mamãe, papai, meus irmãos ou algum melhor amigo que estava ao meu lado. — Responde. — Foi um senhorzinho que me encontrou bêbado na rua, uma semana depois de coisas horríveis terem acontecido. Ele me falou que Deus era o único capaz de entregar salvação para uma pessoa como eu, e acredito nisso até hoje.

— Acredita que pode ser salvo? — Pisco. — Mesmo com tanto sangue em suas mãos e toda essa vida sombria que idolatra? — Minha pergunta é feita da forma mais amável e curiosa que consigo expressar.

— Não. — Kalon balança a cabeça em negação. — Não tenho certeza da minha salvação, mas, tenho certeza que Deus é o único que pode salvar as pessoas. — Fico em pé, avançando na sua direção até ter o seu escapulário entre meus dedos. — Acredito que Ele pode salvar as pessoas inocentes que matei, que, de alguma forma, elas estão com Ele, entende?

— Sim, entendo. — Balanço a cabeça em concordância. — E por causa deles, acredita que Deus é bom com você? Que é justo?

— Acredito. — Pisca. — Deus é bom o tempo inteiro, e mesmo eu sendo tão errado e imerecedor, sou amado da mesma forma que uma pessoa pura e inocente. — Seu dedo indicador desliza pelo meu nariz. — Loucura, não é? Deus me ama tanto que me enviou uma mulher linda para me lembrar todos os dias da Sua bondade e misericórdia.

— Acha que Deus me enviou? — Dou risada, ficando animada. — É mais fácil que tenha sido o diabo, Kalon mou!

— Bom, esse assunto é negociável. — Aperta os olhos, esfregando o nariz na minha bochecha. — Você é mesmo muito endemoniada, principalmente quando se trata de outras mulheres perto do seu homem.

Reviro os olhos com sua gargalhada grave e tranquila, mas não deixo de rir junto.

— Agora fiquei curiosa. — Afasto meu rosto. — Se tem tanta convicção, acha que Deus fala contigo através de alguma coisa? Como

naquelas histórias bíblicas? — Junto às sobrancelhas, meu conhecimento sobre religião é uma coisa limitada e vazia.

— Às vezes, Deus manda um passarinho. — Me olha divertido. — Uma pessoa na rua, uma frase estampada em algum lugar. — Limpa a garganta. — Uma companheira.

— Isso é tão melancólico. — Balanço a cabeça, esfregando os lábios na sua pele. — Mas, confesso que me diverte ver que me enxerga como um milagre.

— Você é. — Kalon inclina a cabeça para o lado, me observando como se eu fosse uma criatura de outro planeta. — Única. Imaterial. Perfeita.

— Tudo isso? — Torço os lábios, não conseguindo conter minhas reações.

— Tem um lugar em Jerusalém chamado muro das lamentações. Considerado sagrado. Santíssimo. — Me olha depois de uma pausa. — Sabe por que?

— Por que? — Levanto a cabeça, meus lábios encostam no seu queixo.

— Naquelas paredes, empurrado entre os blocos, existem tantos bilhetes pedindo por alguma coisa... — Seus olhos brilham. — Eles pedem por tudo que você possa imaginar. Um lugar cheio de esperança.

— Isso é incrível. — Tento formar todos os cenários na minha cabeça.

— Te considero como minha Jerusalém. — Completa. — Como meu muro das lamentações.

— Isso não é uma blasfêmia? — Arregalo os olhos.

— Talvez. — Balança os ombros. — Mas, sou profano desde que vim ao mundo, um pecador errante, e muito religioso quando se trata da minha obsessão por você.

Não tenho outra reação além de sorrir, chocada e estremecida com o nível das suas palavras, o peso da devoção no seu tom de voz.

— A maioria dos gregos são islâmicos, mas você, uma pessoa influente e herdeiro da Alkyóna, não é como eles. — Acaricio seu queixo, gostando da maciez do seu cavanhaque. — Gosto disso.

— Confesso que isso já trouxe alguns conflitos com outras organizações. — Balança a cabeça. — Mas, minha mãe sempre respeitou a escolha de cada um, Rajá foi o principal enfrentante para me dar essa liberdade, me protegendo da reprovação do papai.

Rajá deve ser o único que luta por essa família como Ivan não faz. Nem mesmo ao aniversário do filho ele compareceu, não que a ausência seja surpreendente vindo de um homem como aquele que só se importa com o poder e triunfo, mas, no fundo, um filho sempre espera pelo seu pai.

— Está pronto. — Aponta para meu copo com chocolate quente. — Vamos beber no quarto.

Passei tanto tempo submersa no assunto que nem percebi que ele estava fazendo enquanto conversamos.

Me pergunto se meus dias serão assim, na sua companhia e recebendo um pouco dos seus cuidados, se isso de alguma forma é normal e certo para pessoas como nós.

Kalon inclina a cabeça para o lado quando percebe que não o segui para fora da cozinha.

— Você não vem? — Une as sobrancelhas, estendendo a mão na minha direção.

— Todos os casais vivem esse tipo de rotina? — Não controlo meus pensamentos.

— Os que se gostam, sim. — Sua voz é risonha. — Por que?

— Por nada. — Balanço a cabeça.

Nunca vou dizer em voz alta, mas a verdade é que não estou acostumada com essa calmaria profunda. Tenho dificuldade para processar e entender que é correto viver isso. Não consigo me alimentar dessa normalidade, dessa sensação pacífica e comum que se expande no meu peito.

Para uma pessoa que passou a vida se alimentando apenas do caos e instabilidade, acho que leva tempo até se acostumar com uma nova realidade. Leva bastante tempo e esforço até ter seus olhos acostumados com a luz e não com as trevas. Muitas lágrimas caem nesse processo, pois é incandescente e assustador.

Tenho a sensação de que existe algo à espreita esperando o momento certo para tirar isso de mim e me jogar em outro inferno. Como se fosse uma questão de tempo até tudo voltar às cinzas.

Olho para Kalon, aceitando sua mão estendida e essa falsa ilusão de que estou vivendo uma vida normal dentro de um mundo que está destinado à condenação

É só questão de tempo até a bolha explodir e tudo vir à tona, pois sei que ele esconde coisas de mim e que não vai explicá-las, como o fato dele e Yuri terem trazido Pavlos para a nossa casa e nossos negócios, talvez tenha sido uma ameaça pacífica para mostrar que estou presa em suas mãos, ou talvez seja apenas uma manipulação doentia.

— Kalon mou! — Pulo nas suas costas quando entramos no meu quarto. — Vamos assistir um filme até a chuva passar?

— Arcane mou! — Ele estremece, segurando as duas canecas de chocolate com mais força para não derramar, ao mesmo tempo que tenta agarrar minha perna deslizando por seu quadril.

Fecho os braços ao redor dos seus ombros quando ele coloca as canecas na cabeceira e se joga na cama, me derrubando para frente. Uma gargalhada agressiva sai dele, e rapidamente sou puxada pelas pernas até estar de frente para seu corpo que paira acima do meu.

— Não pule em cima de mim desse jeito. — Rosna contra meu queixo. — Tenho um reflexo do caralho.

— Não tem, não. — Sacudo a cabeça divertidamente. Observo seus olhos por um tempo, meus dedos se perdem no seu colar prateado, puxando-o para mais perto. — Eu estive pensando…

— Em mim? — Arqueia uma sobrancelha.

— Sim. — Concordo. — Se você desistir dessa ideia de casamento, posso pensar em ser sua namorada. — Confesso em um gole de coragem para ir contra essa ideia.

Por mais que eu tenha me rendido ao seu lado sujo e perverso, ainda não quero esse casamento. Ninguém perguntou se era a minha vontade, e não quero ser forçada a uma coisa que nossos pais decidiram por ego e poder.

— Sabe que não funciona assim. — Kalon vira o rosto, tenso. — Não posso simplesmente ir contra essa decisão.

— Você tem mais poder para ir contra eles. — Seguro os dois lados do seu rosto. — Eu não quero me casar, Kalon.

— Por que não? — Junta as sobrancelhas. — Você é minha, Arcane. Sua alma é minha para atormentar, eu te disse.

Balanço a cabeça orgulhosamente. Eu não amo esse homem para passar a vida ao seu lado. Gosto do sexo bruto e perverso, dessa obsessão, mas não consigo engolir a ideia de entrar para sua família apenas porque nossos pais querem mais poder.

— Saia de cima de mim. — Peço, tentando afastar minhas pernas do seu quadril. — Perdi o clima para um momento bom.

— Não. — Kalon faz o contrário, esfrega seu corpo com força contra o meu, mostrando o quanto seu pau está duro. — Vou colocar dentro de você que vamos nos casar, que você me quer, e ficaremos juntos até mesmo no inferno.

Meus lábios se abrem para protestar raivosamente, mas ele bate seus lábios no meu, me roubando um beijo exigente e pecaminoso.

— Estou dolorida, Kalon. — Aperto a corrente no seu pescoço, na intenção de afastá-lo, mas ele esfrega seu membro contra minhas pernas, gemendo de um jeito tão delicioso que me desestabiliza.

— Prometo pegar leve. — Morde meu lábio, chupando enquanto puxa minha calcinha para o lado. — Meu aniversário ainda não acabou, mereço meu presente pecaminoso por ser um menino muito mau com você, não acha? — Choques de prazer agridem minha barriga quando seus dedos raspam minha boceta.

O aperto da corrente no seu pescoço deixou de ser uma tortura e virou uma rede de apoio quando começo a rebolar contra seus dedos.

— Desde quando garotos malvados ganham presentes? — Rosno, agarrando seu antebraço com a mão livre para fugir da tortura. — Minhas irmãs vão nos ouvir, Kalon.

— Porra, Arcane mou. — Puxa sua calça para baixo, massageando seu pau inchado enquanto me olha. — Nós dois fodemos muito na frente deles, e agora está preocupada que nos ouçam?

Fecho meus olhos, envergonhada e excitada com as lembranças daquela piscina. Não me envergonho em gostar muito de transar em um lugar público, correndo o risco de ser flagrada. Toda aquela adrenalina volta a correr pelo meu corpo e Kalon percebe, interrompendo os movimentos dos seus dedos na minha boceta.

— Gostou daquilo, não foi? — Captura meus lábios com sua língua. — Diga que gosta de foder comigo, de ser errada e suja.

— Gosto, Kalon mou. — Aproximo minha mão do seu pau quente, massageando dolorosamente. — E acho que já sei qual seu presente. — Cada movimento da minha palma faz a sua glande bater na minha barriga, aumentando o fogo nos seus olhos.

— Porra, *kárdia mou!* — Seu rosto afunda entre meus seios, soltando inúmeros palavrões e apelidos carinhosos enquanto me morde com força.

— Gosta disso? — Espalmo seu traseiro com a mão livre. — Tão gostoso! — Minhas pálpebras tremem ao sentir meus dedos sujos com seu pré-gozo.

— Me deixe entrar em você! — Morde o bico rijo quando aumento os movimentos do meu punho. — Ai, amor! — Kalon estoca contra meu corpo como se estivesse me fodendo com força. — Isso está tão bom!

Nossas peles em atrito causam um barulho obsceno, principalmente a força da minha mão o masturbando. Meu corpo sufoca com o peso do seu, e antes que seu sêmen molhe minha barriga, interrompo os movimentos.

— Porra! — Kalon geme, mordendo meu pescoço enquanto suas costas tremem no ápice. — Você vai acabar comigo!

— Feliz aniversário! — Mordisco sua orelha quando meu corpo estala com seu cox batendo contra minha boceta.

Ele me reivindica com força e selvageria, meu corpo está tremendo de prazer ao ponto dos meus gemidos saírem descontrolados. Somos sujos pra caralho, impuros e condenados. Mas não há nada melhor do que ter esse homem me fodendo como se não houvesse amanhã.

— Minha! — Rosna contra meu pescoço, cravando os dedos na minha bunda e tomando espaço para foder mais rápido. — Filha da puta! — Reviro os olhos, seus movimentos ficam mais fundos e sufocantes quando aperto seu pescoço com a corrente.

— Isso é apenas meu. — Rosno contra sua boca, apertando suas costas quando o aperto na corrente se intensifica, trazendo sua boca para a minha.

— Estraguei sua inocência e você gosta, porra! — Kalon está sem fôlego, e provavelmente vai ficar a marca, mas estou viciada na forma como o prazer brilha em seus olhos e ele estoca como se fosse me rasgar. — Que foda de aniversário mais deliciosa, Arcane!

Minha vista escurece. Já não consigo lembrar do que estava com raiva, só consigo me contorcer de prazer a cada estocada que faz meu corpo levitar. Kalon vira na cama, sem interromper suas investidas, até que me vejo cavalgando contra seu pau de um jeito flácido e selvagem.

Esse som me excita. Procuro gemer baixo para me satisfazer melhor com o barulho dos nossos corpos em atrito.

— Venha aqui! — Inclino o rosto para frente quando ele abocanha meus seios em meio a cada cavalgada agressiva. — Gostosa! — Um tapa na minha bunda seguido por um palavrão feio.

Kalon suga minha boca para abafar meus gemidos e nos tornamos uma bagunça de saliva e choramingos sensíveis. Nunca me senti tão satisfeita quanto agora. Uma plenitude tão eletrizante que não consigo medir a força quando meus dentes se fecham no seu lábio.

Meu corpo balança em uma última rebolada exigente e cheia de fome, seu pau para estático dentro da minha boceta e consigo sentir algo quente me preenchendo ao ponto de escorrer.

Minha vista está escura, a audição explodindo. Kalon agarra minha cintura para que eu não desmaie de exaustão. Os tremores são tão intensos que seu nome adormece minha boca como uma oração.

— Gostosa demais! — Kalon dá um tapa ardente na minha boceta sensível quando tira seu pau de dentro. — Está satisfeita, minha deusa safada? — Outro tapa. Eu choramingo em resposta, escondendo meu rosto na curva do seu pescoço quando outro orgasmo me atinge.

— Me abrace com força. — Não quero me desgrudar dele.

— Já estou fazendo isso. — Beija meu ombro, tremendo, ofegante, tão contaminado por essa obsessão quando eu.

Os próximos minutos são uma batalha silenciosa para recobrar o fôlego. Meu corpo está adormecido por cima do de Kalon que me segura com força, sem dar espaço para que eu recue entre as almofadas.

— Por que tem uma tatuagem de Ícaro no seu braço? — Desliza a ponta dos dedos pelas asas dele no meu ombro direito.

Ele era o filho de Dédalo e é comumente conhecido pela sua tentativa de deixar Creta voando, tentativa frustrada em uma queda que culminou na sua morte nas águas do mar Egeu, mais propriamente na parte conhecida como mar Icário.

— Ninguém fala de Ícaro depois da queda, sua jornada termina quando seu pai o perde de vista, quando seu corpo bate na água e abafa seus gritos. — Respondo, erguendo minha cabeça para encarar seus olhos. — Mas, e se Ícaro não tivesse morrido? Por que a queda o mataria quando ele voou tão alto para tocar a carruagem de um deus?

— É um ponto de vista interessante. — Kalon balança a cabeça. — Nunca parei para pensar.

— Para mim, significa liberdade. — Respondo ao aproximar meu rosto da sua pele, respirando seu cheiro.

Passamos as próximas horas em silêncio, com Kalon descobrindo cada tatuagem nova e deslizando seus dedos por cima. Faço o mesmo nas suas, até que o sono me invade em meio a chuva que não cessa lá fora.

No dia seguinte, continua chovendo e fazendo tanto frio que Kalon permanece agarrado comigo a manhã inteira. Meu corpo não deixou de ser aquecido pelo seu em nenhum momento. E, durante a tarde, nós cochilamos enquanto uma música agradável toca em seu celular.

— Arcane mou…— Seus braços me apertam com força enquanto respira profundamente, sonhando. Aparentemente, se permitirem, Kalon é do tipo que passa o dia inteiro de preguiça. Apenas dormindo em paz.

Fico estática o máximo que consigo, tentando imaginar um mundo feliz onde não existe um maldito fantasma me perseguindo e falando o

quanto sou um monstro. Seu telefone toca, acordando-o, mas eu permaneço quieta.

— Sim, Minerva? — Kalon atende no segundo toque.

Raiva sobe pelo meu estômago como fogo ardente, mas me mantenho deitada enquanto ouço a voz rouca do meu homem. Mantenho minha respiração em uma frequência sonolenta quando sinto o corpo de Kalon se aproximando do meu, então seus dedos deslizam por minha bochecha, me causando arrepios.

— Não posso sair agora, estou com Arcane. Ainda não comemos nada. — Sussurra. O silêncio se espalha por muito tempo até que ele volta a falar. — Não foi assim que nós combinamos, Minerva.

Meu peito aperta ao perceber que esse é o momento em que tudo volta a ficar cinza novamente. O que Kalon tem de tão importante para sair correndo atrás dela? A desconfiança machuca meu peito de uma forma que nunca experimentei antes.

— Tudo bem, já está anoitecendo, de qualquer forma. Pensei que você me daria mais um dia para ficar com ela. — Continua sussurrando, e esfrega sua palma por minha coluna tatuada, puxando meu corpo para mais perto do seu. — Por favor, não me diga nada por ligação, espere que estejamos de frente um para o outro. — Pausa, então uma gargalhada suave se espalha pelo quarto. — Certo, Minerva, até mais.

Kalon desliga e o mundo volta a girar da mesma forma, mas meu coração está tão pesado que não consigo revelar que estou acordada. O quarto permanece em silêncio, até que sinto seus lábios se esfregando contra meu ombro.

Uma angústia indecifrável machuca meu peito ao absorver a informação da sua ligação, como se ele estivesse me deixando, como se não fossemos nos ver novamente.

— Tão cheirosa. — Sussurra, esfregando meu cabelo solto entre seus dedos. — Eu morreria por você, Arcane mou.

Seu rosto afunda contra o meu, beijando meu queixo com tanto cuidado que seguro um suspiro. Frio machuca minha coluna quando ele se afasta para longe, ouço o barulho das suas roupas sendo vestidas, minutos depois, a porta se fecha e o quarto fica completamente em silêncio.

Me sento disposta a persegui-lo e descobrir o que está acontecendo. Pulo da cama e me aproximo da cortina para enxergar o jardim. Não está chovendo, já está escurecendo e sua figura alta e tranquila caminha entre as árvores, até que ele abre a porta do seu carro e desaparece.

Se Kalon não quis dizer o que está acontecendo entre ele e Minerva, eu mesma vou descobrir.

25. PELE E OSSOS

“Eu escolho te adorar á distância,
porque a distância me protegerá da dor.
— MEVLANA.

Kalon Somáli

Caminho pelo Museu da Acrópole, buscando algum sinal de Minerva. Não tive outra escolha além de vir encontrá-la.

— Está atrasado. — Ela surge, seu salto faz barulho.

As luzes estão acesas, assim como as fontes de água automática. Seu vestido elegante esvoaça com o vento frio.

— Dei o meu melhor para chegar a tempo. — Aponto ao redor. — Um lugar muito conhecido, não acha? E se tiver sido seguida?

— Não tenho motivos para que me sigam, meu marido é meu guardião. — Cruza os braços.

— Sorte a sua. — Limpo a garganta, afundando as mãos no meu bolso e encarando o solo branco molhado da chuva.

— Obrigada por me dar a chance de conhecer Arcane ontem, e me desculpe por ter provocado vocês o tempo inteiro. — Fica mais perto, ergo

meu queixo para analisar seu rosto. — Você tem razão, ela é inocente e muito boa, mesmo enciumada, não me atacou em nenhum momento.

Contenho um sorriso em meus lábios. Fiquei assustado que Arcane pudesse matar Minerva em algum momento, mas minha garota se controlou muito bem e não fez nada.

Trazer essa mulher para minha festa foi a forma que encontrei de convencê-la a me ajudar com o que preciso.

— Isso significa que ela tem oficialmente uma segunda chance para viver tudo que quiser? — Inclino a cabeça para o lado. — Sem algemas, sem jogos. Apenas viver como antes.

— Casada com você, Arcane vai ter isso. — Minerva balança a cabeça. — O acordo de casamento não será revogado por nada nesse mundo.

Balanço a cabeça em concordância, compreendendo que não há uma forma de cancelar esse casamento e deixar que ela viva sozinha em liberdade. Mesmo que Arcane descubra meus pecados em algum momento, não quero viver em um mundo onde ela não é minha esposa.

— Então, eles concordam que ela vai ficar bem ao se casar comigo? — Ergo uma sobrancelha. — Parece que a visão da Cúpula sobre mim mudou, quase como se fôssemos amigos.

— Não se engane. — Solta uma risada cética. — Eles esperam que isso dê errado e os dois morram juntos. Veja bem, duas pessoas condenadas como vocês, cheias de pecados, se matarem um ao outro os problemas com a Cúpula serão resolvidos.

Aperto os olhos na sua direção. Detesto suas palavras.

— Isso não vai acontecer. — Estalo a língua. — Vou fazer Arcane feliz e dar a vida que ela merece.

— Você não faz bem nem a si mesmo, Kalon. Está corrompendo ela, não a salvando. Tenho pena daquela garota por estar amarrada a uma pessoa como você.

Ergue a mão para acariciar minha bochecha, desvio meus olhos para os arbustos, não gostando como suas palavras me ferem venenosamente.

— Ande logo com isso, Minerva. — Afasto sua palma. — Me diga a decisão deles, dê minhas respostas e deixe o destino da minha garota fora

dos seus lábios.

— Não foi fácil conseguir convencer a Cúpula de proteger uma assassina como Arcane, e dar mais liberdade de vida a ela. — Balança a cabeça. — Depois daquele incêndio, sua mulher foi considerada como uma psicopata doente. Suas opções eram a lobotomia, ou então, a morte, mas você apareceu como um milagre na vida dela, ainda não entendo como é possível tanta sorte.

— Yuri disse que me daria informações sobre a morte de Azra se eu estivesse disposto a manter Arcane longe daquele hospício ao me casar com ela. — Explico o meu lado da história, relembrando de como tudo foi acordado meses atrás.

— Apenas isso e você aceitou. — Ela sorri. — Tão inocente, Kalon. Isso só prova o quanto está doente e envenenado pela culpa do que fez. — Ergue o queixo. — Sequer investigou esse acordo a fundo para enxergar o outro lado da moeda.

— Claro que investiguei. — Torço os lábios, lembrando que eu e Kol descobrimos que foi Yuri quem matou aquela mulher queimada, não Arcane.

Todos acham que aconteceu por um surto de raiva depois que sua mãe biológica fugiu, mas, a verdade é que Yuri matou a madrasta das meninas como punição pelo que Cintia fazia com elas. Aquela mulher narcisista torturou e quase conseguiu matar as meninas na Páscoa.

O motivo ainda não sei, mas tenho certeza que vou arrancar tudo de Yuri, nem que sejam suas últimas palavras.

— Saiba que sua disposição para casar com Arcane não valeria de nada se Yuri e Ivan não tivessem feito um acordo diferente e confidencial com a Cúpula. — Solta as palavras.

— Que tipo de acordo? — Essa parte eles não me disseram. Raiva e indignação me consomem.

— Como eu disse, é confidencial. — Balança a cabeça. — Porém, você provou que Arcane merece esse sacrifício. Pude vê-la não como uma garota louca, mas como uma pessoa que passou anos da sua vida sem conhecer a normalidade e a paz, sem conhecer as coisas que as garotas da idade dela tem. Segurança, conforto, paixão e amor. — Limpa a garganta.

— É evidente que ela encontrou isso em ti, ainda não sabe dominar, mas está ligada a você.

— A prisão arrancou muita coisa dela. — Respondo. — Mas consigo ver um brilho inocente nela, e uma vontade imensa de ser normal.

— Como uma mulher, acredito completamente que Arcane merece a chance de viver sem a Cúpula respirando no seu pescoço. Sem eles controlando até onde ela deve ir e o que pode fazer. — Balança os ombros. — Quantas pessoas já mataram algum inocente, não é mesmo? Você mesmo matou. — Aperta os lábios. — Acho injusto que apenas Arcane tenha sido brutalmente punida ao ponto de parar naquela prisão, mas você? Você apenas continuou sua vida, teve alguns caras de preto vigiando seus passos, mas só.

— Isso é porque não fui eu quem matou Azra. — Falo cheio de pesar.

— Como você sabe? — Acaricia meus ombros. — Até onde sabemos, teve sua memória apagada porque perdeu o controle e ainda não consegue lembrar do que aconteceu. — Estala a língua.

Meu estômago embrulha com a culpa que sobe pela minha garganta, enfraquecendo minhas juntas e me deixando exposto a um veneno que me embebeda durante anos, mas que nunca me mata.

– A partir de hoje, sua dúvida será esclarecida. Yuri não cumpriu sua parte do acordo, mas eu farei. — Suas palavras são o suficiente para fazer meu sangue esfriar.

Sinto uma dor lancinante subindo por minha coluna até atingir meu peito. Quero gritar de alívio e ansiedade. Perturbação consome minha racionalidade.

— Finalmente vou saber a verdade? — Minha incredulidade se torna palpável no meu tom de voz.

— Você vai. — Balança a cabeça. — Mas, vai precisar pagar um preço por essa informação, e por tudo que pediu para sua Arcane.

— Estou disposto até mesmo a sacrificar minha vida por isso. — Mantenho minha postura ereta.

— Sei que está, mas não é sua vida que queremos como sacrifício. — Aperta os lábios.

— Fale de uma vez. — Rosno impaciente.

— Primeiro… — Ergue o dedo. — Ficou decidido que Arcane vai ter uma vida normal, assim como suas irmãs vivem. — Minerva balança a cabeça. — Significa que os pecados dela foram finalmente lavados, Kalon. Vai poder viajar para onde quiser, com quem quiser.

— Sério? — Alívio afrouxa meu peito, dando paz ao meu espírito por saber que algumas coisas podem mudar para ela.

— Sim, sua Arcane tem permissão para gerar filhos, e amar quem ela quiser. — Meu coração se aperta. — Seus bebês não serão considerados como uma ameaça por causa da suposta loucura. — Continua falando. — Também pode fazer quantos amigos quiser, porque relutantemente, a Cúpula vai considerar a morte de Nikoleta como legítima defesa, e não como prova da sua insanidade sem cura.

— Obrigado, Minerva. — Seguro sua mão, beijando.

— Agradeça mesmo, essa foi a parte mais difícil de convencê-los, já que é a munição mais forte contra ela. — Aperta meus dedos.

— Então? — Pisco algumas vezes, ainda em choque. — Minha Arcane vai simplesmente continuar sua vida de onde parou cinco anos atrás?

— Sim, ela vai. — Concorda. — Você é muito corajoso para insistir tão perigosamente. Não esqueça que esse casamento é tudo que garante a liberdade de Arcane. — Sibila. — A partir de hoje, Arcane está livre para viajar, ir a qualquer lugar de Atenas ou do mundo. Livre para construir uma vida sem limitações. Fazer ballet, faculdade, teatro, música, realizar sonhos de infância, qualquer coisa. — Suspira. — Qualquer coisa que ela quiser, contanto que o casamento não acabe.

Meus lábios se repuxam para baixo. Esse é um bom truque. A liberdade para Arcane realizar todas as coisas que ama, apenas se continuar presa ao que odeia profundamente.

Balanço a cabeça, agora compreendendo porque eles se chamam demoníacos.

— Vai me dizer quem matou Azra? — Levanto uma sobrancelha, meu coração falha com a iminência da verdade.

— Depois que cumprir sua parte. — Seu tom muda para algo sombrio e quase assustador. Permaneço indiferente, esperando que fale de uma vez. — Vai precisar destruir a prisão que Arcane viveu. Terá que matar todos lá dentro, não pode deixar que ninguém sobreviva.

Meus olhos engrandecem com o peso dessa informação. Não acredito que eles estão fazendo isso comigo.

— Isso é suicídio. — Solto uma gargalhada amarga. — Conhece o tipo de gente que vive lá dentro? Que vão me matar quando souberem quem sou?

— É isso, Kalon. — Lamenta. — Estou dando mais do que o Yuri te prometeu.

— Está me fazendo arriscar tudo. — Abro os braços. — Do que adianta abraçar o que está me dando agora se posso morrer?

— Vocês não passam de crianças usadas como bode expiatório no plano ambicioso daqueles dois. — Segura meu braço. — Mas, estou sendo muito boa e mudando seus destinos essa noite. Um preço alto para uma misericórdia tão imerecida, não acha?

— Você claramente não entende o significado de misericórdia. — Rosno mordaz.

— Se você sobreviver, Kalon, se é tão louco e sanguinário quanto comentam, estarão livres quando o sol raiar e aquele lugar for destruído. — Me encara como se estivesse me dando um ultimato. — Destruído para que nenhum louco como Arcane tenha a mesma chance que ela teve. — Sibila. — Nem hoje, nem nunca.

— Maldita. — Cuspo as palavras.

— Também existe um detalhe. — Vira de lado. — Vai fazer isso agora mesmo, então espero que tenha se despedido da sua família, caso não consiga voltar.

Me despedi de Arcane porque achei que eles fossem me torturar, ou até mesmo matar. Mas destruir aquele hospício nunca passou pela minha cabeça.

— É pegar ou largar, Kalon. — Minerva mantém sua expressão indiferente.

Respiro fundo, apertando meus punhos e desejando esmurrar qualquer coisa. Aperto meus olhos quando enxergo tudo vermelho pela raiva ofuscante.

— Se recusar, Arcane vai acabar se matando, pois vai viver infeliz em um casamento onde não pode ter filhos, onde não pode sair na porta de casa, ou ver suas irmãs, ou viajar para outros lugares. Vai ser sempre a mesma coisa, e ela vai sofrer até a morte. — Estala a língua. — Todas as saídas apontam para a morte, meu amigo, todas que imaginar. Então, pegue a mais fácil.

Avança na minha direção, segurando os dois lados do meu rosto e me forçando a olhar para seu.

— Não importa a saída que você procurar, todas apontam para a morte. — Fala como o coro de uma maldição. — Matar a Cúpula para que não exista nada disso? Vai trazer não apenas a sua morte, mas de toda Alkyóna. Continuar como está? Arcane morta e infeliz, sem poder ir para nenhum lugar, presa em um casamento que vai a destruir, e mesmo que ela desenvolva amor por você, ainda vai estar incapacitada do resto. — Balança a cabeça. — E consegue ver nos olhos dela que Arcane não nasceu para viver tão miserável assim, certo? Ela quer ser algo a mais, os olhos dela imploram por isso.

Porra, ela está me manipulando. Tentando entrar na minha cabeça e enfraquecer meu psicológico. Minerva está me fazendo enxergar apenas o lado ruim para falhar no momento que começar esse massacre na prisão.

Ergo minhas mãos na tentativa de controlar meus pensamentos, de ofuscar qualquer coisa que faça as dúvidas irem embora, e principalmente, de afastá-la para longe do meu corpo.

— Tudo bem, mas vou precisar de muita munição. — Limpo qualquer resquício de emoção no meu rosto. — E quanto as pessoas inocentes que estão lá dentro?

Minerva fica em silêncio, seu olhar me analisando como se isso fosse uma surpresa.

— Não existe ninguém inocente lá dentro. — Balança a cabeça em negação. — Para ter uma ideia do lugar que vai entrar… — Limpa a garganta, me fazendo segui-la até seu carro.

Quando sentamos lado a lado, Minerva abre um tablet com várias imagens.

— O que é isso? — Pergunto baixo.

— Os homens invadiram algumas celas femininas semana passada. — Mostra. — Todas as mulheres foram mortas e estupradas, nenhuma consegue sobreviver naquele lugar por muito tempo, por mais letal e perigosa que ela seja.

Na tela passam várias imagens de corpos destroçados, sangue espalhado e vídeos das câmeras de segurança onde eles atacam uns aos outros e lutam até morrer.

— Vai fazer um favor para muita gente quando acabar com esse lugar, Kalon. — Ela me encara. — Pense que vai estar vingando sua mulher que viveu lá dentro por cinco anos.

Guarda seu tablet de volta no porta-luvas do carro.

— E quanto as pessoas que vão parar lá dentro todo ano? — Junto às sobrancelhas.

— Isso vai deixar de existir. — Sussurra. — A nova regra da Cúpula é matar qualquer pessoa que faça a sociedade correr riscos, e que afete as nossas ordens. — Me analisa. — Não há nenhuma razão para manter essas pessoas presas, causam apenas complicações, eles não tem salvação. O novo método é muito melhor e eficaz.

— Certo, vou me preparar. — Respondo, saindo do seu carro e caminhando até o meu.

Abro o porta malas e começo a me desfazer do meu sobretudo, abrindo minha camisa para colocar um colete e armas em todos os lugares cabíveis.

— Espera. — Minerva se aproxima. — Primeiro precisa matar o chefe deles. — Insiste. — Esse homem não pode fugir de forma alguma, mate ele que todos os outros cairão.

— Com prazer. — Resmungo.

— Coloquei alguém infiltrado lá dentro para deixar pistas na parede de onde fica o caminho até a cela do homem, matando ele, pode destruir todo o lugar até virar poeira. — Sorri de lado. — Venha, vamos pegar mais munição no meu carro e ver o rosto dele.

O frio agride minhas costas, respiro fundo, deixando o carro aberto e caminhando até onde Minerva está. Entro no lado do passageiro novamente, ainda sem camisa, o colete entre meus dedos.

Minerva abre seu notebook ao fechar a porta.

— O nome dele é Drago, russo e cego de um olho. — Desliza fotos do rosto do homem que tem uma enorme cicatriz desde o olho direito até o queixo. — Ele foi parar na cadeia depois de matar a esposa e os filhos.

— Não quero saber muito sobre. — Abaixo a tela do notebook. — Isso é suficiente.

Não costumo ter muita familiaridade com minhas vítimas, meu pai me criou para matar sem precisar de todas as informações sobre, tudo que me basta é saber que ele é uma pessoa ruim.

Não gosto de saber sobre seus crimes porque acabo desenvolvendo curiosidade em conhecer suas vítimas, ficando empático ao imaginar como podem ter sofrido, principalmente quando são crianças. Isso afeta a minha precisão e foco na hora da vingança.

Minerva provavelmente sabe disso, pois está sorrindo de lado, como se tivesse encontrado outra forma de me abalar durante essa missão.

Tenho motivos maiores para vencer. Quero Arcane livre, então não ligo para o que vou precisar destruir.

— Abra essa carta quando tiver feito tudo. — Me entrega o papel. — Guarde com cuidado e abra apenas depois, não antes. Aí dentro estão as respostas que procura sobre a morte de Azra.

Encaro o envelope como se fosse um monstro. Meus dedos se fecham ao redor do papel e o guardo dentro do bolso, sem muita emoção.

Saio do carro, batendo a porta e acenando para Minerva.

— Espero não vê-la novamente. Pega mal manter uma relação quando estou prestes a me casar com Arcane. Ela é muito ciumenta. — Lhe lanço uma piscadela e caminho para meu carro.

Minerva apenas solta uma risadinha e dá partida, saindo do estacionamento e seguindo pela avenida vazia.

Unindo as sobrancelhas ao perceber que fechei o porta malas e não percebi. Porra. Não posso ficar sempre inconsciente que estou prestes a matar algumas pessoas, preciso me lembrar de cada detalhe para reconhecer

tudo que fiz, para ter tudo guardado na minha cabeça e reconhecer do que sou verdadeiramente culpado.

Fecho o colete ao redor do meu corpo, agora deixando-o do jeito certo. Aperto com força e visto os armamentos que ela me deu, em seguida, visto minha camisa larga. Entro no carro, dando a partida em direção a prisão, de onde não sei se volto com vida.

No meio do caminho, ligo para Kol, informando tudo que estou prestes a fazer, claro que ele me desfere inúmeros palavrões, mas aceita o meu pedido de ficar de olho na mansão onde Arcane está com suas irmãs.

Saio fora do carro depois de encontrar um lugar seguro para estacionar, a noite fria consome os céus.

Agora que a chuva parou completamente, todo o ambiente está úmido, desconfortável e frio. Caminho com cuidado, observando a região e preparando a arma ao lado do corpo.

Meu plano é matar um dos guardas noturnos e vestir as roupas dele, dessa forma vou conseguir entrar sem levantar suspeitas.

Tem três deles espalhados pelas muralhas altas, em uma posição onde é possível ver todo o perímetro e a cidade aos fundos, iluminada pelas luzes que nunca se apagam.

Vou até a parte de trás do carro para pegar algumas facas e colocar no bolso, tenho a impressão que minhas munições não são suficientes para lidar com um presídio de segurança máxima.

— Puta merda! — Vocifero ao ver o corpo de Arcane escondido entre meu sobretudo. — Que porra está fazendo aqui?!

Não dou tempo para processar que foi flagrada, todo o meu sistema está alerta com o fato dela estar aqui. Na porra da prisão, no lugar onde fui enviado para destruir.

— Porra. Puta merda. — Puxo seu braço, fazendo-a tropeçar quando mantenho seu corpo contra o meu, como se fosse possível ela entrar dentro

de mim. — Fale de uma vez, porra! — Rosno contra seus lábios. — Como você fez isso?

— Você está me machucando, Kalon. — Toma fôlego, tentando retirar seu braço. Seus cabelos estão bagunçados, seu rosto se ergue para me encarar de frente. — Peguei um táxi e segui você até o Museu da Acrópole, foi onde te vi com Minerva e me escondi no seu carro para conseguir voltar para casa. — Seu rosto está vermelho. — Da sua casa eu conseguiria voltar sozinha.

— Ouviu minha conversa com ela? — Puxo seu corpo para mais perto do meu.

— Não. — Seus olhos brilham cheios de confusão e mágoa. — Apenas a parte que disse não querer manter esse relacionamento porque vai se casar comigo. — Fala mais baixo, triste. — Ou seja, considerando o tempo que passou dentro do carro com ela… Estava mesmo me traindo e preferiu mentir.

Porra. Odeio que ela pense assim de mim, mas manter essa versão é bem melhor do que contar a verdade.

— Esse não é o momento para conversar sobre tudo isso. — Aperto seu queixo. — Você não devia ter feito nada disso, merda.

— Você esconde coisas de mim, Kalon. — Ela tenta me empurrar, mas sou mais forte. — Você tenta me distrair com sexo e momentos triviais, mas quero saber da verdade. — Raspa seus dedos nos meus para tentar remover minha mão. — Olha, se não pode me dizer o que quero saber, então não me arrependo de procurar por formas de descobrir sozinha.

Admiro sua coragem de gritar isso na minha cara, de provar que não importa o que eu faça, ainda se mantém fiel ao que tanto deseja: o fim desse casamento.

— Não estava traindo você. — Balanço a mão para apaziguar sua raiva, principalmente a forma como desfere tapas em meu ombro para que eu a deixe sair. — Agora precisa ficar em silêncio e fazer tudo o que eu mandar, meu amor.

Arcane pisca, então levanta a guarda ao ver o ambiente ao redor, as muralhas atrás dela e os homens lá em cima. Seu corpo treme em reconhecimento e suas mãos me agarram, tomada pelo choque.

— Por que estamos aqui? — Sua voz não passa de um sussurro quebrado. Medo e desconfiança consome sua expressão quando puxo seu corpo para um ângulo seguro atrás do carro, cobrindo-a completamente.

— Concentre-se em mim. — Abro minha camisa e tiro o colete. — Vista isso. Agora. — Coloco na frente do seu vestido, ajudando-a a vestir, já que suas mãos estão trêmulas e seus olhos brilham de medo.

— Kalon… — Sua voz se quebra. — O que estamos fazendo na prisão?

Não dou tempo para ela se acalmar, puxo seu pulso com força, forçando-a a caminhar atrás de mim e ficar levemente inclinada para baixo.

— Está me devolvendo para esse lugar? — Aperta meus dedos, tentando soltar seu pulso enquanto se contorce e quase grita. Seus tapas não me machucam tanto quanto seu choro amedrontado. — Por favor! Não faça isso! — Aperta os olhos. Seu rosto está pálido pra caralho. — Por favor! Não quero voltar! Eu aceito qualquer coisa, aceito a merda desse casamento e que tenha sua amante, mas, por favor… Não me faça… — Paro de andar, virando totalmente na sua direção. — Ai meu Deus, eu não quero voltar para cá.

Suas pernas enfraquecem e seu corpo bate contra o meu. Arcane está em choque, prestes a desmaiar com tanto medo e desgosto no seu coração.

— Shhh!! — Empurro seu corpo contra a parede, ela amolece e esconde seu rosto no meu peito.

— Kalon mou, por favor! — Treme. — Não me separe das minhas irmãs! — Suas mãos se fecham ao redor do meu corpo, me agarrando com força e implorando baixinho.

— Preste atenção, meu amor. — Acaricio seu rosto. — Não é nada disso, estou aqui para matar alguém e você precisa ir para um lugar seguro. — Enxugo suas lágrimas com meus lábios, espremendo meu corpo contra o seu. — Você não vai ser deixada aqui, apenas segure-se em mim e não solte por nada.

— Promete? — Suas mãos trêmulas agarram a barra da minha camisa.

— Prometo! — Selo nossos lábios rapidamente, voltando a andar.

Arcane mal consegue me acompanhar sem travar ou gemer de angústia. Aperto meus olhos, pensando em desistir de tudo apenas para protegê-la da sua própria mente, mas também quero destruir este lugar para que ela nunca mais pense que pode voltar.

— *¿Hablas español conmigo, cariño?* — Sussurro, ganhando sua atenção em um susto.

— Como? — Pisca, limpando uma lágrima que escorre por sua bochecha.

— Entende espanhol, certo? — Ela balança a cabeça em concordância.

— Aprendi quando tinha doze anos. — Seus olhos ainda tem fagulhas de medo, a voz está quebrantada pelo choro angustiado.

— Ótimo, fale comigo em espanhol para não sentir medo, essa vai ser a língua que vamos usar apenas no nosso mundo. — Sussurro. — E se não quiser continuar com espanhol, vamos para o inglês, o turco e o russo. — Seguro seus dedos.

— *¿De qué tengo que hablar?* — Me olha triste, tentando ignorar as paredes altas ao nosso redor.

Estamos bem perto da entrada principal.

— *Mi nutria se llama Pinar.* — Ela ri fraco ao ouvir sobre minha lontra. Beijo seus dedos antes de guiá-los até o meu cinto. Arcane segura com força. — *No me sueltes por nada, nena.*

Balança a cabeça em concordância e giro nossos corpos, avançando até estarmos perto dos portões grade. Esse lugar parece a porra do castelo do conde Drácula.

Respiro fundo, puxando seu braço e tocando sua cintura.

— Vou te empurrar primeiro. — Aponto para a grade que vamos escalar até ficarmos no topo da muralha. Arcane treme, olhando para cima como se esse lugar fosse o inferno. — Tudo bem? — Ela balança a cabeça em concordância, fechando os olhos brevemente e erguendo as mãos para alcançar a barra mais próxima.

Seu corpo se movimenta com dificuldade, e quando está na metade das grades, ela paralisa. Me aproximo, subindo logo atrás dela e ajudando seu vestido a não balançar com o vento forte.

— *Tienes que seguir adelante, mi amor. Malditas horas decidiste seguirme, ahora estamos jodidos juntos.* — Aperto sua perna, fazendo ela jogar para o outro lado da muralha e girar.

Arcane é muito flexível, faz isso tão facilmente que rapidamente fica em pé, estendendo as mãos para me ajudar. Me olha como se quisesse gritar inúmeros palavrões, me esbofetear e fugir, mas apenas respira fundo e me puxa, olhando ao redor enquanto fica mais perto do meu corpo.

Mudo nossas posições, agora tomando a frente quando o guarda mais perto percebe nossa presença. Arcane segura o meu cinto como eu havia mandando, caminhando abaixada atrás de mim. Seguro a arma que ele aponta na minha direção, bato minha cabeça contra seu nariz e ele fica desorientado.

Bato o cotovelo na sua boca repetidas vezes, até que ele cai para trás e seguro a arma com as duas mãos. Não penso duas vezes ao puxar o gatilho.

— Fácil pra caralho. — Cuspo, chutando suas botas. Arcane está ofegante atrás de mim, tentando acompanhar com o olhar tudo que estou fazendo. — Deve ficar aqui até eu voltar.

Me abaixo para remover as roupas dele e vestir, Arcane me observa um pouco desorientada e trêmula, até que ajoelha ao lado do homem e segura sua mão. Desliza seus dedos, fechando os olhos dele, então me olha profundamente.

— Vai entrar lá dentro sozinho? — Sussurra. — Não vá, Kalon mou. Tem tanto homem horrível lá dentro. Eles podem te matar. — Balança a cabeça repetidas vezes, largando a mão do homem morto para segurar as minhas. — Por favor, não sabe o quanto é assustador.

— Contanto que esteja aqui fora, eu não me importo. — Me separo dela e tiro minhas roupas para vestir as do cadáver.

Ficam um pouco apertadas, já que sou mais alto que o homem, mas encaixam perfeitamente para me misturar. Visto suas botas e olho para Arcane, entregando uma das minhas adagas na sua mão.

— Na primeira oportunidade de salvar a sua vida, seja egoísta e salve, não pense em outra coisa. — Sussurro. — Está me ouvindo? Deve fugir se sentir que não vou voltar.

— Mas você precisa voltar. — Fica em pé, segurando meus dedos novamente. Sua expressão apavorada me acerta em cheio contra o peito. — Por que veio aqui? Por favor, vamos apenas voltar! — Seu olhar fica mais triste a cada segundo que passa dentro desse lugar.

— Não posso voltar. Não agora. — Aperto minha testa contra a sua e respiro seu cheiro. Seus dedos se fecham ao redor do meu colete e ela treme, me segurando com força. — Você nunca mais vai me seguir de novo, merda. — Aperto seu queixo, fazendo seu olhar se igualar ao meu. — Veja onde se meteu.

— Queria apenas respostas. — Balança a cabeça em negação, sua voz ficando mais firme ao defender suas intenções. — Não imaginei que viria para cá. — Seus lábios tremem.

— Minerva me deu a missão de matar todas as pessoas aqui dentro. — Balanço a cabeça. Choque brilha em seu rosto. — Esse lugar está ficando cada vez pior com o passar dos anos, chegou a hora de acabar com tudo e essa função é minha. — Aponto para meu peito, sem soltar a arma.

— Esse lugar vai acabar pra sempre? — O alívio no seu rosto me faz sorrir torto. Anuo a cabeça em concordância, Arcane suspira firme, abaixando seus ombros.

— Era isso que eu estava fazendo com Minerva. — Acaricio sua bochecha, usando meu polegar para lhe dar um pouco de conforto. — Agora você precisa me esperar aqui até eu voltar, então respondo todas as suas dúvidas.

Fecho seus dedos ao redor da adaga que coloco nas suas mãos.

— Tem muita gente nesse lugar que é pior que eu. — Arcane me olha apavorada. — Eu posso lutar, mas não sei por quanto tempo. — Ela engole em seco, olhando por cima do ombro. — Existe alguém que…

— Se for para ficar viva, vai matar até mesmo o diabo. — Aponto para a arma do segurança no chão. — Use isso e não gaste muita munição. — Arcane acompanha tudo com o olhar vago, balançando a cabeça para cada palavra. — Sua função é sobreviver, entendeu? Nada de se machucar ou parar, senão bato na sua bunda e reviro a porra do inferno para te trazer de volta.

Seguro seu braço, seu corpo bate contra o meu e roço meus lábios nos seus. Me alimento do seu cheiro, da sua respiração ofegante, memorizo

tudo para o caso de ser a última vez.

— Vai me beijar agora? — Arcane resmunga, aproximando sua boca para perto. — Tecnicamente, não tem como me ressuscitar, então sua ameaça é apenas um reflexo da sua preocupação?

— Está errada e certa. — Rosno. — Não duvide da minha capacidade de trazer você de volta. — Reivindico sua boca, mordendo seu lábio cheio de fome.

Arcane espalma meus ombros quando a força do meu aperto a deixa na ponta dos pés. Nossos lábios se separam, ela respira fundo.

— Vou me proteger, quero viver mais do que qualquer pessoa. — Balança a cabeça, se afastando para me olhar suavemente. — Você também está proibido de morrer e me deixar sozinha nesse lugar. — Aponta ao nosso redor.

Solto uma risada fraca, me afastando e começando a me preparar para esse massacre. Desço os degraus e corro pelo ponto mais escuro onde as muralhas fazem sombra. Os outros dois homens que estão vigiando o perímetro são derrubados com tiros silenciosos.

Respiro fundo, me sentindo tranquilo para entrar no prédio ao saber que Arcane está sozinha aqui fora, sem nenhum segurança para machucá-la.

De acordo com as orientações que recebi, o chefe de toda essa bagunça está no último andar, em um lugar agitado onde os mais perigosos ficam.

A prisão está silenciosa, as luzes estão acesas.

Subo os degraus sem fazer barulho, me precavendo ao dobrar cada corredor vazio. Mas, quando estou no último andar, percebo que a cela está aberta.

Algo bate contra minhas costas e me abaixo com o impacto.

— Eu vi você da janela. — Uma voz grave fala atrás de mim. Dou risada, levantando devagar e olhando para a figura alta. — Alguém está muito perdido, não acha?

— Na verdade, estou no lugar certo. — Levanto os punhos no momento que ele chuta minha arma para longe.

Porra. Minerva não disse que essa ala tem celas abertas, e também não encontrei o infiltrado que me prometeu.

Minha cabeça estremece quando o filho da puta acerta minha testa com sua cabeça.

— Está atrasado, meus amigos lá fora avisaram sobre as novas leis da Cúpula. — O homem cospe sangue quando acerto um murro na sua boca. — Só não imaginava que eles mandariam um único homem para finalizar o serviço. Depois nós que somos loucos.

Ele empurra meu corpo contra a parede, dou risada quando a adrenalina esquenta meu sangue. Seguro seu pescoço e impulsiono minha testa contra seu nariz. Ele grita alto e não dou tempo para revidar, chuto seu rosto e avanço para cima do seu corpo em uma luta pesada, cheia de socos e rosnados.

O homem grita quando piso nos seus dedos, espremendo cada osso contra o chão até ver o sangue e pedaços de pele. Pego uma das minhas facas e a empurro contra seu peito, rasgando superficialmente, para que se recorde de todos os seus crimes enquanto morre.

Seu grito é sufocado e tortuoso, meus dedos perfuram seus olhos quando ele tenta me agarrar pelo pulso.

— Mandaram apenas um homem porque sou tão louco quanto essa gente. — Puxo seus ombros, colocando-o sentado no momento em que empurro minha faca na sua perna, impedindo qualquer movimento do seu corpo sem que o sangue escorra como suco. — E como diz o ditado, o remédio para um homem louco, é outro louco fazendo da sua vida um inferno. — Aproximo meu rosto para que veja meus olhos. — Kalon Somáli, muito prazer.

Uso as facas para cortar cada dedo enquanto me alimento dos seus gritos, o ouço chamar por pessoas que desconheço, mas seus gemidos de agonia não vão muito longe quando perco a paciência e arranco sua língua.

Rasgo seu pescoço, sangue espirra no meu rosto e esfrego com o dorso da mão, sentindo nojo. O homem agoniza no chão. Se debate como um animal no matadouro. Até que o silêncio pecaminoso da morte se espalha por sua cela.

— Porra, eu não devia ter feito tão rápido. — Dou um murro no cadáver para descontar minha frustração.

Simplesmente perdi a noção do que estava fazendo, e agora sua vida se foi antes do que eu quero. Pego minha arma no chão e caminho pelo

corredor.

Observando melhor, percebo que não são todas as celas que estão abertas. Reduzo meus passos e analiso o interior de cada uma, algumas vazias, outras tem homens no fundo, assustados, ou prontos para lutar.

Assobio uma canção de ninar, batendo nas grades com a ponta dos dedos sujos. Abro a primeira cela.

O homem forte e barrigudo corre na minha direção, me fazendo rir. Esse foi mais difícil de matar, tive que pendura-lo contra a cama e quebrar seu pescoço enquanto esfaqueava seu peito.

Passam-se horas enquanto abro cela por cela e mato cada um deles, ignorando seus gritos e tentativas de fuga. Em cada uma, pergunto seus nomes. O chão já estava escorregadio pelo sangue, com pedaços desmembrados.

Quando termino toda a ala, meus dedos pingam conforme abro duas granadas e tento segurá-las. Desço as escadas e jogo as duas dentro das celas cheias de cadáver, meu corpo balança quando a explosão derruba tijolos e o incêndio começa, consumindo os corpos e camas.

Seguro minha arma, atirando nos policiais que sobem para me impedir. Dobro o corredor e chuto alguns deles das escadas, algumas celas estão abertas e os presos começam a correr, o barulho da explosão fez com que os policiais soltassem eles.

— Merda. Porra do caralho. — Atiro contra uma janela e bato meu cotovelo, derrubando os estilhaços e me preparando para pular do terceiro andar para encontrar Arcane a tempo.

Ela não pode ficar sozinha lá fora enquanto eles tentam fugir. Jogo três granadas contra a fila de homens que empurram uns aos outros e tentam fugir do prédio coberto por chamas.

Atravesso a janela, amortecendo minha queda contra o telhado e dobrando os joelhos. Toda a explosão faz minha audição sucumbir, me deixando surdo por alguns segundos.

Engasgo, gemendo com a dor nos meus tímpanos.

Deslizo com cuidado e pulo no chão, rolando pelo gramado até sentir o solo estável para me erguer. Levanto depressa para atirar contra o primeiro grupo de homens que vem correndo na minha direção, parece a

porra de uma missão suicida olhando a quantidade descontrolada que luta comigo para fugir da prisão, porém as portas principais estão bem fechadas, e a muralha é muito alta para alguém escalar do lado de dentro.

Uma tropa de policiais luta para controlar a comoção de homens armados com pás e pedaços de madeira. Me aproximo, correndo para o meio do gramado, que antes era uma área para tomar sol e jogar basquete, e agora está consumida pelo fogo e escombros.

Disparo contra a fileira de homens que vêm correndo na minha direção, alguns deles caem, outros avançam com determinação. Uma sombra se posiciona na minha lateral, ela aparece tão rápida e agressiva que tenho que piscar algumas vezes.

— Arcane mou. — Sinto suas costas contra as minhas, me protegendo dos que vem por trás. — Saia imediatamente daqui, o que eu disse a você?

— Não ligo para o que disse, me dê outra faca, deixei a minha no crânio de um homem. — Respira fundo, esmurrando o rosto deles sem nenhum medo de se machucar.

Admiro sua destreza com artes marciais. Todos os homens estão sendo nocauteados com a força dos seus chutes, e a maneira como toma impulso no ar para afastá-los.

Seus golpes são fatais, ela sabe o lugar exato de imobilizar e até mesmo quebrar o pescoço. Porra. Como vou conseguir me concentrar quando essa mulher está ao meu lado fazendo essa coisa sexy com as mãos?

— Não chegue muito perto deles. — Puxo minha lâmina da cintura, entregando para ela.

Seus golpes são em lugares específicos do rosto, onde os homens caem gritando e se contorcendo. O sangue molha seus ombros e bochechas. Os olhos de Arcane estão consumidos por esse monstro possessivo e dominador.

Ela me observa por cima do ombro, inspecionando o sangue grudado na minha pele, ergo a mão para me defender quando ela joga o braço, cortando a garganta de um homem que estava atrás de mim com um machado.

— Você está bem? — Me observa ofegante. — Não viu ele? Presta atenção na vida, Kalon! — Analisa o sangue escorrendo no meu pescoço.

— Desculpe, amor. — Limpo a garganta. — Estava pensando.

Recobro o fôlego e pego a arma de um dos policiais mortos, começo a atirar contra um grupo de homens que estão tentando derrubar as grades que protegem a área de lazer da parte que leva até a saída.

— Segure em mim. — Chamo por cima do ombro.

— Não costuma seguir um plano na hora de matar? — Arcane segura meu cinto, seus dedos são firmes enquanto me acompanha curvada.

— Meu único plano é matar da forma mais tortuosa e demorada possível. — Derrubo vários corpos, ela finaliza com os que conseguem passar por mim.

— Fala sério, meu namorado é um maníaco louco. — Respira fundo.

Vários cadáveres estão espalhados no chão, o grupo de policiais com escudos tenta controlar os outros. Puxo o pino de uma nova granada e jogo na direção dos homens amontoados para derrubar as grades.

O corpo de Arcane está debaixo do meu, seguro seus ouvidos para proteger do barulho e deito meu corpo. Ela grita quando tudo explode e alguns pedaços batem contra nós. O chão gira debaixo dos meus pés, minha cabeça está latejando, mas me mantenho em pé para continuar atirando.

— Comece a correr, vou atirar granadas e explodir a porta principal para você correr até o carro. — Aponto, segurando seu braço com mais força do que o necessário.

Arcane geme, sem tempo de falar alguma coisa.

Mantenho seu corpo protegido atrás das minhas costas, paro quando um tiro acerta minha barriga, mas, o que mais me atormenta é o grito de desespero que sai atrás de mim.

— Me ajuda! — Grita quando sua tentativa de lutar não foi suficiente. Arcane parece conhecer o homem que está puxando seu corpo, e o desespero devora sua racionalidade e qualquer habilidade de luta. — Kalon! Me ajuda! — Se esperneia. — É o Octa!

Octa. Minha mulher repete esse nome enquanto meus ouvidos zumbem. Suas mãos sujas de sangue são jogadas na minha direção. Rosno quando tento avançar, mas meu corpo tomba pra frente.

— Octa! — Ela grita alto. — Por favor, me solta!

Dois homens estão a puxando pelos braços, nenhuma das suas tentativas são suficientes para sair do aperto deles.

Dor se espalha pela minha coluna e me sinto incapaz de fazer qualquer movimento. Eles levaram Arcane para o outro lado das grades, onde não tem muitas pessoas, apenas alguns caixotes. Ela esmurra o rosto deles, rasga suas bochechas ao ponto de arrancar sangue, bate sua testa contra a deles, mas um deles acerta sua têmpora com a arma, fazendo seu corpo tropeçar invadido por tontura.

Sangue escorre da sua testa. Eu rosno, me espremendo no chão.

— Quanto tempo, Arcane mou. — Um dos homens fala. O tal Octa. — Matou a Niko e depois foi embora, não é?

Minha vista escurece. Ouço o som inconfundível do seu vestido se rasgando.

— Por favor… Octa! — Arcane grita mais alto, seu choro é rouco e tão desesperado que meus ossos doem.

— Deixem ela… — Gemo, ainda sentindo a dor do tiro que conseguiu atravessar meu colete.

Engasgo quando levanto a cabeça do chão, minha cabeça dói. Tudo gira, meu sangue ferve quando ela implora por socorro.

— Porra. Não. — Empurro meu corpo para o alto, apertando meus punhos e engolindo a dor que me preenche.

Meu peso está mais intenso, mas não interrompo meus passos rumo ao lugar onde Arcane está deitada, esperneando e gritando.

— Seu grande filho da puta! — Cuspo sangue. — Tire as mãos dela! — Pulo nas costas do homem no momento em que tenta abrir seu cinto e os outros a seguram.

Enxergo tudo vermelho, uma raiva aterradora se apossa do meu peito. Juro que posso matá-lo sem precisar de armas, e farei. Aperto seu pescoço com as duas mãos, o homem engasga e tenta me bater, mas seguro seu queixo, abrindo sua boca dos dois lados e puxando sua língua para fora com a ponta dos dedos.

O filho da puta engasga quando empurro meu punho dentro da sua garganta, seu corpo se debate, mas minha força ao redor do seu queixo aumenta. A cor da sua pele muda imediatamente. Roxo pra caralho. Os

olhos esbugalhados. Puxo sua língua com força, sangue e saliva consumindo meus dedos, até que a ponta da faca acerta sua jugular. Sua garganta é aberta de dentro para fora.

Sangue se espalha por seu peito quando recuo, minhas bochechas também estão manchadas. Seu corpo cai para trás aos engasgos. Avanço em sua direção, aproveitando que seus amigos estão em choque ao assistir tudo.

– Eu não queria… — Arcane está encolhida perto dos caixotes. — Não queria matar ela, Octa…

Ela está em choque, perdida em sua própria cabeça.

– Octa está morto. — Rosno raivoso.

Puxo a faca caída no chão e a acerto entre as pernas do homem, rasgando suas bolas e pau no primeiro movimento.

Meus punhos batem com firmeza contra sua virilha, me impressiono com seu grito engasgado. Ainda vivo, mas isso não dura muito quando o sangue forma uma poça grande. Não interrompo meus movimentos frenéticos por nenhum segundo. Um estalo ecoa, indicando que quebrei o osso da sua pelve.

Não paro até que o homem está totalmente destroçado, as pernas separadas, a barriga aberta, o sangue e a urina escorrendo como um rio.

— Ainda não estou satisfeito… — Avanço, empurrando a faca no seu peito, fazendo um enorme rasgo na sua carne. Octa está completamente morto, mas seu maldito coração ainda bate no momento em que puxo. — Vocês vão comê-lo. — Me ergo, olhando para os homens paralisados. Estão com medo de passar por mim para conseguir fugir daqui.

Cheiro de urina preenche minhas narinas, percebo que isso está saindo deles e uma gargalhada animalesca sai da minha boca. Meu sangue esquenta mais e os ombros balançam.

— Quantos anos vocês tem? — Debocho. — Tiveram a audácia de machucar o que é meu, mas não conseguem encarar as consequências? — Avanço na direção dos dois. — Vai ser um prazer matá-los lentamente.

Empurro o coração inerte contra a boca do primeiro, o homem geme e sente ânsia de vômito. Espremo o órgão, empurrando meus dedos na sua garganta para que engula tudo. Seus engasgos me satisfazem.

Encaro o terceiro homem caído ao seu lado, tremendo e implorando com as mãos em preces.

— Por favor… Queríamos apenas nos vingar… Ela matou nossa…

Corto suas palavras ao chutar seu rosto. Pego minha faca do chão e acerto os dois. Estalo a língua em negação, balançando o dedo e olhando para o homem que implora ao ponto de desmaiar.

— Meu senhor… — Gargalho alto, quase caindo de bunda no chão, já que estou de cócoras.

— Meu senhor? — Sufoco, tentando cobrir meu queixo, mas desisto ao sentir o cheiro de sangue quente.

O outro homem está agonizando e chorando no chão, tentando segurar sua perna destroçada.

— Coma essa porra, agora! — Grito alto, apontando os pedaços do coração na sua direção. Ele o faz, engasgando de um jeito feio e quase vomitando ao sentir o cheiro. — Filho da puta desprezível! — Estapeio seu rosto. — Isso é a prova do quanto são animais, comem qualquer resto, basta alguém mandar. — Empurro a ponta da faca contra sua virilha molhada de urina e terra.

— Por favor, eu imploro! — Une as mãos, ainda falando como se merecesse alguma coisa.

— Implore para o diabo! — Cuspo no seu rosto. — Misericórdia é dada para os filhos de Deus, não para animais endemoniados como vocês… — Aproximo meu rosto para sussurrar contra sua pele. — Estupradores merecem isso aqui. — Empurro a faca com força, arrancando seu pau e testículos. O sangue se espalha e vou até o terceiro homem quase desmaiado. — Você é tão fraco, espero que sinta isso até na alma. — Rasgo seus testículos com força, arrancando um grito da sua boca.

Seus olhos estão arregalados e permanecem assim quando empurro seu tronco para o lado.

Todos estão mortos. Me ergo, encarando todos os cadáveres com um profundo tédio varrendo minha alma. Tão fácil e rápido que meus lábios repuxam em desprezo.

Eu devia ter feito melhor, com mais criatividade, devia passar a noite brincando com seus corpos até ficar exausto. Minha expressão está

fechada pela raiva e insatisfação, pela fome por mais.

Junto os cadáveres em uma pilha, vou até o outro lado com eles arrastados no chão e os deixo onde vários outros corpos estão queimando. Pego um pedaço de madeira em chamas e jogo em cima deles, assistindo com indiferença quando são consumidos e começam a feder.

A névoa assassina e monstruosa abandona minha cabeça lentamente. Sinto a exaustão varrendo minha coluna quando a adrenalina diminui, uma pontada na minha barriga me faz tropeçar, mas continuo andando até Arcane deitada inerte.

— Meu amor? — Faço careta ao sentir uma pontada forte no peito. Ajoelho aos seus pés, minhas pernas estão pesadas.

— Não! Não! Não! — Grita, esperneando ao me encarar dos pés à cabeça. — Por favor! Não!

Paraliso. Ela está com medo de mim ou delirando? Seus olhos estão cheios de lágrimas e Arcane treme como se o diabo em pessoa estivesse na sua frente.

— Meu amor… Sou eu. — Seguro sua mão. — Não sinta medo.— Deito a cabeça no seu peito, exausto. — Não vou machucar você, minha alma. — Levo a mão ao peito como se pudesse sentir a dor lá dentro.

— Não! Niko! — Soluça. — Por favor! — Seu rosto está inclinado para o céu estrelado.

Suas bochechas estão vermelhas e há tantas lágrimas que me sinto fraco e vulnerável.

— Arcane mou… — Beijo sua bochecha, tentando ganhar sua atenção. — Nada vai machucar você, minha vida. Estou aqui.

Nenhuma resposta. Seu peito arranha pela respiração ofegante. Arcane encolhe as pernas quando abraço sua cintura. Choque sobe por minha coluna e fico completamente estático.

— Por favor, não me trate assim… — Minha voz está trêmula de uma forma que nunca esteve antes.

Minha garganta parece quebrada quando um resmungo ecoa do meu peito e esfrego minha bochecha contra a sua.

Arcane está chorando, totalmente paralisada, perdida em algum lugar da sua cabeça o qual não consigo tirá-la. E cada segundo me destroça.

Eu faço tudo que posso. Grito seu nome, chacoalho seu corpo, seguro sua mão.

Nada acontece. Ela continua como está.

— Por favor… — Ela engasga, ainda encarando o espaço vazio acima do seu rosto, ainda falando com a porrade um fantasma.

— Eu quem peço por favor! — Balanço seu corpo. — Arcane mou! Olhe para mim! — Me concentro nos batimentos do seu coração, está tão acelerado que desejo segurá-lo em minhas mãos para que não exploda.

Não desejo a ser humano algum a agonia que me devora nesse momento, fazendo meu corpo estremecer e gemidos de dor saírem da minha boca.

— Meu amor… — Soluço fraco. — Vamos… — Puxo seu corpo para deitar no meu colo. — Pelo amor de Deus! Fale comigo!

Nada acontece. Arcane permanece deitada. Respirando pausadamente, sussurrando palavras confusas, os olhos desfocados por alguma coisa na sua mente.

Ainda tem pessoas vivas lutando para fugir. Respiro pesadamente e fecho a mão ao redor do meu ferimento aberto.

— Já venho, está me ouvindo? — Beijo sua bochecha, sussurrando carinhoso contra sua pele.

Nenhuma resposta. Levanto com dificuldade, deixando seu corpo como encontrei e enxugando as lágrimas que escorrem por minha bochecha.

Seguro minha arma com a mão livre e começo a atirar contra os homens, acertando qualquer um que encontro na minha frente.

Puxo minhas últimas granadas, jogando em lugares estratégicos. As últimas pessoas são mortas em meio às explosões, tudo se desfaz em fogo e gemidos de dor.

Sinto sangue escorrendo dos meus tímpanos com a surdez da explosão. Não consigo ouvir nada, apenas meu coração batendo contra minha garganta, o fogo, a poeira, as pessoas sendo espremidas pelos escombros.

Não sinto nada, meus pensamentos estão focados na mulher que deixei entre os caixotes. Os corpos são devorados pelas chamas, e dou as costas para o campo de morte que deixei na minha frente.

Retorno até Arcane, no último segundo, desabo no chão e começo a rastejar na sua direção. Ela continua na mesma posição, tremendo e encarando o céu.

— Amor… Fale comigo! — Aperto os dentes. Esse desespero está me enlouquecendo.

Puxo seu corpo para ficar no meu colo, Arcane choraminga, não mudando sua posição enquanto atravesso a bagunça de corpos, começando a andar depressa.

Encosto meu rosto na sua testa. Ela está quente e muito pálida. Arcane soluça, sua voz sai sufocada e ofegante. As palavras pela metade continuam pedindo para Niko não matá-la.

— Ninguém pode matar você enquanto eu estiver aqui. — Apertando seu corpo com força. Suas costas estão molhadas pelo sangue na minha barriga. — Está me ouvindo?

Pergunto quando seu corpo treme. Alívio faz lágrimas escorrerem dos meus olhos quando Arcane balança a cabeça em concordância, mas ainda sem me olhar. Porra, meu coração volta a bombear um pouco quando sei que ela está me ouvindo.

— Tudo bem, então se concentre na minha voz. — Sussurro beijando sua bochecha. — Nós vamos viajar para um lugar maravilhoso onde ninguém vai te machucar. Vamos dançar ao redor de uma fogueira, beber vinho e fazer inúmeras fotos. Vamos nadar e conhecer pessoas normais. — Arcane geme baixinho, seus dedos estão tremendo. — É uma promessa, está bem? Você vai ser muito feliz!

Puxo as grades com força, removendo as travas automáticas que coloquei. E usando apenas uma mão, consigo abrir até a metade, já que ele é pesado demais.

— Conseguimos sair! — Sussurro.

Vou até onde o meu carro está e deito Arcane no banco de trás, cobrindo seu corpo com um lenço um pouco grande que ficou aqui dentro. Acaricio seu rosto quando ela finalmente fecha os olhos, agora confortável.

Caminho para dirigir, apertando os dentes ao sentir meu ferimento no momento em que sento de frente ao volante.

— Puta merda. — Olho para o lugar explodindo em chamas. Todos estão queimando.

Meus dedos esbarram no meu bolso, puxando o papel sujo de sangue que Minerva me deu.

Sinto uma necessidade absurda de abri-lo agora, mas não faço. Ligando para meus irmãos, avisando que não vou conseguir dirigir por muito tempo e que eles precisam me encontrar na estrada, porque os sintomas da exaustão estão me desestabilizando.

26. BODAS DE SANGUE

“Eu escolho te beijar no vento, porque o vento
é mais gentil do que os meus lábios.”
— MEVLANA.

Arcane Planard

Abro os olhos ao sentir dedos frios acariciando meu rosto. Choque me consome quando vejo o rosto ensanguentado de Nikoleta. Ela ainda não foi embora, abro a boca para gritar, mas sua mão se fecha ao redor da minha garganta.

— *Você precisa abrir os olhos, criança.* — Sussurra contra meu ouvido. — *Ele está vindo para te matar, Arcane mou.*

— O que? — Paraliso.

— *Está me ouvindo?* — Seus dedos raspam meus lábios e sinto arrepios. — *Precisa acordar, menina, ele está vindo para te mat…*

Acordo tremendo, mas não consigo me movimentar quando sinto meu corpo pesado e soterrado pela exaustão. Sinto um tubo de soro contra minha veia, gotejando lentamente.

Gemo, tentando me levantar, mas paraliso ao ver Ajax sentado ao meu lado.

Era ele que estava sussurrando no meu ouvido?

— Você acordou. — Pisca. — Que horas são? Podemos considerar um milagre? — Ergue o rosto, confusão sufoca meu peito quando vejo todos os outros irmãos Somáli no meu quarto.

Eles me olham com imenso interesse. Medo corre por minhas veias. Quem deles estava surrando no meu ouvido, afinal? Tenho plena certeza que a voz de Nikoleta estava um pouco masculina e…

— Quer água? — Rajá se aproxima com as mãos no bolso.

— Onde está Kalon mou? — Me assusto com a rouquidão na minha garganta.

— Kalon mou? — Kol separa suas sobrancelhas, querendo rir. — Por que quer saber? — O desdém está estampado no seu rosto.

— Ele estava comigo e… — Fecho os olhos, odiando as lembranças do que aqueles homens quase fizeram comigo.

Meus gritos mesclados com os deles ainda estão ecoando na minha cabeça. Nunca vi Kalon tão descontrolado e assustador.

Octa e seus amigos quase me estupraram, e o que mais me causou medo foi o fantasma de Nikoleta com eles. Acho que estou ficando louca de verdade.

— Beba água. — Rajá sugere novamente.

— Preciso ver Kalon. — Pulo da cama e todos avançam para me segurar.

— Jesus Cristo! — As mãos de Ajax estão nas minhas costas, me dando apoio.

O punho de Rajá está fechado ao redor do meu braço de forma brusca, protetora, e Kol está na minha frente, tentando me segurar.

— Não deve sair tão depressa, pode desmaiar. — Ele fala, analisando minhas condições.

— Estou bem. — Arranco os tubos de soro.

— Arcane. — A voz de Rajá corta minhas palavras. — Você está dormindo faz quatro dias, com febre e fraca. — Inclina a cabeça para o

lado. — Você não anda se alimentando direito faz meses, suponho que apenas uma refeição por dia. — Desliza os nós dos dedos de forma lenta por minha pele, como um médico faria. — Está fraca, e também anda tendo problemas para dormir.

— Como sabe de tudo isso? — Resmungo, incomoda.

— Fiz exames. — Pega alguns papéis na cabeceira e balança na minha direção. Seus lábios se repuxam de forma impaciente. — Sugiro que fique sentada até que alguém da sua família venha te ver.

— Onde estão minhas irmãs? — Limpo a garganta.

— Não sabemos. — Kol responde tranquilo, afundando as mãos no bolso e caminhando até uma poltrona do outro lado do quarto.

— Elas estão com Yuri. — Ajax responde depois de um tempo, até então ele estava apenas encarando o dia através da janela do quarto. — Lá embaixo. — Volta a sentar na minha cama.

Olho ao redor, o quarto parece com uma clínica, mas, pelo visto, fica dentro da mansão. Respiro fundo quando Rajá desliza um lenço por meu braço, onde arranquei os tubos de soro, então coloca um curativo.

— Água? — Balança o copo na minha direção.

— Onde está Kalon? — Repito.

— Meu Deus, é algum tipo de gatilho toda vez que menciono a palavra água? — Me coloca sentada e empurra o copo nas minhas mãos. Os dois irmãos suspiram ao mesmo tempo.

— Kalon está bem. — Kol bate os cílios. — O ferimento de bala foi muito bem fechado, estava se recuperando por um tempo, mas sabe como meu irmão é louco… — Rajá recebe o copo vazio e me dá as costas para guardar na cabeceira.

Suspiro, alívio me preenche ao saber que ele está bem.

— Posso ver minhas irmãs? — Pergunto.

— Daqui a pouco, vamos conversar primeiro. — Rajá olha seu relógio de pulso antes de afundar as mãos no bolso. Meu olhar se perde em suas roupas brancas, ele é muito lindo vestindo cores claras e calmas.

— Por que estão os três aqui? — Olho para Kol e Ajax.

— Porque estamos preocupados com você. — Ajax responde sem me olhar.

— Não, porque estava chato lá embaixo. — Kol interrompe. — Odeio pessoas, prefiro ficar aqui com os doentes. — Me encara fixamente, então sorri largo, me lançando uma piscadela que me deixa tensa.

— Eu não estou doente. — Falo baixinho.

— Isso é o que os doentes dizem quando querem ganhar alta. — Estala a língua. Ajax limpa a garganta para não rir alto.

— Já pensou em procurar um terapeuta? — Rajá chama minha atenção, afundando as mãos no seus bolsos de forma mais tranquila. — Você dorme de forma muito perturbadora.

— Como assim? — Pisco, sentindo vergonha e medo deles terem presenciado alguma coisa ruim.

— Seu sono é instável. — Continua. — Você chora constantemente e também chama por sua amiga, suponho que ela está morta, já que pede para ela não ser um fantasma. — Seus dedos se erguem, checando minha temperatura. — Não é a noite inteira, mas, é uma coisa que provavelmente acontece sempre que dorme. Não é bom que alguém seja tão triste assim, Arcane.

— Já que é um médico tão bom, vai me recomendar algo para a tristeza? Porque não me deram nada disso no presídio psiquiátrico, nem fora. — Sussurro, inclinando meu rosto na sua direção. — Para culpa e mágoa, para o desgosto profundo. — Falo mais baixo, minha voz dormente. — Existe cura para isso? Porque acho que estou muito, muito doente mesmo.

Minha pergunta é totalmente genuína. Se colocarem uma cura na minha frente, não vou pensar duas vezes em tomá-la. Tudo que quero é esquecer esse monstro no meu peito.

— Se existisse, seríamos os primeiros a tomar. — Ele sorri, ainda mantendo seu olhar compreensivo que me deixa enraivecida. — Todo mundo sofre do mesmo mal, Arcane mou. Não reprima isso, vá ao médico, diga o que sente. — Aponta em minha direção.

Abaixo a cabeça, encarando minhas mãos no meu colo. Como posso sentir saudades de uma pessoa que não existe mais? Que talvez nunca tenha existido, que foi apenas uma ilusão da minha cabeça. Ela apenas fingia me

amar, ser minha melhor amiga e todo o apoio que eu precisava dentro daquela prisão.

Dói muito não saber porquê ela tentou me matar, por que ela estava tão determinada a acabar com tudo naquele momento. A pior parte é que fui forçada a matá-la para sobreviver, agora estou jogada em outra prisão.

— Me culpo muito por ter reagido. — Confesso. — Por não ter deixado ela me matar.

O silêncio se espalha pelo quarto. Os irmãos me observam como se entendessem o que estou passando. Principalmente Rajá.

— Beber ajuda. — Ajax fala baixinho, ainda sentado ao meu lado e encarando as janelas, sentindo os raios de sol contra seu rosto.

— Fumar maconha também. — Kol acrescenta. — Mas tudo com moderação, é claro, senão vai precisar lutar contra outra doença difícil. — Aperta os dentes. — O vício.

— A melhor forma é colocando isso para fora, ou arranjando algum animal de estimação. — Rajá balança a cabeça em negação, segurando meu queixo. — Você é jovem, ainda tem muito o que viver. — Seu indicador desliza pela ponta do meu nariz. — Amaldiçoe essa merda para sempre, até que esteja cicatrizado. — Seus irmãos ouvem tudo como se Rajá fosse a fonte de todos os seus goles de consciência. — Mas, falando como um médico de verdade, você está apenas em choque por ter voltado para aquele lugar. É normal ficar emotiva e tudo que guarda vir à tona. Já passou.

Meus olhos molhados se erguem para encarar o rosto de Rajá. Acaricio minha sobrancelha com o polegar, buscando uma forma de controlar a minha vontade de chorar.

— Obrigada por pensar nisso, no meu bem estar, mas estou bem. — Desvio meu rosto, balançando os ombros ao respirar profundamente.

— Sim, você está. — Kol fala do outro lado. — Se sente bem para falar o que aconteceu lá? O que sentiu?

— Senti medo. — Falo no mesmo instante. — Me senti enjoada e muito, muito assustada.

— Não se preocupe, aquele lugar não existe mais. — Ajax sussurra. — Kalon destruiu tudo, o monstro foi embora e não vai voltar novamente.

— Sério? — Olho para Ajax. — Aquele inferno acabou mesmo?

— Exatamente. — Kol e Rajá falam ao mesmo tempo, cheios de suavidade.

Meu coração bate depressa, desesperado pela vida como um passarinho implorando para sair da gaiola. Fecho meus olhos e respiro todo o alívio eletrizante que sobe pela minha coluna.

Preciso agradecer muito a Kalon por isso, mesmo que eu não entenda seus motivos para ter feito algo tão grande e perigoso. Sinto o olhar de todos os irmãos sob mim. Silenciosos e compreensivos, o que torna a situação um pouco mais confortável do que imaginei.

Ficamos em silêncio por bastante tempo, cada um encarando um ponto fixo enquanto a melancolia do momento se dissipa.

— Nesse caso, também vai precisar de um ginecologista. — Meus olhos engrandecem com suas palavras.

— O que? — Quase grito, os dois irmãos engasgam em seco.

— Rajá… Acho que não é hora… — Kol tenta falar, mas seu irmão o interrompe.

— Um ginecologista, Arcane. — Separa as sobrancelhas. — Precisa de duas consultas antes do casamento.

— Ai meu Deus. — Balanço a cabeça. — É sério que nós estamos falando disso?

— Bom, estou falando sério. — Fala com tanta seriedade e calma que fico cada vez mais constrangida. — Vou deixar uma lista com alguns que são bons médicos e de confiança, pode escolher o que se sentir mais segura e marco um horário.

— Tudo bem. — Falo depressa quando me entrega um iPad com várias fotos de ginecologistas homens e mulheres, ao lado tem uma longa lista falando sobre a segurança deles e outras coisas que não dou importância. — Por que está marcando isso? — Ergo meu rosto.

— Essa é a forma fofa dele tentar informar que seu casamento acontece daqui uns dias. — Ajax dá risada, olhando para Rajá de um jeito animado.

— O que?— Pulo da cama novamente.

Estou tão nervosa que minha vista escurece quando meus pés tocam o chão.

— Falei que seria melhor com calmante. — Kol suspira, me assistindo cheio de tédio.

— Por que o casamento vai acontecer daqui alguns dias? — Eu balanço as mãos. — Não era daqui alguns meses?

— Kalon e Yuri tiveram uma reunião hoje de manhã para mudar a data. — Rajá fala tranquilamente, trocando a bolsa de soro. — Arcane, eu disse que você está muito fraca, volte a deitar na cama, por favor.

— Por favor, chame o meu pai ou minhas irmãs. — Tento andar, mas minhas pernas enfraquecem e tropeço por cima da mesa.

— Arcane. — Os três falam ao mesmo tempo, em um tom cheio de reclamação.

— Não quero me casar. — Tento me afastar do toque de Rajá. — Quero apenas ir para casa.

Volto a andar, dessa vez mais firme e ignorando a exaustão do meu corpo. Ajax e Kol tentam vir atrás de mim, mas Rajá estende a mão, impedindo eles de continuar.

— Deixem ela ir, não é da nossa conta. — Balança a cabeça.

Continuo andando pelo corredor até encontrar o primeiro lance de escadas. Agarro o apoio, pulando devagar e respirando fundo. Sinto meu corpo bater contra outro muito maior e forte no momento que alcanço o final.

— Ora, ora… — Levanto meu rosto para encarar um homem de terno. Tão alto e bonito que minha vista dói, parece que roubou todo o brilho do sol para si. — Então essa é a sua noiva?

Tenho que me afastar para ver Kalon atrás dele. Meu fôlego desaparece ao visualizar seu físico, ele parece bem, apoiado em uma bengala para conseguir se recuperar do ferimento na sua barriga.

Seu olhar frio e indiferente me acerta em cheio quando encaro seus olhos verdes.

— Sim, essa é Arcane, filha de Yuri. — Responde, virando seu rosto para encarar o homem que me estende a mão.

— O prazer é todo meu. — Pisca. — Sou Evren, amigo da família.

— Seja bem-vindo. — Balanço a cabeça, incomodada com seu olhar atencioso enquanto aperta minha mão.

Caminho para o lado quando Yuri surge ao lado de Ivan, minhas irmãs seguem logo atrás deles, e com elas, Minerva.

Respiro fundo ao ver minhas irmãs, por um momento, quando entrei novamente naquele lugar, pensei que nunca mais as veria de novo.

— Vim com Minerva tratar alguns assuntos importantes na vida do seu futuro marido. — Ergue uma sobrancelha de forma sugestiva.

— Se afaste dela, Evren. — Kalon o repreende.

— Gostei dela. — O homem junta as duas mãos na frente do corpo e olha para Kalon cheio de animação. — Mas, por que não sabe de nada?

Kalon sequer se dá ao trabalho de virar o rosto para me olhar.

— O que eu deveria saber? — Olho para o rosto de cada um, até que encontro Melissa. Ela balança a cabeça em negação, indicando que não sabe de nada.

— Ah, que clima fúnebre. — Respiro fundo, começando a ficar nervosa quando os outros irmãos descem as escadas e ficam ao meu lado. — Pensei que você estivesse de saída, Evren. — Kol continua, sorrindo de forma hostil para o homem.

— Eu estava. — Cruza os braços. — Kalon e eu já terminamos nossa conversa no escritório. — Pisca e encara Rajá com tanta indiferença que sinto frio. — Como vai, Rajá? Faz tempo que não aparece na Eclésia.

— Estou ocupado, mas qualquer dia apareço. — Rajá balança a cabeça de forma indiferente e encara seu pai ao lado de Yuri. — O que está rolando? — Os dois se olham de forma sombria e não compreendo porra nenhuma quando Kalon avança na sua direção.

— Então é verdade, não é? — Meu noivo agarra seu pescoço.

— Kalon! — Ivan tenta intervir. — Deixe ele! — Rajá ergue a mão, fazendo o velho parar.

— Qual seu problema, Kalon mou? — Rajá afasta suas mãos de forma agressiva. — Me atacando na frente dos nossos amigos? Esqueceu seu juízo naquele presídio?

— Foi você quem matou Azra! — Kalon rosna totalmente cego. — No começo, não acreditei quando abri o envelope, mas agora que Minerva e Evren estão aqui para confirmar detalhadamente…

— Que porra é essa, Kalon?! — Rajá o interrompe, segurando seu rosto de forma agressiva e assustadora. — Foi você quem matou ela! Você!

Caminho para trás até sentir as mãos de Yuri em meus ombros. Estou desnorteada com seu gesto protetor, mas afetada demais com essa discussão para conseguir assimilar alguma coisa vinda do meu pai.

Quem é Azra e por quê Kalon está tão puto?

— Você é o bem mais precioso da minha vida, Rajá! — Esmurra seu rosto. — Mas está tão irreconhecível que meu coração não sente outra coisa além de dor. Eu estava sofrendo por anos, agora descubro que você fez isso.

— Kalon… — O mais velho tenta intervir.

— Você pegou desconforto e preocupação e despejou sob minha alma. — Aponta o dedo contra o rosto ensanguentado de Rajá. — Sua vida estava perfeita esse tempo inteiro, e no momento que descubro; você ainda tem a coragem de mentir olhando nos meus olhos? Que tipo de irmão é você?

— O que está acontecendo? — Sussurro para Yuri que coloca seu sobretudo sob os meus ombros, escondendo meu corpo.

— Não é da nossa conta, *agapi mou*. — Aperta os lábios, apontando para minhas irmãs ao seu lado.

Melissa está com o braço ao redor do dele e Nimue está segurando seus dedos, enquanto se esconde um pouco atrás do seu corpo. Aparentemente, todos nós estamos com medo da mesma briga que acontece bem diante dos nossos olhos.

Os dois irmãos estão em um tipo de luta cheia de socos e rosnados agressivos.

— Parem agora com isso! — Atena tenta intervir, mas Ivan segura seu braço e puxa para trás.

Alguns móveis se quebram, os cacos estão se espalhando pelo chão enquanto os dois lutam ferozmente.

— Façam alguma coisa, porra! — Kol olha para seus pais, apertando os punhos cheio de raiva.

— Não se envolva! — Ivan aponta o dedo na direção do homem que o encara como se fosse um pedaço de lixo.

— Como pode fazer isso com seu próprio irmão? — Os dois estão exaustos. Olho com pena para o nariz sangrando de Rajá, e para meu horror, tem uma faca pequena cravada em suas costas. — Como pôde me fazer mal desse jeito?

Kalon sobe em seu tronco e volta a desferir murros contra seu rosto. Rajá grita quando a faca raspa no chão, entrando na sua coluna com mais profundidade.

— Foda-se, eu não me importo! Eu não me importo com você e não me importo com a vida da Azra! — Rajá empurra ele para longe. — Eu te amo, Kalon. Mas nunca vou mudar por você. — Estremece. — Nunca vou mudar por ninguém.

— Então saiba que o seu amor é veneno. — Kalon agarra seu rosto. — Seu amor é pecaminoso, machuca e não me preenche.

— Foda-se! — O homem grita a plenos pulmões.

— Nós acabamos aqui, Rajá. — Kalon enxuga o sangue nos dedos. — Parabéns, conseguiu partir o coração do seu irmão.

— Não me importo, você não sabe nada sobre mim. — Os dois se erguem ao mesmo tempo. Não entendo porque os olhos de Rajá estão vermelhos pelas lágrimas contidas se ele diz palavras tão indiferentes. — Você é cego, não me enxerga. Não sabe nada sobre mim, nunca tentou saber. — Aponta ao redor. — Todos vocês não significam nada para mim.

— Kalon, pare agora com isso! — Ivan avança em sua direção. Cubro meu rosto quando o homem desfere um soco no rosto do seu filho.

— Quieta. — As mãos de Yuri aperta meu ombro quando tento avançar, furiosa. — Acho melhor irmos embora, meninas. — Fala mais baixo, olhando para Melissa e Nimue.

De alguma forma, Yuri consegue segurar as mãos de nós três e nos puxar, mas tudo fica em silêncio quando Kalon pula em cima do seu pai, devolvendo um soco.

Isso não vai muito longe. Todos os seus irmãos avançam como uma matilha de lobos e puxam Kalon como se essa fosse uma linha proibida de cruzar.

— Você estragou essa família, Ivan!

Silêncio se espalha pelo lugar. Todos estão chocados com o que acabou de acontecer. Nunca vi um homem tão louco e determinado ao ponto de enfrentar um demônio como seu pai.

— Acaba de fazer sua cova! — Ivan leva a mão ao seu coldre, puxando algemas. — Vou ensiná-lo uma lição.

Nesse momento, todos estamos tomados por um choque e silêncio ensurdecedor.

— Ivan, acho que nossos amigos já presenciaram demais. — Quase caio para trás ao perceber que Yuri não está mais atrás de mim, e sim segurando a mão do seu amigo.

Os dedos abertos permanecem estendidos no ar, sua cabeça gira na direção de Yuri como se ele também tivesse percebido a presença do meu pai apenas agora.

Os dois se encaram por breves segundos, presos em um diálogo que apenas ambos entendem.

— Nossa reunião terminou, Evren. — Ivan responde sem olhar na direção do homem parado ao meu lado.

— Uma pena. — O homem ri, retirando as mãos do bolso. — Foi tudo tão aconchegante que queria ficar mais um pouco.

Ivan gira em seus calcanhares, olhando na direção do homem despreocupado que apenas acena na nossa direção e caminha até a porta, colocando um óculos de sol no rosto.

Depois que ele sai, volto minha atenção para Kalon que está parado, ainda consumido por esse descontrole.

— Os dois me esperem lá em cima. — Seu pai aponta para as escadas.

— Não. — Rajá fala, arrumando suas roupas brancas e sujas de sangue. — Se o senhor tiver algo para me falar, sabe onde me encontrar.

Dá as costas, a faca ainda na sua pele como se não doesse. Ele caminha devagar, ignorando os protestos preocupados de Atena. Os outros dois irmãos permanecem parados, Kol é o primeiro a sumir para o jardim como se discussões fossem uma rotina na sua família.

— Kalon mou… — Ajax caminha na sua direção, segurando seu braço. — Peça desculpas por isso, papai vai destruí-lo.

— Ainda existe alguma coisa para ser destruída em mim? — O homem sussurra pausadamente. — Nosso pai tirou até a última gota, *Ajaque mou!*

— Não seja tão raivoso, isso pode te matar. — O garoto implora, puxando seu irmão para um abraço e demonstrando que se importa. — Sei que sua vida foi destruída depois que você matou Azra e nossos primos, mas…

— Afaste-se dele, garoto! — Ivan rosna furiosamente.

— Você não tem o direito de afastar meu irmão de mim. — Kalon desliza sua palma pela coluna do seu irmão, protegendo-o.

— Vou quebrar você com tanta intensidade, Kalon mou, que toda essa raiva vai embora. — Aponta o dedo raivosamente. — Solte o garoto se não quiser que ele experimente do mesmo.

Kalon o faz imediatamente, empurrando seu irmão para longe e avançando dois passos na direção do seu pai. Três seguranças puxam seus ombros à força, levando-o para longe da sala.

— Ivan! — Atena grita, permaneço em choque. —Não faça nada com ele!

— Não se atreva. — Yuri rosna, agarrando o braço de Atena com força e puxando-a para trás.

— Ele é o meu filho, Yuri. — Vira o rosto, agora gritando com meu pai. — Não vou permitir que ele destrua Kalon.

— Pois que tivesse feito alguma coisa quando ele nasceu, agora já era. — Fala com imensa indiferença, mais do que usa comigo e minhas irmãs.

Yuri trata Atena como se a odiasse profundamente, como se não suportasse sua presença.

— Ora… — O salto de Minerva ecoa, até que ela está parada bem na minha frente, acariciando o sobretudo nos meus ombros. — Arcane mal acordou e já está presenciando outra briga. — Estala a língua.

— Pode nos explicar o que está acontecendo? — Pergunto com a voz trêmula.

— Kalon é um monstro. — Responde no mesmo instante. — Seu noivo matou a noiva que teve no ensino médio, juntamente com todos os

seus primos. — Abre os braços. — Simplesmente fez um massacre.

Espanto e confusão me domina de dentro para fora. Isso é impossível de acreditar.

— Então era isso que estavam conversando no escritório? — Nimue pergunta.

— Estávamos tentando convencer Kalon da verdade, que foi ele quem matou Azra. — Explica como se estivesse contando uma história e me olha cheia de pena. — Admiro sua coragem, Arcane. Está pegando o noivo de uma mulher morta pelas mãos dele. Deus queira que a história não se repita com você.

— Por que Kalon matou ela? — Questiono, meus olhos ardendo.

— Porque ele é louco, Arcane. Morria de ciúmes dela, tão obcecado e doente que a matou por isso. — Eu balanço a cabeça em negação, sem querer acreditar nisso. — Em algum momento já deve ter presenciado as crises dele.

Caminho para trás, tremendo diante das suas palavras. Como não percebi a verdade? Como mergulhei de cabeça e me entreguei a um homem cruel como ele?

— Kalon me entregou isso dias atrás. — Me entrega a fotografia rasgada que peguei no escritório do meu pai. — Esse homem entre Yuri e Ivan é o pai de Azra. — Estala a língua. — Seu pai sabia disso o tempo inteiro, e mesmo assim está te entregando nos braços do diabo.

A verdade estava na minha frente desde o começo, e só agora percebi. Sinto ânsia de vômito e minhas pernas enfraquecem.

— Não… — Caminho para trás até que meu corpo bate contra o de Yuri.

— O que você tem? — Ele é rude.

— Acho que ela está fraca, abalada com tudo que aconteceu. — Minerva aperta sua bolsa e sorri compassivamente. — Meu trabalho aqui terminou. — Me analisa profundamente e depois acena para os que restaram na sala. — Que tudo fique no passado.

Quando a porta se fecha, me desligo da realidade ao meu redor e tudo que minha mente repassa são as palavras daquela mulher.

Me sinto doente e pecaminosa conforme percebo que tudo faz sentido. Sua obsessão e raiva profunda, a forma que se empenha a estraçalhar uma pessoa.

Meu mundo fica cinza novamente. Me sinto enganada, traída e suja. Me sinto cruel por ter me entregado a ele de forma tão pecaminosa e pervertida, sendo que ele é um monstro e matou sua noiva. Pior ainda, colocou a culpa no seu irmão para se safar desse pecado.

Quando chegamos em casa, Yuri remove seu sobretudo dos meus ombros e me dá as costas como se as últimas horas não tivessem acontecido.

— Por que está me forçando a casar com aquele homem louco? — Sussurro, fazendo-o parar no corredor. Seus ombros balançam. — Você sabia que Kalon matou a noiva dele e mesmo assim está me entregando para o mesmo fim!

Ele gira, caminhando na minha direção e me encarando cheio de indiferença. Yuri não sente pena das lágrimas de mágoa e medo que escorrem por minhas bochechas, que não me permitem respirar direito.

— Por que acha que eu voltaria atrás? — Ergue uma sobrancelha. — Você conhecer como Kalon é verdadeiramente não muda nada.

— Muda. — Sufoco. — Eu não quero isso. — Balanço as mãos, tentando me expressar da melhor forma que consigo. — Você não entende, pai? Não é certo com a pessoa que ele matou, não é certo comigo. — Balanço a cabeça em negação. — Eu não quero esse pecado.

Quero arrancar cada pedaço de mim até não existir mais nada que aquele homem tocou, quero me matar para sufocar todos esses sentimentos pecaminosos e profanos. Estou tremendo com as lembranças das coisas insanas que fizemos.

— Mas eu quero. — Yuri responde, como se apenas isso bastasse para justificar cada atentado contra minha vida.

Lágrimas quentes escorrem por minhas bochechas.

— O que estou fazendo de errado? — Seguro os dois lados do meu rosto, começando a chorar mais alto. — Você está me punindo por que? O que vai ser suficiente para te fazer parar de uma vez? — Minha voz está tão quebrada que não vai muito longe.

— Pobre ser humano você é. — Lamenta, balançando a cabeça em negação. — Sua vida é uma grande fraude. Matou sua madrasta e sua melhor amiga, acho que agora está na hora de pagar por tudo isso. — Aponta ao redor. — Acho que esse casamento será como uma morte lenta para você repensar todos os dias sobre as coisas que fez.

Seu dedo bate contra minha testa, apontando e empurrando com força.

— Eu só quero ser livre, é pedir muito? — Seguro sua mão tentando encontrar alguma coisa dentro dele que tenha misericórdia de mim.

— Essa coisa que você deseja não existe. — Rosna furioso. — Acha que pessoas como nós merecem essa merda? — Ri amargo. — Fique contente com o que tem, Arcane. Pelo menos não está mais atrás das grades.

Esmurrando suas costas para liberar os sentimentos que sufocam minha garganta desde que Minerva disse aquelas coisas. Empurro seu corpo e grito, liberando toda a minha raiva e medo que tenho guardado há meses.

— Ninguém pode me forçar a isso! — Grito. — Não vou me casar com Kalon!

Chuto seus pés, pulando em cima do seu corpo e esmurrando seu rosto. Yuri me agarra pelo pescoço, desviando de socos e me entregando outros.

— Já chega! — Aperta meu braço. — Você não tem escolha, porra! Seu surto é o suficiente, pare com isso!

Tremo de ódio quando ele imobiliza minhas pernas. A forma como mordo seu ombro e acerto minha cabeça na sua têmpora não são suficientes para derrubá-lo. Yuri parece a porra do diabo. Imortal e inabalável.

— Como pode obrigar ela a se casar com um homem que matou a própria noiva? — Melissa surge, tentando me proteger quando ele começa a puxar minhas roupas para me bater. — Que tipo de pai é você que não sente pena de vender a filha dessa forma?

— Vá para a porra do seu quarto! — Aponta o dedo na direção de Melissa. — Não importa se Kalon matou Azra, ou se vai fazer o mesmo com Arcane, esse casamento vai acontecer!

— Me solta! — Grito, batendo contra sua mão para afrouxar o aperto. — Me deixe em paz! — Me contorço, minhas pernas enfraquecem conforme me empurra para caminhar.

— Deixe ela! O que está fazendo? — Melissa grita atrás, tão descontrolada quanto eu. — Deixe minha irmã! O que está fazendo?! — Tenta segurar minha mão quando Yuri abre a porta do quarto escuro.

— Dando a ela algum tempo para mudar de ideia! — Me empurra para dentro do lugar escuro, tento segurar a porta.

— Não faça isso! — Melissa segura a maçaneta. — Ela tem medo do escuro!

— Melhor ainda, hoje vai perdê-lo. — Aperta o pescoço dela. — Já você? Tenho formas melhores de educar, começando por Nimue.

— Por favor… — Engasga. — Deixe minhas irmãs… Eu faço qualquer coisa.

— Nada que fizer vai ser suficiente, Mel. — Minha irmã fecha os olhos. — Se despeça da sua irmã.

— Por favor… Me deixe ficar com ela. — Estende as mãos.

— Melissa! — Grito, avançando na sua direção. Yuri puxa a porta no mesmo instante, fazendo meu corpo bater contra a madeira gelada.

O fôlego some dos meus pulmões e ajoelho no chão, gritando alto e esmurrando a parede. Detesto a sensação de estar sendo enjaulada novamente.

Bato incansavelmente, enquanto ouço o choro de Melissa aumentar, seguido pelo de Nimue. Aperto meus cabelos, batendo meu rosto contra a madeira quando tenho a sensação dos dedos dela me tocando.

— *Estamos juntas novamente.* — Sussurra.

O desamparo me rasga como uma faca de dois gumes. É doloroso saber que o fantasma da minha melhor amiga aparece apenas para me assombrar, para me deixar mais triste, quebrada, e não para ser minha amiga de verdade.

— Me deixe em paz! — Encolho meus pés. — Por favor, não me torture assim!

— *Pobre coitada.* — Ela está rindo, consigo sentir seus dedos contra minha pele.

Me inclino para frente e volto a chorar mais alto do que qualquer barulho monstruoso que ecoa pelas paredes dessa casa.

Logo desmaio de exaustão.

— O casamento será hoje. — Tenho um sobressalto quando três dias depois Yuri abre a porta do quarto escuro.

Primeiro, a luz ofuscante afeta minha visão. Depois, meu estômago rasga de fome.

Choramingo, me arrastando para trás enquanto aperto os olhos vermelhos pelas lágrimas. Me sinto fraca e doente, me sinto febril e como se um buraco enorme estivesse dentro do meu peito.

— Você está sem comer e sem beber, talvez agora tenha alcançado sua consciência. — Me estende a mão. — Meu amigo sempre diz que o jejum é a melhor forma de quebrar uma pessoa.

Aceito sua mão estendida, a fome me deixa mais raivosa e irracional, mas não faço nada. Estou desesperada para me livrar desse quarto escuro e assustador.

— Na festa de casamento, deve dançar com todos os homens membros da Alkyóna e decorar o nome de suas esposas.

Tremo com força ao sentir o cheiro do ambiente aberto, antes que eu possa aproveitar com profundidade, Yuri me puxa com força para caminhar. Cada passo que dou é como se um pedaço da minha existência estivesse sendo alterado pelas mãos de outra pessoa.

Como se todos os tijolos que constroem as paredes da minha vida tivessem sido colocados por várias pessoas diferentes, então todos estão em

posições diferentes, alguns quebrados e outros prestes a cair e destruir toda a construção que me mantém de pé.

— Perdeu sua língua lá dentro, Arcane? — Yuri aperta meu queixo, me obrigando a encarar seu rosto.

— O que fez com minhas irmãs? — Rosno.

Ele ri alto, quase engasgando. Então solta meu rosto e balança a cabeça em negação.

— Fala sério. — Debocha. — Suas irmãs são bem melhores que você, casca grossa e determinadas.

— Talvez eu deva cortar minha garganta e me livrar de uma vez por todas dessa prisão que me colocou. — Respiro fundo, tentando controlar a fraqueza na minha voz.

— Faça isso, e dessa forma, nem mesmo Deus vai aceitar você. — Balança a cabeça em reprovação.

— Só quero ser livre. — Encaro seu rosto.

— Ouvi falar que todo mundo quer isso. — Yuri para de andar e fica de frente para mim. — Na sua idade, eu também queria a mesma coisa.

Lágrimas invadem meus olhos e desvio meu rosto para não ter que encarar os demônios que dançam em seus olhos azuis.

— Se você tivesse lutado pelo que queria, eu não precisaria estar passando por isso. — Tento me afastar do seu toque. — Eu provavelmente teria um pai melhor, um que me entende.

— Se eu tivesse lutado por isso, você e suas irmãs não teriam nascido. — Balança os ombros, cheio de indiferença. — Eu entendo você, mas isso não faz diferença alguma, Arcane mou.

Me puxa para continuar andando.

— As pessoas dizem que entendem e sentem muito por sua desgraça, mas é apenas isso que podem fazer. — Balança os ombros. — Dar palavras e mais palavras. Saiba que ser compreendida não vai mudar nada na sua vida, você vai continuar sendo o que é, e vai acabar onde deve estar.

Ignoro suas palavras, apenas encaro a forma como ele me empurra até sentar no sofá da sala. Yuri se abaixa, puxando uma vasilha com água morna e começa a lavar meus pés com um pano.

— Sei como você se sente. — Continua falando. — Como se um pedaço da sua identidade estivesse sendo arrancado de você, tão injustiçada que seu fôlego acaba e seus ossos doem. — Seus olhos azuis me encaram. — Você quer ser livre e dar o mesmo para suas irmãs, pensa tanto nisso, constantemente, repetidas vezes, que no final do dia fica tão exausta que começa a chorar. — Balança a cabeça em negação. — Você deseja tanto por compreensão, por uma amiga para compartilhar todas essas dores, que tem pesadelos horríveis com a Nikoleta, mas não conta isso para suas irmãs porque não quer assustar elas. Não quer que pensem que está louca.

Estremeço, desviando o rosto para não chorar como uma criança bem na sua frente.

— Engole esse monstro caladinha. O motivo? — Levanta a voz melodiosa. — Porque sente tanta culpa e saudades que às vezes é mais fácil se matar por dentro.

— Cale a boca. — Rosno, desejando chutar sua cara e liberar todos esses sentimentos dentro do meu peito.

— Não, eu vou continuar falando. — Balança a cabeça em negação. — Você é obcecada pelo Kalon, gosta do desejo sujo e incontrolável correndo por suas veias, mas tem medo e ser obcecada por ele não significa que quer se casar.

— Cale a boca, Yuri… — Ameaço mais baixo.

Ele estala a língua, agora limpando meus braços de forma brusca.

— Porém, agora que sabe que Kalon matou a noiva dele. — Bate os cílios. — Está com medo de passar mais um dia nas mãos dele, e de gostar. Você sente nojo por desejar com todas as forças um homem que significa tudo que mais abomina em si mesma.

Aperto os lábios, segurando um soluço doloroso e insatisfeito. Yuri sabe de tudo que sinto, sempre soube que ele me observa, que faz isso com todas as suas filhas, mas me machuca muito que não faça nada a respeito.

Esse homem conhece as fraquezas, as dores de cada uma, consegue nos ler como um pai de verdade consegue, mas, a única diferença, é que ele não liga. Papai não faz nada além do que ele ou Ivan querem.

— Odeio tanto você por me destruir. — Cuspo as palavras, finalmente colocando elas para fora depois de anos guardando. — Você nunca fez esforço nenhum para me proteger.

— Ah, sim, também sei que você me odeia. — Balança os ombros, continuando a limpar meus braços. — Sei de tudo ao seu respeito, pequena aberração.

Respira fundo, estremecendo de forma leve ao liberar cada palavra.

— Mas, saber das coisas não vai mudar sua situação, compreender você, me identificar com você, nada disso serve. — Solta minhas mãos. — Nada disso vai alterar o fato de que está sozinha no mundo, que se cair, deve aprender a se levantar sozinha e enxugar suas lágrimas. — Segura minhas bochechas, agora limpando meu rosto. — Milagres não acontecem nem mesmo com os favoritos de Deus, minha filha. Na verdade, os que temem a Deus são os que mais sofrem, os que mais definham e os que mais aprendem.

— As pessoas também podem aprender amando. — O interrompo, encarando seu rosto. — O aprendizado pode vir de uma coisa positiva e leve, quem disse que não?

— Ninguém está dizendo que não. — Sacode a cabeça em negação. — Mas, isso é um luxo que nem todo mundo tem. Se acha que foi a falta de amor paterno que acabou com sua vida, saiba que nunca neguei meus sentimentos por você. — Responde, ainda limpando meu rosto.

Paraliso. Esperava qualquer coisa, menos isso. Pisco algumas vezes, olhando para seu rosto que continua com a mesma expressão.

— Você me ama? — Só posso estar delirando.

— Claro que amo. — Balança os ombros. — Ainda me surpreendo que tenha esquecido de toda sua infância, mas, as outras lembram com clareza. Eu te amei todos os dias, e você nunca sentiu falta da sua mãe de verdade, aquele hospício apenas apagou nossas lembranças juntos e te fez acreditar em pequenas coisas que nunca existiram. — Estala a língua. — Eu estaria limpando seu corpo e falando essas coisas se não te amasse? — Ergue uma sobrancelha.

— Então porque continua sendo tão ruim? — Algo amargo fecha minha garganta e machuca meu peito mil vezes pior.

— Não é o meu amor que vai sustentar sua existência. Fala sério, o amor de Yuri Planard seria capaz de manter todas as coisas intactas? De forma alguma. Meu amor é tão falho quanto eu. — Estala a língua. — Na

verdade, não é nada disso que vai te fazer sobreviver a essa vida, mas sim o quanto você aprende a ser forte.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha e ele esfrega o tecido com mais força.

— Minha função não é falar sobre amor, é te ensinar a lutar. — Aperta os lábios. — Não foi o amor que manteve sua mãe conosco, que te livrou do presídio ou salvou a vida do Theo. No mundo em que vivemos, o amor serve apenas para acolher. Para viver, *agapi mou,* vai ser necessário algo mais forte e cruel.

Desvio o rosto, não gostando de como suas palavras me acertam em cheio como facas.

— Eu nunca criaria um filho da forma que você me criou. — Rosno, sentindo tanta raiva e mágoa que começo a chorar inconsolavelmente. — Toda a minha vida está perdida por sua culpa e você ainda ousa dizer que me ama?

— É exatamente isso que estou tentando explicar. — Aponta na minha direção. — Percebe como é injusto e nojento falar que ama sua filha quando se tem essa vida? O amor não faz sentido nenhum para pessoas como nós, nascidos para morrer, para lutar e ser mais fortes que a porra dos deuses. — Aperta meu queixo. — É com raiva e coragem que se vence o mundo, não com amor.

Soluço de forma horrorosa, tentando me esquivar do seu toque nada delicado enquanto limpa minha pele suja de poeira e alguns ferimentos.

— Nunca vou te perdoar por tudo que fez comigo, está ouvindo? — Balanço a cabeça em negação. — Nada no mundo vai me fazer esquecer o que me causou.

— Sei disso. — Responde no mesmo instante, sem sequer demonstrar alguma fraqueza diante das minhas palavras, o que me faz sentir patética. — Também sei que suas irmãs pensam igual. Realmente não me importo, na verdade, saber disso é o que me empurra a continuar fazendo tudo o que faço. Somos um caso perdido, Arcane mou. Pode até criar seus filhos de forma diferente, dou graças a Deus por isso, fiz a mesma coisa em relação ao meu pai. — Balança as mãos, cheio de desinteresse. — Mas, o amor só é suficiente na infância, em algum momento, o seu filho vai crescer e alguém vai quebrá-lo. A vida funciona assim.

— Melhor que ele seja quebrado pelas mãos de outra pessoa, do que pelas minhas. — Rosno. — Porque quando isso acontecer, é para meus braços que ele virá correndo, e vou saber curá-lo. — Sibilo, ganhando sua atenção furiosa. — Isso é algo que você nunca me ensinou.

— Claro que ensinei. — Sorri, ficando de pé. — Não é nada que já não tenha acontecido na sua infância.

Me puxa, me deixando atormentada, como se faltasse algo dentro de mim. Minhas memórias da infância nunca mais vão voltar, e acho melhor, pois seria doloroso perceber que meu pai de alguma forma já foi melhor que isso.

Essa é a minha forma de me vingar dele, esquecendo tudo sobre nós.

— Um casamento sem amor. — Balanço a cabeça em negação. — Essa foi a pior prisão que você poderia ter escolhido para me jogar.

— Suas irmãs já arrumaram suas malas. — Ignora minhas palavras.

Dou as costas para Yuri, ignorando seu olhar marcante enquanto subo as escadas sem demonstrar que sinto dor a cada movimento.

ATO 3

OS AMANTES FINALMENTE SE ENCONTRAM.

Marih
Ilustra

27. SINTO A VOZ TÃO MEIGA

“Nada mais temas, diz o coração no corpo, nada mais temas.”
— VIRGINIA WOOLF.

Arcane Planard

O casamento vai acontecer daqui algumas horas e estou passando mal. Minhas mãos estão tremendo enquanto caminho de um lado para o outro.

— Arcane mou… — Nimue acaricia meu rosto e me puxa para um abraço apertado. — Se andar tanto, vai acabar vomitando.

Tento sorrir, mas esse peso no meu peito me deixa angustiada. Quero tanto sumir desse mundo e viver em um lugar onde não exista nada além de nós três.

— Está tudo bem. — Respiro pesadamente. — Só estou nervosa.

Mentira. Quero morrer e gritar que não quero casar. Beijar e transar com Kalon é uma coisa totalmente diferente de um casamento forçado, principalmente depois das coisas que descobri sobre ele.

— E quanto ao Pavlos? — Pergunto, sem muita animação, apenas desconversando. — Não sei sobre ele desde aquele dia.

— Pavlos vai estar no casamento. — Mel responde, cruzando os braços. — Encontrei com ele algumas vezes, e me disse que Yuri o procurou apenas por seus serviços, ele não sabe sobre nosso envolvimento. — Responde com calma.

— Acho que essa é a menor das nossas preocupações por agora. — Nimue respira aliviada, entrelaçando seus dedos nos meus.

Melissa engole em seco, abaixando a cabeça para voltar a me ajudar com o maldito vestido de noiva. Feito sob medida, mas ainda muito apertado.

— Gostaria que você fosse criança e coubesse no meu colo mais um pouquinho, assim não ia precisar passar por isso. — Lamenta, apertando minha cintura.

Eu gemo em protesto. Suas palavras me dão mais vontade de chorar.

— Juro que esse vestido vai acabar com minha vida. — Choramingo, agarrando o braço de Nimue para não cair.

— Deus deve estar te castigando... Porque... — Melissa faz força, seus braços tremem em dor. — Não vai caber. — Completa, me soltando.

— Tem que caber. — Respiro trêmula. — Não temos outro vestido, eu nunca usei uma porcaria tão grande como essa, precisamos dar um jeito. — Olho para toda sua perfeição que não faz juz ao conforto.

Estou frágil e quebrada. Não consigo decidir se quero gritar ou chorar como uma criança.

— Pensa em se casar com ele? — Pergunto. — Vocês estão apaixonados, é óbvio. Será que Yuri aceitaria?

— Seria uma humilhação para nosso pai. — Nimue comenta, concentrada em arrumar meu buquê.

Meus olhos brilham de curiosidade para saber como é a dinâmica de um relacionamento recíproco, onde as duas partes escolhem viver isso e não são forçados a nada.

— Se implorar, acha que Yuri aceitaria? — Viro para encarar meu reflexo no espelho, minha mão desliza cuidadosamente pelo vestido branco.

— Yuri só faz o que beneficia os negócios. — Balança a cabeça em negação. — Meu relacionamento com Pavlos é algo proibido que pode resultar em morte, ele não é um membro da Alkyóna e jamais será.

Seguro minha respiração para que ela consiga fechar o vestido. As camadas são simples, não é nada exagerado, assim como não é nada feio.

Até gosto de como me pareço: uma mulher normal realizando algo que deveria ser seu sonho.

— De toda forma, é complicado. — Melissa gagueja, suas bochechas estão vermelhas, mas seu olhar não esboça nenhuma felicidade. — Pessoas são complicadas, nossa vida mais ainda. Toda solução que buscamos parece infundada e ruim. — Respira fundo e muda meu cabelo de posição para ter acesso a minha cintura.

— Tem razão. — Balanço a cabeça em concordância, analisando o vestido como se estivesse procurando algum maldito defeito para desferir minha raiva.

Não encontro nada. Está perfeito em mim.

— Arcane, pode ficar parada? — Melissa implora cheia de sofrimento. — Facilite meu trabalho, por favor. — Pede, se abanando.

— Ah, que ódio! — Estalo a língua, encarando o vestido. — Por que não está fechando? Vou queimá-lo se isso não funcionar!

As duas soltam uma risadinha, provavelmente percebendo que acabei de tratar o vestido como uma máquina de café que só precisa de algumas batidinhas para funcionar.

— Fique parada, vestidos são assim mesmo. É um pequeno defeito na costura, eles não tiveram tempo de colocar todas as pérolas, mas estou quase conseguindo. — Continua. — Acho que você comeu muito chocolate no aniversário do Kalon, agora está terrivelmente apertada.

Choramingo ao ouvir seu nome, prestes a abrir um buraco para me jogar dentro.

— Um casamento difícil. — Nimue fala do outro lado, se divertindo. — Um futuro difícil, e um maldito vestido difícil.

— Pois é, Nimue mou. — Aperto os olhos na sua direção. — Tome como exemplo e não se case nunca!

— Vou pensar, nunca ganhei um buquê de um homem. — Comenta, encarando o que tem nas mãos.

— Vá em frente. — Aponto. — É todinho seu, faça de conta que foi um personagem literário que enviou.

Meu cabelo e maquiagem já estão prontos, elas mesmas me ajudaram com tudo. Olho por cima do ombro, percebendo que Melissa está quase acabando.

Glorifico, tomada pela gratidão.

— Nenhuma noiva na história deve ter se casado tão carrancuda assim. — Melissa brinca. — Vamos, coloque um sorriso no rosto por suas irmãs, Ane. Finja que está tendo um dia bom.

Faço o que ela pede, abro um sorriso fofo quando sou liberada das suas mãos delicadas. Começo a caminhar, tentando me acostumar dentro do vestido e não cair nos primeiros passos. Preciso fazer muito esforço para não cair no chão quando elas me ajudam a subir no salto.

— Agora a sua missão é ficar intacta e equilibrada. — Segura meus dedos.

Ansiedade ataca meu estômago e eu sinto vontade de vomitar ou chorar, não sei a ordem.

— Vamos lá, é a primeira vez que você vai se casar. — Nimue me incentiva. — Aproveite um pouco.

— Dê bastante trabalho para aquele filho da puta. — Melissa acrescenta, me dando um tapinha no braço. — Como vingança por esse acontecimento, faça ele sofrer muito.

Me inclino para sentir seu beijo no meu rosto. As duas já estão arrumadas, esse é o nosso último momento juntas antes que eu seja levada para uma nova casa.

Meus olhos ficam úmidos ao pensar nisso. Não quero deixá-las logo agora que as tenho de volta depois de anos separadas.

— Está tudo bem, não pense no dia de amanhã, apenas tente aproveitar o momento. — Encaro o buquê que foi deixado nas minhas mãos.

Meu coração murcha dentro do peito, implorando por liberdade, mas, a partir de hoje eu vou precisar ignorar esse sentimento para conseguir viver sem enlouquecer.

— Tudo bem. — Respiro pesadamente, controlando minha vontade de chorar. — Vou sobreviver ao dia de hoje.

— Está tão linda. — As duas comentam ao mesmo tempo, acariciando meu braço.

— Me sinto diferente. — Olho para baixo, procurando enxergar se é verdade.

Batidas soam na porta. Meu coração começa a doer quando tento respirar. Quero correr e me esconder debaixo das cobertas, fingindo que o mundo não existe, mas Yuri entra com passos firmes.

O homem me encara dos pés à cabeça e não consigo distinguir se seu olhar é de satisfação ou repulsa.

— Pronta, *agapi mou?* — Balanço a cabeça, implorando para que ele volte atrás. Seus olhos não se encontram com os meus quando estende a mão. — Foi para isso que criei minhas filhas. Agora coloque um sorriso bonito para as pessoas.

Olho para minhas irmãs, mas Yuri me puxa, interrompendo nosso momento de conexão. Não quero deixá-las com ele quando eu for embora.

— Todos estão animados para o dia de hoje, não imagina quantas pessoas estão presentes. — Quase tropeço, sentindo dor nos pés e tontura.

Não como nada há três dias.

— Não seja uma besta, Arcane mou. — Aperta meu braço. — Não comece tudo de novo, porra. — Engulo um gemido choroso, me forçando a caminhar agarrada nele.

Yuri percebe que estou tremendo e com dificuldade para andar, então me ajuda com o vestido pesado, até que entramos no carro. Fecho meus olhos para não chorar.

O carro está em silêncio, somos apenas eu e Yuri, minhas irmãs estão vindo em outro carro. Tenho certeza que esse homem está comigo apenas para se certificar que não vou fugir.

Minhas mãos estão tremendo, o medo e a angústia me comendo viva, me fazendo arquejar e quase choramingar quando minha mente cria todos os cenários de infelicidade e tortura que posso viver como esposa de Kalon.

Uma mulher suja, danificada, completamente proibida de ter uma vida normal.

O casamento é a céu aberto, essa é a primeira coisa que presto atenção quando o carro estaciona.

Há uma multidão de pessoas, fotógrafos.

— Chegou o momento. — Yuri fala, arrumando sua gravata.

Me aproximo, entrelaçando meus dedos nos seus.

— Por favor. — Imploro quando uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto. — Eu não quero. — Gemo, prendendo um choro feio e desesperado.

— Meu amor… — Estala a língua, me assusto com seu tom de voz gentil e calmo. — O que meu pai disse quando você estava matando ele? — Pergunta, seu tom de voz parece angustiado e cheio de tristeza.

Pela primeira vez, Yuri me olha como se sua máscara tivesse caído, como se fosse meu pai de verdade. Até consigo ver o amor nos seus olhos enquanto amassa minhas bochechas entre as mãos.

— Não foi nada sincero, papai. — Imploro, balançando a cabeça em negação. Meu coração bate forte, consumido pela esperança que vai voltar atrás. — Por favor, você ainda pode me salvar. Ainda pode provar que tudo que ele disse é uma grande mentira.

Ergo minhas mãos para segurar seu rosto também, mas Yuri desvia no último segundo.

— Não, é tarde demais para isso. — Muda sua expressão para indiferença, inclinando o queixo e apontando na minha direção. — Vai ser o melhor para tua vida, vai ver só. Finalmente livre de mim.

Percebo que Yuri nunca vai mudar, não existe nada forte o suficiente para fazê-lo mudar de ideia e me salvar.

— Vamos. — Seu aperto é abusivo, sinto que pode arrancar meu punho ou meus dedos.

Começo a sair quando Yuri me ajuda com o véu para cobrir meu rosto. O vestido me faz sentir como uma criatura perdida no mundo, um

animal fora do seu habitat.

— Você está tremendo, Arcane. — Brada. — Agarre meu braço e apenas caminhe.

Respiro trêmula, começando a olhar para as pessoas mais próximas. Eles tem um olhar tão vazio, como se não conseguissem enxergar nada além de suas vidas perfeitas e corrompidas pelo crime.

Quero apenas correr para longe, mas Yuri intensifica seu aperto conforme nos aproximamos do caminho de rosas vermelhas espalhadas pelo chão.

Yuri levanta o véu e deixa um beijo demorado na minha testa quando chegamos no final do caminho. Agarro seu braço, me inclinando contra seu corpo.

— Então a menininha grudenta do papai finalmente vai se casar. — Acaricia minha bochecha. Meus olhos brilham em lágrimas por lembrar dessas palavras, é uma memória tão vaga.

— Por favor. — Imploro, esfregando a ponta do meu nariz contra sua bochecha quando segura os dois lados do meu rosto. — Faça alguma coisa. Te imploro.

— Seja feliz, *agapi mou.* — Sussurra. — Lembre do que te falei, você sabe lutar como ninguém, basta ser forte. — Balança a cabeça. — Mas não se preocupe, vou te visitar qualquer dia, se eu ver que você está in…

Suas palavras morrem. Estamos de frente um para o outro por tempo demais, as pessoas estão questionando. Yuri me solta, me empurrando com delicadeza até que as mãos de Kalon se entrelaçam nos meus dedos.

— Obrigado, Yuri. — Balança a cabeça, ainda sem me olhar. — Eu assumo daqui.

Olho para meu pai tentando segurar as lágrimas e arrancar suas últimas palavras, mas ele não me olha novamente, apenas dá as costas e se perde entre os convidados.

Não ouso olhar para o rosto de Kalon, por mais que sinta sua atenção em mim. Esse homem acaricia minha mão com tanto carinho que rapidamente a impressão do aperto de Yuri desaparece.

— Não tenha medo. — Fecho meus olhos quando sua boca encosta nos meus dedos, suspira contra minha pele e deixa um beijo molhado. —

Estou com você. — Acrescenta, balançando meus dedos para fazer com que eu olhe na sua direção.

Mordo o canto dos lábios, respirando fundo e lhe dando atenção. Meus olhos se encontram com os seus e o mundo paralisa ao nosso redor. Não consigo ouvir o som dos pássaros misturado com o som das pessoas, apenas as batidas do meu coração enquanto encaro seus olhos verdes.

Quero avançar um passo na sua direção e implorar para que me segure firme, ao mesmo tempo que quero empurrar seu corpo para longe e sair correndo desse lugar e de qualquer possibilidade de uma vida ao seu lado.

— Está me ouvindo? — Questiona, meus olhos se perdem em suas roupas brancas que são um pouco tradicionais.

— Estou. — Balanço a cabeça friamente.

Kalon matou Azra, a mulher que deveria estar no meu lugar nesse momento. Destruiu sua vida por ciúmes e obsessão. Foi o que Minerva disse, e isso é o suficiente para me manter fechada e calada.

Seus olhos brilham, tomados por algo forte e glorioso que não consigo decifrar, mas quero experimentar qual o gosto, qual a sensação.

— Aí está. — Aponta para meu rosto. — Minha coisinha rebelde e linda, mantenha esse brilho curioso em seu rosto. — Fala mais baixo.

Quase esmoreço diante do seu elogio, mas algo se fecha no meu peito ao lembrar dos motivos para odiar esse homem.

— Nunca me casei na vida, e essa está sendo uma experiência horrível. — Minha voz é raivosa. — Por favor, fique em silêncio para que eu consiga me concentrar.

— Eu também nunca me casei. — Kalon balança os ombros. — Mas, acho que nós podemos flertar enquanto o padre fala todas essas baboseiras.

Não consigo compreender o que o homem fala, tento absorver todos os detalhes ao nosso redor. As pessoas assistindo e o som dos pássaros, algumas borboletas voando, e as flores cheirosas.

Mas desisto de ir muito longe porque Kalon não deixa de me observar. Seus olhos varrem meu corpo, meu rosto, minha mão sob a sua, minha respiração trêmula.

Ele consome cada pedaço da minha existência como se fosse um vício incontrolável. Quero gritar para que fique longe de mim, que pare de me olhar assim depois de todas as coisas absurdas que aconteceram.

No momento em que tento arrancar minha mão da sua, o padre começa a falar com nós dois. Olho para Kalon buscando alguma orientação.

Seus lábios estão entreabertos, os olhos brilham cheios de atenção e algo calmo. Muito concentrado no homem que fala conosco, até mesmo balança a cabeça algumas vezes, como se estivesse guardando cada palavra no seu coração.

Me sinto tonta, a fome rasga meu estômago. Esse vestido me sufoca a cada segundo dentro dele. Eu faria qualquer coisa para abrir minhas costas e ficar livre dessas camadas.

Procuro não prestar atenção no incômodo que sinto quando viro o rosto para o padre.

— Agora é a hora. — Kalon me olha de relance, me lançando uma piscadela animada.

— Vocês expressaram o desejo em casar... — O religioso ergue a bíblia. — Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza…

Todos parecem se inclinar, desejando ouvir as palavras que vão sair de nós. Uma palavra que vai mudar toda a minha vida.

— Sim. — Minha voz sai trêmula, mas rapidamente coberta por uma voz mais firme e aveludada.

Nós dois falamos juntos, como a sombra um do outro. Costurados, sangrando em cima um do outro. Condenados.

— Podem trocar as alianças. — Encaro Kalon, estendendo minha mão.

— Arcane mou, receba essa aliança… Como prova da minha devoção e da minha fidelidade. — Fecho meus olhos quando o objeto frio desliza por meu dedo anelar.

Uma aliança dourada bem fina. Já a dele é mais grossa.

— Receba essa aliança… — Quase engasgo, meus dedos paralisam no meio do caminho.

Kalon puxa minha mão com cuidado e pressiona seus lábios contra os meus, me livrando de falar as próximas palavras.

As pessoas aplaudem e comemoram, soltando assobios intensos. Finalizo com a aliança em seu dedo e me afasto, encarando seu rosto, assustada por ter beijado sua boca em público.

Tenho certeza que vou desmaiar se não sair desse vestido agora mesmo.

— Certo, agora era a hora de beijar a noiva. — O padre balança a mão, arrancando algumas risadas das pessoas.

— Eu faço de novo. — Kalon balança os ombros. — Para que Deus ache graça de nós.

Fico tensa, olhando para seu rosto quando se aproxima novamente.

— Arcane, vou beijar sua boca agora, desconsidere o último beijo. — Ele encara meus lábios, vejo o desejo em sua expressão e logo me sinto quente e anestesiada.

Dessa vez inclino meu rosto na sua direção e mantenho meus olhos abertos. Sinto o gosto da sua boca contra a minha, a forma como seus lábios dançam com os meus. Espalmo seu terno em busca de apoio.

Nunca fui beijada com tanta calma e paciência como agora. Eu poderia desmoronar em seus braços, agarrar seu ombro e prolongar seu sabor, mas me afasto quando tenho consciência das pessoas aplaudindo e vibrando.

Minhas bochechas ficam vermelhas de raiva e vergonha. Quero desaparecer. Eles estão comemorando a minha infelicidade, aplaudindo todos os meus pedaços quebrados e reverenciando as correntes ao redor do meu corpo. Agora esse passarinho jamais sairá da gaiola.

Kalon me ajuda com o vestido quando começamos a andar, eles jogam flores nas nossas cabeças enquanto gritam palavras em grego, nos abençoando.

Passamos horas com pessoas vindo nos parabenizar e se apresentar. Também fizemos algumas fotos onde tive que forçar um sorriso gentil.

Na primeira oportunidade de ficar sozinha, começo a beber taças de champanhe apenas para fugir da conversa e apresentações cansativas.

Kalon abraça e aperta a mão de várias pessoas.

— Me concede a honra? — Alívio sobe por minha coluna ao ouvir a voz de Pavlos.

— Ah, Pavlos! — Meu coração bate desenfreado e no mesmo instante pulo nos seus braços, agradecida por ter o meu melhor amigo comigo. — Graças a Deus que você está aqui.

— Seu pai me convidou. — Acaricia minhas costas. — Acho que a ideia de fingir que somos amantes não deu muito certo, não é?

— Eu realmente não estava contando com isso. — Balanço a cabeça em negação, puxando seu corpo para dançar comigo e ignorando os olhares das pessoas. — Mas foi divertido, pelo menos serviu para me distrair dessa realidade infernal.

— Ora, se você quiser… Podemos nos beijar agora mesmo, mas preciso pedir a sua irmã, ela é ciumenta. — Cochicha, me fazendo gargalhar alto.

Meus olhos ficam marejados de alívio quando a tranquilidade se espalha por todo o meu corpo.

— Pavlos! Agora todo mundo está olhando! — Fungo envergonhada, sentindo minhas costas queimando com tanta atenção.

— Não se preocupe, sua irmã disse que você precisava se sentir um pouco melhor. — Balança meu corpo de um lado para o outro, me ajudando a ficar mais leve e tranquila. — Elas não podem vir até você porque estão impedidas por Yuri, mas posso roubar a dança de todos os homens que estavam na sua lista. — Cochicha, acariciando minha bochecha.

— Você é incrível, Pavlos. — Falo agradecida, percebendo que alguns homens estão saindo da fila por estarem exaustos de tanto esperar.

— Estou apenas cumprindo o meu papel de melhor cunhado, agora que tem mais três. — Fácil assim, ele me arranca outra gargalhada tão leve que meus olhos enchem de lágrimas.

— Você é meu melhor amigo, nada nunca vai se comparar a isso. — Beijo suas bochechas, acariciando suas costas quando o aperto com força.

— Também é minha melhor amiga, Arcane. Uma pessoa tão querida na minha vida que gostaria de provar isso de todas as formas. — Agarra minha cintura, me girando no ar e causando alívio ao meu corpo quando não sou puxada para baixo pelo peso do vestido. — Começando pelo seu presente, o que acha?

— Sim, por favor! — Falo animada, quase perdendo o fôlego quando sou devolvida ao chão.

Os olhos de Pavlos brilham de entusiasmo quando me puxa para um lugar mais afastado da pista de dança, agora debaixo de uma árvore iluminada. Então, leva os dedos à boca e assobia suavemente.

Não demora muito para um latido ecoar no meio da multidão.

— Páris! — Grito animada.

O animal dourado vem correndo a todo vapor, até que pula nos meus braços e balança o rabinho, me dando tantos beijos que fico tonta e preciso ser apoiada por meu amigo.

— Oi, meu amor! — Faço carinho. — Você estava com saudades? Estava?

— Lembra que combinamos que você ficaria com ele? — Pavlos sussurra. — Agora chegou a hora.

— Sério? — Meus olhos brilham, procurando seu rosto.

— Sério mesmo. — Afaga as orelhas do animalzinho. — Vou passar alguns meses trabalhando com vovô em alto mar, e Melissa vai estar ocupada tentando fugir algumas vezes para cuidar da vovó. Nimue só quer saber de livros e mais livros. — Cochicha a última parte, dando uma gargalhada. — Então fique com Páris, você ama tanto ele que não pensaria em outra pessoa.

— Ah, Pavlos! — Envolvo seu ombro em um abraço apertado, rapidamente o Golden Retriever espalha sua língua por nós dois, latindo alto. — Agradeço muito, você sabe o tanto que isso significa.

— Sim, eu sei. Você vai ter a companhia dele e não vai estar sozinha, quando olhar para Paris, vai se lembrar que suas irmãs e eu te amamos muito. — Aperta minha mão com força. — Pense sempre em nós e seja corajosa, logo as coisas vão se acertar.

Aperto Páris nos meus braços e caminhamos para a pista de dança quando Pavlos tem que se afastar, pois Melissa está com um imenso sorriso apaixonado chamando sua atenção.

Uma força magnética faz esse homem caminhar na sua direção como se não houvesse mais nada importante no mundo.

— Srta. Melissa, dance com esse pobre homem e dê a ele algumas horas no paraíso. — Ele estende a mão, fazendo minha irmã rir de um jeito invejável.

Isso é paixão. A mais pura e linda.

Eles se amam de verdade, e sinto que Pavlos está cada vez mais disposto a enfrentar Yuri para ficar com minha irmã.

Procuro por Nimue entre as pessoas e a encontro dançando com nosso pai que não deixa de observá-la enquanto resmunga palavras baixas.

Paro de olhar ao redor quando sinto Kalon do outro lado do salão, pensei que ele estava distraído com seus amigos, mas não. O homem observa o cachorro nos meus braços e minhas bochechas avermelhadas.

Limpo a garganta, aceitando mais uma taça de vinho para criar coragem de aceitar os pedidos para dançar.

— Fique aqui, Páris. — Empurro o cachorrinho de gravata borboleta para ficar deitado perto de onde estou dançando.

O meu vestido fica cada vez mais pesado conforme os homens me puxam sem nenhuma delicadeza, caminho para trás, sentindo tontura e dispensando o próximo que estava vindo.

— Arcane, pegue o cachorro e venha ver os fogos de artifício. — Kalon me chama, caminhando ao lado de um dos seus amigos. — Vou te apresentar um grande amigo do papai e a esposa dele. — Segura meus dedos, me fazendo andar ao seu lado.

Agarro seu braço, tropeçando nos meu salto, sua mão rapidamente envolve minha cintura, me apertando firme.

— Devagar. — Imploro, sentindo o questionamento no seu olhar. — Estou tão exausta desse vestido… — Minhas pernas estão tremendo e leva tudo de mim para não cair. — Não fui treinada para isso, Kalon. — Fico na ponta dos pés, agarrando seus ombros. — Por favor, faça alguma coisa. — Ele é tão alto que minha vista escurece.

— Arcane mou… Alguém pode ouvir e interpretar errado… — Suas sobrancelhas estão unidas.

Os olhos piscam e ele começa a inspecionar cada pedaço do meu corpo procurando por algum machucado, hematoma, qualquer ferida exposta. Mal percebendo que ela está no meu peito, não na pele.

— Está tudo bem, minha alma. — Assegura, ainda me olhando cheio de preocupação. — Você foi muito bem, meu amor. Muito bem.

Sons tranquilizadores saem dos seus lábios, até que se juntam aos meus em um beijo cheio de conforto. Gemo, gostando mais do que deveria da sua boca na minha.

— Não posso… — Me afasto, procurando fôlego.

Kalon me encara de forma intensa, causando uma pontada deliciosa na minha barriga, como mariposas implorando para sair.

— Quero outro. — Agarra meu rosto com firmeza, tomando meus lábios em um beijo mais exigente e faminto.

Estamos parados um de frente para o outro, a música ainda está tocando e as pessoas estão comemorando, aplaudindo os fogos.

— Não quero continuar dançando. — Sufoco.

Nós já dançamos com várias pessoas. Eu principalmente. Estou cansada dos homens desferindo elogios insuportáveis e me apertando mais do que deviam.

Fico na ponta dos pés, entrelaçando meus dedos em seus fios de cabelo, procurando alguma sensação de segurança porque minha vista está turva.

Kalon agarra minha cintura quando percebe que estou caindo.

— Meu amor! — Rosna firme, como se estivesse lutando para não me segurar nos seus braços.

Arrepios sobem por minha coluna, rapidamente deito a cabeça no seu peito, ouvindo seus batimentos acelerados.

— Por favor. — Não faço ideia do que estou implorando, mas escondo meu rosto na curva do seu pescoço e continuo sussurrando baixinho. — Estou morrendo, Kalon.

— Meu amor... Não fale comigo assim… Você me quebra. — Me chama baixinho, deslizando os dedos pelo meu cabelo. Sua outra mão está abraçando minha cintura e me mantendo em pé. — Me diga o que há de errado e farei passar.

— Por favor. Está pesado. — Peço mais baixo e me remexo em seu corpo grande, procurando qualquer forma de me aliviar. — Estou exausta. Por favor.

— Não posso colocar você no colo. — Diz, beijando meu ombro. Seus lábios são quentes e isso me faz encolher contra seus braços. — Há muitas pessoas e ainda tenho fodidos homens para apertar a mão e conversar.

— Não… Acabe logo com isso. — Gemo em agonia. — Passei três dias trancada em um quarto escuro, Kalon mou, sem comer nada. Sinto que vou desmaiar.

Não vou suportar mais nenhum segundo. A tontura enfraquece meus ossos. Kalon geme junto comigo, impaciente.

— Foda-se. — Suspira. — Venha aqui, meu amor.

Meu homem me abraça com mais força, ainda apertando minha cintura. Me sinto segura nos seus braços e fecho meus olhos, pairando na segurança de que Kalon vai cuidar de tudo.

— Está melhor agora? — Segura os dois lados do meu rosto, me fazendo encarar seus olhos.

— Não. — Sussurro. A ponta dos seus dedos desliza por minha testa, checando minha temperatura.

— Está com febre, amor. — Sua voz não passa de um lamento preocupado. — Faz quanto tempo que está assim?

— Não sei… — Respiro ofegante, com vontade de vomitar, ou pior, como se algo estivesse comendo meu estômago de dentro para fora. — Por favor, me coloque no seu colo.

Suplico quando sinto sua boca encostar na minha bochecha e ele deixa vários beijos estalados.

— Amor… Não posso demonstrar que você me afeta, eles podem usar isso contra nós… — Continua me beijando enquanto sussurra.

— Kalon mou… — Esfrego meu rosto contra sua bochecha. — Minha vista está escura. — Fecho os olhos, sentindo sua barba rala espetar minha pele.

— Abra os olhos. — Esse é o momento que minhas pernas saem do chão e sinto alívio instantâneo.

Parecia que eu estava sendo empurrada para baixo esse tempo inteiro, soterrada por esse vestido que não vale sua beleza, mas agora estou livre.

Meu peito estremece com as respirações profundas, Kalon assiste cada movimento dos meus seios com uma espécie de hipnose brilhando nas suas pupilas verdes.

— Talvez eu precise apenas de alguns minutos nessa posição para reunir coragem para terminar a noite. — Minha voz está trêmula, deslizo meus dedos contra sua bochecha.

Ele treme diante do meu toque, como se isso fosse demais para suportar.

— Não vai ter uma noite para terminar aqui. — Seus lábios úmidos se esfregam na ponta dos meus dedos, deixando beijos estalados enquanto respira fundo comigo.

Sinto arrepios vertiginosos. Suas palavras são ditas de forma arrogante e cheias de fôlego. Não consigo absorver muita coisa, mas, depois disso, ele começa a andar.

— Tudo certo aí? — Pergunta, deslizando sua barba na minha testa. Gemo, inclinando minha bochecha para que esfregue novamente. — Oh, certo. — Kalon parece estar sorrindo. — Acho que vamos ficar bem.

— Meu cachorro, preciso pegar ele. — Tento procurar por Páris, mas Kalon me segura com mais força e assobia na direção que ele está deitado.

— Venha aqui, Páris. — Acena, apontando para mim. — Arcane está chamando.

O latido dele é tudo que ouço antes de inclinar a cabeça para o lado e adormecer. Quando abro os olhos novamente, estou dentro de um carro em movimento, com Páris deitado no meu colo enquanto lambe meus dedos e o vidro do carro embaçado com gotículas de chuva.

Olho para o lado, tendo a visão estonteante de Kalon dirigindo preguiçosamente. Seu paletó está ao redor dos meus ombros, quente e com seu cheiro.

— Como se sente? — Sua voz rouca me assusta.

O homem sequer me olhou e sabe que estou acordada.

— Meu corpo está doendo. — Tento me movimentar, mas isso apenas piora a situação.

— Fique quieta, estamos quase chegando. — Sussurra.

— Para onde está nos levando? — Meu corpo entra em alerta, olho para as ruas de Atenas buscando alguma resposta, mas fecho os olhos quando paramos em um semáforo e a luz forte me encandeia.

— Para nossa casa, minha alma. — Responde com tanta normalidade que parece que sempre fomos casados, como se estivesse me esperando há anos.

Eu me distraio com as pessoas caminhando debaixo de chuva, e um resmungo escapa quando vejo um homem de meia idade caminhando pelo acostamento com algodão doce, tem tantas cores que fico hipnotizada.

Como é possível ter algo tão lindo no meio de uma tempestade? Meu coração frágil termina de quebrar quando o vejo insistindo em vender, anunciando o algodão doce de carro em carro, mas as pessoas não dão muita bola.

— Fale comigo. — Kalon pede, entrelaçando nossos dedos e ergue minha mão até seus lábios.

Viro meu rosto, percebendo que deixei escapar um som choroso.

— Estou triste por ele. — Aponto para o homem caminhando por entre os carros, inclinado de forma humilde para suportar a chuva. — Ninguém quer comprar.

Minhas palavras desaparecem quando Kalon larga minha mão e desaparece do carro. Estou sozinha. Encaro-o caminhando debaixo da chuva até alcançar o vendedor.

Me encolho, buscando conforto na cabeça de Páris em meu colo. O animal faz um bom trabalho lambendo meus dedos e acalmando meus nervos. Os dois estão trocando palavras rápidas, Kalon gesticula, tirando

todo o dinheiro da sua carteira e entregando nas mãos do senhor que quase ajoelha no chão em agradecimento.

Meu homem o guia até um táxi que estacionou, então recebe todos os algodões doces e caminha de volta para o carro.

Solto uma risada perplexa, tapando meus lábios.

— Prontinho, vida. — Grunhe, exausto da chuva e empurrando as embalagens para o banco de trás. — Pegue esse. — Me entrega um pacote colorido para comer.

Estou em silêncio observando seu rosto, nunca vi um homem ser tão bondoso como agora. Tento ignorar meu coração batendo acelerado e empurro alguns pedaços fofinhos na minha boca.

— Obrigada, Kalon mou! — Aproximo meu rosto, selando nossos lábios em um estalo que me deixa vermelha.

— Por nada, gostosa! — Kalon lambe os lábios, sentindo o açúcar.

Me surpreendo quando sua boca bate contra a minha novamente, tento recuar, meu corpo treme quando Páris ergue o focinho e abocanha o queixo de Kalon.

O homem afasta o rosto e encara o Golden como se o pobrezinho tivesse arrancado um pedaço seu. Sua palma descansa na cabeça do meu garoto, esfregando com diversão enquanto volta a dirigir.

— Chegamos? — Pergunto depois de minutos distraída com o algodão doce. Ele não foi capaz de saciar minha fome, mas me deixou mais forte.

— Sim, Arcane mou.

Estamos na sua casa, o jardim imenso envolve a escuridão noturna, e as luzes acesas proporcionam uma bela visão das paredes brancas.

Kalon tira o cinto do meu corpo e caminha para fora, faço esforço para ficar em pé, mas tropeço no primeiro passo para fora do carro.

— Venha aqui! — Ele me ergue no colo e puxo Páris para deitar na minha barriga.

O animal late, se divertindo com a altura que somos carregados para dentro de casa, e aproveita a oportunidade para lamber meu rosto e o de Kalon, que solta alguns palavrões engraçados, aumentando a animação do cachorro.

— Na minha cabeça, você consegue carregar todos os seus irmãos no colo ao mesmo tempo. — Provoco, aproximando meu rosto do seu.

— Ah, me acha o Wolverine? — Ronrona. — Também acho que consigo, mas peça para seu amigo ficar calmo ou vai acabar caindo. — Une as sobrancelhas.

Seguro o focinho de Páris, agarrando seu corpo grande e apoiando minha cabeça no seu ombro. Realmente estou aliviada por não precisar continuar andando com essa coisa machucando meus pés.

— Obrigada por me ajudar. — Sussurro, segurando seu rosto com uma mão e deixando outro beijo nos seus lábios como agradecimento.

Kalon tenta prolongar, mas me afasto antes que consiga capturar minha língua. Seu rosnado de frustração faz Páris pular no chão para explorar a casa. Logo some da nossa vista.

— Por que você não quer me beijar? — Questiona exigente.

— Mas eu acabei de beijar você. — O véu se arrasta atrás de nós, suave e com lentidão, até que Kalon entra em um quarto que parece ser o seu.

— Não como gosto. — Resmunga.

Gemo de alívio ao sentir a maciez da cama que me deita. As cobertas tem o seu cheiro delicioso. Kalon se abaixa para tirar meus saltos e faz uma massagem nas marcas vermelhas.

— Estou com fo… — Grito alto quando uma pequena criatura se remexe nas minhas costas, saindo do travesseiro.

Kalon ergue a cabeça em alerta quando me contorço na cama ainda assombrada. Tem uma lontra na minha barriga. O animal faz um barulho fofo e pula nas mãos de Kalon como se fosse uma criança, procurando por seus beijos.

— Minha linda Pinar. — Solta uma risada, fazendo carinho no seu tronco fofinho. — O que está fazendo aqui? O Scar vai te pegar! — O homem deixa inúmeros beijinhos no focinho do animal.

Permaneço perplexa assistindo a interação dos dois. Como é possível que esse homem tenha uma lontra?

— Quem é Scar? — Cochicho, tentando não chamar a atenção do animal peludo e barulhento.

— Essa é uma pergunta perigosa. — Bate os cílios, ficando de pé e colocando o bichinho no ombro. — Scar é minha cobra de estimação.

— Está brincando? — Sussurro, petrificada.

— Não. — Balança a cabeça em negação. — Ele é bastante quieto, então não se preocupe.

Imediatamente sinto vontade de abandonar a casa. Kalon me encara, analisando a tensão nos meus ombros.

— Não se preocupe, as minhas crianças não atrapalham em nada. — Assegura, observando o animal pular no chão e sumir debaixo da cama.

— Não me importo com isso. — Balanço a cabeça.

— Ótimo. — Kalon volta a fazer uma massagem deliciosa nos meus pés, mordo o canto dos lábios, gemendo de alívio quando uma sensação eletrizante sobe por meus pés.

A dor está desaparecendo lentamente, mas meu corpo ainda está exausto. Tudo que quero é tirar esse maldito vestido antes que eu morra.

— Vou pegar água e algo para a dor. — Diz, deslizando seus dedos pelo meu rosto antes de sair do quarto. — Venha, Pinar! Solte o cabelo dela!

Me contorço no travesseiro quando a lontra pula no chão e corre, perseguindo Kalon pela casa. Seguro meus cabelos, arrepiada com a sensação dos dedos peludos da lontra na minha bochecha.

Quando tudo fica em silêncio, levo as mãos ao rosto, liberando um choro doloroso que guardei a festa inteira.

Sinto falta das minhas irmãs, sequer pude me despedir delas. Estou com tanto medo de como minha vida vai ser que começo a engasgar em meio aos soluços.

Pulo da cama procurando uma forma de remover o maldito vestido para dormir, mas antes disso, fecho a porta de chave para não precisar ver Kalon. Inclino as mãos por minhas costas, mas não consigo abrir as pérolas.

Isso dói. Grito mais alto, desesperada e sem fôlego.

— Por que não quer sair? — Afundo no chão, me encolhendo.

O véu está embaçado pelo chão, parecendo um furacão devorando tudo, e estou bem no centro das coisas que ele vai consumir. A maçaneta da

porta gira. Consigo ver a sombra de Kalon pela brecha do chão.

— Arcane mou, abra a porta, por favor. — Sua voz está angustiada e cheia de pressa. — Não faça isso, meu amor.

Aperto os olhos, balançando a cabeça repetidas vezes para afastar os sentimentos que me controlam.

— Me deixe em paz! — Esbravejo ao ponto da minha voz ficar rouca. — Não quero ficar com você! — Me remexo, tentando arrumar a barra do vestido, mas isso fica apenas mais bagunçado. — Ah, meu Deus! Por que não quer sair?!

Todas as minhas tentativas de abrir são um fracasso vergonhoso. Caio para trás quando tento levantar, batendo a cabeça na cama quando meus pés deslizam na barra lisa do vestido.

— Porra! — Esmurro as almofadas, sendo afetada pela raiva humilhante.

— Meu amor, abra a porta, eu posso ajudar você. — Kalon pede com urgência. Cheio de preocupação e impotência. — Juro que vou abrir essa porta com minhas próprias mãos, Arcane!

Outra batida firme soa do outro lado, me fazendo encolher.

— Me deixe em paz... — Imploro, choramingando. — Apenas me deixe!

— Por favor. — Suspira como se seu rosto estivesse contra a madeira. — Por favor. — Repete carregado de fraqueza. — Me deixe ajudar você, Arcane mou.

Raiva queima meu peito, eu gemo, me erguendo de forma atrapalhada e caminhando até a porta.

— O que mais quer de mim? — Grito quando giro a maçaneta. — Não é suficiente tudo que você me tirou? O que mais você quer?

Meu desejo é quebrar esse homem para que se sinta como eu me sinto, mas seus olhos me observam como se quisesse me fazer voar. Como se estivesse fazendo promessas as quais vai revirar o mundo para cumprir.

— Quero deixar você em paz, meu amor. — Abre os braços. — Vamos encontrar uma cura para esse sofrimento. Eu prometo. — Permanece parado esperando que eu vá até ele. — Você nunca mais vai se sentir sozinha enquanto eu estiver aqui.

28. CURSING MY NAME

“Algumas pessoas procuram os padres;
outras a poesia; eu os meus amigos”.
— VIRGINIA WOOLF.

Kalon Somali

Os gritos de Arcane fazem meu corpo estremecer em agonia. Meu coração bate de uma forma tão feroz que sinto vontade de vomitá-lo.

A casa estremece com seus sons. Ela está quebrada. Arruinada para sempre.

Sabia desde o começo que minhas investidas não iam impedir que esse momento acontecesse. Parece que fomos feitos para quebrar, sangrar e morrer. Mas porra, agora não sei o que devo fazer para reverter sua dor.

— Arcane mou, já chega! — Imploro ofegante. Seu corpo trêmulo e pequeno balança de um lado para o outro. — Por favor. Por favor. — Sussurro.

Fecho meus olhos, sinto que se continuar assistindo, vou morrer com tanta impotência. Seu corpo tomba nos meus braços quando ela tropeça no vestido, Arcane se esperneia para ficar livre do peso, mas começa a lutar agressivamente quando tento ajudá-la.

— Pare de chorar! — Sibilo em um chiado.

Ela geme, se contorcendo dentro do vestido que está fodidamente pesado para uma pessoa que nunca esteve acostumada a viver como as mulheres do nosso meio.

Seu cabelo longo e liso está espalhado por seu ombro. Seu véu está rasgado, me proporcionando a visão de uma deusa triste.

As lágrimas molham suas bochechas vermelhas e eu gostaria de lamber cada uma delas apenas para compartilhar sua infelicidade comigo, apenas para engolir todo o seu sofrimento.

— Parar de chorar? — Ela tenta rir, mas tudo que sai dos seus lábios é um soluço sofrido.

— Sim, não chore mais, amor… — Tento ajudá-la, mas ela empurra minhas mãos. Arcane soluça mais alto, em colapso e fraca, desarmada e aprisionada.

— Você me separou das minhas irmãs e vem pedir isso? — Seu olhar rasga minha alma como se fossem garras.

As últimas palavras saem espremidas. Respiro fundo, tudo dentro de mim dói e se recolhe em culpa. Sinto esse monstro machucando minha garganta, meu coração. Afetando minha respiração e meus pensamentos racionais. Não sei descrever com clareza tudo que sinto agora, mas me sinto fodidamente doente e vulnerável.

Minha vontade é ajoelhar aos seus pés e implorar que ela me entregue cada pedaço do que sente, porque não suporto vê-la mais nenhum segundo nesse estado sombrio.

— Arcane... Meu amor. — Minha voz sai em um lamento grave e trêmulo. Estou tomado pela tortura e agonia.

— Não encoste em mim! — Grita tão alto que me assusto. — Não encoste! — Estremece, agarrando uma almofada como se ela pudesse a proteger de mim.

— Não vou machucar você. — Digo rapidamente.

— Já machucou! — Grita antes que eu consiga terminar minhas palavras.

Arcane cambaleia na minha direção, cheia de raiva e parecendo a porra de uma tempestade devastadora. Seus punhos fechados acertam meu

peito com força.

Isso dói como o inferno. Ela é forte. Terrivelmente forte. Puxo seu corpo para mais perto do meu e abraço sua cintura. Essa mulher tão pequena consegue causar um redemoinho assustador no meu quarto.

Dentro de mim principalmente.

— Não diga isso... — Deslizo as mãos por suas costas e seus cabelos. — Vai ficar tudo bem. — Faço sons suaves, tentando tranquilizar seus gritos.

Ela esmurra meu peito e produz barulhos dolorosos que escapam pelo quarto. Batendo contra as paredes e condenando minha alma a uma eternidade de culpa e desamparo. Vou ficar com hematomas dos seus socos, mas não me importo.

A ardência rasga minha pele quando os botões da camisa se rompem e sinto suas unhas contra minha carne. Fecho meus olhos, descansando meu queixo no topo da sua cabeça.

— Está tudo bem. — Sussurro, minha voz tão ofegante quanto a sua que já enfraqueceu pelos gritos. — Me destrua como você está destruída. Divida tudo isso comigo.

Ela o faz, não tendo piedade alguma quando desliza suas mãos por minhas costas e grita alto. Tão intenso que um calor úmido sobe por sua coluna, liberando seus últimos resquícios de força.

Minutos depois, seus braços amolecem ao meu redor. Percebo que Arcane está tremendo de exaustão, agora sob uma névoa triste e dormente. Puxo seu vestido com força, partindo os pedaços sem a menor delicadeza, até que suas costas estão livres.

Ela engasga, respira fundo e chora de alívio. Faço uma massagem demorada na sua pele, confortando-a por todo esse tempo que passou sob tortura.

— Odeio tanto você. — O vestido cai nos seus tornozelos. Seu corpo frio aperta contra o meu. — Nunca vou te perdoar por ter feito isso comigo.

Esconde o rosto contra meu peito, bem em cima do meu coração em pedaços. Um nó se forma na minha garganta, não ouso falar nada.

— Por que me fez te odiar dessa forma? — Soluça. Seguro suas bochechas molhadas e inchadas, fazendo-a me encarar.

Seu queixo está manchado pelo sangue em meu peito, limpo com o polegar, afastando seus cabelos úmidos e apreciando cada traço do seu rosto perfeito e triste.

Suas palavras ainda estão sendo processadas na minha cabeça. Ela me odeia. Sei que sempre vai odiar, mas isso não me impede de ser machucado por cada sílaba.

— Me odeia com todo seu coração? — Busco essa confirmação para me alimentar do fato consumado.

Nada que eu fizer pode reverter nossa história, mesmo que minhas intenções tenham sido boas, nada disso vai poupar cada pedacinho que Arcane perdeu de si mesma.

Sinto muito por isso. Sinto tanto. Machuca pra caralho.

— Com todo meu coração. — Determinação e raiva aprofundando suas palavras.

Foi difícil engoli-las, balanço a cabeça em concordância, sentindo dor física com o gosto ruim que se espalha na minha garganta.

É apenas isso que quero ocupar no seu peito, o ódio abominável e profundo. Sei que não mereço outra coisa.

— Você é tão maravilhosa, não mude nunca. — Beijo cada lágrima que mancha suas bochechas, tirando cada resquício molhado.

— Kalon mou… — Arcane esmorece contra meu toque e fica na ponta dos pés, desejando que eu a pegue nos braços.

— O que quer agora? — Sussurro, pressionando minha boca contra a pontinha do seu nariz. — O meu colo?

— Sim. — Responde, respirando fundo como quem sente uma fome profunda. Sua voz está ofegante, e seu corpo balança para que eu faça isso depressa. — Não consigo aguentar.

Não compreendo o que ela não consegue aguentar, mas puxo suas pernas contra meu quadril, acariciando seus cabelos molhados de suor. Seus seios fartos apertam meu abdômen e o calor corre por minhas veias.

Aperto sua bunda com força, colando cada parte do seu corpo contra o meu. Arcane respira fundo, abraçando meu ombro e deitando a cabeça na

curva do meu pescoço.

— Ainda está com febre. — Comento quando esfrega sua bochecha por meu queixo, sentindo minha barba rala, fazendo com que nosso calor se misture.

Meu coração erra as batidas ao ponto de doer. Estou doente pra caralho. Muito doente e faminto por cada pedaço dela.

— Você é tão áspero. — Resmunga sem abrir os olhos. Talvez ela esteja delirando pela febre forte. — Te odeio tanto por ser tão bom. — Repete.

— Sinto muito, meu amor, minha vida. — Aperto sua cintura, caminhando com seu corpo até o banheiro. — Pare de esfregar o rosto na minha barba e me poupe dessa tortura infernal. — Beijo sua pele quente. — Preciso banhar você.

Arcane ri de um jeito traquino, me assustando. Sua risada embriagada é a coisa mais linda que já ouvi. Arrumo seu cabelo em um coque, deixando seu rosto livre de qualquer fio.

Começo a limpar suas últimas lágrimas com o polegar, então seus olhos se erguem para me observar. Ficamos em silêncio por um tempo, apenas nos encarando. Há tantas coisas não ditas se revirando no brilho desse olhar que perco o fôlego.

Entro na jacuzzi cheia, mantendo minha mulher no meu colo, na mesma posição acolhedora. Não tiro minhas roupas e tudo fica terrivelmente encharcado ao ponto de fazer Arcane escorregar.

— Por favor… — Ofega, me segurando para não afogar. — … Não me solte.

— Jamais. — Seguro suas pernas.

Suas pernas se apertam ao redor do meu corpo, como se ela soubesse a posição perfeita de ficar em mim, e minha mão descansa na sua bunda desnuda.

— Você está tão frio. — Perco o fôlego com seu corpo delicioso desmoronando sobre mim.

Sua cabeça deita no meu peito e suas mãos apertam a minha camisa aberta, meus ferimentos queimam em contato com a água, mas nós dois nos

abraçamos como se virar pó fosse uma coisa possível e assustadora nesse momento.

— Acho que você está bêbada, essa é a única explicação para me abraçar de um jeito tão… — Devastador, intenso, assustador.

— Não estou! — Essa mulher me agarra como se tivesse reivindicado a minha alma e esse monstro batendo em meu peito.

Quero empurrá-la para longe porque estou assustado com o que está acontecendo aqui dentro, mas aceito isso como uma punição por ser horrível com ela e aguento cada segundo que isso se revira no meu peito.

Se eu for viver assim para sempre, acho que em algum momento vou acabar morrendo de desgosto por não conseguir satisfazer tudo que meu corpo implora para possuir. Tudo que envolve ela. Nós dois.

— Você está bem? — Ela ergue a cabeça, pressionando sua palma bem em cima do meu peito.

Consigo sentir a intensidade que o monstro está batendo contra seus dedos e minha pele.

Minha garganta fica seca e olho para seu rosto.

Acho que estou doente, penso em falar, mas Arcane já está virando a cabeça para deitar no outro peito onde a intensidade não a incomoda tanto.

A jacuzzi não é funda, mas é espaçosa e muito cheia ao ponto de bater no seu queixo quando se mexe demais. Ela me agarra, temendo se afogar caso seu corpo deslize para o lado.

— Não vou te deixar cair. — Asseguro, esfregando os dedos na sua coluna. — Vou cuidar de você.

Seus olhos ainda estão marejados, ela me aperta quando seus ombros balançam em um choro tranquilo, agora completamente diferente do outro. Isso me deixa assustado.

— Meu amor? — Chamo. — Não chore. Me diga o que foi, e eu faço para parar…

Tento me afastar, mas Arcane me puxa contra si como se precisasse de conforto eterno. Meu corpo balança, não estava esperando por isso. Ela me aperta como se eu fosse a sua âncora, e ao mesmo tempo, o tridente que estraçalha seu corpo e a mantém presa enquanto sangra até a morte.

— Estou com medo. — Sua confissão aperta meus ossos. — E com saudades das minhas irmãs. — Porra. Isso é amargo e doloroso.

— Sinto muito. — Abraço sua cintura e fecho os olhos quando minha garganta dói. — O que posso fazer por você?

Arcane resmunga trêmula, deslizando sua bochecha por meu queixo mais uma vez, apertando meu rosto em suas mãos. Fico totalmente parado, não ousando movimentar nenhum músculo e interromper o que ela está fazendo.

Isso parece ser tudo o que ela está precisando. Um abraço apertado para acalmar seu medo e estancar sua alma que vem sangrando há muito tempo.

— Estou aqui. — Asseguro.

Seus olhos estão fechados, prolongando o sentimento. Nunca vi uma mulher estremecer dessa forma porque está me tocando. Arrepios sobem por minha coluna imediatamente.

Compartilho do mesmo medo que ela. Esse sentimento soterrador que algo está sendo rasgado, apagado e danificado no nosso espírito. Por muitos anos sofri isso nas mãos do meu pai, de uma forma tão crua e submersa que minha cabeça foi mudando, aos poucos eu me tornei descontrolado e perverso como ele.

Sem mais inocência. Apenas o caos.

— Arcane mou, não chore. Eu entendo você.

Quero encontrar uma forma de mostrá-la que isso não vai acontecer enquanto eu estiver aqui. Quero consolar seu espírito, alimentá-la de esperança e fazê-la voar.

— Me entende? — Seu rosto se ergue, manchado pelas lágrimas.

— Claro que sim. — Seus lábios estão apertados, intensificando sua expressão sôfrega, e rapidamente minha testa se une com a sua.

Me ergo, determinado a consolá-la. Dizem que é muito fácil quebrar, o difícil é tentar curar. Demora e assusta. Mas estou disposto. Caminho com seu corpo até nosso quarto.

Arcane agarra meus ombros para não sair do meu colo quando a deito na cama.

— Vai ficar tudo bem, *kárdia mou*. — Seguro seu queixo, enxugando sua pele molhada e me livrando das roupas molhadas.

Meu coração bate descontrolado quando ela anui em resposta, ainda agarrada nos meus ombros. Quando abraço seu corpo com força, tenho certeza que nem mesmo a morte pode nos separar.

Ela me olha, os olhos úmidos pelas lágrimas assombradas. Aproximo minha boca da sua pele e deixo um beijo demorado. Nossas respirações ofegantes se mesclam.

— Kalon mou. — Esfrega sua bochecha na minha.

Um sorriso consome meus lábios ao ver o quanto estamos conectados. Seu coração bate acelerado contra minha pele, assim como o meu na sua. Me esfrego entre suas pernas fazendo seu corpo arquear. Nenhum pedaço da sua pele fica longe do meu.

Um abraço firme, como se a gente estivesse em uma tempestade, ou caindo de um penhasco.

— Por que não me disse que seu abraço é tão bom? — Ela segura minha nuca e meu rosto afunda no seu pescoço.

— Também estou descobrindo agora.

Nesse momento, sou consumido pela certeza que nenhum túmulo será capaz de separar meu corpo do seu. Nada nesse mundo é tão forte quanto minha vontade de ser seu homem. Seu marido. Seu tudo.

— Esse foi o pior casamento de toda minha vida. — Fecha os braços ao redor das minhas costas.

— Eu sinto muito. — Arrumo meus cabelos para trás e observo seu rosto. — Mas estamos abraçados agora, tudo vai mudar.

Nos encaramos em silêncio, como se esse fogo vulnerável falasse todos os nossos medos por nossa boca. Mais os dela do que os meus. Medo do futuro, do que pode acontecer amanhã, do que essa criatura chamada destino preparou para nós e porque tudo parece tão doloroso agora.

Aperto seu corpo com força apenas para perdurar a sensação do abraço apertado. Nossas testas se juntam e uma respiração ruidosa e trêmula sai de nós dois.

— Venha comigo, minha alma. — Seguro sua mão. — Quero te mostrar uma coisa.

Arcane se ergue no mesmo instante que nossos corpos se separam. Seus dedos apertam os meus, até que nossos corpos se esbarram e caímos na poltrona, suas pernas ao meu redor.

— Quero continuar abraçando você. — Pede, o rosto na curva do meu pescoço e os braços crimes ao meu redor.

— Antes quero fazer um desenho. — Seguro seu braço e começo a deslizar a caneta que peguei na mesa de cabeceira.

Ela observa com atenção, e um sorriso consome seus lábios ao sentir cócegas com o movimento delicado. Sua cabeça busca apoio no meu ombro enquanto passo os minutos desenhando.

— Qual sua cantora favorita de todos os tempos, jovem Arcane? — Chamo sua atenção.

— Não sei… — Inclina seu rosto para mais perto do meu e esfrega a ponta do seu nariz na minha bochecha. — Cheiroso.

— Então é assim que você vai me chamar? — Dou risada. — Cheiro-so. — Soletro, fingindo morder a ponta do seu nariz.

— Você disse que tem uma cobra de estimação?

— Eu disse. — Afirmo. — Ele se chama Scar.

— Certo, então talvez eu comece a te chamar de víbora.

Fico quieto, mantendo a cabeça abaixada enquanto presto atenção no desenho.

— Talvez você consiga buscar algo mais único. — Provoco.

— Será esse mesmo. — Nega.

— Ok. — Deslizando o polegar para apagar um traço que faço errado quando minha mão treme. — Já pensou em uma cantora favorita?

— Às vezes ouço Lana Del Rey, talvez ela.

Acho engraçado a forma como Arcane diz “*Del Rey”*. Firme e grego. Balanço a cabeça em afirmação e afasto minha mão.

— Está pronto. — Permito que veja o desenho.

— Que lindo! — Me concentro na sua expressão maravilhada.

Seu braço está marcado com vários passarinhos tentando voar, algumas flores e correntes nas extremidades, cobrindo as aves. Suspiramos ao mesmo tempo e nos encaramos.

— O que significa? — Meu coração bate de forma tímida e louca.

— *Por que você permanece na prisão quando a porta está aberta?* — Respondo, seu rosto se ilumina no mesmo instante.

Arcane passa os próximos segundos analisando cada pequeno traço no seu braço, ri maravilhada e toca com a ponta dos dedos, como se fosse uma obra de arte.

— *Dear Lord, when I get to heaven.* — Começo a cantar, retocando os traços para ficar mais visível.

— Young and Beautiful? — Acho que ela está prestes a dar um grito quando ergue o rosto para me encarar.

— *Please let me bring my...* — Faço uma pausa, pensando em uma palavra para defini-la. — *naughty goddess.*

Arcane solta uma risada boba, e nem parece que estamos assombrados até que a morte nos separe.

— *When she comes, tell me you'll let her in.* — Me levanto, puxo seu rosto para deitar em meu ombro e começo a andar até a cama. — *Father, tell me if you can.*

— Você canta tão bem.

Me abraça como se eu fosse seu mundo, ou como se eu pudesse fugir durante o sono. Estamos em um conflito tão assustador que chega ser doloroso tentar compreender o que somos afinal.

— *All that grace, all that body.* — Nos deitamos na cama novamente, dessa vez mais agarrados que minutos atrás. — *All that face… Makes me wanna party. She 's my Sun, she makes me shine like diamonds.*

Arcane beija minha boca. Nesse momento o mundo inteiro fica inerte. Meu coração bate desenfreado. Só existe nós dois.

— A sua voz é tão linda. — Segura meu queixo.

— Obrigado. — Beijo a ponta do seu nariz.

Aperto seu corpo como se existisse um jeito de ficar nesse momento para sempre.

29. EVER FALLEN?

“Não se pode pensar bem, amar bem,
dormir bem, quando não se jantou bem.”
— VIRGINIA WOOLF.

Arcane Planard

Acordo em um sobressalto ao sentir uma coisa gelada deslizando pela minha barriga. Primeiro, o fôlego some da minha garganta. Depois, tenho coragem para abrir os olhos.

É a cobra.

Meu corpo pulsa de cansaço ao lembrar da noite passada. Essa é a primeira vez em quatro dias que tenho uma cama macia nas minhas costas.

— O que você quer, filho? — Questiono, sentindo a víbora ficar cada vez mais enroscada. Pela sua cor, acredito que seja uma píton.

Viro a cabeça para ver meu lado da cama, o único sinal de Kalon é a bagunça que deixou para trás.

Aperto os lábios quando a serpente sibila, agora procurando se enroscar no meu braço. Ela é grande e pesada. Tomo fôlego, não me

assustando muito, mas incomodada com seu aperto que aumenta conforme avança lentamente.

Me sento, puxando seu tronco para ficar no meu pescoço. Assim não corro o risco de machucá-la.

— Pelo menos, agora tenho um amigo. — Esfrego meus lábios na sua pele áspera, deixando um beijo gelado.

Tento vestir uma camisa sem atrapalhar a cobra. Quando consigo, minhas pernas ficam parcialmente cobertas. Scar desliza por minha bochecha, e solto uma risada trêmula, sentindo meu cabelo cair quando ele escala minha cabeça.

Desço as escadas de dois em dois, apreciando a decoração com traços da personalidade de Kalon em tudo. A vitrola que tem na sala com uma prateleira cheia de discos, o projetor com filmes antigos e românticos, a pintura nas paredes.

Me aproximo dos filmes, fazendo uma análise nos clássicos de Hollywood. Tem Casablanca, Scarface e Ben-Hur, solto uma gargalhada ao ver Homem de Ferro misturado aos outros. Tem um filme em exibição na parede branca onde o projetor está virado, mas, o que me assusta é ver Kalon parado do outro lado da sala me observando com curiosidade.

— Você me assustou. — Tomo fôlego, analisando suas roupas brancas e folgadas que caem muito bem no seu corpo bronzeado.

— Você também. — Aperta os lábios, me analisando da mesma forma fumegante e necessitada de sempre. — Quando Voam As Cegonhas, é um drama soviético de Mikhail Kalatozov, de 1957. A história se passa durante a Segunda Guerra Mundial, e conta a história de um menino e suas experiências durante o conflito. É um filme bonito, com uma narrativa poética e impactante, e também é uma ótima representação da guerra em um nível mais pessoal.

Pisco ao perceber que está falando sobre o filme no projetor. Me pergunto que tipo de máquina inteligente é esse homem para ter tanta informação na ponta da língua.

Viro meu rosto para as imagens na parede. Tem um casal muito bonito abraçado.

— Quem são eles? — Aponto.

— Boris e Veronika. Um casal que vive em um vilarejo durante esse período.

— Fascinante. — Respondo quando Kalon coloca o guardanapo no ombro e caminha na minha direção.

Seus olhos inspecionando cada traço do meu rosto. Não consigo superar a forma como ele sempre se aproxima como se sua única função fosse me devorar com beijos, tocar a minha alma e não sair de forma alguma.

— Scar? — Acaricia meu cabelo enquanto tenta segurar sua cobra nos braços. — Ah, meu Deus. Que saudades do meu garotinho frio. — Suas pálpebras tremem ao encostar o rosto no réptil. — Como achou ele, Arcane?

Kalon respira fundo como se ele fosse a razão da sua felicidade, então esfrega seu rosto, sentindo cada parte de Scar se enrolar no seu pescoço bem devagar.

— Na verdade, acordei com ele rastejando por mim. — Respondo, ainda maravilhada com todos os beijos que Kalon dá nele.

— Ele deve ter escapado ontem a noite. Ah, minha alma! Minha vida! — Esse homem balança Scar como se fosse um bebê, meus lábios se repuxam em um sorriso bobo, e ele percebe. — O que foi?

— Você trata ele como se estivesse falando comigo.

— Essa é a minha camisa? — Ergue uma sobrancelha, encarando minhas pernas com tanta intensidade que me sinto fraca.

— Agora é minha. — Acaricio o tecido. — O que está cozinhando?

— Nossa comida. — Aponta por cima do ombro enquanto segura Scar com a outra mão. — Vamos?

— Vou procurar o Páris primeiro. — Começo a andar na direção contrária. Estou mais ansiosa para conhecer cada lugar desse condomínio do que comer.

— Não vá muito longe, e não fale com os vizinhos. — É tudo que Kalon diz.

Desapareço pela porta, me deparando com vários seguranças no jardim. Ninguém diz nada ao ver uma mulher seminua e descalça andando

entre as árvores. E depois de um tempo, até esqueço que eles estão me monitorando.

— Páris. — Me abaixo quando o vejo brincando na grama com uma bola e uma colher de madeira. Kalon provavelmente usou essa colher para afastá-lo da cozinha. — Oh, meu amor. Ele não gosta de você? Dê mais um tempo, eu prometo que ele vai estar caidinho pelo seu charme, bebê.

Quase deito no chão para enchê-lo de beijos, mas me assusto com um movimento atrás de nós. Primeiro penso que é Kalon, até que alguém fala.

— Veja só quem eu encontrei. — Levo a mão ao peito pelo susto e giro, dando de cara com Evren. Ele é tão alto que chega a ser intimidante.

Cruzo os braços, me sentindo desconfortável com sua atenção demorada nos meus seios marcados pela camisa.

— Você é vizinho do Kalon? — Estou chocada.

— E você casou com ele depois daquela confusão. — Estala a língua e abre a lata de lixo para jogar um pacote preto. — Coitadinha, eu no seu lugar teria matado ele.

— Eles não me deram muita escolha.

— É isso que dá vender a alma ao diabo. — Desdenha.

O homem respira profundamente ao olhar para a mansão do outro lado, o jardim muito bem cuidado e os seguranças espalhados em lugares estratégicos.

— Essa é a primeira vez que vejo as portas dos fundos abertas como algum tipo de lugar feliz. — Dá risada. — Que clichê dos infernos.

Percebo que a sacola está se mexendo, volto minha atenção para Evren, imediatamente desconfiando da sua falsa modéstia.

— O que tem aí? — Aponto.

— Porcaria. — Lança um último olhar para minhas pernas. — Venha qualquer dia beber um chá comigo.

Some pelo caminho que veio, entrando na sua casa que fica entre várias árvores e um jardim. O edifício é o mais pequeno, mas não deixa de ser luxuoso.

— Vai sonhando, seu troglodita. — Sibilo, caminhando até o balde de lixo para ver o que tem dentro.

Puxo a ponta do saco e me assusto ao ouvir um miado sufocado. Puta merda. São gatinhos. Deito o saco na grama e ajudo cada um deles a sair.

— Não há nada de errado com vocês, por que foram abandonados? — Lamento, pegando um deles nos braços.

São cinco filhotes da mesma cor. Brancos e com pequenas listras pretas.

— Tão gordinhos. — Esfrego a barriga deles.

Infelizmente, no nosso país é comum algumas pessoas não gostarem de gatos dentro de casa. Preferem vê-los, ou alimentar de vez em quando, do que dar-lhes um lar.

— Jesus Cristo, o que está aprontando? — Me assusto quando uma voz grave fala bem atrás de mim. — Por que está demorando tanto?

— Kalon, você gosta de animais peludos? — Pego todos os gatinhos no colo, me atrapalhando um pouco para conseguir juntar todos, mas como são pequenos, se encaixam bem contra meus seios.

Olho por cima do ombro, vendo a sombra de Kalon me analisando cheio de incredulidade.

— Depende. — Ele cruza os braços diante do peito, segurando a colher de madeira que Páris estava brincando agora a pouco. — Onde conseguiu gatos? — Sua testa enruga e eu sorrio de lado, percebendo que isso é muito atraente.

— No lixo. — Afasto meus pés, dando espaço para que veja a lata atrás de mim.

— Você está semi nua e descalça no meio da rua.

— Eu sei. — Respondo com calma, seus olhos se apertam minimamente na minha direção, deixando claro que minhas poucas palavras tem o poder de lhe dar nos nervos. — Você está bravo?

— Não, estou curioso. — Fica mais perto. — O que pretende fazer com esses filhotes, virar a gatinha deles? — Sua piada ridícula me deixa raivosa. — Já temos inquilinos demais.

Aponta para o cachorro fazendo bagunça com uma almofada. Caminho na sua direção para que se convença ao ver a fofura dos bichinhos, mas Kalon recua como se fosse alérgico.

Isso me diverte. Ele está com medo.

— Com medo de gatinhos, meu amor? — Provoco, imitando sua voz cheia de charme e carinho.

— Vida, pare com isso. — Ergue as mãos para que eu não me aproxime mais que isso.

— Qual o sentido de ter uma píton de estimação, mas ter medo de gatinhos?

— Não faz ideia do tamanho que essa coisa pode ficar e ameaçar te devorar depois. — Encara os gatos como se fossem um bicho feroz. — Ou como a garra deles podem deixar cicatrizes aterrorizantes.

Solto uma gargalhada sincera. Além dele ter medo de gatos, acha que podem ficar enormes. Isso deve ser uma fobia grave.

— Vamos entrar, Arcane. — Acena.

— Vamos, mas vou levar eles comigo. — Decido. — Não vou devolver os bebês no lixo.

— Não temos espaço, já tem o Páris, o Scar e a Pinar. Mais cinco e nós vamos estar dormindo no chão.

— Podemos dormir em uma rede também. — Sugiro.

— Podemos decidir isso lá dentro? — Encara minhas pernas até que seu olhar vai até minha bunda. Suas sobrancelhas se unem. — Está sem calcinha?

— Não! — Meu rosto fica vermelho imediatamente

— Claro que está! — Avança dois passos, eu recuo no mesmo instante, cruzando as pernas.

— Perdi minha calcinha e minhas roupas. — Cochicho, desviando a atenção da sua expressão observadora. Kalon ri e meus ossos vibram em resposta a esse som. Há um brilho malicioso em seus olhos.

— Porque coloquei para lavar. — Estende a mão. — Definitivamente vamos entrar.

— Você é tão ranzinza. — Coloco os gatinhos no seu colo para que se acalmem.

Kalon treme e aperta os olhos quando sente as patas deles, mas fica mais aliviado quando levanto a barra da sua camisa.

— Espere um momento, está bem? — Deixo um selinho estalado contra seus lábios e me abaixo na grama, tentando arrancar algumas pedras do chão.

— Arcane do céu! — Ronrona atrás de mim. — Que visão perfeita!

Olho feio para ele, sua expressão sequer muda quando lhe flagro encarando minha bunda como se fosse um tesouro.

— Vire as costas! — Ordeno, irritada.

— Não mesmo. Continue o que está fazendo, você está indo muito bem, minha gatinha.

— Cretino. — Me ergo quando tenho todas as pedras que preciso, então sigo até a casa de Evren.

— Arcane! — Kalon grita atrás de mim, deixando os gatinhos na grama e tentando me acompanhar. — Venha já aqui!

Ignoro seu chamado e respiro fundo, brincando com a pedra em mãos. Tenho uma boa mira e estou disposta a acabar com esse filho da puta. Lanço a pedra com força, suspirando quando a vidraça cai aos pedaços. O som demora a cessar, o que me leva a acreditar que algumas coisas quebram dentro da casa.

— Arcane! — Kalon agarra minha cintura, ofegante e tão protetor que quase caio com sua força. — Puta merda, o que você fez?

— Me solte. — Tento me afastar, mas ele me puxa contra seu corpo. Me assusto com sua dureza, Kalon me segura como se pudesse fazer qualquer coisa pra me proteger da situação que eu acabei de criar.

Olho por cima do ombro, seu rosto está em choque, suas duas mãos não deixam de abraçar minha barriga no momento que o homem aparece pisando firme.

— Você está louca, garota? — Evren grita. — Que porra pensa que está fazendo?

Avança como se fosse louco, também vou na sua direção com o mesmo fogo de quando matei meu avô, mas Kalon me segura com força e

quase grito em frustração.

— Arcane não quis fazer isso, Evren. Estávamos apenas brincando com nosso cachorro. — Essa é a primeira vez que vejo esse homem tentando fugir de uma briga.

— Quis fazer isso, sim.

— Segure a sua garota, Kalon! — Evren aponta na minha direção em um gesto brusco.

— Eu não sou louca para pedir que Kalon me segure. — Sibilo. — Mas, você quem devia dar uma segurada, Evren. Ou acabo contigo.

— Ah, é mesmo? — Debocha, rindo amargo. — Sou a última pessoa a ter medo de um Somáli. Você não pode me ameaçar. — Late, se forçando a parecer cordial. — Explique para sua mulherzinha o limiar dos nossos negócios, Kalon. Para que ela não acabe com sua vida.

Mulherzinha. Essa é a única palavra que ainda estou processando, e que me empurra a caminhar furiosa na sua direção.

— Escuta aqui, seu filho da puta! — Kalon tenta me segurar com mais força, sussurrando meu nome de forma calma, como se isso fosse me fazer parar. — Vou colocar as mãos em você e mostrar como deve tratar os outros. Seja da sua espécie ou não. — Traço cenários de como destruir sua vida bem aqui.

— Meu amor, deixe ele. — Meu marido me puxa. — Sei que você quer fazer alguma coisa, mas não faça, por favor. — Seu olhar é cheio de aflição, como se o confronto pudesse ser letal e decisivo.

— Esse homem jogou filhotes indefesos em um saco de lixo, Kalon. — Explico a situação, agora vendo um brilho raivoso na sua expressão. — Por isso estou atirando pedras na janela dele, mas gostaria que fosse no rosto. Evren não merece meu respeito, nem o seu.

— Ah, porra. — O homem acaricia o queixo. — Eu tentei ser legal. Kalon, diga para a puta desgraçada da sua…

Cambaleio para trás quando meu corpo é liberado e quase caio de bunda no chão pela ausência do corpo de Kalon. Em um piscar de olhos, ele está em cima do homem.

Dou uma risadinha divertida enquanto me afasto para não atrapalhar. Kalon está acabando com ele, desferindo tantos murros que suas

costas tremem. Gostaria que todas as pessoas que maltratam animais fossem tratadas dessa forma.

Quando meu marido se ergue, caminho na sua direção no mesmo instante. Evren está parcialmente desmaiado no chão.

— Pelo visto, cachorro que late não morde. — Kalon massageia seu queixo e então olha para os hematomas nos seus dedos. — Juro que tentei manter a calma, Evren. Agora você tem duas horas para encontrar um novo lugar para viver antes que eu mande meus irmãos caçarem você e jogar seus pedaços no Mar Egeu.

Sou puxada com força, ele envolve meu braço e me incentiva a caminhar depressa, sequer dando tempo do homem falar alguma coisa.

— Eu poderia ter acabado com ele sozinha.

Kalon está respirando fundo, seus pulmões chiam, quase tendo um infarto.

— Eu sei. — Aponta para os gatinhos. — Pegue os filhotes e vamos. — Lança um último olhar para o homem se erguendo do chão. — Rápido.

Seguro os filhotes, abraçando-os contra meu corpo e deixando beijinhos em suas barriguinhas. Kalon me puxa contra seu corpo e descansa sua mão na lateral da minha bunda.

— Nunca mais ande por aí e tente matar qualquer um. — Fecha a porta da casa.

— Mas não ando fazendo isso. — Seguro sua mão machucada para ver se está muito ruim.

— Com a bunda de fora ainda por cima. — Fala enciumado. Olho por cima do ombro, vendo meu traseiro muito bem coberto por sua camisa grande.

— Você está sendo dramático. — Dou risada.

— Dramático. — Repete a palavra como se fosse a primeira vez que está ouvindo. — Fala sério, você é tão doida que fico nervoso.

Deixo um selinho contra seu lábio. Kalon respira fundo, acariciando minhas costas e segurando com a outra mão a ponta da camisa onde os gatos estão aninhados. Meus dedos raspam sua barriga de fora, ele geme.

— Obrigada por defender a gente. Foi muito gentil da sua parte, Sr. Somáli. — Sua carranca se derrete.

— Ah, não foi nada, moça bonita. — Tenta forçar humildade, mas essa pose de babaca está impregnada nele. — Só para você saber, o Evren pertence a família Montalbano. — Segura meu queixo. — Significa que ele é como o filho caçula da Cúpula Demoníaca.

Junto às sobrancelhas, não compreendo a maneira como ele abraça minha cintura como se pudesse me proteger de tudo quando estamos só dentro de casa.

— O que é a Cúpula? — Questiono.

— A Cúpula é o que dá ordem para cada organização do nosso meio. Eles são a justiça dos deuses. — Responde. — Minerva é parte deles, assim como Evren. E nossa família está cheia de pecados que devem ser punidos, Arcane mou.

Pressiona o queixo contra meu ombro.

— Tão ruim, assim? — Fico tensa contra seu toque, meu coração bate forte.

— Sim. Se eles disserem que devo cavar um buraco e ir para o inferno, assim vou fazer ou o mundo inteiro pode sofrer por minha desobediência. — Faz uma pausa ofegante. — Eles são os juízes absolutos dos deuses da máfia. — Sua voz estremece. — Por favor, não fale com vizinhos, minha vida. Eu pedi a você. Agora que estamos casados, eles podem fazer qualquer coisa contigo para tentar me atingir, apenas porque não gostam de mim.

— Então, o que Evren estava fazendo na casa dos seus pais? — Questiono. — Pensei que fossem amigos.

— É apenas uma amizade por conveniência. Evren estava lá porque eu destruí a prisão de onde você veio.

Esse é um assunto que não quero entrar. Um nó se forma na minha garganta ao lembrar das palavras de Minerva, sua explicação sobre Kalon ter matado Azra porque é descontrolado e obsessivo. Culpa rasga meu peito por estar atraída por um homem que matou sua noiva, por gostar de cada coisa suja que fez comigo, sendo que ele tirou a vida dela.

— Arcane? — Saio dos meus pensamentos quando ele coloca os gatinhos no chão. — No que está pensando?

— Existe alguma punição para quem joga gatinhos no lixo? — Torço os lábios.

— Talvez uma gatinha furiosa com a bunda de fora. — Ele vai me empurrando cuidadosamente até que caímos no sofá da sala.

— O que está fazendo? — Seguro seus ombros para arrumar minhas pernas ao seu redor.

— Quero abraçar você como ontem. — Pede com carinho. A lembrança da noite passada me faz estremecer dos pés à cabeça.

— Não me solte por nada, ok? — Seguro seu queixo, deixando beijos na sua pele deliciosa.

— Ok. — Sopra amavelmente.

Os gatinhos estão espalhados pela casa e Páris está fazendo um ótimo trabalho brincando com eles.

— Aquele homem vai começar uma guerra? — Tenho medo dessa possibilidade.

— Acho que Evren não tem como explicar para os superiores que quer destruir minha família por causa de gatinhos. — Grunhe. — Mas, a partir de agora eles vão ficar de olho nos meus irmãos, procurando alguma forma de causar conflito. Só espero que não resolvam revirar o passado novamente.

Fico em silêncio por um tempo, analisando seu rosto e tentando compreender se vai falar mais que isso, se vai me explicar sobre tudo que significa o passado. Deixo um beijo no seu nariz, a expressão tensa se suaviza.

— Podemos ficar com os gatos? — Esfrego meus lábios contra seu queixo macio. — Por favor, prometo que não vamos precisar dormir no chão ou em uma rede. — Aperto suas costas. — Durmo grudada em você fácil, fácil.

Kalon sorri discretamente enquanto encara os filhotes no chão.

— Não sei. — Descansa sua mão na minha perna desnuda. — Podemos negociar?

— Não ouse fazer isso. — Tento impedir sua mão de tocar minha boceta, mas seus dedos brincam no meu umbigo.

Fecho os olhos, tentando ignorar os arrepios intensos. Um suspiro involuntário escapa da minha boca, então percebo que vou acabar cedendo e tomo impulso para me erguer.

— Estou me perguntando se devo matar o homem que fez essa tatuagem em você. — Desliza o polegar pelo desenho no meu quadril, perto da bunda. — Um lugar perigoso para tatuar uma mulher casada, não acha?

— Não éramos casados nessa época, e você também não pode sair matando qualquer pessoa por aí.

— Entenda uma coisa. — Aponta o dedo em minha direção. — Nosso casamento é uma prova que nascemos para ficarmos juntos.

— Está falando em destino? — Solto uma gargalhada.

— Destino, Deus, Universo, almas gêmeas. — Balança os ombros. — Chame como quiser.

— Sabe que metade das coisas que você falou é apenas uma invenção romântica, não é?

— Já ouviu falar na teoria da relatividade de Einstein? Para mim, é uma prova de que destino existe.

— Ah, é? — Mordisco seu queixo. — E como você explica as almas gêmeas?

— Você é parte da minha costela, a mesma coisa que almas gêmeas. — Suspira. — Deus pensou em nós juntos quando criou o mundo, acredita?

— Acredito sim, galanteador nato. — Solto outra gargalhada. — Qualquer coisa espiritual que você acredita que possa explicar nós dois, vou acreditar também. Mas, sinto informar que fiz a tatuagem sozinha.

— Você é uma caixinha de surpresas. — Ronrona, afundando a lateral do seu rosto no meu pescoço e deixando beijos. — Preciso ensiná-la a dirigir.

— Eu adoraria. — Beijo seu queixo outra vez, mas ele acaba capturando meus lábios. Tento me afastar novamente, mas ele agarra meu queixo.

— Por que está tentando fugir, amor? — Sua voz me quebra em pedaços.

— Porque isso não é certo. — Tomo fôlego.

Quero continuar enumerando todos os motivos de porque me render a ele é errado, mas fecho a boca.

— Mas você faz sexo comigo muito antes do nosso casamento. — Ergue uma sobrancelha. — Não estou entendendo o que seria errado.

— Quando você vai se cansar disso? — Aponto para nós.

— Nunca. — Fala com tanta firmeza que me assusto. — Você não foi feita para se cansar e descartar.

— Para o que eu fui feita, então?

O maior problema é que não quero que Kalon se canse de mim, ao mesmo tempo que desejo desesperadamente que aconteça porque somos errados.

— Feita para ser feliz, se apaixonar e descobrir quem você é, e acredite, ser chamada de assassina nunca fez parte da sua identidade. — Nega. — Matar alguém não é o que te define.

Meus olhos ardem, de forma alguma esperava por esse tipo de resposta. Respiro fundo, encarando minhas mãos no seu peito e depois seu rosto.

— Pode me dar esse colar de cruz? — Peço ao deslizar os dedos pela corrente. Quero algo que seja importante para ele, e dessa forma sempre lembrarei das palavras que me disse agora.

— Não. — Diz enciumado.

— Por que? — Levanto o queixo.

— Esse colar significa a minha devoção por você. — Esfrega seu quadril contra o meu. — Nunca vou tirá-lo do pescoço, não importa o quanto peça.

Não tenho outra resposta além de reivindicar seus lábios. Estou intoxicada por cada palavra que sai da sua boca, preciso me alimentar de cada resquício antes que minha alma padeça de fome.

— Mas está certa. — Kalon segura meu queixo, afastando nossas bocas em um movimento estalado e ofegante.

— Sobre o que? — Estremeço com seu toque na minha pele sensível.

— Não podemos fazer sexo agora. — Dá um tapinha no meu traseiro. — Vamos comer alguma coisa.

— Essa parece uma ideia bem melhor. — Balanço a cabeça em concordância. — Estou morrendo de fome.

— Venha. — Me puxa pela mão. — Deve aproveitar tudo que planejei para o dia de hoje.

— Como assim? — Ele puxar a cadeira para eu sentar.

Descanso as mãos no meu colo, observando sua facilidade em tornar qualquer momento leve.

— Vai descobrir em breve, não seja uma jovem precipitada, Arcane. — Coloca um prato com comida cheirosa para eu comer.

30. TUDO SOBRE ELE

“Não posso suportar a ideia de 18 milhões de pessoas vivendo em um mundo separado do meu.”
— VIRGINIA WOOLF.

Arcane Planard

Depois de comer, Kalon me serve uma taça de vinho e começa a lavar a louça enquanto assobia uma canção de um de seus discos que tocam na vitrola.

Assisto em silêncio, me distraindo com a vista das janelas abertas mostrando o azul do oceano há alguns metros de distância. Também é possível ver o verde das árvores e as nuances douradas do céu.

Esse é o tipo de paisagem que faz meu coração inchar de contentamento.

— E então, gostou do souvlaki? — Arruma as mangas da sua camisa branca.

— Uma delícia. Estava apimentado do jeito que gosto. — Esse é o maior eufemismo dito hoje, aquela carne estava gostosa pra caralho. Kalon

leva muito jeito na cozinha.

— Isso me deixa satisfeito. — Balança a cabeça em concordância e me inclino para servir uma taça de vinho para ele.

— Com quem aprendeu a cozinhar tão bem? — Estamos nos encarando sem nenhum cansaço, é como ler um livro que tem um plot maravilhoso.

— Sozinho. — Dá um gole preguiçoso. — É terapêutico.

Descansa uma mão na sua perna e olha na direção que o vento entra pela casa, bagunçando seus cabelos. As portas de vidro da cozinha estão abertas, mostrando o gramado onde Páris está brincando descontrolado.

Volto a olhar para Kalon e seu sorriso tranquilo, os ombros largos e os botões da camisa um pouco abertos, revelando sua pele branca e tatuada.

— Qual sua altura? — Questiono. — Tenho a impressão que você é mais alto que qualquer homem que conheço.

— Bom, eu poderia jogar basquete profissional caso tivesse interesse. — Se espreguiça. — Tenho 2,01m de altura.

— Puta merda. — Me ergo imediatamente, puxando seu braço para tentar nos medir. — Você só pode estar brincando, não é? Pensei que fosse 1,90 e agora estou em choque por saber que é muito mais.

— De acordo com meus cálculos, você tem 1,70 de altura. — Desliza sua mão por meus cabelos. — Não se sinta uma anã, você não é. Apenas está na minha genética ser alto demais.

— Kalon, você é muito alto, perto de você eu sou uma formiguinha. — Empurro seu corpo de volta para a cadeira e dessa vez sento no seu colo. — Já que você não tem vergonha na cara, eu vou perguntar! Qual o tamanho do seu pau?

— O que? — Ele leva a mão ao peito, fazendo um drama falso. — Eu sou um homem de família, se minha esposa raivosa descobrir que uma mulher gostosa está dando em cima de mim desse jeito…

— Deixe de ser palhaço. — Cubro meu rosto no seu ombro, mordendo sua pele.

— Ficou com vergonha? — Seu sorriso quadrado me causa arrepios, principalmente porque seus olhos ficam apertados de um jeito amável.

— Não. — Resmungo baixo.

Juro que nunca vi um sorriso tão belo.

— Você não conhece o tamanho do que mais consome nesse relacionamento? — Cochicha. — Não acredito nisso, que decepção!

— Tudo isso é algum tipo de modéstia para revelar um tamanho absurdo? — Tento medir com os dedos. — Desse tamanho, é?

— Dezessete centímetros não é absurdo, também não é escandaloso. — Segura meu queixo. — É um tamanho normal, agora podemos mudar de assunto? Porque quero transar bastante ao invés de revelar minha surpresa.

— Se for uma boa surpresa, prometo pensar em compensar você. — Levanto do seu colo. — Eu adoro surpresas, então vamos logo.

Kalon deixa beijos na minha bochecha e sua risada causa calafrios na minha pele. Fecho os olhos para absorver cada segundo. Sou puxada para subir as escadas dominada por uma ansiedade eletrizante.

Caminho devagar quando ele empurra a porta no final do corredor, revelando uma biblioteca espaçosa.

— Não fique aí parada, se apresse em entrar. — Empurra minha bunda, me incentivando a caminhar.

Observo as prateleiras cheias de livros e meu coração bate desenfreado quando reconheço cada título. São todos os livros que Yuri queimou, exatamente todos, sem faltar nem um.

— Kalon mou… — Minha voz falha quando procuro seu rosto na soleira da porta.

Seus braços estão cruzados e seu sorriso se alarga.

— Vá em frente. — Apenas acena a mão, dispensando qualquer palavra que não consigo pronunciar agora por estar muito chocada com essa surpresa.

Sem dúvidas a melhor da minha vida. Estão todos aqui. Todos os livros que amei desde as primeiras palavras, que me identifiquei tanto ao ponto de tatuar na minha pele.

— Como você sabia de todos?

— Falei com suas irmãs na festa de aniversário. — Balança os ombros. — E os outros eu fui tentando descobrir depois que decorei as tatuagens no seu corpo. Estão todos aí?

— Sim, todos! — Pego um dos livros da Virgínia Wolf. — Você sabia que ela é minha autora favorita? — Estou animada demais para ficar em silêncio.

— Agora sei. — Cruza os braços atrás das costas.

— Venha aqui. — Chamo baixinho enquanto o assisto se aproximando. Puxo sua camisa e consequentemente seu corpo esbarra no meu.

— Você está feliz?

— Muito. — Esfrego meu nariz no seu. — Muito obrigada por isso, Kalon mou.

Mordo seu lábio, reivindicando sua língua em meio a arrepios tortuosos. Ele segura o meio das minhas costas e me puxa com força

— Então leia um pedaço para mim. — Pede ofegante.

— Agora? — Abro os olhos, acalmando meu coração acelerado.

— Sim. — Me puxa até a poltrona de descanso que tem uma ótima iluminação natural vinda da janela.

Abro o livro com cuidado, procurando a página que gosto.

— *Por isso odeio espelhos que revelam meu verdadeiro rosto.* — Caminho atrás dele até me acomodar com as pernas em seu colo. — *Sozinha, muitas vezes mergulho no nada. Preciso firmar meu pé fortemente, se não, caio do limite do mundo para dentro do nada. Preciso bater minha mão contra uma porta rija, para me chamar de regresso ao meu corpo.*

Olho para Kalon que brinca com o dedo dos meus pés.

— São palavras poéticas. — Me encara. — Mas muita tristeza escancarada. Às vezes sou consumido pela realização de quantas pessoas são doentes de tristeza e nunca encontram alívio ou felicidade. Tem muito disso no mundo, e parece aumentar a cada momento.

— Isso é verdade. — Apoio minhas costas contra seu abdômen. Sua bochecha se une a minha e respiramos juntos. — Tenho muito medo da infelicidade e solidão, elas são uma possibilidade mais real do que qualquer outra coisa no mundo.

Kalon vira a cabeça para me encarar, pensativo demais com minhas palavras, surpreendido.

— Virgínia Woolf se suicidou porque não conseguia ver uma saída. Ela encheu seus bolsos com pedras e pulou na água, deixando apenas uma última carta de amor para seu marido. — Seguro suas duas mãos e as trago para agarrar minha barriga. — Uma mulher tão brilhante.

— Não supero que pessoas tão inteligentes e profundas tiram a própria vida, e deixam um buraco imenso no tempo e no mundo. — Acaricia meus dedos. — Tem uma cura definitiva e rápida para tanta coisa no mundo, mas a depressão parece um campo de batalha onde só sobrevive quem é mais resistente.

— Virgínia foi alguém que conseguiu compreender profundamente o que é ser uma pessoa, e acima disso, o que é ser mulher nesse mundo de Deus. — Sorrio de lado. — Acho surreal como as pessoas se identificam com ela e seus livros, mesmo depois de anos e anos, essa é uma coisa que nunca vai morrer.

Kalon balança a cabeça em concordância, olhando para o livro enquanto absorve cada palavra que eu disse, então ele se inclina, o pega do meu colo e começa a folhear cada página desde o começo.

Assisto-o em silêncio, a forma como não interrompe o carinho que faz na minha pele e permanece muito concentrado. Ficamos horas assim, até que adormeço contra seu corpo. Mas abro os olhos quando um telefone toca.

Kalon pisca, parecendo sair de uma hipnose. Ele larga o livro que já está na metade para atender a ligação.

— Sim, Kol. — Sua voz está grave pelas horas em silêncio. — Não, ela não quer. — Fala risonho, separo as sobrancelhas quando ouço meu nome saindo do outro lado da linha. — Qual é, merda. — Faz uma carranca feia. — Tá bom, tá bom. — Sua carranca aumenta, estendendo o celular na minha direção. — É Kol. — Fala o nome do seu irmão como se isso fosse uma razão para eu quebrar o celular ou sair correndo.

— Sim, Kol mou? — Falo com um sorriso, olhando para Kalon de relance. — Queria falar comigo?

— Sim, quero. — Responde risonho. — O que acha de sair comigo hoje a noite?

— Sério?

— Claro, proponho diversão sem a presença de um esposo sem noção. — Fala pausadamente, me arrancando uma gargalhada boba. — Tenho planos maravilhosos e só penso em você.

— Tudo bem. — Levanto do colo de Kalon ainda sonolenta. Então sento no espaço que sobra na poltrona. — Eu realmente gostaria de alguma coisa desse tipo, parece ótimo.

Qualquer oportunidade de sair de casa para ver a cidade e me divertir como uma pessoa normal, eu jamais recusaria.

— Ótimo, então vou te pegar daqui a pouco. — Responde. — E aproveitar para tratar alguns assuntos com Kalon que só podem ser resolvidos pessoalmente, enfim, fique muito gostosa, como se fosse para um baile.

Solto outra risada, mas viro o rosto quando Kalon limpa a garganta ao meu lado. Ele está com uma cara muito feia, balançando a perna como se isso fosse aliviar seu ciúmes bobo.

— Combinado, tchauzinho. — Jogo beijos antes de desligar, o que arranca um suspiro muito dramático do homem ao meu lado.

— Isso é o que eu estou pensando? — Cochicha.

— Sim. — Engatinho na sua direção. — Tenho um encontro com Kol Gostoso Somáli.

— Vai se foder. — Kalon solta uma gargalhada amarga ao ouvir o apelido.

— Eu vou é ficar muito gostosa. — Me levanto, indo até a saída da biblioteca para me arrumar. — Já você vai cuidar dos gatinhos enquanto eu estiver fora.

— Arcane mou! — Kalon solta um grito exagerado e joga uma almofada na minha direção. — Eu vou matar ele quando chegar aqui.

Vou até o quarto, dessa vez encontrando minha mala de roupas. Procuro por um vestido que se encaixe na descrição que Kol me deu e passo horas me arrumando em frente ao espelho. Quando retorno para a sala, vejo que já está de noite.

Meu suspiro chama a atenção de Kalon que está sentado com sua lontra nos braços. Ele perde o foco enquanto analisa o vestido verde no meu corpo, ombro a ombro e muito apertado.

— Verde é a minha nova cor favorita. — Treme.

— É da mesma cor que seus olhos. — Me aproximo para ficar na sua frente, mostrando meu cabelo e a maquiagem.

— Porra, Arcane. — Agarra minha cintura, puxando meu corpo até que seu rosto afunda no meu traseiro e ele deixa uma mordida que me arranca um grito. — Você está linda pra caralho, amor, nem fodendo que vou deixar meu irmão ter a oportunidade divina de passar a noite ao seu lado.

— Você está me bagunçando. — Esfrego a orelha da sua lontra enquanto me acomodo no colo de Kalon.

— Você está bagunçando ela. — Me surpreendo quando vejo Kol parado na porta, com os braços cruzados enquanto observa nós dois. — Estou atrapalhando?

— Sim, faça o favor de ir embora e voltar em um ano. — Kalon mostra o dedo do meio para seu irmão e me ajuda a segurar Pinar.

— Deixa de ser vagabundo e libera logo a Arcane. — Kol sibila, mostrando indiferença para o olhar raivoso de Kalon.

Dou risada, me divertindo com os dois.

— Tudo bem, nada de brigas. — Levanto a mão em rendição, ajudando Pinar a descer por minhas pernas até encontrar o chão. — Você não disse que tinha algo para conversar com Kalon? Façam isso enquanto pego minha bolsa e me despeço de Páris.

Balanço as mãos, caminhando até Kol que me puxa para um abraço amigável e beija a lateral do meu rosto.

— Você está muito linda, Arcane. — Elogia.

— Deixa de ser metido, Kol. — Kalon puxa seu ombro. — Já planejou o que pedi?

— Sim, você foi muito exigente quando disse para não comentar com ninguém e para tratar o assunto pessoalmente. — Ele balança a cabeça em negação, acenando para mim.

Os dois se trancam no escritório e fico parada, tentando descobrir do que se trata, mas me convenço que se for da minha conta, o meu marido vai falar em algum momento.

Fecho os olhos, caminhando de volta até o quarto para procurar a bolsa que esqueci na ansiedade de saber se minha aparência estava aprovada. Não consigo encontrar Páris no quarto, ele deve estar escondido no escritório de Kalon, então desço as escadas com minha bolsa em mãos.

Os dois estão caminhando para fora enquanto apertam a mão um do outro.

— Agradeço seu empenho. — Kalon aproxima seu rosto para beijar sua bochecha.

— Ah, foi simples. — Balança as mãos. — Irmãos servem para essas coisas.

— De verdade, meu amor. — Kalon insiste. — Obrigado por trabalhar tanto em tão pouco tempo.

Os dois viram a cabeça ao notarem minha presença.

— Pronta para a melhor noite da sua vida? — Kol estende a mão.

— Pode apostar. — Caminho na sua direção, olhando para Kalon que retira seu celular para ver uma nova notificação. Sua expressão divertida muda imediatamente para raiva e descrença.

— Algum problema? — Kol pergunta, virando seu corpo para visualizar a impaciência de Kalon enquanto afunda seus dedos na tela do celular.

— Kalon mou?

— O que você tem com Pavlos? — Rosna, me surpreendendo.

— Como assim? — Olho para Kol que assobia, dando um pouco de espaço para nós dois.

— Você está me traindo com ele, é isso? — Ergue a tela do celular para que eu veja uma foto de nós dois no casamento.

O ângulo em que estamos abraçados faz parecer que Pavlos beijou minha boca, mas foi apenas minha bochecha, só que minhas mãos ao redor dele dão a impressão de que realmente foi um beijo na boca.

— Quem mandou isso? — Junto às sobrancelhas.

— É uma mensagem anônima. — Resmunga.

— Kalon, você estava na festa e viu o que realmente aconteceu. O que te faz pensar que estou te traindo?

— O fato disso estar acontecendo desde o dia em que vi os dois se abraçando no restaurante naquele dia. — Afunda as mãos no bolso. — Foi exatamente o que você deu a entender, não? Que ele é um ótimo amante e que se amam, ou vai dizer que é mentira?

— Não é mentira, sempre deixei claro que amo Pavlos com todo o meu coração. — Isso faz Kalon dar as costas, ficando tenso e furioso.

— Eu acho que vou esperar no carro. — Kol limpa a garganta. Meu rosto queima de vergonha quando a porta se fecha e o silêncio assustador perdura na sala.

— Fala sério, você me envergonhou na frente do seu irmão. — Sinalizo com as mãos. — Qual é seu problema?

— O meu problema é o fato de você ter um amante e sequer se dar ao trabalho de esconder ele de mim. — Gesticula, dando uma risada amarga. — Você beijou ele na porra do nosso casamento, Arcane.

— Eu não beijei ele! — Caminho na sua direção. — Você é louco? Só pode estar brincando comigo! Essa foto é mentira, Kalon!

— Então me explica, Arcane. — Me olha. — Como vocês não tem nada se estava na fazenda dele e até trouxe a porra do cachorro dele pra dentro da nossa casa? — Aponta ao redor. — Eu estou delirando?

De forma alguma eu vou revelar que Pavlos é o namorado de Melissa. Ninguém precisa saber disso. Mas seu ciúme me lembra das palavras de Minerva.

— Você não tem o direito de me tratar desse jeito. Não está em posição de me acusar dessa forma, ou exigir alguma coisa de mim, não quando insistiu até o último momento em manter esse casamento de merda. — Empurro seu peito.

Estou furiosa por estarmos brigando, por ele achar que está no direito de sentir ciúmes do meu melhor amigo, da única pessoa que me ama como uma garota normal, que me enxerga como a pessoa que quero ser.

Estou furiosa por a bolha estourar e eu voltar a enxergar o quanto esse casamento me assombra mais o fato de que Kalon deve ter matado sua noiva por um motivo neurótico como esse.

— Por que não fala de uma vez? Por que não diz com todas as letras o que de fato enxergamos? — Recuo para trás, não gostando do seu tom de

voz.

— Eu não tenho nada com ele. — Grito alto. — Olha só, você entrou na minha casa, tirou a minha liberdade, minhas irmãs… — Minha voz falha pelo desgosto. — Eu fui negociada como uma mercadoria, forçada a esse casamento e você não merece nenhuma das minhas explicações. Além disso, eu não tenho nada pra explicar a você. Nada. Você criou uma coisa inexistente. No começo eu até pensei em te convencer que ele era meu namorado, mas já disse a você, Pavlos é meu melhor amigo. — Sibilo, sentindo meu rosto vermelho de raiva. — Consegue entender a diferença?

— Quero apenas compreender você e protegê-la, Arcane. — Me observa tristonho ao compreender totalmente o que venho explicando desde o começo. — Merda. — Seus ombros balançam como se estivesse se sentindo péssimo.

— Você me envergonhou na frente do seu irmão por causa de uma besteira. — Caminho na sua direção, empurrando seu corpo para longe do meu quando ele tenta me abraçar. — Você surta comigo constantemente por causa de uma idiotice, uma paranóia, mas em nenhum momento eu coloquei você contra a parede para esfregar seu passado na cara.

Kalon paralisa, me observando cheio de choque.

— Do que está falando? — Sua voz sai mortalmente fria.

— De você ter matado sua ex-noiva por ciúmes e obsessão. — Coloco as palavras para fora. — E que pode me matar da mesma forma que fez com ela, surtar comigo e causar um acidente, já que parece estar sempre no limite.

Meu peito dói por não controlar as palavras já fora da minha boca.

— Eu? — Kalon treme ao levar a mão ao peito. Sua expressão torna tudo mais doloroso e assustador. — Machucar você como fiz com Azra?

— Não é o que todos comentam? Que você é louco, que voltou para casa banhado de sangue e foi chorar nos braços da sua mãe. Foi o que ouvi no dia que você brigou com Rajá, foi o que seu pai deixou claro quando tentou te controlar. — Libero esse monstro que vem consumindo meus pensamentos. — Todos te tratam como louco e descontrolado, mas em nenhum momento eu usei isso contra você, como tenta usar Pavlos contra mim.

Empurro seu corpo, dando tapas no seu peito.

— Silêncio. — Pede ofegante e caminha para trás. — Pare. Pare de falar. — Seu olhar é vago e cheio de culpa. Kalon engole em seco como se tivesse acabado de lembrar algo que não deve esquecer de jeito nenhum.

— Eu odeio você por me machucar usando meu melhor amigo contra mim, apenas porque amo ele e não amo você! — Grito, colocando cada sentimento reprimido para fora. — Apenas porque ele me ama e você é obcecado com a ideia de alguém nutrindo afeto por algo que considera seu.

— Silêncio. — Kalon grita, empurrando a cadeira ao seu lado com um chute tão agressivo que tenho um sobressalto.

Fecho meus olhos, inclinando o rosto para o lado imaginando que esse provavelmente é o momento em que ele me derruba no chão e me bate pra caralho como Yuri costuma fazer. Sinto sua respiração ofegante que não passa de sons de mágoa.

Passa um minuto, dois. Não ouço nada, nenhum ruído, nenhum movimento agressivo contra mim.

Meu coração dói de espanto.

Abro os olhos para ver Kalon parado no mesmo lugar, inspecionando cada traço do meu rosto. Seu controle é tão assustador que não consigo aceitar que esse homem é real.

Há decepção estampada no seu rosto.

— Achou que eu ia bater em você? — Questiona magoado. — É sério mesmo que você me enxerga como um monstro, Arcane? Não poderia deixar mais claro que você me abomina, que me odeia muito e nada que eu faça vai mudar isso.

Ele caminha para trás como se estivesse traçando uma linha no chão e dividindo nosso espaço.

— Você foi egoísta e obsessivo comigo esse tempo inteiro! — Caminho até ele na intenção de interromper toda essa discussão aterrorizante. — Exatamente como foi com ela!

Parece que não fomos feitos para desfrutar a paz. Em um momento estamos nos divertindo, e no outro, a realidade bate em cheio. Mostrando

que existe uma grande diferença entre nós, que é impossível ter algum tipo de trégua.

Ele me observa tomado por um silêncio perturbador. Sua respiração fica irregular quando afunda seu rosto contra o meu, abraçando meu corpo com força. Me assusto e tremo.

— Pelo amor de Deus, você está me matando! — Arqueja. — Acabei de descobrir que odeio discutir com você, então vamos parar com isso agora!

Suas palavras são apressadas e ditas pela metade. Seu cheiro se mistura ao meu. Meu corpo está fervendo em adrenalina e dou tudo de mim para afastar meu rosto quando Kalon tenta me beijar.

— Não. — Meu coração bate como louco e preciso levar a mão ao peito para me acalmar. — Eu posso ter falado coisas que você não gostou, mas você me magoa profundamente. — Sustento seu peito para impor um limite entre nós. — Por isso, quando eu voltar, será melhor a gente não se ver.

— Arcane... — Sua voz soa aflita.

— Agora não. — Caminho para longe, sentindo cada pedaço do seu corpo me tocando pelas costas.

— Não quero ficar brigado, por favor, não dê as costas. — Kalon afunda o rosto no meu ombro, me abraçando como se estivesse morrendo de saudades e segurando minha mão na maçaneta da porta.

Tento empurrar seu corpo quente para longe do meu, sentindo dor física por ter tanto espaço entre nós.

— Não me abrace. — Eu o empurro com o cotovelo. — Fique longe de mim, Kalon. Estou falando sério, respeite ao menos isso.

— Meu amor. — Segura a porta. — Arcane, vamos nos resolver antes de você ir embora com ele, por favor.

— Eu não quero falar com você agora. — Grito alto. — Me deixe sozinha. Você não consegue entender? Faça de conta que existe outro homem na minha vida e se afaste para bem longe de mim. — Sibilo, usando esse golpe para ver a culpa brilhando nos seus olhos. — Babaca. Se você tivesse me perguntado como uma pessoa respeitosa, eu teria dito. — Faço

uma pausa, voltando em sua direção para verbalizar melhor. — Na verdade, eu estive falando o tempo inteiro, mas você só enxerga a si mesmo.

— Isso não foi legal, Arcane. — Balança a cabeça em negação. — Não me torture assim.

— Deveria ter pensado nisso quando resolveu agir como um louco.

Largo a porta aberta e caminho pelo jardim enquanto sinto seus olhos me acompanhando até entrar no carro de Kol. Meu corpo está trêmulo quando tento puxar o cinto de segurança.

— Você está pálida. — Kol sussurra, me ajudando. — Tem alguma coisa que eu possa fazer?

— Na verdade, quando voltar, eu resolvo. — Anuo com a cabeça. — Me desculpe por você ter visto isso.

— Já estou acostumado. — Kol dá a partida. — Meu caçula é muito intenso com suas emoções, mas é uma boa pessoa, mesmo errando tanto com a forma que tenta se expressar.

— Estou percebendo isso. — Arrumo meus cabelos. — Mesmo que eu tenha sido dura com ele e passado dos limites, mesmo cheia de defeitos, acho que estava na hora de colocar um limite nessa confusão. Não gosto quando Kalon deixa de me ouvir para dar ouvidos às suas paranóias.

— Os relacionamentos são difíceis assim mesmo. — Estala a língua. — Coisas da vida, esse é o lado ruim em se casar com um psicopata.

— Tudo bem, não vamos deixar isso pior do que já é. — Solto uma gargalhada ao ver como ele está determinado a atacar o irmão. — Para onde estamos indo?

— Eu consegui ingressos para um concerto musical ao ar livre. — Explica. — Tenho certeza que você vai gostar e essa é uma oportunidade para virarmos amigos.

— Já somos amigos, não precisava de tudo isso. — Toco seu ombro.

— Tudo bem, mas sou do tipo que gosto de tempo de qualidade, então sim, precisava.

Não vou reclamar por passar algum tempo aproveitando as coisas belas desse mundo. Necessito disso porque tudo que experimentei é tão pouco, já que minha vida é tão limitada e sombria.

Depois de alguns minutos conversando, Kol estaciona em uma vaga, salta do carro e caminha para abrir a porta para mim.

— Por favor.

— Obrigada. — Digo segurando seu antebraço e caminhando ao seu lado por onde algumas pessoas estão indo.

As mulheres se vestem com elegância e os homens vestem terno. Kol, no entanto, está usando um conjunto creme estilo europeu, com um sobretudo preto e um cachecol branco ao redor do pescoço. Ele é diferente de Kalon, que algumas vezes gosta de usar roupas no estilo streetwear.

O lugar onde estamos é em um deck de madeira com vista para o mar. Daqui é possível ver as luzes da cidade do outro lado das águas. Kol me ajuda a sentar, nós dois pegamos a primeira fileira onde é possível ver vários homens sentados com seus instrumentos musicais.

— Como você sabe que gosto desse tipo de coisa? — Ergo uma sobrancelha.

— Sou bom em descobrir os segredos das pessoas. — Me lança uma piscadela.

Kol me entrega uma taça de vinho e balança a sua em mãos, perdendo sua atenção nas águas agitadas e no som suave dos instrumentos de corda.

Está tocando *Umutsuz Ask*, e meu coração se enche de melancolia quando a melodia suave se espalha pelo ambiente noturno. Eu olho para ele, me perguntando porque alguém gastaria tanto dinheiro para vir até aqui assistir um musical tão triste como esse.

— Sabe… — Cruza as pernas com elegância. — Quando Kalon soube do casamento, ele deu risada, olhou para o céu e disse que seria maravilhoso não ficar sozinho até a morte.

Seu sussurro fica mais pesado sendo coberto pela melodia triste.

— Sério? — Olho para seu rosto.

— Sério. Acho que ele começou a enxergar o mundo de uma forma diferente depois daquele dia.

Abaixo minha cabeça, meus dedos brincando com a aliança ao redor do meu dedo e um nó se forma na minha garganta, o qual tento desmanchar com goles de vinho.

Não ouso falar nada, apenas me distraio com as próximas músicas que eles tocam. A todo instante minha cabeça volta para nossa discussão, para seu olhar arrependido e como ele parecia quebrado depois de ouvir meu desabafo raivoso.

Quando o piano finaliza suas últimas notas e o arco do violino para de se movimentar, eu me levanto transtornada e olho para Kol.

Ele não parece surpreso, até mesmo sorri e toma seu último gole com calma.

— Eu preciso voltar, Kol. — Sussurro. — Meu coração está apertado.

— Eu sei disso. — Arruma seu cachecol de um jeito vaidoso.

— Você sabe? — Me assusto.

— Sim, está no seu rosto. — Aponta, deslizando o polegar por minhas bochechas molhadas de lágrimas. — Você se emocionou com o musical, correto?

— Correto. — Pisco. Não percebi que estava chorando. Limpo a garganta e os últimos resquícios das lágrimas silenciosas. — Que coisa esquisita. — Aperto os lábios, soltando uma risada fraca.

— Concordo. — Balança os ombros. — Estamos há três horas aqui, pensei que ia ter tempo para conversar, mas vou te deixar em casa.

Suas mãos enluvadas estão nos bolsos, Kol olha ao redor, para todas as pessoas aplaudindo e se aproximando para uma mesa com bebidas e frutas vermelhas.

O vento bate forte contra nossos corpos, me fazendo encolher e caminhar para mais perto do seu corpo alto na intenção de me aquecer.

— Gostei muito do musical. — Abraço seu bíceps, caminhando ao seu lado. — Não sabia que gostava desse tipo de coisa.

— Ah, eu gosto muito. — Ele ri. — É muito relaxante não precisar pensar em nada por algumas horas. Podemos marcar de novo.

— Eu adoraria. — Entro no carro.

Respiro fundo para aliviar o aperto angustiante no meu peito. Não consigo entender o que está acontecendo comigo, na primeira oportunidade que tenho para sair de casa e aproveitar um pouco da liberdade que consigo, começo a ficar com uma saudade estranha e quero voltar para o conforto do

lugar que não escolhi viver, e que se pudesse escolher, trocaria por outro melhor, mas que está tornando a minha casa.

Nossa viagem até a mansão é feita em silêncio. Caminho para fora do carro depois de me despedir de Kol com um abraço apertado. Ele garante que se divertiu muito, que foram as melhores horas de silêncio ao lado de uma pessoa silenciosa, e que precisa repetir a dose.

Entro em casa sentindo um aperto ao ver todas as luzes apagadas. Já é de madrugada, o que me leva a acreditar que Kalon está dormindo ou foi embora como pedi. Quando acendo as luzes do corredor, deixo escapar um grito ao ver seu corpo sentado no final das escadas. Ele está apoiado contra a parede e cochilando.

Os gatinhos estão aproveitando sua quietude para perambular por seu corpo em busca de conforto para dormir.

Tapo a boca para não gargalhar alto. Sim, ainda estou furiosa com ele, mas essa cena é impagável. Suas mãos balançam trêmulas quando encontram a barriguinha peluda de um dos gatinhos.

Seus olhos se abrem ao sentir minha presença.

— Muito linda… — Pisca como se estivesse em um sonho. Suas sobrancelhas estão juntas em uma expressão carrancuda e ao mesmo tempo amável.

— O que está fazendo dormindo no chão, Kalon mou? — Me ajoelho aos seus pés, largando o salto que tirei antes de entrar em casa.

— Eu queria comprar um buquê de flores, mas estava tudo fechado. — Aponta para as escadas. — Então comprei alface.

Não tinha visto antes, mas a escada está cheia de alface. Minhas bochechas ficam agressivamente vermelhas, eu nunca ganhei flores, mas agora posso dizer que ganhei alfaces.

— Por que comprou tanto alface? — Tento soar ainda com raiva.

— Desculpa, minha vida. — Segura minha mão. — Eu comprei porque sou um marido horrível.

Kalon faz carinho no gatinho que começa a ronronar. Fico em silêncio, tentando me familiarizar com esse tipo de tratamento. Minha demora faz ele abaixar a cabeça, mostrando que realmente está arrependido e envergonhado da nossa discussão.

— Então você comprou alface como um pedido de desculpas, é isso? — Ainda estou incrédula. Kalon geme, me encarando como um cachorrinho que caiu da mudança.

— Sei que foi péssimo. Você pode fingir que são rosas vermelhas?

— Não. — Torço o nariz e volto a encarar todo o alface. Eu gosto deles. — Mas o que vamos fazer com tudo isso?

— Podemos doar. — Respira fundo, me olhando de um jeito fofo. — Tem um abrigo e um restaurante aqui pertinho, um desses lugares vai aceitar toda a escada repleta de alfaces.

— Há quanto tempo está aí? — Ao menos ele tomou um banho e não está tão acabado, mas seus olhos indicam que está morrendo de sono.

— Não sei, amor. — Balança os ombros, voltando a encarar os gatinhos. — Você saiu e eu fui correndo comprar.

— Ai, Kalon mou.

— Vai me tirar do castigo? — Balança a patinha do gatinho na minha direção, fazendo o filhotinho dançar em seu colo como se fosse uma película. — Não quero continuar brigando com você.

Seu tom de voz é cheio de sinceridade e arrependimento. Porra, não sei se foi o gatinho ou ele que me fez derreter, mas eu estou disposta a comer todo esse alface como prova de que aceito suas desculpas.

— Você pode voltar a dormir comigo e ser meu marido. — Um grande sorriso dança em seus lábios. — Mas os gatinhos vem junto. Eles vão ficar no meio.

Kalon faz uma careta feia, pegando cada um deles e levantando do chão. Envolvo seu tronco no mesmo instante e deito a cabeça no seu peito, respirando seu cheiro delicioso.

— Desculpa por ter falado tudo aquilo. — Fecho a porta quando atravessamos todo o alface nos degraus da escada. — Às vezes sou muito dura, mas só queria que você me enxergasse. Se eu pudesse voltar e falar tudo aquilo de outra forma, eu faria.

— Também peço desculpas por ter sido muito filho da puta todo esse tempo, e isso ter chegado a um ponto em que ficamos magoados. Eu sei, eu acabo sempre pisando na bola e estragando tudo que mal temos. Mas lamento muito. De verdade.

— Vamos nos beijar? — Seguro seu rosto quando ele libera os gatinhos para correr pelo quarto.

Tomo seus lábios em um beijo cheio de reconciliação sem esperar uma resposta.

— Ah, sim, por favor. — Kalon geme, agarrando meus cabelos e me puxando para perto. Seu toque faminto me causa arrepios, ele mordisca meu lábio e puxa meu vestido até a cintura.

— Você está com o cheiro dele? — Mordisca meu queixo e apertando minha pele seminua.

— Deve ser porque nos abraçamos na despedida. — Afasto meus lábios, abrindo os botões da sua camisa branca.

— O que vocês dois aprontaram? — Joga a camisa no chão.

— Fomos em um concerto musical. Eu adorei e vamos outra vez. — Engulo em seco ao lembrar daquele sentimento fechando minha garganta, martelando meu coração e me deixando louca para voltar depressa.

Estou matando ele com muita satisfação enquanto beijo a boca de Kalon.

— Estou saindo do castigo? — Balanço a cabeça em concordância e minhas mãos se perdem no cinto da sua calça.

— Agora quero agradar você. — Empurro seu corpo para sentar na poltrona, Kalon me olha cheio de surpresa quando me ajoelho.

— Arcane mou… — Ele treme quando massageio seu pau ereto.

Sua mão rapidamente procura apoio na mesa que tem ao lado da poltrona, e seus dedos se fecham na madeira com força quando aproximo meus lábios para experimentá-lo.

Procuro seu rosto para saber se estou fazendo certo, Kalon solta um palavrão feio que me assusta, mas sua mão livre aperta meus cabelos para me ajudar com os movimentos.

— Ah, porra! — Sua palma treme, derrubando uma jarra de água que se estilhaça no chão.

— Kalon! — Afasto minha boca, tendo um sobressalto.

— Desculpa, amor. — Implora, segurando a almofada contra o rosto.

Beijo seu abdômen, deslizando minha língua por sua barriga e mordiscando vagarosamente. Meus lábios se perdem ao redor do seu pau novamente, e conforme eu chupo, Kalon estremece contra a poltrona e aperta a almofada como se pudesse parti-la aos pedaços. Ouço o tecido se rasgando quando intensifico os movimentos.

— Ah, isso realmente é um castigo! — Solta a almofada para respirar fundo. Sua cabeça tomba para trás e me deleito com a visão perfeita do seu abdômen tremendo. — Esse é um sofrimento delicioso.

Afasto meus cabelos para trás quando ele estoca na minha boca, me fazendo gemer para senti-lo em todos os lugares. Kalon está ofegante, aperta os braços da poltrona com força e solta um gemido tão sensual que consigo me atrapalhar no que estou fazendo.

Afasto minha boca, sentindo-o jorrar no meu pescoço e seios.

— Cacete. — Geme, descansando a mão na barriga e encarando o teto do quarto. Seu corpo parece estar fervendo e eu deixo um selinho na ponta do seu pau. — Acabei de ir para o melhor lugar do mundo inteiro.

Ele me encara, o peso do seu olhar me faz levantar com calma. Kalon inspeciona toda a bagunça que deixou nos meus cabelos, o vestido amarrotado e as marcas do seu orgasmo na minha pele.

— Minha vez de agradar você. — Se aproxima, segurando meu queixo e devorando meus lábios sem ao menos dar importância para seu gosto salgado na minha língua enquanto me empurra para trás e se ajoelha na minha frente.

Eu grito, ou talvez tenha sido um gemido, quando ele estapeia minha bunda e puxa meu vestido sem nenhum esforço. Tento cobrir meus seios sensíveis pelo frio noturno, mas Kalon afasta minhas mãos e afunda o rosto, mordiscando e lambendo de um jeito tão delicioso que eu enfraqueço.

Agarro seu pescoço e ele nos gira, Kalon separa minhas pernas e empurra meu corpo contra a mesa que quase derrubou em meio ao boquete. Lágrimas de prazer invadem meus olhos quando seus dedos se perdem entre minhas pernas, Kalon massageia de um jeito exigente e tão prazeroso que perco o fôlego.

— Minha. Só minha. — Morde meu pescoço.

Meu rosto vira para o lado, dando espaço para que sua boca marque cada parte do meu corpo. Aperto seus cabelos ondulados e Kalon paralisa,

levantando a cabeça bem devagar para me encarar de um jeito selvagem que me deixa tonta.

— Fique de costas. — Manda, apertando os dois lados da minha cintura.

Eu faço isso, recebendo sua ajuda quando demoro demais para encontrar o controle das minhas pernas trêmulas. Ele acaricia minhas costas e volta a beijar a curva do meu pescoço, mantendo meu corpo contra o seu.

— Me pergunto se vou foder sua bunda primeiro ou a boceta.

Tento respirar corretamente da mesma forma que sucumbo a esse prazer sombrio e doloroso. Kalon brinca com meus cabelos bagunçados e contorna minha barriga com o braço, empurrando seus dedos na minha boceta e fazendo movimentos exigentes.

— Diga o que você acha. — Marca meu ombro com os dentes. Porra, eu não consigo falar absolutamente nada enquanto o sinto intensificar os movimentos dentro de mim. — Vamos, minha alma. — Aperta minha bunda, deixando um tapa ardente que me faz rebolar contra seus dedos.

— Estou pronta para você foder minha bunda. — Tentando encontrar apoio contra seu abdômen quente e sólido.

— Ah é? Você está? — Esfrega seu pau em uma das minhas nádegas. Outro tapa marca minha bunda, meus olhos ardem e mordo o lábio para não gritar alto. — Então nós vamos começar por aqui, concorda?

Balanço a cabeça em afirmativo, fechando minhas pernas quando um arrepio trêmulo sobe por minha barriga, Kalon rosna e coloca outro dedo na minha boceta, aumentando os movimentos o que me deixa tonta.

— Diga com todas as letras. — Ordena. — Você concorda, minha alma?

— Eu concordo… — Minha voz sai cheia de dificuldade. — Kalon mou.

Uma risada sensual e grave bate contra minha pele. Ele remove os dedos entre minhas pernas e me surpreende deixando um tapa doloroso na minha boceta. Estou tão sensível que a ardência me faz fraquejar contra seu corpo, ele me segura com força e pressiona os lábios em meu ouvido.

— Onde está toda aquela sua raiva? — Sussurra. — Não me diga que eu acabei de domar você, meu amor.

— Não seja cruel. — Empurro seu corpo com o traseiro e viro meu rosto para ver seus olhos verdes. — A não ser que você goste de apanhar durante o sexo.

— Ah, só se for dessa gatinha rebelde…

— Palhaço. — Tento escapar, rosnando para sua provocação irritante.

— Calma, amor. — Agarra meus cabelos, mantendo minha cabeça contra seu corpo. — Eu estava apenas brincando.

— Solte meus cabelos. — Ordeno.

— Não, solte você. — Aperta minha cintura com força, mordiscando minha orelha. Me debato e Kalon aperta com mais força, enviando choques de prazer por minha coluna até se concentrar na minha boceta.

— Certo, estamos em guerra novamente. — Tomo impulso, batendo minha nuca contra seu queixo e arrancando um gemido misturado com uma gargalhada grave.

— Você cortou minha boca. — Aperta minha bunda, deixando um tapa estalado. — Merece retaliação.

— Isso vai me deixar dolorida. — Grito quando meu corpo é empurrado contra a parede.

— Foda-se, você também vai deixar meu pau do mesmo jeito. — Meus seios ficam doloridos quando ele se concentra em deixar alguns tapas ardentes na minha bunda, esfregando minha boceta no processo. — Se prepare, eu vou foder sua bunda por cada noite que passei em claro imaginando que você estava com outro. Agora estou aliviado por saber que não era nada disso.

Fecho meus olhos, tremendo de ansiedade quando ouço o barulho da embalagem de preservativo se rasgando. Um vento gélido bate nas minhas costas, me fazendo estremecer. Kalon geme de satisfação quando veste o preservativo e encosta seu pau na minha bunda.

— Então quer dizer que você se preparou para isso? — Sinto a ponta do seu nariz esfregando minha nuca. — Cheirosa.

— Sim, eu fiz isso mais cedo… — Gaguejo, sentindo ele deslizar os dedos para separar minhas nádegas. — Ai, porra. O que é isso? — Minhas

palavras morrem, dando lugar a um suspiro trêmulo quando sinto algo molhado escorrendo por minha pele.

— Lubrificante, para você não sentir tanta dor. — Afasta um pouco do seu corpo para que eu veja a gaveta aberta onde estava guardado.

— Vai doer? — Tento me afastar para ver melhor o seu corpo, mas ele segura os dois lados da minha cintura e encosta seu rosto na minha nuca.

— Um pouco, mas vai passar. — Beija minha pele, acariciando minha barriga até que seu braço se fecha contra meus seios, me mantendo em uma espécie de casulo quando o sinto entrar bem devagar.

— Kalon mou… Está doendo. — Meus olhos ficam marejados, nesse momento ele beija meu queixo por cima do meu ombro, grudando nossos corpos em um movimento doloroso.

— Porra, minha alma. — Gememos juntos. — Me desculpa. — Seus movimentos aumentam e fazem uma onda de prazer inesperada subir por minha coluna.

— Ah, Kalon mou. — Mordo meus lábios, gostando disso pra caralho.

O prazer é mais forte do que qualquer coisa, fazendo meu corpo balançar com cada estocada exigente e profunda do seu pau. Minha visão fica turva quando Kalon estapeia os dois lados da minha bunda. Seus movimentos são muito molhados e rápidos por causa do lubrificante.

Meus olhos se fecham quando sua mão busca apoio na minha barriga. Tão selvagem e gostoso.

— Você está bem? — Sua voz carinhosa contra meu ombro me arranca um gemido choroso.

Balanço a cabeça em concordância, me perdendo em cada movimento que me deixa fora de órbita. Minha coluna está úmida de calor. Perco a noção do tempo, meus ouvidos estão barulhentos, mas, ao mesmo tempo, minha cabeça está flutuando.

Sinto apenas a força dos seus movimentos batendo contra meu corpo, seus braços fortes me agarrando, sua boca no meu ombro e seus gemidos roucos. Tento fechar minhas pernas quando sou tomada pelo prazer doloroso em minha boceta. Meu corpo está tremendo.

Choramingo, ficando cada vez mais difícil segurar o orgasmo que faz minhas pernas tremerem. Kalon se afasta, removendo o preservativo. Eu arrumo minha postura, tremendo.

— Kalon mou… — Chamo quando meu corpo fica de frente para o seu.

— Preciso tanto de você. — Ele diz.

Minhas pernas se fecham ao redor da sua cintura, dessa vez eu fico mais alta quando sou apoiada contra a parede e sinto seu pau entrar na minha boceta.

— Ah, Kalon. — Agarro seus cabelos, seu rosto se perde nos meus seios, mordendo e me arrancando gemidos fracos.

Seus movimentos são rápidos e obscenos, fazendo barulho por todo o quarto e aumentando o suor do meu corpo. Minhas unhas marcam suas costas e ele morde meu seio com mais força.

Kalon caminha com nossos corpos até a cama, me deitando sem sair de dentro, suas estocadas ficam mais exigentes agora que tem o apoio do colchão contra nossos corpos. Aperto seu traseiro e ele rosna, mordendo meu queixo e batendo com mais força.

Estou trêmula, meus olhos turvos e com a sensação que posso desmaiar com todo esse prazer latejando em meus nervos. Sua última estocada faz meu corpo balançar. Eu aperto meus dentes em seu pescoço quando sinto algo quente escorrendo pelas minhas pernas.

Não tenho nenhum controle dos meus gemidos quando ele remove seu pau e deita a cabeça na minha barriga, abraçando meu corpo em seguida. Sinto como se tivesse sido atropelada, mas todo esse cansaço físico vale a pena enquanto o prazer ainda me consome.

— Você está sorrindo de um jeito safado. — Ele fala, apoiando seu queixo em um dos meus seios.

— Você me deixou muito viciada em sexo. — Explico.

— Essa é uma notícia maravilhosa. — Se inclina, beijando meus lábios. — Porque vamos ter muito tempo para fazer isso na nossa viagem.

— Que viagem? — Levanto a cabeça do travesseiro.

— Algo chamado lua de mel, conhece? — Me puxa para um abraço tão apertado que perco o fôlego.

— Está falando sério? — Sussurro.

— Muito sério. — Esfrega seu rosto contra o meu, eu gemo quando sua mão aperta minha bunda, me causando arrepios. — Nós vamos ao amanhecer.

— Podemos levar os gatinhos e o Páris? — Seguro seu queixo.

— Podemos. — Concorda de um jeito amável.

— Para onde vamos? — Me apresso em perguntar.

— Isso é um mistério. — Vira o rosto para não me olhar e confessar. — Agora você pode dormir e sonhar comigo entre suas pernas.

— Minhas pernas estão doendo. — Eu gemo quando uma dor prazerosa lateja no meu corpo. Descanso minha mão em seu peito.

— Durma o quanto quiser, meu amor. Nós vamos ficar bem agora. — Beija minha testa, me fazendo ficar com as pernas ao redor da sua cintura.

Depois de um tempo ele caminha com nós dois até o banheiro. Estou tão adormecida pois não sinto ele me banhando, apenas o som dos seus beijos nas minhas costas antes de ser carregada de volta para a cama.

31. O LEÃO NA GAIOLA

“Este é um privilégio da solidão: pode a gente fazer o que bem nos parece.
Pode-se até chorar, se ninguém está olhando.”
— VIRGINIA WOOLF.

Arcane Planard

Pensei que estava livre dos meus pesadelos depois de tantas coisas acontecendo na minha vida. Mas não estou, sei disso porque acordo com o vento batendo no meu rosto.

Estou deitada no meio de um deck de madeira, os passarinhos cantam cheios de liberdade e a figura de Nikoleta está deitada sob um tronco de árvore.

— Você veio partir meu coração novamente ou veio para ficar? — Sussurro, ganhando sua atenção.

Seu rosto estava voltado para o céu azul, mas, agora Niko me observa dos pés à cabeça, sorrindo.

— *Você nunca me disse se acredita em outras vidas.* — Sua pergunta não faz o menor sentido. — *Se acredita que em outro universo as coisas foram diferentes.*

— Eu já te disse, só acredito no que é palpável, no que consigo ver com meus próprios olhos e que pode me trazer segurança.

Ela se ergue do tronco e caminha até onde eu estou. Sinto muito frio quando vejo que seus olhos são exatamente os mesmos. Lágrimas de saudades queimam meu rosto. Sinto tanta falta dela que dói.

— *Estou aqui para dizer que é tudo culpa sua.* — Diz contra meu rosto. — *Tudo. E não importa quantos universos existam, nós acabamos dando errado em todos eles.*

— Então você voltou para partir meu coração outra vez. — Eu respiro fundo. — Acho que é cruel demais existir outra vida onde podemos nos encontrar.

Nikoleta me observa cheia de um vazio assustador, não consigo absorver nenhuma expressão do seu rosto. Não consigo alcançá-la.

— Espero que não exista nada, porque não suporto viver os próximos dias da minha vida conformada com a ideia que as coisas são diferentes em outro mundo, mas não nesse, não na minha vida. — Aponto para meu peito. — Porque eu não suporto viver de saudades, mágoa e arrependimento. Não suporto viver com esse coração partido por você, por razões que sequer conheço. — Tremo. — Você não me deixou nada, nenhuma resposta, nenhuma explicação. Nada!

Grito contra seu rosto, mas ela não se abala. Nikoleta não faz nada porque não existe mais.

“Você apenas partiu meu coração e destruiu tudo que a gente tinha. — Soluço, observando cada traço do seu rosto vazio. — Como pode fazer isso comigo, Niko? Não éramos amigas de verdade? Como pôde sequer pensar em tentar me matar daquele jeito? Tudo que eu fiz foi te amar! Sua grande vadia! — Continuo gritando quando ela não fala nada. — Eu te odeio tanto! Como pode me colocar nessa situação? Eu tive que matar você com minhas próprias mãos apenas porque fiquei com medo! Eu fiquei com medo porque você estava me matando! Eu queria viver, Nikoleta. Viver. Veja o pesadelo que estou vivendo agora por sua causa! Isso não é vida! Não consigo viver depois disso!”

Meu gemido se torna forte e sufocante. Nikoleta não faz nada. Ela continua parada como uma criatura existente, como uma projeção da minha cabeça doente.

“Sabe, eu gostaria de perder a memória, de esquecer o seu rosto e todas as coisas que vivemos. — Tento empurrar seu corpo, mas tudo desaparece. — Você nem está aqui de verdade para olhar na minha cara e ouvir da minha boca que me causou tanta dor, mas tanta, que prefiro bater a cabeça e esquecer de tudo! Absolutamente tudo! Eu passo meus dias falando com a porra de um fantasma porque você me deixou louca!”

“Me ouviu? Eu estou louca por sua causa! — Choramingo. — Quero me matar toda vez que sinto sua falta, toda vez que choro porque ainda te amo e só queria voltar para aquela época! Eu estou definhando! — Atiro a cabeça de um lado para o outro, minha garganta está doendo com meus gritos angustiados. — Você me deixou louca! — Choro mais alto, me contorcendo. — Me deixe em paz!”

— Você não está louca, meu amor.

Sinto dedos suaves tocando minhas bochechas molhadas. Abro meus olhos, soluçando sem fôlego.

Kalon está me olhando cheio de tristeza, seus lábios até mesmo se repuxam para baixo quando segura minha mão e leva para seu rosto.

— Você não está louca. — Assegura, enxugando minhas lágrimas.

— Foi um pesadelo, Kalon mou? — Engasgo.

— Foi um pesadelo. — Afirma, beijando minha palma e fechando os olhos. — Eu estava aqui o tempo inteiro, sou a prova que você não é louca. Você é a pessoa mais forte e perfeita que eu conheço.

Algo doloroso esmaga meu peito. Eu sufoco e jogo meu corpo por cima do seu. Preciso apenas de um abraço para tirar cada resquício desse pesadelo. Agarro seus ombros com força e ele deixa inúmeros beijos na minha pele.

— Eu assustei você? — Questiono, apertando seu corpo contra o meu para sentir a segurança de que não estou presa noutro pesadelo, que o alívio e conforto é real e não pode acabar.

— Claro que não. Está tudo bem. — Toca minhas bochechas e em seguida apontando ao redor. — Não notou nada diferente?

Apenas agora consigo ver que nosso quarto está muito diferente. Faço uma expressão confusa, pulando da cama e sendo sustentada pelas mãos dele. O quarto está balançando.

— Amor! — Faço uma careta chorosa, agarrando o corpo de Kalon quando continua balançando. — Não desapareça! — Agarro seu corpo porque devo estar dentro do maldito pesadelo ainda.

— Não vou, amor da minha vida. — Kalon acaricia meus cabelos. — Prometo. — Os segundos passam e ele não se transforma em nenhuma figura assustadora.

— Também está sentido isso ou nosso quarto está assombrado? — Levanto a cabeça do seu peito, ficando na ponta dos pés.

— Eu também estou sentindo isso. — Beija meu nariz. — Nós estamos em um iate, por isso está balançando.

— Iate? — Suspiro quando ele vai até às cortinas que se abrem com o movimento das suas mãos ao puxar a persiana.

— Veja, estamos navegando. — A imensidão do oceano azul lacrimeja os meus olhos.

Realmente estamos navegando. O alívio instantâneo sobe por meu corpo e logo é substituído pelo enjôo. Eu faço uma careta, olhando para meu conjunto branco de camiseta e short.

— Foi você quem me vestiu?

— Sim, eu escolhi o que ia favorecer sua bunda gostosa. — Caminha para o outro lado. — Você se sente bem agora? Quer que eu ligue para alguém?

Ele me observa cheio de preocupação. Penso nas minhas irmãs, estou morta de saudades delas e meu coração dói só de pensar. Preciso falar com elas, mas ainda não tenho coragem para reunir meus pensamentos e dizer tudo que vem acontecendo sem desabar outra vez.

— Não, os pesadelos acontecem com frequência. — Kalon abre os braços e eu vou quase correndo na sua direção. — Já estou acostumada.

— Não deve se acostumar, isso vai passar. — Ronrona.

— Para onde estamos indo? — Fico na ponta dos pés para que ele me pegue, e assim o faz.

— Para a terra do nunca. — Zomba.

— Não seja palhaço, estou curiosa. — Balanço seu corpo.

— É uma surpresa, vai saber quando chegarmos. — Entrelaça nossos dedos. — Páris está com saudades de você, ele ficou o tempo inteiro deitado ao seu lado e só saiu porque coloquei comida para ele lá na cozinha.

— Ah, também estou com muita fome.

— Vamos comer, esse é um bom momento para você conhecer a terceira pessoa mais importante da minha vida. — Ele pisca, aumentando minha curiosidade.

Quando Kalon abre a porta e me guia pelas escadas, percebo que estamos no último andar do iate. Não é enorme, mas definitivamente é um tipo luxuoso de cair o queixo. O vento bate forte no meu rosto e eu agarro seu braço quando me sinto tonta demais para olhar ao redor por mais de alguns segundos.

— Kalon mou, nós estamos navegando perto da ponte do Bósforo? — Esse é o estreito que separa a parte Asiática de Istambul da parte Europeia.

— Isso mesmo. — Me olha. — Esse estreito é usado para a passagem de navios russos de petróleo, mas também onde pessoas do mundo inteiro navegam para conhecer a cidade do amor.

Suspiro com todo o esplendor dessa ponte há quilômetros de distância. Ela é tão alta e espaçosa que conseguimos ver de longe. Estou chocada que estamos em solo turco. Esse é o lugar mais lindo que já coloquei meus olhos.

— Então, como se sente? — Beija meu pescoço.

— Como se estivesse no mundo inteiro. — Agarro seu corpo.

— Porque você realmente está. A mulher mais linda a colocar os pés em dois continentes ao mesmo tempo.

Novamente o meu peito se enche de surpresa ao perceber que não estamos em Atenas, a ficha ainda não caiu de que tudo que meus olhos enxergam é um mundo completamente diferente.

Onde as águas balançam cheias de agitação e as aves fazem um barulho libertador ao redor do mar. O vento frio bate em minha pele e eu me sinto livre.

Pela primeira vez eu não estou na Grécia, onde tenho a impressão que todos os meus demônios ficaram. Não. Estou entre dois continentes, navegando como se o mundo fosse feito para ser visto por meus olhos.

Tudo que eu vejo é a cidade do amor. Não França, não Grécia e suas ilhas divinas, mas Istambul.

Minha paixão à primeira vista.

— Nosso novo lar. — Kalon diz.

Observo seu rosto me perguntando se posso ficar mais surpresa e feliz do que isso. Realmente vou infartar com tanta coisa absurda que ele fala. Esse pensamento me arranca uma gargalhada trêmula e explosiva. Me sinto livre.

— Está brincando comigo? — Beijo seu queixo.

— Não, eu realmente falo sério. Istambul, toda essa cidade e a fascinação nos seus olhos, esse era o assunto que eu estava conversando com Kol no meu escritório.

— Mentira! — Choque me consome.

— Até agora, apenas ele sabe. Eu pedi para que não contasse a ninguém porque quero que seja uma surpresa. — Ele diz. — Também porque quero que sua nova vida não seja incomodada. Aqui ninguém vai saber qual o mercado que você gosta de fazer compras, qual bar você gosta de beber no final de semana, quais são seus novos amigos que tem uma vida normal, e qual faculdade você está fazendo.

— Faculdade? — Eu estou sem fôlego.

— Sim, nunca pensou nisso? — Entorta os lábios. — Podemos fazer uma mentoria depois para saber qual você se identifica.

— Kalon mou… — Falo chorosa. Minha visão está turva enquanto compreendo cada palavra que ele está dizendo. Descrevendo uma vida normal como se eu já estivesse a vivendo, como se o idioma desse país que aprendi ainda pequena tivesse servido para esse momento, para essa vida que ele acabou de descrever.

— Não… Não chore. — Sussurra tão amável que eu me quebro. — Sorria, Arcane mou.

— E a nossa família? — Eu sussurro bem baixo porque tenho medo que qualquer movimento brusco desate em um desastre e todo o momento

se rasgue em pedaços.

— Suas irmãs virão visitar você no momento que disser que precisa delas. — Balança a cabeça com firmeza. — Atenas fica em algum lugar depois desse mar, minha alma. Nada é impossível quando se trata da sua felicidade.

Aponta para todo o caminho de águas atrás de nós que ainda tem as marcas suaves enquanto o iate se movimenta.

Na falta do que dizer, deixo que meus lábios digam cada palavra enquanto beijo sua boca. Meu coração bombeia desesperado, Kalon geme de satisfação quando suas costas se apoiam contra a parede.

— Você é fascinante. — Ofego.

— Eu sou? — Ele morde o canto dos lábios, segurando um sorriso.

— Kalon, é você? — Me afasto com rapidez quando alguém fala dentro da cozinha.

— Eu e Arcane. — Ele responde, me puxando.

Entramos no cômodo. Meu corpo está tão leve que eu sinto que estou flutuando. Páris vem latindo na minha direção, mas estou tão submersa nesse sentimento que nem consigo fazer alguma coisa além de acariciar seu focinho.

— Então essa é a jovem com quem se casou? — Agarro o antebraço de Kalon quando uma mulher surge na nossa frente.

— Sim, mas ela não é meio engraçadinha. — Tento esconder meu rosto em seu ombro, mas ele ri me puxando.

A mulher segura uma vasilha de plástico. Seus cabelos tem alguns fios brancos e seus olhos são azuis, muito azuis, o que combina tão bem com sua pele morena.

— Seyma, essa é Arcane Somáli. — Kalon me apresenta. Olho para seu rosto surpresa com seu sobrenome acompanhando o meu.

— *Mashallah*. Muito prazer. — Suas mãos frias apertam minhas bochechas e eu aproximo meu rosto para receber um beijo gentil. — Como vai você?

— É um prazer, Seyma. Eu estou bem. — Aperto seus dedos nos meus e ela me puxa para sentar.

Kalon caminha em silêncio até a bancada, pegando um copo com água e assobiando enquanto toca uma música na rádio que Seyma está ouvindo. Certo, esse lugar é tão aconchegante que me sinto em um sonho. Me pego cruzando os dedos e implorando para que não seja mais uma invenção da minha cabeça conturbada.

— Você deve estar se perguntando quem eu sou. — Seyma me olha. — Sou amiga de Atena há muitos anos, mas nos afastamos depois que ela se casou e teve tantos filhos.

Kalon está fazendo uma careta engraçada.

— Ela é a minha madrinha. Minha tia, minha segunda mãe, meu tudo e até minha avó.

— Deixe de ser inconveniente! — Ele recebe um tapa por isso.

— Vovó? Como pode fazer isso com seu netinho? — Dou risada quando ele leva a mão aos lábios e finge uma careta super dramática, como se estivesse em choque.

— Seyma não tem idade para ser sua avó. — Rebato.

Embora ela pareça ser mais velha que Atena, é mais fácil acreditar na parte que ele disse sobre ser sua tia. As duas parecem muito irmãs e Seyma parece a mais velha.

— Não sei porquê você diz que mamãe é sua amiga quando as duas têm o mesmo sangue. — Kalon balança a cabeça, dando as costas para nós e sumindo atrás da bancada ao se abaixar para pegar alguma coisa.

— Então eu pensei certo. — Respondo. — Você parece muito com Atena.

— Sim, nós somos irmãs… — Ela parece perdida em pensamentos. — Mas isso mudou depois que Atena se casou com aquele homem engravatado. Toda sua linhagem foi apagada, ela agora é uma nova pessoa. Uma madame.

— Mas mamãe nunca proibiu você de conhecer seus sobrinhos. — Kalon caminha até nós, mordendo uma maçã. — De participar da vida dela como antes. Inclusive, agradeço muito por você ter aceitado o meu convite para subir nesse iate e conhecer minha esposa.

— Eu fiquei mais feliz com a surpresa, que depois de tanto tempo vocês decidiram se reconectar com essa cidade. — Seyma balança a mão.

— Você sabe, sua mãe nasceu e cresceu aqui. É muito lindo da sua parte estar se reconectando com suas origens.

Um sorriso largo domina os lábios de Kalon e ele me olha, respirando fundo e balançando a cabeça em concordância.

— Então você é turco. — Sorrio.

— Sim, meu avô se casou com uma grega e trouxe ela para morar em Izmir. — Kalon explica. — Eles tiveram vários filhos, e entre eles, Seyma e Atena. Somos uma família de ciganos.

— Mas me fale de você, Arcane mou. — Seyma interrompe Kalon. — Estou cansada de saber da minha história.

— Bom, meu avô é russo. — Balanço os ombros. — Meu pai não me contou muita coisa sobre seu passado, mas tudo que sei é que tenho origem russa. Também tenho duas irmãs, as quais estou morrendo de saudades.

— Tudo bem, você é um vagabundo de muita sorte. — Ela dá um tapa no ombro de Kalon.

— Realmente sou. — Meu marido não finge nenhuma modéstia quando ergue o queixo. — Me casei com a Planard mais gostosa e bonita.

— Seyma, se você contar que vai ser minha vizinha eu me mudo para cá agora mesmo. — Meu rosto fica vermelho. — Faço qualquer coisa para me livrar desse homem sem travas na língua.

— Não, ela mora em outra área da cidade. — Kalon balança a cabeça. — Mas nós vamos nos mudar para nossa mansão no final do ano, e ela fica perto do mar.

Certo, eu realmente quero gritar e dar pulos como uma adolescente que acaba de ser convidada para o baile. Estou muito animada com a ideia de sair de Atenas, de morar em um novo lugar e criar novas memórias. Desejo isso com tanto desespero que tenho medo de morrer a qualquer momento.

Eu quero a sensação de ter uma cidade só minha, construir a minha própria vida e sonhar com todas as possibilidades possíveis. Quero a Turquia, quero a vista para o mar, os gatos fofos na rua, os lugares históricos, o clima frio nessa época do ano, quero todas as mesquitas, atravessar a ponte todo santo dia e me sentir viva.

Preciso de tudo isso imediatamente.

Essa sem dúvidas foi a melhor surpresa que alguém já me fez. Olho para Kalon me perguntando se ele está apenas brincando comigo, se isso é algum tipo de tortura onde recebo o que mais quero apenas para perder cruelmente. E imploro a Deus mentalmente para que não seja, porque posso morrer.

Não é justo perder uma cidade inteira, ele e todas as fantasias que criei em tão pouco tempo, apenas porque era uma mentira muito linda entregue de mãos abertas.

— Kalon mou. — Levanto para sentar no seu colo.

Ele me recebe no mesmo instante, abraçando minha cintura. Beijo sua bochecha repetidas vezes, me agarrando nele como se estivesse presa em um ímã.

É incrível como você pensa que morreu anos atrás quando o pior dia da sua vida aconteceu e não teve ninguém para reerguer o seu corpo, como você se sente sozinha e sombria por tanto tempo que até desaprende a ser humana, mas em um belo dia, aparece alguém que parece estar restaurando cada pedacinho seu e transformando em novas experiências.

De repente, até respirar fundo parece a coisa mais magnífica do mundo, pois seu pulmão fica cheio de algo pesado e barulhento que implora para sair voando da boca para fora.

Fecho meus olhos, guardando cada sensação e me alimentando desse gosto doce que parece nunca ter fim.

Porra, se viver for realmente isso, então é bom pra caralho.

Mas ainda assim, não deixa de doer quando lembro de tudo que foi necessário eu perder para conseguir estar aqui.

Não apenas pedaços da minha identidade, mas *ela*.

Ela está em tudo que eu tento experimentar de novo, ela me persegue como um fantasma, me fazendo encolher de tanta tristeza, acreditando que depois que nos separamos; não vale a pena viver nada, amar nada, sentir nada, seu fantasma me faz acreditar que não é possível eu ser feliz com essa vida quando algo grande foi destruído no passado.

Dói, dói muito e eu me sinto doente e prestes a desabar quando tenho a realização que eu e Nikoleta não vamos voltar a ser melhores

amigas.

Ela está morta, não tem como eu sair correndo para ouvir da sua boca tudo que ficou pela metade e entalado na garganta. Não tem como consertar a nossa relação. Acabou de verdade.

Ela sempre vai ser a minha pessoa inconsolável. Todo amor que sinto por ela está morrendo dentro do meu peito enquanto imploro pelo que tínhamos antes de toda aquela dor. Já aceitei que vou sentir a falta dela para sempre, principalmente de todas as coisas que não tivemos a chance de viver e eu acreditei tanto que íamos.

Ainda não sei como vou viver com esse fantasma me perseguindo por todo canto que vou, como se o ponto final fosse apenas a loucura. A bela e amarga loucura.

Sinto que realmente vou enlouquecer quando perceber que estou começando a esquecer da voz dela, das gargalhadas em horários inapropriados e todos aqueles sonhos em cima de uma beliche enferrujada, onde tudo que víamos era uma pequena fresta do imenso céu noturno. Fico quebrada em dobro quando percebo que vou esquecer de momentos importantes juntas, mas ainda assim, não vou esquecer da parte mais dolorosa que é o fato dela estar morta. E que fui eu quem fez isso.

— Meu amor. — Percebo que estou afogada nos meus pensamentos quando sinto que a mão de Kalon apertando as minhas.

Olhando para seu rosto. Me pergunto se vou ser para sempre uma pessoa atormentada de espírito, que não pode apenas sentar e aproveitar o momento porque está constantemente pensando em tudo, ruminando os acontecimentos dolorosos da sua vida e se convencendo de que está morta. Profundamente morta e quebrada.

Até quando vou precisar ser segurada como uma criancinha apenas para não sucumbir no primeiro passo que tento dar sozinha?

— Me desculpe, eu não estava ouvindo. — Minha voz sai em um tom desesperado.

— Tudo bem, eu posso repetir quantas vezes você quiser. — Kalon bate os cílios e aponta para Seyma. — Ela estava dizendo que hoje vamos apenas aproveitar o dia e que o almoço é por conta dela.

— Eu não estava dizendo isso! — Ela ergue uma colher de pau para bater no braço dele. Meus lábios se repuxam para baixo. — Eu disse que

vou preparar uma sobremesa deliciosa enquanto o iate não chega no porto, é lá onde vocês vão comer de verdade.

— Vai demorar muito? — Pergunto, olhando para Kalon. — Quero tanto ligar para minhas irmãs e ouvir a voz delas quando chegar em terra firme.

— Não se preocupe, você vai ligar sim. — Kalon aperta minha mão e leva até seus lábios para deixar beijos. — Nós fizemos uma pequena parada apenas para eu mostrar uma coisa a você.

Ele aponta para as portas de vidro abertas onde uma brisa gostosa entra e bagunça meus cabelos. Acho que para alguém que passou anos da sua vida aprisionada em um lugar sombrio, qualquer acontecimento natural será considerado uma surpresa. Uma coisa de outro mundo. Um grande milagre.

— O que você quer me mostrar? — Pergunto, não conseguindo ignorar a ansiedade que domina os meus nervos.

Eu estou faminta para me alimentar de qualquer coisa incrível que Kalon tem para me mostrar. Coisas simples, mas que são únicas e me fazem enxergar o mundo por uma nova perspectiva.

— O oceano. — Me pegando pelas pernas e me jogando por cima do ombro. Tento me segurar, mas estou definitivamente de cabeça para baixo e com medo de cair de cara no chão.

— Que fofos! — Seyma solta uma gargalhada muito divertida enquanto acena para nós.

Kalon continua andando até que eu não consigo enxergar nada além das paredes brancas do iate. Ele respira fundo, me colocando em pé.

— Nós vamos mergulhar. — Mostra o equipamento de mergulho ao nosso lado. — Isso é, se você quiser essa experiência maravilhosa dentro de dois continentes ao mesmo tempo.

— Claro que quero! Eu jamais vou desperdiçar uma oportunidade de viver alguma coisa pela primeira vez.

Me apresso em abaixar meu short e levanto os braços para tirar minha blusa. Quando estou nua, usando apenas peças íntimas, percebo Kalon ainda me assistindo em silêncio, inspecionando cada pedaço do meu corpo como se estivesse me devorando.

— Eu sei que devo ser a única pessoa na face da terra a mergulhar usando uma lingerie, não me olhe assim. Estou me sentindo uma grande vadia.

— Ah, não se preocupe, eu adoro essa visão de vadia gostosa. — Ele analisa as minhas pernas. — Principalmente as marcas na sua bunda.

Fico perplexa e viro meu rosto. Merda. Estou com marcas do nosso sexo selvagem. Não é nada exagerado e forte, mas são os traços dos seus tapas e mordidas visíveis.

— Não vai tirar sua roupa também? — Caminho na sua direção, puxando-o lentamente para mais perto. — Eu espero que seu corpo esteja mil vezes pior.

— Acredite, Seyma ficou muito envergonhada quando eu expliquei que as marcas no meu pescoço eram chupões.

Kalon confessa da forma mais descarada possível. Meu rosto pulsa de vergonha e preciso balançar a cabeça para me controlar.

— Tudo que você tem de gostoso é o equivalente a tudo que te falta de vergonha na cara. — Repreendo quando sinto suas mãos em cada lado da minha cintura.

— Não, você é apenas um tipo raríssimo de tímida-gostosa com complexo de deusa. — Ele desvia o rosto de forma exagerada quando finjo morder seu queixo.

— Você é tão divertido que às vezes me esqueço que temos uma imensa diferença de idade. — Balanço a cabeça em negação. — Sério, existem terapeutas que pagariam horrores para estudar seu cérebro e essa sua personalidade incomum.

— Não me trate como se eu fosse um alienígena, Arcane. — Faz uma carranca. — Eu li em um dos seus livros que ser jovem é um estado de espírito, parte da nossa personalidade, então eu sou muito, muito jovem.

Claro que Kalon não é velho, são apenas três anos e meio de diferença, mas me divirto muito com a ironia impregnada em cada palavra que diz quando o trato como um velho rabugento.

— Você já conseguiu levar alguma mulher pra cama com esse tipo de lábia? — Aponto o dedo na sua direção, sem conseguir segurar minhas gargalhadas. — Eu pensava que apenas o Ajax era o tipo de cara que faz

uma mulher rir e depois estão pelados na cama, mas pelo visto, isso é uma coisa comum em todos os homens dessa família.

— Eu nem vou perguntar como você fala disso com tanta certeza. — Aponta o dedo para meu rosto. — Você fala como as amigas da minha mãe, aquele desgraçado com certeza andou mentindo a idade dele pra você, não foi?

— Como assim? — Junto às sobrancelhas. — Ajax não tem dezenove anos?

— Não. — Kalon ri gravemente. — Ele tem apenas dezesseis.

— Puta merda. Um garoto de dezesseis anos beijou minha boca à força, e eu acreditei esse tempo inteiro que tínhamos a mesma idade.

— Não se preocupe. — Me olha divertido. — É típico do Ajax sair enganando as pessoas. Ele já fez pior. Mas eu te conto se a lábia funciona depois que a gente terminar aqui. — Estende a mão. — Vamos lá, eu vou ajudar você a colocar a máscara de mergulho.

Eu deixo ele me ajudar a colocar a máscara sem machucar meus cabelos, então seguro o respirador quando ele ajoelha para colocar as nadadeiras nos meus pés.

— Você é muito atencioso. — Apoio minha mão no seu ombro quando ele levanta minha perna.

— Estou apenas tentando ser um bom marido. — Pisca de um jeito muito sexy.

Kalon é tão perfeccionista que passa alguns minutos checando a nadadeira como se a possibilidade dela cair do meu pé e afundar no mar pudesse provocar a minha morte.

— Você tem certeza que colocou direitinho? Acho que está frouxo. — Faço graça quando libera meus pés, mas ele fica sério e encara isso como a chance de analisar todo o equipamento, desde a máscara até o respirador. — Kalon, eu acho que está tudo certo.

— Sim, você está certa. — Faz sinal positivo e senta para se preparar. — Também estou pronto.

Porra, como ele pode passar minutos analisando o meu equipamento e em menos de cinco minutos ficar em pé para ir?

— Fofo. — Grunho mordaz, beijando seu rosto de forma agressiva por não suportar o quanto ele é incrível.

Kalon estende a mão e eu aceito, caminhando para mais perto da borda do iate.

— No três? — Me olha, eu balanço a cabeça em concordância. — Ok. Um, do…

Não dou tempo para que termine de contar, simplesmente empurro seu corpo na água e pulo logo atrás sentindo meu corpo vibrando com a adrenalina da água gelada me envolvendo. Balanço minhas mãos, soltando risadas exageradas quando Kalon submerge soltando inúmeros palavrões.

— Você é a mulher mais doida que eu já conheci. — Treme.

Nado na sua direção, lembrando como se faz apenas com as aulas que tive na infância. Respiro ofegante por ser pesado demais e seguro os dois lados do seu rosto.

— Foi muito divertido ver seu corpo tombando. — Ajudo-o com o respirador e ele faz a mesma coisa comigo.

Kalon aponta para mergulharmos juntos, seguro sua mão e faço isso, sentindo a água acolher meu corpo quando vamos para o fundo. Ele é um ótimo nadador, não sei porque me surpreendo com o fato dele ser bom em tudo, mas a visão do seu corpo em movimento na água me causa uma sensação eletrizante de liberdade e satisfação.

O acompanho, parando algumas vezes para ver o cardume de peixes fugindo dele. Isso me diverte muito. Gostaria de ter uma câmera para fotografar toda a beleza que o fundo dessas águas proporciona.

Eu me sinto como se fizesse parte de tudo, como se a vida do mundo inteiro estivesse dentro de mim, como se nada fosse impossível enquanto eu estiver dentro dessas águas que me acolhem como uma mãe protetora.

Balanço meu corpo, nadando na frente de Kalon. Ele segue por trás e puxa minha cintura de um jeito brincalhão. Tento chutar seu tronco, mas ele desvia e empurra minha cabeça para baixo, bagunçando os meus cabelos e me fazendo ficar no meio do cardume agitado.

Os peixes fazem cócegas. Eu provavelmente estaria gritando se pudesse respirar. Tocar neles é uma sensação tão esquisita e molenga que bato meu corpo contra o de Kalon na tentativa de fugir.

Kalon segura meus dedos e mantém meu corpo perto do seu. Ambos assistindo os peixes indo embora.

Ele remove o respirador e a máscara, me dando uma visão bonita dos seus traços suaves e olhos verdes. Também tiro os meus porque preciso muito beijar sua boca.

Quando meus lábios se chocam com os seus, percebo que o oxigênio não importa porra nenhuma enquanto sua boca estiver por perto. Nós nos afastamos e meu coração bate rápido, não por falta de ar, mas por causa dele, por causa de tudo que ele significa e se tornou na minha vida.

Kalon segura meu rosto com cuidado, me olhando como se pudesse ficar debaixo d'água por horas. A visão turva do seu rosto é a melhor coisa que eu poderia enxergar nesse momento, porque sinto como se tivesse acabado de acordar de um coma. Sinto como se estivesse existindo de verdade, onde todos os dias são prazerosos e a tristeza não vai me dominar por muito tempo.

Eu posso até ficar triste, mas Kalon consegue expulsar isso apenas agindo naturalmente. Sendo ele mesmo.

Não sei quanto tempo ficamos apenas nos olhando, tocando o rosto ou o corpo um do outro, buscando por esse contato sufocante debaixo d'água, mas ele finalmente me puxa para a superfície.

Meu corpo treme e inclino a cabeça para o alto recobrando todo o fôlego perdido. Respiro como se todos os meus ossos estivessem intactos depois de uma batalha sangrenta, porque bate a realização de que estamos vivos.

Vivos de verdade. Mesmo que com alguns machucados. Mas vivos. É assim que ele está me olhando, como se compartilhasse dos mesmos sentimentos.

Não consigo distinguir se estou tremendo de frio ou por causa dele, mas sorrio enquanto tento processar e sentir cada gota desse sentimento dominando o meu íntimo. Kalon fecha os olhos, seu corpo balança junto com a água e seu peito desnudo se ergue para o alto quando ele flutua tão leve e calmo que não faço outra coisa senão assistir.

— Você conhece algum lugar mais bonito do que esse? — Ele pergunta de olhos fechados.

Um sorriso dança em minha boca, observo cada detalhe dos seus braços balançando na água e sua pele branca sendo banhada pelo sol. *Porra, eu conheço sim.*

Mas não falo nada, permaneço em silêncio e girando meu corpo ao redor do seu quando começamos a nos distanciar, sendo levados pelo balançar suave.

— Você ainda está aí? — Kalon abre os olhos para me ver.

— Eu estou. — Abraço seus ombros. — Quando eu era pequena, vi em um comercial que a Capadócia é o lugar mais lindo do mundo.

— E eu concordo. — Kalon volta a fechar os olhos. — Tudo na Turquia é lindo e perfeito, mas nada se compara a casa em que vamos morar.

Ansiedade se revira no meu peito apenas por ouvir isso. Eu gemo, desejando como alguém faminto para conhecer logo cada detalhe, mas não apenas isso, também quero viver tudo que ele fala com tanta crença.

— Para onde você vai quando fica tão quieta? — Kalon sussurra de olhos fechados. — Eu me pergunto se é algum lugar melhor do que esse, algum lugar mais real, que você ama e deseja.

Quando abre os olhos, sou consumida pela intensidade do seu olhar.

— Me pergunto se é algum lugar onde você tem tudo que não consigo te dar. — Massageia o queixo. — Onde não consigo ficar com você, e sua vida não foi destruída por mim. E tenho medo da resposta.

Cada palavra me surpreende tanto que não consigo formar uma resposta nos primeiros segundos, apenas encaro seu rosto. O olhar pesado e cheio de temor, como se a resposta pudesse matá-lo.

— Minha vida já estava destruída antes da gente se conhecer, Kalon. — Balanço a cabeça.

— Eu sei. — Ele volta a fechar os olhos depois dessas curtas palavras que saíram em um sussurro trêmulo. — O que não sei é se esses momentos ao seu lado são apenas algum tipo de tortura e ilusão. Se você está apenas fingindo que gosta, se você esconde seus espinhos de mim mais do que eu percebo que esconde, se você vai continuar sem confiar em mim até o fim dos tempos.

— Eu não sei. — De repente não sinto vontade de continuar na água. — Eu ainda estou confusa e magoada por ter recusado esse casamento e ninguém me dar ouvidos.

Kalon muda sua posição e balança a cabeça em concordância. Seu olhar cai dos meus olhos. Meu corpo dói quando ele afasta minhas mãos. Não consigo descobrir o que ele está pensando e isso me incomoda.

— Eu entendo, e pensando bem, não precisamos continuar esse assunto pois já sei a resposta. — Ele morde o canto dos lábios de um jeito tristonho e balança a cabeça profundamente em concordância antes de me dar as costas. — Você sempre vai me odiar, Arcane.

Fala por cima do ombro quando toma impulso para sair da água e subir no iate. Algo vazio e doloroso invade todo o meu corpo quando ele some.

Agora a água está tão gelada que começo a tremer, então subo de volta ao iate e caminho para algum lugar seguro onde eu possa sentar e fazer de conta que sua reação às minhas palavras não me deixaram transtornada.

E acima disso, quero esconder que gosto muito dele. Que estou intoxicada. Obcecada e só penso nele.

Não posso confessar esse monstro. Dizer que minha raiva e mágoa estão sumindo, que estou começando a enxergar as coisas de outra forma. Meu coração está batendo forte para dizer uma coisa que eu nem entendo o que é, mas tudo em mim dói para descobrir.

De repente, estou com muito medo porque o fato dele ter matado sua ex-noiva não significa absolutamente nada pra mim. Isso não afeta mais minha moral, minha consciência ou minha alma.

Estou cega por esse sentimento soterrando meu peito.

32. REFÉM

“Nós todos somos fantasmas. Estamos mortos há muito tempo.”
— VIRGINIA WOOLF.

Kalon Somali

Arcane amou nossa nova casa. Mesmo que a gente não tenha conversado muito depois do iate, eu consigo ver o encanto em seus olhos quando inspeciona cada detalhe da nossa mansão.

Nosso bairro é literalmente na beira do mar, onde tudo que nos separa é uma calçada que fica depois do jardim principal que leva até o iate ancorado. Toda a vista é linda, não apenas do mar, mas da cidade depois dele.

Essa tranquilidade que nos consome é quase como a mão divina segurando nossos corações.

A forma mais rápida de chegar ao centro movimentado de Istambul é atravessando o mar de barco ou de balsa, e a forma mais demorada é indo de carro, dirigindo pelos bairros atrás de nós e atravessando a enorme ponte do Bósforo, mas toda a demora vale a pena quando somos recompensados pela vista linda.

Nós vivemos em um bairro nobre para famosos e bilionários, então nossos primeiros dias foram tranquilos, mas solitários. Eu me distanciei de Arcane para que ela pudesse se encontrar, descobrir seus gostos e fazer as coisas que tanto desejou, mas que era proibida.

Durante o dia, ela sempre sai de casa com Páris, seguindo pelo caminho mais demorado e se encontra regularmente com Seyma. Até conheceu seu marido.

Eu afundo no trabalho e me concentro em ignorar as ligações de Rajá, não quero falar com ele depois que descobri o que fez com Azra. Passei anos da minha vida me culpando por uma coisa que não fiz, enquanto ele sabia de tudo e nunca me amou ao ponto de assumir toda a verdade.

Rajá abandonou seus sentimentos por mim, fez de conta que seus princípios e sua vida medíocre eram mais importantes do que o relacionamento que tínhamos.

Sinto vontade de matá-lo ao saber que Arcane está sendo ameaçada de morte provavelmente por causa do que ele fez com Azra. Não eu, mas meu irmão. Meu próprio sangue.

Ainda não sei como olhar nos olhos de Arcane e falar a verdade, falar que ela está sendo ameaçada de morte por culpa minha, que ela nunca entrou na minha família para proteger mamãe, mas sim para ser protegida.

Saio dos meus pensamentos e encaro meu relógio no pulso, já é tarde da noite e ela ainda não voltou desde que saiu para comprar livros em uma biblioteca que fica em um bairro perto do nosso.

Eu fiquei tranquilo porque conheço o lugar e toda essa cidade como a palma da minha mão. Ninguém sabe onde estamos. Nós não temos inimigos na Turquia, todas as máfias são aliadas e protegem os Somáli como se fossemos da família.

Me ergo da poltrona, abandonando meu terceiro livro da Virginia Woolf que trouxe na nossa mala. Pego meu telefone para ligar para Arcane, mas é o momento exato que tocam a campainha. Alívio sobe pela minha coluna e sigo até a porta.

Quando abro, fico petrificado porque não é ela. Tudo que tem na porta é uma caixa escorrendo um líquido vermelho. Me abaixo para abrir, mantendo minha postura inexpressiva quando vejo a cabeça de um cordeiro.

Seus pêlos brancos manchados de sangue e os olhos sem vida. Também tem um envelope preto com um bilhete.

Eu sei onde vocês estão, então devia se preparar, grande herói. O tempo está passando e eu vou pegá-la de você.

Tic-tac.

— Nem mesmo morto. — Me erguo quando fúria fria agride minha pele. Chuto a porra da caixa, rugindo.

Mas fico sombriamente silencioso enquanto analiso o papel e o sangue manchado. Inúmeros pensamentos cruzam minha cabeça, minha vontade é queimar toda essa casa e encontrar um novo lugar onde nem mesmo o diabo pode nos alcançar.

Não consigo compreender como fomos descobertos sendo que a única pessoa que sabe da nossa viagem é o Kol.

Meu corpo é empurrado para frente quando começo a caminhar pela rua escura em busca de Arcane. Qualquer coisa que eu tiver que fazer, farei apenas depois que ela estiver comigo e debaixo da minha proteção.

Chego na livraria o mais rápido que consigo, as luzes estão apagadas, o que indica que ela já saiu daqui e deve estar em algum lugar das redondezas.

São dez horas da noite, ela tem que estar por aqui.

— Arcane? — Grito, olhando ao redor. — Páris?

Não ouço nada. Tomo um fôlego profundo antes de continuar andando pelo mesmo caminho que ela aprendeu a fazer todos os dias em que saiu para conhecer a cidade.

Merda. Eu me odeio por ter passado os últimos dias magoado com suas palavras enquanto deveria estar mostrando toda a cidade ao seu lado. Pelo menos estaríamos juntos agora e eu não ficaria com essa sensação de que a perdi para sempre.

Estou andando perto de uma praça quando ouço latidos. Fecho meus olhos, me alimentando do alívio que dança pelo meu corpo ao reconhecer sua risada.

— Arcane? Meu amor? — Chamo quando a vejo sair de debaixo de uma árvore.

— Kalon mou? O que está fazendo aqui? — Ela tem uma sacola em mãos e a coleira de Paris entre os dedos.

— Ah, meu Deus. Por um segundo eu fiquei totalmente louco e cardíaco. — Encurto nossa distância e aperto seu corpo com força, fechando meus olhos e sentindo seu cheiro delicioso.

— Você está bem? — Ela treme, mas não separa nossos corpos. Pelo contrário, me aperta com força e une sua testa com a minha. — Você está frio e pálido, aconteceu alguma coisa?

— Eu fiquei preocupado. — Tomo fôlego, olhando para seu rosto e buscando qualquer traço de que algo está errado, mas ela está bem, não tem nenhum arranhão e eu sou o único surtando. — Você demorou para voltar e eu fiquei muito, muito preocupado.

— Eu estou bem, viu? — Ela se afasta minimamente para vê-la dos pés à cabeça. — Demorei porque comprei uma sacola de maçãs, kebabs e três copos de ayran.

— Três copos? — Junto às sobrancelhas. — Por acaso você está grávida?

— Idiota. — Ela solta uma gargalhada boba. — Um ayran seu, outro meu e o outro vamos dividir juntos. — Abre a sacola para ver tudo que tem dentro.

Meus dedos se perdem no seu sobretudo quente. Adoro as roupas de inverno que ela comprou para usar, são cheias de cores e a deixam mais radiante.

Sinto alívio ao ver a leveza que consome sua expressão, a tranquilidade que pode ser fragilizada caso eu diga o que aconteceu em casa. Então, para que seu sentimento bom perdure, apenas deixo de lado tudo que preciso contar ao me lembrar de um lugar que Arcane necessita conhecer.

Estamos tão perto que apenas faz aumentar o desejo de levá-la até lá para passar os próximos minutos, mesmo que sejam sem falar nada. Desejo isso porque necessito ver a felicidade em seu rosto, estudá-la, adorá-la em silêncio.

— Você saiu sem sobretudo, Kalon. — Arcane se aproxima para arrumar o cachecol no meu pescoço. — Precisamos andar depressa antes que você morra de frio.

— Eu estou bem, podemos andar abraçados. — Puxo seu corpo para debaixo do meu braço.

Arcane me olha de um jeito mandão, mas não diz nada quando começamos a andar, apenas sorri encarando Páris caminhando à nossa frente com o focinho no chão.

— Kalon mou. — Me chama.

— Arcane mou? — Levanto uma sobrancelha, me divertindo com sua expressão ao perceber que estamos indo por outro caminho.

— Esse não é o caminho de casa. — Aponta para a outra rua que deveríamos seguir.

— Porque estamos prestes a ter o melhor encontro das nossas vidas. — Eu respondo. — Já que estamos aqui, vamos aproveitar.

— Com essas roupas e à essa hora da noite?

— Sim, vamos sentar nas escadas mais lindas dessa cidade, eu vou deitar a cabeça no seu colo e nós vamos comer tudo isso que você tem na sacola. — Ela dá risada.

— Vamos ter nosso encontro em escadas? Você está ficando muito mesquinho depois do casamento.

— Não é qualquer escadaria. — Dou risada. — Mas, o lugar onde os amantes se encontram, choram e compartilham seus segredos mais profundos.

Quando chegamos minutos depois, Arcane olha as escadas brancas que são uma mistura de neobarroco com modernismo.

— Que lugar lindo, Kalon. — Observa o tronco fino e comprido das árvores encostadas na parede, também tem algumas plantas entre os degraus, nas paredes de apoio.

— A escadaria de Camondo é muito famosa por levar até a torre de Gálata. — Aponto para cima, é quase impossível ver onde as escadas terminam se não subirmos mais um pouco. — Ela foi construída pelo judeu

sefardita[27] Abraham Salomon Camondo, ele abriu um banco quando se mudou para cá e mandou construir as escadas para facilitar a ida dos jovens à escola. O objetivo também servia para encurtar a distância até a rua bancária e a residência da família.

— Fascinante. — Ela me entrega um copo de ayran após abrir a embalagem com cuidado para não derramar. — Você também sente como se tivesse nascido para essa cidade?

— Sim, a todo instante em que respiro fundo. — Tomo um gole da minha bebida salgada.

Arcane se apressa e me entrega um *kebab*, seus olhos não se desviam da vista que temos da cidade. Ficamos em silêncio, apenas comendo e bebendo, e vez ou outra assistindo ao Páris brincar com sua maçã.

— Você está ouvindo? — Arcane fica tensa quando um trovão clareia os céus e arrasta seu corpo para perto do meu, agarrando meu braço logo em seguida. — Acho que vai começar a chover.

— Não se preocupe. — Inclino meu rosto na sua direção. — Você está segura comigo.

Ela me encara como se minhas palavras fossem insuficientes para acalmar o medo que tem da tempestade, então eu deito minha cabeça no seu colo, sentindo suas mãos se perderem nos meus cabelos.

— Assim está melhor? — Ronrono.

— Está sim. — Acaricia meu rosto lentamente, fecho os olhos quando sinto seus dedos nos meus lábios, em meu queixo e pálpebras. — Até quando nós vamos continuar vivendo assim?

— Assim como? — Abro os olhos.

— Incomunicáveis. — Explica. — Você me olha como se tivesse inúmeras coisas para dizer, mas prefere continuar calado.

— Você também me olha do mesmo jeito Arcane, e entendo o porquê. O ponto é que as coisas entre nós podem mudar, isso pode acontecer, mas parece que tudo continua do mesmo jeito. — Faço uma pausa. — Nós vamos permanecer onde estamos mesmo depois de todas as palavras que precisam ser ditas.

Seguro seus dedos nos meus para acariciar devagar. Ela não tem a obrigação de me dar seus pensamentos depois de eu tê-la forçado a esse casamento. Ela está infeliz por minha causa, mesmo que estejamos em um país novo, experimentando coisas pela primeira vez, em algum momento, isso vai ser insuficiente e ela vai voltar a ficar triste, sombria e quebrada.

— Você me assusta e me deixa contrariada. — Sussurra.

— Eu não matei Azra. E ela não era minha noiva. — Falo porque existe um monstro no meu peito que implora para que eu explique quem verdadeiramente sou. Eu quero que Arcane me enxergue. — Eu não sei quem te convenceu de toda essa história, mas Azra era uma criança. Não lembro com clareza do que aconteceu naquele dia, sei que matei alguns garotos na hora da raiva, mas eu não a matei.

Seus dedos param de acariciar meu rosto e levanto a cabeça para encarar seus olhos frente a frente.

— Como aconteceu? — Arcane engole em seco.

— Alguns garotos, e meus primos, estavam zombando da minha família depois da escola. Eles disseram que minha mãe é uma cigana que merece morrer, depois tentaram bater no Kol, e como ele é mais velho, não deu bola. Mas um tempo depois, quando fiquei sozinho com eles, eu revidei. — Explico, a garganta doendo. — Estava com muita raiva. Raiva de tudo. Eu só queria destruir o mundo quando coloquei as mãos neles. Eu estava furioso porque meu pai me deixou trancado em uma gaiola por sete dias, e depois, apenas me mandou para a escola sem me dar a chance de ver minha mãe ou ter uma refeição. Ivan estava puto porque eu consegui resisir a sua tortura, e eu estava mais ainda por ele me tratar como um animal.

Encaro o rosto de Arcane, tremendo. Os olhos dela brilham com intensidade enquanto observa minha aflição.

— Azra era uma criança pequena. Tinha apenas seis anos e era filha do melhor amigo do meu pai. — Encaro minhas mãos. — Você entende? Eu estava voltando da escola, não tinha como aquela menina estar conosco, alguém colocou seu corpo morto junto aos outros para que a culpa caísse em mim.

Os olhos de Arcane estão esbugalhados, tomados pelo choque e medo. Sua respiração está ofegante enquanto segura meu rosto.

— Como você chegou a conclusão de que foi o Rajá? — Pergunta baixo.

— Porque ele faz tudo que o papai manda. É o filho favorito, imaculado. — Explico. — Aquela fotografia que você me mostrou, o homem com nossos pais é o pai de Azra.

— Eles eram amigos, mas depois que ela morreu, deixaram de ser? — Arcane conclui.

— Acho que eles não estavam se dando bem antes da morte de Azra, ainda não entendo porque. — Sussurro. — Mas tenho quase certeza que papai mandou Rajá matar Azra para se vingar do pai dela.

— Meu Deus. — Arcane sufoca. — Eu sinto muito. — Ela agarra meu corpo como se agora tudo fizesse sentido.

Parte de mim sente culpa, acho que existem pessoas que querem se vingar pela morte dela. Se eu nunca tivesse saído daquela gaiola, se não tivesse sido inconsequente ao matar meus primos, aquela garotinha estaria viva.

— Eu senti vergonha por não conseguir lembrar. — Engulo em seco. — Senti medo, culpa por ela ser apenas uma criança. Então deixei-a no chão e fui correndo para os braços da minha mãe.

Fecho meus olhos. Eu pensava que se me escondesse, se continuasse fingindo que nada aconteceu, a verdade nunca bateria na minha porta. Mas bateu, e quando a Cúpula me encontrou na noite do dia seguinte, eu nunca mais fui o mesmo.

— Costumo pensar que um coração sem dor, ou pertence aos loucos ou aos mortos. — Arcane segura os dois lados do meu rosto. — Você se perdeu na dor e na culpa, e acabou esquecendo que existe uma cura, que você pode seguir em frente mesmo que tenha sido insuportável tudo aquilo.

— Não consigo deixar isso quieto até saber porque ela morreu, ou como seu corpo foi parar lá. — Balanço a cabeça em negação.

— Kalon mou, agora que você sabe que foi Rajá quem definitivamente matou Azra, deve se resolver com seu passado e morrer para ele. Não insista tanto em saber o que aconteceu, um dia as respostas vão chegar. — Me abraça com força. — Apenas morra para o seu passado e não permita que isso te afete mais, que isso roube seu sono e todos os seus dias.

— Morrer para o passado. — Repito, gostando da sua ideia. — O que você acha de fazer isso comigo, minha alma?

— Como assim?

— Quero que você também morra para o seu passado, que jogue fora toda essa culpa que tenta suportar por ter matado Nikoleta. — Seguro suas mãos.

— Mas isso é diferente… Eu não posso me livrar disso porque o fantasma dela me persegue toda vez que fecho os olhos. — Seu olhar cai para nossas mãos. — Eu matei ela com minhas próprias mãos, não tenho como ser absolvida disso.

— Claro que tem. — Insisto, me erguendo. — Morra para ela, morra para tudo que ficou para trás e a partir de hoje renasça como uma nova pessoa. Faça um funeral simbólico para todos os seus demônios, invista profundamente na morte deles e no dia seguinte acorde pronta para sua nova vida, pronta para viver tudo que você tem o direito. — Puxo seu corpo para mais perto. — Viver comigo, se quiser.

— Como seria o funeral simbólico?

— Vamos nos matar, não tem mistério. Matar a pessoa que fomos anos atrás, no caso, nos livrarmos de toda essa doença e demônios. — Seguro seu queixo, fazendo ela me encarar. — Eu não falo no sentido literal, é claro que não vamos atirar nas nossas cabeças porque eu preciso de você mais viva do que nunca, e caso eu morresse, voltaria rastejando do túmulo no primeiro instante, brigaria com o diabo apenas para continuar ao seu lado. Não existe a porra de um fim para nós dois, mas, vamos ligar o foda-se para o mundo. — Aponto ao redor. — Acredito que nossas vidas necessitam desse próximo passo, do abandono de todas as coisas ruins que aconteceram, para enfim nos encontrarmos.

— Vários filmes e livros ensinam sobre deixar o passado para trás, certo? Sobre reunir coragem para seguir em frente e virar as costas para todos que nos abandonaram primeiro. — Ela fica mais perto de mim, acariciando meu rosto. — Então eu aceito, aceito isso bem aqui, nas escadarias de Camondo. Quero viver com você e deixar o passado para trás.

— Perfeito, porra, é isso que vamos fazer. — Reivindico seus lábios em um beijo exigente e eufórico, agarrando seu corpo contra o meu e mergulhando na sensação do meu coração batendo como louco.

Arcane geme contra minha boca, agarrando meus ombros e matando qualquer pequena distância entre nós.

Esse é o plano perfeito para o começo de uma vida perfeita. Morrer para depois nascer em uma nova vida. Uma vida onde não vamos precisar de todas as pessoas que nos quebraram, que fizeram pedacinho das nossas almas. Vamos apenas nos libertar e criar um novo livro, uma nova história, um novo capítulo.

— Faremos isso antes do sol nascer. — Tomo fôlego.

— Como será? — Me olha curiosa.

— Vamos pular dentro d'água e deixar para trás toda essa sobrecarga que nos sufoca.

— E depois?

— Depois nós vamos formular um plano. — Dou de ombros. — Dançar em frente a algum restaurante com música boa, comprar passagens para conhecer a Capadócia, tudo que você tiver em mente.

— Tudo que eu tenho em mente? — Ela me olha como se eu estivesse lhe entregando uma loja para gastar com tudo o que quiser.

— Isso mesmo, Arcane mou. — Eu pego o último copo de ayran para bebermos juntos. — Primeiro nós morremos para o mundo, depois nós queimamos ele.

Como um prelúdio dos nossos planos sombrios, uma chuva intensa começa a cair sob nossos ombros. Arcane respira fundo e avança na minha direção para se esconder.

— Começar a chover é um ótimo acontecimento para morrermos com estilo, não é mesmo? — Solta uma risadinha. Páris late atrás dela. — Droga. Estragou minha bebida.

— Venha comigo. — Puxo sua mão. — Vou pedir gentilmente para um conhecido da família ligar para o meu irmão, pois tenho algumas coisas para arrancar dele.

Arcane me olha torto quando puxo sua cintura para começarmos a correr na chuva, o cachorro nos persegue com animação. Estamos indo na direção onde fica um dos cartéis de Salih Karasai, o homem mais influente e poderoso desse país. *E meu irmão mais velho.*

Uma vez meu pai me ensinou que se você precisa atrair a atenção de uma pessoa grande, então tem que fazer algo grande. Estou ciente que nada nesse mundo é capaz de perturbar a paz do meu irmão, ninguém consegue obrigá-lo a estar onde não quer, então a melhor forma de trazer Kol de volta para a Turquia é quebrando o acordo que ele fez com Sombra.

É isso, vou agir como a porra de um maníaco louco e não como o convidado de honra.

Claro que isso não vai ser irreversível ao ponto de interferir na vida que Arcane pode construir aqui, será apenas um plano para conseguir alcançar o maldito caçador selvagem. Preciso saber como Kol deixou escapar que eu e Arcane estamos aqui.

Preciso saber todas as palavras que ele usou para negociar com Salih, quem estava presente na sala, quem conhece os crimes de Arcane o suficiente para entrar em contato com a pessoa que quer matá-la.

Porra, já está na hora de encontrar o seu perseguidor e destruir sua vida. Ninguém vai tocar na minha mulher por causa de um crime que ela não cometeu.

Alguém nos traiu, seja Kol ou Salih, seja a Cúpula que está por trás disso ou até mesmo Yuri, alguém vai morrer.

— Onde estamos? — Ela segura minha mão mais forte quando paramos na frente do lugar pouco iluminado por causa da intensidade da chuva.

Eu tenho certeza que estão todos lá dentro envolvidos com jogatina, bebendo e vendo prostitutas baratas dançando peladas. Mas Salih é um homem casado, ele não gosta de se envolver com a libertinagem dos seus homens, tudo que ele faz é ficar na sua sala assistindo TV ou brincando com seus filhos.

Ele deve estar no último andar, um lugar com proteção de ruído para não assustar as crianças, então posso matar quem eu quiser, fazer uma bagunça, e ele só vai perceber no momento em que eu entrar na sua sala.

— Preciso entrar lá e fazer uma ligação. — Olho para Arcane sem perder meu bom humor. — Depois disso, nós vamos pegar um carro emprestado e pular no mar.

Aperto a ponta do seu nariz, fazendo ela soltar uma gargalhada boba e revirar os olhos.

— Essa é uma grande loucura, você sabe.

— Mas tem valor simbólico, ficaria chocada em como isso é comum entre as pessoas.

Olho ao redor para estudar como vou matar tantos homens em tão pouco tempo.

— Eu devo esperar você aqui? — Me olha, preocupação e receio brilham no seu rosto.

— Sim, não vou demorar. — Seguro seus dedos e trago aos meus lábios, deixando um beijo. — Em menos de meia hora eu volto, você pode contar se quiser, porque vou voltar.

— Bobinho. — Arcane sorri enquanto se afasta para se proteger da chuva.

Aceno na sua direção quando entro no cartel e rapidamente os dois guardas me perseguem como se eu fosse um bêbado que entrou no lugar errado. Afundo as mãos no bolso quando os dois erguem suas armas antes que eu chegue até a varanda.

— Você está no lugar errado, irmão. — Um deles fala, apontando com o queixo para a saída. — Procure outro lugar para se abrigar da chuva, talvez uma mesquita.

Mantenho uma expressão inofensiva.

— Eu estou no lugar certo, Salih Karasai está me esperando. — Afirmo, os dois se encaram e soltam uma gargalhada grotesca.

— Vamos, irmão. — Os dois abaixam as armas. — Procure uma mesquita para dormir e se proteger da chuva, aqui não é lugar.

Quando eles se viram lentamente por acreditarem que sou algum bêbado, avanço em cima do primeiro, sendo motivado por sua altura inferior à minha. Agarro seu braço com facilidade, seu dedo aperta o gatilho e a arma dispara contra o peito do outro homem que cai no chão, tremendo em meio aos disparos.

— Puta merda. — Solto uma gargalhada divertida quando o sangue se espalha, molhando meus pés. — Você fez isso sozinho.

Empurro o corpo do homem contra a parede, desfiro murros contra seu rosto até que ele desliza no chão. Então disparo contra sua cabeça.

— Que entediante. — Sacudo os ombros e respiro o cheiro almiscarado da morte. Se passaram cinco minutos.

Subo as escadas, determinado a chegar no último andar depressa e encontrar Arcane antes do tempo que falei.

Os homens que tentam lutar comigo acabam morrendo. Derrubo alguns deles das escadas e atiro contra o peito da fileira que sobe para me alcançar. O sangue mancha minhas bochechas e roupas. Aperto os olhos quando me sinto incomodado com todo o sangue sobre os meus ombros.

Chuto a porta do último andar quando todos estão mortos lá embaixo. Salih sequer se mexe, ele está cantarolando enquanto balança um dos seus bebês.

O homem beija seu rosto e deita a criança no berço.

— O papai ama muito você, Mert. — Sussurra, seu comportamento silencioso é tão sinistro quanto minha presença ensanguentada na sua porta. — Vou queimar o mundo inteiro para proteger você… — Ele continua falando.

— Ora, que momento lindo. — Inclino a cabeça para o lado. — Acabo de decidir que também quero um filho.

— Você é muito corajoso, Kalon. — Ele se abaixa no chão, pegando o outro bebê que está choramingando assustado com a minha presença sombria. Uma menininha loira igual a ele.

— Obrigado, eu sempre ouço que minha coragem é insana. — Encaro minhas mãos sujas de sangue e abandono a arma no chão. — Porra, minha mulher adora minhas roupas brancas, agora estou todo sujo e ela provavelmente vai ficar com nojo.

— E a minha mulher adora o tapete que você está manchando. — Sombra balança o bebê no colo e caminha na minha direção de forma silenciosa e ameaçadora. — Posso saber o motivo para você estar chateando minha querida Zeynep desse jeito?

— A menininha? — Aponto a criança chorosa. — Sinto muito, querida Zeynô, eu quero apenas conversar. — Ergo as mãos em rendição, olhando para Salih que tem consciência da matança que fiz no seu castelo tenebroso. — Você sabe, eu matei todos os seus homens e…

— Não, você não matou. — Ele ergue o dedo indicador para me silenciar. — Está se esquecendo de um. — E aponta para cima do meu ombro.

Giro lentamente quando sinto a ponta de uma faca na minha jugular, meus olhos se iluminam de admiração quando a mulher morena me empurra para caminhar até o meio do quarto.

— Agora entendo porque você continua inabalável, eu não matei quem é mais importante. — Estalo a língua. — Sua esposa? A menininha abriu os braços, então estou certo.

— Eu atendo por Adalet, seu homenzinho louco. — Rosna como uma verdadeira leoa. — Você sabe o que significa?

— Porra, mas é claro. *Justiça*. — Olho para a porra do seu marido que não mete tanto medo quanto ela. — Como casou com ele, Adalet? Tenho outros irmãos que fariam loucuras por você.

— E a mulher lá embaixo com o cachorro? — Eu giro minha cabeça na direção de Salih, odiando o interesse na sua expressão. — Ela é sua?

Odeio a forma como sua sobrancelha se ergue, se ele não estivesse com a criança nos braços, e eu não estivesse com uma faca no pescoço, teria esmurrado sua cara por olhar para minha mulher.

— Olhe para mim, porra, não para ela. — Ameaço.

— Por que tão raivoso? — Adalet aumenta o aperto.

— Não acha que ela é nova demais para você? A menina deve ter no mínimo vinte anos. — Salih solta uma gargalhada cínica.

— Eu tenho vinte e três, esqueceu? Essa pergunta se encaixa melhor em você. — Inclino a cabeça para trás na intenção de observar melhor o rosto de Adalet, e lhe lanço uma piscadela travessa apenas para provocar seu marido. — Uma mulher tão linda e novinha, já com uma creche de filhos.

— Ouvi falar que vocês estão em lua de mel na nossa cidade, isso é jeito de se comportar? — Adalet afasta sua faca e caminha até onde seu marido está. — *Askim*[28], colocou o bebê para dormir?

— Sim, *bebek*[29]. — Os dois selam os lábios.

— Que nojo. Sombra, eu já falei que odeio gente bonita se amando na minha frente. — Interrompo os dois ao acenar para a menininha grudenta

que me olha feio. — Preciso que liguem para Kol Somáli e informem o que fiz aqui. Coloque muito drama nos fatos. — Caminho até a poltrona que tem no meio do cômodo. — Não tem comida aqui?

— Por que não trouxe Arcane também? — Adalet questiona, ignorando meu pedido.

— Porque estou com pressa. — Pego uma vasilha de morangos. — Vão fazer o que pedi? Essa é a única forma de colocar alguma emoção no sistema nervoso daquele homem, quando ele souber do que aconteceu aqui, e se vocês colocarem um drama nas informações, Kol vai vir correndo para tentar resolver.

— Por que eu faria isso? — Salih ergue uma sobrancelha. — Posso simplesmente matar você.

— Não sente sem um pano! — Adalet estremece e joga uma toalha para eu não manchar seu sofá.

— Você vai ligar, Sombra, porque enviaram a cabeça de um cordeiro para a minha porta. Isso significa que seu território não é tão seguro quanto eu imaginava. Também vai fazer isso porque você não é doido de matar um Somáli, você tem filhos pequenos, eles não estão prontos para sobreviver a uma guerra. E quando eu falo em sobreviver, eu quero dizer que eles seriam os primeiros a morrer pelas mãos do meu irmão mais velho. — Cruzo os braços.

— Você disse uma cabeça? — Salih sequer se abala com a minha ameaça, sua mulher muito menos, ela está gargalhando como se eu tivesse contado uma piada.

— Uma cabeça com um bilhete ameaçando a minha mulher.

— Coitadinha, e você deixou ela esperando lá fora na chuva. — Adalet leva a mão ao peito e eu me sinto péssimo.

— Já disse que tô com pressa. — Me ergo depressa e afundo as mãos no bolso. Tenho mais dez minutos e posso finalizar essa conversa em cinco. — Também não quero que Arcane saiba o que vou falar aqui.

— Falar o que? — Adalet questiona e senta no sofá para amamentar a criança.

— Que Kalon tirou ela de um presídio psiquiátrico. — Salih responde, me analisando de um jeito misterioso, como se conseguisse ler

toda a minha vida. — Pelo o que Kol disse, você anda escondendo essa informação dela na intenção de protegê-la, certo?

— Correto. Eu fiz isso porque Deus fez ela para mim, eu sei que vão entender, olha só pra vocês. — Aponto para os dois que vivem em um palácio esquisito com uma creche de filhos.

— Fala sério, as notícias contaram que você estava assistindo desfiles, aparecendo em capas de revistas e não se preparando para se casar com uma mulher que saiu do presídio psiquiátrico. — Adalet me encara dando uma risadinha. — Que tipo de mafioso é você? Só pode ser louco.

— Ora, eu sou uma referência de moda nas mídias. — Balanço os ombros. — Minha família também se envolve em negócios limpos, querida Adalet, não fique espantada. Sou um homem muito acessível.

— Um Somáli que é muito conhecido pela moda social e o casual de luxo, que anda por aí usando streetwear… — Salih solta uma gargalhada, como se eu fosse a chacota da profissão. — Porra, quem é o louco que tira uma mulher do presídio psiquiátrico mais sombrio de todos?

— Eu já expliquei, fiz isso porque Deus fez ela para mim. — Balanço as mãos. — Você precisa acompanhar o raciocínio, seu merda, e não julgar meu estilo impecável.

— Seu estilo não é impecável. — Ergue o queixo, me desafiando. — E você é louco de esconder a verdade dela.

— Ainda não é o momento para confessar a Arcane que fui eu quem tirei ela da prisão, que a Cúpula está torcendo para que ela morra e seja punida por seus crimes… E que tudo que fiz nos últimos tempos foi por causa de um acordo com o pai dela. — Ergo as mãos para silenciar meus pensamentos desenfreados. — O ponto é que a Cúpula deu a liberdade para ela viver como nunca viveu antes e não vou desperdiçar isso, mas também quero proteção contra a pessoa que quer matar ela, por isso estamos no lugar mais seguro para um Somáli viver.

— Você jogou isso fora quando matou metade dos meus homens. — Salih aponta o dedo na minha direção.

— Você converte homens para sua organização todos os dias, não seja dramático. — Reclamo.

— Você tem alguma ideia de quem quer matar ela? — Adalet questiona.

— Sinceramente? Eu desconfio de todo mundo, desde o meu irmão mais velho até o caçula. Todos têm algum motivo para matar Arcane, seja por causa das coisas que eu faço, ou por causa das coisas que ela fez no passado. Mas meus irmãos fariam para me afetar, com certeza.

— E o pai dela? — Salih se aproxima, me entregando um copo de whisky.

— Yuri não faria isso porque ele também quer proteger Arcane, por isso estamos casados.

No começo eu aceitei a porra da proposta porque ele me prometeu esclarecimentos sobre a morte de Azra em troca da proteção de Arcane, e eu fiz tudo que estava ao meu alcance, mas alguma coisa mudou quando vi Arcane na noite que me flagrou com uma prostituta.

— E você não desconfia que fomos nós que enviamos a cabeça para a porta da sua casa? — Adalet ri. — O que faz você confiar no Sombra?

— Vocês tem Mert e Zeynep para proteger. — Aponto para as crianças. — E Sombra me ama muito. — Abro os braços, apontando para Salih de um jeito dramático. — Você jamais me trairia.

— Sua sorte. — Ele revira os olhos. — Então esse é o plano? Arrastar Kol até aqui para forçá-lo a caçar o stalker com você? — Salih bate seu copo na mesa depois de me analisar por longos segundos.

— Exatamente, porque se eu pedir como uma pessoa normal, ele vai recusar. Porque tem alguma coisa que conseguiu entrar na cabeça daquele caçador selvagem e que está o consumindo. Ainda não sei o que é, mas vou descobrir.

— Como você desconfia disso?

Adalet me olha, beijando as mãos da sua garotinha.

— Porque ele convidou minha mulher para um musical. — Explico. — Eles passaram três horas juntos.

— Qual é, o desfecho vai ser você confessando que ele se apaixonou por sua mulher? — Salih solta uma gargalhada.

— Não, Kol não se apaixona fácil. — Aperto os olhos, negando. Ele é do tipo que persegue, que fica obcecado até que isso morra dentro dele para que não enlouqueça. — Veja bem, ele convidou Arcane porque queria falar alguma coisa, eu sei que sim. Eu conheço meu irmão, ele levou

Arcane para um musical dramático porque queria muito alguma coisa, ele é um predador nato.

— O que seria essa coisa? Que ele é o stalker? — Adalet sussurra, me fazendo apertar os lábios com a ideia de ter outro irmão me traindo. — Ele tem motivos para isso?

— Até onde eu sei, não tem. Mesmo assim, se fosse, ele teve a chance de matar Arcane várias vezes. — Aperto os lábios. — O ponto é que ele pensou duas vezes antes de falar com ela, pois Arcane chegou muito tranquila em casa, sem desconfiar de nada.

— Você acha que ele está escondendo alguma coisa muito grande que não foi incapaz de contar? — Salih pergunta.

— Sim. — Massageio minha têmpora. — Talvez ele saiba quem quer matar Arcane e não quer contar, mas por que?

— Você quer descobrir forçando ele a essa caçada no nosso território. — Adalet me olha, finalmente compreendendo o meu plano.

— Tenho que admitir, você não é apenas um rostinho bonito estampado nas capas de revistas, também tem muita inteligência aí dentro. — Salih estala a língua, caminhando na minha direção e segurando meus ombros. — Do que você precisa para resolver essa guerra de uma vez por todas?

— Por enquanto, apenas que você ligue para ele avisando o que aconteceu aqui. Seja muito dramático nos detalhes. — Coloco um sorriso debochado no rosto. — Ah, eu quase ia esquecendo… — Limpo a garganta. — Está chovendo, o que acha de me emprestar um carro?

— Pegue o meu conversível. — Salih sorri e me entrega as chaves.

Solto uma risadinha irônica. Essa é a última vez que esse homem vai ver esse carro.

— Foi bom reencontrar vocês, e adorei o cabelo castanho iluminado, Adalet. Combina muito com roupas pretas. — Aceno para eles.

Quando saio pela porta, faço a contagem regressiva até chegar onde Arcane está.

Chego nela com dois segundos de antecedência, e pelo visto, estávamos contando juntos, pois ela abre um largo sorriso ao me ver.

33. MINHA CURA

“A beleza deve ser quebrada
diariamente para que perdure.”
— VIRGINIA WOOLF.

Arcane Planard

Cinco, quatro, três…

Kalon aparece com as roupas sujas de sangue, mas isso não importa. Eu solto uma risada animada porque ele realmente chegou antes do que havia prometido, mesmo que tenha sido apenas alguns segundos de diferença.

— Eu disse que ia chegar logo. — Abre os braços para mim.

— Então você estava contando? — Inclino a cabeça para apreciar os traços do seu rosto. — Porque eu estava, e estou prestes a declarar que está atrasado.

Pouco me importa que ele esteja sujo de sangue, tudo que eu realmente quero é sair correndo e viver todo o resto da vida que sonho em ter ao seu lado. A vida que ele disse que eu terei no momento que fizermos o funeral simbólico dos nossos demônios.

— Prometo compensar você. — Kalon solta uma gargalhada grave que ecoa junto com o barulho da chuva. Arrepios deliciosos sobem pela minha coluna ao contemplar esse som.

Páris, por outro lado, está se divertindo com a água correndo perto da calçada.

— Podemos ir? — Arrumo meus cabelos molhados para trás e seguro sua mão, vendo a chave entre seus dedos. — Você ainda trouxe um carro?

— Presente de casamento, acredita? — Brinca, olhando ao redor quando aperta no botão para destravar o carro.

No final da rua, onde tem vários outros carros, vejo um Pagani Huayra BC.

— Porra, que bonequinha mais linda. — Um assobio sai da boca de Kalon enquanto libero a coleira de Páris.

Solto uma gargalhada animada, beijando o focinho do meu cachorro e fazendo carinho nos seus pêlos molhados.

— O que acha de deixar Páris fazer o caminho até em casa sozinho? — Kalon sugere. — Ele não pode participar do que vamos fazer, e nós estamos perto de casa.

A chuva diminuiu, um cheiro úmido e reconfortante se espalha pelo ambiente. Balanço a cabeça em concordância, a ansiedade domina meu corpo e apenas observo Páris farejar a calçada, indo para o outro lado da rua.

— Você está pronta? — Kalon está com seu corpo parado contra o carro, observando nosso cachorro correr pela rua da nossa casa e latindo como louco, provavelmente deve ter encontrado alguma coisa que gosta. Talvez algum gatinho.

— Muito pronta. — Entro no carro, o teto está aberto.

Kalon dá a partida e começa a dirigir, subindo pela avenida principal onde o caminho é mais longo. Ele não se importa com o limite de velocidade, e eu muito menos, apenas me levanto e ergo os braços enquanto sinto o vento no meu rosto.

— Isso é tão legal! — Uma gargalhada fraca sai da minha boca quando ele gira o volante, fazendo meu corpo tremer de adrenalina. Grito

alto, olhando para o céu noturno e todas as luzes dessa cidade.

— OLÁ, ISTAMBUL! — Grito alto e Kalon buzina, me fazendo rir. Ele me olha como se algo mágico e milagroso estivesse acontecendo conosco, no futuro, quando eu olhar para a noite que enterrei meus demônios, vou me lembrar da forma como Kalon está me olhando agora.

Ele me segura como se eu fosse perfeita ao ponto de lhe causar uma epifania devastadora. Volto a sentar, ofegante, meu coração batendo como uma bomba prestes a explodir enquanto ele mantém sua mão ao redor da minha cintura. Me acariciando de um jeito acolhedor. Fecho meus olhos e me alimento de cada sensação dominando meu peito.

— Quando a gente cair, você deve pensar em todas as coisas que quer se livrar. — Kalon fala, ele permanece confortável em seu assento, com os olhos fixos no ponto que deseja encontrar. — Apenas abandonar tudo, nos despedir de cada fantasma.

Respiro fundo, a ansiedade me domina quando avisto a última rua que o carro está percorrendo em alta velocidade. Tudo que temos depois disso é a calçada que leva para o mar aberto, mas não sinto medo, pelo contrário, me sinto pronta para cair e abandonar esse fantasma dentro de mim.

Conforme nos aproximamos, meu corpo entra em um estado de levitação. Uma prontidão tão enraizada que fecho meus olhos no minuto em que o automóvel escapa para fora do asfalto, estamos em uma queda que parece câmera lenta pelo silêncio que minha mente alcança.

Mas em um piscar de olhos, meu corpo desaba e é engolido pela massa d'água. Permaneço inerte, apreciando o silêncio reconfortante que temos aqui debaixo. Não vejo meu homem, nem sinto seu corpo perto do meu. Quando pisco, vejo apenas os faróis do carro se distanciando conforme ele afunda mais rápido do que nós.

Kalon disse que era para eu pensar em tudo que quero me livrar quando pulasse na água, então fecho meus olhos, revirando minhas memórias, minhas dores mais profundas.

Um fantasma mais antigo do que Nikoleta, é o meu pai. Yuri é tudo que consigo enxergar quando todas as lembranças daquele dia finalmente vêm à tona.

Eu engasgo quando meu corpo é puxado para baixo com mais agressividade e desespero.

— Arcane mou! — Ouço ele gritar. — Arcane, agapi mou!

Papai parece estar com dor quando finalmente me encontra e logo me agarra com força, de uma forma que me faz engasgar novamente. Quando eu ouvi o disparo, tudo que pensei em fazer foi tentar me esconder em algum lugar como papai ensinou.

— Papai, a mamãe está brava de novo? — Soluço, agarrando seu corpo com força. — O que ela está fazendo?

— Shhh, não fale nada, amor. Suas irmãs estão escondidas, a mamãe está tendo outra crise e você precisa ficar agarrada em mim. — Pressiona seus lábios na minha testa.

Sua pele está fria, assim como todo seu corpo.

Papai está tremendo, sinto algo vermelho e quente escorrendo por suas costas e quero gritar, mas ele fecha sua mão na minha boca.

— Isso é sangue? Você está morrendo? — Escondo meu rosto no pescoço do papai, ele é tão cheiroso que quero ficar para sempre em seus braços. — Não morra, papai. Eu amo tanto você.

— Arcane mou, nós já falamos sobre isso. — Ele diz baixinho. — O papai nunca vai morrer. Nunca. Eu não posso abandonar minhas garotas. — Seus olhos estão tomados por algo que suspeito ser medo. — Não consigo viver sem as perguntas super inteligentes da Melissa, o jeitinho super delicado da Nimue, seus abraços grudentos e o sorriso banguela do Theo. Vocês são minha família feliz e perfeita.

Então, por que consigo ouvir tantos cacos quebrando? Tantos gritos raivosos e palavrões feios. Esse lugar parece um inferno e papai é o único que tenta me enganar dizendo que não vai ser assim para sempre, que vai passar.

— Tem um monstro no jardim, papai? — Eu sussurro, ficando mais escondida nos seus braços.

— Tem sim, meu amor. — Meu corpo paralisa e começo a tremer de medo. O mundo parece parar de girar quando eu grito.

— Mas o Theo está lá! — Papai não consegue me segurar quando começo a correr.

Ele até mesmo corre na minha direção, determinado a me alcançar.

— Arcane! Volte aqui, porra! — Grita de um jeito feio que me faz ficar triste. — Arcane! — Essa é a primeira vez que ele fala comigo com tanta brutalidade.

Outro disparo. Me esqueço de como se anda quando vejo mamãe com sua arma apontada na direção de Theo. Os olhos dele se encontram com os meus, então seu corpo cai.

Corro na sua direção e caio por cima do seu corpo.

— Theo! Theo! — Tento devolver o sangue que está espirrando para fora do seu peito. — Theo! Theo!

— Eu estou morrendo… — Ele choraminga, os olhos pesados e sua cabeça girando na grama, procurando por mamãe. — Foi a mamãe, Arcane?

— Arcane! — Papai grita atrás de mim. — Theo! Meu filho! — Ele pula por cima de nós dois, seu braço forte consegue envolver nós dois e seu rosto afunda nos meus cabelos.

Papai puxa o corpo do meu irmão, gritando de um jeito quebrado e tão assustador que fico tonta. Meu corpo cai por cima do dele, mas papai permanece ajoelhado.

— Me desculpem… — Sufoca. — Eu só queria que fossem crianças mais um pouquinho. — Papai geme, suas lágrimas frias molham minhas mãos. — Só mais um pouquinho.

Eu também queria que você voltasse a ser o papai grudento.

Só mais um pouquinho.

Papai grita alto e leva as mãos à cabeça como se estivesse morrendo junto com Theo. Isso é tudo que vejo antes de virar na grama, vomitando e soluçando até desmaiar.

Alguns dias depois daquela noite, mamãe foi embora de casa dizendo que não suportava viver com o homem que matou seu filho, ela me olhou no rosto e fez toda aquela cena como se fosse a vítima, como se papai

fosse o verdadeiro monstro, mas agora vejo que passei minha vida acreditando em uma mentira.

Não era ele o monstro no jardim, era mamãe.

Papai estava lá para me proteger. Ele estava me procurando e levou um tiro por mim, e mesmo assim permaneceu comigo nos braços enquanto sangrava.

Ele escondeu todas as minhas irmãs porque mamãe ia nos matar, mas falhou. Talvez, se ele tivesse conseguido impedir, nossas vidas fossem diferentes hoje em dia.

Isso é tudo culpa dela. Não foi o papai quem matou Theo. Porra. Não foi. Ele estava tentando impedir. Foi a mamãe quem matou o meu irmãozinho e depois fugiu.

O que mais me machuca é que não consigo mais lembrar como ele era, nem sentir meu peito aquecido com o calor do seu sorriso. Eu era muito nova e ele também. Não consigo sequer lembrar da nossa diferença de idade, como eram os nossos momentos juntos, sua voz, suas coisas favoritas. Eu esqueci de tudo.

Eu grito, engasgando com a água que queima minha garganta. Vejo o fantasma dela subindo pelas profundezas, gritando meu nome debaixo d'água, me perseguindo como um espírito obsessor que tem a missão de sugar cada gota de vida do meu corpo.

Não tenho certeza se estou pronta para deixar Nikoleta ir, não consigo fazer isso quando todo o meu peito grita de saudades dela, dos momentos que éramos melhores amigas, e um vazio angustiante consome meu peito quando sinto a exaustão ao tentar recuperar o que já está perdido.

Não tem como voltar atrás e mudar o passado. Não tenho como reencontrar Nikoleta e arrancar todas as palavras da sua boca, os motivos, suas razões profundas para tentar me matar.

Não importa o quanto eu continue revirando minhas memórias em busca de alguma pista solta, em busca de alguma coordenada, não encontro

nada.

Tudo que aconteceu, passou.

Não tem como mudar o passado.

E agora, a partir desse ponto, eu preciso deixá-la para trás e seguir sozinha. Não posso continuar arrastando um fantasma até o túmulo só porque ainda estou em negação, porque não consigo superar o que vivemos e procuro feito uma louca por alguma coisa nas entrelinhas.

Não há nada, nenhum mistério, nenhuma carta na manga, nenhuma reviravolta impressionante, tudo que aconteceu é apenas isso. Nós duas fomos um final doloroso e injusto das nossas próprias escolhas.

No final de tudo, o único fato consumado é que eu matei Nikoleta para me defender da sua tentativa de me eliminar. Todo amor que tínhamos uma pela outra não existiu naquele dia. O sentimento ficou esquecido em um canto escuro enquanto o fim era colocado nas nossas vidas por nossas próprias mãos.

Agora eu estou me livrando desse fantasma, desse peso doloroso nos meus ombros, não vou precisar de nada disso assombrando a minha nova vida.

Nesse momento, eu mato todas as dúvidas, todas as tentativas de enxergar as coisas por outro ângulo. Apenas aceito as coisas como verdadeiramente são e deixo tudo ir.

Meus pulmões apertam em busca de oxigênio. Empurro meu corpo para cima, começando a nadar para a superfície. Meus movimentos são pesados e cheios de necessidade de viver, e quando minha cabeça emerge na superfície, eu respiro como nunca fiz antes.

Estremeço, sentindo a água deixar o meu corpo leve como nunca experimentei.

— Você demorou tanto. — Kalon está nadando ao meu lado, ele atira os braços na minha direção para me alcançar. — Como se sente?

Porra. Essa pergunta coloca lágrimas nos meus olhos. Me sinto pronta para viver e lutar por tudo que mais almejo.

Encosto a minha cabeça em seu peito, apertando-o contra mim e mergulhando na sensação acolhedora do seu coração batendo desenfreado.

— Eu me sinto livre. — Confesso. — Você também se despediu de tudo?

— Absolutamente tudo. — Ele balança a cabeça em concordância, contornando meus lábios com o polegar.

Algo libertador sobe por minha coluna, fazendo meus nervos se expandirem em um alívio delicioso.

Fecho meus olhos sentindo seu beijo necessitado.

— Então é assim que começamos? — Questiona, soltando um gemido fraco. — Ou estamos apenas brincando um com o outro? É apenas algum truque para me quebrar depois?

Seus olhos brilham tomados pela dúvida se eu sempre vou odiá-lo ou se isso tem a chance de mudar a partir de hoje. A verdade é que não odeio ele faz muito tempo, mas não consigo descrever o que sinto. Se estou doente ou obcecada.

— Quero dar esse próximo passo com você em direção a porta aberta, encontrar o que está nos esperando do outro lado e viver. — Respondo. — Mas só quero fazer isso se for com você.

Agarro seus ombros, mordendo seu lábio e me deliciando na sensação de estar leve como nunca. Quero cada pedaço dele, quero torná-lo meu homem e reivindicar a sua alma, fazê-lo meu por inteiro. Apenas meu.

Talvez seja essa cidade, talvez seja ele, ou talvez seja porque consigo me sentir como eu mesma, mas tudo parece se encaixar dentro de mim. Já não sinto medo.

— Por que você fala que eu vou te quebrar, Kalon mou? — Pergunto quando separamos nossos lábios, a água está gelada ao nosso redor, mas de um jeito tão delicioso que quero ficar aqui até o amanhecer.

— Não está claro, Arcane mou? — Ele respira fundo e aperta meu rosto com as mãos. — Porque eu morreria por você.

Kalon me olha de uma forma tão intensa que algo dentro de mim se quebra. Se essa é a sensação de morrer para renascer dentro de uma versão que apenas Kalon aprecia, feita apenas para ele, então é delicioso.

Quando estou prestes a roubar seus lábios para um beijo, Páris pula na água com tudo, me fazendo gritar de surpresa. Ele vem nadando bem devagar até que começa a lamber minhas bochechas e as de Kalon.

— Agora só falta a Pinar. — Eu aperto os olhos, lembrando da lontra antissocial do Kalon.

Estamos de frente para nossa casa, literalmente no nosso quintal, então não é nenhuma surpresa que Páris esteja nadando conosco.

Kalon me olha de um jeito profundo que afeta meus ossos e a capacidade que tenho de me comportar normalmente. Agora estou nervosa, não consigo me concentrar no carinho que Páris me dá enquanto ele tem esse olhar devastador, parecido com uma carranca aflita, sem se desviar de mim.

— Você está furioso? — Questiono, me aproximando para beijar seus lábios.

— Isso não é uma carranca de raiva. — Balança a cabeça de um jeito dengoso. — É a carranca que faço quando estou com o pau duro.

Acrescenta sem nenhuma vergonha na cara. Solto uma gargalhada nervosa, Kalon grunhe e ataca meu queixo, deixando uma mordida tão prazerosa que o som morre na minha boca.

Me afasto dele depressa para ajudar Páris a subir na borda da calçada. Ele balança seu corpo de um lado para o outro, espirrando água no meu rosto.

— Vamos entrar, está começando a ficar muito frio.

Kalon me persegue silenciosamente, analisando minhas roupas grudando no corpo. Me preparo para remover o sobretudo e a blusa, largando em uma pilha molhada no nosso gramado. Ele junta as mãos uma na outra e assiste em silêncio quando tiro minha calça, ficando apenas com a peça íntima que se torna transparente por estar molhada.

— Vai ficar apenas me olhando, *habibi*[30]*?* — Chamo, arrumando meus cabelos molhados para trás e girando meu corpo na sua direção, exibindo minha bunda e as marcas do nosso último sexo selvagem.

— Você me chamou de habibi? — Sua voz suave me causa arrepios por toda parte. Paro de respirar no segundo que ele corta nossa distância e segura meu pescoço. — Puta merda. Eu quero que você repita cada. Fodida. Sílaba.

— Ha bi bi. — Repito, minha voz é tão doce e calma que ele treme, então bate sua boca contra a minha em um beijo tão exigente que perco as

forças.

Porra. Meu cérebro não consegue processar nada além dos seus lábios exigentes. Kalon estapeia minha bunda, então me puxa com força contra seus braços, caminhando até a parede mais próxima.

Quando sua boca afunda na curva do meu pescoço, me chupando e mordendo, eu inclino o rosto para olhar ao redor. Estamos debaixo do chuveiro externo, o céu está escuro e cheio de estrelas, tudo que temos atrás de nós é o mar e as luzes da cidade do outro lado do Bósforo.

Libero um gemido trêmulo quando ele aperta meu seio direito, não perdendo tempo em levar até seus lábios e morder.

— Kalon mou! — Agarro seu ombro. — Meu amor…

Sua outra mão se perde entre minhas pernas.

— Não, o certo é habibi. — Ele rosnou, puxando minha calcinha com força até o tecido se romper. A ardência que se espalha por minha boceta é tão deliciosa que reviro os olhos.

— Nós realmente vamos fazer sexo ao ar livre? — Agarro seus cabelos, rebolando contra seus dedos exigentes que não perdem o ritmo das estocadas.

— Já estamos fazendo. — Aperta meu mamilo com os dentes. — Fodidamente minha, *psychi mou*[31].

Porra. Eu gemo com força quando ele retira seus dedos e dá lugar ao seu pau. Kalon apenas me fode com força, segurando minha perna como apoio para aumentar suas estocadas agressivas. Minhas unhas marcam suas costas e seguro os dois lados do seu rosto para roubar todos os beijos que necessito.

— Meu. Fodidamente meu, *habib mou.* — Assumo isso em voz alta e gemo de realização quando as palavras causam impacto nele.

— Filha da puta. — Kalon aperta sua testa na minha, minhas costas doem contra a parede, mas é prazeroso quando ele estoca mais forte e caloroso, fazendo minha vista escurecer. — Você não pode nunca retirar o que disse.

— Eu não quero retirar o que disse. — Mordo seu lábio inferior quando ele me beija com força.

— Ótimo, porque daqui eu só saio morto. — Suas palavras ferozes me fazem tremer porque acredito solenemente em cada sílaba, porque eu também desejo isso.

— Daqui você só sai morto. — Sibilo.

Eu nunca vou permitir que ele me abandone, ou que vivamos uma vida separados depois do que fizemos hoje.

— Você é a minha alma. — Ele declara, e sei que nunca vou ouvir nada mais verdadeiro do que isso.

Meus dedos deslizam por sua costela onde está escrito as pequenas palavras em grego.

— *Psychi mou.* — Nesse momento eu sou incapaz de produzir qualquer palavra racional além dessas.

Minha alma. Estava certo que de alguma forma iríamos nos encontrar, é nisso que acredito e vou depositar minhas esperanças a partir de hoje.

Abaixo minhas pernas e ele me gira para ficar de frente com a parede, meus olhos se fecham em deleite e eu empino minha bunda no momento que Kalon volta a foder minha boceta por trás.

— Gostosa. — Declama no meu ouvido, deixando tapas na minha bunda. — Minha esposa. Minha. — Nossas alianças se tocam quando ele entrelaça seus dedos na minha mão apoiada na parede.

Meus seios estão doloridos, suas mãos grandes não param de machucar minha carne com tapas e lágrimas enchem meus olhos. Meu corpo está perdido na força desse prazer pecaminoso e devastador, agora estamos condenados porque não quero outra coisa além disso.

Não consigo pensar em nada melhor, nenhuma coisa no mundo que seja capaz de me possuir como ele faz. Kalon está impregnado na minha alma e eu não posso negar esse fato, porque se o fizer, estarei negando a mim mesma.

Ele mordisca meu ombro e coloca sua outra mão na minha barriga, tomando espaço para manter minha postura que facilita suas estocadas.

— Vamos, Arcane mou. Não segure seus gemidos. — Sinto um tapa prazeroso em minha boceta. — Porra. — Um calor intenso sobe por minha

coluna, me fazendo gemer alto quando não encontro forças para respirar corretamente entre o ritmo de suas investidas.

Minha cabeça tomba para trás, alcançando seu peito. Kalon me aperta com força, soltando gemidos roucos e tão sensuais que levo minha mão para acariciar meu clitóris, preciso senti-lo dominando cada parte minha, preciso sentir essa liberdade que sem dúvidas vai além de tudo que qualquer pessoa tenha experimentado na vida.

Meu corpo treme com o orgasmo intenso, logo minha vista escurece e minhas pernas enfraquecem. Ele beija minha nuca, e ao contrário do seu corpo, seus lábios estão frios.

— Vamos terminar isso lá dentro. — Me segura nos braços com tanta facilidade que sinto tontura.

— Sim, por favor. — Respondo, minhas mãos seguram seus ombros porque me sinto incapaz de manter minhas mãos longe do seu corpo. — Eu preciso muito do seu corpo no meu, ou serei capaz de morrer.

Afundo meu rosto na curva do seu pescoço e deixo uma mordida, Kalon geme e me aperta com mais força. Ele me empurra com cuidado até que minhas costas batem no sofá macio.

— Porra, *psychi mou*, não diga isso. — Sua voz está carregada por uma angústia dolorosa e ao mesmo tempo sexy. — Eu não existo se você não existir, isso ainda não ficou claro?

Antes que eu possa responder, seu pau volta a entrar na minha boceta, dessa vez tão apertado que eu grito, apertando minhas pernas ao redor da sua cintura.

Kalon geme e aperta minha coxa, começando a estocar com tanta força que nossos corpos fazem um barulho obsceno. Minhas costas se erguem do sofá e procuro seus lábios. Estamos gemendo na boca um do outro, sussurrando palavrões e palavras incompreensíveis.

Meus dedos deslizam por sua coluna até que apalpo seu traseiro definido.

— Meu homem. — Falo contra sua boca, arrancando uma gargalhada safada.

— Minha ruína. — Kalon fecha os olhos, me fodendo com mais força e rapidez, me apertando de uma forma insensível enquanto mergulha

nesse sentimento possessivo que compartilhamos.

Um grito fraco de satisfação sai da minha boca quando ele estoca uma última vez, dessa vez tão gostoso que sinto minha alma em êxtase. Agarro sua nuca, ele mergulha seu rosto nos meus seios.

— Fica dentro de mim. — Imploro mesmo depois dele ter gozado.

— Arcane…? — Me chama de um jeito manhoso, como se quisesse ter certeza de que realmente existimos.

— Habibi! — Respondo fraco, mostrando que estou aqui e que isso é real. — Acho que estou doente por você. — Meu coração bate forte, ainda estou tentando recobrar o fôlego.

— E eu por você. — Morde minha boca. — Muito doente. Intoxicado. Devastado.

Estamos molhados de suor e água do mar. Seu cheiro almiscarado, misturado com a maresia, me faz desejar recomeçar todo o sexo.

— Quero cavalgar em você, posso? — Acaricio seu peito.

— Claro que sim, esposinha. — Ele ronrona e puxa minhas pernas, me conduzindo para ficar em cima do seu corpo.

Agarro sua nuca, me movimentando com seu pau me preenchendo por completo, e soltando um choramingo fraco de satisfação.

Kalon abraça minha cintura, deixando beijos demorados na minha boca, me mordendo e me ajudando a rebolar em uma frequência prazerosa. Ele é muito quente e gostoso de sentir. Não quero que isso acabe de forma alguma.

— Sabia que nunca deixei nenhuma mulher cavalgar em mim? — Kalon abocanha meu queixo.

Eu solto uma risada nasalada e agarro sua nuca.

— Não fale de outra mulher nunca mais! — Mordo seu queixo de um jeito agressivo. — Você é meu, Kalon. Apenas meu.

— Sim, eu sou seu. — Ele lambe meu lábio, tremendo em meio a outro orgasmo quando aumento meus movimentos.

Estamos grudentos e ofegantes. Minha cabeça tomba no seu pescoço quando me afasto lentamente, sentindo seu sêmen escorrendo por minhas coxas.

Os romances descrevem o amor como uma coisa que eleva o seu estado de espírito e faz tudo ficar bem. O amor nos deixa completos, muda toda a nossa perspectiva do futuro.

Mas, eu me pergunto como as pessoas sombrias, que tem a vida destruída e complicada, como eles conseguem identificar o amor sem acabar matando-o.

Uma dor angustiante e ansiosa sobe pelo meu peito, me fazendo respirar fundo e perder o rumo. Agarro seu corpo na tentativa de engolir essa criatura que nasceu do nada dentro de mim, que se manifesta com tanta intensidade que eu fico enjoada.

Eu quero gritar para o mundo inteiro coisas que sequer sei verbalizar. Não existem palavras para descrever isso dentro de mim, ou existem?

— Arcane mou? — Kalon me analisa de um jeito melancólico, como se eu estivesse escapando por suas mãos.

— Você não pode me deixar nunca, entendeu? — Aperto seu corpo com mais força.

— Claro que entendi. — Ele relaxa, rindo. — Não vou a lugar algum.

34. AMOR DESESPERADO

“Deixe o tempo parado, essa é uma longa jornada enquanto eu deixo meu coração correr para você neste vazio atemporal… Oh! Meu coração cego está chorando, ninguém vai ouvi-lo. Oh! Eu pensei que a luz do meu amor nunca chegaria até você… Mas você pode me ver e me esconder em seu coração toda vez que você está perdido em sua própria solidão, no vazio.”

— AMOR DESESPERADO.

Arcane Planard

Durante a manhã, eu me distraí no jardim com os gatinhos, Páris e Pinar. Kalon está trancado no seu escritório com Scar, fazendo ligações, mas parou ao meio dia para receber a visita dos seus amigos.

Salih e Adalet. Eles têm dois filhos, a menininha é a mais velha. Muito idêntica ao pai. Caminho na direção deles no momento que saem do escritório para sentar em uma mesa redonda ao ar livre.

Eles estão bebendo raki, e minha atenção se volta para as duas crianças brincando com os gatinhos e Páris.

— Vocês gostam mesmo de animais, não é? — Salih questiona, apontando para a píton ao redor do pescoço de Kalon.

— Eu adoro. — Kalon fala cheio de sinceridade ao inclinar o rosto para sentir melhor o réptil. — O que você está esperando para sentar no meu colo, Arcane mou?

Meu marido fala com casualidade, sem sequer olhar para meu rosto. Sinto meu rosto esquentar quando continuo andando na sua direção, até sentar em uma das suas pernas.

Kalon não perde tempo em envolver minha cintura com uma mão, brincando com a ponta dos dedos por debaixo da minha blusa. Eu tento ignorar sua provocação e os arrepios que sobem por minha coluna, mas é impossível.

— Vocês moram em Istambul desde sempre? — Eu pergunto, olhando para Adalet que parece estar se divertindo com o comportamento de Kalon.

— Antes eu morava no campo. — Ela suspira, entrelaçando sua mão na do seu esposo. — Até que Salih me engravidou e me rendi aos encantos da cidade grande.

— Claro que não foi assim. — O homem estala a língua, dando risada e olhando para sua esposa como se lembrasse mais do que ela como as coisas aconteceram. — Nós nos apaixonamos, fui ver o festival dos trovadores e vi você com seu pai, amor. Juro que não queria mais ninguém no mundo, fiquei obcecado.

— E eu por você! — Um som de apreciação sai da minha boca quando Adalet inclina o rosto na direção do homem, que por sinal é muito lindo.

— Como você descobriu que estava apaixonada? Quais foram os sinais? — Apoio o queixo com as mãos, me inclinando.

Kalon para de acariciar minha pele quando ouve as minhas palavras. Ele permanece quieto, sua presença atrás de mim me consome como uma sombra. Agora Scar tem uma parte do seu corpo por cima do meu ombro, o que me empurra a ficar mais perto de Kalon para que ele não se machuque com suas travessuras.

— Eu não sei, apenas senti que estava. — Adalet responde. — Tudo que eu pensava era nele, meu corpo ia a loucura, meu coração disparava.

Perdi a noção de tudo. Eu estava cega.

Fico um tempo em silêncio, tentando compreender suas palavras e buscando dentro de mim qualquer resquício similar.

— Não está mais? — Olho para Salih, mas pela forma que se olham, é claro que está

— Meu amor, essas coisas não acabam tão facilmente. — Salih balança a cabeça. — Não acaba, eu existo por causa disso, em função disso, para sempre dela.

— Fica espalhado em tudo, fica mais intenso e arrebatador. — Adalet aponta para as crianças e depois para suas mãos por cima das do seu marido.

— Só acaba com a morte. — Kalon inclina o rosto, olhando para meus olhos e em seguida para Salih. — Não foi isso que você me disse?

— Eu disse isso no dia do nosso casamento. — Sombra balança a cabeça em concordância. — Foi uma festa apenas para meus amigos mais próximos, no campo, do jeito que ela gosta. Ada se casou grávida da nossa *Zeynô*.

Aponta para a garotinha loira que segura o meu gatinho como se fosse seu.

— Isso é muito bonito e emocionante. — Balanço a cabeça, me remexendo no colo de Kalon quando ele volta a acariciar minha pele. — É muito bom ver que vocês tiveram a chance de escolher tudo isso.

Apoio minhas mãos na mesa e me encosto com mais tranquilidade no corpo de Kalon, agora ele está estático, tão tenso e frio que me sinto incomodada.

— O seu pai está vindo para cá em algumas horas, já pousou em solo turco. — Kalon limpa a garganta, me olhando de um jeito distante e interrompendo o que Adalet ia falar.

— Aconteceu alguma coisa com minhas irmãs? — Levo a mão ao peito.

Não consegui falar com nenhuma delas nos últimos dias, e considerei que era por causa da correria após o casamento, mas se elas estiverem passando por alguma coisa difícil eu nunca vou me perdoar por não saber.

— Não aconteceu. — Assegura quando percebe a preocupação no meu rosto. — Suas irmãs estão bem. Fiz elas passarem a maior parte do tempo com a mamãe em viagens para algumas pequenas ilhas da Grécia, para não precisarem ficar nas mãos de Yuri.

Abre o seu celular para me mostrar algumas fotos delas juntas. Eu respiro fundo, recebendo o aparelho como se pudesse alcançar as duas. Estou com tanta saudade que sinto vontade de chorar.

— Kalon…— Suspiro. — Isso significa tanto pra mim, saber que ele não está batendo nelas...

— O certo é Habibi. — Ele rosna, me olhando de um jeito possessivo. Observo seu rosto, e esse monstro possessivo volta a machucar meu peito, ameaçando explodir da boca pra fora.

O fato é que essa besta existe dentro de mim há muito tempo e só agora eu pude percebê-la com clareza. Essa é a única explicação para ser tão forte; é um bicho antigo. Um cão dos infernos, como Bukowski citou.

Agora posso senti-lo sussurrando o nome do meu homem, e ele não quer se calar, o monstro quer ser saciado, quer confessar.

Eu faria loucuras por Kalon Somáli, assim como ele faria por mim, e isso me assusta pra caralho porque tenho a plena consciência de que morreria e mataria por ele.

Esse sentimento não é nada calmo e reconfortante, pelo contrário, é ardente e cheio de desespero. Não consigo ser calma em relação a isso, não tem como, esse monstro dentro de mim é intenso e faminto demais.

Olho para Salih e Adalet como se pudesse encontrar alguma resposta neles, na forma que se tocam e parecem conhecer todos os pensamentos um do outro apenas com um olhar. Quero o que eles tem, quero saber qual é o gosto e que impacto pode causar na minha vida, quero ser preenchida por esse afeto milagroso e nunca mais passar fome de paixão ou carinho.

— Por que meu pai está vindo? — Estou com medo que Kalon tenha escolhido me devolver para aquela vida depois de me mostrar tudo que posso viver aqui.

— Porque convidei Kalon para trabalhar comigo em um novo negócio, algo grande e que exige muita concentração. — Salih recebe minha atenção. — Então seu pai vai ficar com você enquanto seu homem

trabalha comigo. Você sabe, é um país diferente da Grécia, você precisa de alguém de confiança a protegendo.

Consigo compreender o tom de mentira em suas palavras pela forma como seu ombro balança duas vezes. Yuri era tão perfeccionista que me ensinou coisas básicas sobre linguagem corporal. O suficiente para saber que estão me enganando.

Olho para Kalon mais apavorada com a possibilidade dele estar me deixando. Não posso passar por isso. Não agora que meu coração e espírito dependem dele para ser feliz e ter uma vida mais completa e eufórica.

— Você vai passar muito tempo longe? — Eu pergunto, sentindo algo muito doloroso machucar meu peito.

Eu não quero que ele vá. Simplesmente não quero.

— Um ou dois dias. — Dá de ombros. — Você sequer vai sentir a minha falta.

Não gosto como sua voz soa insegura e fria. Acontece que já estou sentindo sua falta, mas guardo meus sentimentos em um lugar escuro e balanço a cabeça em concordância.

Permaneço em seu colo, agora agarrada no seu tronco enquanto ouço seu coração batendo juntamente com toda a conversa deles. Me sinto anestesiada com as gargalhadas, principalmente quando as travessuras das crianças se tornam o foco do assunto.

Kalon mantém sua mão ao redor da minha cintura, apertando com força, outras vezes acaricia devagar como quem deixa claro que está me observando. Gostaria de ter apenas alguns minutos sozinha com ele para poder conversar e compreender tudo que está acontecendo.

Quando meu pai chega horas depois, saindo de uma Mercedez, eu me ergo, caminhando na sua direção com mais peso e ansiedade que nunca.

Salih e Adalet seguem atrás de mim e eu ouço Kalon tentando chamar as crianças para vir junto.

— Agapi mou? — Yuri abre os braços. Não penso, apenas pulo em cima dele tentando recuperar todas as coisas perdidas da infância, tentando encontrar qualquer outra memória perdida. — Você está bem? — Ele respira fundo, tremendo de surpresa por receber um abraço tão forte.

— Estou. — Engulo em seco quando minha voz sai embargada. — Estou tão bem. — Respiro seu cheiro que agora me lembra muito da infância.

Não fui a única que saiu quebrada naquele dia, agora vejo que papai também, mas ainda preciso de um esclarecimento para todas as coisas ruins que aconteceram. O motivo para ele ter deixado de ser tão bom e amoroso.

— Yuri? — Eu me afasto devagar quando ouço a voz de Kalon bem atrás de nós. — Seja bem-vindo, sogrinho.

Meu marido está me observando de uma forma estranha, como se eu estivesse o machucando.

— Obrigado, Kalon mou. — Yuri limpa a garganta.

Agora que ele está há quilômetros de distância de Ivan, seu comportamento é mais relaxado e parecido com ele mesmo, ou pelo menos com quem costumava ser.

— Salih e Adalet? É um prazer ver vocês. — Papai caminha até os dois, abraçando-os. — E quem são os dois filhotes de cruz-credo? Deus tenha misericórdia, que crianças feias!

Ele fica de cócoras, olhando para a menininha desconfiada e para o garotinho ainda aprendendo a andar.

— Mert e Zeynep, se vocês fossem meus filhos, seriam a coisa mais linda desse mundo, mas não são, então são feios e vou colocar vocês em um saco.

As crianças gritam, principalmente quando Yuri finge atacar os dois de uma só vez. Eu dou risada porque me lembro quando ele fazia o mesmo comigo e minhas irmãs. O casal solta uma gargalhada sincera como se estivessem acostumados com essa versão divertida e zombeteira do meu pai.

Caminho para mais perto de Kalon, ele está me olhando de um jeito intenso quando seguro seu bíceps e apoio meu rosto no seu ombro.

— Não está gostando daqui? — Pergunta, ainda me olhando. — Por que você está assim?

— Por que está perguntando isso?

— Porque você está me evitando emocionalmente e pulou nos braços do seu pai como se estivesse louca para me deixar. — Fala baixo, me

olhando de um jeito transtornado. — Eu não sou suficiente?

Ele inclina a cabeça para o lado, me dando uma visão perfeita da sua pele bronzeada. Esse homem fica tão lindo de branco que me sinto fraca apenas em ver.

— Kalon… — Balanço a cabeça em negação, me sentindo frustrada por ele estar entendendo tudo errado.

Como vou explicá-lo o que está acontecendo comigo sendo que nem sei o que é?

— Puta merda. — Ele rosna, segurando meu queixo e aproximando sua boca para bem perto da minha. — O certo é Habibi. — Quase morde meus lábios ao desferir as palavras.

— Tudo bem, *Habibi mou.* Você é suficiente, sim. Muito suficiente. — Eu confesso, o alívio invade seus olhos rapidamente e ele respira trêmulo. — Você está satisfeito com isso?

— Nem um pouco. — Balança a cabeça rudemente. — Eu preciso estar dentro de você agora mesmo, foder bastante, para então me sentir satisfeito.

Sinto meu corpo fraquejar de desejo. Um som necessitado sai da minha boca e meus dedos se perdem na sua camisa branca, puxando seu corpo para mais perto do meu.

— Kalon? O que estão cochichando aí? — Adalet interrompe esse momento enquanto balança o seu menininho na nossa direção. — Yuri está esperando.

— Estamos indo. — Kalon aperta os lábios e se afasta, me observando de cima a baixo, roubando todo meu fôlego.

— Arcane, o que acha de dar a mamadeira para o Mert? — Ela balança a mãozinha do garoto. — Preciso ajudar Zeynep a usar o banheiro e Salih vai ficar muito ocupado conversando com Yuri, você sabe como são os homens.

— Eu não tenho muita experiência com crianças. — Falo com receio, de repente o garotinho está maior do que eu imaginava. Ele balança as mãozinhas na minha direção, soltando uma gargalhada animada para ficar no meu colo.

— Você tem medo de cobras, Adalet? — Seguro Scar, retirando-o com cuidado do pescoço de Kalon. — Se não tiver, pode levar ele para o escritório quando for ajudar Zeynep no banheiro?

— Pode deixar, não tenho medo. — Aproxima seu corpo de Kalon para entregar o bebê. — Muito obrigada por ajudarem.

Adalet segura nossa cobra com cuidado e chama por Zeynep. As duas entram em casa e viro meu rosto para apreciar Kalon com o garotinho nos braços.

— Está com fome, Mert? — Sua voz de bebê me faz soltar uma gargalhada sincera. — Quer cerveja? Acho que você já está na idade de tomar uns porres.

Começa a caminhar até a cadeira onde estava sentado anteriormente. Me aproximo quando Kalon me chama com um olhar intenso, ele separa muito bem suas pernas e me faz sentar no seu colo usando a mão livre. Resmungo, tentando descobrir como ele vai segurar um bebê enquanto me tem em suas pernas.

— Vamos lá? Uma cerveja geladinha para o pior Karasai de todos. — Pega a mamadeira e faz barulho de avião, o garotinho abre a boca afoito e agarra o objeto com força, começando a sugar. — Bom garoto, muito diferente do seu pai fodido, não seja nunca como ele, Mert. — As pálpebras do garotinho tremem e Kalon vira seu rosto para me encarar. — Quer segurar ele, amor? — Questiona, vendo que não consigo parar de babar nos dois conversando como bons amigos.

— Ah, não. Não levo jeito. — Minha mão treme quando lembro do meu irmão. Theo foi a única criança que segurei na vida, tudo que consigo pensar é na última vez que o fiz.

Kalon aproxima seu rosto, roubando um beijo da minha boca que me faz tremer, cheia de necessidade por mais. Quero tanto um pedaço dele que chega a ser uma loucura mensurar o quanto.

— Já venho, vou preparar algo para comermos. — Me afasto com cuidado do seu colo e ficando em pé para entrar na casa. Yuri ergue seu rosto, me analisando da mesma forma de sempre, então levanta e caminha na minha direção.

— Me faz um chá? — Me olhando cheio de uma indiferença assustadora. Fico tensa por alguns segundos, mas anuo a cabeça em

concordância e caminho para a cozinha ciente da sua sombra atrás de mim.

— Como minhas irmãs estão? — Abro o armário para procurar pela bebida.

— Ocupadas com Atena. — Analisa meu rosto por algum tempo. Coloco o chá no fogo, separando a erva tília na água que já começa a mudar de cor, possuindo uma tonalidade avermelhada.

— Você está gostando daqui? — Yuri questiona depois de um tempo observando o barulho da água fervendo. — Da Turquia, eu quero dizer.

— Sim. — Não consigo controlar o meu sorriso ao lembrar de todos os lugares que visitei. — Kalon me deixa muito a vontade para conhecer cada lugar dessa cidade.

Uma carranca estranha se forma no rosto de Yuri, ele até mesmo rosna de um jeito assustador quando menciono Kalon. Fico em silêncio por um tempo, começando a lembrar da enorme diferença que existe entre nós.

— Por que está com esse sorrisinho esquisito quando fala nele, hein? — Desliza o dedo indicador por minha bochecha, traçando o sorriso que estava em minha boca agora a pouco.

Sua carranca não se desfaz, ele a mantém mais intensa quando eu fico nervosa. Porra, como o meu pai me maltratou a vida inteira e consegue me ler com tenta facilidade?

— Como sabe que é por causa dele? — Eu questiono, tentando ter uma análise de fora sobre o que está acontecendo comigo.

— Porque você é minha há vinte anos. — Mantém sua voz ríspida. — Eu quem fiz você, e conheço cada traço da sua personalidade porque te amo. Eu sempre conheço quando algo está mexendo contigo, apenas fico em silêncio.

— Mexendo comigo? — Respiro fundo. — Você acha que Kalon de alguma forma consegue…

— Você não quer voltar para casa? — Yuri interrompe minhas palavras, como se pudesse ficar louco caso eu termine de dizê-las. — Você deve estar dodói.

— Não estou... — Aproximo meu rosto para cochichar a última parte que é tão vergonhosa que sinto vontade de rir. — Dodói.

Realmente espero que isso não seja uma doença grave, mas sinto como se tivesse alguma droga no meu corpo e apenas agora está fazendo efeito, me matando com uma overdose severa.

— Não é possível que você esteja… — Ele faz uma pausa, resmungando. — Acho que mudei de ideia, vou matar Kalon e fugir com minhas filhas para algum país onde homens cafajestes são proibidos de existir.

— Nesse caso, você vai precisar se matar quando chegar nesse país. — Levanto meu rosto, soltando uma gargalhada fraca.

O chá faz barulho que está transbordando, eu me apresso para desligar e servi-lo em uma xícara. Respiro fundo, observando a fumaça se dissipando no ambiente.

Meu coração bate desesperado, pedindo por todas as respostas que nunca tive, que ninguém nunca se importou em me dar. Eu sempre tive essa necessidade frágil de ter alguém para me mostrar onde a vida começa, alguém que me dê todas as explicações escancaradas para todas as coisas que aconteceram na minha vida.

— Por que você está me olhando assim? — Saio dos meus pensamentos, ficando um pouco nervosa com sua atenção. — Não quer beber chá turco?

– Quero. — Papai bate os cílios. — Só... Estava com saudades.

Sua garganta parece estar doendo. Tento compreender se isso saiu mesmo da sua boca.

— Você estava com saudades? — Fico mais chocada quando ele concorda.

— Tinha esquecido desse som. Você rindo e falando tão abertamente, como uma menina crescida. Acho que você está bem agora, vai ficar tudo bem. — Me entrega um sorriso conformado e começa a dar as costas com o chá em mãos.

— Espera. — Alcanço seu ombro, fazendo ele girar lentamente para me observar. — Eu consigo me lembrar de tudo agora. Sei que tinha esquecido da nossa infância como um mecanismo de defesa, ou talvez como uma vingança por ter sido colocada naquele presídio, mas agora eu me lembro.

Os olhos de Yuri engrandecem.

— Do que está falando, *agapi mou?* — Limpa a garganta, mantendo uma voz indiferente e sem nenhum resquício de emoção.

— De tudo. Não foi você quem matou o Theo, foi a mamãe, eu vi quando ela disparou, lembro de você chorando… Eu lembro de tudo. — Falo ofegante.

Meu corpo estremece. Yuri aperta os lábios e olha para algum lugar ao seu lado, tentando controlar seus pensamentos. Uma respiração pesada ecoa do seu peito.

— Isso não muda nada, Arcane. — Seu olhar demonstra vulnerabilidade. — Já passou. Eu gostaria que você continuasse sem lembrar, pois isso não muda nada do que aconteceu.

— Claro que muda! — Avanço em sua direção na tentativa de chacoalhar seu corpo e arrancar algum tipo de reação dele. — Eu passei a minha vida acreditando que você era um monstro!

— Eu continuo sendo. — Ele balança a cabeça. — A única diferença é que sua mãe também era.

— Por que você nunca me contou? Todas as vezes que acusei você de ter matado Theo, por que não tentou explicar?

— Porque de certa forma eu acredito que matei ele. — Leva a xícara aos lábios para tomar um longo gole. — Eu não consegui impedir sua mãe, escondi suas irmãs e escondi você, mas não consegui chegar a tempo para salvar seu irmão.

— Por que ela fez isso? Não nos amava? — Preciso dessa resposta para conseguir viver.

— Não, sua mãe era egoísta. Ela matou a própria irmã para ficar comigo e ter o casamento que sempre sonhou. — Eu tremo diante das suas palavras. — Quando descobri, já tínhamos vocês, e briguei com ela todas as noites. Katerina ficou louca, ela queria matar todos vocês e fugir de casa com o pai biológico de Theo. Queria se vingar por eu ter descoberto a verdade.

Mas ela não conseguiu. Yuri foi um herói e conseguiu nos proteger. Agora lembro claramente que ele tomou um tiro nos salvando. Papai pode

ser um monstro, mas existe algo dentro dele que ainda quer ser bom, eu quero acreditar que sim.

— Você acha que ela pode retornar e tentar tudo de novo? Tenho medo que isso aconteça e ela tire tudo que eu quero viver.

Meu pai derruba a xícara como se isso o afetasse, como um tapa forte. Ele está em choque e isso está estampado no seu rosto. Essa é a expressão mais intensa que ele esboça em anos.

— Está tudo bem? — Me afasto para longe dos cacos. — Você ficou… Sombrio.

— Sua mãe não pode voltar! — Afirma, agachando no chão para pegar os cacos. — Não enquanto eu estiver vivo e enquanto Kalon estiver protegendo você. Katerina não tem mais nada pelo que voltar.

— Mas por que você está tão nervoso?

Me abaixo para ajuda-lo a recolher os pedaços, mas de repente, Yuri solta um palavrão feio e abandona todos os cacos, se erguendo e me olhando de cima.

— Deixe isso e vamos. — Estende a mão na minha direção. — Venha dar uma volta comigo, Kalon vai precisar sair em alguns minutos, de qualquer forma.

— Para onde ele está indo? Consigo perceber quando alguém está mentindo, e aqueles dois de fato estão. De verdade, por que você está aqui?

— Eles vão encontrar Kol. — Me olha de uma forma indecifrável. — Seu cunhado é o melhor caçador desse continente, eles precisam caçar e eu preciso manter você em segurança até que retornem.

— Caçar o que? — Pergunto mais alto, me sentindo sufocada com todas as informações pela metade.

— Prometo que explico mais tarde, agora você precisa me acompanhar, Arcane. — Fala em um tom de voz calmo, me fazendo ficar agoniada quando atravessamos o jardim e não vejo mais ninguém.

Olho ao redor, o carro de Kalon desapareceu, assim como o de Salih. Me sinto como uma criança que foi enganada pelos pais para poder ficar na creche sozinha e se acostumar com o novo ambiente.

Minhas pernas fraquejam pelo sentimento de abandono e confusão. Toda aquela conversa sobre dar a mamadeira, sobre preparar a porra do chá,

tudo foi uma forma de distração para que eu não visse eles saindo, para que eu não os seguisse.

— Canalha! — Bato no braço de Yuri, desejando que ele me solte, que apenas me deixe sozinha.

— Vamos andando, Arcane. — Insiste, me empurrando para entrar no seu carro. — Você pode gritar e bater o quanto quiser, mas isso é para o seu bem.

— Custa apenas me explicar? — Vocifero, odiando esse sentimento sombrio e angustiante que se intensifica a cada minuto que o carro se afasta da nossa casa. — Pare o carro! — Grito, tentando segurar suas mãos no volante.

— Arcane! — Ele tenta me afastar, o carro derrapa e faz um barulho feio.

— Apenas pare o carro! Pare agora! — Bato nas suas mãos. Minha garganta dói e meus cabelos estão bagunçados quando ele finalmente para no meio do asfalto.

— Que porra você tem na cabeça, garota?!

Meu corpo está tremendo quando abro a porta e pulo no chão, correndo até o outro lado da rua e abrindo os braços para Páris que estava brincando com uma bolinha.

— Páris, venha aqui, filho! — No mesmo instante o enorme Golden vem correndo e pula em meus braços. Respiro de alívio, fechando meus olhos e segurando ele em meus braços como se fosse o meu conforto.

— Arcane, agora entre no carro! — Yuri caminha na minha direção, segurando meu braço e me fazendo andar contra minha vontade.

Meu cachorro solta um latido insatisfeito, mas acalmo seus nervos deixando alguns beijos no seu focinho. Yuri fecha a porta com força quando estou dentro, então volta a dar a partida, me olhando de forma furiosa.

— Você não deve sair do meu lado até que eu decida, entendeu? — Me observa como se pudesse enlouquecer a qualquer momento. Solto uma risada debochada para o seu comportamento abrasivo. — Eu prometo que vamos conversar sobre isso, mas primeiro precisamos encontrar um lugar seguro.

— Um lugar seguro para o que?! — Começo a tremer e sentir dificuldade para respirar corretamente. — Você pode uma única vez explicar o que está acontecendo?!

— Estão tentando matar você! — Grita alto, praticamente rosnando. — Kalon está impedindo que isso aconteça de todas as formas, então você precisa apenas calar a boca e fazer o que eu peço!

Meu sangue esquenta, meu coração bate acelerado. Entro em choque, sem conseguir desviar meus olhos da figura de Yuri. O homem gira o volante com força, fazendo curvas tão perigosas que meu estômago embrulha.

Suas palavras batem dentro do meu peito, causando um nó doloroso em minha garganta. De alguma forma, ele ainda não se calou. Continuo ouvindo seu grito exausto dentro da minha cabeça.

— Por que querem me matar? — Minha voz rouca. — Não estou entendendo.

Yuri aperta os olhos como se estivesse buscando por controle, suas mãos estão tremendo quando ele faz outra curva perigosa. Respiro fundo, olhando para trás na intenção de descobrir se estamos sendo seguidos ou alguma coisa desse tipo, mas antes que eu tome alguma conclusão, ele descansa sua mão por cima da minha.

— Arcane. — Fala meu nome como se nunca tivesse dito. Tenho medo desse som. — Eu e Kalon fizemos um acordo para tirar você daquela prisão, porque a Cúpula estava determinada a matá-la depois do que fez com Nikoleta. No começo, Kalon aceitou porque prometi que daria respostas sobre a morte de Azra. Mas ficou claro que depois que te viu, Kalon desenvolveu uma imensa obsessão.

Meus ouvidos chiam conforme meu pai continua falando. Meu corpo fica cada vez mais pesado e cada curva do carro é um pedaço da minha alma que ele está arrancando. Estou em choque, nunca passou pela minha cabeça que Kalon foi quem me tirou de lá. Sempre acreditei que eu estava sendo expulsa.

— Arcane mou, está me ouvindo? — Yuri balança a mão na minha direção. Viro meu rosto para observá-lo melhor, mas está tudo desfocado por causa das lágrimas. — Kalon salvou você porque implorei por isso,

porque não foi você quem matou sua madrasta, fui eu. Eu a matei no dia em que tentou jogar vocês da janela.

A Páscoa Sombria, minha cabeça tem apenas alguns flashes daquela noite. Lembro de Yuri entrando pela porta da frente, procurando por nós dentro do fogo e ajudando Melissa a respirar.

— Porque? — Tremo, choramingando com força. — Como você pode ter feito isso comigo? — Minha voz está falhando pelo choro desamparado. — Que tipo de pai é você? Eu era apenas uma criança! Eu não merecia passar por nada daquilo!

Levo a mão ao peito, engasgando. Fui torturada dentro de um presídio psiquiátrico por causa dele, fui tratada como uma pessoa louca e incapaz de viver na sociedade. Eles fizeram eu me sentir como uma aberração, uma criatura descontrolada que não merecia a liberdade. Sonhei todos os dias em ser livre, em construir minha vida, conformada com a ideia de ter perdido metade do que eu tinha antes daquele lugar sombrio.

— Se você tivesse assumido a culpa, eu nunca teria matado minha amiga. — Grito alto, me debatendo no banco quando a dor é intensa demais, ao ponto de se tornar física. — Nunca teria ficado longe das minhas irmãs, ou seria perseguida por um fantasma assustador.

Uma dor que carrego por anos, que controlei atrás das grades, que engoli calada e não ousei expor, mas que agora vem à tona e não consigo segurá-la. Levo as mãos à cabeça, sentindo que ela pode explodir a qualquer momento. Me curvando para frente.

— Por que fez isso comigo?! — Aperto meu pescoço quando começo a tossir. — Você viu sua filha pequena sendo jogada em um presídio por causa de um crime que você cometeu.

— Você não entende? — Freia o carro com força, me fazendo erguer minha coluna para olhar em sua direção. — Eu não tive escolha, *agapi mou.* Seria melhor ficar sem uma das minhas filhas, do que todas elas ficarem sem um pai e serem brutalizadas de uma forma que não consigo sequer descrever.

Me olha com tanta raiva e pesar que fico trêmula.

— Você assumiu a culpa na frente deles quando perguntei do incêndio, você estava assustada quando confrontei Melissa sobre a discussão que tiveram com Cintia porque descobriram que ela estava

grávida e queria matar vocês. — Ele segura meu braço com força, fazendo meu corpo girar no banco até que o encaro de frente. — Meu único plano, naquele momento, foi deixá-la ir para a prisão e depois daria um jeito de tirar. E eu fiz isso, Arcane. Fiz um pacto com Kalon para que você fosse salva.

Meu corpo enfraquece com suas palavras e atiro a cabeça de um lado para o outro, sentindo aflição e ao mesmo tempo alívio.

— Esse casamento, Arcane, só aconteceu porque era a única forma de você ser livre. Kalon destruiu a prisão para que em troca você pudesse ter filhos, viajar, fazer novos amigos e ser uma pessoa normal.

— Então, quer dizer… — Tomo fôlego. — E aquela história de que eu precisava proteger Atena?

— Inventamos aquilo. Era uma mentira para você se acostumar com a vida que temos, porque seria muito agressivo tirar você da prisão já com a ideia do casamento, eu precisava preparar você antes. — Afrouxa seu aperto no meu braço.

Eu fecho meus olhos e choro alto. Kalon fez toda aquela matança por mim, todo esse tempo ele estava cuidando da minha vida, abrindo a porra do caminho para que eu pudesse encontrar minha liberdade. Em nenhum momento eu pude enxergar que ele estava sofrendo toda vez que o rejeitava, que gritava com ele e dizia odiá-lo. Meu homem estava apenas tentando me entregar a vida que sempre sonhei.

— Por que ele nunca me disse? — Tento respirar, mas outra onda de choro me invade.

— Porque a Cúpula colocou na cabeça dele que nada disso importa. Que você vai continuar odiando-o mesmo sabendo de tudo que ele fez para te salvar.

— Mas eu não odeio ele, papai. Não consigo sentir ódio por Kalon já faz um bom tempo. — Expulso esse monstro para fora, grito as palavras em bom tom, tremendo depois que cada sílaba. — Eu não odeio ele!

— Eu sei que não, meu amor. — Ele passa sua mão ao redor do meu corpo, me puxando para um abraço tão apertado que meus ossos ficam frágeis. — Eu conheço você mais que tudo no mundo, sei que você não odeia ele, por mais que tenha tentado.

Escondo meu rosto em seu peito, grito alto e choramingo como se tivesse voltando a ser aquela criancinha incapaz de se proteger sozinha. Yuri agarra minha cintura, me puxando com força até que estou deitada no seu colo. Ele me aperta com força, beijando minha testa e permitindo que eu coloque para fora todo esse emaranhado de sentimentos confusos e tão intensos que não consigo controlar meus gritos.

Estou quebrada com o fato de saber que Kalon me manteve ao seu lado esse tempo inteiro, não porque é apenas obcecado por mim ou porque consegue tudo que quer, mas porque estava me protegendo. Ele estava fazendo tudo ao seu alcance para me manter livre. Sem pedir nada em troca.

— Porque isso dói tanto? — Sufoco. — Essa é a dor mais inconsolável que já senti na vida.

— Porque quando o amor é negligenciado por muito tempo, quando é ignorado e tratado como uma criatura monstruosa, ele fica tão pesado que faz a gente chorar muito. — Fala cheio de convicção. — O amor é sensível e abrasivo, nos faz sofrer para pagar por todo o tempo perdido, pois ele não passa de uma criança que precisa de muita atenção para crescer. Essa é a verdade triste, quando demoramos para aceitá-lo, ele se sente injustiçado, quebrado e abandonado. Então ele inflama e machuca até ser vomitado para fora do nosso peito.

— O que faço então? — Engulo um soluço. — Uma pessoa como eu merece viver algo assim?

— Você merece, agapi. Foi feita exatamente para isso. Quando segurei você nos braços pela primeira vez, foi uma vida assim que desejei para você. Se é isso que você precisa ouvir para aceitar o seu amor por Kalon Somáli, então saiba que o amor nada mais é do que a liberdade plena quando o confessa em voz alta. Não será uma prisão, Arcane. Todo aquele pesadelo já passou, você pode seguir em frente agora.

Aceitar algumas coisas e mudanças é um processo doloroso como um parto, porque aceitar significa que estamos nascendo de novo, que estamos renunciando as coisas velhas para dar espaço às novas.

— O que eu faço agora que sei que amo muito ele?

— Você chora, meu amor. Chora até sentir coragem para falar olhando nos olhos dele. Chora por todo o tempo perdido, por todos os dias em que o sentimento foi reprimido.

Meus ombros balançam e meu rosto se perde entre a camisa amarrotada do meu pai. Libero todo esse sentimento entalado na minha garganta, grito e deixo tudo ir embora. Me liberto de todo o passado sombrio, libero todas as minhas culpas e todo o medo entalado na garganta por ter passado tantos anos em uma cela escura.

Choro tanto nos braços do meu pai que em algum momento acabo adormecendo. Abro meus olhos devagar quando sinto ele me carregando, resmungando uma canção antiga e um pouco assustadora por causa da sua voz grave.

— Sabe quem quer me matar? — Essa é a primeira coisa que pergunto.

— Acredito que seja sua mãe. Pensei nisso depois da nossa conversa na cozinha, acho que ela voltou porque sabe que você saiu do presídio.

Olho ao redor, percebendo que estamos em um quarto simples. A janela aberta traz para dentro o som das crianças brincando de bola na rua. Está escurecendo e as paredes brancas possuem uma nuance azulada.

Sinto frio e saudades de Kalon.

— Eu quero ele. — Sussurro. — Você pode me levar até Kalon? Não importa o resto, preciso apenas ver ele. — Imploro, segurando sua mão no momento que ele me deita na cama e envolve meu corpo com cobertas brancas. — Preciso confessar que o amo antes que seja tarde demais.

— Esse bairro é o lugar mais seguro de Istambul para ficarmos agora. Ele é antigo e desconhecido. — Yuri balança a cabeça em negação, me olhando de um jeito profundo. — Kalon sabe se cuidar, Kol está com ele, então vão conseguir rastrear sua mãe, ou quem quer que seja, e vão dar um fim nisso tudo. Depois disso, você pode dizer o que quiser.

Fico em silêncio, me movimentando para ficar sentada na cama. Páris para de farejar o tapete vermelho e vem correndo na minha direção, pulando na cama e se escondendo nas coberturas.

— Você não está preocupado que ela vá atrás das meninas? — Me sinto apavorada com a ideia de perder alguma delas. — Tem mesmo certeza que é ela?

Yuri se ergue, caminhando até a janela aberta para ver as crianças jogando bola. As cortinas balançam suavemente, fazendo uma brisa fria entrar no quarto.

— Sua mãe é a única com um motivo forte para matar você, Arcane. Essa era a missão dela antes de fugir. Matar você e suas irmãs. — Ele me olha de relance. — Além disso, todos aqueles bilhetes, as ameaças muito bem arquitetadas, só podem ter sido feitas por uma mulher. Uma mulher muito louca e vingativa como Katerina. Mas suas irmãs estão seguras com Atena, não tem como alcançá-las na Grécia, e Kalon recebeu uma ameaça aqui, de alguma forma ela descobriu para onde você veio e deve ter te seguido.

Isso é muito exaustivo para acompanhar. Me sinto exposta, como se qualquer movimento pudesse desencadear o nosso fim, e não quero isso, quero que tudo fique bem e normal como estava antes.

Corro as mãos por meus cabelos, tentando encontrar estabilidade para não ficar abalada com a notícia que minha própria mãe, a mulher que não vejo há anos, voltou para me matar.

— Kalon já sabe que é ela? Você deve avisar para que ele volte logo. — Insisto, olhando para o celular no seu bolso.

— Eu liguei para ele enquanto você dormia. — Yuri responde, afundando as mãos no seu bolso e encarando a rua como se fosse a coisa mais interessante para fazer.

— Não vou aguentar ficar aqui enquanto ele está lá fora. — Pulo da cama, caminhando de um lado para o outro. — Por favor, faça alguma coisa, eu vou ficar louca.

Preciso encontrar Kalon e falar o que sinto, preciso tocá-lo, ver seu rosto agora que tenho um nome para definir esse sentimento no meu peito.

Yuri caminha na minha direção, fazendo uma careta irritante.

— Sente e espere. — Aponta para uma mesa de madeira do outro lado do cômodo. — Se estiver com fome, coma kebab quente.

Arrumo meu vestido e respiro fundo. Meu estômago está embrulhado. Encaro a comida sem nenhuma vontade de comê-la, mas me forço a colocar um pouco para dentro quando lembro que não me alimentei de nada o dia inteiro.

As horas se passam, Yuri permanece de pé e na mesma posição encarando as ruas do bairro. Fico inquieta, não consigo pregar o olho mesmo que esteja morrendo de sono.

Fecho meus olhos, me sentindo magoada por sequer ter beijado sua boca, ter encontrado tempo para olhar em seus olhos e ouvir todas as palavras que ele sempre tem a dizer sobre mim.

Um vazio doloroso se espalha no meu peito. Meu coração está gritando comigo, me torturando para encontrar Kalon, para falar que o amo. Não posso esperar mais nenhum momento. Preciso olhar para ele e dizer que me sinto grata por ele ter salvo a minha vida.

Eu levo a mão ao peito. Parece estranho, mas consigo sentir que o coração dele está batendo do outro lado da cidade, esperando por mim.

Meu espírito grita que eu devo ir ao seu encontro:

Dá tempo de ir correndo, Arcane. Você precisa correr. Comece a correr, porra.

— Por favor. — Caminho até Yuri. — Estou com um mal pressentimento, papai. Faça isso por mim, apenas isso, em nome de tudo que perdemos. — Balanço a cabeça, sentindo minha garganta doer. — Eu não quero perder Kalon também, sinto que se não for encontrá-lo agora, isso pode acontecer.

— Tudo bem, Arcane. — Ele respira fundo, se afastando com cuidado. — O dia já está amanhecendo, então vamos.

— Mesmo? — Tremo de alívio e ansiedade.

— Se é disso que seu coração precisa para sentir paz. — Aponta ao redor. — Vamos de uma vez.

35. ESTE É SEU MUNDO DE JUSTIÇA?

“Olhe ao redor! Foi aqui que o caminho do ódio nos trouxe!”
— POCAHONTAS.

Kalon Somali

— Não acredito que você ainda não contou para Arcane, o que está esperando? — Kol está trabalhando comigo desde que colocou os pés em solo turco.

Salih está ao seu lado, debatendo sobre alguns assuntos que meu irmão perdeu enquanto estava na Grécia.

— Ah, calem a boca! — Sinto vontade de estrangulá-lo, juro que faria sem pensar duas vezes caso não estivesse tão concentrado em caminhar por entre a mata fechada.

Minhas botas afundam em algo duro e faço uma careta. Tem tanta pedra nesse lugar que sinto vontade de atirar algumas na direção do meu irmão irritante.

Os dois estão conversando como se estivéssemos em um bar e não controlando vários cães farejadores para seguir a pista que foi deixada na minha porta. Estamos rastreando não apenas o bilhete, mas a cabeça também.

Meu irmão é perfeccionista, fez vários testes para encontrar algum DNA no papel e no cadáver, em seguida, puxou as imagens de segurança não apenas do bairro onde estamos morando, mas de todos os lugares em Istambul por onde eu e Arcane estivemos nos últimos dias.

Desde o aeroporto até a vez que pulamos na água para reconstruir nosso espírito.

— Tenho pena da Arcane. — Lamenta.

— Você pode tirar o nome dela da sua boca? — Viro meu rosto na sua direção. — Não estou de bom humor.

— Kalon acha que Arcane pode rejeitá-lo se souber a verdade. — Salih responde, ignorando minha ameaça furiosa. — Ele acredita que nada vai mudar quando ela souber, mas porra, dá pra perceber que a menina sente alguma coisa por ele.

Meu coração sufoca, latejando como um louco em busca da atenção dela, da sua afeição. Corro a mão por meus cabelos, tentando respirar corretamente e não vacilar.

Não posso baixar a guarda para pensar em Arcane agora. Eu preciso protegê-la.

— Vou contar para ela depois que eu destruir a pessoa que quer matá-la. — Olho na direção de Salih. — Não é nada do que você está falando, quero apenas fazer as coisas do jeito certo. Quero a segurança dos acontecimentos, e agora não é um momento seguro.

— Ele já se perdeu na narrativa. Qual é, Kalon. — Salih solta uma risada. — Você tem medo de confessar agora e ela ser arrancada de você, por isso está tão desesperado para encerrar esse tópico de uma vez.

— Medo de confessar que a ama. — Kol enfatiza, fazendo arrepios subirem por minha coluna.

Arcane e amor na mesma frase. Sinto que vou enlouquecer.

Fecho os olhos, suas palavras me afetam mais do que consigo expressar. Meus ossos estão tremendo quando a realização das suas palavras

atravessam cada célula do meu corpo.

— Vocês podem apenas ficar concentrados no que estamos fazendo? — Eu falo com mais fúria. — Yuri me ligou no meio da madrugada, disse que tem certeza que é a mãe de Arcane o stalker.

— Se for ela, se vocês acreditam que é ela, preciso dizer que uma mulher não andaria por essa floresta sozinha. — Kol responde, caminhando para o lado na intenção de desviar de uma árvore grande. — Tenho certeza que tem um homem por trás disso, pense um pouco, Kalon.

— Quer compartilhar alguma coisa sobre isso? — Viro meu rosto na sua direção. — Se você souber de alguma coisa que vai nos ajudar muito, a hora é agora.

— Na verdade, quero compartilhar que não acredito que fui forçado a sair da minha casa sob aquela ameaça ridícula. — Kol me olha de um jeito feio. Um brilho raivoso e cheio de críticas invade seus olhos. — Salih disse que você surtou, que tinha matado a esposa dele e os filhos e que estava prestes a arrancar sua cabeça em uma execução a céu aberto, com todos os membros da organização dele assistindo.

— Porra, Salih! — Viro meu rosto na sua direção, não conseguindo decidir se fico grato pela jogada certeira ou chocado por ter cruzado a porra da linha. — Você considerou mesmo o meu pedido para ser dramático.

— Ora, eu não brinco em serviço. — O homem balança a cabeça e dá de ombros, levando seu cigarro aos lábios e dando uma demorada tragada. — De qualquer forma, era o que eu faria caso não fôssemos *próximos*, mataria para todo mundo ver.

— Maníaco. — Falo ríspido, voltando a olhar para Kol. — Você tem certeza que rastreou certo?

Começo a duvidar de qualquer possibilidade de estarmos no caminho certo. Quando Kol rastreou as câmeras, viu que tinha um carro rondando a rua perto da nossa casa e que estava nos vigiando até o momento que Arcane e eu entramos em casa. E como nós entramos pela porta que leva ao mar, ela não viu a caixa na entrada principal.

— Eu passei malditas horas vendo cada câmera de segurança por onde esse carro passou. — Kol fala ríspido. — Nunca falhei. Tenho certeza que ele veio parar nessa fazenda.

Estamos caminhando por uma floresta fria e tão assustadora que sinto minhas costas arrepiarem. Tenho a sensação que estou sendo seguido, que alguém está me observando entre as árvores. Mas me distraio com os cães que latem com ferocidade, avançando para frente, sempre na direção das árvores densas.

Salih confia tanto nas habilidades de Adalet que deixou aquela mulher sozinha na fazenda para lidar com qualquer ameaça que possa surgir enquanto estivermos aqui.

Uma única mulher esperando para matar homens que querem nos destruir, e ele está tranquilo como se a ameaça fosse ela, não eles.

Ada sequer demonstrou medo quando os cães ficaram loucos para entrar dentro da floresta aberta e nós decidimos nos preparar para ver até onde eles chegariam.

Isso foi há duas horas e ainda não paramos de andar.

— Não está preocupado que Adalet esteja em perigo? — Está quase amanhecendo completamente, mas a floresta ainda está escura. — Nós passamos a madrugada nessa brincadeirinha de cães.

— Adalet já tentou me afogar dentro de uma banheira. — Sombra solta uma gargalhada ríspida. — Já deu um tiro no meu peito, me abandonou em outra cidade para conseguir fugir e ajudar o melhor amigo do seu irmão, depois disso, eu achei que ia ficar louco por não conseguir achá-la, mas a doida matou várias pessoas só para aparecer nos jornais e eu ir atrás. E essa nem é a parte mais louca do nosso relacionamento, pois quando eu estava morrendo, ela me trouxe a vida com as próprias mãos. Ter medo de perdê-la é a última coisa que ocupa minha cabeça, Ada sabe se cuidar.

O homem tem um sorriso no rosto que só vejo em cachorros na coleira.

— E aquela história que você disse a minha mulher? — Eu questiono. — Sobre vocês terem escolhido um ao outro desde o começo? Que estavam apaixonados desde o começo?

— Você é um tolo se acredita que não forcei ela a ficar comigo. Fizemos as coisas do nosso jeito. Adalet mais ainda. Mas, por ser assim, não significa que nunca escolhemos um ao outro. — Sombra soa como o último romântico da face da terra. — Eu escolho ela todos os dias.

— Ah, Deus! — Kol vibra, erguendo o rosto para o alto. — Que tipo de pecado eu cometi para precisar ouvir dois imbecis debatendo sobre o quanto são obcecados por suas mulheres? Eu vou me matar, ouviu?!

— Vamos nos separar para cobrir toda a área e depois voltar para a fazenda. — Puxo meu sobretudo para cobrir melhor meu corpo. — Acabou o papinho terapêutico, estou com nojo de vocês.

— Idiota. — Salih ri. — Eu vou por aquele lado, sou mais rápido que vocês e o Taro está querendo avançar sozinho. — No mesmo instante, seu telefone começa a tocar, despertando o sentido dos animais. — Que estranho, Yuri está me ligando, vou dar uma olhada nas redondezas e atender.

— Me fale imediatamente. — Meus olhos marcam seu rosto. — Qualquer coisa sobre Arcane eu quero ser o primeiro a saber.

— Você é muito impaciente. — Kol resmunga quando Salih se afasta. — Isso vai acabar te matando, Kalon.

— Não, isso vai acabar me fazendo matar alguém. — Quando fica difícil atravessar o mato, uso o machado que tenho por cima do ombro para cortar o emaranhado de galhos. — Me pergunto quando esses cachorros vão parar de farejar, eles estão ávidos por algo.

— Vão ficar quietos apenas quando investigarmos toda essa floresta. — Kol responde, tendo a determinação de um deus para finalizar sua caçada.

— Kratos, você precisa se acalmar. — Reclamo, tentando domar essa besta selvagem que foi criada por Kol, o que significa que ele não consegue obedecer ninguém além do seu dono que instiga seus instintos selvagens. — Vai acabar arrancando meu braço com tanta força, seu fodido.

Respiro fundo, cada palavra é em vão. O animal está descontrolado e quase partindo a coleira com sua força.

— Kol, pode fazê-lo se acalmar? — Olho para o lado quando não ouço sua resposta e nem seus passos. — Porra. Kol? — O frio úmido sobe por minha coluna. — Por que parou de andar? O que está fazendo?

Kol Davut está conversando com seu enorme Rottweiler como se o animal fosse seu amigo mais antigo.

— Estou contando um segredo para Bones, um segredo que você ignorou. — Segura o focinho do animal que parece muito ameaçador nessa posição de ataque.

— Que segredo, seu idiota? Juro que a maconha está afetando o seu cérebro, Davut Somáli.

Seguro a coleira com força, procurando algum controle sobre meu cachorro que está rosnando. Kratos firma suas patas no chão, louco para avançar. Meus pés deslizam no chão molhado.

— Estou dizendo para Bones… — Kol fica de cócoras, liberando a coleira entre seus dedos e permitindo que Bones avance. O animal desaparece entre as árvores, latindo ferozmente. — Que ele pode estraçalhar o homem que está nos seguindo.

Seu queixo aponta para as árvores atrás de nós. O ponto exato que estava me incomodando minutos atrás.

— Porra. — Solto a coleira e seguro o machado com as duas mãos, me posicionando para lutar. — Cacete.

— Você percebeu isso e deixou passar, Kalon. Agora quero que Bones arranque a cabeça dele com os dentes.

Suas últimas palavras foram o suficiente para um grito angustiado ecoar pela floresta. Seu cachorro está latindo como uma besta, e o meu o acompanha, já livre do meu aperto.

— Onde estão as armas? — Questiona, percebendo que acabamos de encontrar o que os cães estavam farejando. — Vamos matar todos e deixar apenas um vivo para interrogatório.

— Tô começando a acreditar que foi apenas um plano para nos afastar da cidade e pegarem Arcane. — Rosno. Quero abandonar tudo e correr ao seu encontro.

Como caímos nessa?

— Salih! — Viro meu rosto na sua direção.

Ele está há alguns metros de distância.

— Se o plano era pegar Arcane, seria um fracasso para eles pois Yuri já está vindo pra cá. — O loiro caminha até nós. — Estava imaginando isso há um tempo, então resolvi partir para um plano B.

— As armas, Kalon! — Kol grita enquanto os cães fazem a maior parte do nosso trabalho ao derrubar alguns homens e atacar partes vitais deles.

— As armas estão no carro, mas quem precisa disso quando se tem um machado em mãos? — Balanço a arma na direção do primeiro homem que chega perto de mim.

Golpeio o machado contra seu rosto, fazendo-o tombar no chão em um baque seco. Não consigo controlar uma gargalhada cheia de adrenalina quando sinto o sangue escorrer pelas minhas bochechas.

Aperto meus olhos, ainda sufocando de rir quando minhas costas batem contra as de Kol.

— Você quer parar de rir? Está deixando eles nervosos. — Meu irmão cochicha, formulando alguma estratégia para derrubar dois de uma só vez.

— Foi engraçado o jeito que arranquei a cabeça dele. — Me defendo, ainda com com um sorrisinho nos lábios.

Kol me ignora para bater seu machado nas costas de um dos homens, que cai, mas ainda assim continua acertando-o pois é perfeccionista e só acredita quando consegue arrancar o coração com a parte pontuda da lâmina.

Como se não bastasse a matança, seu cachorro retorna com um braço preso entre os dentes. Literalmente um braço. Desde os dedos até o cotovelo.

Faço uma careta, não acreditando na força que essa criatura tem, mas logo uma gargalhada explode da minha garganta quando ele joga parte do cadáver nos pés de Kol, pedindo aprovação como se fosse um bom garoto.

— Mandou bem, filho. — Meu irmão se abaixa para beijar o focinho do animal, ignorando completamente as manchas de sangue.

— Fala sério. — Tomo fôlego, não acreditando no que nos metemos. — Um cachorro acabou de matar uma pessoa com a porra dos dentes e você está o beijando como se fosse um graveto.

— Atrás de você. — Kol aponta com o machado, me fazendo girar e bater a parte de madeira no nariz do homem.

Ele grita, tropeçando para trás e tentando estancar o sangue que espirra.

— Que coisa boba. — Fico entediado com a facilidade que ele está morrendo aos meus pés. — Cale a porra da boca.

Dessa vez acerto seu rosto com a lâmina, e estremeço quando sua cabeça parte pela metade.

O silêncio reina.

Kol volta a se posicionar atrás de mim, derrubando vários homens ao mesmo tempo e recebendo ajuda dos seus cachorros. Salih, pelo contrário, não gosta de lutar em dupla.

Ele usa seu corpo para cair em cima dos homens, rolando no mato tão alto que chega a bater em nossas coxas. Esse homem é tão descontrolado que fica difícil acompanhar seus movimentos, apenas os sons guturais enquanto os dois cães o ajudam a desmembrar os inimigos que mal têm tempo de gritar antes de serem decepados.

Passam-se trinta minutos, até que o último homem desaba no chão e eu respiro fundo. Inclino minha cabeça para o alto, usando toda a minha energia para controlar a adrenalina que corre por meu sangue e me faz soltar gargalhadas grotescas.

— Isso foi revigorante. — Observo com interesse quando Kol caminha por entre o mato sujo de sangue e bate seu machado repetidas vezes contra os corpos mortos.

— Fala sério, eu matei esses daí. — Salih aponta com o machado, mostrando a imensa diferença e falta de cuidado com os golpes raivosos. — É claro que estão mortos.

— Ainda não estou satisfeito com a morte deles. — Meu irmão responde como a porra de um maníaco.

Os ignoro, olhando ao redor mais uma vez para ter certeza que eles realmente estão mortos. Empurro o cabo do machado no chão molhado e tento limpar minhas mãos, tirando meu sobretudo e ficando apenas com as roupas brancas.

— Precisamos retornar. Temos que começar a correr até encontrar a fazenda. — Abandono o tecido rasgado perto do cachorro que me olha com a língua de fora. Faço uma carranca para ele.

Um estalo ecoa na floresta quando começamos a nos movimentar para ir embora, então, uma figura surge por entre as árvores.

Evren.

— O que está fazendo aqui? — Fúria consome meu corpo e não perco tempo para avançar na sua direção.

— Quem você acha que armou todo esse espetáculo? — Ele ergue a mão para me deter. — Calminha aí, Kalon, ou mato a mulher.

Aponta para um homem encapuzado que arrasta Adalet com uma arma na sua cabeça. A mulher está suja de sangue, principalmente suas mãos, o que significa que ela lutou muito antes de ser capturada.

— O que você fez? — Aperto os dentes.

— Busquei um inimigo em comum da família Somáli. — Ele me olha de um jeito raivoso. — Você não devia ter me expulsado daquele jeito. Eu investiguei a fundo e descobri que seu pai tem um grande inimigo que ainda não conseguiu eliminar.

— Porra. — Kol rosna, me fazendo olhar na sua direção. — Que porra você fez, homem?

— Um acordo muito justo. — Ignora a raiva que emana do meu irmão mais velho e sorri. — Em breve vou revelar com mais detalhes, mas, por hora…

— Deixe Adalet. — Tento avançar em sua direção.

— Qual é, Kalon. — Evren aponta sua faca na minha direção. — Eu realmente estava disposto a ajudar sua família em relação a pessoa que está tentando matar Arcane, porém, achei mais lógico mudar o jogo ao meu favor. Nos encontramos dias atrás e ele me ajudou a criar essa imensa emboscada. — Abre os braços. — Sou apenas um mensageiro do chefe, ele dá a minha parte, e em troca, eu elimino toda a família Somáli.

— Como pôde se vender desse jeito? — Balanço a cabeça em reprovação.

— A ocasião é quem faz o ladrão. — O homem balança a cabeça em deboche, mostrando o quanto ele consegue ser baixo. — Agora, quem vou matar primeiro? Talvez a bruxinha, como vingança por ter me dado muito trabalho.

Adalet grita alto quando o homem aperta seu pescoço, marcando sua pele com as unhas. É necessário Kol se meter na frente de Salih para ele não fazer nenhuma besteira.

— Você está nervoso, Sombra? — Evren questiona.

— O seu erro foi tocar na minha mulher. — Salih rosna, apertando o machado com as duas mãos e encarando o homem que mantém Adalet sob ameaça. — Vou me banhar no seu sangue, Evren. Vou estraçalhar seu corpo, sua alma, e isso vai ser tão insuficiente que vou procurar por todos os membros da sua família e fazer o mesmo com eles.

Meu amigo está respirando fundo como se a qualquer momento fosse capaz de realizar suas palavras. Avanço lentamente, percebendo que essa ameaça fez Evren vacilar.

— Deixe Adalet. — Ergo as mãos para apaziguar a situação. — Nós vamos com você, eu vou. — Aponto para o meu peito. — Faremos o que quiser, mas deixe ela.

— Não, não. As coisas vão funcionar do meu jeito. Foi necessário três homens para domar essa bruxinha, não vou soltá-la tão fácil. — Cospe as palavras. — Ela é feroz, Sombra. Vai ser um prazer matá-la na sua frente.

Isso é tudo que diz quando se aproxima por trás do homem que segura Adalet e assume o controle, colocando-a de joelhos. Ada chora, entendendo o que está acontecendo quando Evren segura a arma na sua testa.

O tempo fica inerte. A floresta está mais escura e sufocante, e esse é o momento mais longo e mais curto das nossas vidas.

— Não, não faça isso. — Tento intervir quando a arma é destravada.

Kol me olha cheio de perturbação.

— Não faça isso. Me mate no lugar dela, mas não faça isso. — Meu amigo avança, balançando a cabeça em negação. A aflição e desespero enchem seus olhos de lágrimas.

— *Um... Dois...* — Evren conta.

— Ela não fez nada contra você, Evren! Nós temos dois bebês, não faça isso conosco! — Salih toma fôlego, suas palavras saem engasgadas pela urgência.

— *Três…*

— NÃO, PORRA! — Ele perde o controle. — *ASKIM!*

Viro o rosto e aperto meus olhos quando a arma dispara. O silêncio reina. Solto minha respiração e tudo fica turbulento quando um único grito assombra todos os pássaros e até mesmo a porra dos cachorros ferozes.

Porra. Não. Evren realmente matou ela. Meu coração dispara, viro minha cabeça para inspecionar o corpo da minha amiga caído no chão, e meu sangue congela.

— Kol? — Engasgo, vendo meu irmão jogado por cima de Ada. — Kol?! — Caminho aos tropeços, ajoelhando no chão e empurrando o corpo do meu irmão para sair de cima do dela. — KOL? — Grito mais alto, minhas mãos tremem.

Não consigo distinguir de quem é o sangue, mas os dois estão de olhos fechados. Salih ajoelha ao meu lado como a porra de um fantasma que se materializa do nada.

— *HAYIR! HAYIR!*[32] — Ele grita, puxando o corpo mole de Adalet para deitar em suas pernas. Evren assiste tudo enquanto solta gargalhadas grotescas. — *Yardim edin! Tanrım, bir şeyler yap! Aşkım! Canım!*[33] — Sombra soluça de um jeito doloroso. Não consigo compreender todas as palavras, mas sei que está implorando.

— Kol? Kol! — Chacoalho o peito do meu irmão, olhando para todos os lados em busca de alguma intervenção divina que possa mudar todos os acontecimentos.

Porra. Ele pulou na frente de Adalet no último segundo. Seu braço está sujo de sangue, o ombro dela está sangrando.

— Sombra! Faça alguma coisa! — Olho para Salih, meu corpo enfraquecendo quando não consigo acordar meu irmão. — Kol, por favor! — Esmurro seu peito sem nenhuma delicadeza, gritando alto e acariciando seu rosto, até que um engasgo fraco sai da sua boca.

Tremo quando o alívio imediato bate contra meu peito. Não tomo tempo para me recuperar do susto, minhas mãos vão em direção ao ombro de Adalet.

— Ela ainda está viva, ouviu? Você precisa acorda-la e estancar. — Falo depressa, levando as mãos de Salih para o lugar exato que muito sangue espirra. — Sombra, você está me ouvindo?

Ele está perdido em pensamentos, preso em um transe tão assustador que perco o fôlego.

— Kol, ajude ele! — Chamo meu irmão que está tossindo. Sua mão se fecha ao redor do seu braço sangrando. — Ajude Sombra, está bem? — Tento fazê-lo focar na situação. — Não deixe que ele perca o controle.

— Eu admiro sua preocupação, Kalon, mas isso não vai ser necessário. — Me ergo quando a mão de Evren descansa em cima do meu ombro.

Aperto meus dentes, girando lentamente e analiso seus olhos para memorizar cada traço da sua expressão. Os homens pegam nossas armas, impedindo que esse monstro assassino seja saciado em um único golpe.

Ele é a porra de um traidor. Na primeira oportunidade aceitou abandonar a família que o recebeu de portas abertas, apenas para satisfazer a porra do seu ego sádico.

Meu olhar é tão ameaçador que ele remove sua mão devagar, apontando para o caminho que percorremos.

— Vamos resolver isso na fazenda, Sr. Somáli. — Bate nas minhas costas com o cano da arma. Eu começo a andar, ignorando os rosnados ferozes dos cachorros. — Faça ele parar, Kol, ou eu atiro! — Evren grita, incomodado com a agressividade deles. — Estou dando a chance de você sair vivo por enquanto, então controle essas bestas!

— Por quanto você se vendeu? O que foi tão importante para fazê-lo nos trair dessa forma? Você entrou na porra da minha casa dizendo que estava disposto a nos ajudar a resolver esse problema, Evren. Como pode nos trair? — Cuspo as palavras, fomentando esse ódio que cresce no meu peito. — Quem é a porra do seu chefe, hein? Por que ele passou esse tempo inteiro se escondendo nas sombras? — Desafio. — Faça ele vir e me enfrentar, vamos! Faça isso acabar de uma vez!

— Cale a boca, Kalon. — O homem ruge, me empurrando para sair da floresta quando chegamos na fazenda.

Eu respiro o ar aberto. Meu peito estremece com toda a vastidão do gramado. Estamos perto de um cercado cheio de cavalos fortes, todos na cor branca. Os que estão mais perto começam a relinchar, incomodados com a agressividade com que Evren me empurra para caminhar mais rápido.

— Acho que esse é o fim da linha para você. — Debocha. — Tenho que admitir, admiro a sua coragem. Tirou uma mulher do presídio psiquiátrico, fez um pacto com a Cúpula, destruiu o lugar de onde ela veio… Só não conseguiu prever que eu iria me aliar ao inimigo e acabar com todos os seus planos.

— O que ele te ofereceu, hum? — Viro meu corpo para ficar de frente para ele. — Fale de uma vez!

Sua expressão muda para humor genuíno quando o carro de Yuri estaciona na entrada da fazenda. Porra. Todo meu corpo congela quando vejo Arcane descendo do carro, seu pai me olha como se não tivesse outra escolha.

— Kalon! — Ela grita, sua voz trêmula. — Kalon mou!

— Arcane! Não! — Corro na sua direção, ignorando Evren e sua arma apontada para nós. Ela abre os braços para mim, e sinto como se fosse uma eternidade sem vê-la. — Meu amor, você precisa sair! — Sufoco quando seu corpo bate contra o meu, uma eletricidade dolorosa sobe por minha coluna, enfraquecendo minhas pernas.

— O que está acontecendo? — Ela fica tensa nos meus braços quando vários homens de preto surgem em carros da mesma cor.

Porra. Eles foram seguidos.

Aperto Arcane com mais força contra mim, me convencendo que enquanto ela estiver comigo, nada vai acontecer. Minha função é protegê-la. Estou aqui desde o começo para dar sua liberdade, para salvar sua vida e mostrar uma nova chance para ser quem ela sempre almejou.

Arcane é a minha mulher, minha alma, a pessoa mais importante nesse mundo. Ela merece a chance de ter uma vida normal, se apaixonar, ler bons livros, conhecer o mundo e ser artista. Estou aqui para redefinir toda sua vida como planejamos, então daqui só saio morto.

— Você não devia ter vindo me procurar. — Seguro os dois lados do seu rosto. Seus lábios estão entreabertos pelo nervosismo que não a deixa respirar direito.

— Mas eu precisava dizer uma coisa para você, Kalon. — Ela balança a cabeça em negação. — Ainda preciso muito, porque não vou conseguir viver mais nenhum segundo enquanto não confessar.

— Meu amor, o mais importante é a sua segurança. — A interrompo, meu coração bate dolorosamente pesado dentro do meu peito quando vejo a aflição no seu rosto. — Ouça, você deve ir com seu pai para o mais longe possível e eu te dou cobertura. — Beijo suas mãos, sentindo seu toque reconfortante nos dois lados do meu rosto.

— Não, amor, não me torture assim. — Ela implora, balançando a cabeça em negação. — Eu preciso dizer que…

— Segurem ela! — Evren grita, interrompendo as palavras de Arcane. Fico tenso, me colocando na sua frente.

— Ninguém vai tocar em Arcane! — Vocifero, percebendo que os homens estão impedindo Yuri de avançar em nossa direção.

Arcane abraça meu corpo. Seus dedos estão firmes no tecido fino da minha camisa branca. Evren balança a cabeça em negação, gargalhando como louco enquanto assiste a minha tentativa de mantê-la comigo.

— Você perguntou o que foi capaz de me comprar? Agora vou te explicar! — Caminha até nós. — Realmente pensei em deixar nosso pequeno infortúnio no passado, mas, os dias se passaram e eu fiquei curioso... Porra, o que leva um homem a ficar tão descontrolado quando se tratada da mulher que ele tirou de uma prisão para loucos? Eu quero muito saber, Kalon Somáli. Que tipo de milagre Arcane operou na sua vida? Ela é uma santa, por acaso?

— Pare de falar nela. — Perco o controle, avançando na sua direção segurando seu pescoço. Seu olhar obscurece e eu me controlo para não rasgar sua garganta com os dentes.

— Quero Arcane para mim, e você não pode fazer nada quanto a isso. — Ele ergue o queixo, me desafiando. — Foi exatamente isso que me fez mudar de lado, a promessa que Arcane será minha. Sua mulher me pertence e vou levá-la agora mesmo.

Suas palavras me deixam cego, minha cabeça ferve e aperto seu pescoço com mais força, mas mãos desconhecidas afastam meu corpo usando uma força absurda.

— Se você tocar na minha mulher, então vai ter que enfrentar toda minha família. — Esbravejo. — Encoste nela e vamos derrubar tudo que te sustenta, Evren.

Evren paralisa, me olhando de um jeito profundo e começo a acreditar que ele está com medo de dar continuidade com esta insanidade, mas então, solta uma gargalhada feia e irredutível.

— Não preciso me preocupar com isso. — Ele balança a cabeça. — Até o anoitecer toda sua família vai estar morta assim como você. — Aponta na direção de Arcane agarrada ao meu bíceps. — Levem ela, agora!

— Kalon! — Minha mulher grita quando um dos homens agarra seu braço.

— Pare com isso, Evren! — Grito alto, tentando segurar o corpo de Arcane contra o meu. Ela se contorce contra meu corpo, me olhando cheia de temor. — Deixem ela, porra!

Esmurro o rosto do homem que tem suas mãos ao redor da cintura dela, mas é em vão, logo outros dois estão levantando-a do chão e arrastando-a para longe de mim. Quando a ausência do seu corpo causa um vazio em meu peito, agarro suas mãos desesperadamente na intenção de mantê-la comigo. Arcane grita alto, esperneando nos braços dos três homens que puxam sua cabeça.

— Não! Kalon mou! — Ela grita. — Me deixem ficar com ele! Me deixem! — Ela rasga o rosto deles, se revira e chuta, mas nada é o suficiente.

Nossa separação me causa uma dor física tão lancinante que me curvo, tentando respirar sem entrar em colapso.

— Deixem ela! — Tento escapar dos homens que estão me agarrando com uma força absurda, ou talvez eu tenha enfraquecido por vê-la tão quebrada.

— Kalon! Me ajuda! — Arcane choraminga. — Não me tirem dele! Por favor! Eu não quero ir! Eu não quero ficar longe dele!

Um choro exausto e cheio de tristeza consome sua expressão. Meu coração se parte quando nossos dedos se soltam.

— Estão me ouvindo?! — Ela grita mais alto, seus gritos se sobressaindo aos meus. — Eu não quero ir com vocês! Eu quero ficar com Kalon! Eu não quero ficar longe dele! — Seu corpo balança pela urgência do seu desespero. — Ninguém pode me forçar a ficar longe dele! Não me tirem dele! Eu não quero ir!

— Deixem ela! — Suas mãos ainda estão estendidas em minha direção. — Deixem ela ficar comigo! Ela quer ficar comigo!

Arcane atira a cabeça para trás, quase desfalecendo nos braços deles por não suportar a forma como seus gritos são liberados do seu corpo. Me enfureço, atirando minha cabeça para trás repetidas vezes contra o rosto do homem que me segura. Puxo sua cabeça até que meus dedos perfuram seus olhos. Ele grita, soltando meu corpo.

Aproximo meu rosto da orelha do segundo homem e mordo com força, não sentindo piedade ao arrancar um pedaço. O sangue escorre pelo meu queixo, arrancando um rosnado dos meus lábios por sentir o gosto metálico e quente.

Quando os dois estão se contorcendo no chão, eu corro na direção de Arcane, lutando com outros dois homens que tentam me segurar. Chuto as costas do primeiro e bato minha cabeça contra o segundo, para em seguida apertar seu pescoço e desferir socos na sua face.

— Kalon! Não me deixe ir! — Arcane grita quando Evren agarra seu braço, começando a arrastá-la para dentro de um carro.

Suas tentativas de bater nele não servem de nada. O homem está sufocando seu pescoço enquanto tenta algema-la.

— Não vou te deixar, minha alma! — Respondo, usando todas as minhas forças para derrubar Evren e matá-lo da forma mais tortuosa possível.

Quando ele solta o braço de Arcane e aponta a arma na minha direção, tudo fica em silêncio dentro da minha cabeça. Arcane está gritando, mas não consigo ouvir os sons, vejo apenas suas mãos trêmulas cobrindo seu rosto.

Algo doloroso atravessa meu peito, fazendo a dor se espalhar por minha coluna, por minha barriga e pernas. Não consigo dar nenhum passo. Está doendo tanto que eu não consigo sequer respirar, apenas desabo no chão, percebendo que ele atirou em mim.

Duas vezes. Ou foram três? Não consigo raciocinar direito.

— NÃO! NÃO! — Meus ouvidos voltam a funcionar em um chiado doloroso. Arcane está gritando e se debatendo. Tudo está doendo. — KALON!

Percebo que estou deitado em seus braços, suas roupas estão sujas com meu sangue e não sei o que está acontecendo com meu corpo, ele simplesmente não obedece os meus comandos para levantar, pelo contrário, estou tremendo. Agonizando.

— Não fique com medo, está bem? Vai passar…

Minha voz não passa de um som fraco e quase inaudível. Tento segurar sua mão, mas estou tremendo demais.

— Amor… — Seu rosto mergulha contra minha bochecha, suas lágrimas molham minha pele fria.

— Estou com muito frio... — Meu fôlego some como se alguém tivesse esmurrado minha barriga. Sinto tanto frio que quero fechar meus olhos.

— Não… — Ela geme. — Você precisa ficar comigo.

— Arcane… — Chamo seu nome. — Está tudo bem. — Minhas pálpebras tremem quando ela acaricia minhas bochechas.

— Por favor, não faça isso comigo! — Ela implora, engasgando a cada palavra dita. — Você não pode morrer…

Suas lágrimas são a única coisa quente que desliza pelo meu rosto. Tento beijar suas bochechas, mas isso faz ela soluçar mais alto, fazendo minha alma se partir em milhões de pedaços.

— Eu te disse que daqui só saio morto. — Sorrio torto porque sei que estou morrendo, mas olho para seu rosto bonito como se tivesse a eternidade ao seu lado.

Guardo na memória cada traço, cada pequena parte que amo tanto. Quando eu for para o outro lado, quero me entregar ao fim com a satisfação de ter passado cada último momento com ela.

— Não chore, vai passar. — Esfrego minha boca contra a sua, e isso faz muito sangue escorrer do meu peito, manchando minhas bochechas ao espirrar.

O aperto de Arcane é forte, mas isso não ajuda a impedir o que já está premeditado.

— Kalon, olhe pra mim! Você não pode morrer! — Ela grita alto. — Você prometeu que me daria uma vida… Você disse que dessa vez seria diferente, que eu nunca mais vou precisar sofrer! Não faça isso! — Ela me

segura com tanta força que suas unhas machucam meus ombros. — Por favor… Não me deixe!

Antes de sucumbir a morte, eu me acalmo pela última vez, respiro profundamente pela boca e olho ao redor, observando cada detalhe e me certificando que Arcane está segura.

Se vou partir e não consigo lutar contra isso, então quero ir com a certeza que ela vai ficar segura. Meus dedos se entrelaçam aos seus, e respiro o cheiro inebriante dos seus cabelos loiros quando Evren se aproxima, escurecendo meu campo de visão.

— Não machuque ela. — Imploro em meio a um engasgo cheio de sangue. — Se for levá-la, não faça nada com ela… Arcane é uma pessoa tão pura e boa.

Minha mulher agarra meu corpo como se pudesse segurar minha alma aqui dentro. Já estou me distanciando da minha consciência, mas consigo ouvir suas palavras de carinho em meu ouvido.

— Eu te amo tanto, Kalon, não me deixe sozinha.

Talvez eu esteja delirando, mas nada é tão doce quanto ouvir essas palavras. E nada é tão doloroso quanto ir embora com a consciência que nos amamos mutuamente, mas não vou resistir.

— Ela não merece nenhum mal. — Minha voz sai trêmula e sufocada. — Não… Não machu…

36. ADEUS

“Aquele setembro roubou a nossa humanidade,
aquele setembro roubou as nossas vidas!”

— DILEK TASI.

Arcane Planard

Não sei com que tipo de força interior estou conseguindo segurar o corpo frio de Kalon, mas não separo nenhum centímetro das nossas peles.

Se existisse uma forma de entrar para dentro do seu corpo e encontrar sua alma, eu faria. Dessa forma, eu o ficaria com ele de uma vez por todas e o seguiria até os confins da terra.

Me sinto fraca. Reduzida a pó. Tão vazia e quebrada que até respirar se torna assustador. Por que ainda estou respirando? Por que a porra do mundo continua girando?

O sol continua o mesmo, não há nada de novo no mundo e isso é tão injusto. Meu peito está doendo porque ele está morto. Kalon parou de respirar faz trinta segundos, eu contei.

E conforme a contagem aumenta, algo monstruoso rasga meu peito. Ele está frio, seu sangue está espalhado por toda parte. Seus olhos estão

fechados e a porra dos meus gritos não provocam nenhuma reação nele.

Kalon continua inerte. Nenhum buraco se abriu no chão para me engolir, Deus não desceu do céu para me ajudar, não há nenhuma virgem santíssima com vestes brancas preparada para fazer ele acordar.

Não, conforme o tempo passa, a realidade fica cada vez mais dolorosa de engolir. Meu homem está morto e vai continuar assim.

Não tem ninguém impedindo a morte da pessoa mais importante da minha vida. A pessoa que me salvou. O homem que eu amo.

Choramingo de um jeito tão feio que até a porra do diabo sairia correndo. Meus braços estão fracos e tão doloridos que sinto vontade de desmaiar.

— Kalon… Por favor! — Imploro, engasgando com qualquer palavra racional que possa sair da minha boca. — Deus… Como eu vou viver com isso?

Sinto vontade de rasgar meu rosto, minhas roupas e jogar terra na minha carne, de me revirar na areia e gritar até que a morte venha me buscar.

— Me diz o que eu faço! — Grito mais alto, tão descontrolada que meu corpo balança no chão úmido.

Quero arrancar a minha pele, quero silenciar esse órgão no meu peito que está doendo muito, mas não me mata.

Preciso de alguma coisa grande e fatal para arrancar essa negação que se expande por meus ossos, que atormenta a minha cabeça e me faz questionar se estou louca.

Porra, eu quero tanto a loucura nesse momento, qualquer coisa para não encarar a realidade diante dos meus olhos.

— Por favor! Faça alguma coisa!

Protejo o corpo de Kalon com o peso do meu. Minhas mãos estão sujas de sangue.

— Papai! Faça alguma coisa! Eu imploro! Ele não está respirando faz dez minutos! Alguém faz alguma coisa!

Afundo meu rosto no seu pescoço, sentindo seu cheiro como se isso pudesse acabar a qualquer momento. Não quero ter que lidar com o luto. Não quero viver em um mundo onde ele não está comigo em carne e osso.

Meus gemidos de angústia se tornam cada vez mais altos, tão intensos que sinto ânsia de vômito. Olho ao redor em busca do seu fantasma, desejando vê-lo ao meu lado como Nikoleta vive me perseguindo, mas não encontro nada. Tudo está tão vazio e sombrio que começo a ficar sem fôlego.

— Papai! Faça alguma coisa! — Levanto minhas mãos em prece.

Meu pai me olha com pena, todo mundo está me olhando com pena, como se agora eu realmente tivesse uma razão para enlouquecer de verdade. Fecho meus olhos porque eu sei que vou.

Ninguém fala nada. Não ouço ninguém dizendo que isso é algum delírio. Estou louca de verdade. Estou quebrada. Ele está morto. O homem que eu amo está morto.

Isso é culpa minha. Se eu tivesse esperado ele voltar para dizer que o amo, nada disso teria acontecido.

Agora ele está morto e eu quero morrer também.

ISSO É CULPA MINHA.

— Arcane. — Uma mão pesada descansa em cima do meu ombro. — Você precisa se controlar. Acabou, ele está morto. Agora venha comigo.

Eu não suporto ouvir a voz desse homem.

— Por que você ainda está aqui? — Viro meu rosto na sua direção. Apenas a sua presença é um insulto devastador a minha alma. — Não acha que já fez o suficiente? — Me contorço no chão, não suportando ver a maldita arma ainda em sua mão. — O que mais quer de mim?

— Quero que você venha comigo! — Evren me olha de um jeito tão nojento que sinto vontade de arrancar meus olhos. — Kalon está morto, você precisa aceitar e vir comigo. Você é minha agora, Arcane.

Engulo em seco. Um monstro furioso se apossa do meu espírito. Meus ouvidos zumbem enquanto encaro meu homem inexpressivo e sujo de sangue.

— Você tem um minuto para correr antes que eu me levante do chão. — Rosno para Evren, sem desviar os olhos.

Tudo fica sombriamente irritante quando ele solta uma gargalhada cheia de desdém, como se pudesse me pegar com facilidade e sumir daqui. Me ergo lentamente, apertando os punhos.

— Existe apenas um homem nesse mundo a quem eu pertenço, e você acabou de tirar a vida dele. — Bato minhas mãos em seu peito, usando toda a minha força para afastá-lo. — Eu vou arrancar a porra da sua língua por você ousar dizer que pertenço a alguém nesse mundo além do meu homem.

— Pare com isso, porra! — Evren geme quando esmurro em seu rosto. Meu corpo treme de exaustão, mas ignoro todos os protestos e pulo em cima do seu corpo.

Meus dedos estão doloridos com cada impacto da minha mão contra sua face. Evren tenta lutar, até mesmo me acerta, mas uso todos os recursos para imobilizá-lo no chão.

— Alguém precisa pagar pela morte dele! — Grito, sentindo prazer com cada gota de sangue que arranco do seu rosto. — Eu não vou parar até que a porra do mundo inteiro esteja queimando!

Evren usa suas mãos para me empurrar no chão, mas acerto sua barriga com as pernas, fazendo-o sequer ter forças para se levantar sobre mim.

Quero matá-lo lentamente, quero me banhar com seu sangue e entregá-lo ao diabo com minhas próprias mãos. Foda-se o maldito controle, isso não me serve de nada quando não tenho mais uma vida para aproveitar.

Já não me importo se vou ser executada, ou se vou passar o resto da minha vida dentro de outra prisão. Não existe nada no mundo que possa me segurar agora que Kalon está morto.

Evren cai para trás novamente quando chuto sua cara. Sua cabeça bate no chão em um estrondo.

— Arcane! — Yuri grita atrás de mim, rosno em resposta. O som sai de uma forma tão rouca e quebrada que ele recua, não se incomodando em tomar alguma atitude.

Pego uma pedra no chão, usando ela para bater contra a cabeça de Evren e arrancando seu fôlego.

Ele engasga, erguendo suas mãos para lutar comigo.

— Eu poderia passar a eternidade repetindo esse momento. — Aprecio a pedra manchada com seu sangue. — Eu desejo ir para a porra do inferno, apenas para reencontrá-lo e fazer tudo de novo. Sem parar.

Cada impacto não é suficiente para acalentar minha alma, não, cada movimento apenas me faz lembrar do motivo pelo qual estou fazendo isso. Meu homem está morto.

Meus dedos estão temendo pela força que estou usando, abandono a pedra que se esfarela nos meus dedos depois de tão usada. Respiro pesadamente, parando alguns segundos apenas para me satisfazer da visão dele engasgando com seu próprio sangue e gemendo sufocado.

Minhas bochechas estão sujas, meu busto e meus cabelos também.

— Arcane, pare! — Yuri toca meu ombro. — Ele já está morrendo! Você está me assustando!

— Não encoste em mim! — Vocifero. — Me deixe em paz com a minha dor! Me deixe matá-lo!

Não quero parar, não quero ter que ficar calma e ver o corpo de Kalon sem vida no chão. Minha cabeça está explodindo, mas uso cada energia para rasgar pedaços da minha roupa e enrolar ao redor do seu pescoço.

Fico em pé, puxando-o pelo chão enquanto engasga, mas paro quando encontro a cerca mais próxima.

— Quero que você apodreça no inferno.

Inclino meu rosto para o alto, me sentindo quebrada e triste de uma forma que ninguém pode curar, absolutamente nada vai me reconstruir novamente.

Meus lábios se repuxam em uma expressão chorosa quando levanto seu rosto para bater contra o arame farpado. Evren geme. Fico satisfeita por ele ainda estar vivo e sentindo cada fagulha de dor, porque não vou parar.

Rasgo seu rosto bem devagar, ouvindo o barulho inconfundível do tecido se separando do seu rosto. Continuo batendo sua cabeça repetidas vezes, me saciando com a facilidade que ele está sendo destruído, mas ao mesmo tempo me sinto amarga por saber que depois que ele estiver morto, vou precisar parar, só que não quero. *Quero apenas expressar minha dor até o fim dos tempos.*

Paro quando seu corpo fica enganchado no arame e eu não consigo mais puxar. Um vazio doloroso se expande no meu peito quando o silêncio

reina nessa maldita fazenda. Minhas pernas estão trêmulas e desabo no chão por não conseguir ficar em pé.

Quando a adrenalina some, uma dor angustiante domina meu corpo. Me encolho, abraçando os joelhos, o gramado machucando minha pele sensível como se possuísse garras. Observo as marcas de sangue por toda parte e o vazio aumenta.

Todos os meus demônios voltam a gritar na minha cabeça e só agora percebo que eles estavam quietos desde que Kalon entrou na minha vida.

Me sinto muito sozinha e tenho medo porque é uma realidade maior que eu. O desamparo me faz gritar. Parece que o mundo inteiro está pisando no meu peito e fazendo questão de me esmagar com a iminência da sua morte.

— Meu amor? — Viro o rosto tortuosamente, vendo Kalon deitado da mesma forma que antes.

Não há nada. Nenhum movimento. Nenhuma respiração. Nada.

O cheiro da terra úmida preenche meu nariz, mas respirar é tão doloroso e insignificante que começo a engasgar, sentindo um nojo brutal por qualquer coisa que ainda exista no mundo como se a morte do meu homem não tivesse causado impacto.

— Arcane, você está me ouvindo? — Gemo quando ouço a voz enjoativa do meu pai. Me encolho, sentindo frio. Quero apenas ficar sozinha sem desviar meus olhos dele. — Arcane!

Sua voz está distante, e ao mesmo tempo tão perto. Mas o ignoro enquanto as lágrimas salgadas molham minhas bochechas.

— Vire um fantasma e fique comigo. — Imploro. — Não me deixe sozinha.

A visão do seu corpo me deixa em choque a cada instante. Procuro alguma lembrança boa que vivi ao seu lado, como todas as noites que dormimos juntos. Sua mão ao redor da minha cintura, me abraçando com força como uma promessa de que nada poderia me arrancar dele.

Trago a manga do meu vestido até o nariz pra respirar seu cheiro impregnado em mim. Tão doce e profundo que me deixa embriagada no meio dessa negação desesperadora.

— Arcane, nós precisamos levar Kalon para o hospital, ele teve uma hemorragia. — A mão de Yuri toca a minha coluna e eu choramingo como se tivesse levado uma surra. — Você precisa levantar do chão, *agapi mou.*

Procuro seu rosto sem muito interesse no que está acontecendo ao meu redor. Quero apenas me desligar da realidade.

— Se você não está aqui para atirar no meu peito e acabar com meu sofrimento, Yuri, então me deixe em paz. — Falo tão agressiva e magoada que ele recua suas mãos.

— Eu fiz uma reanimação cardíaca, mas não adiantou. — Tenta soar amável. — Kalon está morto e agonizou muito, precisamos de um médico para ao menos fechar seu peito e dar descanso ao seu espírito.

— Ninguém vai tirar Kalon de mim! — Tento levantar do chão, mas sinto tontura imediatamente. — Habibi! — Começo a me arrastar pelo chão em busca do seu colo.

Me pergunto se foi esse tipo de dor que Aquiles sentiu quando encontrou o corpo de Pátroclo jogado nas calçadas de Tróia. Se o guerreiro gritou como faço agora. Uma angústia tão imensa que me leva a gritar seu nome.

Kalon. Kalon mou. Não me deixe.

Quero apenas continuar a vida deitada nesse chão e nos braços dele. Não importa se sua alma se foi e seu corpo não passa de um cadáver, ainda é ele.

Meu Kalon ainda tem o mesmo cheiro, a mesma aparência, e ninguém vai levar seu corpo para longe de mim. Vou ficar com ele para sempre, não importa como ele esteja.

— Arcane, deixe ele! — Antes que eu termine de me arrastar para alcançar seu corpo, Yuri me levanta com força, me segurando no colo.

O velho segura meu queixo, me posicionando para vomitar todo esse desconforto dentro do meu estômago. Não sei quanto tempo permaneço nessa posição, como uma boneca quebrada que perdeu metade dos movimentos, mas consigo ouvir o barulho de sirenes.

Kol grita com eles. Os médicos fazem os primeiros socorros, mas Sombra quer que eles sejam mais rápidos. Ouço alguém falando sobre uma cirurgia de última hora e que Adalet também vai precisar.

Alguém está falando sobre os batimentos de Kalon terem parado por quinze minutos, sobre colocar máscara de oxigênio. Eles perguntam o nome da sua esposa, se quero acompanhá-lo. Eu digo que sim, mesmo Yuri me impedindo por estar banhada de sangue.

Eles perguntam sobre o corpo desfigurado de Evren. Todos inventam uma mentira. O silêncio se espalha depois disso, algo frio e doloroso machuca minha coluna.

Os médicos perguntam que horas são. Já não sinto vontade de abrir a boca para me comunicar com os outros. Estou definhando. E para não precisar ouvir a notícia do óbito, apenas desabo.

Abro meus olhos quando alguém bate no meu ombro. Estou sentada em uma cadeira desconfortável que deixa metade do meu corpo dolorido.

Levanto minha cabeça, incomodada com as luzes claras do hospital. Vejo Kol me assistindo cheio de preocupação.

— Como está?

Não faço esforço para responder, permaneço inerte, agora observando minhas mãos sujas de sangue. Me encolho quando ele toma meu silêncio como permissão para sentar ao meu lado. A presença de qualquer pessoa que não seja o meu marido me deixa enjoada.

— Sente frio? — Tenta tocar o meu braço, eu me esquivo, chiando de um jeito agressivo para ele me deixar em paz. — Arcane mou, você está toda suja de sangue e as pessoas estão assustadas. — Sussurra, me fazendo olhar em volta. Estamos em um hospital público de Istambul, onde algumas crianças esperam na recepção e são obrigadas a me ver desse jeito. Mas não me importo com nada.

Kol me olha esperançoso, desejando que eu fale alguma coisa, mas não sinto nenhuma vontade. Estou vazia e quebrada ao ponto de não conseguir falar. Tudo dentro de mim está doendo.

Eu não sei onde meu pai está, tampouco me importo com isso. Faz horas que estamos esperando nesse corredor, alguém tentou me explicar o

que está acontecendo, mas não consegui absorver nenhuma palavra.

Kol suspira impaciente, retirando o seu sobretudo e colocando nos meus ombros.

— Você está temendo, Arcane. — Faz com que eu afunde mais ainda no meu assento. Um resmungo choroso sai da minha boca quando lembro do corpo de Kalon, ele estava tão frio e sem nenhum sinal de vida. — Arcane… — Kol me chama, puxando meu corpo com força até que minha cabeça deita em seu ombro. — Eles estão fazendo uma cirurgia nele há horas, isso significa que vai dar tudo certo, não existe a chance de Kalon morrer e deixar você sozinha nesse mundo. — Ele tenta me consolar, mas é em vão.

Salih vem caminhando ao lado de Yuri, os dois estão conversando baixinho e com uma aparência horrível.

— Encontramos uma forma de ir para Atenas o mais rápido possível. — Meu pai fala, me olhando cheio de preocupação. — Salih marcou um voo privado para o anoitecer. Devemos nos preparar, Rajá e Ivan vão tomar conta do que for necessário para investigar a pessoa que Evren fez um acordo para matar Kalon e levar Arcane.

Pânico rasga minha garganta ao ouvir suas palavras. A única forma de matar o que restou dentro de mim é me levando embora dessa cidade que foi testemunha dos nossos momentos mais felizes. Eu não quero ir. Horror invade meu peito e tento me erguer para protestar, mas estou tão fraca que meu corpo é empurrado para baixo em um solavanco doloroso.

Ainda tem a pessoa que quer destruir minha vida, isso não é nada justo. A única pessoa que consigo imaginar que tenha motivos para tentar me matar, é a minha mãe. Porque aquela mulher tentou isso na nossa infância, conseguiu ceifar a vida de Theo, mas não a nossa.

Talvez ela queira finalizar o que começou porque é louca. Uma raiva fumegante sobe por minhas veias, fazendo o meu peito latejar e minha respiração ficar pesada. Não consigo enxergar nada além da necessidade de destruir todo mundo que contribuiu para que Kalon ficasse em uma linha tênue entre a vida e a morte.

— Arcane mou, você precisa me dizer se está bem. — Yuri senta no lugar que estava sendo ocupado por Kol. Não faço esforço para encarar seu

rosto. — Quando voltarmos para Atenas, as coisas entre eu e você não podem continuar tão… Íntimas.

Um som grotesco escapa da minha boca ao ouvir esse absurdo. Ele está dizendo que não pode continuar fazendo o seu papel de pai, o qual já é uma merda, independente dos seus esforços.

— Me deixe facilitar as coisas entre nós. — Levanto meu olhar. — Enquanto Ivan Somáli estiver vivo, você só vai existir para ele, amar ele e ficar ao lado dele. Você tem tanta dependência naquele velho que não consegue enxergar o quanto ele te estragou, ou o quanto são ruins um para o outro.

— Você realmente acha que é por isso que fico ao lado dele? Por vontade própria? — Yuri me olha cheio de incredulidade e mágoa.

— Estou pouco me fodendo para seus motivos egoístas. — Grito alto, começando a tremer. — Tudo que sei é que meu homem está morrendo e eu odeio você por não ter arrancado a cabeça de Katerina quando teve a chance naquela época. — Aponto o dedo na sua direção, relembrando do dia sombrio que ela começou com tudo isso. — Você foi um covarde. Eu estou sofrendo sem o meu marido por causa de uma mulher que devia estar morta, mas não está!

Yuri me olha cheio de exaustão, como se realmente sentisse toda a insignificância que despejo em cima dele. Seus olhos me observam dos pés à cabeça, então percebo que é porque estou em pé, na sua frente. Meu corpo está tremendo e estou prestes a desmaiar. Todos estão me olhando como se eu fosse louca, até mesmo alguns médicos se aproximam para me alcançar, mas Kol e Salih os impedem.

— Eu entendo que você está assustada, com muito medo e quebrada. — Yuri sussurra, me olhando de um jeito tão amoroso que sinto vontade de gritar. — Mas vai ficar tudo bem, Arcane. Isso vai passar, acredite, vai passar…

— Não vai passar, papai! — Grito alto, empurrando seu corpo para longe do meu quando ele tenta me tocar. Me esquivo como se seu toque carinhoso pudesse arrancar um pedaço do meu corpo. — Não vai passar!

Levo as mãos aos meus cabelos, choramingando alto quando a luz forte do hospital incomoda meus olhos. Começo a andar aos tropeços.

— Arcane! — Ele protesta, encarando meus pés descalços. — Venha aqui… Você precisa de um abraço, você está nervosa.

— Não vai passar porque não há nada que eu queira nesse mundo além dele! — Meus olhos estão queimando pela falta de lágrimas para escorrer. — Não existe nada no mundo! Eu não quero nenhuma dessas coisas fúteis para preencher a minha dor! Não vai passar! Eu não quero que isso acabe para que outra coisa comece!

Quando Yuri tenta me abraçar, o médico cirurgião aparece e ele se detém. Sinto meu corpo estremecer dos pés a cabeça ao ver a expressão pesarosa no rosto do homem. Meu corpo enfraquece de um jeito tão angustiante que sinto náuseas, caminho na direção do meu pai, temendo receber alguma notícia ruim e não conseguir suportar.

— Algum familiar do paciente está aqui? — O médico pergunta, unindo as mãos uma na outra.

— Fale logo. — Imploro.

— Eu sou o irmão dele e ela é a esposa. — Kol se apressa, parando ao lado do médico.

— Eu sinto muito. — O médico abaixa o olhar. — Nós fizemos o possível na cirurgia, foi um procedimento delicado, o paciente perdeu muito sangue e teve um lugar muito complicado que foi afetado…

Minha vista escurece.

— Fale de uma vez. — Me enfureço, tapando a boca para conter um soluço.

— Tudo que podemos fazer agora é esperar ele acordar. — O homem fala. — Nós fizemos o que estava ao nosso alcance para salvá-lo, agora é com ele.

O mundo parece sumir dos meus pés no momento que compreendo o que ele está dizendo. Abaixo a cabeça, incomodada com todo esse pesadelo que se intensifica e não vai embora.

— Se vocês têm algo para dizer a ele… — O homem continua falando. — Alguma coisa importante, então vou permitir que entrem no quarto apenas por alguns minutos, mas não perturbem a recuperação dele. Caso ele não sobreviva, ao menos terão se despedido.

Suas palavras me acertam como uma apunhalada. Caminho para trás, não suportando ficar mais um segundo nesse ambiente assustador. Não quero passar por isso, não quero dizer adeus para a única pessoa que precisa ficar comigo para sempre.

— Arcane! — Yuri tenta me segurar quando começo a correr. Não olho para trás, apenas atravesso os corredores do hospital, ignorando as pessoas assustadas com minha aparência horrível.

Empurro as portas de vidro quando alcanço a saída e libero uma respiração trêmula no primeiro segundo que sinto o vento noturno. Me curvo, engasgando em meio ao choro desesperado.

Reúno minhas forças até conseguir me curvar em um banco de pedra debaixo de uma árvore. Fecho meus olhos, apoiando minha testa no mármore frio. Meus ombros balançam enquanto choro por toda a vida que podemos perder.

Kalon salvou minha vida, me tirou da prisão e me mostrou que posso ser livre. Me arrependo tanto de todo o tempo que perdemos porque eu estava cega e não conseguia enxergar tudo que ele fez por mim. Porque não conseguia enxergar que o amo.

— Como uma jovem tão linda pode estar chorando desse jeito tão triste? — Tenho um sobressalto quando uma voz masculina fala atrás de mim.

— O que você quer? — Levanto meu rosto e afasto as lágrimas para enxergar o homem que está sentado à minha esquerda.

— Quero saber o que está acontecendo, você está machucada? — Apontando para todo o sangue nas minhas roupas e mãos.

— Estou. — Balanço a cabeça. — Mas aqui. — Aponto para meu peito.

— Ah, desse jeito eu não posso ajudar. — Ele lamenta, inclinando a cabeça para o lado e possibilitando que eu veja melhor o seu rosto. — Mas você pode expressar sua dor, assim ela fica leve.

Ele parece tão familiar, como se eu tivesse visto seu rosto um milhão de vezes. Tento lembrar onde, mas minha cabeça está doendo tanto que apenas ignoro essa impressão.

— O meu marido está morrendo. — Respondo, fechando os olhos quando apenas essas palavras me fazem querer chorar. — Temos toda uma vida planejada e eu nem sei se ele vai acordar outra vez.

— Sinto muito por ele. — Os olhos do homem brilham cheios de pesar. — Mas, pense que nem tudo está perdido, acredite como louca que ele pode viver, e um milagre vai acontecer. — Estende sua mão na minha direção, seguro e ele me ajuda a levantar. — Dizem que não há nada mais forte do que o amor de dois amantes, isso ultrapassa o tempo e o espaço, ao ponto de milagres acontecerem para que os corações não se partam.

Ele retira um lenço branco do bolso e o usa para enxugar minhas lágrimas bem devagar. O céu está coberto por nuvens escuras, e não quero que Istambul seja lembrada como uma história triste. Foi aqui que aconteceram os melhores momentos da minha vida.

— Qual seu nome? — Eu questiono, ainda sem compreender porque sinto que conheço ele de algum lugar.

— Meu nome é Aleksander. — Se apresenta, fazendo uma reverência educada. — Qual o seu, criança?

— Me chamo Arcane. — Respondo, limpando a garganta para soar mais calma.

— Arcane. — Inspeciona cada traço do meu rosto e em seguida balança a cabeça em concordância. — É um prazer, independente das circunstâncias.

— Então, o segredo é apenas acreditar que um milagre pode acontecer? Por que se for isso, eu faço tudo, qualquer coisa que estiver ao meu alcance… — Balanço a cabeça. — Qualquer coisa para trazer ele de volta.

O homem sorri largo, então balança a cabeça em concordância como se reconhecesse esse sentimento dentro de mim. Respiro fundo quando ele enxuga minhas lágrimas novamente.

— Sabe, eu também perdi alguém. — Me olha de um jeito pesaroso. — Minha filhinha caçula. A pior parte é que eles entregaram apenas o seu corpo sem vida, eu não tive a chance de usar todas as minhas esperanças para que ela pudesse ficar bem. Tenho comigo que se eu tivesse ficado perto dela, se eu estivesse segurando ela nos meus braços, tudo ficaria bem. Eu só precisava segurar ela no meu colo e ela iria sobreviver, mas não me deram a

chance. Então não fuja disso só porque está com medo. — Segura meu queixo. — Vá correndo e passe cada momento ao lado dele enquanto estiver aqui, converse com ele e o lembre de todos os motivos pelos quais precisa lutar para ficar entre os vivos. — O homem aperta minha mão de um jeito carinhoso. — Eu falo sério, lembre a ele que a história de vocês dois ainda não terminou.

De certa forma, suas palavras me revestem de força e determinação para eu não fugir só porque estou com medo da morte. Preciso ficar ao lado de Kalon, segurar sua mão e dizer em seu ouvido todos os motivos para ele viver, porque não aceito viver em um mundo onde ele não esteja.

— Sinto muito pela sua menina. Sinto muito mesmo.

— Claro que você sente, é uma pessoa boa, dá pra ver nos seus olhos, criança. — Pisca. — Por isso que você merece toda a felicidade desse mundo, e eu espero revê-la com boas notícias dentro de algumas semanas.

— Se ele melhorar, darei um jeito de encontrar você apenas para dizer que deu certo. — Asseguro.

O homem se ergue, olhando ao redor por algum tempo, então me entrega um sorriso cheio de convicção e dá as costas, sumindo entre as árvores como uma sombra que se mistura com tudo que é sombrio, e isso me causa arrepios.

Minha garganta fecha quando me vejo sozinha outra vez, mas as portas de vidro são abertas há alguns metros de distância e Kol vem caminhando na minha direção.

— Se sente melhor? — Olha na direção que o homem saiu. — O que você está fazendo aqui fora? — Avança alguns passos no rumo que o homem sumiu, seu olhar é cheio de indiferença e raiva.

— Vou poder ver Kalon mou agora? — Pergunto, olhando para as condições em que estou.

Suja de sangue e terra, minhas roupas estão rasgadas em alguns lugares e me sinto tão fraca que posso desmaiar caso eu comece a caminhar por muito tempo.

— Derrubou o sobretudo quando saiu correndo. — Bate os cílios e me encara. — Você não pode passar frio, por essa hora o clima é muito forte.

Ele passa o tecido escuro e grande por cima dos meus ombros novamente. Agarro o tecido com força, me sentindo grata por isso me trazer algum conforto. Kol observa ao redor outra vez, então se inclina para o lado, apontando que eu devo segui-lo para entrar no hospital.

Quando as luzes claras voltam a afetar minha visão, sinto vontade de sair correndo pela angústia que se expande no meu peito, mas me mantenho forte e procuro não pensar negativamente. Claro que Kalon vai ficar bem, e mesmo que essa decisão não esteja nas suas mãos, ele precisa de um jeito de sobreviver.

Meu corpo começa a tremer quando passo por meu pai e Salih, então meu cunhado abre a porta para eu entrar no quarto silencioso. Meus olhos se enchem de lágrimas quando vejo Kalon deitado na cama. Ele está usando roupas brancas e coberto até o peito por um tecido azulado.

Os aparelhos estão ligados, mostrando os seus batimentos cardíacos um pouco lentos. A tranquilidade que se espalha pelo quarto é tudo que sua alma precisa nesse momento. As cortinas estão abertas, permitindo que o som silencioso da rua adentre por essas paredes, e na cabeceira da cama está tocando um disco na vitrola.

Reconheço a música de imediato, *Gitme* do *Dolu Kadehi Ters Tut*. Talvez seja uma grande ironia do universo que a letra fala exatamente do que eu necessito que ele faça; que não vá embora. Que fique, ou que me leve junto para eu não precisar ficar sozinha nesta terra.

— Meu amor? — Seguro sua mão, a eletricidade me sufoca quando sou atingida em cheio pela maciez dos seus dedos.

Aperto meus lábios na tentativa de segurar um soluço rouco. Kalon permanece de olhos fechados e seu corpo não se movimenta. Inerte. Silencioso.

Subo na cama, deitando ao seu lado com cuidado e envolvendo seu tronco com minhas mão.

— Por favor, não fique frio. — Imploro, lembrando das suas palavras mais cedo. Escondo meu rosto na curva do seu pescoço, respirando pesadamente seu cheiro que permanece o mesmo. — Você precisa ficar vivo. Preciso que você fique bem e volte para mim.

Meus dedos se erguem lentamente para sentir o contorno dos seus lábios, o formato das suas bochechas e a ponta do seu nariz. Não consigo

resistir a nossa distância, então esfrego minha bochecha em sua pele, tomando cuidado para não machucá-lo.

— Kalon, eu te amo! — Meus lábios ficam trêmulos quando encosto minha boca na sua com tanta paixão que perco o fôlego. — Me desculpe por todas as vezes que eu falei que te odeio… Não era verdade. Eu estava apenas com medo de confessar o que nasceu dentro de mim há muito tempo. Mas você precisa voltar para mim, e assim vou confessar olhando nos seus olhos. — Minha voz sai mais baixa e chorosa. — Não deixe que a gente acabe assim, por favor, tenho tanta coisa para falar agora que entendo o que você estava fazendo desde o começo… Por essa razão eu não posso existir se você não existir.

Beijo seu rosto, me certificando que seu corpo está quente. Em algum momento, eu adormeço ao seu lado.

Ouço apenas vozes distantes.

— Quer que eu leve ela nos braços? — Não consigo distinguir se foi Kol ou Salih.

Aperto o corpo de Kalon, sentindo medo que alguém me tire dele novamente. Um choro fraco sai da minha boca e escondo meu rosto na curva do seu pescoço.

— Amor.., Não deixe que me levem. — Tremo, apertando seu corpo.

Não quero sair, quero ficar com ele. Me deixem ficar com ele.

A porta do quarto se abre e o fôlego sufoca meu peito. Me encolho contra Kalon apenas por precaução.

— Não, ela está melhor com ele. — Yuri responde. — Vamos deixá-la passar esse tempo com ele, não sabemos o dia de amanhã.

O corpo de Kalon se mexe minimamente contra o meu, causando fisgadas de esperança no meu peito, provando que não existe um amanhã onde não estamos juntos.

Kalon mou vai viver. Nós vamos ficar juntos outra vez e ele saberá de todas as coisas que sinto por ele.

37. UM MILAGRE OU UMA MALDIÇÃO?

“As estações mudam, as vidas mudam,
mas as memórias são sempre permanentes…”

— DILEK TASI.

Arcane Planard

Faz três dias e Kalon ainda não acordou.

Algumas vezes ele tenta abrir os olhos, mas ainda não o fez, assim como também aperta minha mão quando estou conversando com ele.

Rajá disse que a demora é porque foi um trauma muito grande, que ele precisa de mais forças para se recuperar, então aumentou a dosagem do soro e remédios.

Minhas irmãs tentaram conversar comigo nos primeiros dias, Melissa insistiu tanto que eu aceitei sair de perto de Kalon para tomar um banho, mas rapidamente voltei a deitar com ele sem dizer nenhuma palavra para ninguém.

Estamos na mansão Somáli, todos os dias eles vêm até o nosso quarto para saber como estamos. Rajá é o que fica mais tempo, a maior parte ele me observa profundamente, tentando entender o meu silêncio e fazendo algum jogo de afeto para que eu diga alguma coisa, mas permaneço agarrada no tronco de Kalon e não falo nada com ninguém.

Todas as minhas palavras eu gasto conversando com meu homem, pedindo para ele acordar e voltar para mim. Sinto saudades da nossa casa na Turquia. Todos os dias eu derramo algumas lágrimas por não estar lá e sim em Atenas.

Sinto saudades do ar puro de Istambul, da sensação de liberdade que corre nas minhas veias, das paisagens históricas e da vista para o mar que temos na nossa casa.

— Arcane, você precisa comer alguma coisa hoje. — Afasto meu rosto para longe do pescoço de Kalon.

Rajá está parado na minha frente, suas mãos nos bolsos da calça branca, assim como a parte de cima. Seus cílios batem quando nossos olhos se encontram e ele arrisca sorrir para mim.

— Eu adoraria ouvir sua voz, meu bem. — Balança os ombros. — Qualquer coisa. — Eu admiro seus esforços, mas eu não sinto vontade. — Apenas fale.

Ele se aproxima quando viro o rosto na direção que Páris está deitado no chão, ele permaneceu ao lado de Kalon desde que estávamos no hospital de Istambul.

— Por que você não me deixa tentar? — Volto a olhar para a porta. Salih caminha na nossa direção com seu bebê nos braços. Ele beija as bochechas de Mert que acena sua mãozinha. — Diga Selam para a titia, filho.

— O que está fazendo aqui? — Rajá chia, caminhando na direção de Salih. — Eu disse para esperar na sala, Sombra.

— Acontece que estou fugindo da mamãe, você pode falar baixo? Por que ninguém me disse que ela ficou mais grudenta com o tempo? — Caminha na direção de Rajá, segurando seu bebê com mais força. — Ela está tentando me convencer a voltar para casa agora que Kalon e Adalet quase morreram.

Tudo bem, não estou compreendendo absolutamente nada que está acontecendo na minha frente. Os dois estão discutindo como irmãos e ele está chamando Atena de mãe.

— O que está acontecendo? — Eu resmungo, tentando ligar os pontos. — Desde quando vocês são…

— Irmãos. — Salih responde. — Nós somos irmãos.

Rajá gira seu rosto, seu olhar queimando enquanto inspeciona cada traço do meu rosto como se eu fosse uma criatura nova. Ele entorta os lábios, agradecido por eu ter falado alguma coisa.

— Como vocês são irmãos? Por que eu nunca soube disso?

— Seu pai sabe. — Salih ergue uma sobrancelha. — Bem, Kalon é muito rancoroso e gosta de fingir que não somos irmãos. O desgraçado passou toda a viagem fazendo isso apenas porque eu decidi ir embora de casa anos atrás.

— Não esqueça da parte que ele sempre finge que não conhece Adalet e às vezes até obriga você a contar toda a história de como se conheceram, só para ver você pulando a parte que foi embora de casa para ficar com ela. — Rajá solta uma gargalhada rabugenta e respira fundo, sem desviar os olhos de Salih. — Você merece esse tratamento de víbora que ele te dá.

— Ele está apenas magoado por eu não ter me submetido a autoridade doentia do papai. — Desprezo brilha em seus olhos ao falar de Ivan. — Eu também prefiro fingir que não faço parte dessa família, até meu sobrenome eu mudei.

— Claro, porque nossa infância juntos não significa nada. — Rajá desvia os olhos, agora encarando seus pés.

— Não me entenda mal, eu amo vocês, mas jamais vou permitir que aquele homem me doutrine como fez com todos vocês. — Sua voz soa mais firme e raivosa, então beija a bochecha do seu bebê e me olha. — De qualquer forma, Arcane, eu não tenho o sangue deles, sou adotado.

Bom, isso explica porque eles não são parecidos.

— Atena teve que implorar para ficar comigo. Não sou o membro mais importante dessa hierarquia de homens com a humanidade

corrompida. Prefiro ser tratado como Kalon gosta de fazer, como se eu fosse um amigo distante da família.

— Você está querendo dizer alguma coisa com isso? — Rajá pisca, girando a cabeça para encarar o homem que de fato é seu irmão.

— Estou querendo dizer que vocês não têm o direito de ficarem chateados comigo porque eu encontrei uma vida melhor para viver. — Sombra responde prontamente. — Eu nunca me senti parte dessa família, nosso pai nunca permitiu.

— Olhe ao redor, Sombra. — Rajá resmunga. — Ninguém se sente parte dessa família, nosso pai era igual com todos nós, você apenas procurou um meio mais fácil para si mesmo. Odeio quando você entra nesse assunto porque parece que não devemos ficar ressentidos com o fato dessa família ter ido de mal a pior depois que você pulou do barco.

— Eu não tenho culpa dos pecados que meus pais cometeram, Rajá. Caso não tenha percebido, esse garoto nos meus braços é a minha única responsabilidade vitalícia. — Ele fala firme.

— Você foi embora por causa de uma garota, Sombra. — Rajá inclina a cabeça para o lado, claramente debochando dele. — Uma garota.

— Não, você está enganado. Eu fui embora porque foi ele quem fechou a porta na minha cara. Foi a porra do nosso pai que falou que eu não precisava voltar para casa. Todos me deram apenas migalhas, mamãe foi a única que implorou para ficar comigo porque eu nasci no mesmo buraco que ela. — Empurra Rajá. — E você, como meu irmão mais velho, não fez nada. Você apenas assistiu. Sabe, é por isso que eu odeio a ideia de voltar aqui, mesmo que seja uma visita. Vocês são todos loucos e egoístas. Eu odeio voltar porque ninguém procura me compreender, todos estão chateados por essa ilusão de irmandade ter virado uma chacota na primeira dificuldade que surgiu.

— Parem de brigar. — Eu protesto, não gostando de como isso fica mais intenso e o bebê começa a choramingar.

— Você é cobra criada, Sombra. — Rajá fala com mansidão. — Diz que eu sou idêntico ao papai em aparência, mas tem toda a lábia venenosa do velho. Talvez eu use a jogada maravilhosa do Kalon e comece a fingir que não somos irmãos, você gosta de causar, não é? Cobrinha do caralho. Agora vai aguentar o meu fingimento também.

Os dois caem em um silêncio perturbador depois dessas palavras. Salih balança a cabeça em concordância, olhando para Rajá dos pés a cabeça, então acaricia a bochecha do seu bebê que deita a cabeça no seu ombro.

Rajá vira seu corpo para me encarar com atenção, minhas mãos estão ao redor do corpo de Kalon e meu rosto ainda permanece na curva do seu pescoço.

Ele está respirando pesadamente.

Salih caminha com calma para fora do quarto, batendo a porta de um jeito que arranca um suspiro exausto de Rajá. Ele desliza os dedos por sua testa, afastando alguns fios de cabelo e acariciando sua barba.

— Por que você se comporta assim? — Questiono.

— De que forma? — Ele segura seu coque bagunçado entre os dedos.

— Dizendo palavras que não quer dizer. — Analiso seus ombros trêmulos. — Você fica incomodado em ser um babaca, mas ainda assim continua. E também sabe que Salih tem razão.

— Ele é o único que está vivendo melhor do que todo mundo. Eu também tenho razão nessa discussão, mas o babaca ainda insiste em ser egoísta e falar que nosso pai o fazia sofrer. Novidade, Ivan fez isso com todos nós, e eu garanto que Sombra tem irmãos que vivem pior.

— Tipo você, é isso? — Questiono, tentando decifrar o que ele esconde por trás dessa casca grossa.

— Não, tipo Kalon. — Fala tão cheio de indiferença que acredito nas suas palavras.

O silêncio reina entre nós pelos próximos segundos, até que o fervor da discussão se dissipa no ambiente, dando lugar a minha exaustão. Respiro fundo e olho para o quarto silencioso. Tudo está me incomodando, gostaria de me esconder em um lugar onde só eu e Kalon existimos.

— Rajá, pode me emprestar seu celular? — Peço baixo. — Quero falar com Atena e saber como ela está, mas deixei o meu no bolso de Kalon na troca de roupas e não quero mexer nele.

Aponto para a cabeceira onde seu celular está com a tela aberta. O homem caminha até a bolsa de soro, distraído. E coloca luvas em suas

mãos, abrindo uma nova embalagem de analgésico.

— Pode, mas só enquanto troco a bolsa de soro. — Fala no automático.

Pego o aparelho na mesa e vejo que está desbloqueado. Mas, o que realmente me assusta são as mensagens da minha irmã.

"Rajá, seu filho da puta! Precisamos falar sobre aquela viagem, e é bom que você traga um teste de farmácia! Se meu pai descobrir, vou morrer por sua causa!"

Puta merda. Meus olhos se engrandecem quando passo o dedo nas mensagens que eles vêm trocando desde o dia que ele brigou com Kalon. Solto o aparelho antes que apareça alguma foto deles pelados.

Tento processar a informação quando o aparelho cai no chão. Rajá levanta a cabeça, pressentindo que eu descobri.

— Você engravidou minha irmã?! — Solto as palavras de uma vez.

— Engravidei Nimue mou? — Sua expressão fria não muda, mas seus dedos tremem quando um copo de água se estilhaça no chão.

Uma risada trêmula e chocada sai dos meus lábios. O nome dela sai da sua boca com tanta possessividade que fico cega, emudecida e louca.

— Você quer morrer?! — Pulo da cama no mesmo instante. — O que fez com ela? — Avanço na sua direção. — A obrigou a isso?!

— Não! — Ele fecha a cara, tão sombrio e calado que tenho medo de confrontá-lo. — Não diga a ninguém, Arcane! — Ele agarra meu antebraço, me puxando para perto. — Ouviu? Não fale sobre Nimue e eu a ninguém. Nem mesmo Kalon. — Ergue o dedo indicador contra meus lábios, me silenciando.

Estou tão chocada e sobrecarregada com as informações que apenas balanço a cabeça repetidas vezes, respirando ofegante contra seu aperto firme.

— A punição para um filho fora do casamento é a morte dos dois. — O homem me solta com rapidez, apanhando seu celular e correndo os olhos pelas mensagens. — Não diga absolutamente nada sobre isso até que eu resolva.

— Se minha irmã morrer por sua irresponsabilidade, eu vou destruí-lo. — Sussurro ríspida, olhando ao redor com medo que alguém esteja

ouvindo.

— Ela não vai. — Avança dois passos, me empurrando até que caio sentada na cama novamente. Meu coração bate desenfreado, seu olhar ameaçador me deixa alerta. — Ninguém vai morrer. Foi só uma mensagem. Ela pode estar enganada.

— Se for engano, não toque nunca mais na minha irmã. — Levanto o queixo. — Você sabe que é errado.

— Não fale comigo sobre isso. — Aperta os dentes, rosnando. — Não mencione. Não diga nada. Apenas cale-se.

Ergue as mãos impaciente. Minha respiração fica cada vez mais irregular. *Como minha irmã pode se envolver com esse homem que é claramente descontrolado e perigoso?* Isso é proibido em tantos sentidos que estou aterrorizada.

— Quando anoitecer, vou voltar para trocar os curativos dele, esse remédio vai ajudar o ferimento a fechar logo. — O homem conserta sua postura como se nada tivesse acontecido. — De acordo com meus cálculos, Kalon está pronto para acordar em algumas horas, tudo está estável e ele apresentou uma ótima melhora.

Parece até que os últimos segundos não aconteceram. Tudo que vejo é um ótimo médico na minha frente, não o homem que provavelmente acabou de destruir a vida da minha irmã. Rajá permanece encarando os remédios, até que me olha por cima do ombro.

— Você precisa comer. Eu só posso cuidar de uma pessoa por vez, e você… — Me inspeciona de cima a baixo. — É proibida para o tipo de tratamento que gosto de oferecer. — O homem caminha em minha direção lentamente, roubando minha respiração e me deixando desconfortável. — Abra a boca.

— O que você quer comigo, enlouqueceu? — Tento me esquivar quando ele segura meu queixo. — Rajá, eu vou gritar!

— Estou mantendo você viva! — Seus lábios se repuxam para baixo quando empurra blocos de açúcar na minha boca.

— Não sou um cavalo! — Faço uma careta. — Seu filho da puta desgraçado!

— Com toda certeza não é. — Solta meu queixo. — Porque um cavalo é sete vezes mais forte e saudável que você, fofinha. — Ele pega seu sobretudo branco que está em cima da poltrona. — Qualquer coisa *não* me ligue, chame um dos outros. Vou levar o vira-lata fedorento também, e faça de conta que nossa conversa nunca aconteceu.

— Acho bom você dar um jeito nessa merda! — Falo raivosa, com os nervos à flor da pele por causa daquelas mensagens.

Foi necessário apenas Rajá fazer uma expressão fofa para Páris ir correndo na sua direção, achando que vai ganhar alguma recompensa. Ele fecha a porta sem me olhar ou responder alguma coisa.

Olho para Kalon agora que estamos sozinhos. Acaricio seus lábios cuidadosamente, observando sua respiração profunda.

— Você bem que devia acordar e dar um jeito nele, não acha? — Beijo seu queixo. — Sinto falta da nossa casa, e tudo parece estar desmoronando. Por favor, me faça ficar segura novamente, amor. — Sussurro depois de algum tempo, entrelaçando meus dedos nos seus e segurando o controle da TV.

Todos os noticiários da Turquia estão comentando sobre o final do jogo feminino de vôlei. Foi uma grande vitória para o país e as garotas realmente jogaram com muita bravura.

Me concentro na reprise avassaladora e solto uma gargalhada quando a atleta Zehra Güneş bate suas mãos nas costas do árbitro.

— Essa Zehra é muito alta, mas eu também sou, então porque você não está me olhando? — Uma voz grave fala bem ao meu lado, me fazendo tremer e virar o rosto para encarar Kalon. Ele está de olhos abertos e me observando.

Sinto vontade de chorar imediatamente. Um soluço machuca minha garganta porque não acredito que isso é real.

— *Sevgilim?*[34] — Ele ri. — Que cara é essa? Não está me reconhecendo?

— Kalon mou! — Começo a chorar e afundo meu corpo contra o seu, beijando a curva do seu pescoço, suas bochechas e lábios.

Respiro de alívio quando ele retribui o meu beijo cheio de saudades, provando que é real. Seus dedos apertam minha cintura, eu seguro seu

queixo e ele solta um gemido fraco.

— Estou te machucando? — Afasto minha boca e olho para seu rosto na busca de qualquer indício de dor. — Você está bem? Eu vou chamar seu…

Kalon segura meu pulso antes que eu saia da cama, seu olhar corre por meu rosto e se fixam nos meus lábios.

— Não está se alimentando direito? — Questiona de um jeito raivoso e preocupado. — Quantos dias dormi?

— Três dias. — Arrumo meus cabelos para trás, aproximando meu rosto para deixar outro beijo na sua boca. — Kalon, eu fiquei com tanto medo de te perder.

— Você não vai. — Ele segura meu queixo, me olhando cheio de uma possessividade faminta. — Eu ouvi você. Cada palavra. Mas estava cansado demais para conseguir fazer alguma coisa.

— Cada palavra? — Seu rosto está borrado pelas minhas lágrimas.

— Cada uma. — Kalon resmunga em concordância, aproximando sua boca para mordiscar meus lábios. — Estou morrendo de saudades.

Meu corpo enfraquece em reação às suas palavras manhosas. Meus lábios se unem aos seus e não quero me separar nunca mais.

— Sinta isso. — Tremo em busca de fôlego, trazendo sua mão até o meu peito. — Eu também estava morrendo de saudades, Kalon mou.

— Você está pálida e com uma aparência cansada. — Leva meu rosto para mais perto do seu. — Quero que se alimente agora mesmo.

— Um milagre acabou de acontecer na sua vida e você está preocupado comigo? — Sopro uma risada. — Você é mesmo um louco.

— Claro que estou preocupado com você. — Seus dedos deslizam por meu queixo até que ele aperta meu pescoço bem devagar. — Minha vida não serve de porra nenhuma caso você morra porque está fraca. Pior ainda, que acabe morrendo em cima do meu pau por não aguentar o tempo perdido que vamos compensar hoje na cama.

— Kalon, você acabou de acordar e já está pensando nisso? Por acaso pensa que é de ferro? — Meu rosto esquenta, ele consegue mexer tanto comigo que fico envergonhada.

— Ora, você disse que um milagre aconteceu comigo. — Balança a cabeça em negação. — Então vamos honrá-lo estando juntos em uma só carne.

Solto uma gargalhada fraca pela forma que ele distorce isso sem nenhum escrúpulo.

— Você é inacreditável! — Aproximo meu rosto do seu e fecho meus olhos.

Estou tão aliviada por ouvir sua voz que tenho medo que isso não passe de um sonho.

— Você está bem mesmo? De verdade? — Minhas mãos se fecham ao redor do seu ombro com força, buscando algum tipo de descanso contra sua pele.

Meu coração bate tão rápido que perco o controle da minha respiração estável.

— Garanto a você. — Desliza sua palma por minhas costas. — Mas vou ficar melhor quando souber que você comeu alguma coisa.

— Então eu quero um cheeseburguer e souvlaki. — Ronrono.

— Isso foi muito específico, e que tipo de mistura é essa? — Kalon treme contra meu corpo, soltando uma gargalhada tão deliciosa que gemo de satisfação. — Mais algum acréscimo?

— Sim. Também quero *loukoumades* com *mythos*. — Levanto meu rosto para ver sua expressão de incredulidade.

— Certo, também estou com vontade de beber uma cerveja geladinha. Mas o *Loukoumades* vai ficar guardado para a sobremesa. — Desliza o dedo indicador por meu nariz. — Tem certeza que essa gatinha vai aguentar comer tudo isso?

— Você me deu uma ótima motivação agora a pouco. — Aproximo meus lábios dos seus. — Mas posso dividir com você.

— Negócio fechado. — Kalon balança a cabeça. — Você realmente ficou comigo esse tempo inteiro?

— Claro que fiquei. — Seguro seu queixo na intenção de distribuir beijos por seu rosto. — Vou mandar mensagem para Kol trazer nossa comida e deixar na porta.

Me inclino por cima do seu corpo para pegar meu celular, tomando cuidado para não machucá-lo. Kalon geme e afunda seu rosto na curva do meu pescoço, deslizando sua língua de um jeito inesperado.

Estremeço, sentindo cócegas.

— Para, Kalon. — Tento segurar seu ombro para me afastar, mas ele fecha suas duas mãos ao redor da minha cintura. — Você precisa ir com calma.

— Porra, minha vida. — Ele chupa minha pele, causando uma ardência prazerosa. — Eu voltei dos mortos por você, não me peça para ter calma.

— Você não voltou dos mortos. — Repreendo. — Você estava vivo esse tempo inteiro, não me faça acreditar que em algum momento te perdi de verdade.

— Tire a roupa e te faço acreditar em qualquer coisa que a faça feliz. — Mordisca minha orelha.

— Eu recuso. — Seguro seu queixo. — Precisamos ir com calma, não quero que você se machuque.

— Ora, Arcane. — Kalon me olha de um jeito ranzinza, tentando levantar minha roupa. — Eu não tenho problema em foder devagar, se é disso que está falando.

Mando mensagem para Kol contando que Kalon acordou e quer comer alguma coisa, ele disse que entende que precisamos de um momento para recuperar o fôlego depois de tanto stress e prometeu deixar a comida na porta.

— Chega disso. — Kalon pega o celular das minhas mãos antes que eu possa enviar uma resposta em agradecimento. — Ainda estou sem acreditar que você ficou todo esse tempo me esperando acordar.

— Porra, o que posso fazer para você acreditar nisso? — Dou risada, arrumando meus cabelos para trás.

— Isso é muito simples. — Sua mão descansa na minha perna, puxando meu corpo para mais perto do seu. Me controlo para não acabar em cima do seu colo. — Fique nua para mim.

— Claro. — Solto uma risada debochada, mas começo a tirar meu vestido para satisfazer sua vontade. — Você está feliz agora, *habibi?*

Kalon me observa cheio de fome. Nunca vou me acostumar com esse olhar selvagem que ele guarda apenas para mim. Ele inspeciona cada pedaço do meu corpo quando jogo o vestido no chão.

— Estou quase feliz por completo, minha alma. — Meus seios estão expostos e duros, sua mão rapidamente aperta um deles entre os dedos e mordo o lábio para não gemer alto. — Mas tenho certeza que você pode me fazer mais feliz nesse momento.

Antes que eu possa questionar, sua língua desliza pelo mamilo sensível, me arrancando um gemido fraco. Minha pele fica molhada pela sua boca, e como se não bastasse, ele me chupa. Seus dentes me apertam com força, me fazendo agarrar seu ombro em busca de algum equilíbrio.

Kalon está apoiado contra a cabeceira e isso permite que ele me segure com as duas mãos, puxando minhas duas pernas para finalmente ficarem em cima do seu tronco, mas ainda assim, a cama espaçosa não parece suficiente para segurar nossos corpos.

Rebolo devagar contra seu membro, fazendo ele liberar um silvo rouco.

— Senti sua falta. — Ele sopra contra minha pele, erguendo os olhos para me encarar de um jeito preguiçoso.

— Eu também senti sua falta, amor. — Encontro forças para falar em meio ao prazer que toma conta do meu corpo.

— Não estou falando com você. — Muda a boca para o outro seio, puxando meu tronco para mais perto ao ponto de afundar seu rosto no meu busto. — Estou falando com a minha boceta. — Empurra sua mão por entre minhas pernas, me causando estremecimento. — Vai me dar o que eu quero, amor?

— S-sim, amor. — Tremo, ele rosna de satisfação e desliza seus dedos na minha entrada, me fazendo rebolar em busca de mais contato.

Meu coração bate desenfreado porque dias atrás eu estava certa que nada disso voltaria a acontecer, que ele jamais voltaria a me tocar como está fazendo agora.

Meus lábios ficam entreabertos, segurando um gemido silencioso quando ele atinge o ponto sensível que escurece minha vista. Sinto tonturas de prazer quando Kalon mantém dois dedos dentro de mim, aprofundando suas estocadas e arrancando sons desconexos da minha boca.

Inclino minha cabeça para trás, rebolando com mais necessidade contra seus dedos que me fodem em uma frequência deliciosa, mas antes que eu possa me sentir plenamente entregue a esse sentimento, ele afasta sua mão.

— Por que parou? — Abro os olhos, tentando compreender porque ele está me torturando desse jeito. — Eu estava quase gozando. — Gemo de um jeito sôfrego.

— Terá seu prazer apenas quando comer. — Arruma minha calcinha exatamente como estava antes. — Vamos, o que está esperando? — Estapeia minha boceta e uma ardência dolorosa lateja entre minhas pernas, subindo por minha barriga até alcançar minha coluna.

Pulo da cama, odiando como minhas pernas estão fracas na caminhada difícil até a porta. Kalon solta uma risada grave, não tirando os olhos da minha bunda.

Cubro meus seios e destravo a fechadura bem devagar, a sacola está pendurada na maçaneta.

— Está com um cheiro delicioso. — Abro a sacola, fechando a porta com o calcanhar. Kalon está em pé, analisando os tubos de soro no seu braço. — Nem pense em tirar isso. — Avanço na sua direção, puxando uma manta quente por cima dos seus ombros e o ajudando a andar.

— Venha aqui, vamos comer. — Kalon senta na poltrona perto da janela.

Um vento delicioso adentra o quarto e caminho na sua direção quando ele bate nas suas pernas para eu sentar.

— Acho que você não pode beber álcool, está cheio de remédios em suas veias. — Aponto para a lata de Mythos que é do tamanho de uma de Redbull.

— Tudo bem, contanto que você não me negue um delicioso chá de boceta. — Kalon grunhe, olhando para o suporte de soro que trouxe para perto.

— Pare de falar coisas tão vergonhosas. — Solto uma gargalhada feia. — Faz eu me sentir a pior vadia de todas.

— Mas você é a melhor vadia de todas. — Me olha cheio de inocência. Balanço a cabeça em negação, ainda dando risada.

Separo nosso cheeseburguer em um prato, misturando o meu com molho apimentado e souvlaki. Kalon abre a boca, indicando que quer um pouco do meu. Ajudo-o a comer, sentando na sua perna.

Apenas quando sinto o gosto delicioso na minha boca é que percebo o quanto estava morrendo de fome. Kalon inclina seu corpo contra a poltrona, vendo as luzes da cidade pela janela e mastigando alguns pedaços de souvlaki.

Me levanto do seu colo para beber um pouco de cerveja e desligo a TV para podermos ouvir alguma música na vitrola. Separo alguns discos, analisando quais os mais usados, mas rapidamente me rendo a curiosidade por um disco sem nome. Está apenas guardado em uma embalagem verde musgo.

— Esse é especial? — Viro meu rosto para Kalon, ele terminou de comer e está acendendo um cigarro. Faço uma careta de desaprovação, mas ele apenas bate os cílios e me olha de um jeito amável.

— Não, amor da minha vida. — Solta a fumaça. — É apenas antigo.

Isso é o suficiente para aumentar minha curiosidade, suspiro pesado, colocando o disco com cuidado e me afastando quando a música começa a tocar.

É um instrumental, não há nenhuma voz, apenas melodias lentas e tradicionais. A tranquilidade preenche o nosso quarto e Kalon continua me observando enquanto termina seu cigarro, a fumaça se dissipa quando some pela janela aberta ao seu lado.

— Por que não disse que Salih é seu irmão? — Pergunto quando termino minha cerveja.

— Porque ele não quer ser. — Balança a mão que está erguida para manter o cigarro em sua boca. — Salih foi embora de casa, o que significa que ele não quer ser da minha família. Então o trato como meu amigo.

— Acho que ele foi embora apenas porque queria ser livre, eu o entendo. — Respondo, indo na sua direção.

O olhar de Kalon estremece por alguns segundos, mas muda ao encarar meus seios.

— Não quero você fumando. — Pego o cigarro da sua mão. — Até porque, você ainda está se recuperando. — Kalon me olha de um jeito sério

quando jogo seu cigarro pela janela. — Eu posso fazer uma pergunta?

— Quantas você quiser, amor da minha vida. — Sua voz soa profunda e tão eletrizante que fecho meus olhos.

— Salih disse que é adotado. — Limpo a garganta. — Que ele veio do mesmo lugar que Atena, onde seria esse lugar?

— Uma ilha comumente habitada por ciganos, na Turquia. — Responde sem pensar duas vezes. — Minha mãe foi vendida ao meu pai quando ele ainda era um príncipe. Entende? Ela era uma escrava. Mamãe, Seyma. Existia um esquema anos atrás onde organizações criminosas escravizavam ciganos. Isso é mais comum na Turquia, ou na Grécia, do que imaginamos.

— Pensei que ela viesse de um casamento arranjado como é o costume. — Minha voz falha. Naquele dia no iate, pelas palavras de Seyma, pensei que Atena fosse de família rica. — Como ela nunca pensou em fugir?

— Não sei. — Ele balança os ombros. — Medo, talvez. Mas gosto de pensar que eu e meus irmãos ressignificamos a sua vida nesse país.

— Então o nome dela não é realmente Atena? — Junto às sobrancelhas. — Ela tem nome turco?

— Sim. — Perco o fôlego quando Kalon se ergue e caminha bem devagar na minha direção, ainda estou parada na janela bem a sua frente. — Incila.

Ele não desvia os olhos dos meus seios nus e avermelhados. Caminho para trás o quanto posso, me desviando em direção a cama. Ele sorri como se estivesse me caçando.

Paro quando sinto minha bunda encostar na cama e ele avança bem devagar, pairando seu corpo acima do meu.

— Arcane mou. — Chama meu nome, umedecendo os lábios.

— Habibi? — Engulo em seco, levantando meu queixo para observar melhor seus olhos verdes.

— Também tenho uma pergunta. Algo que ouvi da sua boca enquanto dormia. — Acaricia minha testa, afastando alguns fios de cabelo.

Respiro pesadamente, ansiedade me devorando por imaginar que ele ouviu minha declaração. Quero ouvir da sua boca que sim. Quero saber se

ele também me ama.

— Pergunte. — Separo minhas pernas quando sinto choques de prazer. Seus dedos se fecham no meu pescoço.

— Por que está tão interessada em saber da vida do meu irmão? — Aproxima seus lábios bem devagar, desferindo suas palavras enciumadas contra minha boca. — Está apaixonada por ele, por acaso?

— Eu gosto dele. Sombra é divertido e um pouco doidinho como vocês. — Balanço a cabeça em concordância, não negando que gosto do fato de existir outro Somáli e que sua personalidade é tão encantadora quanto a dos outros.

Mas gosto principalmente que ele seja casado, que terei uma figura amigável como Adalet para conviver e me sentir acolhida nessa família.

— Arcane… — Kalon rosna em advertência. — Vou bater tanto na sua bunda que você vai chorar de um jeito feio. — Ele afasta seus dedos do meu pescoço e respiro trêmula, sentindo falta do seu aperto selvagem.

— Você arrancou os tubos do soro. — Meu dedo desliza por seu braço. — Por favor, volte para a poltrona e me deixe colocar de volta.

— Foda-se o soro. Você não deve falar no diminutivo sobre ninguém além da porra do seu homem.

— Nesse caso. — Solto uma gargalhada animada. — O certo é *homenzinho*.

— Você ainda está me provocando? — Grito quando ele posiciona sua mão entre minhas pernas, levantando meus joelhos e empurrando meu corpo para o meio da cama. — Eu tive uma ideia melhor… — Puxa minha calcinha de um jeito rápido, fazendo meu corpo tremer. — Eu vou bater na sua boceta, não na bunda.

— Mas eu prefiro a bunda. — Tomo fôlego, sentindo ele deslizar o polegar por minha entrada. — Ah, Kalon…

Aperto os lábios quando ele empurra seu dedo sem a menor delicadeza. Meu corpo treme e arde com o prazer intenso.

— Acho que está na hora de testar as suas preferências, gatinha manhosa. — Espalma minha boceta, me fazendo gritar quando ao mesmo tempo sinto seus dedos mais fundo.

Kalon segura meu joelho e me gira de barriga na cama, puxando minha bunda minimamente para o alto, na posição que ele quer, e deixando o primeiro tapa. Afundo o rosto no travesseiro para não perder o controle dos meus gemidos.

— Olhe para mim, amor. — Deixa outro tapa. Encontro seus olhos por cima do ombro, mordendo o lábio quando ele aproxima sua boca e morde minha carne. — Outro tapa? — Sopra as palavras.

— Sim. — Eu tremo, não conseguindo terminar de falar, sua palma bate contra minha pele de uma forma espaçosa que consegue alcançar a boceta também.

Volto a ficar de barriga para cima, essa dor deliciosa me faz fechar as pernas, mas Kalon continua empurrando seus dedos para dentro, mal me dando tempo de respirar.

— Preciso de você. — Agarro as cobertas da cama para sentir que tenho algum controle.

— Então diga, alto e bom tom. — Ele sibila contra minha boca. — Onde você precisa de mim, esposa? E eu darei.

— Aqui. — Imploro, segurando seu pulso e controlando seus movimentos por alguns segundos. Kalon solta uma risada faminta e deixa outro tapa na minha carne sensível. — Amor… — Fecho meus olhos, sinto tanto prazer que uma lágrima escorre pelo meu queixo.

— Vamos aumentar essa frase? — Sorri de um jeito autoritário. — Repita comigo. Amor…

Porra. Fecho meus olhos, me rendendo a cada tortura deliciosa que ele me entrega. Como vou lutar contra isso se já está claro que o amo com todas as minhas forças? Não quero lutar contra nada, quero apenas me entregar ao meu homem.

— Amor… — Eu repito, sentindo um calor úmido subir por minha coluna.

— Da minha vida. — Ele completa, mordiscando meu queixo. Agarro seu pescoço, sentindo um alívio divino quando seu corpo fica por cima do meu.

— Da minha vida. — Respondo no seu ouvido, minhas pálpebras estão trêmulas de prazer e mordisco sua orelha. — Amor da minha vida. —

Repito a frase, marcando suas costas com minhas unhas quando ele abaixa sua calça e estoca de uma só vez.

Meu corpo balança sensualmente com a primeira estocada. Ele está tão quente e pulsando que fico úmida sem sequer fazermos algum movimento contra o outro.

Não consigo compreender porque ele está inerte, e me assusto quando algo quente molha meus lábios em gotas rápidas. Estamos respirando pesadamente e encarando o rosto um do outro.

— Isso são lágrimas? — Lambo o traço molhado que ficou em suas bochechas. Kalon geme, e do soluço baixo, percebendo que estou chorando mais tempo que ele.

Não consigo distinguir se são de prazer ou saudades, mas está tudo misturado dentro do meu peito ao ponto de me fazer soluçar..

— Sei que sentiu minha falta, eu também senti, mas não chore. — Ele encosta sua testa na minha. — Me dói muito a forma que você está me olhando agora.

— Como? — Esfrego meus lábios nos seus, não quero que esse momento acabe.

— Como se tivesse passado uma eternidade quebrada e sem rumo, apenas porque eu quase morri. — Seus olhos estão fechados, consigo ver a angústia marcando sua expressão.

— Fiquei com medo de você me deixar. — Mordisco seu queixo quando ele bate seu quadril contra o meu, me causando uma dor boa e tão amarga que aperto minhas pernas ao seu redor.

— Não queria assustar você daquele jeito. — Kalon geme fraco. — Quero que sinta meus pedidos de desculpas em cada movimento, está bem?

Ele esfrega sua bochecha na minha, e logo capturo seus lábios em um beijo insistente e cheio de alívio. Sua língua me invade, ele tem um gosto salgado e cheio de paixão. Tão voraz e desesperador que perco o controle dos meus gemidos.

— Minha Arcane. — Kalon mordisca meu lábio, esfrega sua pele contra a minha e me fode mais rápido.

Inclino a cabeça para trás, sentindo arrepios até na alma quando ele me puxa de um jeito gostoso, me proporcionando um prazer tão intenso que

minhas pernas fraquejam ao seu redor.

Seu punho fechado está apoiado na minha cintura, tomando impulso para estocar mais rápido e profundo, me fazendo gritar quando minha vista escurece e tudo fica fora de foco.

Sinto apenas as batidas do meu coração a cada ritmo obsceno e insaciável. Meus dedos se perdem nos seus cabelos, puxando com um pouco de força quando ele morde meu pescoço.

— Porra. Porra. — Ele geme contra minha bochecha, me mordendo e me ajudando a não perder a posição.

Choramingo de satisfação. Nossos corpos estão tão conectados que entendo perfeitamente quando ele segura meu joelho e me ajuda a ficar de quatro na cama.

— Cacete, que porra de bunda bonita! — Aperta minha nádega.

Minhas mãos estão apoiadas na cama e eu rebolo devagar, ofegante ao sentir seu pau me preenchendo por completo. Jogo meus cabelos para trás, ignorando a bagunça descuidada que eles estão faz dias.

Kalon os segura entre os punhos e puxa minha cabeça para trás, batendo seu quadril contra minha bunda com mais rapidez. O som do nosso atrito é a coisa mais prazerosa e obscena que já ouvi. Estou obcecada por isso e viro meu rosto para observar melhor.

Sua camisa tem alguns botões abertos, o ferimento está muito bem protegido com um curativo. Kalon está suando de um jeito sensual. Sua pele brilha debaixo da luz do quarto. Um sorriso possessivo dança nos meus lábios, esse homem é totalmente meu, dos pés a cabeça, e eu mataria para mantê-lo apenas comigo.

Kalon estapeia minha bunda, eu grito, jogando minha cabeça para trás e ficando apoiada em uma única mão, ajudando ele com os movimentos rápidos e gostosos.

— Venha aqui, minha vida. — Minha bunda está encaixada no seu quadril quando ele senta na cama, me fazendo sentar no seu pau.

Nossa diferença de tamanho é uma coisa que me surpreende principalmente no sexo. Minhas costas estão contra o seu peito nu, e minhas pernas estão uma de cada lado quando começo a me movimentar nessa posição diferente.

Meus movimentos são mais fáceis assim, parece uma dança obscena. Kalon agarra minha bunda, deixando outro tapa e guiando meus movimentos com os dedos.

— Kalon… — Suspiro quando ele aperta meu seio, beliscando meu mamilo e me puxando para ficar com as costas contra seu abdômen. — Diga que você é meu. — Falo, arrancando uma risada safada da sua boca.

— Acho que você está contaminada com o meu jeito. — Sua voz está rouca.

— Estou falando sério, Kalon mou. — Interrompo meus movimentos e me afasto para ficar de frente a ele. — Diga que você é meu, porque preciso me alimentar disso, das suas palavras. — Segurando seu queixo.

— Você precisa ouvir que tem poder sobre mim? — Segura os dois lados da minha bunda, me puxando para voltar a sentar nele.

Empurro suas costas para deitar na cama, com medo que se machuque. E parece uma loucura querer cavalgar o seu corpo grande e forte mesmo sabendo que vou me cansar rapidamente.

— Sim, eu preciso. — Aproximo minha boca da sua. — Preciso que você reconheça que é meu por inteiro, apenas meu. — Mordisco seu lábio, fazendo ele gemer gostoso quando volto a rebolar.

— Porra, meu amor. — Kalon bate na minha bunda com mais força. — Eu sou seu, inferno. Apenas seu. Desde antes, até o fim dos tempos. Agora seja uma boa garota e continue devorando meu pau com essa boceta deliciosa.

Um sorriso satisfeito dança na minha boca. Ele morde meu pescoço, me causando uma sensação de prazer tão forte que não perco tempo em erguer minha coluna e cavalgar no seu pau com rapidez, controlando meus movimentos enquanto mantenho minhas mãos em seu ombro.

— Também sou sua. — Sussurro, seus olhos fervem com minhas palavras.

Entrelaço nossas mãos com a aliança e tombo minha cabeça para trás, tremendo e quase desmaiando quando sinto seus dedos livres massageando meu clitóris. Sua outra mão aperta minha bunda, me estimulando para ir mais rápido.

Continuamos nessa frequência, até que seu pau parece grande e inchado demais para eu suportar e ele desliza entre minhas coxas, marcando minha pele sensível com seu esperma.

Nós dois gozamos ao mesmo tempo. Um som fraco e trêmulo ecoa da minha boca, Kalon está me observando cheio de fascínio, gemendo de um jeito tão sensual que precisa esconder o rosto no travesseiro para não fazer muito barulho.

— Venha aqui, minha vida. — Ele puxa meu corpo para deitar ao seu lado. Estamos úmidos de suor.

Sua pele brilha enquanto seu peito sobe e desce.

— Você está bem? — Apoio minha cabeça no seu peito, tomando cuidado para não machucá-lo.

Me concentro nos sons do seu coração batendo rápido.

— Melhor do que isso, é impossível. — Ele acaricia minhas costas, aproximando sua boca da minha. — Agora que estou bem, nada pode nos separar, *kardia mou.*

Fecho meus olhos para que suas palavras se concretizem. Não quero de forma alguma voltar a sentir aquele desespero, nem quero que Kalon seja arrancado de mim novamente.

— Jure para mim. — Afundo meu rosto na curva do seu pescoço, respirando seu cheiro delicioso e acalmando meu coração.

— Eu juro. — Responde cheio de honra e verdade.

Tenho tantas coisas para dizer, começando pelo fato dele ter me tirado do presídio psiquiátrico. Quero falar dos meus sentimentos e revelar que quero estar ao seu lado, que quero viver essa vida como se estivesse caminhando para o céu, porque Kalon faz eu me sentir livre de uma forma que nunca imaginei ser possível.

Esse sentimento que ele me proporciona vai além do que sempre sonhei enquanto vivia naquela prisão. Parece coisa de outro mundo.

Talvez eu deva procurar Aleksander quando voltarmos para Istambul, ou enviar flores como uma resposta para as palavras que me disse naquela noite no hospital, realmente funcionou.

Um milagre aconteceu nas nossas vidas.

38. QUEBRANDO O SILÊNCIO

“A vida é como um sonho;
é o acordar que nos mata”.

— VIRGINIA WOOLF.

Kalon Somáli

Desperto em um sobressalto após ouvir o barulho de um tiro ecoando na minha cabeça.

Mesmo que já tenha passado dois dias desde que acordei, as lembranças daquele dia ainda me perseguem e me fazem acordar no meio da noite.

Isso deixa Arcane preocupada quando me pega olhando por muito tempo para o mesmo lugar, o que me incomoda. Não quero deixá-la infeliz.

— Outro pesadelo? — Ela sussurra, girando na cama de um jeito manhoso. Páris está deitado no final da cama, dificultando os meus pés de se entrelaçarem aos dela. — Quer que eu ligue para Rajá? Talvez ele possa trazer algum analgésico que ajude no sono.

Resmunga de um jeito preguiçoso ao tocar minhas bochechas e aproximar sua pele da minha. Seus olhos ainda estão fechados, lutando entre ficar acordada e voltar a dormir.

— Volte a dormir, meu amor. — Abraço sua cintura. — Você já fez demais nesses últimos dias, até banho me ajudou a tomar quando eu não conseguia me livrar dos tubos de soro.

Ela ri de um jeito sexy, provavelmente relembrando como eu precisei passar o dia com duas bolsas de soro para compensar a que foi perdida quando fizemos sexo.

— Então vamos voltar a dormir, por favor. — Pede baixinho, girando seu quadril até sentir meu tronco contra sua bunda. — Seus ferimentos estão bem?

— Muito bem. — Ronrono. — Já consigo movimentar meu braço sem sentir dor. — Mergulho meu rosto na curva do seu pescoço, agarrando sua barriga com mais força e não dando espaço para ela escapar.

Agora que estamos de volta a nossa casa perto do mar, Arcane está mais à vontade. Quando completar um mês de cirurgia, vamos voltar para Istambul e retomar nossa vida de onde paramos.

Quando Arcane não diz nada, começo a acreditar que voltou a dormir, mas seu corpo se ergue na cama e ela me encara.

— Vamos ver o sol nascer. — Declara.

— Ah, não. — Balanço a cabeça em negação. — Está aí a última coisa que farei, me peça um órgão, mas não para sair dessa cama quentinha uma hora dessas.

— Deixa de ser palhaço. — Ela solta uma gargalhada, batendo o travesseiro no meu rosto. — Pense em quantas pessoas estão presas em algum lugar e dariam tudo para ver o sol nascendo.

— Se essa é uma tentativa de me comover, saiba que não funciona. — Fecho meus olhos, não dando a mínima para a humildade essa hora da manhã. — Não consigo me sensibilizar com pessoas que não conheço.

— Kalon. — Ela agarra meu braço. — Então pense em mim, eu sempre desejei ver o sol nascendo quando estava na prisão.

Merda. Abro meus olhos no mesmo instante. Seus cabelos estão bagunçados e ela me encara com um brilho indecifrável.

— Parece uma coisa simples e tediosa, mas juro que sempre quis isso. — Acrescenta.

— Tudo bem. — Levanto da cama com tanta sonolência que ela precisa me segurar. — Mas faz tanto frio essa hora que vai estragar essa sua vontade descomunal.

Arcane solta uma risada debochada e segura o edredom preto, com alguns desenhos, por cima dos ombros. Ela me puxa para abraçar seu corpo, até que nosso tronco está envolvido por essa manta quentinha.

— Vamos sobreviver ao frio com isso.

Ela realmente tem uma solução para tudo, estou impressionado. Quando abro a porta de vidro, um vento morno e ao mesmo tempo frio bate nas minhas bochechas.

Olho para Arcane que parece maravilhada ao encarar o horizonte. Do outro lado, temos uma visão espaçosa da cidade. As pequenas luzes estão perdendo seu brilho em meio as nuances alaranjadas dos primeiros raios de sol.

Não se compra a vista que temos da nossa casa em Istambul, mas é maravilhoso ver essa cidade com paredes brancas, casas tão minúsculas e arrebatadoras.

Minha mulher parece chorosa, as bochechas avermelhadas e os olhos claros brilhando, cheios de uma mansidão e paixão que não consigo decifrar com todas as letras. Parece alívio, como se eu não fosse real, ou como se nós não fôssemos reais de tão felizes que estamos agora.

Nossa casa tem um espaçoso jardim, com árvores e um gramado macio. Algumas cadeiras e um balanço debaixo de uma árvore, mas a melhor parte, sem dúvidas, é essa vista esplendorosa para a cidade branca.

Sinto como se tivesse nascido para viver esse exato momento, e gostaria de segurar o tempo com minhas próprias mãos, apenas para perdurar cada segundo e vivê-lo eternamente.

— É realmente lindo. — Eu sussurro, mesmo sabendo que qualquer coisa parece o céu quando estamos juntos.

— Sinto vontade de viver esse momento todos os dias. — Arcane suspira, sua voz quase não sai.

— Venha aqui. — Seu corpo afunda contra o meu no mesmo instante. — Também quero isso.

Eu a amo tanto que dói. *Como isso é possível?* Um sentimento tão bom e pacífico dentro de um homem que só conhece o caos e a raiva. Leva tempo para se acostumar com a ideia do amor.

Nossa manta está muito bem aconchegada ao nosso redor, como um casulo. Arcane apoia sua cabeça no meu peito e continua assistindo o sol nascer, até que suas pálpebras pesam, os raios mornos do sol ficam mais próximos e o astro fica cada vez mais alto no céu.

— Essa é a hora que você fala alguma coisa muito bonita, Kalon. — Ela ergue o rosto para me observar.

— Você é algo muito bonito, Arcane. Deseja que eu repita seu nome até perder a voz? Faço agora mesmo, e de joelhos.

— Não seja bobo. — Ela ri.

— Falo sério, a parte mais bonita é que você me pertence. Fodidamente... — Aponto o queixo na sua direção, para ela completar.

— Fodidamente sua. — Responde, ainda rindo. — Você precisa mudar essa frase, procure algo mais respeitoso.

— Certo, vou pensar em alguma coisa que envolva seu sexo divino, isso sim é muito respeitoso da minba parte: enaltecer a forma incrível como você senta.

— Entre todos os absurdos que acabei de ouvir, me diga uma coisa: por que de joelhos? — Suas bochechas já estão vermelhas de tanto rir.

— Por que você parece um milagre. — Respondo. — E é comum que as pessoas se ajoelhem em gratidão por algo assim.

— Está me deixando sem jeito, seu bobo.

Eu aproximo meu rosto do seu, apertando seu corpo por baixo da manta e reivindicando seus lábios em um beijo calmo.

— Não sou bobo, sou seu devoto, Arcane mou. — Esfrego meu nariz no seu.

Suas mãos sobem por meu peito, até que ela segura meus ombros e se inclina, beijando minha boca como se não houvesse amanhã. Nossos lábios se separam por falta de fôlego, e Arcane me olha de um jeito travesso.

— Eu estava pensando, o que as pessoas diriam se soubessem que você é completamente louco, perdido, por mim? Pode ficar com a reputação de cachorrinho na coleira.

— Ah, eu não sou isso. — Solto uma risada amarga. — Está insinuando que manda em mim?

— Mas é óbvio que eu mando em você. — Joga a cabeça de um jeito vaidoso e tão brincalhão que faz meu estômago vibrar de uma forma que apenas um adolescente na puberdade é capaz de sentir. — A questão é o seguinte, você vai me dar a patinha?

— Cacete, que fofa. — Aperto os olhos, soltando um gemido divertido quando ela solta as palavras de um jeito manhoso. — Eu vou bater na sua bunda, isso é bem melhor, não acha?

— Minha bunda já está dolorida, desse jeito você vai precisar me carregar nos braços por dias. — Ela morde meu queixo, me arrancando um gemido.

Então, em seguida, deixa um beijo estalado na minha pele. Eu tremo em resposta ao seu carinho.

— Ora, mas você esfregou sua bunda no meu pau no dia do nosso noivado. — Seguro seu queixo. — Quantos tapas vou precisar dar para ter essa determinação de volta?

— Pode ir contando enquanto eu rebolo em você mais tarde — Ela debocha, deixando claro que estou brincando com fogo, não ela. — Vamos entrar? Nosso dia está apenas começando.

— O que você quer dizer com apenas começando? — Esfrego meu nariz na sua bochecha.

— Não pense besteira. — Ela dá risada. — Eu vou ao mercado comprar alguma coisa para preparar nosso almoço.

— Venha aqui, sua diaba gostosa. Ainda é cedo para me deixar sozinho. — Sigo atrás dela. — Ao menos gostou de ver o pôr do sol?

— Muitíssimo. — Ela responde com rapidez, me fazendo rir da expressão fofa que ela demonstra apenas quando está comigo.

Minha mulher realmente é uma caixinha de surpresas.

Quando entramos no quarto, Arcane passa alguns minutos obcecada em trocar meus curativos e ver se meu ferimento não abriu, mesmo comigo

repetindo que me sinto bem e o pior já passou.

Ela está superprotetora comigo desde que retornamos de Istambul, como se toda aquela merda tivesse nos aproximado mais ainda, o que me deixa preocupado, porque tenho medo que seja momentâneo e em algum momento ela se canse de mim e decida ir embora.

Yuri me contou que Arcane sabe que eu a tirei da prisão, e também penso ter ouvido naquele dia que ela me ama, mas ainda não tive coragem de iniciar o assunto sobre tudo que está acontecendo. Tenho medo de tentar primeiro e isso estourar a bolha frágil que estamos escondidos.

— Kalon? — Ela sussurra, deslizando a ponta do seu dedo indicador por minha barriga.

— *Sevgilim?* — Levanto o rosto para ver sua face.

— Você acredita no amor? — Paraliso com sua pergunta, é quase como se ela estivesse lendo meus pensamentos. — Acha que ele foi feito para você? — Ela encara suas mãos — Para nós?

Os problemas desaparecem e ficamos apenas eu e ela, nós dois nos encarando e tentando decifrar tudo que está escrito em nossos olhos.

— Dizem que o amor nos faz querer ser a melhor versão de nós mesmos. — Junto às sobrancelhas. — Mamãe acredita que ele é feito para salvar as pessoas, dar mais sentido à vida delas e fazer com que se sintam livres.

— E no que você acredita? — Torce os lábios em um sorriso triste.

— No que minha mãe acredita.

Arcane balança a cabeça em concordância, seus os olhos brilham profundamente, até que seu corpo fica ao meu lado e ela segura minha mão no seu colo.

— Por que a pergunta? — Sussurro, acariciando seus dedos com o polegar.

— Porque quero compreender como as coisas funcionam. — Ela engole em seco. — Como as coisas funcionam para uma pessoa que é louca?

— Mas você não é louca. — Procuro seu rosto. — Passaram a sua vida inteira tentando te convencer de uma coisa que você não é. Você é inteligente, um pouco tímida porque não está acostumada a ser tratada

como uma mulher, mas também muito forte e atraente quando sente confiança.

— Está dizendo apenas para me agradar. — Arcane se inclina e deita a sua cabeça em meu ombro.

— Não estou. — Dou risada. — Estou dizendo o que você é de fato.

— Então fale mais, por favor. — Ela pede como se minhas palavras fossem importantes demais para ficarem guardadas.

— Você é uma artista, ama música e desenhos. Também tem um gosto maravilhoso para escolher livros antigos, as roupas que veste são lindas, principalmente as de inverno. — Ela dá risada, provavelmente lembrando das combinações de meia calça com saia curta em um estilo punk.

— Também gosto do seu cabelo ondulado, loiro-castanho e grande. — Olho para sua cabeça. — Como ele fica mais claro dependendo da claridade ou de como cuida dele.

— Você repara nisso tudo? — Ela levanta o rosto.

— Claro que sim. Eu sei até mesmo o seu ciclo menstrual.

— Deus do céu. — Ela balança a cabeça, ainda em choque. — Então você é o cuidadoso da relação e eu sou desleixada?

— Não. — Viro o rosto, pensando por um tempo. — Bom, se formos considerar que você revira todas as minhas roupas e acaba bagunçando todos os meus discos, então você é.

— Mas você também é desse jeito. — Ela me olha cheia de confusão. — Porque você rasga todas as minhas calcinhas quando vamos fazer sexo, também deixa a toalha molhada na cama e esquece de colocar Scar na casa dele.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, não deixando de nos encarar. Um sentimento bom e agradável se espalha entre nós, conseguimos ouvir nossos animais de estimação fazendo barulho pela casa, o som do vento e nossa respiração ofegante.

Continuamos nos encarando e pensando no assunto, até que soltamos uma gargalhada alta e estridente.

— Então isso nos leva a qual conclusão? — Ela pergunta. — Somos péssimos donos de casa?

— Não. — Balanço a cabeça em negação, completamente descrente da sua conclusão. — Isso prova que você não é louca, que tem uma vida normal como todo mundo, e cá entre nós… — Aceno para ela ficar mais perto e eu cochichar, Arcane faz isso com tanta inocência e curiosidade que eu me derreto. — Você é mais privilegiada que todo mundo.

— Eu sou? — Ela sorri. — Por qual razão?

— Primeiro, porque você é casada comigo. — Aponto para meu peito, arrancando uma gargalhada desdenhosa dela. — Segundo, porque ninguém no mundo tem essa vida, essa oportunidade de fazer o seu próprio destino e morar naquela casa em Istambul. — Os olhos de Arcane brilham. — Aquele é o seu paraíso, eu consigo ver isso. Então o amor está espalhado em todos os lugares que te deixam muito feliz e te fazem ser você mesma. É assim que se reconhece o amor, quando se está feliz e em paz.

— Isso faz bastante sentido para mim. — Ela encara suas mãos por um tempo, sua boca segura palavras que estou louco para ouvir. — Mas você não me disse o que é o amor para você, apenas para mim.

— Eu não percebi. — Encaro um ponto vazio do quarto. — Não consigo descrever como enxergo o amor para mim.

— Não consegue? — Seus ombros caem, como se isso doesse.

Não consigo, porque só sei sentir esse sentimento enraizado até a porra da minha alma. Volto a olhar para seu rosto, Arcane está esperando que eu compartilhe uma explicação, mas minha boca reivindica a sua com suavidade, decidido a mostrá-la o que é o amor para mim.

Ela suspira e segura meu queixo em busca de mais contato. Eu afundo na cama, trazendo-a para cima do meu corpo e abraçando tão forte que nada no mundo será capaz de movê-la daqui. Respiro seu cheiro, desejando nunca viver em um mundo onde não possa sentir isso.

— Você está amassando minha roupa. — Tenta se afastar. — Aliás, vou passar o dia fazendo compras e já estou atrasada.

Ela pula para fora dos meus braços e começa a apreciar seu corpo no espelho. Tomo apoio nos meus cotovelos para observar seu traseiro muito bem apertado no tecido delicado desse vestido. Inspeciono cada traço da peça e imediatamente reconheço.

— Esse é o vestido que a Bruna Lírio usou no desfile da Mirror Palais SS24. — Fico sentado. Arcane gira seu corpo e me encara como se

eu fosse um alienígena.

— Como você sabe dessas coisas? — Ela está chocada, é evidente. — Por acaso é algum perseguidor de modelos gatas?

— Não. — Solto uma gargalhada. — Mas poderia ser.

— Poderia?! — Atira a escova de cabelo na minha cara, eu bato na cama, gemendo e soltando gargalhadas sufocadas. — Não esqueça que você é casado comigo, seu idiota!

— Impossível esquecer uma coisa dessas. — Continuo rindo, viro meu rosto na almofada para apreciar seus seios muito bem apertados no tecido branco. — Porra, você está linda pra caralho, amor.

— Obrigada. — Arcane bate os cílios de um jeito vaidoso. — Ganhei de presente, acredita?

— E por que só estou sabendo disso agora? Quem foi o canalha?!

— Como sabe que foi um homem? — Leva a mão ao peito. — Você está me perseguindo também?

Sinto vontade de beijar sua boca quando vejo essa expressão fingida de deboche.

— Porque esse é o tipo de coisa que eu te daria se quisesse colocar um filho em você horas depois. — Jogo uma almofada na sua direção.

— Eita. — Ela paralisa e me encara cheia de pesar. — Pois foi seu irmão quem me deu, ele disse que era um presente para desejar recuperações e eu usar na ocasião que vamos celebrar uma nova fase das nossas vidas, agora que você sobreviveu. — Ela acaricia sua cintura de um jeito tão vaidoso que meu pau fica inchado.

— Vou matá-lo. — Declaro.

— Não faça isso, ele tem dois filhos para criar. — Arcane volta a se olhar no espelho. — Deixe de ser paranóico.

— Foi Sombra? — Solto uma gargalhada amarga. — Ok, eu vou matar ele e os filhos.

Arcane grita quando jogo outra almofada na sua direção, dessa vez acertando sua bunda deliciosa.

— Ai meu Deus, você está possesso! — Corre para fora do quarto. Dou risada quando a porta bate de um jeito dramático. — Não faça muito

esforço enquanto eu não volto, está bem? — Fala do outro lado. — Você pode ouvir música no meu headphone, fiz uma playlist maravilhosa.

— Você é maravilhosa, isso sim que vai me sustentar até o final dos tempos. — Agradeço, caminhando até a cabeceira.

— Bom, agora vou indo. — Ela abre a porta e coloca a cabeça pela brecha. — Quando eu voltar, vou preparar um delicioso almoço para comemorar todas as coisas que Salih me encorajou ao meu presentear com o vestido.

— Está bem, *Sevgilim*. — Pisco. — Então vou me preparar para colocar um filho em você.

— Você não é louco. — Ela faz uma careta desesperada e fecha a porta novamente.

Dou risada, assobiando para Páris me seguir até a varanda do nosso quarto. Coloco o fone e me deito na espreguiçadeira, sentindo os raios de sol marcando meu rosto suavemente.

Arcane tem muito bom gosto para escolher músicas, a playlist está repleta com artistas que não tem muito reconhecimento. Coloco *Don't Hold Me* do *Sandro Cavazza* para repetir e me concentro na leitura de mais um livro da Virginia Woolf, pois desde que Arcane me falou da autora, não paro de ler cada livro que ela tem na estante.

Perco a noção do tempo, já é tarde do dia quando Arcane retorna para casa, por volta das cinco horas.

Ela não subiu para nosso quarto, eu desço até a cozinha e vejo ela caminhando de um lado para o outro, seu semblante está tenso e suas mãos estão tremendo enquanto segura a faca.

— Eu adorei a playlist. — Cruzo os braços, apoiando meu corpo na bancada. Ela tem um sobressalto, virando seu rosto avermelhado para me encarar. — Você está bem, amor?

— Estou. — Ela sorri, limpando a garganta. — Apenas me assustei.

— Você demorou para chegar. — Seguro seu ombro, mas ela rapidamente se afasta para o outro lado da cozinha, quase esbarrando em Paris. — Arcane?

Aperto meus lábios, definitivamente tem algo de errado com ela.

— Eu tive que ir em outro mercado porque o primeiro estava cheio demais e eu odeio lugares lotados. — Ela explica, abaixando seu corpo para ligar o forno. — Comprei várias frutas, você pode comer enquanto preparo uma lasanha italiana que vi na internet.

Certo, então voltamos para aquele distanciamento dos infernos. Algo doloroso transpassa meu peito e eu preciso respirar fundo para não resmungar com o desconforto intenso. Observo Arcane por algum tempo, tentando buscar qualquer pista, qualquer coisa que esclareça porque está me tratando assim.

— Pode esperar na sala, por favor? — Ela pergunta, ainda sem me olhar. — Está atrapalhando a minha concentração.

Dou as costas sem responder nenhuma palavra, apenas me sento no sofá e ligo a TV tentando acompanhar as notícias. O som do aparelho ecoa por toda a sala, até que o dia se faz noite e Arcane continua na cozinha. Seguro o controle para deixar a TV muda, não consigo ouvir nenhum som vindo de lá.

— Arcane, acho que você fez comida o suficiente por dois dias. — Eu levanto, caminhando devagar em sua direção. — Pode me dizer o que está acontecendo?

Me assusto quando ela pula nos meus braços e rouba um beijo dos meus lábios. Um som fraco e divertido escapa da minha boca.

— Vamos conversar no quarto? — Ela questiona, essa expressão que me incomoda ainda não foi embora, mas seus olhos brilham de uma forma que confio nela para segurar sua mão e caminhar ao seu lado.

— Sobre o que precisamos conversar? — Questiono, ajudando ela a subir as escadas.

— Sobre nossa vida. — Ela responde.

— Isso tem a ver com o que queria me contar quando me encontrou na fazenda? — Pergunto, Arcane paralisa por algum tempo e seus olhos brilham de um jeito melancólico.

— Sim, tem a ver com isso. Acho que precisamos começar com o dia em que você me tirou da prisão.

Olho para seu rosto, uma frieza dolorosa sobe por minha coluna e machuca meu estômago. Tenho a sensação que qualquer passo em falso pode derrubar tudo que nós construímos.

— Você já sabe os motivos para eu ter feito isso. — Respondo. — Também sabe que minhas intenções mudaram no dia que te vi naquele quarto.

— Acho que tudo isso começou de um jeito muito errado e não tem como a gente continuar, Kalon. — Ela toma fôlego, me encarando com frieza.

— Como? — Minha voz sai falha e tão dolorosa que fecho a boca. — O que você está dizendo?

— Estou dizendo que quero ir embora. — Ela solta as palavras que me deixam desnorteado. — Primeiro, por que não me contou? Eu descobri sozinha que só estou viva depois de matar Nikoleta porque você me tirou de lá. E se você tinha alguma esperança que as coisas poderiam mudar quando eu soubesse dos seus atos heróicos, saiba que não mudou. Eu continuo odiando você e quero ir embora.

— Não, você não me odeia. — Tento segurar sua mão, não é possível que isso esteja acontecendo. — O que você está dizendo? Estávamos bem, estávamos dando certo.

— Não, não estávamos! — Ela afasta minha mão. — Eu estava fingindo, tentando assimilar toda essa confusão, esperando você se recuperar para poder ir embora de uma vez por todas. Não me importo se existem pessoas atrás de mim, isso não justifica o fato que estou aprisionada a você, a um homem que não significa nada para mim.

Eu não significo nada para ela. Suas palavras arrancam meu fôlego. *Arcane me odeia? Mas e quanto aos nossos planos? E todos os momentos que vivemos juntos?*

— Não… — Balanço a cabeça em negação, me recusando a acreditar no que sai da sua boca. — Eu não contei sobre a prisão porque queria proteger você, porque queria que você tivesse uma vida normal.

— Eu não preciso de você, Kalon! Entenda isso! Não preciso de você me protegendo como se fosse a porra do meu herói, como se a minha

vida fosse incrível ao seu lado. — Ela me empurra na cama, me fazendo enfraquecer diante das suas palavras.

— Pare de falar essas coisas. — Aperto os olhos, algo quente molha minhas bochechas.

Isso só pode ser um pesadelo.

— Claro que vou falar! Eu não quero você controlando minha vida! — Grita mais alto. — Seria melhor se tivessem me deixado morrer. Eu nunca precisei que você fizesse nada disso por mim, não preciso dessa vida que você me oferece, dessa ilusão controladora.

— Não… Juro que minhas intenções são boas, Arcane mou. — Balanço a cabeça em negação.

Ela leva minhas mãos para a cabeceira da cama, primeiro eu observo no automático, consumindo pela confusão, mas quando ela pega as algemas na gaveta, percebo o que está tramando.

— Meu amor, o que você está fazendo? — Minha voz está frágil.

— Você nunca vai me deixar ir embora, porque é egoísta e só pensa em si mesmo. — Segura meus pulsos quando tento lutar. — Essa é a única forma que eu posso ser livre.

— Não, amor! — Entrelaço minhas pernas ao redor da sua cintura, procurando uma forma de prender seu corpo ao meu. — Pare com isso, Arcane!

— Me solte! — Ela bate no meu peito, me fazendo gritar de dor e me revirar na cama. Todo meu corpo treme quando sou devorado por essa agonia que se espalha por minha carne. — Você não consegue compreender o que estou falando? Eu não quero você, Kalon! Não quero seu ciúmes, nem sua passividade doentia, absolutamente nada!

Eu balanço a cabeça em negação, tentando escapar, mas é em vão.

— Não… Não vá embora. — Um soluço involuntário sai da minha boca. *Isso não pode acontecer.* — Arcane mou, não faça isso.

Ela bagunça todo o quarto, chorando de um jeito doloroso enquanto procura por suas coisas. Seu corpo esbarra na cabeceira da cama quando tropeça.

— Amor… Eu prometo que vou melhorar. — Minha visão está turva. — Podemos tentar de novo, converse comigo. Prometo que mudou

meu jeito, que faço qualquer coisa, só não parta meu coração desse jeito, amor! Prometo que vou fazer você feliz!

— Cale a boca, Kalon! — Ela me olha com os cabelos bagunçados. — Você não entende? Não há nada que você possa fazer para melhorar essa situação, eu não preciso de você, eu não sinto nada por você.

— Nada? — Encaro seu rosto. — Nada do que sinto você sente também?

— Esse é o ponto. — Ela aponta o dedo em minha direção. — Você também não sente nada, você é a porra de um monstro psicopata. Tudo que você conhece é a destruição.

— Eu vou tentar mudar… — Balanço meu corpo na intenção de escapar. — Por favor, não faça isso com a gente. Vamos dar um jeito, não desista de mim. — Minha garganta falha e preciso tomar fôlego. — Você está partindo meu coração, meu amor. Faça parar.

— Não há nada que você possa fazer. — Ela caminha para trás, me encarando com tanta insignificância que todo o meu corpo dói. — Meus sentimentos por você nunca vão mudar, eu continuo te odiando, Kalon. Não quero uma vida ao seu lado, você não pode me obrigar a isso.

Minha alma está sangrando, implorando pela necessidade de rasgar minha pele e refazer meu espírito, apenas para que eu seja perfeito aos seus olhos, para que eu tenha algum tipo de valor na sua vida.

— Arcane mou! Não vá! — Grito quando ela me dá as costas e fecha a porta do quarto.

O silêncio soa tão desesperador que soluço alto, me debatendo na cama para conseguir escapar. Não consigo acreditar que ela acabou de me abandonar, pior ainda, que estou chorando porque me sinto aos pedaços.

Fecho meus olhos, respirando pesadamente e tentando processar tudo que acabou de acontecer. Minha mulher simplesmente foi embora e disse que me odeia, jogou no lixo tudo que temos.

Balanço minhas mãos, fazendo um barulho doloroso, meus gritos ecoam pelo quarto porque nada faz sentido para mim.

Dói porque não fui bom o suficiente, porque tudo que aconteceu foi em vão. Não posso tê-la comigo para amar e ser feliz. Agora realmente está claro, não importa o que eu faça, ela sempre vai me odiar.

Um gosto amargo se espalha na minha boca e me faz gritar mais alto. Arcane partiu meu coração, foi embora e levou tudo que eu tenho de mais importante.

Deus, como vou viver sem a minha alma?

39. O STALKER

“Mas eu sigo teus passos, ainda não é o fim.
Eu seguirei teus passos”.
— MORENA.

Arcane Planard

Estou correndo pelas ruas de Atenas enquanto lágrimas escorrem por minhas bochechas.

Meu coração está partido com as palavras que saíram da sua boca, a expressão vulnerável quando abandonei seu corpo algemado. Tento enxugar meu rosto, mas começo a soluçar quando minha alma quebra a cada passo que dou para longe do meu Kalon.

— Ai, Deus! — Desabo no chão, não conseguindo dar nenhum passo sem me encolher de dor.

O vento gélido bate contra meu corpo, me fazendo encolher com mais desespero. Maldita hora que resolvi ir ao mercado e aquele homem apareceu.

Aleksander.

Eu acreditei que ele era uma pessoa normal que me encontrou no hospital porque também estava passando por um momento ruim, mas a verdade é que ele estava me perseguindo esse tempo inteiro e estava apenas esperando uma oportunidade para me alcançar.

Seguro a carta de baralho em mãos, lendo as palavras escritas:

“Piadas, segredos, mentiras. Um beijo do seu amiguinho maluquinho”.

O desenho é de um palhaço. Joker. E no verso está escrito:

“Dê um jeito de se livrar do seu homem e me encontrar, ou sua irmã morre”.

Aquele homem me entregou isso depois de mostrar uma foto de Melissa com seu rosto ensanguentado, eu não tive tempo de confrontá-lo e saber o que estava acontecendo, no momento em que li a carta, ele já tinha desaparecido como um fantasma.

Tentei como louca ligar para Melissa e Nimue, mas nenhuma delas me atendeu. Pensei em contar para Kalon, mas comecei a receber vídeos desconhecidos dela sendo torturada, gritando e chamando meu nome.

— Deus, eu queria tanto que fosse um pesadelo. — Observo o mar na minha frente.

Estou no porto, esse lugar sempre tem algum movimento de pessoas, e recebi esse endereço por mensagem com o horário exato para eu aparecer, ou Melissa morre.

Levo a mão ao peito, sentindo um vazio me consumir quando relembro as últimas horas. A única forma de manter Kalon fora disso foi algemando ele na cama e dizendo todas aquelas coisas para que não me seguisse, mas, sinto que acabei de destruir tudo de mais precioso na minha vida.

Escondo meu rosto entre as mãos e soluço mais alto. Meu corpo está trêmulo, tenho medo que aquele homem tenha enviado homens para matá-lo. Nunca vou conseguir me perdoar se algo acontecer com ele.

— Pare de chorar, criança. — Uma sombra familiar para bem na minha frente e cubro minha boca para sufocar um grito desesperado.

Frio agride minhas bochechas e algo doloroso parte meu coração em pedaços.

— Não… — Quebro quando vejo seu rosto. Me sinto tão traída que meu fôlego acaba. — Não faça isso comigo… — Toda essa agonia deixa a minha boca amarga. — Era você esse tempo inteiro? Por favor, diga que não…

Olho ao redor como se o mundo estivesse em chamas. Isso não pode ser real, tem que ser um pesadelo, como vou suportar a traição dele?

— Você pensou que mudando sua vida estaria livre do seu passado? — Pavlos questiona, me analisando dos pés a cabeça. — Que casando com aquele homem, e estando debaixo das asas dele, conseguiria escapar de mim?

— Por que está fazendo isso comigo? Logo você! — Meu corpo estremece quando ele descansa sua mão no meu ombro. Seus dedos se fecham com agressividade e eu grito alto, sentindo dor.

— Ainda não terminei de falar. Sei que você está em choque, mas logo vamos chegar nessa parte. — Estala a língua. — Achou que as pessoas simplesmente te aceitariam como você é? Que a vingança não pode bater na sua porta apenas porque você pertence a eles? Pois eis-me aqui, Arcane. Estou aqui para finalmente provar que o mundo não está ao seu favor, que esse não é um mundo onde assassinos como você saem ganhando.

— Não… — Choramingo, meu peito queima com sua traição. — Você é meu melhor amigo, como pôde fazer isso comigo?

Pavlos não responde, apenas agarra meus joelhos e me ergue do chão, me jogando por cima dos seus ombros.

— Por que você?! — Esmurrando suas costas.

Ele é muito mais forte que eu, não consigo fazer nada por me sentir traída e por Melissa estar em risco. Me sinto tão quebrada e usada que um buraco imenso se abre no meu peito.

— Por que você fez isso com Melissa? — Balanço a cabeça em negação, Pavlos rosna e olha para os lados.

Engasgo, perdendo a força das minhas mãos que tentam esmurrar suas costas. Ele me coloca no chão quando chegamos do outro lado, seus olhos me analisam com tanta calma que começo a acreditar que estou delirando.

— Pare de chorar ou arranco sua língua. — Aperta meu queixo com força.

Estou à beira de um colapso por imaginar as coisas que ele fez com minha irmã. Como esse tempo inteiro era ele? Meu melhor amigo desde a escola. Isso não faz sentido.

— Você logo vai saber de Mel, mas primeiro, vamos sair das ruas. — Me empurra para entrar em um barco. — Depressa, Arcane. — Tropeço quando ele bate nas minhas costas. — Caminhe caso não queira sua irmã morta, porra!

Eu olho por cima do ombro, tentando compreender porquê Pavlos está tão agitado.

— Por que temos que sair das ruas? — Eu tremo, fica difícil subir no barco por causa da maré agitada.

— Nada de conversa. — Ele aponta uma arma na minha direção. — Eu mandei você andar, cacete! Os homens estão subindo na torre.

Viro meu rosto na direção que Pavlos está olhando. Todos os dias um grupo de *almuadens* sobem no alto dos minaretes para cantar, trata-se de um chamado, sinalizando que as pessoas devem começar suas orações, mas a parte assustadora é que agora não é o horário adequado.

— A Alkyóna já sabe que alguém da família Somáli está desaparecido. — Ele rosna.

Tento gritar, mas Pavlos aperta minha boca, me empurrando com força no barco. Minhas costas queimam com o impacto severo.

— Cale a boca, porra! — Sibila no meu ouvido, me empurrando de mal jeito e agarrando os remos.

— O que estamos fazendo? — Sinto medo quando ficamos distantes da cidade, a escuridão do mar toma conta do ambiente ao nosso redor e fica impossível ver para onde nós dois estamos navegando.

— Estou ganhando tempo. — Ele sorri largo. — Estou escondendo você daquele caçador filho da puta.

— Do que está falando? — Seguro as bordas do barco quando ele para de remar.

— Ouça, Arcane. — Pavlos aponta para a cidade na nossa frente. — Ouça e saiba.

Fico em silêncio, até que consigo ouvir uma voz distante. Uma canção suave ecoa por toda a cidade. Eu me assusto com o timbre grave e mortal da voz masculina, entoando palavras em uma língua antiga.

Olho para Pavlos, meu coração está palpitando de medo ao ponto de consumir minha respiração. Ele me encara tomado por um silêncio perturbador, virando seu rosto para encarar as torres de onde as vozes ecoam com fervor.

O som noturno do mar não é mais assustador do que todas essas vozes se misturando em uma canção diferente de tudo que essa cidade está acostumada a ouvir. As pessoas parecem entender do que se trata, porque todas as portas estão trancadas. Os cachorros latem ao longe, crianças choram baixinho. Parece que todo mundo espera um banho de sangue imediatamente.

— É um chamado de guerra.

— O que a letra diz? — Minha voz sai trêmula.

— Não faço ideia, eles cantam em uma língua antiga.

Há tanto fervor e convicção em cada palavra que meu corpo estremece de medo. Viro o rosto, acompanhando a forma grave como a voz invade cada rua e se espalha por cada torre onde estão, eles estão mais altos do que todo o resto da cidade, observam cada rua sem parar de cantar.

Parece uma eternidade com cada palavra sendo pronunciada lentamente, e o resto do mundo permanece em silêncio, apenas ouvindo. Sinto calafrios quando os pássaros que estavam dormindo se agitam, voando para longe das árvores perto do mar.

A cidade dorme em um silêncio absoluto, nenhum animal está latindo, nenhuma criança continua chorando, Atenas parece sem vida quando eles param de cantar.

— O que aconteceu? — Olho na direção que Pavlos está sentado, com as mãos cruzadas e assistindo a água turva.

— Eles saíram para te caçar. — O homem me encara de um jeito sombrio.

Agora sinto que não o conheço de verdade, e dói muito perceber que tudo que vivemos foi uma mentira. Sequer sei o motivo para ele estar fazendo isso comigo.

— Pavlos, por que está fazendo isso comigo? — Tento segurar sua mão. — Pensei que você nos amasse.

— *Own*. — Ele me encara, repuxando seus lábios para baixo em uma expressão fingida de fofura. — Foi tão fácil enganar vocês… Melissa é uma pessoa tão fácil! Só precisei foder ela do jeito certo para conseguir me misturar com vocês. Construí uma vida inteira, cheia de simplicidade e normalidade para atrair vocês.

Sua maldade está estampada no seu rosto. Sinto nojo de mim mesma por ter confiado cegamente nesse homem. Ele conseguiu enganar todas nós com seu comportamento de bom moço, com sua vida perfeita e limpa, mas Pavlos demonstra ser tão mal quanto qualquer pessoa que eu conheço.

— Meu pai me ajudou, é claro. — Infla seu peito. — Você deve lembrar dele. Aleksander, aquele amigo de quem falei no dia que estávamos soltando pipa.

Tento me soltar quando ele segura meu braço ao chegarmos do outro lado da cidade, mas é em vão.

Esse é um bairro mais pobre e escuro, algumas pessoas nos observam com preocupação, tentando compreender porque estou sendo arrastada para fora do barco.

— Eu tenho muita coisa para falar, mas antes, vamos começar a brincadeira. — Pavlos me empurra no chão,grito quando minha palma rasga nas pedras.

— Pare com isso! — Ele me silencia com um tapa. É tão pesado e ardente que eu bato a cabeça no chão. Minha vista está turva. Não imaginei que sua mão pesava tanto. — Me ajudem! Me ajudem! — Imploro, mas para meu terror, as pessoas soltam risadas amargas.

— Eles não vão ouvir você. — Pavlos estala a língua. — Você está na minha área agora, aqui ninguém é seu amigo, criança.

Ele agarra meus cabelos, me fazendo ver um carro preto parado no acostamento, suas narinas estão dilatadas de ódio.

— Por favor, pare com isso! — Cuspo sangue quando ele bate minha boca no chão de pedra, causando uma dor tão grande no canto dos meus lábios que nem gritar por socorro eu consigo. — Pavlos, nós somos amigos… Eu amo você. — Minha gengiva arde, gotas de sangue pingam da minha bochecha.

— Cale a boca! — Ele vocifera. Me contorço no chão quando homens de preto se aproximam do meu corpo, puxando minhas pernas e me forçando a ficar em pé.

Estou com medo do que podem fazer com Melissa se eu reagir. Minha boca dói tanto que não consigo respirar direito.

— Você é o meu melhor amigo, Pavlos.

Ele segura meu queixo, soltando uma risada desdenhosa vendo meu esforço para falar.

— Nunca fomos amigos, Arcane. — Estala a língua. — Aquele Pavlos da sua infância não existe. Eu fiz a porra de uma cirurgia para mudar meu rosto e parecer com ele. Também matei Leyla e coloquei aqueles homens para te perseguir, coloquei aquele cadáver estripado nos portões da família Somáli… — Seu dedo bate em minha testa. — Desde o começo era eu, e tudo para matar você como um animal no matadouro.

— Por quê quer me matar? — Choramingo. — Eu nunca fiz mal a você.

— Claro que fez! — Ele aperta meu pescoço. — Você tirou tudo que eu mais amava, Arcane! Tudo!

Meus olhos se enchem de lágrimas. Eu não fiz isso, jamais faria essa atrocidade com meu melhor amigo, com a pessoa mais gentil e atenciosa que já conheci.

Tudo que fiz foi amá-lo e lutar para protegê-lo.

Eu defendi sua vida tantas vezes, briguei com Kalon e com meu pai, eu inventei mentiras, tudo porque o amava e queria tê-lo comigo, porque queria que ele continuasse sendo o namorado da minha irmã e a pessoa que mais fazia ela feliz no meio desse inferno.

— Seu pai foi muito perspicaz em casar você com Kalon. — Pavlos rosna. — Aquele homem dificultou tanto a minha vida, Arcane… Tive que foder a vadia detestável da sua irmã. Uma pessoa tão asquerosa que passei a maior parte do tempo com nojo. Ah, e ainda por cima, os homens que enviei para pegar você na festa de noivado foram um desastre. Tudo estava dando errado, então meu pai negociou com Evren para matar Kalon e trazê-la até mim, mas aquele imprestável falhou. — Pavlos balança a cabeça em negação. — Obrigado por matá-lo por mim, pelo menos isso foi fácil.

— Você é doente. — Engasgo com o horror das suas confissões. — Matou Leyla e o marido dela! — Soluço, sentindo uma culpa destruidora invadir meu corpo. Fecho meus olhos, não suportando continuar olhando para seu rosto e ver a traição estampada. — Ela era inocente, Pavlos! Eu pedi sua ajuda para tirar ela do país, como pôde fazer isso?

— Você é uma pessoa tão tola, Arcane. — Ele estala a língua. — Aqueles anos na prisão não te ensinaram a desconfiar das pessoas, pelo contrário, te deixaram como um animal irracional e tão faminto de afeto que dá até pena de manipular.

Fecho meus olhos quando seus dedos acariciam minhas bochechas.

— Como descobriu que eu estava na Turquia? — Questiono, lembrando que apenas Kol sabia sobre isso.

— Essa foi a coisa mais fácil do mundo. — Ele solta uma gargalhada tão exagerada que me deixa enjoada. — Coloquei um rastreador em Páris, você é tão obcecada por animais que jamais desconfiaria dele.

Deus, como uma pessoa pode ser tão insensível e doente dessa forma? Ele usou um animal indefeso para contribuir com sua perversidade assustadora.

Meu coração se parte a cada explicação que recebo, começo a olhar para o passado e todas as peças começam a se encaixar no lugar certo, me deixando mais quebrada.

— E a fazenda? — Não posso aceitar que o lugar mais feliz em que estive antes de Istambul não passa de uma fraude. — Eu conheci seus avós, participei da festa de aniversário de Samia.

Meu coração se parte com a gargalhada animalesca que ele solta, como se minha confusão pudesse fomentar mais ainda a sua crueldade.

— Imagine a sorte que eu tive em substituir a vida de um cara que tem o mesmo nome que eu, e que era o namorado de infância da sua irmã. — Ergue o queixo. — Sério, vivi tanto tempo como um fantasma que meu nome não desperta nenhuma lembrança das pessoas. Eu assumi a vida de Pavlos, fiz uma cirurgia para deixar meu rosto como o dele e os avós não perceberam porra nenhuma.

— O que você fez com o verdadeiro Pavlos? — Sussurro, com meu coração partido e já por imaginar a resposta.

— O que acha? — Ele debocha. — Cortei-o em vários pedacinhos e joguei no mar. Eu estava no seu lugar desde sempre.

— Não… — Meu melhor amigo de infância está morto por suas mãos.

Eu e Pavlos nunca chegamos a nos reencontrar de verdade. Melissa nunca viveu a paixão fulminante que sentia por ele desde que foram separados. Era tudo uma mentira.

— Agora chega de falar.

Eu grito ao sentir um soco pesado na minha barriga, mas o que dói mesmo é o meu coração. Uma tosse seca ecoa da minha garganta, me fazendo perder os sentidos.

Olho para os lados, entrando em pânico. Meu corpo está tão cansado, não aguento nenhum desses esforços para continuar respirando. E quando Pavlos segura meus cabelos em seu punho, sinto vontade de apenas me render. Tudo está doendo como o inferno.

Ele desliza o dedo indicador pelo rasgo que fez na minha bochecha quando bateu meu rosto no chão.

— Ah, Arcane, você não imagina como é prazeroso te ver sofrendo desse jeito. — Ele cheira meu pescoço como se estivesse faminto. — Vai ser um prazer ouvir todos os seus gemidos de dor.

Sinto nojo das suas palavras. Ele aperta meu pescoço com força.

— Não tenha pressa para fugir, ainda vou te contar uma outra história.

Quero gritar, mas não tenho forças para isso. Os homens que estão me segurando voltam a me jogar no chão como se eu fosse um saco de lixo.

— Por favor... Por favor... — Imploro baixinho, encarando meu próprio sangue pingando no chão de pedra. — Fique vivo... Sobreviva... — Penso em Kalon, em como o abandonei em casa e agora sua vida pode estar em perigo.

Rastejo quando ele pega uma pedra no chão e caminha na minha direção bem devagar, dando risada dos meus gritos de agonia para conseguir escapar do seu golpe, mas logo vem certeiro e me derruba.

Acordo com água gelada machucando meus ferimentos, sinto vontade de vomitar quando sinto meu corpo balançando para cima e para baixo. Uma música irritante está tocando em algum lugar, percebo que é um instrumental dramático pelas notas agitadas do violino e piano.

Luzes ofuscantes piscam sem parar e meu corpo está girando em círculos. Estou em cima de um carrossel e meus pulsos estão amarrados em um cavalo branco cheio de luzes marcantes. Tento falar alguma coisa, mas minha boca está amordaçada.

— Finalmente acordou. — Pavlos joga o balde no chão, me olhando cheio de satisfação. — Pensei que você iria perder a melhor parte.

Lágrimas molham minhas bochechas quando ele sobe no carrossel e segura o cavalo, fazendo a máquina parar de girar como um jogo que acaba a pilha.

As luzes se apagam e eu permaneço amarrada, tontura aperta minha cabeça e Pavlos puxa a mordaça em um gesto brusco.

— Pavlos… — Respiro fundo. — Por favor… Não faça isso…

— Você não cansa de implorar? — Me olha sorridente. — Que coisa irritante.

Estamos em uma espécie de circo abandonado, uma barraca grande e cheia de ferros enferrujados. Esse lugar é espaçoso e mal iluminado, mais para frente tem grandes cortinas vermelhas escancaradas, revelando a madrugada fria lá fora.

— Bati com tanta força na sua cabeça que pensei que tinha te matado. — Ele esfrega minha testa com um tecido que cheira a álcool. Grito de dor, afastando minha cabeça para longe do seu toque.

— Onde está minha irmã? — Questiono, percebendo que esse é o lugar onde ele mandou aqueles vídeos dela sendo torturada.

— Não quer saber da outra novidade? — Dá de ombros de um jeito dramático. — Porque a essa hora o corpo de Kalon já deve estar sendo

arrastado por aí. Agora ele está morto de verdade, e toda a Alkyóna será derrubada por sua causa.

— Não. — Choramingo. — Não faça nada com ele.

— Mas você precisa decidir quem quer salvar… — Pavlos balança a cabeça em negação. — Kalon ou Melissa? Mal posso esperar para ter a cabeça de um deles em minhas mãos.

Fecho meus olhos, não quero imaginar meu marido morto, eu o amo tanto que essa ideia arranca um pedaço da minha alma.

— Por que está tão desesperada, Arcane? — Pavlos segura meu queixo. — Por que está sofrendo tanto por ele? Você o ama, é isso?

— Não! — Tenho medo que ele descubra a verdade e isso piore a situação. Quero apenas que esse fantasma na minha frente desapareça e que Kalon e Melissa fiquem bem.

— Por que sua boca diz "não" quando seus olhos dizem "sim"? — Ele se aproxima, me observando de um jeito perverso. — Essa é a vantagem de ter passado tanto tempo te enganando, eu sei tudo sobre você.

Primeiro, seus dedos deslizam por minha bochecha, em seguida, ele aperta com força, cravando suas unhas na minha pele. Faço careta ao sentir seu hálito de whisky e cigarro.

— O que fez com a minha irmã? — Gemo, tenho quase certeza que ele quebrou uma das minhas costelas.

— Já que você insiste tanto em saber, Arcane... — Ele cantarola de um jeito dramático, como se estivesse atuando para um teatro lotado. — Tragam ela!

Uma melodia dos infernos ecoa pelo ambiente, são correntes sendo arrastadas, Melissa está chorando enquanto três homens puxam seu corpo como se ela fosse um animal.

— Melissa! — Grito, chorando junto com ela. — Você destruiu minha irmã! — Tento escapar, mas é em vão, meu corpo permanece preso nesse cavalo de madeira.

Quebro ao ver seu corpo sujo de terra e sangue, ela não consegue me ouvir porque luta para continuar viva enquanto é arrastada. Um grito sufocado sai da sua boca quando seus ferimentos rasgam mais ainda no chão.

— O que fez com ela?! — Me desespero, tentando soltar minhas mãos. — MELISSA!

Os três homens empurram minha irmã no chão, ela geme, afundando seu rosto no solo arenoso. Meus olhos se enchem de lágrimas e meu coração sente tanta dor que não consigo respirar direito.

— Como você pode ser tão cruel? — Soluço.

Eles destruíram minha irmãzinha. Vejo sangue escorrendo na sua pele, inúmeros cortes por tanta parte que preciso desviar o rosto para não desmaiar de tristeza e horror.

— Transformei ela em uma obra de arte. — Aponta para seu corpo no chão, dando risada como um demônio. — Melissa merece, vamos concordar? Merece porque usei ela durante meses apenas para chegar a esse momento.

Pavlos bate suas mãos, aplaudindo toda a brutalidade que marca a pele dela. Ele caminha até onde estou, segurando meu queixo e me forçando a encarar seu rosto.

— Hoje é o dia em que finalmente vou me vingar de todos vocês. — Cospe as palavras. — Primeiro, por vocês terem matado a minha mãe incendiada.

Suas palavras me afetam com tanta força que me sinto tonta, minha vista escurece e algo profundo se quebra no meu peito.

— Sua mãe? — Inspeciono os traços do seu rosto. — Cintia era sua mãe? — O nome dela sai quebrado e trêmulo.

— Cíntia Koumanes. — Fala o nome completo, agora me fazendo compreender porque sempre achei o seu sobrenome tão familiar. Ele alterou apenas algumas sílabas para conseguir virar outra pessoa. — Vocês mataram ela quando eu era apenas um garotinho.

— Não… Eu não matei… — Pavlos fecha seu punho ao redor dos meus cabelos, arrancando um grito angustiado da minha boca.

— Não ouse mentir! — Ordena. — Nunca vou deixar você esquecer que é a porra de uma assassina e não merece viver em paz, Arcane.

Balanço a cabeça em negação, me sinto tão cansada de ser chamada de assassina. Não quero isso, só quero ser livre de todo meu passado. Não

quero que todos me olhem como se conseguissem ver o mundo sombrio na minha cabeça, todos os meus pecados e minhas culpas.

— Pavlos… — Choro quando ele estapeia meu rosto.

— Não ouse negar, Arcane. — Grita. — Você matou a minha mãe logo depois de Yuri roubá-la do meu pai. Você não imagina o quanto foi solitário… Apenas eu e minha irmã dando um jeito de sobreviver porque meu pai estava obcecado com a vingança.

Os homens começam a torturar Melissa novamente, ela grita alto e de um jeito tão doloroso que o mundo parece estar se partindo, tudo apenas com a força com que sua voz ecoa.

— Pare com isso! — Imploro, não aguento ver a dor nos olhos dela. Ela está morrendo aos poucos, consigo ver. — Pare de bater nela! Pare!

— O nome dela era Nikoleta! — Grita mais alto do que nós duas. Eu paraliso, virando meu rosto na sua direção. — Minha irmã, a pessoa que você matou. — Lágrimas quentes molham minhas bochechas. — Nikoleta.

É como se meu pesadelo tivesse ganhado vida, o fantasma de quem eu estava tentando fugir esse tempo inteiro finalmente me encontrou.

— Minha irmã estava infiltrada naquela prisão para matar você e vingar a morte da nossa mãe, e dessa forma trazer o papai de volta. — Cospe as palavras. — Mas você matou ela, Arcane. Você tirou tudo de mim outra vez, e sabe a pior parte? Logo depois que fez isso, você saiu da prisão como se não merecesse uma punição pelo seu crime.

Encaro seu rosto, tomada pela realização mais dolorosa da minha vida.

— Não… — Gemo. — Niko era minha melhor amiga, ela jamais faria isso.

Me recuso a acreditar que Nikoleta estava me usando e me enganando todo esse tempo, que foi essa a razão para ela ter me atacado naquele dia.

— Vai continuar em negação? — Pavlos solta uma gargalhada. — Aquele dia não está claro na sua cabeça?

— Eu não sou uma assassina. — Sussurro firme. — Eu jamais faria mal a vocês. A ninguém. Eu fui obrigada, Nikoleta tentou me matar e eu precisava me defender.

— Agora você vai pagar por isso.

Procuro por Melissa, ela está tremendo no chão, tão quebrada que tenho medo de qualquer movimento ser o seu último. Ela parece tão frágil que eu ficaria no seu lugar sem pensar duas vezes.

— Melissa... — A chamo, ela não se mexe.

Pavlos está caminhando de um lado para o outro, repetindo sobre o incêndio que levou a vida da sua mãe e como isso nos trouxe a esse momento.

— Eu não tive a chance de enterrá-la. — Fecha o punho ao redor dos meus cabelos. — Nem as cinzas dela restaram.

— Sua mãe era uma mulher cruel, Pavlos. — Engulo um gemido de dor. — Não sei que tipo de relacionamento doentio ela tinha com meu pai, mas você não consegue ver que ela abandonou você e sua irmã sem pensar duas vezes?

Pavlos inclina a cabeça para o lado, analisando o meu rosto e processando minhas palavras. Uma raiva doentia mancha seu rosto, deixando sua expressão mais sombria e perversa.

— Isso é mentira! Seu pai quem a tirou do meu por capricho! — Ele rosna. — Yuri e Aleksander eram melhores amigos, Arcane. Assim como eu e você somos.

Ele pega um papel no bolso, mostrando uma réplica da fotografia que peguei no escritório de Yuri. A pessoa que faltava agora está ali. É Aleksander que está ao lado deles, juntamente com o pai de Azra.

— Todos eram amigos? — Suspiro.

— Sim. — Pavlos balança a cabeça em concordância. — Eles fundaram a Alkyóna juntos, mas Ivan e Yuri traíram Dimitri e Aleksander, separando-se para sempre.

— Não… — Balanço a cabeça. Não consigo acreditar que aquela mulher destruiu nossas vidas porque era um objeto de vingança e perversão do meu pai.

— É isso mesmo. — Ele estala a língua. — Todo esse império foi construído e mantido sob sangue inocente. Como se não bastasse roubar e matar minha mãe, o pai de Kalon também matou Azra, uma criancinha. Tudo porque queria atingir papai e Dimitri por egoísmo, por vingança e

pela quebra de amizade. É por essa razão que não vou destruir apenas você e Melissa, mas todo mundo que contribuiu com essa destruição.

— Você está fazendo igual eles, Pavlos. — Alívio sobe por minha coluna quando ouço a voz de Melissa, mesmo que ela esteja fraca, ainda está viva. — Papai e Kalon vão matar você, não importa se a Alkyóna é podre, você não tem o direito de nos machucar. Não fizemos nada contra você, foram eles. E Arcane agora é uma Somáli, ela é valiosa, a proteção dela não tem nada a ver com o fato de você estar perseguindo-a esse tempo inteiro, mas porque ela é amada. Eu asseguro que eles vão colocar fogo no mundo para encontrá-la.

Cada palavra ecoa em um rosnado feroz. Seu corpo treme quando ela se ergue minimamente para enfrentá-lo. Fecho meus olhos, meu coração dói como se eu tivesse sido apunhalada.

— Kalon está morto, eu não te disse, amor? — Pavlos resmunga, balançando o dedo em negação na direção de Melissa. — Eu enviei homens para matá-lo no momento que coloquei as mãos em Arcane.

Não. Eu paro de respirar com sua afirmação. Meu coração bate tão rápido que meu corpo fica frio. Esmoreço em cima do cavalo de madeira, sentindo tanta angústia que me sinto doente.

— Que seja! — Melissa suspira. — Alguém virá atrás de você, existem vários irmãos Somáli loucos que almejam vingar o sangue dessa família.

Seu olhar me encontra por alguns segundos e percebo que minha irmã está tentando atrair a atenção dele. Admiro sua coragem em erguer o rosto quando Pavlos se aproxima dela para segurar seus cabelos com tanta agressividade que ela sufoca.

Mordo as cordas no meu pulso, buscando uma forma de desatar o nó, até que meu corpo pula suavemente no chão quando consigo afrouxar. Em um movimento rápido, me livro completamente das amarras.

Tontura escurece minha vista, mas avanço na direção dele com um único objetivo; *salvar minha irmã e dar o fora daqui.* Acerto seu rosto com um chute após tomar impulso e pular a plataforma onde o carrossel está montado.

— Ora, sua desgraçada. — Pavlos cospe sangue.

Aproveito que seus comparsas ainda estão do lado de fora fazendo a guarda e o esmurro. Seu corpo cai no chão com o impacto. Melissa usa suas correntes para sufocar o pescoço dele.

Observo em silêncio o seu corpo se debatendo. Pavlos engasga e fecha os olhos, ficando vermelho. Giro em meus calcanhares, pegando a faca que ele tem na cintura para lutar com os três homens que correm agora que ouviram a comoção.

Não permito que eles alcancem Melissa para salvar Pavlos. Derrubo o primeiro corpo no chão, mantendo a faca em seu peito, e pulo nas costas do segundo, cortando sua garganta.

O sangue espirra por todo lado, ele tropeça no chão e eu giro, agarrando as pernas do terceiro homem que quase conseguiu segurar Melissa. O verme cai no chão, tentando se arrastar, e escalo seu corpo para empurrar a ponta da faca no seu rosto.

Um silêncio perturbador se espalha pelo lugar quando a morte reina.

— Você está bem? — Melissa pergunta quando me ajoelho no chão, abraçando seu corpo com todas as minhas forças. — Eu tive tanto medo de perder você!

Afundo meu rosto na curva do seu pescoço, chorando entre engasgos porque senti o mesmo medo. Ela choraminga, se esquivando completamente do meu toque. Afasto minhas mãos, vendo que meus dedos estão sujos de sangue.

Ela está muito ferida.

— Como desprende? — Começo a entrar em desespero quando ela se encolhe no chão como um animal indefeso. Melissa grita mais alto quando tento puxar as correntes que envolvem cada parte do seu corpo.

— Não tem como tirar, Arcane. Você precisa sair daqui. — Ela soluça.

— Não, eu não vou sair sem você. — Cubro meu rosto para não ver a forma horrível como sua pele foi cortada.

— Não tem como eu ir. — Ela balança a cabeça. — Me deixe aqui e fuja. Eu nunca vou conseguir viver com essa culpa, então me deixe aqui para morrer. Estou implorando. Me deixe morrer.

Grito quando ela usa suas pernas para me empurrar o máximo que consegue. E soluço, tentando retornar, mas ela volta a me empurrar até suspirar de exaustão.

— Não, eu não quero deixar você. — Choramingo. — Eu não existo se você não existir, Melissa.

Olho ao redor, tentando encontrar uma chave para tirar as correntes que estão presas em uma barra de ferro grande e muito bem estruturada no chão.

Nesse momento, uma mão agarra meus cabelos. Grito quando ele me arrasta para longe da minha irmã.

— Sua puta! — Pavlos rosna. — Você pensou que eu morreria tão fácil? Está enganada, Arcane. Vou te assombrar como a porra de um fantasma. Você nunca vai se esquecer de mim. — Ele usa toda sua força para chutar as costas de Melissa.

— Não! Melissa! — Grito quando ela fica inconsciente.

— Agora vou dizer tudo que fiz com sua irmã. — Empurra meu corpo para o lado oposto de onde ela está caída.

Estamos fora desse lugar assustador, as luzes da cidade estão tão distantes que fica difícil enxergar alguma coisa através do borrão das minhas lágrimas.

Ainda estamos dentro do maldito bairro onde ele nos trouxe de barco, mas aqui é mais deserto e escuro, afastado de todas as casas. Tudo que vejo quando olho para cima são as estrelas, essa é uma noite tão linda e encantadora que chega a ser pavoroso e injusto considerando que estou prestes a morrer e perder tudo que mais amo.

— Eu cortei cada parte do corpo dela, arranquei sangue e lágrimas daquela vadia. — Ele dá risada. — Depois, obriguei ela a cavar sua cova, Arcane. — Aponta para um ponto afastado do lugar onde estamos. — Agora vou te enterrar em um lugar onde ninguém vai achar. É assim que vou me vingar, te enterrando viva para que sinta agonia e desespero até o último segundo, e depois, vou atrás dos outros.

Começo a tossir, sentindo falta de ar. Meu coração está tão inchado de dor que seria capaz de explodir.

Meus gritos ecoam por toda parte, não porque vou morrer, mas porque meu melhor amigo está partindo meu coração de uma forma que jamais será consertada. Pavlos era a pessoa que me fez abrir meu coração para uma nova amizade, ele foi a primeira pessoa a me enxergar como alguém normal.

Sua traição queima meu peito como se tivesse alcançado minha alma e me transformado em uma criatura insignificante que não merece uma coisa que deveria ser simples na vida de todo mundo.

Ele me ergue com tanta facilidade que sinto ânsia de vômito. Seus olhos se encontram com os meus e eu tremo, buscando qualquer resquício daquela pessoa bondosa que me abraçou pela primeira vez, que me deu seu cachorrinho de estimação.

Fecho meus olhos porque não vejo, por não suportar reconhecer que ele se foi. Que na verdade, nunca existiu. Era tudo mentira.

Sinto uma dor absurda quando meu corpo bate dentro de algo amadeirado, percebo que é um caixão. Abro meus olhos, me sentindo soterrada ao ver como o céu está muito alto e eu cada vez mais no fundo.

— Diga adeus, criança. — Visualizo seu rosto acima do meu corpo, os traços de um sorriso, o céu brilhando com tanta beleza acima de nós.

— Pavlos… — Tento respirar fundo quando ele empurra uma tábua de madeira para me deixar presa.

Engasgo com meu choro fraco e cheio de resignação.

Fecho meus olhos quando a terra adentra as brechas da madeira, e parece que o peso do mundo cai sobre meu corpo no próximo segundo.

Esse pequeno espaço de madeira deixa tudo mais desesperador e sufocante. Sinto falta de ar e começo a me debater quando tudo fica pesado e escuro.

— Eu te disse que ele estava atrás de você, criança. — O fantasma dela sussurra quando fecho meus olhos.

— Não… Não façam isso comigo… Eu só quero ser livre…

Nikoleta não está aqui de verdade, e se eu me concentrar, vou perceber que não ouço nada. Não vejo nada. É apenas uma ilusão.

Aperto meus olhos, soluçando e engasgando. Imploro a Deus para que minha morte venha sem demora, e procuro alguma lembrança feliz para

me satisfazer enquanto eu estiver morrendo.

Tudo que vejo são meus momentos ao lado de Kalon, desde a primeira vez que vi seus olhos, até a última.

Parece que nós realmente nascemos para morrer. Conheci a liberdade apenas em um curto tempo e não consigo me conformar com a ideia de que esse é o fim.

Tudo foi tão pouco. Eu queria que fosse para sempre.

Mas não é.

40. NASCIDOS PARA MORRER

“Perdi tudo, menos a
certeza da tua bondade”.

— VIRGINIA WOOLF.

Kalon Somáli

Nunca me senti tão desesperado quanto agora. Estou caminhando de um lado para o outro, meu coração bate desenfreado e minha respiração está desregulada.

— Saia da minha frente, porra! — Chuto um corpo cheio de sangue.

Tem uma pilha de corpos na sala, em cima do tapete que agora está pingando em vermelho. Desvio o rosto, sentindo nojo e uma náusea angustiante quando lembro que Arcane me abandonou.

Meu irmão caminha na minha direção depois de revirar todos os cadáveres, matando-os do seu jeito, repetindo o mesmo ferimento apenas para se satisfazer com a realização de que estão plenamente mortos.

— Não foi nada maravilhoso, Kol. — Sacudo a cabeça em negação, relembrando da noite em que acreditei jamais ficar sozinho quando me

casasse com Arcane. — Ela saiu por aquela porta depois de me dizer coisas horríveis.

Ele me observa por algum tempo, vejo pena estampada em seu rosto ao ver como me sinto destruído.

— Sinto muito, parece que algumas coisas não foram feitas para pessoas como nós. — Ele balança a cabeça em negação, erguendo sua mão para tocar meu rosto. — Talvez, se você deixar Arcane ir embora, se sinta melhor em saber que ao menos ela está feliz. — Fecho meus olhos quando seus lábios encostam na minha pele, deixando um beijo consolador. — Vai passar, Kalon mou.

— Não, não vai. — Me afasto para longe do seu toque.

Kol respira pesadamente, resignado, e olha para todos os corpos espalhados pela sala. Eu tive que lutar contra esses homens usando a porra das algemas, mesmo que a cama tenha quebrado com a força que eu usei, ainda estou preso com isso.

— Olha, eu estive investigando… — Explica, pegando as chaves para retirá-las do meu punho. — Melissa está desaparecida e a mansão Planard foi destruída em um incêndio. Então, se Arcane fugiu, daremos um jeito de encontrá-la e talvez ela volte porque ama a família. — Kol me olha de um jeito esperançoso.

— Um incêndio? — Limpo minhas mãos sujas de sangue. — E quanto ao Yuri?

— Ele está caçando Nimue. — Explica com calma. — Mas já sei onde ela está, graças aos meus meios.

Encaro seu rosto por algum tempo, analisando sua expressão divertida e tentando compreender o que está escondendo de mim.

— Me conte tudo, Kol. — Fico impaciente com seu silêncio.

— Não ouviu? — Balança a cabeça em desdém. — Eu coloquei homens para cantar no alto das torres abandonadas no final da cidade.

As torres abandonadas são propriedade da Alkyóna, elas se assemelham com as torres que ficam ao redor da mesquita onde os muezim chamam para as cinco orações, porém, são mais baixas que as originais.

Foi uma invenção de Rajá para ajudar com o desaparecimento de pessoas. Mesmo que não seja usada para um fim religioso, esse costume da

Alkyóna já ajudou muitas pessoas que foram levadas pelo tráfico humano. Muitas crianças. Apenas islâmicos têm permissão para subir e chamar os outros para caçar. E eles cantam uma música folclórica antiga.

Lá de cima é possível ver a cidade inteira, e como são cinco torres espalhadas em pontos estratégicos, nada passa imperceptível e qualquer pessoa pode ser encontrada.

— Certo, você foi muito louco em usar as torres sem necessariamente ser uma situação de vida ou morte. — Seguro sua camisa. — Porque a regra é fazer isso apenas quando a situação estiver no limite.

— Acredite, estamos no limite. — Kol respira fundo. — E ainda não terminei de falar sobre tudo que descobri.

— O que mais? — Ergo uma sobrancelha.

— Comecei a ficar paranóico quando um dos meus pseudônimos foi usado como uma pessoa real. — Entorta os lábios. — Recebi a informação de que Pavlos Koustenis costumava dizer que o príncipe Constantino da Grécia e Dinamarca era seu amigo. — Aproxima seu rosto. — Mas eu não sou amigo de ninguém, Kalon. Muito menos um príncipe de verdade.

— Fala sério. — Solto uma gargalhada amarga e sufocante. Descrença e apatia sufocam meu peito. — Me dê um bom motivo para não matá-lo por estar assombrando minha vida desse jeito. — Rosno, aproximando meu rosto do dele.

Minha mulher fugiu e ele vem falar no homem que eu passei metade do tempo acreditando que era a porra do amante dela.

— Fui tentar saber porque o alter-ego que inventei para ter uma vida normal de repente começou a ter vida própria, e descobri que Pavlos não passa de uma fraude. — Ele me olha pensativo. — Imediatamente quis contar a Arcane no nosso encontro e descobrir porque ele estava fazendo isso, mas me veio a iluminação divina para investigar a fundo, e adivinha?

— Fale de uma vez. — Bato no seu ombro.

— Ele é filho de Aleksander e Cíntia Koumanes.— Solta as palavras.

— Cíntia Koumanes? — O chão some dos meus pés quando ele repete o nome da mulher que tentou matar Arcane e suas irmãs.

Não é possível que eu tenha deixado isso passar despercebido. Os nomes são quase iguais.

— A mulher que Yuri matou queimada era esposa do ex-melhor amigo do papai, e descobri por Rajá que ele é aquele homem que faltava na fotografia rasgada que você mencionou outro dia.

— Filhos da puta! — Aperto meu queixo. — Então era Pavlos esse tempo inteiro?

— Sim, o casal teve dois filhos gêmeos. Pavlos e Nikoleta.

Nikoleta. A garota que atormenta a vida de Arcane desde que ela saiu daquela prisão.

— A Cúpula sabia disso o tempo inteiro e não nos avisou? — Frieza sobe por minha coluna.

— Eles não estão do lado de ninguém. Esqueça tudo que pensa saber sobre a Cúpula, tudo não passa de uma fraude e perca de tempo. — Kol balança os ombros, me analisando cheio de satisfação. — Fomos usados. Eles jamais vão tomar uma atitude contra isso, e parece que permitiram que Pavlos agisse esse tempo inteiro.

— Puta merda. — Praguejo agressivamente.

— Você precisa encontrar uma forma de trazer Arcane de volta e explicar isso para ela. — Me analisa. — Melissa está com Pavlos faz muito tempo, não consigo encontrá-la.

Kol começa a soltar uma série de palavrões porque nunca aceita falhar em uma caçada. Ele encara seu relógio como se soubesse de cada segundo e hora que Melissa foi tirada da nossa segurança.

— A propósito, encontrei Nimue escondida em uma mesquita. — Me olha. — Garota esperta, foi para o único lugar onde um membro da Alkyóna, ou qualquer criminoso, é proibido de colocar os pés.

— Mas você colocou? — Estou incrédulo demais para formar algum insulto decente.

— Exato, e não senti vergonha dos meus pecados ao entrar lá e resgatar ela com minhas mãos. — Ergue o queixo. — O lugar é como todos os outros, tão silencioso que me causa arrepios, e eles também deixam o dinheiro em um lugar muito acessível.

Desvio o rosto para não visualizar a quantidade de dinheiro embrulhado que Kol arranca dos bolsos e joga no chão.

— Não acredito no que estou vendo. — Caminho para longe das moedas que rolam no chão. — Que Deus castigue você, Kol Somáli.

— Não seja supersticioso, trata-se de um plano para voltar lá novamente quando essa guerra acabar. — Explica pausadamente. — E enfim, Nimue está salva agora, o assunto é Melissa e Arcane, fazendo o favor?

— Precisamos de um plano. — Massageio meu queixo e os punhos vermelhos, agora livre das algemas.

— Tenho quase certeza que ele mandou os homens para matar você e não ela. — Ele me ignora, caminhando pela casa e analisando todos os corpos outra vez. — Ah, veja isso. Fez planos para explodir a casa com uma lasanha?

Ele caminha até o forno ainda ligado.

— Porra. — Odeio o fato dela ter preparado um jantar para nós que jamais aconteceu. Kol se esquiva da minha tentativa de fechar o forno e deixar a comida onde está.

— Está no ponto, você deixou em forno super-baixo. — Retira a travessa sem dar importância para o quanto está quente. — Costumam trocar declarações com comida ou também comem papel?

— Do que está falando, merda? — Começo a ficar irritado com suas piadinhas.

— *Meu querido, tenho certeza de que vou enlouquecer de novo.* — Kol começa a ler um papel que estava no prato ao lado, repetindo cada sílaba como se fosse algum enigma. — *Não podemos passar por mais uma daquelas crises terríveis. E, dessa vez, não vou sarar. Começo a ouvir vozes e não consigo me concentrar. Por isso estou fazendo o que me parece a melhor coisa. Você me deu a maior felicidade possível.*

O filho da puta faz uma pausa e me encara por breves segundos, me apoio contra a bancada, suas palavras afetam minha cabeça de uma forma que não me permite respirar direito ou falar alguma coisa.

— Por que isso parece uma carta de suicídio?

— Porque é.

— Arcane fugiu para se matar, Kalon? — Me inspeciona como se eu fosse uma ameaça. — O que isso significa?

Suas palavras me fazem soltar uma gargalhada amarga. Meus ombros balançam com a força dos sons graves que saem da minha boca e preciso arquejar pra tomar fôlego.

— *Você foi, sob todos os aspectos, tudo o que alguém poderia ser.* — Ele continua lendo. — *Acho que não existiam duas pessoas mais felizes, antes de aparecer essa terrível doença. Não consigo mais lutar. Sei que estou estragando sua vida, que, sem mim, você poderia trabalhar. E eu sei que vai. Veja que nem consigo escrever direito. Não consigo ler. O que quero dizer é que devo a você toda a felicidade da minha vida. Você tem sido extremamente paciente comigo e incrivelmente bom para mim. Quero dizer que todo mundo sabe disso. Se existisse alguém capaz de me salvar, seria você. Perdi tudo, menos a certeza da sua bondade. Não posso continuar estragando sua vida. Não creio que tenham existido duas pessoas mais felizes do que nós. V.*

O silêncio se espalha pela cozinha, Kol descansa o papel na bancada e me observa cheio de raiva e incompreensão.

— Quem é V? — Quebra o silêncio.

— Virginia Woolf, a autora favorita de Arcane. — Respondo. — Ela escreveu essa carta para o marido antes de encher seus bolsos de pedra e pular no lago.

— Eu não entendo. — Ele encara o papel. — Desde quando você conhece Virgínia Woolf?

— Desde que li todos os livros dela. — Massageio meu queixo, cruzando os braços diante do peito ao lembrar de todas as tardes que tirei um tempo para ler os livros favoritos de Arcane. — Foi ela quem escreveu isso, é uma pista. — Levanto o papel. — Ela está tentando dizer que não fugiu porque me odeia, mas porque precisava.

— Fugiu para onde? — Kol questiona, apoiando as mãos na bancada.

— Para esse endereço. — Viro o papel para ele ver, seus olhos correm pelas palavras. Uma. Duas. Três.

— Não é possível que Arcane tenha ido para lá. Isso deve ser alguma armadilha, Kalon.

— Não, não é. — Bato o dedo nas palavras. — Essa é a letra dela.

— Então ela não fugiu. — Ele me encara. — Foi obrigada a ir, porque ninguém em sã consciência coloca os pés no território da Ecclésia.

O lugar onde todos os inimigos da Alkyóna vivem, onde eles matam sem nenhuma lei e não tem piedade das pessoas que acabam sendo torturadas naquelas ruas. O mesmo lugar onde Rajá gosta de se infiltrar para buscar informações, e Evren o descobriu na noite que brigamos.

Porra. Aquele filho da puta deixou uma pista de quem era o stalker e sequer percebemos.

— Vamos depressa. — Avanço para sair da cozinha, sendo perseguido pelo meu irmão que liga seu celular e faz inúmeras ligações.

Não consigo me concentrar no que está acontecendo ao meu redor, só consigo pensar em Arcane, no fato dela não ter fugido de casa e sim ter sido obrigada a isso.

Kol assume o volante do meu carro, cortando caminho entre os carros da avenida principal. Meu corpo estremece quando ele pega a ponte principal que leva até o bairro deles, o ambiente muda completamente, dando razão aos boatos sobre esse lugar ser igual o inferno.

As casas são simples, como se o lugar tivesse parado no tempo, e mesmo sendo tarde da noite, algumas pessoas estão caminhando pelas ruas.

— Como você sabe que é aqui? — Olho para Kol.

— O endereço na carta dizia apenas sobre o porto em Atenas que leva até aqui. — Explica, me analisando cheio de profundidade. — Vamos ter que seguir a intuição.

Meu irmão permanece dirigindo até que não tenha mais casas, apenas uma estrada vazia. Ele está prestes a fazer a curva para rondar cada rua desse território quando os faróis do carro iluminam uma espécie de circo abandonado.

Meu coração erra as batidas e seguro o braço de Kol.

— Quero entrar e ver o que tem lá dentro. — Sibilo, olhando em sua direção. — Vi uma luz.

— Vou tirar o carro da estrada. — Ele resmunga, girando o volante e parando em um lugar escondido.

Saio do carro primeiro, Kol parece tão agitado e perdido nos seus pensamentos quanto eu. Empunhou minha arma e caminho atrás dele, fazendo a retaguarda.

O lugar está silencioso e vazio.

Tensão corre pelas minhas veias quando entramos na tenda. Tem corpos espalhados pelo chão, todos estão mortos. Kol faz uma careta de nojo quando sua bota afunda em uma poça de sangue e sua expressão de desprezo apenas aumenta quando temos a realização que estão mortos.

— Parece que cuidaram de tudo? Interessante, mas ainda não me sinto satisfeito. — Ele pega sua faca e corta a garganta de cada um deles, fazendo sangue espirrar em suas bochechas.

— Vou olhar ao redor. — Falo ao perceber que ele vai demorar muito até ficar satisfeito com a morte de todos.

Kol me ignora e continua olhando os corpos como se fosse algum cientista e esse fosse seu experimento dos sonhos.

Tento não ficar perturbado com a possibilidade de Arcane ter passado as últimas horas nesse lugar asqueroso. Apenas esse pensamento me impulsiona a caminhar depressa, mas paro quando ouço um choro baixo, acompanhado por gemidos de dor.

— Você ouviu? — Arrepios sobem pela minha espinha, foi necessário Kol segurar meu ombro para manter a guarda e não correr até lá.

— Seja cuidadoso. — Ele fala me fazendo andar ao seu lado.

Não demora muito para vermos o corpo de Melissa no chão, envolto por correntes pesadas.

— Melissa? — Me aproximo, ajoelhando perto do seu corpo e acariciando suas bochechas ensanguentadas.

Ela está tão fraca que sinto medo de quebrá-la.

— Onde está Arcane? — Questiono, não vendo nenhum sinal da minha mulher.

— Por favor. — Melissa implora. — Por favor, me mata. — A loira choraminga de um jeito tão quebrado que faço uma careta. — Está doendo tanto, Kalon.

— Eu farei a dor passar. — Toco seus cabelos, tentando acalmá-la para em seguida arrancar as correntes do seu corpo.

Ela grita e se contorce no chão quando seus ferimentos são marcados pela força que usei para remover a primeira dobra de corrente. Solto o metal como se estivesse tocando em fogo, em cada dobra das correntes há pontas profundas cravadas em sua pele.

— São pregos, Kol. — Procuro por meu irmão e ele se ajoelha ao meu lado. — Estão dentro da pele dela.

— Melissa mou? — Ele chama por ela com tanta suavidade que pisco algumas vezes. Estou incrédulo, nunca vi meu irmão falar dessa forma carinhosa. — Se concentre em nós, está bem? Vou tentar tirar.

Kol desliza a ponta dos dedos por seus ferimentos.

— Os pregos não estão muito fundo. *Endişelenme, tamam mı?*[35] — Suspira. — Talvez, se eu puxar bem devagar… Você aguenta, não é? — Melissa chora, seu corpo treme quando Kol desliza os dedos por sua coluna. — Você é forte demais, *ashkin mou*! Claro que vai aguentar!

Meu irmão conversa com ela, mas me olha por alguns segundos, indicando que devo tentar puxar as grandes barras de ferro onde as correntes estão presas. Se eu conseguir soltá-las da estrutura, pode ser que fique mais fácil para arrancar os pregos do seu corpo.

— Por favor... Eu não aguento mais! — Melissa implora, chorando tão fraco enquanto se contorce.

— Não diga isso, Melissa. — Kol geme junto com ela, frustrado por não conseguir remover os pregos penetrando sua cintura e seus braços. — Você não vai morrer, apenas aguente mais um pouquinho.

— Kol… — Ela treme, segurando sua mão. — Por favor, será mais fácil se você me matar! — Sua voz sai tão fraca que desvio o rosto. — Me mate, por favor. Eu não vou me importar em morrer... Apenas acabe com o meu sofrimento.

Meus ombros pesam, sinto agonia ao imaginar o quanto ela está sofrendo há horas.

— Você não vai morrer hoje, está ouvindo? — Ele segura Melissa cheio de perturbação, puxando seu corpo para ficar em seu colo.

— Eu imploro. — Ela agarra os braços dele quando ele segura seu corpo desnudo e ensanguentado por cima do seu.

— Não, Melissa. Você vai viver, nem que eu arranque meus próprios pulmões para que respire. — Ele segura os dois lados do seu rosto, tentando fazê-la lhe encarar. — Você quer isso para sobreviver? Eu faço, porra! Faço tudo!

Meu irmão está rosnando como a porra de um homem obcecado que não vai aceitar outra coisa além do que quer. Melissa grita, e ele grita junto com ela, tomado pelo esforço exaustivo de conseguir arrancar as correntes da sua cintura.

Sangue escorre por sua pele, ela se revira nos braços dele, enfraquecendo.

— Está doendo! Pare! — Ela sufoca.

— Kol… — Tento impedir. — Ela está morrendo…

— Não se atreva a fechar os olhos, Melissa! — Ele ordena, segurando seu queixo. — Olhe para mim!

Retiro meu sobretudo, ajudando a cobrir seu corpo nu agora que ela está livre das correntes que estavam na sua cintura. Kol aperta seu corpo com força, acariciando seus cabelos e se preparando para puxar as correntes em seu braço.

— Eu te prometo, Melissa. Você nunca vai parar de respirar. Nem sequer pense nisso. — Enxuga suas lágrimas, afundando o rosto dela na curva do seu pescoço. — Vou arrancar o restante das correntes, vai doer, mas não vai doer para sempre.

Kol está conseguindo fazer tudo sozinho, agora vejo que não é mais necessário mover as barras de ferro, o maldito está puxando com as próprias mãos, gritando de esforço enquanto libera Melissa sozinho, sem sequer deixar o corpo dela cair.

— Preciso achar Arcane. — Resmungo apressado, sentindo agonia por não tê-la por perto.

— Vá. Eu cuido de Melissa. — Kol sibila, parecendo submerso em seus pensamentos.

Permaneço no lugar, não confiando em suas condições para deixá-la sozinha com ele. Meu irmão pode perder o controle e tentar arrancar as correntes com impaciência, consigo ver o desespero e determinação em seu rosto.

— Kol…

— Eu disse que cuido dela! — Ele rosna como um animal possessivo, como se odiasse a ideia de ter meus olhos em Melissa.

— Ele está matando ela. — Melissa chora, olhando em minha direção. — Kalon, ele está matando Arcane.

Sua voz é cheia de exaustão e desespero. Ela tenta se levantar, mas Kol segura seu corpo com força.

— Você vai ficar aqui, comigo. — Kol sussurra. — Se concentre em respirar.

Dou as costas para os dois, ignorando os gritos de Melissa quando Kol remove o restante das correntes de uma só vez.

Paro de andar pelo gramado quando vejo uma sombra caminhando na minha direção, aparecendo do meu lado esquerdo.

— Ah, merda. Você não morre nunca? — Pavlos rosna.

— Vai precisar mais do que alguns furos para me destruir. — Abro os braços, encarando seu rosto. — Nunca gostei de você, agora entendo o motivo.

— Bom, penso que sabendo que eu acabei de enterrar o corpo de Arcane, isso te mate de uma vez. — Ele solta uma gargalhada astuta.

Raiva cresce dentro de mim quando visualizo todo o seu corpo sujo de terra, Pavlos está suado como se tivesse finalizado um trabalho braçal muito difícil.

— O que você disse? — Avanço na sua direção.

— Tirei tudo de você, Kalon. Assim como sua família tirou tudo de mim. — Sibila. — Você sabe como as coisas funcionam no nosso mundo, eu não preciso explicar.

— Você não passa de um garoto inconsequente. — Bato minha testa em seu nariz, fazendo-o cair para trás e gemer alto. — Por isso passou esse tempo inteiro escondido e nunca tentou lutar comigo. — Chuto seu corpo quando ele bate no chão. — Você é fraco e perverso.

— Você não sabe nada sobre mim. — Ele cospe sangue, tentando segurar meu punho.

— Ah, eu conheço muito bem essa história. — Balanço a cabeça. — Você é apenas um menino seguindo as ordens do papai, não é?

— Eu atraí Arcane até aqui e acabei com a vida dela. — Ele ergue o rosto, me encarando. — O que eu tinha que fazer já está feito, então me mate, se quiser. — Pavlos tomba quando acerto sua boca, fazendo-o se calar.

— Cale a boca! — Perco o controle. — Cale a porra da boca!

— Logo alguém mais forte vai substituir o meu lugar e finalizar o que comecei. Todas as pessoas que matei, seu amigo Altan, Leyla... Isso não chega nem perto do que meu pai vai fazer. — Ele fecha os olhos, seu rosto está inchado e sangrando. — Sua família inteira vai ser destruída.

Tremo, agarrando seu pescoço. Um grito cheio de fúria e angústia rasga a minha garganta.

Fico cego de raiva. Não consigo enxergar as coisas que estou fazendo com esse homem. Prometi que não faria nada com ele porque era o melhor amigo de Arcane, porque ela o amava de uma forma que eu nunca entendi e sentia inveja por não ter o seu amor do mesmo jeito.

Um amor cuidadoso e cheio de admiração, tão genuíno e profundo que fazia meu peito doer.

Mas agora é diferente. Agora eu posso matá-lo dolorosamente.

— Você vai pagar por isso!

Pavlos traiu Arcane. Jogou fora toda a consideração que ela sentia por ele.

Ele está gargalhando enquanto olha para o lugar distante mais a frente, onde tem um amontoado de terra mexida recentemente. Juro pelos deuses que nesse momento consigo ouvir o som do meu coração quebrando e parando de bater.

Lágrimas tomam meus olhos quando encaro Pavlos. Ele não estava blefando quando afirmou que enterrou ela.

— Seu filho da puta! — Grito.

Essa é a primeira vez que mato alguém sem dar risada, pelo contrário, rosnados de raiva e mágoa consomem minha garganta a cada golpe contra seu rosto. Pavlos geme, tentando se defender. Nesse momento,

meu corpo cede à exaustão e eu pulo em cima do seu corpo, sufocando sua garganta.

Quero rasgá-lo até a alma.

— Você vai queimar no inferno por isso, Pavlos Koumanes. — Sibilo. — E quando eu descer para lá, vou fazer questão de caçar você e fazer tudo isso novamente.

Ele grita quando seguro seu queixo, puxando devagar até seu osso estalar, indicando que quebrou. Sinto seu corpo ficar mole e muito pesado por baixo do meu.

Ele está morto, foi tão fácil que a insatisfação consome meu peito. Ele merecia muito mais.

Me levanto, chutando seu corpo para longe. Analiso cada parte da sua existência insignificante e sem vida. Vou adorar ver Kol esquartejando cada pedaço do seu corpo porque não vai estar satisfeito com seu fim.

Começo a correr até a cova, e gemo quando não consigo achar a pá em nenhum lugar. Também não tenho tempo para sair procurando. Minhas mãos afundam na terra, gemo a cada punhado de terra que arranco desse buraco onde Arcane está enterrada.

— Arcane mou! — Grito em desespero. — Não vá! Não quero viver em um mundo onde você não existe! — Meus dedos estão doendo, mas permaneço cavando.

Todo meu corpo treme, mergulhando nesse desespero sufocante. *Ela não pode estar morta. Não pode.* Não faço pausas para respirar, e quando alcanço um pedaço de madeira, começo a usá-lo para tirar a terra com mais rapidez.

— Arcane! — Me sinto tão desamparado e destruído que consigo ouvir minha alma rasgando em pedaços, pois não terei uma sem minha *psichy mou*.

Sinto um medo assustador de como serão meus dias depois que eu encontrar seu corpo sem vida. Sempre fui cabeça quente e terrivelmente perturbado, mas agora me sinto no limite dos meus sentimentos quando tenho a realização de que minha mulher está morta.

Esse é o momento onde as palavras acabam, onde tudo se esgota e eu percebo que histórias como a nossa só escrevem os infelizes.

— Deus! — Eu imploro, sufocando quando minha palma sente a madeira dura. — Arcane! — Tento puxar usando todas as minhas forças.

Quando a madeira sai por completo, eu avanço, procurando por ela. Seguro seu corpo desfalecido nos meus braços, respirando como se minha alma tivesse retornado ao meu corpo apenas para me fazer sentir uma agonia dos infernos.

Ela está fria e mole. Seu peito não está se movimentando.

— Arcane! — Deito meu rosto no seu corpo. — Meu amor! Não me deixe! — Seu coração está batendo fraco, eu me preparo e faço uma massagem cardíaca.

Olho por cima do ombro, procurando alguma ajuda.

— Vamos, acorde! — Ela se contorce quando empurro minhas mãos uma última vez em seu peito. Seu corpo gira para o lado, procurando oxigênio.

Afasto a terra dos seus cabelos, apoiando minha outra mão nas suas costas e permito que ela respire fundo.

Quando seus olhos se encontram com os meus, Arcane desaba, chorando de um jeito frágil.

— Kalon mou… — Ela me chama, segurando meu rosto. — Amor, você está mesmo vivo? Pensei que tinha te perdido de novo. — Esconde seu rosto contra minha pele, me tocando pra ter certeza que não sou um fantasma.

Desespero e alívio me invadem ao mesmo tempo. Puxo seu corpo para meu colo aos soluços. Não prendendo o choro sufocado e cheio de agonia.

— Você pensou? — Minha voz fraqueja. — Saiba que quase morri porque não conseguia te trazer de volta. E você partiu meu coração indo embora daquele jeito. — Tremo com seu corpo nos meus braços. — Estou em pedaços.

— Me desculpa. — Ela soluça junto comigo, beijando meu queixo sujo de terra. — Eu não queria partir seu coração, amor.

Me alimento desse alívio que corre por minhas veias. Seguro seu rosto como se meu coração pudesse sair pela boca. Arcane beija todas as minhas lágrimas enquanto me agarra com força.

— Preciso te dizer uma coisa. — Minha testa se encaixa contra a sua, estamos respirando pesadamente.

— Eu também. — Ela responde, me apertando com força. — Nada daquilo que falei era verdade. Eu menti em tudo que disse, Kalon.

— Me escuta primeiro, por favor. — Esfrego meu rosto contra o seu, sentindo sua pele molhada. — Olha, eu não sei o que é o amor, nem qual a medida para ele ser perfeito e correto. Ou se uma pessoa como eu o merece. Não sei porque sou tão descontrolado e destruo tudo, mas prometo que vou tentar mudar quando estiver com você, porque para mim, você é o amor e nada mais.

Arcane soluça, me apertando com força.

— Você acredita que um milagre aconteceu comigo em Istambul, mas amor, você é o meu milagre. Você, Arcane mou, é a melhor coisa que existe na minha vida. — Encosto meus lábios nos seus. — Voltei dos mortos uma vez por sua causa, porque eu te amo. Porque prefiro uma vida profana, cheia de sangue em minhas mãos, do que passar um segundo sem você. Seja aqui ou no inferno. Não importa o lugar, eu não vou sair do seu lado. Não vou viver ou estar morto sem minha alma comigo.

Suas lágrimas molham meus lábios. Estamos rindo e soluçando juntos. Ela me beija até perder o fôlego, então me aperta com mais força, tremendo contra minha boca.

— Amor, eu fiz muitas coisas erradas em nome dessa liberdade que tentei te dar. Pensei que era só cuidar de tudo sozinho, deixando você sem saber de nada, que as coisas ficariam bem. Mas agora vejo que não consigo fazer isso sozinho porque a liberdade é uma coisa que precisa nascer dentro de você. Minha insistência e obsessão quase custou sua vida, então, se você ainda quer ir embora… Eu prometo que essa é a noite em que tudo acaba.

— Está me deixando ir embora? — Ela afasta o rosto.

— Sim. Eu abrirei mão de tudo por você. — Beijo seu queixo. — Até de mim mesmo e do meu amor por você.

Arcane fecha seus olhos como se o peso do mundo tivesse saído dos seus ombros.

— Você me ama mesmo? — Ela está trêmula. — Sou amada por você? — Seus dentes perfeitamente alinhados se exibem em um sorriso que me tira o fôlego, suas bochechas estão rosadas, mesmo sujas de terra.

— Claro que eu amo você. — Respondo, liberando minha respiração.

Ela me abraça, escondendo seu rosto no meu pescoço.

— Você não pode retirar essas palavras nunca. — Ela sussurra.

— Não vou. — Fecho meus olhos, adorando suas risadas baixas e apaixonadas. — Eu te amo como um louco.

— Eu também te amo. — Ela segura meu rosto e reivindica meus lábios. — Não quero ir para lugar nenhum se não for com você, Kalon mou. Eu te amo por ter salvo minha vida, por ter me tirado daquela prisão e ter me mostrado a liberdade que sempre sonhei, por me tratar como uma pessoa normal que precisa realizar todos os seus sonhos.

Enxugo suas lágrimas, beijando sua boca e me alimentando de cada palavra que ela coloca para fora.

— Eu não quero ir para outro lugar no mundo, quero ficar com você, quero ser sua. — Me encara. — Porque seu amor e cuidado são as únicas coisas que me fazem sentir livre e viva de verdade. Eu sou apaixonada por você, pela nossa vida, e não quero ir embora nunca.

Meu coração parece que vai explodir se continuar batendo tão forte. Beijo sua boca como se não houvesse ninguém no mundo além de nós dois. Tudo que preenche a minha vida é ela. Apenas ela. Ela é a minha alma.

— Por favor, vamos para casa. — Ela implora.

Eu me levanto, segurando seu corpo em meus braços. Seus olhos estão pesados quando mergulha sua cabeça em meu ombro.

— Para nossa casa em Istambul. — Sussurro. — Vamos deixar Atenas e recomeçar naquele lugar.

Ela balança a cabeça em concordância, olhando de um jeito tristonho para o corpo de Pavlos abandonando no chão.

Seus lábios tremem, mostrando que ela sempre vai sentir mágoa ao relembrar que seu melhor amigo a traiu, e pior ainda, que ele era irmão de Nikoleta. Mas eu abraço seu corpo como uma promessa que Arcane nunca mais vai sentir essa dor novamente, ela jamais vai sofrer por causa de alguém que a apunhalou.

Nós vamos nos cuidar juntos, vamos viver a vida que ela sempre mereceu e sonhou. Nós nascemos para viver, e isso vai durar até que a

morte nos separe.

Abro meus olhos, gemendo baixinho. Estou deitada em uma cama e um homem está me examinando.

— Quem é você? — Tento soar firme. — Onde está Kalon mou?

Me esperneio para que o homem de branco afaste suas mãos de mim. Olho para os lados e não consigo ver meu marido. Meu coração bate desesperado com a ideia de que tudo tenha sido um sonho.

— Onde está meu marido?! — Sento na cama, gritando. — Eu quero meu marido!

Trago a mão ao peito quando meu fôlego acaba.

E se eu nunca tiver saído do hospício? E se tudo isso foi um delírio?

— Kalon… — Pulo no chão, o homem tenta me segurar quando começo a andar aos tropeços pelo cômodo.

— Shhh, está tudo bem. — Uma porta se abre, meu corpo desaba para trás quando ele aparece.

Os cabelos molhados do banho. Sem camisa e vários hematomas espalhados por sua barriga. Fecho os olhos, aliviada.

— Meu amor! — Abro os braços para ele me segura.

— Minha vida! — Ele me envolve com força e nós dois tombamos na cama, agarrados como um ímã.

Olho para meu corpo, vendo que também estou limpa e que o homem estava cuidado dos meus machucados.

— Eu não quero que ele me toque. — Resmungo assustada. —Não deixe.

— Tudo bem, eu cuido de você. — Kalon beija minha testa, me acalmando.

—A febre dela ainda não passou. — O médico murmura. — Vou deixar os dois a sós.

— Melissa está bem? — Questiono, minha cabeça está girando como se eu estivesse em queda livre.

— Kol levou ela para um lugar seguro e distante de tudo. — Kalon responde. — Ninguém vai saber dela por anos, até que se recupere do trauma. E Nimue vai passar um tempo morando conosco. Vai ficar tudo bem agora, nós vamos para Istambul em algumas horas.

— Que horas são? — Pressiono minha bochecha em seu peito quando envolvo minhas pernas no seu quadril.

— São três horas da tarde de outro dia. — Kalon responde, massageando minhas costas.

Meu estômago está embrulhado e minha cabeça gira quando tento olhar ao redor novamente. Meu corpo está frio e latejando sem parar, choramingo baixinho, sentindo uma agonia absurda.

Os últimos acontecimentos retumbam na minha cabeça: eu assistindo Melissa sendo torturada de maneira horrenda, a sensação de ter sido enterrada viva e não conseguir mover um músculo e nem respirar.

Levo minha mão ao peito, chorando baixinho. Tudo está doendo como se eu estivesse no inferno.

— Meu amor… — Kalon fala cheio de aflição.

Seus lábios encostam na minha bochecha, deixando beijos demorados.

— Eu me sinto quebrada, Kalon mou. — Resmungo.

— Você vai ficar bem. — Ele responde. — Tudo isso vai passar com o tempo, nós vamos sobreviver, vamos ser tão felizes que você jamais vai conseguir lembrar como é esse sentimento que está te consumindo agora.

— Você promete? — Aproximo meu rosto do seu.

— Em nome de tudo que é mais importante para mim, eu prometo a você, Arcane mou.

Seus lábios são quentes contra minha testa. Seu beijo macio e molhado vira um alívio para o caos debaixo da minha pele. Ele beija minha boca e me ajuda a respirar corretamente. Consigo ouvir seus batimentos

acelerados soando como uma promessa de que Kalon nunca vai me soltar, que nada pode nos separar novamente.

Me concentro apenas nisso, e aos poucos, a agitação em meus nervos se dissipa completamente.

— Eu amo você. — Sussurro, olhando para seu rosto. — Quero ficar com você para sempre, não importa o que aconteça.

Quando eu era pequena, as únicas referências que eu tinha sobre o amor eram gritos e tapas, mas agora, olhando a serenidade em seus olhos, percebo que o amor não é nada comparado ao que eu imaginava. Ele é leve e acolhedor, assim como também é monstruoso e possessivo.

Ele me protege quando o mundo inteiro ameaça me destruir, ele segura a minha mão e não solta, ele é incondicional, maior do que tudo que existe no mundo, e ele me deixa livre.

Esse homem está disposto a travar uma guerra por minha liberdade. Agora finalmente posso dizer que encontrei tudo que sempre quis.

— Quero ser livre com você. — Falo imediatamente, porque essa é a minha resposta para todas as vezes que alguém perguntar se ainda quero a liberdade. — Quero viver ao seu lado. Apenas com você. Não tem graça coisa nenhuma no mundo se não for contigo, nenhuma pessoa se não for você.

Trago sua mão ao meu peito para mostrar que falo sério. Seus olhos brilham de uma forma avassaladora.

— De hoje em diante, você mora aqui. — Eu sussurro. — Porque foi você quem pegou cada pedacinho e transformou em um templo digno dos deuses. Eu não quero ir embora. — Afirmo. — Quero viver com você.

— Então se case comigo outra vez. — Ele fala firme. — Aceite se casar comigo. — Uma lágrima escorre por sua bochecha.

— Mas nós já somos casados. — Solto uma risada chorosa.

— Eu quero que você me escolha como seu marido, que você tenha a chance de dizer sim ou não. — Sussurra. — Olhe para mim, todo ano nós vamos nos casar novamente.

— Você está falando sério? — Eu estremeço.

— Sim, vai ser sempre uma festa enorme e com todo mundo. Nós vamos renovar nossos votos como uma promessa de que você nunca mais

vai estar sozinha, Arcane. Eu sempre vou estar aqui. Vamos enxergar todo dia 31 de Dezembro como a prova que você vai continuar vivendo, que a vida não acabou, que um dia você terá amigos novos que vão te amar de verdade, que eu nunca vou soltar a sua mão e que nossa vida está apenas começando.

— No dia do meu aniversário? — Eu soluço, abraçando seu corpo com mais força e beijando sua boca. — No ano novo?

— Exatamente. — Ele sorri. — No seu aniversário, e quando a morte nos separar, vai ser quando estaremos mais juntos do que nunca. Vamos estar juntos do outro lado, olhando para toda nossa vida realizada. Nós vamos viver como deuses, meu amor. Essa é uma promessa de Kalon Somáli.

— Então eu aceito. — Balanço a cabeça em concordância. — Nós vamos nos casar todo ano novo.

— Meu Deus, como eu amo você! — Ele arqueja, tomando fôlego. Beijo sua boca com intensidade, todo meu corpo transbordando de felicidade. — Eu prometo te fazer inteiramente feliz e ser digno de nós dois. Prometo te dar o mundo e fazer de tudo para você ficar em paz, meu amor.

Vejo a verdade em seus olhos e me agarro nisso como se fosse o meu mundo inteiro. Beijo sua boca outra vez, me alimentando com essa certeza que meu homem vai cumprir cada palavra.

— Eu amo você, Kalo Somáli. — Sussurro, minhas palavras cheias de emoção.

— De verdade? Com todo seu coração? — Ele acaricia meu rosto, me fazendo lembrar da noite que usei essas mesmas palavras para dizer que o odeio.

— Com todo o meu coração, *Habibi*. — Respondo.

Ele me faz sentir como se estivesse voando, como se aquele passarinho finalmente tivesse saído da gaiola.

Agora eu estou livre.

E melhor ainda, jamais vou estar sozinha novamente. Sempre terei meu homem comigo. E isso vai durar até a consumação dos séculos.

EPÍLOGO

“Eu quero ser definida pelas coisas que eu amo. Não as coisas que odeio. Não as coisas da qual tenho medo.
Não as coisas que me assombram no meio da noite. Eu só acho que você é o que você ama”.

— TAYLOR SWIFT.

Arcane Planard

— *annê*, o papai me deu um gato frito pra comer! — Levanto a cabeça das almofadas para ver Sinan correndo até mim com os lábios sujos de comida.

Meu coração erra as batidas imediatamente. Ainda não consigo acreditar que coloquei no mundo uma mistura minha e de Kalon. Seus cabelos são loiros como os meus, e o olhar raivoso idêntico ao do pai, mas sua personalidade é uma coisa única.

— Você comeu um dos nossos gatos? — Estendo os braços para ajudá-lo a subir no meu colo sem amassar a protuberância na minha barriga. — E onde está o criminoso nesse momento?

— Se escondendo. — Aponta no rumo da cozinha com os dedinhos sujos. — Vamos todo mundo tomar banho juntos igual ontem?

— Meu Deus, filho, você está viciado nas travessuras do papai enquanto te banha, né? — Entrelaço suas pernas na minha cintura. — Vamos dar um susto nele? — Cochicho, me segurando para não morder suas bochechas gostosas.

Adentro a cozinha de soslaio, colocando a minha cabeça pela brecha para ver Kalon cozinhando enquanto resmunga uma canção. Yagmür solta uma gargalhada estatelada que faz as costas dele se arquearem.

— Eu estou vendo vocês dois. — Me olha por cima dos ombros. — E você não devia andar com essa bombinha nos braços, vai ficar com dor nas costas.

Nosso filho solta uma gargalhada mais escandalosa, totalmente orgulhoso do apelido que seu pai deu.

— Estamos bem. — Massageio minha barriga e paro ao seu lado, mostrando meu umbigo de fora. — Estou tão faminta e cada vez mais gorda.

— Você é a grávida mais gostosa desse mundo. — Sua mão rapidamente cobre minha pele e sinto arrepios com seus dedos frios. — Gostosa pra caralho. — Morde meu queixo de um jeito possessivo, puxando nós dois contra seus braços.

— *Gostousa!* — Yagmür agarra os ombros do pai enquanto repete.

— Vai ficar de castigo pelo mau exemplo. — Dou um tapa no braço de Kalon, ele apenas morde as bochechas do nosso filho e enche seu rostinho de beijos.

— Quero comer outro gato. — Sinan pede autoritário, me fazendo rir.

— Que história é essa que estamos nos alimentando de gatos? — Levanto uma sobrancelha para Kalon que puxa um prato cheio de comida em formato de animais.

— É um bolinho de carne. — Responde.

— Um bolinho de carne de gato! — Nosso filho interrompe, agarrando dois pedaços e colocando na boca. — Papai matou um dos nossos gatos e colocou um holograma para substituir ele.

— Meu Deus, um holograma? — Kalon dá risada quando eu levo a mão ao peito, fingindo choque.

— Eu tenho certeza que ele aprendeu essa história de hologramas com seu irmão. — Cochicho contra os lábios de Kalon, ficando na ponta dos pés para sentir seu abraço exigente. — Espero que nossa menina seja menos influenciada por seus irmãos. Eles estragaram nossa criança.

— Relaxa, meu amor, podemos fazer bem pior com a creche de filhos deles. — Meu marido me lambe. — Tipo dar um jet ski pra um deles pilotar.

Soltamos risadas exageradas com essa possibilidade. Nunca pensei que seria incrível ter a voz de um menininho acompanhando nossas palhaçadas. Mas é simplesmente o paraíso. Cheio de vida e alegria.

— Pare de me lamber, nosso menino está vendo. — Advirto, olhando para nosso bebê de soslaio. Ele tem um sorrisinho atrevido enquanto me assiste com a cabeça deitada no ombro esquerdo de Kalon.

— Ele já está acostumado. — Kalon aperta-o contra nós. — Não está, meu bebezinho?

— Estou sim, papai. — Morde o dedinho. — Vamos tomar banho juntos? Quero lamber as tatuagens de vocês igual os gatos fazem, e também conversar com minha irmãzinha.

— Você sabe que não é um gato, né? — Abraço sua cintura, ficando grudada neles dois.

— Mas você é uma gata, *annê*. Isso faz de mim um gatinho. — Sinan junta as sobrancelhas.

— Viu o que você fez? — Levanto a cabeça para Kalon que me observa cheio de paixão.

— Nosso bebê não está mentindo. — Torce os lábios. — Mas é verdade, você não é um gato, *Sinancim*[36]. Sinto muito. Talvez em outra vida.

— Que chato. — Ele faz uma careta feia e respira fundo. — Pelo menos eu sou um gangster. Não vejo a hora de ter tatuagens como vocês.

— Podemos fazer uma falsa. — Sugiro, esfregando minha barriga contra o tronco de Kalon.

Ele treme e me aperta com obsessão.

Sério. Esse homem é obcecado por minha barriga. Assim como Yagmur que esfrega seus pés na minha pele porque adora sentir a protuberância macia.

— Tudo bem, pro banho! — Puxo os dois pela cozinha. — Nossa família está quase chegando em Istambul e a gente fez uma bagunça na casa! Nem parece que somos adultos, Kalon mou!

Meu homem começa a me ajudar a tirar o short e regata, então me puxa até o banheiro enquanto nosso filho pega nossa lontra do chão.

— Venha você também, gracinha. — Sinan joga Pinar por cima dos ombros como se fosse uma boneca.

— Acha que somos pais desnaturados? — Cochicho para Kalon que observa nosso menininho da mesma forma protetora que eu.

— Sei lá, vi em um site que é tendência ser pais liberais. — Dá risada, claramente debochando enquanto me puxa para entrar na banheira e tira suas roupas. — Somos pais melhores que os nossos e isso é incrível.

Responde enquanto massageia os cabelos grandes do nosso menininho, penteando para trás para não ficar na frente dos seus olhos verdes.

— Vou dar um susto tão grande na tia Nimue quando ela ver essa lontrinha falando. — Sinan nos olha cheio de diversão.

Eu dou risada, faz dias que Sinan acredita que os animais podem falar assim como alguns macacos falam em libras. Minha barriga balança quando nossa filha chuta, os dois me encaram quando solto um suspiro.

— Sevda está nascendo, mamãe? — O pequeno solta a lontra que começa a nadar para perto de Kalon, adorando o momento do banho.

— Não, ela só se mexeu. — Trago sua mãozinha para tocar o ponto exato que Sevda está chutando. — Aqui é o pé dela, agora ela mudou de posição e está de cabeça pra baixo. — Seus olhos brilham de entusiasmo, e meu coração se aperta com sua carinha de choro.

— Eu amo tanto ela! — Soluça, me olhando com as bochechas vermelhas.

— Oh, meu amor! — Puxo seu corpinho para meus braços. — Assim você me mata de tanto chorar, *Yagmürum*[37]. — Olho para Kalon que nos assiste com um sorriso bobo.

Beijo suas bochechas sem pausas para respirar. Consumindo seu cheiro doce e esfregando minhas bochechas no seu cabelinho molhado. Ele é tão sensível, muito parecido com nós dois.

— Tenho certeza que Sevda também te ama muito, assim como eu o amo. — Sussurro. — Você é o meu mundo. A gente te ama tanto que dói o peito de um jeito gostoso.

Trago sua mão até meu seio para sentir meu coração batendo loucamente por ele, e seu choro dá lugar a uma risada rouca.

— O meu está batendo do mesmo jeito. — Funga.

— É porque estamos conectados. — Deixo um beijinho no seu queixo.

— Igual quando fazemos aniversário no mesmo dia? — Ele me olha curioso.

— Sim, igualzinho. — Balanço a cabeça. — Nós somos almas gêmeas.

— E quanto a mim? — Kalon se inclina para trás, e silenciosamente bate os dedos na sua perna, indicando que devo sentar no seu colo.

— Você é o amor da minha vida. — Sinan responde.

— E da minha também. — Acrescento.

Não canso as vezes em que brigamos pela atenção Kalon. Literalmente uma disputa exigente de quem ama mais um ao outro. No final, nos beijamos tanto que esquecemos de decidir quem sai ganhando.

— Vocês são o meu mundo inteiro. — Kalon diz. — Minha alma, meu coração, meu fôlego. — Tem fome e possessividade brilhando nos seus olhos. — Eu nasci para amar vocês, e vocês nasceram para serem meus.

Antes que eu comece a me movimentar com Sinan nos braços, ele puxa nossas pernas e colidimos contra seu corpo. Nosso filho está dando risada com seu ataque de beijos e cócegas.

Já eu estou muito bem acomodada em cima dele, sentindo arrepios dos pés à cabeça, porque nunca amei ninguém quanto amo esse homem e nossa família. Os dois agarram meu rosto para me encher de beijos e mordidas.

Estou obcecada com a ideia da nossa menina vir ao mundo e experimentar esse mesmo amor incondicional que Kalon nos alimenta todos

os dias. Nossa família está finalmente completa.

— Muito obrigada por me dar essa vida incrível, Habibi. — Sussurro contra seus lábios.

— Eu quem agradeço por dar significado a minha existência, minha alma. — Ele me deixa cada vez mais grudada no seu corpo, com Sinan agarrado em nós.

— Eu te amo até o fim dos tempos. — Seguro seu queixo, deixando um beijo apaixonado na sua boca.

— Eu também te amo até o fim de tudo. — Kalon responde.

— Eu também amo! Eu também amo! — Sinan interrompe nosso beijo para nos beijar também. — Eu amo tanto vocês, que se eu fosse filho de outro papai e mamãe, bateria naqueles feios e viria correndo ficar aqui!

Os ombros de Kalon balançam em uma gargalhada sufocada enquanto nosso filho beija nosso rosto, lábios e pálpebras. Estamos rindo tanto que meu corpo vibra em cansaço, e nossa bebê chuta para não ser incomodada com tanta bagunça.

— Tudo bem, você ganhou! — Kalon responde, me lançando uma piscadela. — É um amor inexplicável.

Esse homem foi a melhor escolha que já fiz na vida, e com ele todas as coisas que conquistamos juntos. Agora vejo que o amor é brilhante e dourado como a luz do dia. Graças a eles, eu nunca mais estarei no escuro ou sozinha outra vez.

BÔNUS

“Oh, você acha que, porque fui embora, eu sumi. Mas estou nas árvores, estou na brisa. Meus passos no chão. Você verá meu rosto em todos os lugares. Mas não pode me pegar agora”.

— OLIVA RODRIGO.

Rajá Somáli

O trem faz um barulho estridente, e abro os olhos para encarar o lugar onde estou. Pensei que dispensando um avião seria mais fácil me esconder do meu pai, e de fato foi, mas não me escondeu dos meus demônios internos.

Meu coração bate desenfreado ao perceber que quase consegui pregar os olhos, mas a insônia mortal sempre devora meu cérebro e não me permite ir muito longe. Estou nesse limbo aterrorizante há anos.

— Vamos passar por um túnel. — Atrás de mim, uma mulher fala para sua criança que está em seu colo.

Nesse momento, o desconforto varre meu estômago e me empurra a ficar debruçado no assento da minha frente. Abaixo a cabeça e respiro fundo enquanto a luz do dia é devorada pela escuridão do túnel. Isso rouba meu fôlego. Meus dedos ficam duros e começo a ouvir barulho de tiros.

Sei que não é real, mas não consigo controlar minha mente. Faz cinco anos que tudo desmoronou na minha vida. *Cinco anos que ela morreu e*

todo mundo foi embora.

Não consigo respirar direito ou dormir desde então.

Pavlos matou minha mulher quando sequestrou Melissa, e sequer tive a chance de encontrar seu corpo. Nimue morreu queimada naquela explosão.

Nosso relacionamento era proibido e profano, mas eu a quis desde o momento que nos esbarramos pela primeira vez e nada no mundo foi capaz de segurar minha vontade inconformada de possuí-la. Nimue me queria também, eu sei que sim, e se nunca tivéssemos discutido naquela noite, ela estaria comigo agora.

Cada ano que passa esse monstro em meu peito me deixa mais doente. Atingi um ponto que penso ouvir sua voz, ou ver seu fantasma ao meu lado, mas esse alívio nunca dura mais do que segundos. E logo vira uma tortura.

Talvez o meu Deus esteja me fazendo pagar pelos meus pecados. Por ter sido um péssimo devoto. *Um pecador.*

— *O túnel já passou.* — Sua voz sussurra bem ao meu lado. — *Segure minha mão como antes.*

Levanto a cabeça, respirando fundo até engasgar quando a luz do dia invade minha janela novamente.

Passamos do túnel, mas de alguma forma, ainda me sinto dentro dele desde que me entendo por gente.

Olho para o lado na busca faminta de encontrá-la sentada comigo, mas não vejo nada. Tristeza me aborrece e aperto o couro do meu assento para não perder o controle em público.

Com o desaparecimento de Kol, meu pai investiu em me deixar sobrecarregado. Não passo do seu bode expiatório. Toda morte e massacre foi feita diretamente por minhas mãos. Já não tenho meu irmão caçula para dividir as missões e fazer meus pecados diminuírem.

Sou um caso perdido. Estava proibido de ter Nimue comigo por causa da vida assassina irreversível que levo, mas ainda assim lutei por isso.

Porém, aqueles poucos dias ao seu lado não foram suficientes para limpar o rastro de uma vida arriscada e brutal. Eu sabia desde o início que me casar com alguma mulher seria uma sentença de morte. Eu sabia que não passo de um homem sujo e condenado que merece ficar sozinho até o fim dos tempos. Mas, meu desejo e obsessão por ela falaram mais alto.

Mantive Nimue em segredo de todas as formas que podia, alimentei essa obsessão até que atingimos um ponto onde era doloroso um ficar sem o outro, e ainda assim, a perdi. Agora estou no inferno. Sinto que falta um pedaço da minha alma.

Levanto do meu assento quando chego na cidade onde Kalon e Arcane estão morando atualmente. Tiro as mãos do meu sobretudo, e por reflexo, olho ao redor para conferir se não estou sendo seguido.

Nos últimos anos eu matei tantas pessoas que sou quase um fora da lei. Meu pai me brutalizou de uma forma que todos do mundo no crime querem minha cabeça. Sejam aliados, inimigos, e até mesmo a porra do governo. Todos têm um preço alto pela minha cabeça.

Uma pessoa perigosa como eu é incapaz de ter uma vida tranquila como Kalon e Arcane tem, mas ainda assim, estou nessa cidade em busca de refúgio. Tudo que consigo pensar é em como seria minha vida se Nimue estivesse viva. *Se não tivéssemos discutido naquela noite.*

Mais uma vez penso ter visto seu rosto no meio da multidão. Seu fantasma me chamando para colidir minha alma com a sua mais uma vez. Mas não passa de um devaneio.

Estou doente de culpa e saudades.

Estou sofrendo com a abstinência do seu corpo, da sua voz, do seu toque e dos seus lábios. A cada passo que dou meu corpo dói como se eu fosse morrer, mas não acontece.

Isso não me mata de forma alguma, apenas me enlouquece.

— Você é Rajá Somáli?

Sou interrompido da minha melancolia.

— Quem é você? — Encaro a figura alta entre as pessoas.

— Ouvi dizer que estão dando um preço muito alto por sua cabeça. — O homem tira um canivete do bolso e começo a andar.

Merda. Levanto a cabeça para o alto e respiro profundamente. Nem mesmo cortando meus cabelos, colocando um boné e entrando no território do meu irmão adotivo esses filhos da puta conseguem me deixar em paz.

O homem corre na minha direção, e para proteger as pessoas que estão tumultuando a estação, começo a correr também.

Ouço gritos e palavrões, mas continuo empurrando os civis até encontrar um beco lamacento e vazio. Me apoio na parede, esperando silenciosamente que ele venha.

Não faço ideia do que pode acontecer se Sombra encontrar um corpo destroçado no seu território. Mas pouco me importa, preciso soltar essa fera desesperada que me atormenta desde que ela morreu.

O homem surge no beco, eu agarro seus ombros com força e bato sua cabeça na parede. Ele grita e tomo impulso para agarrar sua mão que segura a faca. Minha altura é uma vantagem para segurá-lo com tanta firmeza que seus ossos estalam.

— Quem mandou você? — Cuspo as palavras. Tem tantas pessoas me procurando que não consigo distinguir a quem meus oponentes pertencem. — Para quem você trabalha, filho da puta?

— Não vou dizer. — Ele agoniza de dor. — Mas não pense que vai viver por muito tempo, sua hora está chegando.

Não tenho paciência para continuar ouvindo suas ameaças engasgadas. Rasgo sua garganta com a ponta da faca, o sangue espirra no chão e nas minhas roupas.

Observo seu corpo ajoelhado enquanto os dedos tentam fechar o ferimento. Ele morre lentamente na minha frente, engasgando e tossindo. Rosno, levantando a cabeça para o alto.

Me sinto mais vazio que antes.

Mais atormentado de espírito.

Mais necessitado dela.

Porém, minha deusa está morta.

Meu corpo bate no chão quando uma fisgada eletrizante endurece meus nervos. Sibilo em agonia, me arrastando no chão lamacento. *Alguém acabou de me dar uma descarga elétrica, porra.*

— Porra, ele é difícil de abater. — Uma voz distante fala. — Faça de novo.

Não. Ainda não é o momento de me juntar a Nimue.

Primeiro preciso encontrar Kol e Melissa.

Mas, antes que meus dedos alcancem a arma na minha cintura, outra descarga se apossa do meu corpo.

— Acho que ele acordou. — Alguém fala na minha frente.

Minhas pálpebras tremem, e quando levanto a cabeça, água gelada banha meu corpo.

— Vou arrancar suas mãos. — Cuspo água, os lábios abertos para respirar fundo.

— Como entrou no meu território sem avisar ou ser morto? — Uma voz familiar me faz apertar os olhos.

— Sombra? Isso é jeito de tratar seu irmão? — Sorrio. — Juro que vim em paz.

— O que você quer? — Encaro seu rosto quando ele pressiona a arma na minha cabeça.

Quero minha mulher de volta.

Quero me juntar a ela.

E mais que tudo, quero voltar para aquele dia em que a vi pela última vez e fazer tudo diferente.

— Eu vim em paz. — É tudo que respondo.

— Fale logo, Rajá. — Loiro e rabugento como sempre.

Eu devia ter lhe afogado quando tive a chance na infância. Agora o maldito se tornou uma dor na bunda.

— Quero falar com Kalon. — Respondo com tranquilidade. — Faz cinco anos que Kol e Melissa estão desaparecidos, precisamos achar eles.

— Isso é motivo para você invadir meu território? — Sombra agarra meu queixo.

— Não invadi. — Balanço a cabeça. — Você é meu irmão, ainda tenho o direito de entrar e sair desse país.

— Não, não tem. — Destrava a arma. — Meus homens te querem morto, talvez eu satisfaça eles.

— A situação em casa saiu do controle, está bem?— Solto as palavras. — Eu fugi, foi isso que aconteceu!

— Fugiu do papai? — O homem afasta a arma com os olhos arregalados.

— Sim, porra! — Aperto os lábios. — Fiz um massacre e fugi para o único lugar onde aquele velho filho da puta não pode me encontrar!

— Que tipo de massacre? — Sombra está pálido.

— Matei todo mundo. Inclusive a família real. — Levanto a cabeça. — Atenas está nadando em sangue desde que Pavlos fez aquela bagunça.

— Não…. Porra! — Sombra agarra meus ombros, me puxando com força. — E você achou que seria uma boa ideia vir se esconder aqui?

Colocando todos nós em risco?

— Eles não podem me encontrar aqui. — Sorrio torto. — Sobraram apenas dois homens em pé para limpar a bagunça. Yuri e Ivan. E pretendo matá-los assim que encontrar Kol e Melissa.

— Por que você fez isso, seu merda inconsequente? — Cuspo sangue antes de processar a dor do soco que levei.

Meu corpo bate no chão, minha respiração fica irregular e meus ouvidos zumbem.

— Eles mataram algo precioso para mim. — Ofego. — Agora posso ver Kalon? Como percebeu, é urgente…

— Filho da puta! — Sombra rosna.

Antes que eu possa me defender, outra descarga elétrica consome meu corpo.

— Papai, pode sair de cima do meu coelhinho? — Percebo que estou dormindo em um sofá.

Levanto a cabeça com calma para olhar ao redor. A casa está uma bagunça de brinquedos, tem uma lontra deitada em uma das almofadas, e reconheço a criatura imediatamente. É Pinar.

Estou na casa de Kalon, mas não é só isso, tem um monstrinho puxando minha perna.

— Papai. Papai. — Talvez eu ainda esteja sonhando.

— Como é? — Encaro a menina como se estivesse vendo um fantasma. Ela é idêntica a *ela*. — Do que me chamou?

— Você sentou em cima do meu filhote, papai. — Ela agarra minha perna como um carrapato. Tento me afastar, mas recebo uma mordida no mesmo instante. — Vou contar pra mamãe!

— Mas que porra é essa? — Eu poderia cair para trás se não estivesse sentado.

Os lábios da garota se repuxam em um bico choroso. Aperto os olhos, odiando essa ardência desesperadora no meu peito. *Tão parecida com ela.* Eu só posso estar delirando.

— Não chora não. — Resmungo no automático, me revirando no sofá até encontrar o coelho de pelúcia. — Toma aí o seu bicho.

Os olhos dela estão brilhando cheios de lágrimas. Suas mãos ainda estão agarradas na minha perna, e antes que eu diga alguma coisa, a menina escala meu colo como um monstrinho.

— Você está machucado, papai? — Desliza os dedos pequenos na minha bochecha. — Vou beijar você e vai sarar.

Seus lábios se chocam contra minha pele. Nós dois estremecemos ao mesmo tempo. Faço uma careta.

— Sua mãe não te ensinou modos? — Encaro seu rosto. — Não deve chamar estranhos de pai e sair beijando eles.

— Mas… — A menina inclina a cabeça para o lado, confusa. Me pergunto de onde isso saiu. Talvez eu seja esquizofrênico. Não faz o menor sentido essa garota malcriada e chorona estar me chamando de pai.

— Você deve estar me confundindo, monstrinho. — Seguro a alça do seu macacão para arrancá-la do meu colo, mas suas pernas se fecham na minha cintura com força.

— Eu estava com saudades, papai! — Me agarra. — Você não me quer?

— Como é? — Solto seu corpo de uma vez, ela gruda em mim mais ainda.

— Su, está aí?! — Uma voz muito familiar abala minhas estruturas.

O mundo volta a girar debaixo dos meus pés e meu coração bate desesperado ao ver o corpo do meu fantasma materializado na minha frente. A minha mulher. Minha deusa.

Ela está viva.

— *Annê*[38], o papai voltou. — A menina me agarra como se eu fosse um urso de pelúcia.

Minha garganta se fecha em um nó.

— Rajá mou? — Nimue empalidece na minha frente, os olhos estão cheios de lágrimas enquanto me encara há cinco passos de distância. *A quantidade exata de tempo separados.*

Porra, essa voz…

Não consigo distinguir se sinto paz, alívio ou raiva. Tudo bate contra meu peito como se fosse consumir minha alma agora mesmo. Essa filha da puta está viva e me fez sofrer esse tempo inteiro. Eu enlouqueci por sua causa, e como se não bastasse, acabo de descobrir que temos uma filha.

— Não… — Fecho os olhos para não vê-las. Talvez eu esteja sonhando, ou delirando depois da surra que meu irmão me deu.

Minha voz está amarga. Dói pra caralho de uma forma que nunca experimentei antes. Nem mesmo quando ela morreu.

— Nimue, como foi capaz de me causar esse tipo de sofrimento por cinco anos? — Meu peito treme, a garotinha desliza sua palma, cheia de preocupação.

— Rajá… — Nimue treme, assustada.

— Porra, eu fiquei maluco por sua causa!

Matei todo mundo porque achei que ela estava morta…

Fui contra tudo.

Perdi a cabeça.

Agora percebo que cometi um erro.

Destruí nossas vidas para sempre.

AGRADECIMENTOS

Se você chegou até aqui, significa que leu meu livro na sua versão final. Eu, a autora, te agradeço muito por essa oportunidade. Espero que você tenha gostado, que Kalon e Arcane tenham consumido sua alma assim como fizeram comigo.

Agradeço primeiramente às meninas que me ajudaram com a lapidação dessa obra, Nicolli e Ana, muito obrigada pelas noites em claro onde vocês deram duro na leitura e análise do livro. Isso não seria possível sem vocês.

Sasá, te dedico esse livro como agradecimento por ser uma das poucas pessoas que me entende sem eu precisar traduzir minha alma. Seja em libras, inglês, ou no português de Portugal, você sempre dá um jeito para me compreender de ponta a ponta. Pessoas assim são mágicas, amiga. Você é abençoada. Obrigada por cada coisa incrível.

Thainá, virei escritora através do meu amor por você. Embora a diversão tenha acabado há anos, e não consigamos alcançar uma a outra, eu sempre me pego pensando na gente. Errei muito, admito. Fui imatura e incompreendida. E sinto muito. Espero que nos encontremos no tempo e no espaço algum dia. Que sua dança seja apreciada de perto, que o encanto não acabe, e que minha poesia se encaixe na sua novamente. Cada palavra que eu te dei ficou perdida há tempos, eu sei. Mas deixo aqui essa mera nota. As minhas melhores obras foram ao teu lado, o meu grito de amor mais louco, e a experiência de uma amizade avassaladora. Espero que em outra vida a gente tenha sido uma dupla de melhores amigas bem melhor do que fomos aqui. E que o egoísmo e incompreensão não tenha vencido. Eu te amo muito, você sabe. Uma parte da minha alma vai estar fragmentada para sempre nas loucuras que fizemos.

Ana Flor, muito obrigada pelos áudios loucos e as teorias mais devastadoras sobre Kalon e Arcane. Cada página desse livro vai estar acompanhada por nossas risadas tarde da noite sobre eles. Sinto uma devoção tão grande quando se trata do apoio que você me deu. Eu te agradeço com todos os meus ossos.

Maeve, Cayer e Niks. Muito obrigada por serem o meu grupo de amigas apocalípticas. Por cada surto, puxão de orelha e piadas miseráveis. Vocês me dão uma força tão absurda pra continuar com isso aqui. Tive uma sorte grande ao me aproximar de cada uma e encontrar pessoas tão perfeitas e inspiradoras.

Ester, fico sem palavras quando penso em você. Tua energia é incrível, a forma como você se preocupa comigo e se dedica. Cada palavra carinhosa que já está impregnada no seu tom de voz. Tudo isso me cativa. Obrigada por se maravilhar, e por cada conquista minha você surtar como uma verdadeira amiga.

E aos meus amigos que talvez nunca cheguem a ler esse livro, obrigada por inspirarem cada personagem dessa obra, cada momento engraçado e reflexivo. Cada aprendizado, batalha e conquistas ao lado de vós me impulsionou a escrever esse livro que agora carrega um pedaço de quem fui e do que passei. Obrigada por ainda estarem aqui mesmo depois da grande guerra.

Aos meus leitores, como Bukowski citou, quando tocarem meu livro, vão reconhecer o meu amor, as minhas risadas, o meu choro e as curvas da minha alma. Meus agradecimentos.

Ps: Espero que estejam satisfeitos com tudo isso, que tenham apreciado um pedaço da minha alma que entreguei nas mãos de vocês. Nos veremos em breve.

Com amor, Talibah Casillas.

---

[1] Meu amor.

[2] Colégio para pessoas normais. Sem necessariamente ser para membros da Alkyóna.

[3] Significa “Oi” em grego.

[4] Idiota

[5] “Oi” em turco.

[6] Irmão.

[7] “Bom dia” em turco.
[8] Gíria turca com o mesmo sentido de “To te falando”.
[9] Significa “Veja isso”.
[10] “Boa noite” em grego.
[11] “Minha Arcane". Nenhum grego fala assim normalmente, apenas quando nutre amor pela pessoa.
[12] Pão de trigo que parece um envelope e que pode ser recheado como um sanduíche.
[13] Meu amor.
[14] Um vilarejo onde as pessoas dependem da pesca para sobreviver.
[15] Meu cordeiro.
[16] Minha Virgem Maria, cuide do meu filho por mim.
[17] Agora vai dizer pra mamãe o que aconteceu?
[18] Minha vida.
[19] Linda tarde, mamãe!
[20] Meu coração.
[21] Pequeno.
[22] Todos os capítulos deste livro começam com uma frase desse profeta dizendo algo sobre o amor.
[23] Uma condição psicológica que consiste em constantes explosões de raiva e comportamentos agressivos.
[24] Que a paz esteja com você.
[25] Com você também.
[26] Rolo de fruta.
[27] Um sefardita é um descendente da comunidade de judeus que vivia na Península Ibérica, que em hebreu se diz “Sefarad”. Falam um dialeto chamado Ladino.
[28] Amor.
[29] Neném.
[30] Meu amor.
[31] Minha alma.
[32] Não! Não!
[33] Ajuda! Deus, faça alguma coisa! Meu amor! Querida!
[34] Minha amada.
[35] Não se preocupe, ok?
[36] Meu Sinanzinho.
[37] Minha chuvinha.
[38] Mamãe em turco.